

**CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA:**

**UM OLHAR PRAGMATISTA E INTERSECCIONAL  
PARA AS AÇÕES DE PRETA GIL E THAIS CARLA  
NO ENFRENTAMENTO À GORDOFOBIA  
E A OUTRAS OPRESSÕES**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**DAYANA CRISTINA BARBOZA CARNEIRO**

***CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA:***

um olhar pragmatista e interseccional para as ações de Preta Gil e Thais Carla no  
enfrentamento à gordofobia e a outras opressões

**Belo Horizonte**

**2024**

**DAYANA CRISTINA BARBOZA CARNEIRO**

***CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA:***

um olhar pragmatista e interseccional para as ações de Preta Gil e Thais Carla no enfrentamento à gordofobia e a outras opressões

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea  
Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Paula Guimarães Simões

**Belo Horizonte**

**2024**

301.16  
C289c  
2024

Carneiro, Dayana Cristina Barboza.  
Celebidades-resistência [manuscrito] : um olhar pragmatista e interseccional para as ações de Preta Gil e Thais Carla no enfrentamento à gordofobia e a outras opressões / Dayana Cristina Barboza Carneiro. - 2024.  
355 f.  
Orientadora: Paula Guimarães Simões.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Comunicação - Teses. 2.Celebidades - Teses. 3.Obesidade – Aspectos sociais - Teses. 4.Interseccionalidade (Sociologia) - Teses. I. Simões, Paula Guimarães. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**"CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA: um olhar pragmata e interseccional para as ações de Preta Gil e Thais Carla no enfrentamento à gordofobia e a outras opressões."**

**DAYANA CRISTINA BARBOZA CARNEIRO**

Tese de Doutorado defendida e aprovada, no dia trinta de julho de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelas seguintes professoras:

Profª Paula Guimarães Simões - Orientadora  
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Vera Regina Veiga França  
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Denise Figueiredo Barros de Prado  
UFOP

Profª Pâmela Guimarães da Silva  
PUC/MG

Profª Mariana Ramalho Procópio Xavier  
UFV

Belo Horizonte, 30 de julho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Professora do Magistério Superior**, em 31/07/2024, às 07:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Denise Figueiredo Barros do Prado, Usuário Externo**, em 01/08/2024, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 03/08/2024, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pâmela Guimarães da Silva, Usuário Externo**, em 05/08/2024, às 13:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Ramalho Procopio Xavier, Usuário Externo**, em 06/08/2024, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3353852** e o código CRC **E8018E95**.

## DEDICATÓRIA

*Dedico esta tese a todas as crianças gordas e  
a todas as pessoas gordas que, na vida adulta,  
precisaram acolher a sua criança.*

## AGRADECIMENTOS

Em qualquer situação, o doutorado tem a sua face solitária. Esta tese é resultado de uma pesquisa que foi desenvolvida em um contexto de pandemia pela *Covid-19*. Nesse cenário desolador, de medo e incertezas, com a perda de tantas vidas, o que trouxe esperança foram os encontros. É por isso que o doutorado também tem a sua face da partilha.

Agradeço à prof<sup>ª</sup>. Paula Simões que, ao longo de todo o processo, me guiou na direção de uma pesquisa com compromisso ético e rigor científico. Paula, muito obrigada, também, por mostrar que é possível uma academia em que as relações sejam pautadas pelo respeito e pela empatia.

Às membras da banca avaliadora, prof<sup>ª</sup>. Vera França (UFMG), nossa matriarca da Comunicação, que acompanhou o trabalho desde a sua concepção. Prof<sup>ª</sup>. Denise Prado (UFOP), prof<sup>ª</sup>. Pâmela Guimarães (UFMG) e prof<sup>ª</sup>. Mariana Procópio (UFV), pela disponibilidade em compor essa banca de mulheres pesquisadoras feministas, e pela generosidade em contribuir com o trabalho. À prof<sup>ª</sup> Rayza Sarmiento (UFPA), pelo diálogo e pelas considerações valiosas na banca de qualificação.

Também agradeço à prof<sup>ª</sup> Débora Lopez (UFOP) e à prof<sup>ª</sup> Ana Karina Oliveira (UFMG), que são inspirações para mim, e, gentilmente, aceitaram a suplência na banca de defesa do doutorado.

Às professoras e aos professores do PPG-Com UFMG, que me acolheram e ajudaram a moldar o meu olhar para o objeto. De modo especial, agradeço à prof<sup>ª</sup>. Angela Marques e à prof<sup>ª</sup> Rousiley Maia, que sempre demonstraram muito entusiasmo com a minha pesquisa e me incentivaram ao longo desse percurso.

Aos servidores técnico-administrativos da UFMG, em especial, a Elaine, pela forma atenciosa com a qual sempre trataram minhas demandas. Como servidora na UFOP, desejo que a retribuição por esse trabalho essencial seja um reconhecimento justo da nossa categoria.

Aos alunos da turma de *Teorias da Comunicação*, 2021.1, por me proporcionarem uma experiência enriquecedora e prazerosa durante o estágio de docência, mesmo que no contexto do Ensino Remoto Emergencial.

Às mestras e aos mestres e colegas do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade - Gris/UFMG, pelas trocas e ensinamentos que foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

Às amigas e aos amigos do doutorado, pela amizade. Em especial, agradeço a Bruna, Júlia e Frances, que foram fundamentais na construção de um pertencimento e na partilha das angústias.

Aos profissionais/pessoas amigas que tiveram um papel fundamental no desenvolvimento deste estudo: Caroline Roveda Pilger, responsável pela revisão e formatação; Daniel Lopes, que elaborou as peças gráficas; Lucas, criador da arte da capa; e Júlio Saulo, que extraiu os dados das plataformas de comunicação digital. Muito obrigada pela competência e pela dedicação ao trabalho!

À Universidade Federal de Ouro Preto, por ter permitido a redução da minha carga horária no período de desenvolvimento da pesquisa, o que foi crucial nesse processo, e à pró-reitora adjunta de gestão de pessoas, Isabela Perucci, por todo suporte ao longo da jornada.

Às colegas da CRC/UFOP, Elizângela, Márcia, Maria de Fátima e Rose, que não mediram esforços para permitir os meus períodos de afastamento do trabalho para dedicação exclusiva aos estudos.

Às amigas e aos amigos que a UFOP me deu, especialmente, Adrian e Anitta, por serem presença, apoio e risadas, mesmo à distância.

A Letícia e Ettore, que, ao me acolherem na docência, se tornaram, também, pessoas amigas que me inspiram. Agradeço, também, a todas e a todos as(os) colegas professoras(es) da Puc-Minas pela parceria incrível.

Às pessoas alunas do IEC Puc-Minas que, a cada semestre, me ensinaram a ser uma pessoa e professora melhor. As nossas reflexões ressoam neste trabalho!

Às mulheres gordas que ocuparam (e seguem ocupando) o meio acadêmico e tornaram pesquisas, como a minha, possíveis. É preciso saudar aquelas que vieram antes mim!

Às amigas que a vida acadêmica me deu. Diza, Ana Maravilhosa e Aline, sou muito grata por ter vocês na minha vida e por dividir essa vitória com vocês, pois sei que é também uma conquista nossa. Agradeço, também, a Tamires e Day Morena, que tiveram um papel fundamental no processo do ingresso no doutorado.

Às “cocotinhas e bunitas”, meu agradecimento pela amizade. À Mari, que está do meu lado, como apoio e incentivo, desde o processo seletivo, e Chloé, nossa diva-mor que chegou com o seu jeito amoroso e “satanárias” de ser. Essa tese só existe porque vocês existem! Obrigada pelo apoio, pelas trocas e pelos momentos que vivemos juntas.

Além de permitir a feitura de novos laços, o doutorado também fortalece os vínculos verdadeiros que foram construídos muito antes que eu pudesse entender que a universidade pública também era um lugar para mim.



Agradeço à minha amiga “loba”, Patty Goes, por sempre ser um ombro amigo e por abraçar as minhas vulnerabilidades.

Às “friends Chácara”, por se fazerem presentes em todas as etapas da minha vida, da quinta série até aqui, e daqui até quando formos velhinhas.

À minha madrinha, tia Januária, por sempre estar ao meu lado com carinho e dedicação.

Aos meus afilhados, Stellinha, Gugu, Léo e Tá, por me permitirem fazer parte de suas vidas, o que me alegra muito.

Aos meus filhos “catoríneos” Bob e Belinha, por serem uma presença constante e alegre nos meus dias, me lembrando que é preciso passear, brincar, tomar sol: desanuviar para seguir em frente.

Ao meu irmão, Filipe, e ao meu pai, Antônio, pela presença em minha vida e pelo apoio em todas as loucuras, entre elas, o doutorado, que eu me proponho.

À minha mãe, Sônia, por fazer questão de acompanhar todas as etapas do doutorado, por sempre colocar meu nome em suas orações e por ser uma inspiração como professora.

Ao meu amor, Lucas, pela compreensão, pela paciência e pelo amor incondicional. Passamos juntos pelo mestrado e, agora, pelo doutorado. Estou ansiosa para o que o futuro nos reserva. Para mim, o que importa é saber que estaremos juntos, sempre. Te amo!

Sou bisneta, neta e filha de professoras do ensino primário. São mulheres que deram aula em suas próprias casas, como minha bisavó Celina Célia Gomes, que hoje dá nome a uma escola do distrito de Águas Claras, em Mariana-MG. Mulheres como minha avó Meyre, que conciliava as aulas com o cuidado dos seus seis filhos. Mulheres como minha mãe, Sônia, que, para seguir o seu sonho, foi lecionar na roça e, para isso, precisava, ainda de madrugada, pedir carona na estrada.

Por fim, agradeço às políticas públicas dos governos Lula e Dilma, especialmente àquelas direcionadas às universidades, que permitiram que uma bisneta, neta e filha de professoras do ensino básico, “cria” da escola pública, pudesse se tornar doutora.

Obrigada, Deus, por se fazer presente de diferentes formas em todos os dias até aqui.

## RESUMO

Por meio desta pesquisa, buscamos investigar como as celebridades brasileiras Preta Gil e Thais Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e a outras opressões, podendo, a partir das suas ações, fomentar a resignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados. O alicerce conceitual foi desenvolvido com base em duas temáticas principais, gordofobia e *celebridades-resistência*. Propomos o entendimento da gordofobia a partir de seis eixos estruturantes, inter-relacionados e indissociáveis: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. Por meio do conceito de *celebridades-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022), pensamos sobre o modo como certas figuras públicas contemporâneas se associam a grupos socialmente minorizados, ao se posicionarem na cena pública contra discriminações. O *corpus* do estudo foi definido a partir de um recorte acontecimental e é composto por diferentes materiais (matérias on-line, programas de TV, clipes e comentários do *Youtube* e *posts* e comentários do *Instagram*). Com base nisso, concebemos a *metodologia holofote*, de solo pragmatista (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020a; Simões, 2009; 2013) e interseccional (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021). Nela, a construção metodológica deriva das teorias, conceitos e discussões que tangenciam a pesquisa. Em nosso estudo, no holofote temático, refletimos sobre a gordofobia; no holofote interseccional, abordamos outras opressões que emergem a partir da imagem pública de Preta Gil e Thais Carla; por fim, no holofote pragmatista, damos ênfase aos valores que essas celebridades dão a ver e diante dos quais elas assumem uma posição de enfrentamento, acionando a sua dimensão de resistência. Os achados da pesquisa demonstram como cada celebridade elabora estratégias diante das opressões, entre elas, a construção de *imagens resignificadoras*, o que evidencia a centralidade da dimensão simbólica na luta contra os preconceitos. Ademais, as ações de Preta Gil e Thais Carla convocam *valores-resistência*, como a diversidade corporal, a igualdade de gênero e a igualdade racial, que dizem sobre quem somos como sociedade e quem podemos ser. Outros valores, porém, como a riqueza, o luxo, a ostentação e a meritocracia, destacam o caráter mercadológico dessas figuras públicas, algo intrínseco à forma como elas atuam e que revela uma ambivalência na configuração das *celebridades-resistência*.

**Palavras-chave:** *Celebridades-resistência*. Gordofobia. Interseccionalidade. Preta Gil. Thais Carla.

## ABSTRACT

Our purpose with this research is to understand how Preta Gil and Thais Carla, Brazilian celebrities, adopt a position of resistance against fatphobia and other oppression, and how, through their actions, they can influence the resignification of hegemonic representation of minorities. The conceptual foundation was developed based on two main themes: fatphobia and *celebrity-resistance*. We propose an understanding of fatphobia from six structuring pillars, interrelated and indissociable: 1. *Pathologizing*; 2. *Access and accessibility*; 3. *Animalization*; 4. *Blaming*; 5. *Aesthetic pressure*; and 6. *Language and representation*. By employing the concept of *celebrity-resistance* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022) we think of how certain contemporaneous public figures align themselves with social minorities when they take a stand against discrimination in the public sphere. Our corpus of study was made by an event-based selection and of different materials (online articles, TV programs, music videos, comments on *YouTube* and on *Instagram*). In light of this, we conceptualized our “Metodologia Holofote” (“Spotlight Methodology”, in a free translation) based on a pragmatist (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020b; Simões, 2009, 2013) and an intersectional approach (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021). This methodology comes from theories, concepts and discussions related to this research. In our study, we use the spotlight theme to reflect on fatphobia, the intersectional spotlight to approach other oppression that emerge from the public images of Preta Gil and Thais Carla, and the pragmatist spotlight to emphasize the values these celebrities show and those against which they adopt a position, thus activating a dimension of resistance. The results of this study show how each celebrity develops strategies in front of the oppression, among them the construction of *images of resignification* thus evidencing the importance of the symbolic dimension in the fight against prejudice. Moreover, Preta Gil and Thais Carla’s actions mobilize *resistance-values*, such as body diversity, gender equality, racial equality, which tell us about who we are as a society and who we can become. Other values, however, such as wealth, luxury, ostentation, and meritocracy, highlight the market orientation of these public figures, something intrinsic to how they act, which reveals an ambivalence in the configuration of *celebrities-resistance*.

**Keywords:** *Celebrities-resistance*; fatphobia; intersectionality; Preta Gil; Thais Carla.

### **Manifesto “Vá Se Benzer”**

Vá Se Benzer!

Sou eu, diz aí quem é você entre os 7.6 bilhões dessa terra?

Quem somos na fila do pão, do “inferno” ou “céu” desse nosso existir?

Quem sobreviverá à era do ódio apocalíptico? Ao tempo bipolar em um mundo partido por partidos, lados da mesma moeda.

Quem está livre dos “likes” e “dislikes”? Dos “gostos” e “desgostos” de convivermos na rede virtual da sociedade?

Sou preto e você azul? Sou homo e você hétero? Sou gordo e você magro? Sou Shalom e você Saravá? Sou isso e você aquilo? O que importa? Que diferença a diferença fará em um mundo finito de infinitos mortais?

No final, iremos todos para um mesmo buraco, alguns cremados quando o dia chegar, outros queimados vivos pelos seus “iguais”.

Esquecemos de respirar o ar do viver em paz e viciados na guerra, praticamos sem culpa o esporte de julgar.

Seu Deus é melhor que o meu? E quem não tem um pra chamar de seu? Merece respirar o mesmo ar?

Quem te ensinou a julgar não tinha defeitos? Seus medos são maiores que seus preconceitos? Você tem moral para opinar sobre a moral do outro?

Quem é caça e caçador na selva? Mocinho ou bandido no “bang bang”? Está livre do mosquito ou da bala perdida?

Hipócritas apontam o dedo aos gordos, índios, albinos, coxos, pequenos, negros, ricos, pobres, cafonas... A todos que sirvam de alvo aos pescadores do ódio nas redes virtuais, nas rodas virulentas e virais dos odiosos de plantão.

Ninguém é santo e está livre desse pecado. Quem nunca apontou o dedo?

Tem alguém perfeito aqui? Tem alguém acima do bem e do mal?

Alguém encontrou a felicidade ou a satisfação? Conta aí, compartilha.

E amar, alguém já sabe conjugar? Ainda há tempo?!

Ainda nos resta o dia de hoje, talvez o segundo seguinte, o presente, esse aqui e agora.

Seu tempo, meu tempo, seu direito, meu direito. Su casa mi casa.

Paremos de julgar, de jogar pedra, de gastar a vida fazendo com o outro o que não quer sentir na pele.

Respeito é bom e você gosta, eu gosto.

O último a sair do jogo de acusações do homem contra o homem, acende a luz.

A luz da vida para amar e ser livre, para ser quem você é e fazer sua parte.

Tome conta da sua vida, deixe o outro pagar as próprias contas e pecados.

Crédulo ou não, ninguém é santo nesse templo da imperfeição.

Se não acreditar em nada disso, basta aceitar ser H-U-M-A-N-O, mano(a).

Humano na espécie, humano no propósito de fazer e querer ser feliz.

Pensa no outro além de si.

Estamos juntos sob a lei da ação e reação, seja “fake”, “hater”, beato ou pagão.

Fazer o bem, que mal tem?

Fazer o mal, que bem faz?

Diga aí, quem é você?

Vá Se Benzer!

(Preta Gil - Vá Se Benzer (Clipe Manifesto Oficial) ft. Gal Costa)

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Delineamento do <i>corpus</i> : Preta Gil .....	114
Quadro 2 – Delineamento do <i>corpus</i> : Thais Carla .....	115
Quadro 3 – Perguntas ao objeto.....	123
Quadro 4 – (Des)construção de estereótipos .....	134
Quadro 5 – O valor da beleza .....	138
Quadro 6 – Corpo público – manifestação .....	141
Quadro 7 – Corpo público – prática sociocultural.....	141
Quadro 8 – Corpo público – questão de gênero .....	142
Quadro 9 – Corpo público – celebridade e marca .....	143
Quadro 10 – Corpo público – empatia .....	144
Quadro 11 – Corpo público – depressão .....	144
Quadro 12 – Corpo público – crítica (comentário original 269).....	145
Quadro 13 – <i>Pressão estética</i> (comentário original 83).....	146
Quadro 14 – Corpo provisório – depoimento.....	148
Quadro 15 – <i>Corpo provisório</i> .....	149
Quadro 16 – Gordofobia – discurso de ódio .....	157
Quadro 17 – Gordofobia – <i>culpabilização</i> .....	157
Quadro 18 – <i>Patologização</i> – apoio .....	159
Quadro 19 – <i>Patologização</i> – crítica .....	160
Quadro 20 – Gordofobia – <i>animalização</i> .....	161
Quadro 21 – Gordofobia – respeito .....	161
Quadro 22 – Inversão dos papéis de gênero – contradição .....	169
Quadro 23 – Inversão dos papéis de gênero – crítica ao propósito .....	170
Quadro 24 – Inversão dos papéis de gênero – hipocrisia .....	170
Quadro 25 – Inversão dos papéis de gênero – elitismo .....	171
Quadro 26 – Inversão dos papéis de gênero – abordagem didática.....	172
Quadro 27 – Crítica – marido .....	182
Quadro 28 – Referência – Beyoncé.....	188
Quadro 29 – Deslegitimação – racismo.....	189
Quadro 30 – <i>Celebridade-resistência</i> – oportunismo.....	189
Quadro 31 – Deslegitimação – racismo.....	190
Quadro 32 – Legitimação – racismo .....	190
Quadro 33 – Defesa – gordofobia e racismo .....	191
Quadro 34 – Crítica – hereditariedade.....	193
Quadro 35 – Religião.....	207
Quadro 36 – <i>Linguagem e representações</i> – a maior do Brasil.....	223
Quadro 37 – <i>Linguagem e representações</i> – personagens gordas.....	225
Quadro 38 – <i>Linguagem e representações</i> – <i>Dona Redonda</i> .....	225
Quadro 39 – <i>Linguagem e representações</i> – comedora compulsiva.....	227
Quadro 40 – <i>Linguagem e representações</i> – sedentária .....	228
Quadro 41 – <i>Linguagem e representações</i> – programa <i>Quilos mortais</i> .....	229

Quadro 42 – <i>Gorda palatável</i> .....	237
Quadro 43 – <i>Pressão estética</i> – corpo público ( <i>Instagram</i> ) .....	238
Quadro 44 – <i>Pressão estética</i> – caso Gisele Bündchen .....	239
Quadro 45 – <i>Pressão estética</i> – caso Gisele Bündchen – incoerência .....	240
Quadro 46 – <i>Pressão estética</i> – corpo público ( <i>Youtube</i> ) .....	241
Quadro 47 – <i>Pressão estética</i> – crítica ao padrão de beleza .....	244
Quadro 48 – <i>Pressão estética</i> – exaltação beleza Thais .....	245
Quadro 49 – <i>Pressão estética</i> – “incentivo” .....	246
Quadro 50 – <i>Pressão estética</i> – autoestima .....	248
Quadro 51 – <i>Acesso e acessibilidade</i> – dimensão basilar .....	250
Quadro 52 – <i>Acesso e acessibilidade</i> – caso avião .....	251
Quadro 53 – <i>Acesso e acessibilidade</i> – joelho .....	256
Quadro 54 – <i>Acesso e acessibilidade</i> – espaço .....	256
Quadro 55 – Crítica à música – ironia – <i>Instagram</i> .....	257
Quadro 56 – Crítica à música – qualidade musical .....	257
Quadro 57 – Defesa – <i>Instagram</i> .....	258
Quadro 58 – Figurino – <i>Instagram</i> .....	260
Quadro 59 – <i>Patologização</i> – “obesidade” .....	263
Quadro 60 – <i>Patologização</i> – “obesidade” – contraposição .....	263
Quadro 61 – <i>Patologização</i> – romantização da “obesidade” – <i>Youtube</i> .....	264
Quadro 62 – <i>Patologização</i> – romantização da “obesidade” – <i>Instagram</i> .....	265
Quadro 63 – <i>Patologização</i> – preocupação com a saúde – <i>Instagram</i> .....	265
Quadro 64 – <i>Patologização</i> – iminência de morte .....	267
Quadro 65 – <i>Patologização</i> – apropriação da música .....	268
Quadro 66 – <i>Culpabilização</i> .....	269
Quadro 67 – <i>Patologização</i> – caixa .....	270
Quadro 68 – Aprovação – gordofobia recreativa – <i>Youtube</i> .....	270
Quadro 69 – Aprovação – gordofobia recreativa – <i>Instagram</i> .....	271
Quadro 70 – <i>Patologização</i> – gordofobia como algo “impróprio” .....	272
Quadro 71 – Desaprovação – gordofobia recreativa .....	272
Quadro 72 – <i>Animalização</i> – bichos .....	275
Quadro 73 – <i>Animalização</i> – objetificação .....	277
Quadro 74 – <i>Animalização</i> – planeta .....	277
Quadro 75 – <i>Animalização</i> – ameaça .....	278
Quadro 76 – <i>Animalização</i> – vitimismo .....	279
Quadro 77 – <i>Animalização</i> – reconhecimento da gordofobia .....	279
Quadro 78 – <i>Animalização</i> – impunidade .....	280
Quadro 79 – Judicialização – deboche .....	280
Quadro 80 – Judicialização – apoio .....	281
Quadro 81 – Política .....	283
Quadro 82 – <i>Animalização</i> – Referência a Léo Lins .....	283
Quadro 83 – Maternidade perigosa .....	288
Quadro 84 – Marido – <i>Instagram</i> .....	289
Quadro 85 – Marido – disputa – <i>Instagram</i> .....	290

Quadro 86 – Gênero – objetificação.....	296
Quadro 87 – Gênero – liberdade.....	296
Quadro 88 – Riqueza .....	304
Quadro 89 – Monetização da gordura .....	310
Quadro 90 – Monetização do ódio .....	310

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vênus de Willendorf .....	29
Figura 2 – O Glutão Medieval – Alessandro dal Borro.....	30
Figura 3 – Saartjie Baartman: a Vênus de Hotentote .....	32
Figura 4 – <i>Print</i> do <i>feed</i> da página do <i>Instagram Historical Fat People</i> .....	35
Figura 5 – Os seis eixos estruturantes da gordofobia .....	45
Figura 6 – Publicação do @choquei no <i>Instagram</i> – Bruna Griphao .....	48
Figura 7 – Frames da série <i>The Office</i> .....	54
Figura 8 – Resultado da pesquisa para os termos “Joice Hasselmann” e “Peppa Pig” no <i>Google</i> .....	55
Figura 9 – Fotos do perfil do <i>Instagram Vai ter noiva gorda</i> .....	59
Figura 10 – Xuxa Meneghel e Luiza Brunet .....	64
Figura 11 – Resultado da pesquisa para o termo “mulher gorda” no <i>Google</i> Imagens.....	73
Figura 12 – Resultado da pesquisa para o termo “mulher obesa” no <i>Google</i> Imagens.....	73
Figura 13 – Personagem Ben Hanscom na infância e na vida adulta.....	77
Figura 14 – A pessoa gorda na sociedade e seus papéis em comerciais .....	79
Figura 15 – Personagem <i>Kate Pearson</i> , interpretada por Chrissy Metz .....	84
Figura 16 – Assistente virtual da marca <i>Dailus</i> : a Dai, uma mulher gorda.....	85
Figura 17 – Modo de atuação das celebridades.....	103
Figura 18 – Opressões: as celebridades e os seus atravessamentos .....	109
Figura 19 – Roleta interseccional .....	118
Figura 20 – Roleta Interseccional: recorte peso .....	119
Figura 21 – <i>Metodologia Holofote</i> e celebridades gordas.....	122
Figura 22 – Preta Gil na capa da <i>Vogue Brasil</i> .....	128
Figura 23 – Preta Gil na <i>Vogue Brasil</i> – <i>close</i> .....	129
Figura 24 – Preta Gil na <i>Vogue Brasil</i> – sensualidade, luxo e ousadia .....	130
Figura 25 – Frame do clipe <i>Sou como sou</i> – fama e luxo.....	131
Figura 26 – Frame do clipe <i>Sou como sou</i> – luxúria .....	132
Figura 27 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – ironia.....	133
Figura 28 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – <i>Times Square</i> .....	133
Figura 29 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – fita métrica .....	136
Figura 30 – <i>Frame Instagram</i> – vídeo do <i>post</i> de 13 de junho de 2023 .....	139
Figura 31 – Preta Gil posa com peça da coleção <i>Bota o Corpo no Sol</i> .....	152
Figura 32 – Preta Gil na <i>Vogue Brasil</i> – a gorda palatável .....	154
Figura 33 – <i>Frame</i> da entrevista de Preta ao programa <i>Fantástico</i> .....	158
Figura 34 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – fragmentação.....	167
Figura 35 – <i>Frames</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – objetificação masculina.....	168
Figura 36 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – encenação da briga.....	168
Figura 37 – <i>Frame</i> do clipe <i>Sou como sou</i> – ato final .....	174
Figura 38 – Capa do CD <i>Prêt-à-Porter</i> (2003) .....	175
Figura 39 – Foto do encarte do CD <i>Prêt-à-Porter</i> (2003).....	176
Figura 40 – <i>Print</i> do site da revista <i>Trip</i> (2003) .....	178



Figura 41 – Frames do clipe <i>Vá se benzer</i> .....	179
Figura 42 – Exposição corporal – <i>Instagram</i> .....	180
Figura 43 – <i>Print</i> do <i>post</i> do dia 30 de novembro de 2023 .....	181
Figura 44 – Clipes <i>Sou como sou</i> e <i>Countdown</i> .....	187
Figura 45 – Família Gil .....	196
Figura 46 – Imagem do <i>post</i> do <i>Instagram</i> de 5 de junho de 2023 .....	198
Figura 47 – Frames do clipe <i>Cheia de Desejo</i> .....	199
Figura 48 – Frame do clipe <i>Cheia de Desejo</i> – marca <i>Salon Line</i> .....	200
Figura 49 – Frame do clipe <i>Sou como sou</i> – realeza .....	201
Figura 50 – Frame do clipe <i>Sou como sou</i> – o servo.....	201
Figura 51 – Clipe <i>Cheia de Desejo</i> – homem negro .....	203
Figura 52 – Preta Gil na basílica de Nossa Senhora Aparecida .....	204
Figura 53 – Preta Gil no Santuário Santa Dulce.....	204
Figura 54 – Altar de Preta Gil .....	206
Figura 55 – Frame do vídeo da entrevista de Thais Carla – <i>Encontro com Fátima Bernardes</i> .....	218
Figura 56 – Thais Carla e mulheres gordas .....	220
Figura 57 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – ato inicial.....	221
Figura 58 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – 5 letras .....	221
Figura 59 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – a maior do Brasil .....	222
Figura 60 – Thais Carla na infância.....	224
Figura 61 – <i>Dona Redonda</i> prestes a explodir (1970 e 2013).....	226
Figura 62 – Imagem de divulgação do programa <i>Quilos Mortais</i> .....	229
Figura 63 – Frames <i>Encontro com Fátima Bernardes</i> com Thais Carla.....	230
Figura 64 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – enquadramento do rosto .....	232
Figura 65 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – rainha e poderosa .....	232
Figura 66 – Sensualidade – Thais Carla .....	233
Figura 67 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – sensualidade .....	234
Figura 68 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – silêncio .....	236
Figura 69 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – postura didática .....	236
Figura 70 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – silhueta .....	242
Figura 71 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – fita métrica .....	242
Figura 72 – Relação Preta e Thais – fita métrica.....	243
Figura 73 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – deusas e deuses do Olimpo .....	244
Figura 74 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – tatuagem de Thais .....	245
Figura 75 – Frame do vídeo da apresentação no <i>Domingão do Faustão</i> .....	252
Figura 76 – Frame do vídeo da apresentação no <i>Criança Esperança</i> (2016) .....	253
Figura 77 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – dança .....	254
Figura 78 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – mesa de costura .....	260
Figura 79 – Thais Carla recria o biquíni de Gkay .....	261
Figura 80 – Imagem do <i>post</i> de Thais Carla sobre caminhada.....	267
Figura 81 – Thais ironiza mensagem de internauta .....	274
Figura 82 – <i>Animalização</i> – internet.....	276
Figura 83 – Thais Carla e o marido Israel .....	291

Figura 84 – Nudez de Thais Carla .....	292
Figura 85 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – sigo jogando a raba .....	293
Figura 86 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – mulheres x homens .....	294
Figura 87 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – objetificação .....	295
Figura 88 – Momentos de intimidade com o marido .....	297
Figura 89 – Thais Carla e a sua família .....	299
Figura 90 – Thais Carla e filha Maria com os cabelos trançados.....	300
Figura 91 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – representatividade negra .....	301
Figura 92 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – protagonismo negro .....	302
Figura 93 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – a coroa da mulher negra.....	302
Figura 94 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – beleza negra diversa.....	303
Figura 95 – Foto da publicação sobre viagem para Maldivas .....	305
Figura 96 – Frame de vídeo do <i>Instagram</i> – jet ski.....	308
Figura 97 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – ostentação.....	308
Figura 98 – Frame do clipe <i>Não pode opinar</i> – jogando dinheiro .....	309

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
1.1 DE ONDE FALAMOS: PERSPECTIVAS E TENSIONAMENTOS DO FAZER- PESQUISA .....	23
<b>2 GORDOFOBIA: HISTÓRICO, INTERSECCIONALIDADE E EIXOS ESTRUTURANTES .....</b>	<b>28</b>
2.1 UMA BREVE VISADA SOCIO-HISTÓRICA SOBRE O PRECONCEITO .....	28
2.2 O PESO COMO EIXO DE OPRESSÃO NA ABORDAGEM INTERSECCIONAL ...	38
2.3 OS SEIS EIXOS ESTRUTURANTES DA GORDOFOBIA .....	45
2.3.1 <i>Patologização</i> .....	46
2.3.2 <i>Acesso e acessibilidade</i> .....	50
2.3.3 <i>Animalização</i> .....	53
2.3.4 <i>Culpabilização</i> .....	56
2.3.5 <i>Pressão estética</i> .....	59
2.3.6 <i>Linguagem e representações</i> .....	70
<b>3 CELEBRIDADES: REFLEXÕES A PARTIR DA DIMENSÃO DA RESISTÊNCIA.....</b>	<b>87</b>
3.1 CELEBRIDADES, VALORES E SOCIEDADE: A CONSTRUÇÃO DE UMA ABORDAGEM RELACIONAL .....	87
3.2 <i>CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA</i> : UMA CONCEITUAÇÃO DE BASE PRAGMATISTA E INTERSECCIONAL .....	92
3.3 <i>CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA, NEUTRAS E CONSERVADORAS</i> NO CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO .....	98
<b>4 PROPOSTA METODOLÓGICA .....</b>	<b>108</b>
4.1 MINIBIOGRAFIA DAS CELEBRIDADES .....	108
4.1.1 <i>Preta Gil</i> .....	110
4.1.2 <i>Thais Carla</i> .....	111
4.2 <i>CORPUS</i> .....	112
4.3 ABORDAGENS PRAGMATISTA E INTERSECCIONAL COMO DISPOSITIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....	117
4.4 <i>METODOLOGIA HOLOFOTE</i> : UMA PROPOSTA HOLÍSTICA PARA A ANÁLISE DE FENÔMENOS COMUNICACIONAIS .....	120
4.5 <i>METODOLOGIA HOLOFOTE</i> : ANÁLISE DE CELEBRIDADES GORDAS .....	121

<b>5 SOB OS HOLOFOTES, PRETA GIL</b> .....	<b>124</b>
5.1 <i>HOLOFOTE TEMÁTICO: A LUZ QUE INCIDE SOBRE A GORDOFOBIA</i> .....	124
5.1.1 <b>Sensualidade, luxo e ousadia: <i>imagens ressignificadoras</i> e a (des)construção de estereótipos</b> .....	125
5.1.2 <b>Corpo único, corpo público: o enfrentamento ao padrão de beleza</b> .....	135
5.1.3 <b>Estar, nunca ser: a ocupação de espaços excludentes frente à provisoriedade do corpo gordo</b> .....	147
5.1.4 <b>“Contra o ódio”: o resgate da humanidade diante do discurso que culpabiliza, patologiza e animaliza</b> .....	155
5.2 <i>HOLOFOTE INTERSECCIONAL: LUZES QUE DÃO A VER OPRESSÕES E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS</i> .....	164
5.2.1 <b><i>Female gaze</i>: a inversão dos papéis de gênero no enfrentamento ao machismo</b> .....	165
5.2.2 <b>“O que é obsceno na nudez”? Ou quais corpos estão autorizados à nudez na sociedade patriarcal?</b> .....	173
5.2.3 <b>Reverência às referências: o valor da ancestralidade negra frente ao racismo</b> .....	184
5.2.4 <b>Filha de Oxum, devota de Nossa Senhora Aparecida: a constituição de uma fé plural como estratégia antirracista</b> .....	203
5.3 <i>HOLOFOTE PRAGMATISTA: A CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA QUE LANÇA LUZ SOBRE QUEM SOMOS</i> .....	208
<b>6 SOB OS HOLOFOTES, THAIS CARLA</b> .....	<b>217</b>
6.1 <i>HOLOFOTE TEMÁTICO: A LUZ QUE INCIDE SOBRE A GORDOFOBIA</i> .....	217
6.1.1 <b>“<i>Plus size</i> é sobre roupa, eu sou gorda!”: a reivindicação da identidade gorda e a construção de <i>imagens ressignificadoras</i></b> .....	218
6.1.2 <b>O corpo intolerável em público: uma gorda maior enfrenta o padrão de beleza</b> .....	235
6.1.3 <b>Outros espaços, mesmas dinâmicas: a falta de acesso na sua dimensão basilar e na dança</b> .....	248
6.1.4 <b>Uma vida sem valor: <i>patologização, culpabilização</i> e o deboche da morte</b> ....	262
6.1.5 <b>O que não é humano não é digno de respeito: <i>animalização</i> e discurso de ódio</b> .....	274
6.2 <i>HOLOFOTE INTERSECCIONAL: LUZES QUE DÃO A VER OPRESSÕES E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS</i> .....	284
6.2.1 <b>Nem mãe, nem esposa: os papéis sociais negados a uma gorda maior</b> .....	285
6.2.2 <b>A exposição do corpo: o tensionamento entre a liberdade feminina e a objetificação sexual</b> .....	292
6.2.3 <b>Mãe de duas meninas negras, casada com um homem negro: qual o papel de uma mulher branca na luta antirracista?</b> .....	298
6.2.4 <b>“Eu construí meu império”: o valor da meritocracia e a ostentação</b> .....	304

6.3 HOLOFOTE PRAGMATISTA: A CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA QUE LANÇA LUZ SOBRE QUEM SOMOS .....	312
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>317</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>332</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O que vem às nossas mentes quando vemos uma mulher gorda? Quais características são atribuídas a essas sujeitas em nossa sociedade? Quais lugares sociais elas ocupam? Como elas são retratadas na/pela mídia? A constituição desta proposta de pesquisa se deu a partir do incômodo gerado pela percepção de que essas representações estão fortemente vinculadas a um teor negativo, associadas ao sedentarismo, à feiúra, à doença, à solidão, à rejeição, à infelicidade diante do corpo e à incapacidade em lidar com as próprias emoções, entre outras questões.

A mídia é uma das instâncias ativas nesse processo e, muitas vezes, atua como produtora e reprodutora de representações estereotipadas. No contexto brasileiro, a personagem *Dona Redonda*, da telenovela *Saramandaia*, vivida por Wilza Carla, na década de 1970 e, no *remake*, em 2013, por Vera Holtz, é representativa dessa dinâmica. As mulheres gordas tendem a ser representadas como figuras jocosas e caricaturais, sendo o alívio cômico da narrativa, estepe para o protagonista ou a personificação da feiura e da repulsa (Arruda, 2021a).

Tais sentidos são sustentados e justificados por meio da gordofobia. No dicionário da Academia Brasileira de Letras (2024, n.p), ela está definida como “Repúdio ou aversão preconceituosa a pessoas gordas, que ocorre nas esferas afetiva, social e profissional.” O atravessamento do preconceito, em diferentes âmbitos da vida do sujeito, evidencia o seu caráter estrutural e institucionalizado tendo, como consequência, processos de privação de direitos (Jimenez-Jimenez, 2020; Arruda, 2021a; Lima, 2021b; Pilger, 2021). Uma pesquisa da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso) e da Sociedade Brasileira de Metabologia e Endocrinologia (SBEM) demonstra que, no Brasil, cerca de 85% das pessoas gordas já sofreram discriminação.

Os constrangimentos sofridos por pessoas obesas<sup>1</sup> têm relação direta com o estigma social da aparência. Quanto maior o peso, mais recorrentes são os episódios de gordofobia vivenciados. Ambientes em que esse tipo de situação mais ocorre: a própria casa ou de familiares, estabelecimentos comerciais, rodas de amigos, consultas médicas e locais de trabalho. (No Brasil..., 2022, n.p).

Diante desse cenário, passamos a observar o fenômeno e realizar pesquisas exploratórias em diferentes ambientes midiáticos. Nesse processo, as ações de certas figuras

---

<sup>1</sup> Apesar de utilizarmos dados da Abeso e outras referências que adotam a expressão “pessoas obesas” e suas variações, nesta pesquisa empregamos o termo “pessoas gordas”. Isso porque acreditamos que os vocábulos derivados da palavra “obesidade” patologizam as corporalidades gordas e reforçam os estereótipos sobre essas pessoas. Em consonância com isso, esses termos aparecem sempre entre aspas ao longo do trabalho.

públicas, diante da gordofobia e de outras opressões, se constituíram como indícios da possibilidade de lançar um olhar particular sobre a temática. Consideramos diferentes celebridades com esse perfil e, tendo como ponto de partida a temática central da pesquisa, a gordofobia, priorizamos aquelas que fossem mulheres, brasileiras e gordas.

Considerando essas variáveis, elegemos a celebridade Preta Gil e a influenciadora digital Thais Carla como as mulheres a serem investigadas. Essa escolha se dá, em uma primeira instância, pelas questões que elas compartilham, já que ambas são celebridades que assumem um posicionamento de resistência a diferentes opressões, mulheres e gordas. Além disso, a definição também considera aquilo que as diferencia, como o pertencimento racial ou o próprio lugar como mulher gorda, já que Preta é uma gorda menor e Thais uma gorda maior.

Diante dessa configuração, formulamos a pergunta-problema, que norteia o desenvolvimento do trabalho, por meio da articulação entre celebridades, gordofobia e interseccionalidade: “Como Preta Gil e Thais Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e a outras opressões e podem, a partir das suas ações, fomentar a resignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados?”.

O alicerce teórico-conceitual foi desenvolvido com base em duas temáticas principais, gordofobia e *celebridades-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022). No primeiro capítulo, o objetivo é complexificar o entendimento sobre o preconceito, trazendo novas camadas de sentido à sua concepção. Para isso, construímos uma linha socio-histórica destacando como os significados sociais sobre o corpo gordo se alteraram ao longo do tempo.

Após, a partir de uma perspectiva interseccional (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021), refletimos sobre como o peso se constitui como um eixo de subordinação na contemporaneidade, em atravessamento com outras opressões. Por fim, propomos, como contribuição desta pesquisa, o entendimento da gordofobia a partir de seis eixos estruturantes, inter-relacionados e indissociáveis: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. Em diálogo com essa proposta, elaboramos duas noções que dizem sobre o modo como a opressão opera na atualidade, *corpo provisório* e *gorda palatável*.

No segundo capítulo, voltamos os nossos esforços para as discussões sobre celebridades. Em um primeiro momento, refletimos sobre a abordagem relacional do fenômeno e, em seguida, trazemos a noção de *celebridade-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022). De base pragmatista (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020b; Simões, 2009; 2013) e interseccional, o conceito abarca os modos de atuação

de figuras públicas conhecidas por sua vinculação a grupos socialmente minorizados e por sua posição de enfrentamento a diferentes opressões. Esses atores sociais identificam-se com valores progressistas e emancipatórios e podem convocar os seus públicos para a luta, se constituindo como uma das forças de transformação social. Com base nessa apreensão, construímos uma discussão sobre a dinâmica entre *celebridades-resistência*, *neutras* e *conservadoras* no contexto político brasileiro.

O nosso *corpus* foi definido a partir de um critério acontecimental, considerando eventos importantes na trajetória de cada figura pública em que a gordofobia ocupa um lugar de destaque. No caso de Preta, dois acontecimentos referem-se a datas comemorativas da sua carreira, 10 e 20 anos, respectivamente, e o terceiro evento selecionado foi o diagnóstico de câncer da cantora, em 2023. Sobre Thais, elegemos a vitória em um processo por gordofobia contra um humorista, a sua participação no corpo de baile da cantora Anitta e o recente lançamento na carreira musical, em 2024.

A empiria é composta por um arranjo diverso de materiais, como matérias on-line, programas de TV, clipes e comentários do *Youtube* e *posts* e comentários do *Instagram*. Com o objetivo de apreender também as manifestações dos sujeitos a partir das ações das celebridades, no *Instagram* e no *Youtube* analisamos os primeiros 50 comentários originais de cada *post*/clipe, totalizando, assim, 200 registros originais. Ademais, consideramos, também, os comentários do tipo “resposta”, referentes aos comentários originais selecionados, compondo um material com o total de 4.067 respostas. Ao longo do desenvolvimento da análise, ainda acionamos materiais complementares, como matérias on-line e publicações em redes sociais digitais, em diálogo com as temáticas que emergem a partir do *corpus* central.

Olhamos para essa empiria a partir da *Metodologia Holofote* que se baseia na *práxis* metodológica que, historicamente, vem sendo adotada no âmbito das investigações do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), da UFMG. Nela, a construção metodológica deriva das teorias, conceitos e discussões da pesquisa e o objetivo é desenvolver uma visada complexa do fenômeno, lançando luz para diferentes facetas que o compõem. Em nosso estudo, acionamos três holofotes: no *holofote temático*, abordamos a gordofobia; no *holofote interseccional*, trazemos à tona outras opressões que emergem a partir da imagem pública de Preta Gil e Thais Carla; por fim, no *holofote pragmatista*, evidenciamos valores que emergem a partir dessas celebridades e o modo como elas assumem uma posição de resistência.

Os achados do estudo demonstram que as celebridades elaboram diferentes estratégias diante das opressões. Entre elas, destaca-se a construção de *imagens ressignificadoras* que visam desestabilizar os sentidos limitantes e fixos dos estereótipos. Além disso, o



acionamento dessas imagens se configura como uma indicação sobre a centralidade dos processos comunicacionais – a dimensão simbólica, na manutenção e confrontação das opressões contemporâneas, como a gordofobia, o machismo e o racismo.

Frente a essas discriminações, as ações das celebridades dão a ver *valores-resistência*, como a diversidade corporal, a igualdade de gênero e a igualdade racial. Em contrapartida, outros valores, como a riqueza, o luxo, a ostentação e a meritocracia demonstram como a atuação das *celebridades-resistência* não está descolada das lógicas de mercado, desvelando, assim, a sua dimensão de ambivalência. Preta Gil e Thais Carla dizem sobre nós e, ao mesmo tempo, apontam caminhos possíveis sobre qual sociedade queremos ser: onde estamos e para onde podemos ir, se desejamos um mundo diverso e igualitário para todas as pessoas.

## 1.1 DE ONDE FALAMOS: PERSPECTIVAS E TENSIONAMENTOS DO FAZER-PESQUISA

Ao construir uma discussão sobre a relevância de nossa pesquisa, é preciso, primeiramente, trazer à tona o modo como a dimensão subjetiva permeia o seu desenvolvimento. A autora é uma mulher gorda e, por isso, a percepção sobre o tema reflete a sua condição como uma sujeita que faz parte desse grupo social e experencia, cotidianamente, o significado do que é ser gorda em nossa sociedade. Assim, a trajetória da pesquisadora não pode – e não deve – ser anulada.

No processo da investigação, também estão as memórias marcadas, desde a infância, pelo entendimento do seu corpo como inadequado, pelos apelidos animais, como “baleia assassina”, e o sentimento de exclusão. Da adolescência, a lembrança das inúmeras dietas, já que era só “fechar a boca”, e do *bullying* gordofóbico. Ademais, a tentativa de compensação por ter uma característica indesejável, adotando padrões de comportamento com alto nível de exigência consigo mesma em todas as esferas da vida. Já na vida adulta, a vivência da face mais estrutural da gordofobia, com os acessos negados e a gordofobia médica.

Algo que se repetiu em todas essas fases foi a problemática das representações midiáticas que, no geral, pecam pela invisibilidade das pessoas gordas ou pela estereotipização desse grupo. Essas pessoas não se vêem na mídia, desde a narrativa das princesas, passando pelas comédias românticas adolescentes, até as séries contemporâneas e novelas. Apesar de doloroso, tal percurso foi determinante para a construção do incômodo frente à gordofobia: “Pesquisadores da temática gorda, em sua maioria, são pessoas gordas

que buscam entender, mas também ressignificar, essas dores que transpassam seus corpos em pesquisa” (Jimenez-Jimenez *et al.*, 2022, p. 27).

A empatia, então, emerge como uma temática importante para se pensar a proposta da nossa investigação. Compreendemos o conceito não como uma capacidade de se colocar no lugar do outro, simplificando-o, mas como sinônimo de deslocamento: um movimento de saída do seu lugar ao encontro da alteridade (Martino, 2019).

Chegar ao outro sem a violência da redução, reconhecendo-o como mistério irreduzível e familiaridade possível, na abertura para a diferença que, se, por um lado, é infinita, não é absolutamente estranha: o gesto da empatia se apresenta como uma *possibilidade para elaborar uma relação de comunicação*. A empatia não se apresenta como ato de se colocar no lugar do outro, mas, antes, como um *desejo de aprender o outro*”. (Martino, 2019, p. 83-84, grifo do autor).

Assim, entendemos que o processo de empatia com as celebridades que investigamos, importante para apreensão do objeto, poderá ser potencializado pela identificação da pesquisadora com o que é vivenciado por essas mulheres. O caminho a ser percorrido para se “sentir em relação”, em contraposição ao “sentir no lugar” do outro, poderá ser “encurtado” pelas características que a autora e as figuras públicas compartilham, em uma constante (re)construção na relação com a alteridade (Martino, 2019).

Cabe ressaltar, porém, as tensões e a dimensão do conflito no processo de empatia, mesmo nos casos que em que é possível identificar o compartilhamento de algumas experiências entre os sujeitos: “[...] o conhecimento da própria vivência não se iguala ao conhecimento da experiência do outro senão em linhas gerais” (Martino, 2019, p. 83). No nosso caso, por exemplo, é possível citar como a gordofobia se constitui de maneira particular em cada caso: na trajetória de Preta Gil, de Thais Carla e na da autora deste trabalho.

A adoção de tal posicionamento, constituída na tensão entre o eu-sujeita e o eu-pesquisadora, evidencia a necessidade de a vivência da pesquisadora como mulher gorda ser explorada, o que enfatiza a singularidade da pesquisa. Ao mesmo tempo, tal subjetividade deve se constituir a partir de uma base teórico-metodológica sólida e que, ao final do processo, contribua para um conhecimento científico “[...] fidedigno, aprofundado e sistemático da realidade” (França; Simões, 2016, p. 23).

Trouxemos, até aqui, uma justificativa pessoal para a pesquisa, resultado do entrelaçamento entre a sujeita, mulher gorda, e a pesquisadora. Quando pensamos no campo da Comunicação, a relevância da proposta apresentada se constitui, primeiramente, por se articular ao perfil do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade

Federal de Minas Gerais (UFMG). Partimos de um entendimento relacional da comunicação, em que o olhar se volta para aquilo que se configura a partir da associação comunicativa entre os atores sociais, sem negligenciar o contexto socio-histórico em que estão inseridos: “[...] é centrar na relação e naquilo que ela produz” (França, 2018, p. 91). Tal perspectiva nos parece adequada, já que as possibilidades de atuação ofertadas aos sujeitos levam a uma ruptura com a lógica emissor-receptor.

Com base nessa perspectiva, a pergunta-problema da pesquisa foi construída tendo como princípio a importância da angulação comunicacional e do viés crítico frente aos fenômenos. A comunicação deve ser a protagonista na pesquisa, estudada a partir da sua dimensão interativa e relacional por meio da adoção de uma abordagem complexa e contextual, uma “[...] permanente visada crítica nos estudos comunicacionais; uma perspectiva que, atenta ao específico e ao singular, não se feche em objetos e raciocínios autossuficientes [...]” (França, 2014, p. 114).

Também é possível pensar na adoção da abordagem praxiológica como uma contribuição para o campo da comunicação, em diálogo com os estudos desenvolvidos pela Rede Interinstitucional de Acontecimentos e Figuras Públicas e, de modo específico, pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG). Diante dessa proposta, o objetivo é contribuir na construção de uma tradição teórico-metodológica em que a reflexão sobre os cruzamentos entre celebridades-valores-sociedade se dá a partir de um olhar pragmatista sobre os processos.

A celebridade se constitui, na atualidade, como um fenômeno que penetra diferentes espaços e é uma temática presente no cotidiano de grande parte da população por meio da mídia tradicional e, mais recentemente, das redes sociais digitais. Diante disso, estudar essas figuras públicas de referência, considerando o contexto social em que estão inscritas, se revela de grande pertinência e justifica a abordagem do fenômeno nas pesquisas acadêmicas em diferentes campos. Refletir sobre celebridades, então, é construir apontamentos sobre quem somos, o que priorizamos, quais opressões a sociedade em que vivemos segue reproduzindo e quais precisamos enfrentar. Em resumo, é ter a possibilidade de conhecer e questionar os nossos valores.

Importante ressaltar que essa visada se assenta na tradição dos *Celebrity Studies*, que abarca investigações de diferentes áreas que possuem, como interesse em comum, o estudo das celebridades e seus diferentes recortes e desdobramentos. A revista científica *Celebrity*

*Studies*<sup>2</sup> concentra as principais publicações internacionais sobre o tema por meio da abordagem crítica de celebridades, estrelato e fama, e das dimensões da produção, circulação e consumo da fama.

Ainda é possível apontar, como contribuição para o campo da Comunicação, a adoção da perspectiva interseccional como dispositivo teórico-metodológico do trabalho. Nessa visada, a interseccionalidade é compreendida como “[...] uma lente metodológica e teórica que orienta tanto a leitura quanto a interpretação das sociabilidades dizendo o seu potencial de promover ou não justiça social. Porém, ela também pode ser uma lente que orienta ações, para que essas promovam justiça social” (Silva, 2021, p. 172).

Esse olhar pragmatista-interseccional nos permite examinar as ações das celebridades dando ênfase à gordofobia, mas, também, estando atentos às outras opressões e seus atravessamentos. Em consonância com essa perspectiva, os valores que emergem, a partir dos posicionamentos dessas figuras públicas, também dizem de uma vinculação a grupos socialmente minorizados e revela a dimensão de resistência dessas mulheres. O que indica, também, uma pertinência social da pesquisa, sua relevância para se refletir sobre a sociedade e, em última instância, contribuir para possíveis mudanças.

Ainda sobre esse viés social, é possível pensarmos, de modo particular, sobre a gordofobia. Diante desse cenário, a abordagem proposta pela pesquisa se faz necessária e se configura como um espaço de resistência e de visibilidade para as demandas das pessoas gordas. Ao investigar tal fenômeno, o trabalho também se insere no campo do saber interdisciplinar constituído a partir da união de grupos ligados à Sociologia, estudos de gênero e ativismo feminista denominado *Fat Studies* (estudos sobre a pessoa gorda, em tradução livre): “[...] marcado pela crítica agressiva, consistente e rigorosa às suposições negativas, estereótipos e estigmas relacionados à gordura corporal” (Torres, 2016, p. 1201).

Os estudos abordam, entre outras questões, o processo de *patologização* do corpo gordo e questionam a hegemonia biomédica que naturaliza essas corporalidades como doentes. Há também uma revista especializada a *Fat Studies – An Interdisciplinary Journal of Body Weight and Society*<sup>3</sup> (Um Jornal Interdisciplinar de Peso Corporal e Sociedade, em tradução livre) com sede nos Estados Unidos e publicação anual desde 2012.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.tandfonline.com/journals/rce120>. Acesso em: 29 ago. 2023.

<sup>3</sup> Em seus objetivos e escopo, a publicação se define como a “primeira revista acadêmica que examina criticamente a teoria, a pesquisa, as práticas e os programas relacionados ao peso corporal e à aparência. O conteúdo inclui pesquisas originais e visões gerais que exploram a interseção de gênero, raça/etnia, sexualidade, idade, capacidade e *status* socioeconômico. Os artigos examinam criticamente as representações da gordura nas ciências médicas e da saúde, o modelo *Health at Every Size*, a indústria farmacêutica, psicologia, sociologia,

Como contam Jimenez-Jimenez *et al.* (2022), no Brasil, os Estudos Transdisciplinares das Corporalidades Gordas propõem um fazer-pesquisa que se distancia de saberes eurocêntricos e narrativas alinhadas aos mecanismos de poder e de opressão, bem como se opõem aos estudos da “obesidade” a partir do acionamento de diferentes áreas do conhecimento. O objetivo, assim como em nosso trabalho, é trazer à tona as experiências das pessoas gordas e fomentar espaços para que esses sujeitos possam ser ouvidos em contextos diferentes daqueles delimitados pelos processos estereotipantes (Jimenez-Jimenez *et al.*, 2022).

No âmbito da Comunicação e da Cultura, as análises se expandem para diferentes relações e produtos midiáticos (Jimenez-Jimenez, 2020; Arruda, 2021a; Aires, 2019; Pilger, 2021). Diante do exposto, é possível depreender que, no contexto brasileiro, a gordofobia já vem sendo trabalhada a partir de abordagens, objetivos e objetos distintos. Tendo conhecimento sobre o caminho já percorrido e, reconhecendo a importância desses trabalhos para a sedimentação do estudo dessa temática, acreditamos que a contribuição do nosso estudo se justifica pela articulação teórico-conceitual que ele apresenta.

Dessa maneira, ainda que haja um caráter precursor da nossa pesquisa, diante da recente conformação do campo de estudos das corporalidades gordas, acreditamos que a originalidade do trabalho reside, principalmente, no fato de propor novas articulações e tensionamentos. Ao refletirmos sobre temáticas como gordofobia, interseccionalidade e celebridades – alinhadas pela comunicação –, a pesquisa é concebida a partir de um olhar comunicacional que se constitui de maneira dialógica e se volta, também, para as possibilidades de resistência frente às opressões na contemporaneidade.

## 2 GORDOFOBIA: HISTÓRICO, INTERSECCIONALIDADE E EIXOS ESTRUTURANTES

Neste capítulo, apresentamos a nossa concepção sobre a gordofobia. Para isso, em um primeiro momento, construímos uma linha do tempo sobre os significados sociais atribuídos às corporalidades gordas ao longo de diferentes períodos históricos. A intenção é compreender as variáveis que atuaram para a conformação da gordofobia como um preconceito estrutural nos dias atuais. Após, refletimos sobre a interseccionalidade, enquanto dispositivo teórico-metodológico do trabalho, e localizamos o peso como um eixo de opressão na contemporaneidade. Por fim, propomos o entendimento da gordofobia a partir de seis eixos estruturantes, intrinsecamente relacionados e indissociáveis: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. O objetivo é contribuir para uma complexificação do entendimento sobre o preconceito, evidenciando a maneira como ele opera e se mantém no tempo presente.

### 2.1 UMA BREVE VISADA SOCIO-HISTÓRICA SOBRE O PRECONCEITO

Se a gordofobia é um preconceito institucionalizado na estrutura societária atual, quais variáveis, sociais e históricas, se conformaram para que ela se estabelecesse como uma opressão contemporânea? Primeiramente, precisamos atentar para o fato de que o significado sobre a beleza e a gordura se alterou ao longo do tempo, de acordo com a época e a cultura, e em diálogo com os valores de cada sociedade, “[...] revelando como a aparência do corpo, com seus déficits reais ou supostos, conjuga-se à história das culturas e das sensibilidades” (Vigarello, 2012, p. 11). A Vênus de Willendorf (Figura 1) é representativa dessa dinâmica de transmutação.

**Figura 1** – Vênus de Willendorf



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no site História da Moda (2020)<sup>4</sup>.

Considerada um dos primeiros modelos representativos da figura humana, ela é uma estátua de 11 centímetros, esculpida há cerca de 25 mil anos antes de Cristo e descoberta em um sítio arqueológico na Áustria, em 1908. Essa “idealização da figura feminina” gorda, com barriga e seios grandes, teve diversos significados atribuídos à sua corporalidade ao longo de diferentes períodos históricos. Alguns estudiosos acreditam que, no contexto e na cultura em que ela se inseria, essa imagem acionava sentidos como fertilidade, sucesso e um status social superior. Ou seja, a Vênus estava associada ao bom, bonito e almejável (Lira, 2019)<sup>5</sup>.

A respeito das mudanças no significado social das corporalidades gordas, Aires (2019) constrói uma linha do tempo sobre como ele se transformou e continua se alterando ao longo dos anos. Na Idade Média, por exemplo, conta a autora, a mulher medieval desejada era aquela que tinha uma aparência gorda, abundante e branca. Outra representação simbólica deste período histórico é o Glutão Medieval (Figura 2): “O glutão medieval era sedutor: ao exhibir e estufar a ‘pança’ esbanja saúde e representa a fartura da sociedade” (Aires, 2019, p. 38). Ou seja, naquele tempo, em que a distribuição e o acesso a alimentos eram problemáticos, ser gordo era visto como algo bom e sinônimo, inclusive, de saúde.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.historiadamoda.com.br/2020/09/historia-da-moda-estatuetas-de-venus.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/gordura-e-doenca/>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Figura 2** – O Glutão Medieval – Alessandro dal Borro



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no site Wikipedia (2024) <sup>6</sup>.

Apesar da visão positiva sobre o Glutão Medieval, o julgamento e a depreciação da gordura e do sujeito gordo também eram praticados nessa época. Importante lembrar, nesse contexto, que a Idade Média é um período histórico de grande domínio e influência da Igreja Católica. A gula, fortemente associada a uma característica das pessoas gordas, é um dos sete pecados capitais e, nesse cenário, as críticas eram direcionadas a um aparente desvio moral (Aires, 2019, p. 38). Nesse período, havia julgamento e sanção ao que era considerado excesso e àqueles corpos lidos como gordos demais (Lana, 2011).

A construção da narrativa de Aires (2019) se dá, notadamente, a partir dos estudos de Georges Vigarello que, em *As metamorfoses do gordo: história da obesidade*, narra a maneira como o corpo gordo foi concebido e estigmatizado ao longo do tempo, da Idade Média ao século XX, trazendo à tona o modo como a vigilância sobre as corporalidades gordas se intensificou nas sociedades do Ocidente (Lana, 2011).

Para Vigarello (2012), uma ruptura significativa dos sentidos sociais sobre o corpo gordo<sup>7</sup> ocorre com a emergência da Europa moderna. Nesse contexto socio-histórico, há uma transfiguração no que é considerado referência e sinal de prestígio na sociedade. O acúmulo

<sup>6</sup> “Retrato de um homem chamado Alessandro del Borro (1630) de Charles Mellin” (Vigarello, 2012). Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Alessandro\\_dal\\_Borro#/media/File:Charles\\_Mellin\\_\(attributed\)\\_-\\_Portrait\\_of\\_a\\_Gentleman\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Alessandro_dal_Borro#/media/File:Charles_Mellin_(attributed)_-_Portrait_of_a_Gentleman_-_Google_Art_Project.jpg). Acesso em: 4 set. 2023.

<sup>7</sup> Vigarello (2012) cita ainda outros três momentos históricos que demarcaram, em alguma medida, uma metamorfose nos sentidos sobre o corpo gordo: o Iluminismo “[...] que, em linhas gerais, abandona a concepção irônica do pateta para reforçar a impotência do corpo gordo” (Lana, 2011, p. 188); a primeira metade do século XIX, em que o olhar se volta para o entendimento, a normatização e os estudos das medidas corporais a partir de uma compreensão médica; e a segunda metade do século XIX e início do século XX, marcados pelas dietas e um contexto de controle e vigilância dos corpos (Lana, 2011). “Na passagem do século XIX para o século XX, a obesidade era resultado do “abuso”; na contemporaneidade, o obeso transforma-se em uma pessoa incapaz de gerir a própria vida, alguém que não sabe se controlar e se corrigir. As intervenções cirúrgicas para o tratamento da obesidade confirmam a ingerência de si próprio (o obeso como alguém que por si mesmo não é capaz de emagrecer). Sendo o corpo atualmente o lugar privilegiado de construção da identidade, o obeso, incapaz de se gerir, é impedido de habitar a sua própria imagem” (Lana, 2011, p. 190).



de gordura, então, já não é mais visto como um indício de força, mas de falta de cuidado e incivilidade. Nessa configuração social, explica Vigarello (2012, p. 11), o corpo gordo é associado à “falta de delicadeza e de eficiência” e à “falta de dinamismo e de capacidade”.

A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância mais cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, denegrindo-a, aumentando o seu descrédito e privilegiando insensivelmente a leveza. A amplitude de volume afasta-se cada vez mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro, esguio. (Vigarello, 2012, p. 11).

Quando voltamos o nosso olhar para o contexto brasileiro, no Brasil rural, do início do século XX, a magreza estava ligada a acepções fortemente negativas (Aires, 2019). A alegoria da “gorda de armazém” e da “magra de ruim”, apresentada por Sant’anna (2016), é representativa dessa dinâmica. Como explica Aires (2019), nesse período, o acúmulo de gordura no corpo da mulher era lido como um objeto de desejo e de saúde. Para o marido, a mulher gorda trazia consigo, em sua forma corpulenta, prosperidade e sorte, já que, ao acumular gordura, também levaria o cônjuge a concentrar riquezas. Do outro lado, a “magra de ruim” representava o não desejável, símbolo de uma precariedade, o que conduziria o marido à pobreza.

A partir dos anos 1920, é possível observar uma transmutação do significado social do corpo gordo. Com a revolução agrícola e industrial, a estabilização da produção e da distribuição dos alimentos e a consolidação do modelo capitalista, em que o corpo útil é aquele que produz, o corpo gordo passa a ser visto como indesejável (Aires, 2019). Nesse contexto, conta Aires (2019), a busca por um corpo magro – e o investimento na intenção de alcançar esse desejo – passa a ser monetizado pelas indústrias midiáticas e do consumo. Nessa dinâmica, elas oferecem às mulheres diferentes produtos e serviços associados que propiciarão um “estilo de vida saudável e magro” (Aires, 2019, p. 214).

Nesse novo cenário, também caracterizado pela industrialização e pelas inovações tecnológicas do século XX, o ideal de modernidade se associa ao corpo magro, enquanto o corpo gordo passa a ser visto como inadequado, “remetendo a um corpo primitivo, não civilizado, e inferior” (Aires, 2019, p. 86). Como ainda explica a autora, a medicina se torna, então, o sustentáculo científico que legitima os processos discriminatórios contra as corporalidades gordas.

Outra leitura possível para se refletir sobre as origens da gordofobia está presente no livro *Fearing the Black Body: The Racial Origins of Fat Phobia*<sup>8</sup>, de Sabrina Strings, publicado em 2019. A partir do atravessamento entre raça, gênero e peso, a autora defende a concepção de que a origem do preconceito contra pessoas gordas está na vinculação da gordura à negritude e da magreza à branquitude, respectivamente. Lima (2021b) corrobora com a tese de Strings (2019), evidenciando o modo como a gordura passa a ser vista como um problema a partir da associação das corporalidades gordas às pessoas negras:

A gordofobia começa a existir quando homens e mulheres negros são associados a corpos maiores. A discriminação dessas pessoas não se origina de descobertas médicas, mas da crença de que o excesso de alimentação e a gordura seriam evidências de “selvageria” e de inferioridade racial. (Lima, 2021b, p. 119).

Uma figura histórica representativa deste entrecruzamento entre gordofobia e racismo é Saartjie (ou Sarah) Baartman, que ficou conhecida como a Vênus de Hotentote (Figura 3): “uma mulher escravizada, teve uma triste trajetória de exibição pública de seu corpo, durante sua vida e após a sua morte” (Silva, 2021, p. 167). Essa história de exploração e violação de um corpo feminino, gordo e negro se inicia quando Saartjie é levada da África do Sul à Europa para ser exposta em feiras na Grã-Bretanha e na França do século XIX (Silva, 2021).

**Figura 3** – Saartjie Baartman: a Vênus de Hotentote



Fonte: Captura de tela de imagem disponível em notícia do site Uol<sup>9</sup>.

Como conta Hall (2016, p. 203), Saartjie, que tinha 1,37 metros de altura e “nádegas protuberantes”, foi vista como um “espetáculo ‘popular’”, mas, também, como um fenômeno a ser estudado. Naturalistas e etnólogos a descreveram e a representaram de diversas

<sup>8</sup> Em tradução livre, “Temendo o corpo negro: as origens raciais da gordofobia”.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/01/11/sarah-baartman-a-chocante-historia-da-africana-que-virou-atracao-de-circo.htm> Acesso em: 3 set. 2023.

maneiras, analisando os detalhes da sua anatomia, em vida e, também, após a sua morte (Hall, 2016)<sup>10</sup>. Seu cérebro, esqueleto e órgãos sexuais ficaram em exibição em Paris até 1974 e só retornaram à África do Sul em 2002, a pedido de Nelson Mandela, líder e primeiro presidente da África do Sul (Parkinson, 2016).

Hall (2016) traz à tona três questões correlacionadas que podem ser problematizadas a partir da figura de Saartjie: a personificação da diferença, a binariedade e o reducionismo, e a fragmentação da sujeita. No primeiro caso, de acordo com o autor, essa caracterização e justificação da alteridade se dá por meio de um processo de *patologização*.

[...] a diferença foi “patologizada”, isto é, representada como forma patológica de “alteridade”. Simbolicamente, ela não se encaixava na norma etnocêntrica aplicada às mulheres europeias e, estando fora de um sistema classificatório ocidental sobre como são “as mulheres”, ela teve que ser construída como “Outro”. (Hall, 2016, p. 203).

Na dinâmica binária, Saartjie foi reduzida à natureza e o significante, seu corpo, foi concebido como “a evidência real” da diferença, da alteridade: o que dava a ver e era uma prova da distinção entre as raças. Nessa concepção, Baartman estava no polo da selvageria, do primitivismo, dos animais e da inferioridade racial, em contraposição à cultura humana. Ela ocupava, também, o lugar do exótico. “O exótico é o fora do comum, é o fora do normal, é a exceção à regra. Se o exótico é a estética negra, seu oposto, o caucasiano, portanto, seria o comum, o normal, a regra” (Silva, 2021, p. 167).

O reducionismo e a fragmentação de Saartjie também estão diretamente relacionados a essa binariedade. Como defende Hall (2016), Baartman foi fragmentada e, de sujeita, se transmutou em objeto. Coisificada, ela passou a ter a sua existência resumida a partes do seu corpo, sendo, assim, fetichizada. O autor conceitua o fetichismo como o processo em que a representação é atravessada pela fantasia. Nessa dinâmica, existe um jogo de ausência x presença, proibido x permitido, lícito x ilícito. Por isso, é que Hall (2016) entende o fetichismo como uma “estratégia representacional”.

---

<sup>10</sup> Hall (2016) resume a biografia de Saartjie: “Ela foi levada para a Inglaterra, em 1810, em um navio africano, por um agricultor bôer da região do Cabo, África do Sul, e por um médico. Saartjie foi exibida regularmente por cerca de cinco anos em Londres e Paris. Em suas primeiras ‘apresentações’, ela aparecia em um palco elevado como um animal selvagem, caminhava em sua jaula quando era ordenada, parecia ‘mais um urso acorrentado do que um ser humano’, como foi descrita na edição de 26 de novembro de 1810 do jornal *The Times* (Lindfors, s.d). Saartjie criou uma considerável agitação pública. Foi posteriormente batizada em Manchester, casou-se com um africano e teve dois filhos. Falava holandês, aprendeu um pouco de inglês e, durante um processo judicial em Chancery, para protegê-la da exploração, declarou que ‘não estava sujeita a qualquer restrição’ e que estava ‘feliz por estar na Inglaterra’. Ela, então, reapareceu em Paris, onde teve um incrível impacto público, até contrair varíola e morrer em 1815” (Hall, 2016, p. 201-202, grifo do autor).

O fetichismo, como dissemos, envolve a **rejeição**, estratégia por meio da qual um poderoso fascínio, ou o desejo, é *satisfeito* e, ao mesmo tempo, *negado*. No entanto, é também a forma pela qual aquilo que é considerado tabu consegue encontrar uma forma deslocada de representação. (Hall, 2016, p. 207, grifo do autor).

O autor dá relevo, assim, à dimensão do deslocamento como constituinte do fetiche. Como exemplifica, foi o que aconteceu no processo de fetichização de Saartjie Baartman. “Acabamos de ver, no caso da ‘Vênus Hotentote’, que o olhar fica deslocado da genitália para as nádegas, mas também, que isso permite aos observadores *continuarem olhando* enquanto negam a natureza sexual de seu olhar” (Hall, 2016, p. 209, grifo do autor).

Dar a ver e a conhecer essas figuras históricas nos ajuda a entender as dinâmicas socioculturais que se conformaram para a constituição da gordofobia como uma opressão e se estabelece, também, como um ato de resistência. Isso porque um dos modos de operação da gordofobia é invisibilizar as pessoas gordas, como se elas não existissem – ou não deveriam existir – na atualidade e em nenhum outro momento histórico.

A página do *Instagram* @historicalfatpeople<sup>11</sup> (Figura 4) realiza esse trabalho e divulga, em seu perfil, imagens de pessoas gordas comuns, figuras públicas e personagens fictícios de diversos períodos históricos e em diferentes cenários. Pela leitura que fazemos da página, ela se propõe a ser uma resposta a uma arguição comumente utilizada para descredibilizar a luta antigordofobia e que se fundamenta na ideia de que não existiam pessoas gordas em períodos passados<sup>12</sup>. É como se dissessem: estamos aqui, existimos e seguiremos existindo.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/historicalfatpeople/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

<sup>12</sup> O número de pessoas gordas vem aumentando ao longo dos anos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, mais de 1 bilhão de pessoas no mundo são “obesas” (Organização Pan-Americana da Saúde, 2022). No Brasil, segundo o IBGE, cerca de 96 milhões de pessoas, seis em cada dez brasileiros, estão na faixa de “sobrepeso” ou de “obesidade” (Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica, 2020). Segundo estudo realizado pelo Atlas Mundial da Obesidade, em 2022, e divulgado pela Federação Mundial da Obesidade, é esperado que o Brasil viva com 29,7% da população adulta com “obesidade” até 2030 (Franco; Rosa, 2023).

Figura 4 – Print do feed da página do *Instagram Historical Fat People*



Fonte: Captura de tela de imagens disponíveis no *Instagram* @historicalfatpeople<sup>13</sup>.

Após percorrermos esse breve registro histórico, é possível tecer apontamentos acerca de como a gordofobia se configura nos tempos atuais e, assim, refletir sobre a maneira como ela é vista e praticada em nossa sociedade. Na contemporaneidade, a gordofobia tem um *modus operandi* específico que traz singularidades se comparamos a outros preconceitos: ela é uma opressão aceitável até mesmo em esferas da sociedade consideradas não conservadoras.

O ódio ao corpo gordo, aliado ao discurso de preocupação com a saúde, torna a sociedade, mesmo nos meios mais progressistas, tolerante a discursos de discriminação em vários âmbitos. A humilhação ao corpo gordo é recreativa, está presente em programas humorísticos e em memes e é usada para humilhar opositores políticos, sobretudo mulheres. (Lima, 2021b, p. 125).

Mesmo em espaços considerados mais diversos e inclusivos, com preceitos de igualdade, respeito e justiça social, a gordofobia se faz presente com comentários sobre o corpo, dicas para emagrecer, ofensas e negação de direitos: ela está “autorizada” e não é repreendida. Tais ações se dão com base no discurso de preocupação com a saúde, como apontado por Lima (2021b), nos estereótipos sobre o corpo gordo e no fato de a gordofobia muitas vezes ser lida como “mimimi”, um vitimismo e, por consequência, um preconceito de menor importância se comparamos com outras opressões.

No contexto das discriminações, o “mimimi” é uma expressão utilizada para descredibilizar a vivência, as dores e a luta de grupos socialmente minorizados. Seu uso está fundamentado na ideia de que uma pessoa vítima de opressão deve parar de reclamar e ir à luta. Essa visão se fundamenta na ideia de que aquilo que se coloca estruturalmente é apenas uma narrativa construída por aqueles que não têm força de vontade suficiente para superar os

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/historicalfatpeople/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

obstáculos. Tal posicionamento, nos parece, se dá com respaldo na ideia da meritocracia, como se deixar de ser gordo dependesse apenas de um esforço individual, desconsiderando todas as questões estruturais, fatores sociológicos, culturais, étnicos, genéticos, econômicos e ambientais que influenciam na constituição das corporalidades.

Soma-se a essa banalização, o fato de a gordofobia ainda não ser tipificada como crime no Brasil (Yu, 2022)<sup>14</sup>. Não obstante, no país, um ato gordofóbico pode ser enquadrado como injúria e danos morais e, cada vez mais, a gordofobia tem se tornado, também, uma pauta jurídica. Há diferentes movimentos que sinalizam a busca pelo reconhecimento e judicialização da gordofobia no Brasil para a garantia do acolhimento e dos direitos da pessoa gorda.

O Nordeste está na vanguarda dessa luta e, como exemplo, é possível citar o caso da capital pernambucana. Em 2021, Recife aprovou duas leis municipais sobre a temática: a primeira oficializa o “Dia Municipal contra a Gordofobia”, no dia 10 de setembro, e a segunda propõe a inclusão da luta antigordofobia no ensino público municipal e a garantia da acessibilidade aos estudantes gordos, com cadeiras adequadas e adaptação dos espaços (Fernandes, 2021).

Em Minas Gerais, tramita o Projeto de Lei nº 352/2023, de autoria da deputada e presidenta da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), Andreia de Jesus (PT/MG): “para garantir a inclusão e proteção de pessoas gordas nos espaços públicos e privados e instituir o Dia Estadual do Combate à Gordofobia, estabelecendo ações no calendário anual para dar visibilidade ao tema, informar e discutir com a população”, conforme ela descreveu em *post* de seu perfil no *Instagram* no dia 1º de maio de 2023<sup>15</sup>.

Também existem ações na Câmara dos Deputados, como o Projeto de Lei nº 1786/2022, do deputado José Guimarães (PT/CE), apresentado em 2022, que “inclui a discriminação ou preconceito em razão do peso corporal relacionado à obesidade nos crimes previstos na Lei 7.716, de 05 de janeiro de 1989” (Brasil, 2022a, n.p). Todos esses movimentos sinalizam a crescente demanda pelo reconhecimento da gordofobia como um

---

<sup>14</sup> Nos Estados Unidos, no estado de Michigan, “[...] o peso é incluído como uma característica protegida na lei de direitos civis do Estado. Reykjavik, capital da Islândia, e algumas partes do Brasil – como em Recife e em Rondônia – também aprovaram leis que protegem as pessoas da discriminação de peso” (Yu, 2022, n.p). “No dia 11 de maio de 2023, a cidade de Nova York aprovou um projeto de lei que torna ilegal a gordofobia, igualando ao preconceito por raça e gênero”. “A medida deve ser sancionada pelo prefeito de Nova York ainda este mês. Projetos de lei similares, mas ao nível estadual, estão sendo discutidos em Nova York, Massachusetts, Vermont e Nova Jersey” (Caixeta, 2023, n.p).

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Crtn6PEuPIR/>. Acesso em: 1º maio 2023.

preconceito institucionalizado e que, por isso, também deve estar no escopo das ações do Estado e do judiciário.

Tais avanços identificáveis na atualidade são devedores do ativismo gordo, com sua história, suas lutas e suas ações, no passado e no presente. Conforme Aires (2019), esse ativismo emerge como movimento político e social em 1906, mas é nos anos 1960 que a luta se intensifica, notadamente nos Estados Unidos. Em 1969, é criada a Associação Nacional de Ajuda aos Americanos Gordos e, anos depois, ela é renomeada como Associação Nacional para o Avanço da Aceitação da Gordura (NAAFA). Já em 1972, membros da NAAFA fundam o *Fat Underground* que, em 1973, divulga o *Fat Liberation Manifesto* (Ribeiro, 2021a), importante marco do ativismo gordo.

O documento também critica a indústria da magreza e a objetificação dos corpos gordos; conclama pelo fim da discriminação contra pessoas gordas nas áreas de emprego, educação, instalações públicas e serviços de saúde; explica como a gordofobia médica só contribui para a piora da saúde das pessoas gordas; e condena a patologização dos corpos gordos. (Ribeiro, 2021a, n.p).

O *Fat Underground* se desfez, mas a NAAFA continua atuante até os dias de hoje<sup>16</sup>. O objetivo é garantir os direitos e melhorar a qualidade de vida das pessoas gordas, conscientizando sobre a discriminação em diferentes esferas da sociedade, como saúde, mercado de trabalho e educação (Aires, 2019).

Uma das grandes lutas do ativismo gordo contemporâneo, pontua Jimenez-Jimenez (2020), é a sua validação e ocupação de espaço no interior do próprio feminismo. Isso porque, mesmo no âmbito da luta feminista, muitas vezes, esse preconceito é visto como menos importante. Nesse caminho, é essencial legitimar as vozes das pessoas gordas que manifestam a maneira como vivenciam, cotidianamente, a repulsa e a falta de humanidade por meio da qual são vistas e tratadas (Jimenez-Jimenez, 2020).

A autora destaca, também, uma característica do ativismo gordo no Brasil e na América Latina, que vai ao encontro da nossa proposta de pesquisa: a interseccionalidade, o que ela identifica como uma potencialidade. Considerando a centralidade do peso, a gordofobia é pensada, então, em relação a outros eixos de opressão que vão inscrever a corporalidade em um lugar de sujeição, conformando diferentes lugares sociais para diferentes mulheres gordas (Jimenez-Jimenez, 2020).

Ainda sobre o ativismo gordo, é importante destacar que o seu escopo de atuação se difere do movimento denominado como *body positive*, que eclodiu nos Estados Unidos no

---

<sup>16</sup> O perfil da entidade no *Instagram* possui mais de 10 mil seguidores.  
Disponível em: <https://www.instagram.com/naafaofficial/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

final da década de 1990 (Rodrigues; Miguel, 2021). O *corpo livre*, como é conhecido no Brasil, está voltado para a ideia de aceitação corporal, equidade de corpos e várias formas de beleza (Gurgel, 2018). Ao contrário do gordotivismo, ele tem uma abordagem mais ampla e tematiza questões que extrapolam as discussões sobre peso, tamanho ou forma corporal. Isso porque questiona-se, também, outros tipos de características físicas, alvos da *pressão estética*, como a cor da pele, o cabelo, as deficiências, entre outros (Arruda, 2021a).

Já o ativismo gordo tem um perfil mais político, pois reivindica a igualdade de direitos, o respeito e a dignidade das pessoas gordas, negados com base na estigmatização desse grupo social. Para isso, reúne seus esforços principalmente na luta pela despatologização e pela acessibilidade (Jimenez-Jimenez, 2020), além de outras questões relacionadas aos eixos estruturantes da gordofobia sobre os quais trataremos uma abordagem aprofundada mais à frente neste capítulo.

Após esse breve exercício de caracterização e localização da gordofobia ao longo da história, passamos, agora, à concepção do preconceito tal qual o compreendemos nesta pesquisa: como um dos atravessamentos na perspectiva interseccional, sendo o peso um fator relevante na construção das subjetividades e vivência dos sujeitos na sociedade contemporânea.

## 2.2 O PESO<sup>17</sup> COMO EIXO DE OPRESSÃO NA ABORDAGEM INTERSECCIONAL

Ao adotar uma perspectiva interseccional, assim como propõe Crenshaw (2002, p. 182), nos interessa olhar para a interação entre os “eixos de subordinação”, o modo como convergem seguindo “[...] as pistas da discriminação até o ponto onde as práticas de subordinação interagem com, influenciam e são influenciadas por outras formas de subordinação”. Assim, explica a autora, é possível refletir sobre como ações e políticas determinadas produzem opressões que “fluem” nesses eixos e, a partir desse processo, conformam faces do desempoderamento: combinações de opressões que se constituem de maneira particular em cada caso, “diferenças que fazem diferença” (Crenshaw, 2002, p. 173).

Como explica Silva (2021), Crenshaw utiliza uma metáfora para explicar a dinâmica por meio da qual esse processo se configura. Nela, os marcadores da diferença são avenidas e

---

<sup>17</sup> Assim como Carrera (2021a), não denominamos o peso conforme a classificação biomédica do IMC. Por nossa perspectiva, entendemos o peso como a leitura social do corpo como gordo ou magro, sendo o primeiro associado a características de teor negativo e o segundo à beleza, ao sucesso e à saúde.



os sujeitos são inscritos nos cruzamentos dessas avenidas, de acordo com os seus pertencimentos.

Sujeitos posicionados em cruzamentos, se encontrariam em locais mais suscetíveis a “atropelamentos” individuais e simultâneos – do “carro do racismo”, do “carro do sexismo”, do “carro do classismo” e de outros “carros”. Portanto, quanto maior o número de opressões que se sobrepõem na vida de um sujeito, maior a situação de vulnerabilidade desse sujeito. Ao estar posicionado em um cruzamento de identidades e subjetividades, ele pode ser “atropelado” várias vezes. (Silva, 2021, p. 114).

Como demarcam Corrêa *et al.* (2018), o conceito de interseccionalidade foi cunhado pela ativista dos Direitos Humanos e feminista, Kimberlé Crenshaw, em 1989, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*<sup>18</sup>. No entanto, lembra Lima (2021a), essa perspectiva já se fazia presente nas produções de pensadoras negras no Brasil na década de 1970.

[...] intelectuais negras brasileiras, como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Edna Roland e Luiza Bairros, já vinham desenvolvendo reflexões acerca da posição da mulher negra na sociedade, passando, inclusive, pela noção de interseccionalidade. Como não usaram exatamente esse termo nem encaixaram suas discussões nos formatos aceitos pelos espaços tradicionais de conhecimento, tais produções não foram devidamente reconhecidas como foi feito com a esquematização de Crenshaw, feita em um primeiro momento em 1989 e revisitada outras vezes pela jurista ao longo dos anos. (Lima, 2021a, p. 15)<sup>19</sup>.

Collins e Bilge (2021) chamam a atenção para a grande heterogeneidade na compreensão e no uso da interseccionalidade. Ou seja, ela pode se configurar de diferentes maneiras e se constitui como um processo aberto, em contínua elaboração. No entanto, ao adotar leituras interseccionais, é preciso ter em perspectiva que trata-se de processos contextualmente localizados em que as opressões não se configuram como dimensões “distintas e excludentes”. “De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social” (Collins; Bilge, 2021, p. 16).

Para Carrera (2021a), a construção de uma abordagem interseccional se dá com base em dois movimentos. O primeiro é assentir que é necessário tomar consciência das opressões, mas também dos privilégios que atravessam a constituição das identidades sociais. Uma mulher branca, por exemplo, será atravessada pela avenida de opressão gênero, mas é preciso

<sup>18</sup> Em livre tradução: “Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, à teoria feminista e à política antirracista”.

<sup>19</sup> Para um histórico aprofundado sobre o conceito, Cf. Silva (2021) e Collins e Bilge (2021).

ter em perspectiva que, quando falamos sobre raça, ela desfruta de uma salvaguarda, já que não está em um lugar subalternizado.

O segundo movimento, sugerido pela autora, é reconhecer que os marcadores da diferença se constituem de maneira particular e carregam em si uma complexidade intrínseca. Parte-se do pressuposto de que as opressões não podem ser lidas por meio de uma hierarquização, mas compreendidas como resultado de uma série de variáveis, socialmente localizadas, que, em uma dinâmica de entrecruzamento, vão conformar a maneira como os eixos de opressão se configuram e implicam na vida de cada sujeito e em toda a estrutura social (Carrera, 2021a).

Ao afirmar que a abordagem interseccional não parte de uma classificação dos níveis de opressão, não podemos negligenciar a maneira como cada eixo de subordinação traz, em si, diferentes vivências. A gordofobia, por exemplo, pode ser lida como uma opressão “emergente” e, como nos alerta Akotirene (2021), com base em Carlos Moore (2007), igualar este preconceito a outras opressões, como o racismo, por exemplo, é desconsiderar uma estrutura de dominação histórica e institucionalizada.

No entanto, como reforça a própria autora, a epistemologia feminista negra, conjecturada por Patricia Hill Collins, repreende a ideia de disputa entre os menos favorecidos e a ideia de uma hierarquia entre os eixos de subordinação. Como lembra Pilger (2021), essa concepção, da não hierarquização das opressões, já estava presente em um texto de Audre Lorde, de 1983. A partir de um relato pessoal, a intelectual demonstra como as opressões se constituem de maneira interseccional. Diante desse quadro, é preciso que também a luta se constitua como um enfrentamento que não privilegia determinadas opressões em detrimento de outras (Pilger, 2021).

Entre as mulheres lésbicas eu sou negra; e entre as pessoas negras, eu sou lésbica. Qualquer ataque contra as pessoas negras é um problema para lésbicas e gays, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é um problema para pessoas negras, porque milhares de lésbicas e homens gays são negros. Não existe hierarquia de opressão. (Lorde, 2019, p. 236).

Nesse sentido, não se trata de comparar, igualar ou disputar quem “sofre mais”, mas reconhecer a maneira como os marcadores se constituem em cada situação, considerando a forma como eles se interseccionam. Nesta pesquisa, partimos de uma perspectiva interseccional porque acreditamos que ela pode contribuir para que seja possível observar as dicotomias e as sobreposições de opressões quando falamos também sobre gordofobia.

Ademais, buscamos contribuir para a ratificação do entendimento do eixo peso enquanto lugar de subordinação na sociedade contemporânea.

É, portanto, fundamental reconhecer que o peso adquire, na conjuntura sociocultural e histórica, um lugar significativo na produção das subjetividades, uma vez que constrange os limites possíveis de existência e desloca o sujeito da normatividade para a marginalização. Atravessado por outras avenidas de opressão, o peso, então pode adquirir valores diferenciados na produção dos caminhos subjetivos do indivíduo [...]. É relevante considerar estes entrecruzamentos e reconhecer a importância dessa categoria para a formação subjetiva dentro de uma análise interseccional. (Carrera, 2021a, p. 6).

Em consonância com esse entendimento, Lima (2021a) defende que a interseccionalidade – que emergiu a partir das reflexões de intelectuais negras<sup>20</sup>, pode e deve ser usada para pensar diferentes opressões e seus atravessamentos, entre elas, a gordofobia. Importante ressaltar que no interior de um mesmo grupo social, como o de mulheres gordas, as opressões não se constituem de maneira isonômica. Quando pensamos na relação entre gorda maior x gorda menor, categorias usadas no âmbito dos ativismos, as particularidades que esse tamanho corporal traz para cada experiência reverbera em todas as faces do preconceito: são gordofobias diferentes para corpos diferentes.

Como destaca Pilger (2021), ao falar sobre gordas maiores e menores, é preciso ter em perspectiva a limitação desse tipo de tipologia, que pode se mostrar insuficiente. Assim, a intenção não pode ser normatizar as corporalidades ou colocá-las em “caixinhas”, a partir de uma classificação. Há uma grande diversidade corporal e a forma como cada pessoa se vê e pode ser lida muda de acordo com a época ou a cultura em que ela vive. O propósito, ao apontar essas diferenças, é pensar diferentes vivências de opressão para pessoas gordas, o que nos ajuda a vislumbrar a maneira como o atravessamento do eixo peso se constitui de maneira particular em cada caso. Ou seja, a interseccionalidade nos evidencia que tipos de corporalidades gordas são privilegiadas em detrimento de outras; que tipos de corpos gordos merecem uma vida mais digna e quais estão fadados de forma mais intensa à “clandestinidade” e à invisibilidade” (Pilger, 2021, p. 233).

Dessa forma, o entendimento da interseccionalidade nos dá ferramentas necessárias para complexificar as vivências das pessoas gordas. Refletir sobre as combinações de opressões que cada uma sofre, nos proporciona evidenciar como se organiza a hierarquia do espaço social e sobre privilégios e opressões que ocorrem mesmo dentro de um grupo marginalizado como o das pessoas gordas. Portanto, é

---

<sup>20</sup> “Isto mostra como o fato do conceito de interseccionalidade ter partido de pensadoras negras não é aleatório. Por serem entendidas ora como mulheres, ora como negras, não tinham suas reivindicações contempladas plenamente nem pelo feminismo tradicional nem pelo movimento antirracista. Essa inadequação aos dois movimentos, feminista e antirracista, é um dos pontos de partida da discussão sobre a urgência de se moldar uma nova teoria feminista, feita pela intelectual estadunidense bell hooks” (Lima, 2021a, p. 17).

importante perceber que tipo de corpa gorda é privilegiada socialmente e culturalmente [...]. (Jimenez-Jimenez *et al.*, 2022, p. 29-30).

No que se refere à *patologização*, quanto maior o tamanho do seu corpo, mais você será considerado doente. A própria medicina, em sua classificação da “obesidade”, traz a divisão, a partir do cálculo do IMC<sup>21</sup>, entre “saudável”, “sobrepeso”, “obesidade” e “obesidade mórbida”. Nas questões de *acesso* e *acessibilidade*, a pessoa gorda menor consegue andar de ônibus e avião, passar em catracas e até mesmo realizar exames, como tomografia e ressonância. Já gordas maiores, em alguns casos, precisam se submeter ao constrangimento de buscar clínicas veterinárias para realizar determinados procedimentos.

As gordas maiores são aquelas que mais sofrem com os discursos de ódio, assim como os processos de *animalização*: quanto maior o seu corpo, mais distante de um ser humano você está. A *culpabilização* também cresce exponencialmente à medida que o volume do corpo é maior, por meio da associação a diferentes estereótipos e da responsabilização por “ter chegado àquele ponto”.

Quando pensamos na *pressão estética*, as diferenças também permanecem. Se o padrão de beleza contemporâneo tem como um dos pilares a magreza, quanto mais distante dela (ou quanto maior você for) mais longe deste padrão você estará. Sobre a *linguagem* e as *representações*, cabe apontar que elas não são favoráveis aos corpos gordos de uma maneira geral, mas quando pensamos nos gordos maiores o cenário se mostra ainda mais calamitoso. De representações altamente pejorativas a um processo de quase invisibilidade: quais gordas(os) maiores você já viu na mídia e quais papéis elas e eles ocupavam?

Ainda na trilha da compreensão da gordofobia sob uma visada interseccional, partimos da perspectiva de que o preconceito se constitui como uma *questão de gênero*, em consonância com Jimenez-Jimenez (2020), Arruda (2021a) e Pilger (2021). Sabemos que a gordofobia afeta homens e mulheres, mas são estas últimas as que mais sofrem. Todos os eixos estruturantes do preconceito, que discutiremos no próximo tópico, vão incidir de maneira mais reiterada e cruel perante uma mulher. Vigarello (2012) também problematiza esse atravessamento entre peso e gênero juntamente com a questão de classe. Para o autor, a estigmatização do corpo gordo:

Pode refletir também diferenças nutridas entre os gêneros masculino e feminino, como entre grupos sociais. A culpabilização, por exemplo, revela-se mais severa com o corpo feminino, do qual tradicionalmente se espera flexibilidade e leveza. Como pode, ao contrário, mostrar-se mais tolerante para com os que ocupam posição dominante, cuja ascendência tradicionalmente se acomoda a volumes mais imponentes. (Vigarello, 2012, p. 12).

<sup>21</sup> Índice de Massa Corporal (IMC) (peso x altura ao quadrado).

Esse cenário, em que as mulheres são submetidas à busca por um corpo tido como perfeito na sociedade contemporânea, está diretamente relacionado com o papel e com as expectativas sociais atribuídas a elas em nossa sociedade. Existe uma vigilância ideológica que busca controlar e punir os corpos femininos, localizada em um contexto de uma sociedade patriarcal e heteronormativa (Arruda, 2021a).

Tal dinâmica dá a ver o modo como o gênero é resultado de uma construção social e cultural. Nessa perspectiva, Louro (1997) argumenta que é preciso diferenciarmos o sexo biológico do gênero, mas sem negligenciar que este último se conforma em relação a corpos sexuados. Como explica a autora, os significados atribuídos às corporalidades são conformados socialmente e a inscrição de um determinado gênero nesse corpo se dá com base em uma cultura, assim como as possibilidades da sexualidade também são constituídas socialmente. “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 2000, p. 6).

Diante desse quadro, defende Pelúcio (2014, p. 104), é preciso “desnaturalizar” o gênero, que não deve ser lido como um dado biológico fixo, mas compreendido como algo que sofre transmutações, pois se constrói em diálogo com o contexto histórico. “Bem, se gênero fosse uma derivação absolutamente natural da genitália, não precisaríamos reiterar constantemente os ensinamentos de gênero: ‘menino não chora’; ‘se senta como uma menina’; ‘menino não brinca de casinha’; ‘menina não faz estas coisas’...” (Pelúcio, 2014, p. 121). Ou seja, a produção dos gêneros e das sexualidades se dá por meio de aprendizados e práticas que vão nos ensinar o que é “coisa de menina” e o que é “coisa de menino”. Diferentes instituições, entre elas, a família, a escola, a igreja e a mídia, atuam como instâncias significativas nesse processo (Louro, 2008).

Para Pelúcio (2014), o gênero, sendo uma construção social, deve ser compreendido a partir de um viés político, uma vez que a maneira como ele é concebido incide nas relações de poder em nossa sociedade. Scott (1995, p. 91) corrobora com essa visão e afirma que as estruturas societárias, que hierarquizam e determinam os lugares de poder e sujeição, são construídas com base na concepção generalista das “relações naturais” entre homem e mulher<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Para Scott (1995), o gênero pode ser definido por meio de duas dimensões indissociáveis: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Como explica Biroli (2018), esse processo de composição dos papéis de gênero<sup>23</sup>, fundamentado em uma aparente associação direta entre sexo biológico e comportamento, se dá desde a infância e vai reverberar nas posições ocupadas por homens e mulheres em nossa sociedade. Nos dias atuais, é possível visualizar as consequências das desigualdades de gênero em diferentes esferas da vida social, como no mercado de trabalho, na divisão das tarefas domésticas, no lugar do cuidado, e até mesmo no processo democrático (Biroli, 2018).

O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (Scott, 1995, p. 89).

Ao adotarmos uma visada interseccional, é necessário, também, desconstruir a ideia de uma categoria universal de mulher<sup>24</sup>. Por isso, é preciso possuímos em perspectiva o termo mulheres, no plural, considerando a complexidade, a diversidade de experiências e as reivindicações que emergem a partir dessas vivências heterogêneas (Louro, 1997). Essa dessemelhança se configura a partir de atravessamentos, como raça, classe, sexualidade, idade, entre outros, que vão configurar, também, diferentes lugares de gênero. “Essa concepção é fundamental para pensar as desigualdades por uma perspectiva de gênero, partindo dos lugares sociais das mulheres” (Berth, 2020, p. 51).

Essas camadas de subordinação ou eixos da diferença encontram-se mutuamente imbricados, onde cada categoria produz efeitos articulatórios sobre as outras em contextos históricos e geográficos específicos, viabilizando, assim, posições a serem ocupadas pelos sujeitos enquanto estabelecem agendas teóricas e políticas. Essa terceira abordagem, partindo da noção de interseccionalidade, expande significativamente o conceito de gênero, passando a formulá-lo como parte do conjunto heterogêneo de relações móveis, variáveis e transformadoras do campo social. (Costa, 2002, p. 80).

---

<sup>23</sup> Pelúcio (2014) questiona a conformação de papéis sociais de gênero. Ao ir de encontro à tendência de estereotipagem, ela defende que “Temos posições de gênero para as quais somos convocadas e convocados. Performamos, à medida que colocamos em atos, normas, convenções, padrões estéticos de gênero que são largamente aceitos como sendo femininos ou masculinos. Mas temos desafiado constantemente as ideias de papéis, pois a vida não é roteirizada como uma peça de teatro, e estas analogias com palco, teatro, papéis e máscaras, apesar de sedutoras, são insuficientes para levarmos a fundo as discussões nesse campo, que está atravessado por relações de poder que a analogia teatral não revela” (Pelúcio, 2014, p. 142).

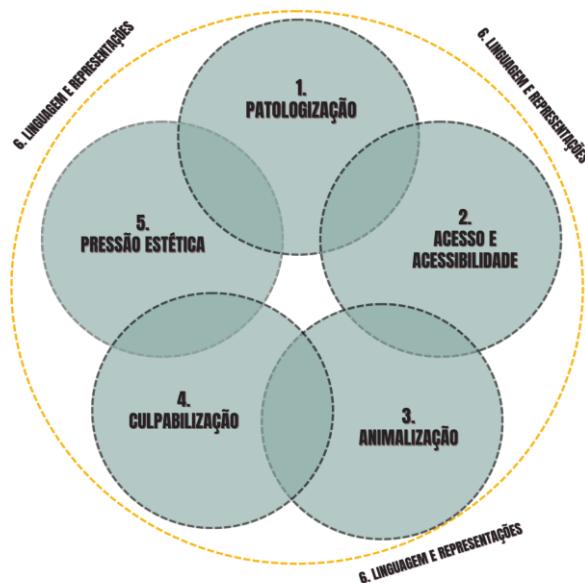
<sup>24</sup> “O histórico entrelaçamento do feminismo com o racismo também assumiu formas 'mais sutis'. Mesmo onde não eram explicitamente racistas, as feministas liberais e radicais, sem distinção, definiram o “sexismo” e as 'questões de gênero' de um modo que universaliza de forma enganosa a situação de mulheres brancas, de classe média. Extraindo o gênero da raça (e da classe), elas priorizaram a necessidade das 'mulheres' de escapar da vida doméstica e 'sair para trabalhar' – como se todas nós fôssemos donas de casa de bairros abastados!” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 53).

O peso também é um desses eixos de opressão e, partindo dessa visada construtivista e social, que irá incidir sobre a nossa leitura do objeto, defendemos que a gordofobia se constitui como uma questão de gênero. Isso porque, ainda que o preconceito atinja todas as pessoas gordas, ele se constitui de maneira ainda mais cruel frente às mulheres: reflexo de uma sociedade estruturada pelo patriarcado em que a normatividade institui o homem branco, heterossexual, classe média urbana e cristão como referência, e todos os demais, entre eles, as mulheres, como os “outros” (Louro, 2000). Ao conceber os eixos estruturantes da gordofobia, temática abordada no próximo tópico, buscamos contribuir para a compreensão sobre como o preconceito opera na contemporaneidade.

### 2.3 OS SEIS EIXOS ESTRUTURANTES DA GORDOFOBIA

Partindo dessa visada socio-histórica e interseccional da gordofobia, concebemos o preconceito, nesta pesquisa, a partir de seis eixos estruturantes intrinsecamente relacionados e indissociáveis: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. Por meio dessa proposta, objetivamos dar relevo a determinadas dinâmicas que, juntas, fomentam e mantêm a gordofobia como um preconceito estrutural e institucionalizado em nossa sociedade.

**Figura 5** – Os seis eixos estruturantes da gordofobia



Fonte: Elaborada pela autora.

### 2.3.1 Patologização

A *patologização* se constitui como um eixo estruturante da gordofobia porque esse processo se coloca como uma das bases na constituição do preconceito ao fundamentar, justificar e autorizar a discriminação. A *patologização* pode ser caracterizada como um mecanismo de imposição da gordofobia em que o corpo gordo é considerado doente apenas a partir da leitura moral que se faz da sua aparência, forma e peso corporal.

Esse olhar é possível porque o discurso midiático e biomédico fomenta a construção da ideia de um único corpo saudável e aceitável socialmente (Jimenez-Jimenez, 2020). “Nesse sentido, o sujeito gordo sente a exclusão social no plano estético, no âmbito do trânsito social e, inclusive no acesso a direitos fundamentais, uma vez que há *patologização* do corpo gordo por meio da construção da doença da obesidade” (Carrera, 2021a, p. 6). Diante disso, a militância gorda tem, como uma das suas principais frentes de luta, a busca pela despatologização, com base no entendimento de que nem todo corpo gordo é doente, assim como nem todo corpo magro é saudável.

Atualmente, a doença “obesidade” é tipificada com base no Índice de Massa Corporal – IMC (peso x altura ao quadrado). O padrão foi concebido em 1832 pelo matemático, astrônomo e estatístico belga Lambert Adolphe Quetelet (Abuchaibe, 2022). Como explica Gurgel (2018), o IMC foi criado para estabelecer parâmetros para estatísticas populacionais, tendo como referência populações brancas. Lima (2021b) evidencia que é uma medida que ajuíza uma grande variedade de corpos, com etnias, gêneros e outras composições diversas, a partir de um único padrão universal.

A utilização do índice já vem sendo revista em algumas partes do mundo. Como conta Arruda (2022b), no Canadá<sup>25</sup>, uma dos sistemas de saúde modelo mundialmente, os protocolos adotados para a identificação da “obesidade” foram revisados<sup>26</sup>. Em junho de 2023, a Associação Médica Americana (AMA) definiu uma nova política com relação ao IMC considerando o seu “dano histórico”. O relatório da entidade apontou que o padrão é um modo inadequado de aferir a medida corporal, já que não considera diferenças raciais, de gênero e idade (Ama..., 2023). A recomendação da associação é que, diante das limitações do seu uso, os profissionais de saúde utilizem o IMC em associação a outros índices, como

<sup>25</sup> “[...] a pesquisa ‘Obesidade em adultos: uma diretriz de prática clínica’, assinada por mais de 100 profissionais da área da saúde do Canadá e publicada na Revista CMJA Open pede que seja feita a revisão imediata do CID da obesidade e sugere sua exclusão” (Balbino, 2021a, n.p).

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.cmaj.ca/content/192/31/E875/>. Acesso em: 23 maio 2023.



medidas de gordura visceral, índice de adiposidade corporal, composição corporal, massa gorda relativa, circunferência da cintura e fatores genéticos/metabólicos.

Outra questão importante a ser trazida à tona, no contexto dos processos de *patologização*, é o modo como o fator econômico foi determinante para a constituição da “obesidade” enquanto uma doença. A concepção da ideia de “obesidade” foi e continua sendo permeada por interesses mercadológicos e constituída a partir de um paradigma científico patriarcal e mercadológico (Jimenez-Jimenez, 2020).

Como explica Jimenez-Jimenez (2020), a questão do corpo gordo era concebida como um problema estético e moral. Isso porque ele é vinculado à ideia de feiura e atribuímos às pessoas gordas estereótipos que indicam, por vezes, um desvio moral. A partir da tipificação da “obesidade” como doença, a gordura passa a ser um problema de saúde, pautada por uma política de combate. A década de 1990 é marcada pelo surgimento de relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) que inscrevem a corporalidade gorda em um lugar de doença perigosa, uma epidemia mundial (Jimenez-Jimenez, 2020).

Essa *patologização* se reflete na maneira como as pessoas gordas vivenciam todas as esferas da vida social e, de modo específico, a área da saúde. Lima (2021b) descreve como esses sujeitos sofrem com a falta de acolhimento, o julgamento, o excesso de preocupação com o peso e a negligência. Além da falta de estrutura, com macas, aparelhos e camisolas, entre outros, que não comportam os corpos gordos, e, por fim, a ausência de políticas públicas.

De acordo com pesquisa da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso) e da Sociedade Brasileira de Metabologia e Endocrinologia (SBEM), 60,4% das pessoas gordas no Brasil já sofreram gordofobia em consulta médica (Franco; Rosa, 2023). Lima (2021b) demonstra que esse tipo de atendimento gera diagnósticos e tratamentos inadequados e, em alguns casos, o afastamento da pessoa gorda dos consultórios médicos. Ainda de acordo com a autora, é preciso chamar a atenção, também, para os danos à saúde mental, já que o preconceito, que se faz presente nos serviços e nos estudos da área, fomenta processos de autodepreciação e ódio sobre si mesmo, o que não está em consonância com a concepção de uma vida saudável.

O que está colocado nessa conjuntura e legitima os processos de *patologização* são os estereótipos com forte teor negativo sobre o corpo gordo. De modo específico, o discurso biomédico caracteriza o gordo como desleixado e negligente com a sua saúde, enquanto o magro, independentemente do seu estilo de vida, é saudável apenas por ostentar o corpo que tem.

A normalização desse discurso médico sobre pessoas gordas é disseminada e incorpora o estereótipo de desleixadas, sem higiene, que se alimentam mal e são preguiçosas, características que justificariam os ataques. Ao mesmo tempo que pessoas magras com comportamentos desleixados com a higiene, alimentação com excesso de açúcares, sedentários ainda são vistos como pessoas saudáveis e que se cuidam. (Lima, 2021b, p. 123).

O *reality show Big Brother Brasil* nos dá uma amostra dessa lógica binária gordo-doente x magro-saudável. Na edição de 2023, a atriz Bruna Griphao, participante do “camarote”, chamou a atenção dos telespectadores pela quantidade de cigarros que fumava diariamente. No entanto, ela continuou sendo aclamada pelo seu corpo torneado e estilo *fitness*. O perfil sobre celebridades “Choquei<sup>27</sup>”, com 19,8 milhões de seguidores no *Instagram*, fez um *post* defendendo a ideia de que é possível fumar e ser saudável (Figura 6).

**Figura 6** – Publicação do @choquei no *Instagram* – Bruna Griphao



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no *Instagram* @nutri.des.construida<sup>28</sup>.

Esse exemplo midiático dá a ver o quanto a nossa sociedade baliza a saúde das pessoas a partir de critérios puramente físicos e estéticos, pautados na ideia da magreza como valor social e indicativo de saúde. Nessa dinâmica, os estereótipos fundamentam o discurso de preocupação com a saúde que é utilizado por muitos sujeitos como justificativa para atos gordofóbicos, ofensas e comentários constrangedores direcionados a pessoas gordas, em contraposição à condescendência quando se trata de pessoas magras, especialmente brancas e jovens.

Em consonância com essa dinâmica, Araújo *et al.* (2018, p. 13) identificaram “a saúde como discurso justificador da discriminação” como um eixo central dos discursos de usuários da internet em uma pesquisa sobre as representações sociais da gordofobia. Para os autores, o preconceito contra as pessoas gordas, pode, então, se transfigurar em manifestações que

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/choquei/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cnj2JBbuNGM/?igshid=NDdhMjNiZDg%3D>. Acesso em: 20 abr. 2023.

evidenciam uma aparente preocupação com a saúde do sujeito gordo. No entanto, ao tecer tais afirmações, que se fundamentam na compreensão da “obesidade” como doença, as pessoas não levam em consideração as consequências negativas dos seus atos.

Como evidencia Lima (2021b), quando o discurso de preocupação com a saúde não se sustenta, a “romantização da obesidade” ou “apologia à obesidade” é, então, acionada. Sob essa perspectiva, as pessoas gordas, que se posicionam a favor da sua corporalidade, estariam colocando em um lugar de idealização romântica uma doença e uma vivência marcada por aspectos negativos e sofrimento. De acordo com esse viés, o ativismo gordo romantiza, apoia e incentiva algo que é condenável e é uma questão de saúde pública a ser combatida.

O que, por si, já exclui o argumento da ‘romantização da obesidade’ que vem sendo repetido à exaustão, esculachando corpos gordos que estão apenas tentando existir com a dignidade de um corpo padrão, mas são perseguidos e odiados, não importa o que estejam fazendo, sob o argumento de que não é ódio, mas ‘preocupação com a saúde’. (Balbino, 2021b, n.p).

Nesta pesquisa, compreendemos que a atuação do ativismo gordo e as ações de celebridades contra a gordofobia estão, na verdade, buscando assegurar que essas pessoas tenham o direito de existir e serem como são. Se fizermos uma análise voltada para os espaços de poder, especialmente o midiático, não nos faltam exemplos sobre como o que é romantizado – diariamente – em nossa sociedade é a magreza. Isso ocorre nos anúncios publicitários, nas telenovelas, nas séries, nos filmes, nas revistas, nos jornais e nas redes sociais digitais, entre outros lugares midiáticos. Essa romantização da magreza se sustenta com base em um vasto mercado da cultura da dieta e da indústria da beleza que sempre apresenta aos consumidores, notadamente mulheres, novos produtos e soluções para estar mais perto do “corpo ideal”.

Enquanto ser gordo é considerado fator de risco para a saúde, as medidas extremas de perda de peso, bem como os prejuízos à perda da saúde em busca de um corpo magro, não são vistos com a mesma preocupação. A insistência para emagrecer pode tornar-se um risco para a saúde, aumentando a possibilidade de doenças futuras. (Lima, 2021b, p. 120).

Ainda sobre a *patologização*, é preciso lembrar que a sua consequência mais grave é a negligência ou, em alguns casos, até mesmo a morte daqueles que, em busca de um atendimento de saúde, não recebem um olhar que possa ir além do seu corpo gordo. Infelizmente, os relatos não são incomuns, como o de uma mulher de Cuiabá (MT) que precisou retirar os dois seios após descobrir um câncer de mama em estágio avançado. A paciente contou que havia procurado atendimento em 2019, mas que o médico, eliminando qualquer possibilidade de um problema grave, afirmou que a questão estava relacionada ao

“excesso de peso” e que ela deveria emagrecer (Gordofobia..., 2022). Relatos desse tipo evidenciam a necessidade de a *patologização* ser discutida nos diversos âmbitos da vida social para que seja garantido à pessoa gorda um atendimento digno e humano, o que passa, necessariamente, pela garantia da acessibilidade para corpos gordos.

### 2.3.2 Acesso e acessibilidade

Falar sobre *acesso e acessibilidade*, no âmbito das discussões sobre gordofobia, é tensionar a garantia de direitos básicos. O direito de se deslocar, o direito ao consumo, o direito à saúde, o direito ao lazer, entre tantos outros que, muitas vezes, são negados às pessoas gordas. “A gordofobia é uma estigmatização porque ela exclui as pessoas gordas do direito de ir e vir, do direito sobre os próprios corpos, de estar em espaços públicos e/ou privados<sup>29</sup>” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 59). Gurgel (2018) enumera exemplos práticos sobre como a falta de *acesso e acessibilidade* impacta a vida da pessoa gorda diariamente:

[...] - não caber no assento do avião; ter que pedir extensor de cinto;  
 - não poder ir com os amigos ao bar para onde eles chamaram porque a cadeira que eles usam no estabelecimento é de plástico e você tem medo de quebrá-la;  
 - não ter a oportunidade de encontrar uma roupa que caiba em você em um *shopping*, por exemplo, pois as marcas populares não fazem tamanhos maiores;  
 - entalar na catraca do ônibus ou metrô e ainda ter que ouvir piadinhas e passar pelo constrangimento de pedir ajuda;  
 - estar grávida e não ter uma maca no hospital em que caiba você, apenas a da cirurgia bariátrica; [...]. (Gurgel, 2018, p. 86).

Mesmo nos espaços mais privilegiados, como o transporte aéreo, a gordofobia se faz presente. Em 2022, a influenciadora Juliana Nehme voltava do Líbano e foi impedida de embarcar na classe econômica por ser gorda. A orientação da companhia aérea foi de que ela deveria comprar uma passagem da classe executiva ou dois bancos comuns, além de pagar multa por não ter embarcado na data agendada (Bernardes, 2022).

O caso reverberou nas redes sociais digitais e ganhou repercussão também na mídia tradicional, tendo uma matéria veiculada no programa da Rede Globo *Fantástico*<sup>30</sup>. A influenciadora conseguiu retornar ao Brasil somente três dias após a data inicial prevista para

<sup>29</sup> No que se refere a acessibilidade e arquitetura, não há uma norma/lei específica para pessoas gordas. A norma considerada, nesse caso, é a NBR 9050/2015 que trata sobre acessibilidade para pessoas com deficiência, idosos e obesos (pessoas com mobilidade reduzida). Disponível em: [http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA\\_NBR-9050.pdf](http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf). Acesso em: 25 maio 2023.

<sup>30</sup> A legislação sobre o acesso de pessoas gordas é diferente em cada país. “No Brasil, a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) tem uma resolução de 2013 voltada às pessoas com necessidades de assistência especial, que inclui pessoas com mobilidade reduzida, mas não trata especificamente dos passageiros gordos. Neste caso, se precisar do assento extra, a pessoa pode ter que pagar por essa segunda poltrona, sem que a empresa seja obrigada a dar desconto” (Influenciadora...2022, n.p).

o embarque devido a uma mobilização que envolveu a manifestação de influenciadores digitais e o trabalho de advogados. Após o ocorrido, a justiça determinou que a empresa *Qatar Airways* pague tratamento psicológico à vítima (Justiça..., 2022).

Mas o que está por trás dessa falta de acesso? Para responder a essa pergunta, Jimenez-Jimenez (2020) relaciona dois eixos estruturantes da gordofobia: o *acesso* e a *acessibilidade*, e a *culpabilização*. Para a autora, continuar impedindo as pessoas gordas de ocupar espaços, inclusive os de poder, é mais um mecanismo pelo qual a gordofobia se impõe a partir da responsabilização. Ao invés de a sociedade fomentar ações de políticas públicas e responsabilidade social, cabe ao sujeito gordo se encaixar no mundo que é pensado para pessoas magras.

A moda é um campo potente para refletirmos sobre *acesso e acessibilidade* para corporalidades gordas. Aires (2019) se dedica ao estudo da moda *plus size*<sup>31</sup> e nos mostra como, na sociedade atual, regida por regras de mercado capitalistas, o direito ao consumo é preceito para que a pessoa seja vista como um sujeito, um cidadão: “Ele se torna indivíduo ao passo que consome. Ou seja, o gordo que era frequentemente marginalizado só é redimido no momento em que produz e pode se tornar consumidor [...]” (Aires, 2019, p. 149).

A autora traça uma linha do tempo sobre o histórico da moda para pessoas gordas que se inicia entre 1915 e 1930 com a moda *Stoutwear* nos Estados Unidos. O corpo *stout* é visto, então, como inapropriado e, por isso, passível de uma correção com o objetivo de amenizar o corporalidade da mulher gorda (Aires, 2019). Como conta a pesquisadora, em 1980, há um *boom* da moda *plus size* estadunidense e depois, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, um declínio. Ainda nos anos 2000, há um processo de retomada com um discurso de diversidade e inclusão que intenta abarcar a ideia de uma moda que abraça a diferença. Nesse processo, há a conformação e o fortalecimento de nichos de mercado em diversas áreas, incluindo a moda *plus size* (Aires, 2019).

No entanto, como ressalta Aires (2019), é preciso ter um olhar crítico e contextualizado diante desse deslocamento das empresas e marcas rumo a um discurso diverso e inclusivo. No caso da moda *plus size*, não podemos negligenciar a importância dessas ações para a autoestima e a ocupação de espaços pelas pessoas gordas e, conseqüentemente, para a luta antigordofobia. Por outro lado, também não devemos esquecer que esses atos são regidos por interesses econômicos, se constituindo como uma estratégia de mercado e, configurando, assim, um paradoxo.

---

<sup>31</sup> *Plus size*, em livre tradução, tamanho maior, é um termo de mercado utilizado para denominar numerações, geralmente, a partir do 46.

Assim, embora a moda *plus size* seja uma estratégia de segmentação mercadológica para ampliar a produção e o consumo, é inegável que a recente visibilidade que o mercado vem dando a outras estéticas corporais, que não somente a hegemônica, promove o debate de questões sociais como preconceitos e estigmas. Neste sentido, a ampliação do debate sobre os corpos *plus size* e/ou gordos também traz possibilidades de transformação no que se refere à construção identitária, à autoestima, ao pertencimento social e à produção de subjetividades, dentre outras. (Aires, 2019, p. 215).

No Brasil, as pessoas gordas ainda enfrentam dificuldades para se vestirem, como a falta de lojas físicas, os preços mais altos e a dificuldade para encontrar numerações grandes, no caso das gordas maiores. Para Aires (2019, p. 21), essa negação do mercado tem relação com os estigmas relacionados ao corpo gordo, notadamente fomentados por discursos patologizadores, o que impõe questões de “ordem ético-estética”. Nesse processo, as marcas podem optar por não representar mulheres gordas para que não tenham a sua imagem vinculada à “obesidade”, o que corre o risco de ser lido como um estímulo a um estilo de vida não saudável (Aires, 2019).

Além da moda, o mercado de trabalho é um importante indicador da falta de *acesso e acessibilidade* das pessoas gordas. No estudo *Gordofobia e mercado de trabalho no contexto brasileiro: resultados preliminares*<sup>32</sup>, 48% dos respondentes, quase metade dos entrevistados, disseram que já foram vítimas do preconceito no ambiente organizacional. A pesquisa dá a ver a maneira como as relações profissionais também são balizadas por questões físicas e estéticas e que não abrangem formação, qualificação, competência, capacidade de trabalhar em equipe e de liderar, entre outras qualidades valorizadas no mercado de trabalho (Estevão-Rezende; Nascimento; Alves, 2018).

Tal dinâmica se sustenta por meio dos estereótipos negativos atribuídos às pessoas gordas que se fazem presentes também na esfera profissional. Um dos operadores para a construção e manutenção desses sentidos limitantes relacionados à pessoa gorda, que sustentam os processos de negação do acesso e da acessibilidade, é a *animalização*, terceiro eixo estruturante da gordofobia sobre o qual iremos refletir no tópico seguinte.

---

<sup>32</sup> Para detalhes sobre a pesquisa, cf.: CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. Pesquisa gordofobia e mercado de trabalho no contexto brasileiro: resultados preliminares. 1º CONGRESSO PESQUISA GORDA: ATIVISMO, ESTUDO E ARTE, 1., 2022. *Anais [...]*. Rio de Janeiro (RJ): UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/511427-PESQUISA-GORDOFOBIA-E-MERCADO-DE-TRABALHO-NO-CONTEXTO-BRASILEIRO--RESULTADOS-PRELIMINARES>. Acesso em: 18 abr. 2023.

### 2.3.3 *Animalização*

O processo de *animalização* e/ou desumanização, outro eixo estruturante da gordofobia, é caracterizado pela destituição da dimensão humana e de tudo aquilo que está implicado nisso, como respeito, dignidade e afeto. Esse eixo estruturante opera, então, com uma lógica desumanizadora que torna mais fácil o direcionamento do ódio às pessoas gordas, algo fomentado por discursos de poder midiáticos e biomédicos.

O que acaba acontecendo é a negação de sua humanidade: os gordos perdem sua humanidade, porque todos os direitos humanos começam a ser negados institucionalmente a esse corpo. A ideologia vigente é que o corpo gordo não é humano e, portanto, não tem o direito de ser tratado como todos os seres humanos. (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 67).

A estratégia de desumanizar foi e é utilizada de maneiras diferentes contra diversos grupos oprimidos. Berth (2020) nos lembra, por exemplo, das atrocidades cometidas no processo de escravização e o modo como as pessoas negras ainda sofrem com os processos animalizadores. Ainda hoje, racistas acionam expressões como “macaco” para atacar pessoas negras destituindo delas o que é humano.

Ao refletir sobre a *animalização*, no contexto da gordofobia, é possível construir uma relação com outros eixos estruturantes do preconceito. Se você não é humano, não deve ter a chance de frequentar os mesmos espaços que outras pessoas “normais” (*acesso e acessibilidade*); o que torna a pessoa gorda desprezível, a ponto de ser comparada e/ou tratada como um animal, ampara-se, também, no entendimento de que há uma falta de esforço e disciplina para mudar (*culpabilização*); e, por fim, se você não parece gente, é óbvio que não será considerada uma pessoa bonita e desejável (*pressão estética*). Essa desumanização também é fortemente fomentada e reforçada pela *linguagem* e pelas *representações*. Um dos xingamentos mais comuns às pessoas gordas é chamá-las por nomes de animais, geralmente grandes e, por vezes, considerados sujos e desengonçados.

Baleia/Elefanta/Porca ou qualquer outro animal: uma das formas de ação mais cruéis da gordofobia é justamente desumanizar a pessoa gorda, ao tratá-la como bicho ou como coisa. Há quem diga que “é só uma piada”, mas na prática, têm pessoas gordas tendo que ir a clínicas veterinárias para fazer seus exames, pois são destratadas em consultórios médicos. (Arruda, 2022c, n.p).

Ainda sobre o recurso da *animalização*, um exemplo da série estadunidense *The Office*, produzida pela NBC, é representativo desse processo. Nas imagens abaixo (Figura 7), o ambicioso vendedor Dwight Schrute, interpretado por Rainn Wilson, quer dopar o também vendedor Stanley Hudson, vivido por Leslie David Baker, para obrigá-lo a ir em uma visita

para vendas. As cenas que antecedem o frame caracterizam um Hudson sedentário e sem preparo físico que se recusa a sair do escritório porque o elevador está em manutenção. O personagem não quer enfrentar as escadas novamente, já que a subida até o local de trabalho foi feita com muita dificuldade, de modo humilhante, porque ele é gordo.

**Figura 7** – Frames da série *The Office*



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no site *Daily Motion*<sup>33</sup>.

Hudson está na cozinha e Schrute dispara dardos com tranquilizantes. O vendedor é atingido e abatido como um animal, cai no chão, é arrastado pelo escritório e depois pela escada do prédio até chegar ao carro no qual Dwight o levará para a reunião com a cliente. O exemplo pode parecer à primeira vista caricato, mas ilustra a maneira como as pessoas gordas são vistas e tratadas com base em estereótipos. “Ao tratá-la como bicho ou uma coisa, quem comete a violência gordofóbica age como se isso a eximisse de seus atos, como se eles não tivessem importância, afinal, ‘gorda nem é gente’, devem pensar as mentes gordofóbicas” (Arruda, 2022b, p. 29).

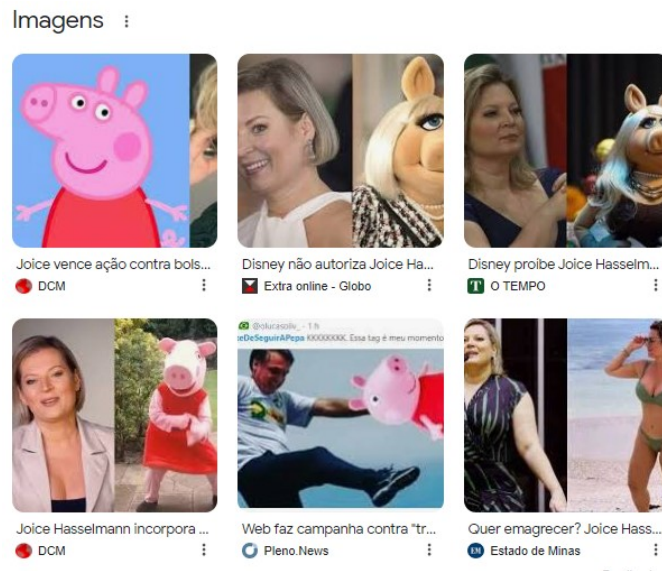
O processo de *animalização* não se restringe à ficção e se faz presente na experiência das pessoas gordas, sejam elas célebres ou não. No Brasil, essa estratégia foi utilizada como ferramenta de violência política de gênero contra a ex-deputada federal Joice Hasselmann. Desde o seu rompimento com o governo de Jair Bolsonaro, bolsonaristas, entre eles, o deputado federal, Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente, passaram a atacar Hasselmann associando a sua imagem à *Peppa Pig*, uma personagem de desenho infantil que representa uma porca, e à *Miss Piggy*, da série da *Disney Os Muppets*.<sup>34</sup> Em uma busca no *Google* pelos termos “joice hasselmann” “peppa pig”, é possível observar imagens e notícias que associam a política às personagens (Figura 8).

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x3cjqla>. Acesso em: 21 abr. 2023.

<sup>34</sup> Sobre as ofensas direcionadas a ela nas redes, em fevereiro de 2022, o Tribunal de Justiça de São Paulo condenou o blogueiro bolsonarista Mário Lutécio Martins Nascimento a uma indenização de 25 mil reais pelas postagens ultrajantes. Ted Martins, como é conhecido nas plataformas de comunicação digitais, foi indicado como o responsável pelas publicações que associam a imagem da política às personagens *Peppa Pig* e *Miss Piggy* (Cypreste, 2022).



**Figura 8** – Resultado da pesquisa para os termos “Joice Hasselmann” e “Peppa Pig” no *Google*



Fonte: Captura de tela do *Google Imagens*<sup>35</sup>.

Em resposta aos ataques, a ex-deputada se apropriou desse imaginário e utilizou a personagem *Miss Piggy*, do universo de *Os Muppets*, em um vídeo na campanha à Prefeitura de São Paulo, em outubro de 2020. No entanto, em nota, a *Disney* afirmou que não autorizou a utilização das imagens da personagem por Hasselmann (Ribeiro, 2020). Além disso, a então candidata à Prefeitura compartilhou, na mesma ocasião, uma outra produção de tom humorístico fazendo referência à personagem *Peppa Pig* (Castro, 2020).

Hasselmann saiu derrotada das eleições municipais e, em 2022, não conseguiu se reeleger como deputada federal. Importante lembrar que, em 2018, ela havia se tornado a mulher com a maior votação para o cargo na história do Brasil. Atualmente, após perder 22 quilos, Joice publiciza o seu emagrecimento e convida outras mulheres a realizarem o mesmo processo. A ex-líder do governo Bolsonaro na Câmara lançou um programa de emagrecimento rápido e passou a dar dicas de estilo de vida e alimentação supostamente saudáveis (Castro, 2023).

Importante pontuar, ainda, que a desumanização está também diretamente relacionada ao eixo estruturante da *patologização*: se você não é um sujeito, a sua vida não é tão importante para que tenha um atendimento médico adequado. Para nós, aqui está colocado o ponto mais cruel da desumanização: quando a associação a animais ultrapassa a linha dos

<sup>35</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=%22joice+hasselmann%22+%22peppa+pig%22&source=lmns&bih=674&biw=1517&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjTtYr4tOKDaxUdTLgEHXoSBJIQ0pQJKAB6BAgBEAI>. Acesso em: 16 jan. 2024.

sentidos e das representações e passa a ser vivenciada na materialidade da vida. Se a pessoa gorda morrer, terá sido sua culpa.

### 2.3.4 Culpabilização

A ideia que fundamenta o processo de *culpabilização* é a de que a pessoa gorda é a única culpada e responsável pela situação em que ela se encontra. Com respaldo em “boas intenções” um discurso responsabilizado inscreve o gordo em uma posição desajustada culpando-o por não corresponder a um padrão de beleza universal e excludente (Arruda, 2022c). Como pontua Jimenez-Jimenez (2020), a construção desse lugar de “culpado” se dá por meio dos discursos midiático e biomédico, o que gera processos de exclusão e descontentamentos que podem levar à busca pelo emagrecimento.

Nesse contexto, a *culpabilização* é utilizada, também, para deslegitimar a fala e a vivência das pessoas gordas. Para Araújo *et al.* (2018), elas são vistas como inferiores e, por isso, suas demandas não são reconhecidas. Isso se dá com fundamento em um discurso culpabilizador que atribui ao sujeito gordo a total responsabilidade por ser como é:

[...] o estereótipo do gordo como vítima/fracassada assume a função de negação e desqualificação da relevância do tema (gordofobia) e do seu respectivo e impactado grupo, que deve ser autorresponsabilizado por sua condição corpórea (explicação causal da obesidade). (Araújo *et al.*, 2018, p. 15).

A pessoa gorda carrega, em sua corporalidade, um símbolo de estigma (Goffman, 1988): a gordura. Assim, uma forma de refletir sobre a origem dos sentidos relacionados a esse grupo é pensar sobre como a gordura se configura, na sociedade contemporânea, como um sinal de estigma, relação apontada também por Jimenez-Jimenez (2020). Para Goffman, o estigma é a “situação social do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 1988, p. 7).

O ser estigmatizado se encontra em um contexto socio-histórico-político-cultural em que a sua existência é sempre questionada e violada, já que ela não é vista como digna ou adequada. Martino (2021), em diálogo com o conceito de estigma, explica que esse tipo de processo gera uma nova camada: a pessoa se sente responsável pelo estigma e, além de todos os processos de opressão que ela vivencia, tem que lidar com o sentimento de culpa. Nesse processo, muitas vezes, o isolamento é um caminho possível para se evitar ainda mais sofrimento, evitando o julgamento alheio (Martino, 2021).

Tais apontamentos sobre os processos de isolamento de grupos estigmatizados, nos remetem às discussões sobre a solidão da mulher negra na sociedade patriarcal. Mizaél,

Barrozo e Hunziker (2021) propõem uma revisão de literatura sobre a temática que traz à tona importantes padrões de vivência e comportamento que levam esse tipo de solidão a se configurar como parte intrínseca e constituinte do racismo estrutural e institucionalizado.

Tal solidão, explicam as autoras, não se restringe somente à ausência no âmbito amoroso, mas, também, no abandono parental, na ausência de relação com outras pessoas da mesma raça e no sofrimento ao não ser vista como um ser digno de afeto e amor, entre outros. No entanto, o “[...] preterimento afetivo-sexual obteve destaque nas pesquisas analisadas. Um ponto em comum a diversos trabalhos foi o relato, pelas mulheres negras, de que os homens negros preferem mulheres brancas para relacionamentos afetivo-sexuais estáveis” (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021, p. 232).

Ao fazermos um exercício de aproximação com a realidade vivenciada pelas mulheres gordas – sem negligenciar as diferenças que se constituem de forma particular em cada caso, é possível falarmos, também, sobre a *solidão da mulher gorda*. A *culpabilização*, em associação com o eixo da *animalização/desumanização*, influencia no lugar que a pessoa gorda pode ocupar, quando falamos sobre afeto.

Muitas vezes, explica Arruda (2021a), as mulheres gordas são entendidas como pessoas que não são dignas de serem amadas, ou são apenas fetichizadas, fadadas a relacionamentos que devem se desenvolver no “sigilo”, processo que também ocorre com as mulheres negras. Além disso, a autora lembra que no caso das mulheres gordas, além dos lugares da sensualidade e da beleza, a sua própria sexualidade também é negada. Sobre esse processo de preterimento no campo afetivo, a exclusão, os prejulgamentos e a solidão foram as marcas em comum das falas das mulheres gordas entrevistadas por Jimenez-Jimenez (2020).

Diversas vezes, o caminho para tentar se desvencilhar da solidão é se aproximar das corporalidades normativas e, assim, se afastar da culpa por não atender às expectativas sociais. No caso das mulheres negras, esse movimento se dá a partir de procedimentos estéticos como alisamento dos cabelos, cirurgias plásticas no nariz, entre outros. Essas características fenotípicas exigem reiterados e, por vezes, frustrados processos de mudança, o que gera consequências negativas para a autoimagem e autoestima de meninas e mulheres negras (Mizael; Barrozo; Hunziker, 2021).

Esse processo também ocorre com as mulheres gordas, mas acionando outras ferramentas estéticas, como constantes processos de emagrecimento e cirurgias plásticas em diferentes partes do corpo, como barriga, braços e papada, entre outros. Tal dinâmica dá relevo à inter-relação entre o eixo da *culpabilização* e o da *pressão estética*.

Existe todo um mercado que favorece e promete ações milagrosas para eliminar a gordura e ter saúde; esse comércio oferta produtos bem diversificados, porém todos abonam a ideia do emagrecimento ligado à saúde, mas que, na maioria das vezes, não cumprem com o prometido e ainda estimulam a culpabilização dos consumidores como responsáveis por não terem emagrecido, como mais um fracasso. (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 92).

A *culpabilização* e a *solidão* podem ser compreendidas como características inerentes a todos os estigmas. Como explica Martino (2021), em alguns casos, há a possibilidade de extinguir ou amenizar o símbolo de estigma. O símbolo de estigma gordura possui essa característica particular, já que ele pode ser disfarçado ou apagado, ainda que somente por um período determinado. Diante dessa possibilidade, às pessoas gordas são destinadas perguntas como: “por que você não emagrece?”, “é só fazer uma dieta!”, “se fulano emagreceu, por que você não consegue?”. É por este enquadramento da discussão sobre estigma que concebemos, nesta pesquisa, o conceito de *corpo provisório*.

Por ser um símbolo de estigma alterável, a gordura acaba sendo lida socialmente como uma situação que não pode (e não deve) se manter ao longo do tempo. “O estigma da gordura é uma forma de condicionar as pessoas a nunca engordar ou seguirem gordas, pois, dessa maneira, seríamos pessoas que fracassaram como indivíduos sociais” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 59). Como ser gordo não é algo desejável socialmente, pois carrega em si diversos estereótipos negativos e gera processos de exclusão, o corpo gordo deve ser transitório. É preciso estar gordo e nunca ser gordo para corresponder às expectativas sociais. Aqui, a marcação identitária está sempre ligada ao “estou” e nunca ao “sou”.

O corpo gordo causa estranhamento e está associado à imagem de algo errado e que, por isso, deve ser provisório. Essa ideia da corporalidade gorda como algo que precisa ser “ajustada” afeta a vivência e os espaços que essas pessoas ocupam na sociedade. Ao longo da vida, muitos deixam de fazer o que desejam e planejam por acreditarem que essas coisas não podem ser feitas até que tenham emagrecido.

Assim, a condição do corpo gordo deve ser apenas temporária até que se alcance o corpo “ideal” para aquela determinada atividade ou momento. Um exemplo clássico é o casamento. A exigência da “magreza” para o evento se coloca como uma imposição forte entre as mulheres. Muitas noivas estabelecem metas de perda de peso até a data da cerimônia. Tudo isso para corresponder à expectativa social da noiva magra. Essa exigência da magreza se impõe, até mesmo, pela dificuldade em encontrar vestidos de noiva que vistam corpos grandes, o que gera frustração entre as mulheres e reforça ainda mais a concepção de que o corpo delas é algo errado. No entanto, atualmente essa ideia de “noiva-padrão” já está sendo

questionada. A página no *Instagram Vai ter noiva gorda*, administrada por Ana Paula Alves Aguiar, é um exemplo disso (Figura 9).

**Figura 9** – Fotos do perfil do *Instagram Vai ter noiva gorda*



Fonte: Capturas de tela de imagens disponíveis no *Instagram @vaiternoivagorda*<sup>36</sup>.

No perfil, ela compartilha fotos de noivas gordas e divulga marcas, lojas e fotógrafos de casamento. As publicações demonstram que não é preciso se sujeitar à *pressão estética*, que impõe um padrão de beleza incalcançável, para ser a noiva que você deseja ser. É possível ser uma noiva gorda linda, feliz e realizada<sup>37</sup>.

### 2.3.5 *Pressão estética*

Quando falamos sobre corpos dissidentes<sup>38</sup>, como pessoas gordas, negras, trans, com deficiência, entre outras, a estética se constitui a partir de uma dimensão política e se coloca como pauta importante na construção de um lugar digno, de não subalternidade e de afeto. Para essas corporalidades, a estética é um campo potente de enfrentamento a estereótipos e, em última instância, a processos de exclusão.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/vaiternoivagorda/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

<sup>37</sup> Análise feita previamente na página da autora @corpogordomídia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNux6AkgFQ-/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

<sup>38</sup> Os corpos dissidentes são aqueles que se afastam da “ordem social hegemônica” – o que é bonito, desejável e “normal” – e, por isso, encontram-se em situação de vulnerabilidade e sofrem diferentes opressões (racismo, homofobia, transfobia, gordofobia, capacitismo, entre outras). Esses corpos desviantes são “indesejáveis” e existe uma política de controle, vigilância e apagamento de suas existências (Barretos; Aleixo; Soares, 2020). Além disso, esse corpo “insustentável” também é alvo de uma violência institucionalizada e é colocado sempre à margem da sociedade (Dantas, 2019), já que não corresponde à corponormatividade cis-hetero-branca-magra. “Corpos dissidentes” é um conceito contemporâneo utilizado por muitos coletivos políticos, militantes e engajados nas pautas humanitárias para se referir a todos os corpos que são violentados ou ausentados de privilégio e cidadania nesta sociedade por conta de suas dissidências. Dissidência seria separar-se do todo por algum motivo, ser excluído, estar à margem. Ser um corpo dissidente é portar alguma coisa que te exclua, seja pela cor da sua pele, pela sua identidade de gênero, pela sua orientação sexual, pela sua expressão de gênero, pela sua nacionalidade, pela sua origem, pelo seu peso [...]” (Dantas, 2019, p. 208).

Como no movimento negro, que levanta essa discussão já há algum tempo, sabe-se e defende-se que a estética é política para esses corpos, porque se sentir bem e bonito no mundo em que sempre lhe foi negado esse sentimento é, de alguma maneira, revolucionário e, portanto, político. (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 111).

Para refletir sobre a *pressão estética*, propomos o entendimento da beleza como uma construção social a partir de uma abordagem socio-midiática. Em *História da Beleza*, Eco (2013) demonstra, a partir de diferentes referências culturais, como esse ideal sofreu transmutações da Grécia antiga até o século XX. A principal mensagem do livro é que o padrão de beleza não é algo perene e o que consideramos como ideal de beleza se dá com relação à sociedade em que ele se inscreve. Ou seja, como resultado de uma construção social e cultural, a beleza nunca foi inquestionável ou imutável e, a depender do momento histórico e da região, “assumiu faces diversas” (Eco, 2013, p. 14).

Na Grécia antiga, valorizava-se o nu masculino e o homem deveria mostrar um corpo forte, exercitado; na Idade Média, ao contrário, o corpo não poderia ser exibido, por causa do misticismo religioso. Já no fim da Idade Medieval começa um culto pelas formas corporais. No Renascimento fazia parte da “disciplina” do corpo aristocrático saber dançar e, conseqüentemente, apresentar um corpo belo. Percebe-se que em cada época houve um estereótipo aceitável de boa forma e beleza. (Flor, 2009, p. 268).

Ao falar sobre um determinado ideal de beleza, estamos acionando valores de uma sociedade, o que ela considera bom e ruim, o que é desejável e o que é desprezado. Nessa trilha, construímos nessa pesquisa a concepção da beleza como um valor social<sup>39</sup> sendo vinculada à ideia de superioridade, bondade e divindade (Jimenez-Jimenez, 2020). Como explica Eco (2013), a beleza, além de estar associada àquilo que é bom, também tem a sua dimensão aspiracional, porque, por ser algo que gera benefícios e gratificações, também desejamos tê-la ou alcançá-la.

Em *História da Beleza no Brasil*, Sant’anna (2014) constrói uma linha do tempo sobre os ideais de beleza de cada época, evidenciando, assim, a maneira como esse padrão está – em cada período histórico – diretamente relacionado aos valores de uma determinada sociedade. No Brasil Império (1822- 1889), por exemplo, Dom Pedro II era a referência a ser seguida

---

<sup>39</sup> Importante ressaltar que os valores, apesar de se constituírem como referências culturais, não são fixos ou imutáveis e podem sofrer mudanças ao longo do tempo e da cultura impactando, nessa dinâmica, sobre aquilo que “é ou não aceito coletivamente” (Coelho; Corrêa, 2014, p. 200). Nesse sentido, apesar de apontarmos as constâncias no que se refere à constituição do padrão de beleza contemporâneo, também estamos atentos à maneira por meio da qual esses valores estão sendo questionados e/ou ressignificados atualmente. Em consonância com algumas pesquisas do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG), interpelamos sobre “[...] padrões normativos de comportamento, desnaturalizando normas e valores sociais na busca por compreender diversos fenômenos comunicativos de maneira ampliada” (Coelho; Corrêa, 2014, p. 203).

pelos homens com sua barba grande e cabelos brancos. Sant’anna (2014, p. 26) explica que essas características “expressavam sobriedade e demandavam respeito.”

Já na República, partindo do exemplo de Floriano Peixoto, primeiro vice-presidente e segundo presidente do Brasil, a autora explica que a aparência do político, bem diferente da de Dom Pedro II, dá a ver as aspirações sobre aquele novo Brasil que ali se projetava. O uso de tintura e o reforço aos hábitos de higiene da época personalizam a ambição de modernidade de um novo país. Com a proclamação da República surge, também, uma preocupação com o combate à velhice. Isso porque, ao contrário da monarquia, o poder republicano não se amparava, necessariamente, em laços sanguíneos e na importância da tradição (Sant’anna, 2014).

Como valor social, a beleza incide em julgamentos morais e significados sociais que partilhamos sobre os sujeitos com base apenas em suas características físicas (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005). Isso significa que, a depender da maneira como um sujeito é ou não considerado bonito, os olhares, juízos e estereótipos que atribuímos a ele serão diferentes. A história de Rafael Nunes, conhecido como o “Mendigo gato de Curitiba” nos permite pensar um pouco sobre esse *modus operandi* da beleza. O caso ganhou destaque em 2012 quando uma foto de Rafael, em situação de rua, foi publicada na internet (Justi, 2013).

A imagem gerou grande comoção e descobriram que o “Mendigo gato” era um ex-modelo e dependente químico. A imprensa passou a acompanhar o caso com diversas atualizações e Nunes foi localizado pela família e internado em uma clínica para reabilitação. No local de tratamento, recebeu propostas de trabalho e passou a contar com o apoio e presentes de fãs (Oliveira, 2013, n.p). Até hoje, é possível encontrar matérias com notícias sobre a vida de Rafael, abordando relacionamentos, família, filhos e até mesmo a sua trajetória, marcada por oscilações no tratamento contra a dependência química<sup>40</sup>.

O caso nos faz pensar sobre como a beleza chamou a atenção para uma pessoa em situação de vulnerabilidade que precisava de ajuda. O fato de ser considerado bonito, loiro, de olhos claros e branco, fez com que Rafael não fosse invisível aos olhos da mulher que fez o registro e nem dos usuários da rede social digital em que a imagem foi publicada. Por outro lado, nos questionamos sobre como outras pessoas na mesma situação, em sua maioria,

---

<sup>40</sup> Exemplos: “Mendigo Gato comemora chegada de filha caçula seis anos após fama”. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/mendigo-gato-comemora-chegada-de-filha-caçula-seis-anos-apos-fama-06102019>. Acesso em: 22 abr. 2023.

“‘Mendigo Gato’ é encontrado no RJ, após seis meses desaparecido, e manifesta decisão”. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/brasil/mendigo-gato-e-encontrado-no-rj-apos-seis-meses-desaparecido-e-manifesta-decisao/>. Acesso em: 3 set. 2023.

negras<sup>41</sup>, são ignoradas diariamente. No caso do “Mendigo gato”, o fato de ele ser considerado bonito e estar nas ruas trouxe à tona um aparente descompasso entre aquele corpo e o lugar social que ele ocupava naquele momento.

Sobre essa dinâmica, Flor (2009) empreende a tentativa de pensar o nosso corpo como um identificador de classe social. Jimenez-Jimenez (2020) corrobora com as ideias da autora e demonstra que é possível identificar e reconhecer padrões corporais associados a classes sociais específicas: “[...] muitos corpos periféricos não conseguem atingir esse padrão de corpo perfeito através do consumo de produtos e procedimentos. Como consequência, socialmente, o corpo gordo dissidente é percebido como pertencente às classes menos favorecidas e periféricas” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 162).

Nesse sentido, explica a autora, para estar vinculado a um status social mais elevado é preciso investir na manutenção de um corpo magro, malhado e com aparência jovem: isso faz parte do ideal de uma mulher “bem-sucedida”. Destarte, refletem Vilhena, Medeiros e Novaes (2005), ser bonito determina um prestígio na sociedade, ao passo que a feiura pode representar uma má conduta e levar à exclusão. Nesse contexto, uma mudança na aparência, em busca do padrão de beleza, pode trazer benefícios ao sujeito. “Portanto, mudar seu corpo é mudar sua vida e as intervenções estéticas decorrentes deste processo traduzem-se em gratificações sociais” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 126).

Partindo da compreensão da beleza como valor, é possível refletir sobre quais valores estão associados à beleza contemporânea. Apesar de sabermos que os padrões variam também conforme a cultura, nesta pesquisa propomos a concepção do ideal de beleza hegemônico ocidental atual a partir da conformação de quatro valores principais: *saúde, branquitude, magreza e juventude*.

Como discute Lima (2021b), no que se refere à concepção de saúde, aqui colocada como valor, ela não está vinculada majoritariamente a hábitos e estilo de vida saudáveis. Mas, principalmente, a uma aparência saudável que reverbera em todas as esferas da vida do sujeito, tais como as relações amorosas e a trajetória profissional. Ou seja, essa concepção contemporânea de saúde possui uma relação intrínseca com a formulação de beleza, mas, também, com a ideia de determinação e sucesso (Jimenez-Jimenez; Arruda; Silva, 2022).

O corpo gordo é tido como doente, preguiçoso e anormal, tornando-se motivo de piadas. O ganho de peso é considerado a pior coisa que pode acontecer a uma

---

<sup>41</sup> Matéria do *Jornal Hoje* no Portal G1 afirmou, com base em levantamento feito por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que “68% das pessoas em situação de rua são negras, 87%, homens, e a maioria com idades entre 18 a 59 anos, com o ensino fundamental incompleto.” (Pesquisa..., 2022, n.p).



mulher. Ser magro tornou-se objeto de desejo e de consumo. As classes mais abastadas têm a seu dispor um imenso número de produtos, procedimentos estéticos e profissionais para manter-se magras. Enquanto isso, a população mais pobre fica à mercê de procedimentos cirúrgicos invasivos e dietas restritivas com baixa quantidade de nutrientes. (Lima, 2021b, p. 118-119).

Na atualidade, ter saúde ou, melhor dizendo, possuir uma aparência saudável<sup>42</sup>, é importante porque vivemos em um contexto em que o individualismo emerge como valor e, nessa trilha, o culto ao corpo como “[...] um dos projetos de realização do indivíduo” (Simões, 2014a, p. 48) e caminho certo para a felicidade e realizações pessoais<sup>43</sup>. “O binômio saúde-beleza, no qual o segundo termo é o determinante, uma vez que a saúde também possui um padrão estético estabelecido, nos é apresentado como o caminho legítimo e seguro para a felicidade individual” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 112). Aqui, é possível apontar uma relação entre o eixo da *pressão estética* e o da *patologização*. Se este último se fundamenta na ideia de que toda pessoa gorda é doente, ou seja, não detém o valor da saúde, conseqüentemente, toda pessoa gorda também não será considerada bonita.

Sant’anna (2014) localiza a intensificação do culto ao corpo no Brasil principalmente a partir da década de 1980. Nesse período, a saúde está na moda e se atribui uma grande importância “à autonomia individual e à transformação do corpo pessoal em algo tão ou mais importante do que outrora fora a alma” (Sant’anna, 2014, p. 158). A partir daí, os sujeitos passam a ser fragmentados em dois grupos: ativos e sedentários. A autora reflete sobre como essas duas categorias se configuram como opostas, com leituras morais também distintas: sendo os primeiros considerados boas pessoas e os sedentários passíveis de questionamento sobre sua índole (Sant’anna, 2014).

Nesse período, a apresentadora Xuxa Meneghel e a modelo Luiza Brunet se tornam ícones da beleza e carregam em seus corpos uma marca daquela década (Figura 10). A valorização da autonomia individual se torna latente, juntamente com o culto ao corpo e a busca pela saúde. A performance física está em evidência, com uma “[...] moda enfática, sedutora e colorida” (Sant’anna, 2014, p. 160).

---

<sup>42</sup> Lima (2021b) problematiza esse sistema de valoração e hierarquização dos corpos. Para ela, na sociedade contemporânea, não é necessário estar saudável, mas ter uma aparência saudável.

<sup>43</sup> Na pesquisa *Opinion box: Pesquisa Beleza, saúde e bem estar* (2022), 50% dos entrevistados avaliam que a aparência física está relacionada ou muito relacionada a sua felicidade (Salgado, 2023).

**Figura 10** – Xuxa Meneghel e Luiza Brunet



Fonte: Captura de tela de imagem disponível em matéria no site da revista *Contigo!*<sup>44</sup>.

A busca pelo padrão de beleza se dá pela prática de atividade física mas, também, por meio de procedimentos estéticos, cirurgias plásticas e alimentação restrita. Não obstante, como nos lembra Vigarello (2012), essa forma de coerção com o objetivo de esculpir o corpo não é algo que emergiu somente na história recente, mas, ao longo do tempo, se manifestou a partir de diferentes mecanismos de aprimoramento e “edição” corporal:

Restam as táticas de manutenção do peso ou de luta contra a gordura, a insensível prioridade que se dá às práticas de emagrecimento nas sociedades ocidentais. Elas também se aceleram com a modernidade, diversificam-se com o tempo, revelando que a “luta” contra o peso não é uma invenção contemporânea, mas está ligada à insensível precisão do julgamento sobre as curvas corporais e sua inflexão. Por muito tempo essa luta teve por princípio premiar a coerção exercida diretamente sobre as carnes: o corpete, a cinta, contenções de todo tipo. Como se as formas do corpo devessem obedecer às manipulações materiais mais exageradas, como se tivessem que ceder aos apertos mais cerrados. Ora, não se trata de outra coisa que do arcaísmo de uma crença que visa à completa passividade do corpo, a torná-lo objeto prontamente maleável, matéria submissa às mais elementares correções mecânicas. (Vigarello, 2012, p. 14).

Outro pilar do padrão de beleza contemporâneo é a branquitude. Pinho (2021) recupera a definição do conceito a partir de autoras precursoras nas reflexões sobre a temática. O ponto comum entre essas intelectuais é o entendimento da branquitude como identidade social universalizante e dominante, em contraposição à alteridade do sujeito negro, entendido sempre como o “outro”, quem não se configura como referência.

Uma das pioneiras dos estudos de branquitude no Brasil, a psicóloga Maria Aparecida Bento (2002), definiu a branquitude como a identidade social dos brancos e a condição silenciosa do sujeito branco que é concebido e concebe a si mesmo como o modelo universal da humanidade. Bento enfatiza que a neutralidade branca

<sup>44</sup> Disponível em: <https://contigo.uol.com.br/noticias/coluna-da-xuxa/xuxa-revela-sua-primeira-de-muitas-historia-ao-lado-de-luiza-brunet.phtml>. Acesso em: 6 maio 2023.

só faz sentido em contraponto ao negro, que é visivelmente marcado e definido como “o outro.” A também psicóloga e também pioneira Edith Piza (2000) entende a branquitude como a identidade dominante, que é considerada normativa, invisível e merecedora de tratamento deferencial. Na mesma direção está o entendimento de Sovik (2009), para quem a branquitude é o atributo daqueles que estão no topo da pirâmide social, sendo assim uma prática social que requer a desvalorização da negritude. (Pinho, 2021, p. 36).

A partir desse entendimento, conforme discutimos em outro trabalho<sup>45</sup>, Pinho (2021) concebe a branquitude como uma identidade racial, mas também como um valor social<sup>46</sup>. Sendo um valor, ela se constitui, também, a partir de uma instância aspiracional, do desejo: “[...] a ser preservado, por aqueles que já o detêm, e a ser obtido, por aqueles que ainda não o possuem” (Pinho, 2021, p. 37).

A construção da branquitude como valor social – em um lugar de privilégio que hierarquiza os sujeitos e suas corporalidades – não é algo novo e não está vinculada somente à questão do padrão de beleza. Como contextualiza Pinho (2021), no Brasil, ela está diretamente relacionada à formação do país e à construção da identidade nacional e, atualmente, é uma das marcas do racismo estrutural, já que é também uma prática cultural. Por isso, reforça a autora, a branquitude precisa ser aprendida a partir da prolongada história de escravidão no Brasil que configurou a nossa sociedade, a nossa cultura e a nossa política, se constituindo como modelo de referência.

A rejeição, o desprezo e o medo das elites em relação às “massas” têm, desde então, sustentado o caráter autoritário do projeto nacional brasileiro, alimentando uma ordem biopolítica que impõe sobre a população pobre e não branca uma disciplina moralizante que busca embranquecer a cultura e a sociedade brasileiras. (Pinho, 2021, p. 37).

<sup>45</sup> CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. A celebridade-acontecimento Marília Mendonça: o obituário da Folha e as reverberações entre influenciadoras gordas no Instagram. In: 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Imperatriz-MA. **Anais** [...]. Maranhão: UFMA, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-celebridade-acontecimento-marilia-mendonca-o-obituario-da-folha-e-as-reverbera?lang=pt-br>. Acesso em: 3 set. 2023.

<sup>46</sup> A pesquisadora entende que o racismo, juntamente com outros fatores como machismo, misoginia, homofobia, ressentimento de classe e fundamentalismo religioso, foram propulsores do neoconservadorismo no Brasil, o que fez emergir uma *branquitude injuriada* diante do abalo dos componentes da hierarquia racial, da crise no modelo dominante e do lugar de neutralidade da branquitude. “A *branquitude injuriada* resulta de uma crise do modelo social devido a uma alteração no status quo e uma perda de poder, real ou imaginada, do grupo dominante. O desafio posto à premissa de que pobres e negros devem ficar em ‘seu lugar’, tanto física quanto simbolicamente, despertou o medo, sempre existente porém dormente, da alteridade. À medida em que o Outro começou a cruzar cada vez mais as fronteiras que o mantinham separado e contido, a identidade dominante se viu ameaçada. E ao se sentir ameaçada, a branquitude tornou-se cada vez mais defensiva e, como consequência, visível. Durante os governos do PT, a branquitude brasileira se viu interpelada, no sentido de ser ‘convocada’ e definida de fora para dentro, pelo Outro (Hall, 1996), quando, ao longo de toda a história do Brasil, havia funcionado como a identidade universal e padrão, posição a partir da qual se definiu a si mesma e aos outros. As transformações sociais ocorridas durante os governos do PT criaram uma nova conjuntura, que colocou em risco a posição confortável de neutralidade racial e relativa invisibilidade da branquitude brasileira” (Pinho, 2021, p. 39, grifo da autora).

Em contrapartida a essa branquitude, enquanto desejo, valor social e característica do padrão de beleza contemporâneo, é possível observarmos um movimento em direção a um processo de descolonização da beleza. Ao discutir eurocentrismo e experiência histórica na América Latina, a partir de uma visada decolonial<sup>47</sup>, Quijano (2005) traz apontamentos importantes para pensarmos na constituição desse ideal no contexto latino-americano.

Aplicada de maneira específica à experiência histórica latino-americana, a perspectiva eurocêntrica de conhecimento opera como um espelho que distorce o que reflete. Quer dizer, a imagem que encontramos nesse espelho não é de todo quimérica, já que possuímos tantos e tão importantes traços históricos europeus em tantos aspectos, materiais e intersubjetivos. Mas, ao mesmo tempo, somos tão profundamente distintos. Daí que quando olhamos nosso espelho eurocêntrico, a imagem que vemos seja necessariamente parcial e distorcida. (Quijano, 2005, p. 129-130).

A partir dessa perspectiva, é possível pensar o quanto esse reflexo da produção cultural também reverbera nas representações hegemônicas e no que compreendemos como o padrão de beleza a ser seguido. Até os dias atuais, essas instâncias continuam fortemente vinculadas e fundadas nos padrões europeus. Com base nisso, podemos depreender, a partir do que coloca Quijano (2005), que o eurocentrismo e suas bases fomentaram o caminho para que as representações e o padrão de beleza fossem fortemente associados às características dos povos europeus: brancos, de olhos claros e cabelos lisos.

O terceiro valor que sustenta o ideal de beleza contemporâneo é a *magreza*. “O cuidado com a boa forma não é motivado apenas pela saúde, mas também pela boa aparência física, o prestígio social de ostentar um corpo magro, persistência, determinação, e por se enquadrar no estereótipo ditado pela mídia e aceito pela sociedade” (Flor, 2009, p. 272). Ao se configurar como um valor, a magreza gera dois processos distintos, porém relacionados: a *pressão estética* e a gordofobia.

A gordofobia, conforme estamos tratando ao longo desta tese, é uma opressão que somente pessoas gordas sofrem. No caso da *pressão estética*, todas as pessoas são atingidas,

---

<sup>47</sup> Quijano (2005, p. 126) define o eurocentrismo como “uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo”. Nesse contexto, explica o autor, o domínio europeu se faz presente “[...] de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (Quijano, 2005, p. 121). Apesar de não falarmos, atualmente, em colonialismo, as relações de colonialidade permanecem até os dias de hoje determinando as estruturas de poder, quem somos e como pensamos. Frente a isso, a tradição de pensamento pós-colonial propõe uma “refundação e descolonização epistemológica” (Ballestrin, 2013, p. 109). Como conta Ballestrin (2013), o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado no final dos anos 1990 por intelectuais latino-americanos, trouxe, por meio da noção de “giro decolonial”, um novo olhar para as ciências sociais na América Latina. Por meio dele, defende-se uma “[...] opção decolonial – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva” (Ballestrin, 2013, p. 89).

independentemente se são mulheres ou homens, negras ou brancas, gordas ou magras, baixas ou altas, pessoas com ou sem deficiência. Isso porque a existência da *pressão estética* impõem a todas as pessoas um padrão de beleza que é universal e excludente, sustentado pelos valores da *saúde, magreza, branquitude e juventude*, o quarto e último valor da beleza contemporânea, tal qual a concebemos.

Como explica Sant’anna (2014), com o passar do tempo, a diferença entre as aparências de pessoas jovens e velhas foi diminuindo ou, melhor dizendo, o desejo em reduzir esse distanciamento cresceu de maneira significativa. Essa busca pela “eterna juventude” nos diz também da maneira como o etarismo, ou idadismo<sup>48</sup>, se coloca em atravessamento com o eixo gênero.

É sabido que existe uma máxima na nossa sociedade que insiste em afirmar que “homens envelhecem melhor”. No entanto, esse tipo de visão dá relevo à maneira como o efeito do tempo e o processo de envelhecimento natural, quando nos homens, é aceito e, muitas vezes, até colocado em um lugar de “charme”. A sociedade atribui sentidos positivos ao envelhecimento masculino e suas marcas, como as rugas, os cabelos e as barbas grisalhos, entre outros.

Em contrapartida, quando voltamos nosso olhar para as mulheres, o envelhecimento é visto como algo negativo, uma perda, em diferentes esferas da sua vida, como o trabalho e a sexualidade (Mendonça; Senta, 2012). Muitas vezes, essas sujeitas deixam de ser vistas como aptas para o mercado de trabalho, como bonitas e/ou desejáveis. Nesse processo de invisibilização, forjado no contexto de uma sociedade patriarcal, as mulheres têm a sua aparência constantemente criticada e, por isso, são incentivadas a “lutar” contra o envelhecimento para não perder o seu lugar na sociedade.

Desse modo, somos lembrados de que o julgamento é construído primeiramente pela aparência pessoal, especialmente as mulheres. Os sinais visíveis do envelhecimento devem ser evitados, já que impedem que você mostre a sua “melhor versão”. Nunca é demais salientar que esses intimidadores pre(*con*)ceitos internalizados, sexistas e idadistas alicerçam o jovem-centrismo na cultura do consumo. (Castro, 2022, p. 13, grifo da autora).

Como contextualizam Vilhena, Medeiros e Novaes (2005), esse cenário se conforma em relação ao contexto capitalista em que o corpo é visto como mercadoria e, como tal, tem

---

<sup>48</sup> “[...] misto de estereótipo, preconceito e discriminação baseados na idade que influencia os modos de perceber, sentir e agir em relação à idade de cada um e cada uma. Reconhecido como questão central de saúde pública, o idadismo pode ser autodirigido ou voltado para outras pessoas. Insidioso e amplamente disseminado em nossas sociedades, provoca vários tipos de sofrimento e prejuízos, devendo ser combatido com seriedade e empenho” (Castro, 2022, p. 3).

prazo de validade: se envelheceu, não serve mais. Por isso, o corpo deve durar, blindando-se do processo de envelhecimento. “O que é feio, finito, perece e morre... não consome e, indiscutivelmente, ainda não se encontrou um valor mercadológico ou de troca para esse fenômeno” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 113).

Todos os apontamentos sobre os pilares do padrão de beleza contemporâneo dão a ver uma questão: o ideal de beleza é, em sua essência, também uma questão de gênero, assim como a gordofobia. Não somente porque as mulheres sofrem de maneira muito mais cruel com os mecanismos de imposição desse padrão, mas, principalmente, porque “ser bonita” está no cerne do entendimento do que é ser mulher. Como refletem Vilhena, Medeiros e Novaes (2005), na nossa cultura, a imagem da mulher e da beleza se embaralham. Por isso, para ser “completa”, a mulher deve ser bonita.

Também com base nesse entendimento, Wolf<sup>49</sup> (2018) dá relevo ao modo como o padrão de beleza passou a ser utilizado, a partir da Revolução Industrial, como uma forma de controle social. Apesar dos avanços com relação à emancipação das mulheres, os ideais de beleza continuam presentes de forma opressora e servem a interesses políticos e econômicos. Como discute a autora, o “mito da beleza” se constitui como uma reação ao feminismo e suas conquistas e utiliza imagens da beleza feminina como uma estratégia política. “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (Wolf, 2018, p. 25).

Nesse ponto, Wolf (2018) relaciona o ideal de beleza aos modelos comportamentais e às expectativas sociais que são esperados de uma mulher em cada época. “As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável” (Wolf, 2018, p. 31). O mito da beleza, então, determina a maneira como as mulheres podem e devem se comportar e, nesse contexto, corresponder a esse padrão também é performar uma certa feminilidade moldada a partir de um paradigma normativo cis-hétero-patriarcal.

Tal percepção encontra ressonância em Pilger (2021), que ressalta que a vigilância e punição do corpo feminino é algo constante na história das mulheres. Por isso, a concepção de um ideal de beleza é uma forma de controlar a estética, mas, também, o comportamento

---

<sup>49</sup> Apesar da importância do livro *O Mito da Beleza* para a história dos feminismos e, especificamente, para as discussões sobre o ideal de beleza (ainda que em um contexto cis, hétero, branco e de classe média), faz-se necessário ponderar que nos apropriamos das discussões de Naomi Wolf de maneira atenta, cautelosa e crítica neste trabalho. Isso porque, em primeiro lugar, a procedência de algumas informações contidas no seu *best seller* foi questionada devido à suspeita de imprecisão dos dados e estatísticas. Além disso, e, não menos importante, com a pandemia pela Covid-19, a autora assumiu um posicionamento negacionista e antivacina, com a disseminação de *fake news* conspiratórias sobre a doença e o processo de imunização. Tais ações a levaram a ser banida da plataforma de comunicação digital *Twitter*, hoje *X*, no ano de 2021 (Nassif, 2021, n.p).

feminino. Nessa dinâmica, exige-se, também, um certo tipo de feminilidade ideal, o que reforça o lugar de subjugação em relação ao homem.

Em contrapartida, “[...] os homens se preparam o tempo todo para serem corajosos, ousados e alegres” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 54). Tal arranjo social fica visível, inclusive, na infância, com brincadeiras que são destinadas às meninas e aquelas indicadas como características para meninos, além dos julgamentos sobre aparência que ocorrem desde muito cedo no caso das meninas. Nesse ponto, é imprescindível destacar o papel que a *linguagem* e as *representações*, outro eixo estruturante da gordofobia, desempenha no processo de construção de papéis de gênero e beleza.

Apesar de exigir que as mulheres atendam às expectativas sociais, a coletividade não aceita a naturalidade do corpo feminino e não permite que a mulher carregue marcas da sua existência, como a menstruação, a gravidez e a amamentação, por exemplo (Arruda, 2021a). Nesse processo, a *pressão estética* atua por meio da construção de uma insatisfação contínua, a cada dia com uma nova tendência, ou melhor, exigência, como o alinhamento dos cílios ou a estética íntima, por exemplo, que tem como objetivo adequar a vulva a um determinado padrão.

A beleza feminina é o resultado de um processo. “Nas mulheres, a beleza vem na forma de trabalho sobre o corpo – ser bela cansa e dói. Portanto, mais importante que ganhar dinheiro é estar em forma: seca, sarada, definida” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 125). Essa dinâmica gera consequências nocivas. Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria, a estimativa é que mais de 70 milhões de pessoas no planeta sejam afetadas por algum transtorno alimentar, incluindo anorexia, bulimia, compulsão alimentar, entre outros (Brasil, 2022b).

A imposição de um ideal de beleza restrito e excludente não se dá descolada do capitalismo. Para ser bonita, é preciso investir tempo e dinheiro, algo não disponível para todas as mulheres da mesma forma (Flor, 2009). Para cada novo problema, uma nova solução, como produtos como chá seca-barriga e goma mastigável para emagrecer. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC) (2023), o Brasil é o quarto maior mercado consumidor do mundo e o segundo mercado no *ranking* global de países que mais lançam produtos anualmente, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Com relação aos procedimentos estéticos, os dados mais recentes, de 2020, mostram que o país está na segunda colocação entre as nações que mais realizaram cirurgia plástica, ficando, mais uma vez, atrás apenas dos estadunidenses (Garcia, 2022). Na pesquisa *Opinion*

*box: Pesquisa Beleza, saúde e bem estar* (2022), feita no Brasil, 41% dos respondentes afirmaram que fariam ou têm vontade de fazer algum procedimento estético (Salgado, 2023).

Ainda sobre o padrão de beleza, é importante refletir sobre qual o papel – e a responsabilidade – da mídia nesse processo. Como discutimos, o ideal de beleza é historicamente localizado, se constitui em diálogo com o seu tempo e é mutável. Nesse âmbito, é sempre imposto por discursos de poder, notadamente, o biomédico e o midiático. “São os discursos produzidos pelas instâncias midiáticas os que nos propõem, ou de certo modo, nos impõem uma certa estética social do corpo sob a feição de modelos de ordem anatômica, fisionômica, cosmética ou indumentária” (Raiz; Nascimento, 2009, p. 160). Essa construção, nos lembra Jimenez-Jimenez (2020), está inscrita em uma lógica de mercado e é por ele determinada com vistas ao lucro.

Vilhena, Medeiros e Novaes (2005), com base em Nahoum (1987), trazem a metáfora do espelho como potente alegoria para pensarmos sobre o papel da mídia na construção e na manutenção do padrão de beleza. Os autores explicam que a existência do espelho foi um fato histórico essencial para a mudança na imagem social do corpo. “Nas palavras de Nahoum, ‘Como viver num corpo que não se vê? Como mirar sua celulite na água do poço? Seu queixo duplo, no fundo de uma panela de barro? Como construir uma imagem corporal tendo por espelho os olhos do outro?’ (1987 p. 23)” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 124).

Com base nos questionamentos trazidos, é possível nos perguntar: quais são os espelhos por meio dos quais nos olhamos diariamente e quais imagens dos nossos corpos eles têm mostrado e ajudado a construir? Ao nosso ver, a mídia tradicional e as plataformas de comunicação digitais podem ser lidas como agentes atuantes nesse processo, refletindo, diariamente, aquilo que é considerado bonito, saudável e desejável. No próximo tópico, nos debruçamos sobre essa temática a partir da abordagem do último eixo estruturante da gordofobia: *linguagem e representações*.

### **2.3.6 Linguagem e representações**

Uma das características dos eixos estruturantes da gordofobia é que eles estão sempre em inter-relação, cada um se constitui e se mantém em diálogo com o outro. O último eixo estruturante, *linguagem e representações*, engloba todos os demais apresentados até aqui: *patologização, acesso e acessibilidade, animalização, culpabilização e pressão estética*. Isso porque é por meio da *linguagem* e das *representações* que os processos que fomentam e mantêm a gordofobia são construídos socialmente.



Ou seja, esse último eixo demonstra como a conformação do preconceito se dá a partir de uma dimensão simbólica que perpassa todos os processos relacionados à opressão. “As representações são um aspecto central em nossa percepção e compreensão do ‘real’ como construção social e de como as relações de poder são estabelecidas e exercidas em um processo de criação e atualização” (Coelho; Machado, 2023, p. 162).

Nos Estudos Culturais ingleses, o olhar para a *linguagem* e as *representações* se dá a partir de um entendimento da cultura como todo e qualquer processo de produção de sentido, ou seja, os autores acreditam que a cultura é forjada na experiência dos sujeitos. Dessa forma, quando pensamos em cultura, a sua análise não deve estar dissociada das estruturas sociais e do contexto socio-histórico, já que ela se constitui em relação e dialoga com o tempo no qual está inscrita (França; Simões, 2016). Nesse cenário, viver em sociedade é compartilhar quadros de sentido (França, 2004).

Pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem. (Hall, 2016, p. 43).

Em consonância com essa perspectiva, não devemos naturalizar a linguagem como algo dado *a priori*, como se fosse um código transparente e natural isento de questões sociais, políticas e ideológicas. É preciso estarmos atentos à maneira como os sentidos dominantes são conformados em um determinado contexto socio-histórico.

Esses sentidos estão inscritos nos discursos, de modo que a análise destes pode revelar ideologias dominantes em uma sociedade. Isso significa que a análise de um programa televisivo, por exemplo, pode revelar traços importantes do contexto social em que ele se inscreve, das relações de poder que o perpassam. É nesse nível mais específico (de um programa de TV) que as significações mais amplas de uma cultura são inscritas, atualizadas e/ou contestadas. Nesse sentido, Hall chama a atenção para as marcas do contexto social que estão inscritas nos discursos codificados – a análise destes é reveladora da vida social. (França; Simões, 2016, p. 161).

A *linguagem* e as *representações* se configuram como um eixo estruturante da gordofobia na medida em que é também por meio delas que o preconceito se constitui e se mantém. Por isso, é importante adotarmos uma perspectiva crítica sobre a linguagem, atentando para o fato de ela não ser algo natural, mas sim uma construção social, historicamente localizada, que é, por vezes, naturalizada.

Não existe uma simples relação de reflexo, imitação ou correspondência direta entre a linguagem e o mundo real. O mundo não é precisamente refletido, ou de alguma outra forma, no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência, nós chamamos de “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. (Hall, 2016, p. 53-54).

No caso das pessoas gordas, existem diferentes mecanismos linguageiros que reforçam os estereótipos depreciativos e se fazem presentes em manifestações e xingamentos gordofóbicos. No livro *Pequeno dicionário antigordofóbico*, Arruda (2022b) traz um compilado de palavras e expressões e convida a todos a um letramento antigordofóbico, a partir da contextualização e crítica sobre cada termo. “Assim, do mesmo jeito que é importante dar o nome às coisas, também é importante entender que, alguns dos nomes dados carregam consigo o preconceito, e toda vez que são reproduzidos, ajudam a perpetuá-lo. Por isso é tão importante repensar esse uso” (Arruda, 2022b, p. 16).

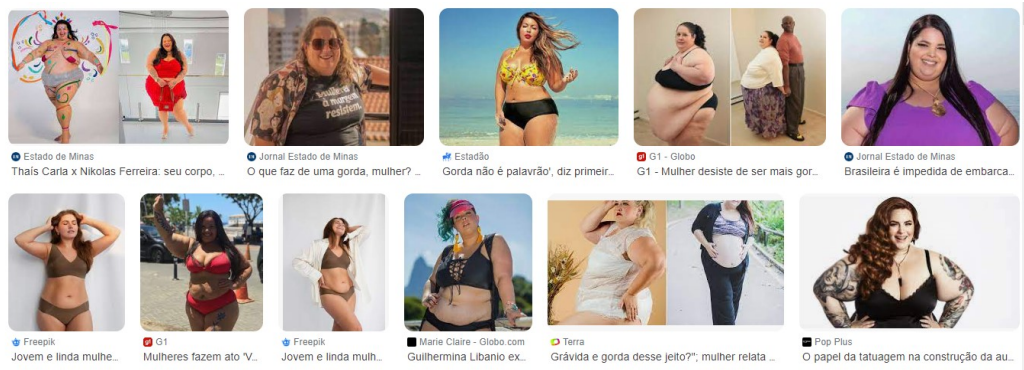
A autora traz à tona o uso recorrente de eufemismos, como “fofa”, “forte” e “cheinha”, como uma estratégia para não se usar a palavra gorda, vista como um xingamento ou ofensa. Em outro grupo, demonstra Arruda (2021b), estão “gordice”, “pensamento de gordo” e “cabeça de gordo” que reforçam a *culpabilização* (só é gorda porque quer e come muito). Ademais, fomenta uma relação não saudável com a comida (Arruda, 2021b), já que associa comer alguma coisa saborosa a algo errado, que deve ser repreendido e/ou impedido. Na listagem de expressões gordofóbicas, Arruda (2022c) também localiza o termo “olho gordo”. Se você diz “aquela pessoa está com olho gordo na sua casa”, por exemplo, o significado é que a pessoa está com inveja, é gananciosa, almeja o que é seu. Ou seja, é uma expressão carregada de teor negativo.

Há outras expressões que colocam em evidência a *patologização*, como “obeso”, “sobrepeso” e “acima do peso”. Esses termos estão diretamente vinculados ao IMC que, como explica Arruda (2021b), já vem sendo problematizado como medida para determinar a saúde de alguém e normatizar as corporalidades, especialmente das mulheres. Sobre “pessoa obesa”, a autora pondera que, além dos questionamentos relacionados à validade do IMC como indicador de saúde, denominar uma pessoa como obesa é reduzi-la a uma doença, negligenciando a sua identidade e subjetividade.

Sobre os termos patologizantes gordofóbicos, uma pesquisa no site de buscas *Google* nos dá uma amostra sobre como a linguagem tem um papel central na prática e na preservação da gordofobia. Na Figura 11, abaixo, buscamos pelo termo “mulher gorda” e é possível perceber que a maioria das imagens mostra mulheres gordas felizes, sorrindo, expondo o seu

corpo de maneira natural e, em alguns casos, de modo sensual. As imagens remetem ao empoderamento, ao autoamor, à autoaceitação e à representatividade.

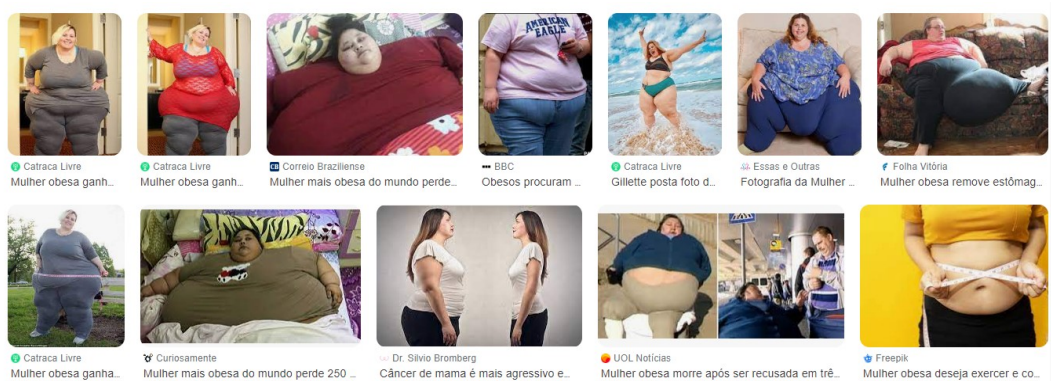
**Figura 11** – Resultado da pesquisa para o termo “mulher gorda” no *Google Imagens*



Fonte: Captura de tela do *Google Imagens*<sup>50</sup>.

Já na Figura 12, abaixo, fizemos a busca a partir do termo “mulher obesa”. Diferentemente da primeira, a maioria das imagens faz alusão à doença, principalmente à falta de mobilidade, à busca pelo emagrecimento, ao processo de “antes e depois” e outros estereótipos negativos associados às mulheres gordas.

**Figura 12** – Resultado da pesquisa para o termo “mulher obesa” no *Google Imagens*



Fonte: Captura de tela do *Google Imagens*<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=mulher+gorda&hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=657&ei=rXINZOXIL7-950UP4ZKF4AI&iflsg=AOEireoAAAAAZE2HvWIt3cPck4SXZP3nNFkgYdeSsNE4&ved=0ahUKEwi18K\\_v8s\\_-AhW\\_HrkGHWFJASwQ4UDCAc&uact=5&oq=mulher+gorda&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoICAAQgAQQsQM6BQgAEIAEOgsIABCABBcxAxCDAToICAAQsQMqgwFQAFj3DmCKEWgAcAB4AIABsQGIAeEKkgEEMC4xMpgBAKABAAoBC2d3cy13aXotaW1n&sclient=img](https://www.google.com.br/search?q=mulher+gorda&hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=657&ei=rXINZOXIL7-950UP4ZKF4AI&iflsg=AOEireoAAAAAZE2HvWIt3cPck4SXZP3nNFkgYdeSsNE4&ved=0ahUKEwi18K_v8s_-AhW_HrkGHWFJASwQ4UDCAc&uact=5&oq=mulher+gorda&gs_lcp=CgNpbWcQAzoICAAQgAQQsQM6BQgAEIAEOgsIABCABBcxAxCDAToICAAQsQMqgwFQAFj3DmCKEWgAcAB4AIABsQGIAeEKkgEEMC4xMpgBAKABAAoBC2d3cy13aXotaW1n&sclient=img). Acesso em: 29 abr. 2023.

<sup>51</sup> Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=mulher+obesa&hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=657&ei=qHINZLrQE8HB5OUP7cOR4A8&iflsg=AOEireoAAAAAZE2HuBAv\\_04gyDRwJ0abjJY88oR86RT&ved=0ahUKEwi6xOLs8s\\_-AhXBILkGHe1hBPwQ4UDCAc&uact=5&oq=mulher+obesa&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoICAAQgAQQsQM6B](https://www.google.com.br/search?q=mulher+obesa&hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=657&ei=qHINZLrQE8HB5OUP7cOR4A8&iflsg=AOEireoAAAAAZE2HuBAv_04gyDRwJ0abjJY88oR86RT&ved=0ahUKEwi6xOLs8s_-AhXBILkGHe1hBPwQ4UDCAc&uact=5&oq=mulher+obesa&gs_lcp=CgNpbWcQAzoICAAQgAQQsQM6B)

Importante observar que se compararmos a primeira e a segunda imagem há uma predominância de mulheres gordas menores na primeira e de gordas maiores na segunda. Essa organização dá a ver a maneira como no interior de um mesmo grupo a vivência das opressões se constitui de modo particular, o que revela mais uma face interseccional da opressão, como já discutido neste capítulo.

Por se constituírem por meio da linguagem, as representações, enquanto produção de sentido (Hall, 2016)<sup>52</sup>, não são perenes e sofrem transfigurações a depender da época e da cultura em que estão inseridas. Em consonância com isso “[...] espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedades” (França, 2004, p. 16).

[...] quando falamos de representação, não falamos de algo claro, objetivo e identificável, mas, ao contrário, de um fenômeno que, na sua dupla natureza (instauração de sentidos, inscrição material), sofre permanentes alterações tanto na sua dimensão simbólica quanto nas suas formas concretas de manifestação (aparição sensível). (França, 2004, p. 18).

Nesse contexto, os estereótipos emergem como um tipo de representação característica: redutora, sem complexidade e resistente às mudanças. Em seu livro *Cultura e representação*, Hall (2016) aborda a estereotipagem como “prática de produção de significados”. Esta *práxis* origina uma série de efeitos: “[...] essencializadores, reducionistas e naturalizadores da estereotipagem, que reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais que são representadas como fixas por natureza” (Hall, 2016, p. 190).

Estes *se apossam* das poucas características “simples, vividas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é *reduzido* a esses traços que são, depois, *exagerados* e *simplificados*. [...] Então, o primeiro ponto é que *a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença*. (Hall, 2016, p. 191, grifo do autor).

Além disso, o *modus operandi* da estereotipagem leva a uma partição binária que separa o que é normal e aceitável do que é anormal e não aceitável. Nesse processo de divisão, elucida Hall (2016, p. 192), ela se estabelece e se perpetua por meio de uma prática de “*fechamento e exclusão*”, fixando certos limites da representação e, ao mesmo tempo, excluindo aquilo que não se constitui como pertencente ao estereótipo. Assim, os estereótipos,

---

QgAEIAEOgsIABCABBCxAxCDAToICAAQsQMqgwFQAFiEGCoEmgAcAB4AIABiAGIAa4LkgEEMC4xMpgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1n&scIent=img. Acesso em: 29 abr. 2023.

<sup>52</sup> Hall (2016, p. 108) conceitua representação como o “[...] processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido.” Mas é importante ressaltar que o conceito de representações apresenta-se de forma multifacetada e assume diferentes acepções a depender do campo de estudos no qual se insere (Corrêa; Silveira, 2014). O termo se configura de modo “complexo e polissêmico” e pode acionar sentidos variados em diferentes áreas do conhecimento. “Essa complexidade não é resultado da propensão dos teóricos para complicar – mas tão – somente um pálido espelho da riqueza e desafio do movimento das imagens no mundo, da sua existência fenomênica” (França, 2004, p. 16).

estando em diálogo com a cultura e os sentidos dominantes, exercem um importante papel na constituição e manutenção da ordem social. Hall (2016) define a estereotipagem como algo intrinsecamente relacionado às dinâmicas e estruturas de poder da nossa sociedade. Isso porque, também por meio dela, institui-se uma relação entre aqueles que detêm o domínio e os outros, colocados em uma posição de subalternidade e, por isso, passíveis de sofrerem com os processos estereotipantes.

Até agora, nós afirmamos que a “estereotipagem” tem sua própria *poética* – suas próprias maneiras de trabalhar – e sua *política* – as maneiras com as quais ela está investida de poder. Também afirmamos que se trata de um determinado tipo de poder – uma forma de poder *hegemônico* e *discursivo* que opera tanto por meio da cultura, da produção de conhecimento, das imagens e da representação, quanto por outros meios. Além disso, é circular: implica os “sujeitos” do poder, bem como aqueles que estão “submetidos a ele”. (Hall, 2016, p. 200, grifo do autor).

Com base nessa perspectiva, é possível depreender que a estereotipagem está na base da constituição das opressões, entre elas, a gordofobia, e tem a propensão para ocorrer em contextos societários de grandes desigualdades de poder (Hall, 2016). Quando pensamos nas representações sobre as mulheres gordas, aquelas com forte teor negativo – estereotipadas – emergem como representativas da maneira como esse grupo social é representado na mídia.

Para Arruda (2021a), a mídia hegemônica tem um papel central na construção e na manutenção da gordofobia. Em consonância com esse entendimento, Carrera (2021a) reforça que essas representações problemáticas reverberam em diferentes espaços midiáticos, como a publicidade e o jornalismo. “Se não é relegado ao lugar do riso, o sujeito gordo está ligado simbolicamente ao mal-estar e ao isolamento social. Estas associações são construídas pelos discursos da oralidade, mas, também, reforçadas pelas imagens midiáticas, jornalísticas e publicitárias” (Carrera, 2021a, p. 6).

Em seu trabalho, Arruda (2021a) demonstra, com base na análise de diferentes produtos midiáticos<sup>53</sup>, que as personagens gordas ocupam papéis caricatos, secundários, repulsivos ou ligados à comédia. Uma personagem da dramaturgia brasileira que condensa boa parte dessas características é *Marcelina*, vivida pela atriz Mariana Xavier nos filmes *Minha mãe é uma peça*, *Minha mãe é uma peça 2* e *Minha mãe é uma peça 3*, escritos, roteirizados e protagonizados pelo ator Paulo Gustavo.

*Marcelina* é filha de *Dona Hermínia*, personagem de Paulo Gustavo, irmã de *Juliano*, interpretado por Rodrigo Pandolfo, e de *Garib*, vivido por Bruno Bebianno. Desde a infância, ela é alvo de piadas e críticas por ser gorda, feitas, inclusive, por sua mãe, desvelando, assim,

---

<sup>53</sup> Uma novela mexicana, um seriado americano de grande sucesso no Brasil, produção de *Hollywood* e uma notícia de um portal brasileiro sobre celebridades.

o modo como o corpo gordo é colocado em um lugar de escárnio. *Marcelina* é repreendida pelo que come e caracterizada como a menina sem jeito, desengonçada, desastrada e gulosa, já que dispensa qualquer presente de Natal em troca de comida.

Na adolescência, a personagem é caracterizada como uma jovem descuidada com a aparência e tem os seus hábitos de higiene questionados, acionando sentidos de repugnância e nojo<sup>54</sup>. Assim como no caso de *Marcelina*, “os ‘tipos’ trabalhados pela mídia tradicional levam a um apagamento do corpo gordo que se restringe a cumprir determinadas funções estereotipadas” (Aquino; Carneiro, 2021, p. 5).

[...] tem-se modelos em que as pessoas gordas apresentadas e representadas servem ou de alívio cômico à história, quando suas características físicas são utilizadas como ponto de humor, ou de estepe para o personagem principal seja como conselheiro, melhor amigo ou aliado. Outra representação comum é a da pessoa gorda como sendo feio, repulsivo, com poucos hábitos de higiene, ou então uma abobalhada patética. Entretanto, é difícil uma pessoa gorda aparecer como personagem principal ou modelo a ser seguido. Não raro é possível ver que, para ser bem-sucedido, o personagem percebido gordo precisa passar por uma transformação estética que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento. (Arruda, 2021a, p. 28-29).

Ao citar a transformação estética como estratégia para que o personagem gordo seja visto de maneira positiva, Arruda (2021a) faz alusão ao *makeover* ou “narrativa de transformação” (Ferriss, 2008, p. 42). Esse processo ocorre quando um personagem passa por uma transformação corporal que, concomitantemente, implica em mudanças no seu comportamento e no papel que exerce na trama.

Na narrativa de transformação, essa autotransformação funde o externo e o interno. Ele une cruzamentos físicos, como passagens pelo espaço ou localização ou alterações de vestimenta e aparência, com ritos de passagem interiores e mudanças psíquicas por meio do corpo. A complexidade e o fascínio duradouro desses filmes vêm da extensão problemática em que a transformação externa do corpo afeta a perspectiva ou o comportamento do personagem. (Ferriss, 2008, p. 42, tradução nossa)<sup>55</sup>.

O filme *It - A Coisa*, de 2017, dirigido por Andy Muschietti, é um objeto potente para refletirmos sobre como as narrativas de transformação operam como um reforço às

<sup>54</sup> Importante ponderar, porém, que, ao longo do tempo, a personagem ganhou outros contornos: *Marcelina* foi amada, se casou, foi mãe e realizou o sonho de trabalhar como atriz. Essa construção narrativa demonstra uma ruptura, em certa medida, com os sentidos hegemônicos das representações sobre as mulheres gordas. Tal transfiguração é fruto, também, de uma modificação no posicionamento de Paulo Gustavo: “Em ‘Minha mãe é uma peça 3’, a produção eliminou piadas gordofóbicas e homofóbicas. Segundo o ator, a mudança ocorreu devido ao seu aprendizado sobre as pautas em questão e seu amadurecimento pessoal” (Lourquin, 2021, n.p).

<sup>55</sup> No original: “In the makeover film, such self-transformation fuses the external and the internal. It unites physical crossings, such as passages through space or location or alterations of dress and appearance, with interior rites of passage and psychic changes through the medium of the body. The complexity and enduring fascination of such films comes from the problematic extent to which outward transformation of the body affects the character’s outlook or behavior” (Ferriss, 2008, p. 42).

representações estereotipadas das pessoas gordas. No primeiro filme, *Ben*, interpretado por Jeremy Ray Taylor, é um menino gordo, sensível e romântico (Figura 13). Por sua personalidade e aparência, é alvo de *bullying* e constantes chacotas e humilhações. O personagem mantém em segredo os seus sentimentos por *Beverly*, vivida por Sophia Lillis, a garota mais velha e descolada que desperta o interesse também do seu amigo Bill (interpretado por Jaeden Martell, quando criança, e por James McAvoy, na fase adulta do personagem).

Já no segundo filme da franquia, *Ben*, interpretado por Jay Ryan (Figura 13), retorna, já adulto, como o galã da história. Ele aparece magro e como um arquiteto bem-sucedido. Ao final do capítulo 2, Ben consegue realizar o seu sonho e conquista o amor de *Beverly*, interpretada por Jessica Chastain na vida adulta.

**Figura 13** – Personagem Ben Hanscom na infância e na vida adulta



Fonte: Capturas de tela de imagens dos sites Jovem Nerd<sup>56</sup> e Observatório do Cinema/UoI<sup>57</sup>.

Importante ressaltar que as narrativas de *makeover* têm um forte marcador de gênero. Nesse tipo de construção particular, uma mulher, inicialmente vista como indesejável, sofre um processo de transformação corporal, passando a corresponder ao padrão de beleza. No entanto, a mudança não se restringe à dimensão estética e vem acompanhada de uma modificação em como aquela mulher se posiciona e é vista pelos outros personagens, especialmente os homens.

Nesse caso, a virada narrativa dá a ver “[...] a possibilidade inerente de a mulher se reposicionar completamente. Isso pode ser dentro do contexto íntimo da família e dos relacionamentos, e em termos de classe social, situação de carreira [...], identidade étnica e

<sup>56</sup> Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/it-coisa-ator-de-top-of-the-lake-sera-versao-adulta-de-ben-na-continuacao/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/revelamos-o-que-aconteceu-com-o-clube-dos-otarios-apos-it-capitulo-2>. Acesso em: 29 abr. 2023.

assim por diante” (Masters, 2009, p. 231-232, tradução nossa)<sup>58</sup>. Como exemplos desse tipo de narrativa de transformação com foco na mulher, podemos citar a telenovela *Betty, a feia* (1999) e a série *Insatiable* (2018).

Ainda no cinema, outra prática que distancia as pessoas gordas de uma representação digna é o *fat suit*: uso de enchimentos, máscaras de látex e maquiagem para compor personagens gordos. Na memória cinematográfica, esse tipo de produção está muito associado à comédia. Em filmes como *O professor aloprado* (1996), *Vovó...Zona* (2000, 2006, 2011) e *O amor é cego* (2001), entre outros, atrizes e atores magros “engordaram” por meios artificiais para que pudessem exercer o seu papel de alívio cômico na trama. Mais recentemente, o filme *The Whale, A Baleia* (2022), trouxe a problematização sobre a prática à tona novamente.

Dessa vez, um filme de drama em que o protagonista, interpretado por Brendan Fraser, é professor, gordo maior, com 270 quilos, que apresenta problemas de saúde física e mental e mobilidade reduzida. A produção, que foi vencedora de dois *Oscars*, de melhor ator e, inclusive, de melhor maquiagem e penteado, fomentou o debate sobre os estereótipos da pessoa gorda – principalmente, gordos maiores – e as consequências do *fat suit*. Sobre essa prática, compreendemos que, muito além de ser apenas uma técnica da sétima arte, ela reforça os estereótipos negativos sobre as pessoas gordas, distancia esses sujeitos de uma figura humana e as animalizam e, em última instância, impede que atrizes e atores gordos ocupem espaço no entretenimento.

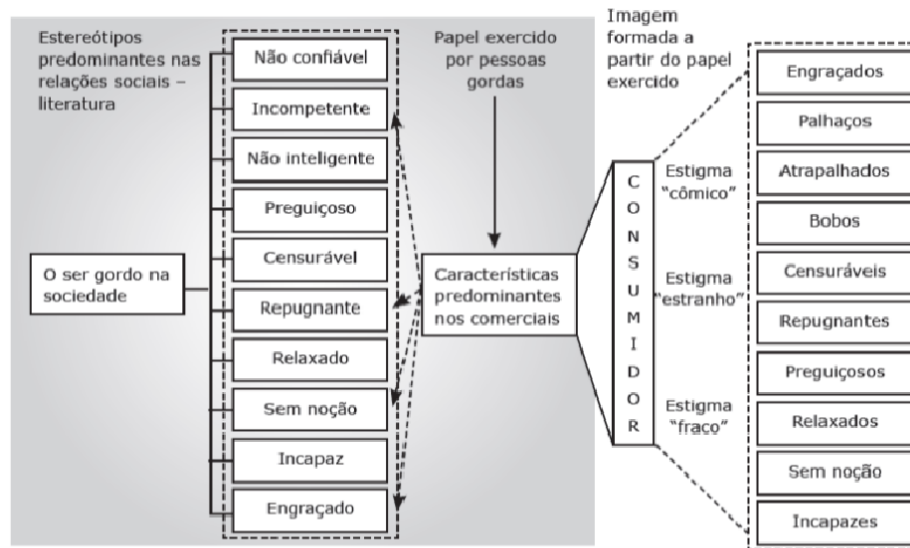
Sobre as representações da pessoa gorda na publicidade, Melo, Farias e Kovacs (2017) se debruçam na investigação sobre os papéis que esses sujeitos desempenham em comerciais e a apreensão dos consumidores frente a essas representações. O estudo demonstra, a partir da realização de um grupo focal, que o que se constitui como constância são estereótipos fortemente negativos, com base nos estigmas de “cômico”, “estranho” e “fraco”, conforme é possível observar na Figura 14.

---

<sup>58</sup> No original: “[...] is the inherent possibility for the woman to completely reposition herself. This might be within the intimate context of family and relationships, and in terms of social class, career situation [...], ethnic identity and so on” (Masters, 2009, p. 231-232).



**Figura 14** – A pessoa gorda na sociedade e seus papéis em comerciais



**Figura 1** – O ser gordo, a sociedade, seus papéis em comerciais e a imagem do consumidor.

Fonte: Melo, Farias e Kovacs (2017, p. 320).

Ainda na publicidade, outra representação é característica das pessoas gordas e, de modo específico, das mulheres gordas, o que denominamos, nesta pesquisa, como a *gorda palatável*. No dicionário<sup>59</sup>, a palavra “palatável”, em seu sentido figurado, é definida como “Aceitável; que agrada; que é atraente ou pode ser apreciado; que tende a ser aceito: transformou a rejeição em algo palatável”. Para chegar a essa concepção, a primeira pergunta que fizemos foi: “qual mulher gorda está sendo realmente representada e qual está sendo excluída” (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 103).

O conceito de *gorda palatável* se coloca em diálogo com os achados de Pilger (2021), em seu estudo sobre as representações das mulheres gordas na revista feminina brasileira *Donna*. A partir da análise, a autora conclui que o modo como as mulheres gordas são retratadas na revista dá a ver um “tipo” de gorda mais aceitável, mais conveniente socialmente.

No que tange à interseccionalidade, amparada no levantamento quantitativo dos corpos gordos das mulheres, encontrei uma padronização – o corpo jornalístico de *Donna* configura as mulheres gordas com determinados marcadores: brancas, jovens, tamanho menor a médio, sem deficiência, inseridas em uma sistemática cisheteronormativa, modelos, cumprindo alguns requisitos de classe social e beleza e tendo que responder a alguns padrões estabelecidos pelo território/geolocalização em que estão inseridas. (Pilger, 2021, p. 313).

<sup>59</sup> Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/palatavel/#:~:text=adjetivo%20Saboroso%3B%20cujo%20gosto%20%C3%A9,a%20r ejei%C3%A7%C3%A3o%20em%20algo%20palat%C3%A1vel>. Acesso em: 2 jun. 2024.

A *gorda palatável* é aquela não muito gorda, curvilínea, com pouca barriga, com poucas marcas corporais, como celulite e estrias, e quase sempre branca. É possível observar que, a despeito de haver a presença de uma mulher gorda, o que acaba sendo reforçado é um padrão aceitável, muitas vezes, nomeado pejorativamente como a gorda “ajeitadinha”. Nesse sentido, a *gorda palatável* é aquela que, apesar de ser gorda, está mais próxima do padrão de beleza e, em alguma instância, traz em seu corpo algo que podemos ler como uma “performance da magreza”.

Isso reforça o limite desse tipo de representação e demonstra o quanto o padrão de beleza se impõe até mesmo em produtos midiáticos que, a princípio, teriam o papel de promover a diversidade e potencializar processos de identificação. Nesse contexto, por vezes se configura uma falsa diversidade que não inclui gordas maiores, mulheres negras ou aquelas que fogem a um certo padrão de feminilidade, como ocorre na moda.

Dessa forma, a moda *plus size*, que teoricamente seria um segmento de inclusão de corpos gordos, tem se tornado uma forma de exclusão de uma parcela considerável de gordas que não se assemelham à matriz simétrica: os corpos tipo maçã e as numerações 54+, fazendo dessa instituição um recurso de homogeneização dos corpos gordos e de exclusão de mulheres gordas em um segmento que, teoricamente, incluía-as. (Carvalho; Lelles; Gomes, 2018, p. 146-147, grifo das autoras).

A partir da diferenciação entre dois tipos de mulheres gordas representadas na revista *Donna*, a “gorda ativista” e a “gorda light”, Pilger (2021) constrói a tese de que essa diferença não se restringe somente ao aspecto físico, mas diz, também, de um determinado tipo de comportamento. Hall (2016, p. 212, grifo do autor) identifica um processo semelhante ao discutir uma “estratégia *integracionista*” do cinema norte-americano da década de 1950 com vistas a “incluir” pessoas negras. “Os negros poderiam entrar para o *mainstream* — mas só à custa de se adaptarem à imagem que os brancos tinham deles e de se assimilarem as normas de estilo, aparência e comportamento dos brancos” (Hall, 2016, p. 212, grifo do autor).

Pilger (2021) explica que a “gorda light” ou “gorda adequada” ocupa um lugar de protagonismo e está associada à inclusão de mulheres gordas nas dinâmicas do consumo, na moda, no mundo da beleza e na mídia. Nessa dinâmica, elas se inscrevem no contexto de uma sociedade neoliberal na qual se conforma um feminismo de mercado.

Isso se dá, principalmente, por meio do enaltecimento estético e da possibilidade de acessar um “mundo magro”, provando que podem realizar as “mesmas coisas” que as mulheres magras. Há o foco na autoestima e amor-próprio conquistados pela beleza, pela representatividade midiática, pelo acesso ao mercado, pela oportunidade de acesso a roupas com informação de moda para seus corpos. São ações guiadas por movimentações mais individuais e, apesar da celebração de um “orgulho *plus*

*size/orgulho gordo*” e na desconstrução dos padrões de beleza, há um corpo gordo padronizado pela moda, mercado e mídia [...]. (Pilger, 2021, p. 278, grifo da autora).

Já no caso da “gorda ativista”, ou “inadequada”, conforme Pilger (2021), há uma tomada de posição política crítica que tematiza a gordofobia em sua complexidade, indo além da dimensão estética e acionando discussões estruturais. Além disso, essas mulheres reivindicam a apropriação da palavra “gorda” deslocando-a do significado atribuído a partir do estigma. Esse posicionamento dá a ver processos de privação de direitos e exclusão, como a questão da acessibilidade, por exemplo, e se aproxima da ideia de *celebridade-resistência*, sobre a qual discorreremos mais à frente neste trabalho.

Ainda sobre a relação entre representações midiáticas e gordofobia, nas telenovelas brasileiras, por exemplo, em grande parte dos casos, o protagonismo é restrito às mulheres magras, brancas e jovens. A Rede Globo, referência nesse tipo de produção audiovisual, reforça o imaginário relacionado à “mulher-padrão” e o lugar das protagonistas, em suas novelas, ainda é reservado, de forma majoritária, a mulheres sensuais e magras (Pereira; Oliveira, 2016, p. 14).

Apesar disso, é possível observar uma movimentação em direção a uma maior diversidade no que se refere à representação das mulheres nas novelas. Em 2009, Taís Araújo foi a primeira protagonista negra em uma novela do horário nobre da Rede Globo, em *Viver a Vida*; já em 2023, Sheron Menezes é a principal personagem da trama *Vai na Fé*. Por outro lado, ainda há um caminho longo para que essas produções de fato representem a diversidade das mulheres brasileiras.

Com relação às mulheres gordas, na maior parte dos casos, elas ocupam papéis secundários e, na maioria das vezes, questionáveis<sup>60</sup>. Nesse escopo, as personagens acabam ocupando um lugar de sofrimento ou de humor na trama, tendo como foco principal da sua história o peso, ou, melhor dizendo, o seu problema com o peso. É como se a identidade da personagem se resumisse à sua aparência corporal. Nessa dinâmica, todas as esferas da sua vida – trabalho, amor, família, entre outros, giram em torno dessa temática. Não há uma complexificação e naturalização do papel que aquela mulher exerce no folhetim.

Em uma análise das personagens gordas *Bia Martins*, vivida por Raquel Fabbri na novela *Alto Astral* (2014), e *Perséfone Fortino*, interpretada por Fabiana Carla, em *Amor à vida* (2013), Pereira e Oliveira (2016) concluem que:

---

<sup>60</sup> Mais recentemente, a personagem *Yeda*, vivida por Castorine no *remake* da novela *Elas por elas*, veiculada entre 2023 e 2024, trouxe uma representação de mulher gorda diferente daquela que estamos acostumados. *Yeda* aparece como uma jovem competente, digna de ser amada e que questiona vários estereótipos gordofóbicos por meio da sua fala.

A gordofobia é apontada no momento em que a mulher gorda é tida como invisível nas produções da emissora, ou como no caso das personagens que guiaram o estudo deste artigo, as quais são enquadradas em *frames* cômicos ou dramáticos, nunca uma mulher segura e realizada, tanto no âmbito amoroso quanto profissionalmente. (Pereira; Oliveira, 2016, p. 14, grifo dos autores).

Em alguns casos, a única saída apontada como uma redenção possível para a mulher gorda é que ela se torne uma modelo *plus size* famosa, como aconteceu com a personagem *Biga*, vivida por Mariana Xavier em *A força do querer*, telenovela da Rede Globo que foi ao ar em 2017. Por um lado, esse desfecho da personagem sinaliza uma possível desconstrução das representações hegemônicas, pois a personagem é colocada em um lugar de realização profissional, empoderamento e beleza; por outra visada, limita as narrativas e os caminhos possíveis do personagem ao seu corpo gordo.

Se lançarmos um olhar interseccional, a questão fica ainda mais problemática, já que mulheres gordas negras constantemente são colocadas em papéis de empregadas, governantas e escravizadas. Tal representação midiática reforça também o lugar de subserviência que o racismo e o machismo, em nossa sociedade racista e patriarcal, busca associar às mulheres negras. Ao pensarmos em outros atravessamentos com o peso, como sexualidade, pessoas com deficiência, idade, entre outros, emerge uma quase invisibilidade: onde estão as personagens mulheres, gordas, LGBTQIAPN+, com deficiência ou com mais de 50 anos nas nossas telenovelas?

É nesse cenário de representações estereotipadas sobre as mulheres gordas que nos apropriarmos de uma reflexão de Hall (2016, p. 211) sobre a “contestação de um regime racializado de representação” para refletir sobre a ressignificação das representações sobre as mulheres gordas. Partimos da proposta do autor para tensionar em que medida é possível conceber a contestação de um regime gordofóbico de representação, considerando que, conforme ele mesmo destaca: “O que dissemos sobre ‘raça’ pode, em muitos casos, ser aplicado a outras dimensões da ‘diferença’” (Hall, 2016, p. 223). Na nossa pesquisa, para pensar sobre o processo de reconstrução das representações sobre as mulheres gordas e o papel das celebridades nesse processo, é preciso se atentar às seguintes questões:

Será que um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado? Quais contraestratégias podem começar a subverter o processo de representação? Será que as formas “negativas” de representação da diferença racial, que sobejam em nossos exemplos, podem ser revertidas por uma estratégia “positiva”? Existem estratégias eficazes? Quais são seus fundamentos teóricos? (Hall, 2016, p. 211).

Importante ressaltar que a proposta se assenta no entendimento de que “o significado nunca poderá ser fixado” (Hal, 2016, p. 211, grifo do autor), ou seja, há sempre a

possibilidade de que os sentidos sejam desestabilizados e as representações ressignificadas. No entanto, a estereotipagem atua como uma força contrária a essa característica mutável da significação, agindo na estabilização dos sentidos, o que, por vezes, acontece de maneira eficaz ao longo de um determinado tempo (Hall, 2016).

Apesar do papel desempenhado pela estereotipagem, o nosso olhar está voltado, também, para o deslocamento dos significados, sua efemeridade e transitoriedade, em direção à possibilidade de construção de uma representação positiva sobre grupos minorizados, o que denominamos, nesta pesquisa, como *imagens ressignificadoras*.

Em última análise, entretanto, o significado começa a escorregar e deslizar. Começa a derrapar, ser arrancado ou redirecionado. Novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas. (Hall, 2016, p. 211).

É possível apontar caminhos que sinalizam para um processo de ressignificação necessário para que o lugar ocupado por essas pessoas na sociedade também seja transfigurado. Diante dessa configuração, é preciso *complexificar, naturalizar e diversificar* as representações.

No caso das mulheres gordas, *complexificar* é criar narrativas em que o peso não seja o principal ou o único mote associado à pessoa gorda: mulheres gordas trabalham, são mães e amam, entre tantas outras coisas. *Naturalizar* é fomentar uma representatividade que não se restrinja a um representante gordo único, demonstrando que pessoas gordas existem e são muitas. *Diversificar* é mostrar mulheres gordas diferentes quando falamos sobre raça, sexualidade, classe, geolocalização e todos os outros atravessamentos que constituem a subjetividade e a identidade de uma sujeita. Nesse processo, é preciso trazer à tona, também, a diversidade no próprio grupo mulheres gordas, não se limitando somente à *gorda palatável*. Como exemplo desse movimento de construção de *imagens ressignificadoras*, trazemos à tona a personagem *Kate* da série *This is us* (em livre tradução, “Isso somos nós”), interpretada pela atriz Chrissy Metz (Figura 15).

**Figura 15** – Personagem *Kate Pearson*, interpretada por Chrissy Metz



Fonte: Captura de tela de imagem disponível em matéria do site TV Pop<sup>61</sup>.

Kate se projeta na sua mãe (uma mulher que corresponde aos padrões de beleza) e não se vê representada. Ela vivencia já na infância a gordofobia: no clube, recebe um bilhete das meninas da sua idade, acompanhado de um desenho que ridiculariza o seu corpo, dizendo que não a querem como amiga. Na vida adulta, a gordofobia se manifesta também em sua face estrutural. Ao ir com o seu namorado a um restaurante para encontrar com um casal de amigos, *Kate* se constrange ao perceber que não cabe na cadeira do lugar. Como a maioria das pessoas gordas, a personagem já teve várias experiências de tentativa de emagrecimento. Ao conhecer o amor da sua vida, *Toby*, personagem interpretado por Chris Sullivan e que, no início da série, também é uma pessoa gorda, chega a dizer que não pode se relacionar com alguém que não queira emagrecer.

As representações construídas sobre *Kate*, em *This Is Us*, não correspondem, na maior parte do tempo, às representações hegemônicas. O fato de ela ser gorda a marca profundamente e a gordofobia se faz presente em diferentes momentos da sua trajetória. Mas a personagem não se limita a cumprir uma função específica na trama, um estereótipo: ela não é a gorda romântica rejeitada e nem se resume ao papel de alívio cômico da série. Ela é competente e capaz (é uma talentosa cantora), vive lindas histórias de amor e, apesar de todas as adversidades, realiza o sonho de ser mãe<sup>62</sup>.

As marcas também têm uma importante responsabilidade social em promover um ambiente midiático e um mundo mais diverso e inclusivo. Como exemplo positivo, trazemos o *case* da marca de cosméticos *Dailus*. Recentemente, a empresa apresentou a sua assistente virtual: a Dai (Figura 16). A escolha da influenciadora digital foi feita por meio de votação na internet e a Dai disputou a vaga com outros dois avatares. A opção pelo uso de uma

<sup>61</sup> Disponível em:

<https://www.tvpop.com.br/104793/protagonista-de-this-is-us-entra-para-o-elenco-de-help-me-rhonda/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

<sup>62</sup> Análise publicada na página do *Instagram Corpo Gordo e Mídia*, administrada pela autora. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMU-g6rABAK/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

inteligência artificial, personificada em um personagem, para agilizar o atendimento ao cliente não é mais novidade. Outras empresas de diferentes áreas também já têm a sua assistente virtual: a famosa Lu, do *Magazine Luiza*; a Nat, da *Natura*; e a Ully U, da *Ultragaz*.

**Figura 16** – Assistente virtual da marca *Dailus*: a Dai, uma mulher gorda



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no *Instagram* @dailus<sup>63</sup>.

Mas o que a Dai tem de diferente? A Dai é uma mulher gorda. A sua imagem não corresponde a estereótipos comumente atribuídos a essas pessoas. Ela é estilosa, descolada – tem tatuagens, piercing e cabelo colorido – e foi escolhida para ser representante de uma marca de beleza. Quando vemos gordas ocupando espaços de visibilidade (sejam elas personagens fictícios ou não), estamos falando sobre uma maior diversidade de corpos em um espaço midiático que costuma ser bem restritivo<sup>64</sup>.

Apesar desse aparente progresso, quando abordamos os processos de (re)construção das representações sobre grupos minorizados, trata-se sempre do que Hall (2016, p. 227) denomina como “desvio multicultural”. No âmbito das representações racializadas, por exemplo, o autor mostra como as transformações acontecem ao mesmo tempo em que padrões anteriores permanecem: novas representações podem ser celebradas, enquanto processos de estereotipagem continuam se fazendo presentes.

O mesmo ocorre quando pensamos nas representações das mulheres gordas. Por mais que seja possível identificar alguns avanços, a gordofobia, por meio da sua inserção estrutural e institucionalizada, continua inscrevendo essas corporalidades em um lugar de exclusão, chacota e estereotipagem. Ao voltar o nosso olhar para as possibilidades de deslocamento de

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cm96hInPC8g/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

<sup>64</sup> Análise publicada previamente na página do *Instagram Corpo Gordo e Mídia*, administrada pela autora. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COBGOUaApzj/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

sentidos, as celebridades exercem um papel importante quando pensamos na (re)construção das representações. Ou seja, essas figuras, que detêm o *status* célebre e, por isso, performam em diferentes regimes de visibilidade, podem, a partir de suas ações, fomentar processos de ressignificação das representações sobre grupos minorizados. Isso se dá sempre em diálogo com a sociedade na qual estão inseridas, temática que será abordada no próximo capítulo de nossa tese.



### 3 CELEBRIDADES: REFLEXÕES A PARTIR DA DIMENSÃO DA RESISTÊNCIA

Neste capítulo, trazemos à tona a maneira como compreendemos o fenômeno celebridades. No primeiro tópico, demonstramos como a construção de uma abordagem relacional, atenta às diferentes interações, permite uma leitura sobre o corpo social, a partir da tríade celebridades, valores e sociedade. Em um segundo momento, apresentamos o conceito de *celebridade-resistência* com o objetivo de apreender o modo como certas figuras públicas, como Preta Gil e Thais Carla, se vinculam a grupos socialmente minorizados e assumem uma posição de enfrentamento a diferentes opressões. Por fim, inscrevemos as *celebridades-resistência* em um contexto político, considerando, para isso, a atuação de outros dois “tipos” de celebridades, as *celebridades-neutras* e as *celebridades-conservadoras*. A intenção é refletir sobre como essas figuras públicas podem intervir no cenário político em um contexto de sociedades democráticas contemporâneas.

#### 3.1 CELEBRIDADES, VALORES E SOCIEDADE: A CONSTRUÇÃO DE UMA ABORDAGEM RELACIONAL

Nesta pesquisa, concebemos as celebridades como “todas as figuras que adquirem proeminência, alcançam grande visibilidade através de dispositivos e práticas comunicacionais, provocam sentimentos e emoções em públicos estendidos” (França; Simões, 2020b, p. 40). O nosso olhar para esse fenômeno se dá a partir de uma perspectiva relacional, de solo pragmatista (Simões, 2013), por meio da qual nos atentamos para a configuração entre o trinômio celebridades-valores-sociedade para que seja possível refletir sobre o corpo social e, em decorrência disso, sobre quem somos.

É acionando essas contribuições que podemos construir um olhar mais global sobre as celebridades. Um olhar atento às próprias celebridades e ao modo como elas configuram sua face pública, mas ao mesmo tempo atento às relações entre elas e os sujeitos ordinários. Um olhar que se volte para os diferentes discursos que edificam os ídolos na sociedade midiaticizada, a partir de emoções, sentimentos e afetos que se manifestam a partir deles. Um olhar que perceba as celebridades como produtos de seu tempo, que revelam traços e valores da sociedade que permite sua emergência. Um olhar que possa dar conta das complexas relações entre o público e o privado, entre a intimidade e a exposição, entre o célebre e o ordinário, entre o econômico e o cultural, cujas fronteiras vêm se diluindo na cena midiática hodierna. Um olhar, portanto, relacional, que compreenda as celebridades como fenômenos comunicativos construídos a partir de múltiplas interações. (Simões, 2013, p. 117).

No contexto dessas “múltiplas interações” (Simões, 2013, p. 117), a mídia não exerce um poder absoluto na constituição das celebridades, mas é uma das forças centrais nesse

processo. Isso porque ela é uma instituição forjada no interior de quadros valorativos e, ao mesmo tempo, responsável pela construção ou ressignificação dos valores hegemônicos do corpo social, compondo uma dinâmica de reflexividade junto à sociedade e à cultura (França; Corrêa, 2012).

Do mesmo modo, a conformação de um status célebre se dá, também, por meio da interação entre as celebridades e os seus públicos, os “sujeitos ordinários” (Simões, 2013, p. 117). Neste seguimento, é importante que haja uma consonância entre aquilo que a celebridade representa, os valores que emergem a partir da sua imagem pública, e os públicos que ela convoca por meio do seu poder de afetação.

As celebridades evocam públicos que interpretam e reelaboram os sentidos de suas ações, que podem ser politizadas. Os valores contidos nessas ações devem, por sua vez, estar em consonância àqueles dos públicos que a celebridade mobiliza, sob risco de serem questionados, disputados e até invalidados. (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 223).

Ao se posicionarem, as celebridades definem as situações interativas respondendo à pergunta: o que está acontecendo aqui? (Goffman, 1986)<sup>65</sup>. Com base nisso, é possível caracterizar os quadros sob os quais essas figuras emolduram os sentidos em determinadas interações e aqueles que se configuram, também, a partir da manifestação dos públicos.

Destacam Mendonça e Simões (2012, p. 191) que, entre os diferentes tipos de operacionalização do conceito de enquadramento, a “Análise da situação interativa” se propõe a realizar microanálises das interações. Por meio dessa perspectiva, é possível identificar as ações dos sujeitos e seus posicionamentos, além de “perceber os diferentes graus de força que os interlocutores dispõem para definir as situações e os quadros que as regem” (Mendonça; Simões, 2012, p. 192).

Nessa perspectiva, o olhar vai além das disputas de sentido no âmbito de quadros determinados (dimensão intraquadros) e investiga a maneira que esses quadros se tocam, dialogam e se chocam (dimensão interquadros) (Mendonça; Freitas; Oliveira, 2014). Ou seja, é possível identificar “disputas de enquadres” entre as celebridades e os públicos, e entre os próprios públicos no momento de responder à pergunta “o que está acontecendo aqui?”. Perante essa dinâmica, podemos lançar uma lente de análise que, considerando o contexto, nos permita inferir o que essas pessoas célebres dizem sobre a nossa sociedade e os valores que compartilhamos.

---

<sup>65</sup> “O objetivo de Goffman não é o de investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: ‘O que está acontecendo aqui?’. Para o autor, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação” (Mendonça; Simões, 2012, p. 189).

Essa visada sobre o fenômeno celebridades vem sendo consolidada pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em consonância com essa proposta, buscamos desvelar os valores associados à imagem pública<sup>66</sup> de uma celebridade para que seja possível identificar traços da nossa sociedade, responsável por atribuir o *status* de figura célebre a esses sujeitos (França; Simões, 2020b). Tal apreensão se dá em diálogo com um compromisso político do GRIS em refletir sobre as relações de poder, de modo específico, a partir das dinâmicas fomentadas no âmbito das figuras públicas de referência.

No cerne desta pesquisa, ao olhar para grupos minorizados, temos a oportunidade de desvelar valores hegemônicos da nossa sociedade, opressões e resistências construídas frente a esses processos. Para isso, a análise de uma celebridade deve se dar “[...] sempre em interação – com outras celebridades, com a mídia, com o público, com o contexto e com os diferentes significados que são construídos em torno dela” (Simões, 2013, p. 116). Esse modo de olhar relacional, tendo as celebridades como indícios dos nossos quadros valorativos, se insere em uma visada pós-estruturalista (Rojek, 2008).

A perspectiva pós-estruturalista propõe que as celebridades sejam pensadas a partir de um jogo intertextual: elas se constroem a partir da interlocução entre diferentes discursos (tanto aqueles que emergem dos dispositivos midiáticos como os que povoam as interações ordinárias; afinal, esses significados se mesclam no cenário discursivo da sociedade midiaticizada). Esses discursos dizem de afetos e sentimentos, que ajudam a legitimar ou a desconstruir o lugar da fama ocupado pelos ídolos na cena pública. Mas é preciso deixar claro que esses discursos são resultado da ação e da interação entre os sujeitos; eles não existem neles mesmos, independentes dos indivíduos, mas são engendrados pela experiência humana. (Simões, 2013, p. 116-117).

Para localizar a nossa perspectiva relacional, trazemos à tona, neste momento, importantes trabalhos que auxiliaram na concepção do nosso posicionamento frente ao objeto de pesquisa, as celebridades gordas. Primeiramente, destacamos a tese de Paula Guimarães Simões (2012), *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. Por meio do trabalho, a pesquisadora buscou compreender como uma figura pública pode se constituir como uma “celebridade-acontecimento” a partir do seu poder hermenêutico.

Simões (2012) partiu de fatos marcantes da vida do jogador de futebol para apreender como traços, princípios e valores da sociedade contemporânea podem ser identificados a

<sup>66</sup> Compreendemos o conceito de imagem pública a partir de Lima e Simões (2017, p. 15): “1) a imagem pública é relacional, é construída na interação entre os sujeitos públicos e a sociedade, as instituições, os meios de comunicação, outros políticos, a família; 2) a imagem pública não é unívoca, é multifacetada, composta por diferentes representações e sentidos; 3) a imagem pública é contextual, ou seja, é localizada temporal, histórica e socialmente”.

partir da sua trajetória. Ao longo da investigação, o individualismo, o machismo e a masculinidade heteronormativa, entre outros, emergiram como valores presentes no percurso de vida de Ronaldo Fenômeno e que revelam indícios do contexto contemporâneo.

Em consonância com a proposta de Simões (2012), buscamos apreender em que medida valores vigentes emergem e se articulam com celebridades gordas. Assim, as pesquisas se aproximam pela centralidade que dão à capacidade que as celebridades apresentam de desvelar valores do corpo social. No nosso caso, ao olhar para duas celebridades gordas, Preta Gil e Thais Carla, também será possível elaborar comparações no interior do próprio grupo por meio da adoção de uma perspectiva interseccional.

Outra pesquisa que se apresenta como representativa da visada relacional nos estudos de celebridades é a tese de Lígia Campos de Cerqueira Lana: *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez*, de 2012. O objetivo da pesquisa foi investigar a inserção das personagens públicas na vida cotidiana. Em diálogo com a perspectiva do GRIS, a pesquisadora também se alicerça no pragmatismo norte-americano para olhar para o seu objeto e parte do conceito de acontecimento, em articulação com a noção de experiência, para orientar a sua metodologia e selecionar o recorte da trajetória de cada celebridade a ser analisado em profundidade.

Assim como em nosso trabalho, Lana (2012) faz a análise de celebridades mulheres, o que faz emergir a questão do gênero como temática pertinente aos objetos de pesquisa. Ao também optar por estudar mais de uma celebridade, a pesquisadora pode estabelecer comparações para, ao final, chegar à conclusão de que “[...] ambas são personagens públicas da mídia: elas se constituem como duas mulheres específicas, mas que, ao almejar a manutenção da presença na experiência pública, são muito parecidas” (Lana, 2012, p. 257).

De modo diverso à nossa proposta, a autora lança o olhar para celebridades magras, que correspondem ao padrão de beleza e não sofrem com a gordofobia. Ambas, inclusive, trabalharam como modelos profissionais. Assim, ao passo que Lana (2012) se volta para as figuras públicas que ocupam um lugar de privilégio social, o nosso interesse é olhar para as celebridades que fazem parte de grupos minorizados e que assumem o posicionamento de enfrentamento às opressões, como *celebridades-resistência*<sup>67</sup>.

No final de 2020, Fernanda de Faria Medeiros defendeu a sua tese de doutorado intitulada *Celebridades no Instagram: performance, monetização e relação com o público*. A

---

<sup>67</sup> A noção de *celebridade-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022) será abordada em profundidade no próximo tópico deste capítulo.

pesquisadora analisou o perfil da influenciadora *fitness* Gabriela Pugliesi, e da influenciadora digital e atriz Kéfera Buchmann. Nesse sentido, a pesquisa se aproxima da nossa concepção ao analisar mais de uma celebridade, ambas mulheres e brasileiras. Como demonstrou Medeiros (2020), as características, os modos de atuação e os públicos acionados por cada uma das figuras possibilitou uma modalidade de comparação também pela diferença/contraste. Isso porque, apesar do que compartilham, Pugliesi e Kéfera representam lados opostos no que se refere a diferentes temas, como o posicionamento político.

Do mesmo modo que a nossa pesquisa, Medeiros (2020) utiliza a dimensão dos valores para olhar para as celebridades e construir relações sobre como essas figuras públicas podem dizer sobre a sociedade contemporânea. A partir de uma proposta metodológica norteada pelos conceitos *performance* e valores, a autora identificou como valores característicos dessas celebridades – e que dão a ver sobre a nossa sociedade – o egocentrismo e a autenticidade, entre outros.

As pesquisas, aqui apresentadas, são representativas desse olhar relacional para as celebridades e reforçam a pertinência de considerar o fenômeno a partir do tensionamento entre os valores que essas figuras públicas representam, aqueles dos quais se distanciam e aqueles frente aos quais elas assumem um posicionamento de enfrentamento. Por essa perspectiva, é preciso sempre considerar a dimensão da temporalidade: a maneira como cada celebridade incorpora e mobiliza quadros ideológicos e valorativos do seu tempo.

O surgimento das celebridades é ligado à possibilidade de, através delas, sondar-se o social, observar a operação e a circulação de discursos sociais específicos – que, a partir da adesão dos célebres, ganham ressonância e organização no conjunto social mais amplo. Desta forma, pela emergência e adesão que articulam, as celebridades dão a ver formas discursivas até então difusas socialmente, operando como figuras organizadoras de “dizeres” e “percepções” sociais, viabilizando sua emergência. (Prado, 2020, p. 222).

Além disso, os estudos reforçam a importância de se refletir sobre o modo como essas celebridades, a partir da sua atuação na cena pública, podem trazer novos contornos/camadas aos valores sociais vigentes. Assim, precisamos estar atentos para a potencialidade contida nas ações das celebridades para reconstruir e ressignificar o que está posto, dando a ver, assim, a sua dimensão acontecimental (Quéré, 2005; 2012) e de resistência na contemporaneidade: “É por isso que estudar as celebridades nos fala de algo que as ultrapassa e é constituinte de cada momento social” (França; Simões, 2020a, p. 4).

### 3.2 CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA: UMA CONCEITUAÇÃO DE BASE PRAGMATISTA E INTERSECCIONAL

Partindo desse olhar relacional e, considerando o escopo do trabalho, nosso interesse é pensar, especificamente, sobre um grupo de celebridades que compartilham um determinado posicionamento ao atuar na cena pública: as “*celebridades-resistência*” (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022). Essas figuras públicas são configuradas a partir de uma visão de mundo e um modo de agir caracterizados pelas seguintes características:

- Vinculam-se, a partir da sua constituição como sujeitos, de suas ações e seus posicionamentos como pessoa célebre na cena pública, a grupos socialmente minoritários;
- Identificam-se com valores progressistas e emancipatórios: igualdade, respeito e justiça social;
- Colocam-se em posição de enfrentamento a diferentes tipos de opressão social, como o racismo, o machismo, a lgbtfobia, a gordofobia;
- Não apenas manifestam sua indignação em relação às opressões que denunciam, como convocam seus públicos a aderir a tais lutas;
- Dão a ver suas visões de mundo e seus posicionamentos em relação a diferentes temas e podem atuar como uma das forças de transformação da realidade social. (Simões; Carneiro, 2022, p. 79-80).

Importante pontuar que, em consonância com a perspectiva pragmatista, a constituição dessas figuras públicas se dá sempre em relação a um contexto, um tempo e um espaço determinados em que suas ações estão inscritas. Nesse sentido, uma *celebridade-resistência* é forjada com base em uma dimensão contextual. Suas ações estão em constante diálogo com o quadro social em que se inserem e também se deslocam a depender dessa conjuntura.

Ainda sobre essa definição, parece-nos pertinente incorporar um outro aspecto sobre a *práxis* das *celebridades-resistência*, com destaque para a sua dimensão comunicacional e em diálogo com o eixo estruturante da gordofobia *Linguagem e representações*. Nesse contexto, outra potencialidade que se apresenta como característica das *celebridades-resistência* é a possibilidade de fomentar processos de ressignificação das representações sobre grupos minorizados. Assim, acreditamos que essas figuras públicas de referência podem, a partir de suas ações na cena pública e do espectro de visibilidade que possuem, ser agentes transformadoras na reconstrução e desestereotipização das imagens que temos sobre diferentes grupos sociais.

No caso de celebridades gordas, os achados em nossas pesquisas anteriores (Aquino; Carneiro, 2021; Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022) demonstraram que as ações dessas figuras nas redes sociais digitais podem fomentar um questionamento de valores como a beleza, a magreza e a juventude. Ademais, as ações também cumprem a função de

apresentar um outro olhar sobre as mulheres gordas, ao desconstruir estereótipos como a feiura, a doença e o sedentarismo, entre outros. Além disso, é possível forjar novas visualidades possíveis, *imagens ressignificadoras*, como profissionais bem-sucedidas, belas, sensuais e mulheres dignas de serem amadas.

Importante ressaltar, porém, que vislumbrar a leitura das ações de celebridades na cena pública, a partir de uma dimensão da resistência, não implica negligenciar a estrutura capitalista e mercadológica na qual esses sujeitos atuam e da qual fazem parte. Mas reconhecer que, ao assumir tal posicionamento, essas figuras também colocam em jogo a sua imagem pública. “A partir dessa exposição, assumem as implicações que o posicionamento sobre determinadas temáticas pode gerar em sua imagem pública e, conseqüentemente, no modo como elas monetizam o seu status de pessoa célebre, principalmente nas redes sociais digitais” (Simões; Carneiro, 2022, p. 71).

Como contextualizam Simões e Carneiro (2022), a concepção das *celebridades-resistência* está fundamentada em uma *abordagem pragmatista e interseccional* do fenômeno, somada a um entendimento de uma *dimensão acontecimental* (Simões, 2014a) dessas figuras públicas. Dessa forma, assim como em Simões (2009), olhamos para as *celebridades-resistência* a partir de uma perspectiva praxiológica, em que a análise se volta para suas ações e, de modo relacional, também se interessa pela forma como essas ações reverberam.

Essa perspectiva, fundada sob a base teórica do Pragmatismo, além de recomendar um olhar relacional do pesquisador, volta o foco para as ações comunicativas. A comunicação é vista como um processo que se inscreve na experiência<sup>68</sup> dos sujeitos em um determinado contexto: é por meio dela que os atores sociais constroem a sua experiência com o mundo. Dessa maneira, essa concepção se configura como uma alternativa à tradição epistemológica para a análise dos processos comunicacionais (Quéré, 2018). Por meio dela, contestamos o entendimento da comunicação como um processo reducionista caracterizado pela transmissão de informações. Isso porque nela a realidade se configura como predefinida e existe uma separação entre a dimensão das ideias – simbólica – e “[...] aquilo que eles evocam, isto é, o mundo real do outro, seja externo, seja interno” (Quéré, 2018, p. 20).

A abordagem praxiológica propõe o entendimento do mundo comum pela ação, com base na construção social da realidade, o que revela a dimensão da “intenção encarnada” (França, 2018). Sob essa ótica, a intenção não existe em um estado abstrato, mas a partir da

---

<sup>68</sup> Para Dewey (2010), a experiência é concebida como a interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo, com uma mútua afetação entre as duas dimensões durante esse processo. Sobre o conceito de experiência em Dewey, Cf. Lana *et al.* (2014) e Carneiro e Simões (2021).

sua materialidade concretizada em comportamentos e operações. Assim, explica Quéré (2018), o processo comunicativo é sempre uma construção e o caminho tomado dependerá de todos os fatores nele envolvidos. “O que significa dizer: mais significativo do que uma intenção inicial do emissor, como registra a perspectiva informacional, é *aquilo que ela se torna*, em confronto com as resistências que encontra, com as contraposições a que deve se haver” (França, 2018, p. 94, grifo da autora). Ou seja, a intenção se dá no/pelo processo de interação entre os sujeitos e é por meio da prática e da experiência dos atores sociais que a comunicação se realiza. Por conseguinte, é a partir desse domínio que ela deve ser analisada (Simões, 2009).

No contexto desta pesquisa, para além do que as celebridades dizem estar fazendo, nos interessa observar o modo como de fato elas agem na cena pública, identificar as práticas comunicativas e analisar o modo como essas ações podem se constituir, no interior de um contexto socio-histórico-midiático complexo, a partir de uma dimensão de resistência frente às opressões, especialmente a gordofobia: interessa-nos “a forma como tais ideias se tornam força no mundo” (França, 2018, p. 95).

Ao afirmarmos que o conceito de *celebridade-resistência* se constitui a partir de uma visada, além de praxiológica, interseccional, objetivamos destacar que, para além de ter a sua constituição como sujeitas atravessada – ou não – por opressões, as *celebridades-resistência* tematizam as violências a partir das suas ações na cena pública se colocando a favor de grupos socialmente minorizados. Uma *celebridade-resistência* tem um posicionamento de luta frente às opressões e, assim, pode atuar como agente de mudança na estrutura social, promovendo ideais de igualdade, diversidade e inclusão.

Nesse sentido, assim como no exemplo abaixo sobre a cantora Preta Gil, ser e se posicionar como “resistência” é fator constituinte sobre como essas celebridades agem e são percebidas pelos públicos e, conseqüentemente, é parte configuradora da imagem pública das mesmas.

A interseccionalidade é acionada, neste trabalho, a partir de traços e valores da própria figura pública que se propõe analisar aqui. Preta Gil é negra, gorda e declaradamente pansexual. Sua trajetória e constituição como sujeita e celebridade passa pela vinculação a grupos socialmente minoritários, que sofrem discriminação na nossa sociedade. Destacamos, porém, que essa associação da figura de Preta Gil não se dá apenas pela constituição da cantora como sujeita atravessada por diferentes opressões, mas, principalmente, a partir de suas ações e seus posicionamentos como pessoa célebre na cena pública a favor de minorias sociais. Todos esses aspectos imbricam-se na formação de sua *imagem pública* (Lima; Simões, 2017) e, conseqüentemente, no modo como ela se aproxima de determinados traços ou valores de nossa sociedade. (Simões; Carneiro, 2022, p. 70).



Assim como na abordagem interseccional cada sujeito pode ser atravessado por diferentes avenidas de subordinação, de forma particular, complexa e imbricada, cada *celebridade-resistência* assume protagonismos diversos frente às opressões. Pensando na realidade brasileira e em diferentes grupos minorizados, é possível citar, por exemplo, a atuação da influenciadora e humorista Pequena Lô frente ao capacitismo; os posicionamentos da ex-participante do *Big Brother Brasil* e cantora, Juliette Freire, diante da xenofobia contra nordestinos e o enfrentamento de Daniela Mercury contra a lgbtfobia, conforme estudado por Rocha e Garcêz (2021).

Ainda sobre outras pautas, destacamos nomes como a apresentadora Ana Paula Padrão, que problematiza, na cena pública, o etarismo; e a cantora Preta Gil nas discussões sobre gordofobia, em interface com racismo, gênero e sexualidade (Carneiro; Simões, 2021, Simões; Carneiro, 2022). Nos debates sobre classe, trazemos à tona o trabalho de Paulo Roberto da Silva Lima, o Galo, o “entregador antifascista”, que, durante a pandemia de Covid-19, foi responsável por liderar o movimento dos entregadores antifascistas (Sena; Serelle, 2022).

Pensar as celebridades, sob um viés interseccional, é algo que já vem sendo proposto em diferentes pesquisas sobre figuras públicas de referência brasileiras (Moraes, 2011, 2016; Lima, 2021a). Lima (2021a) identifica esse movimento como resposta a uma lacuna na tradição dos estudos sobre celebridades: o tratamento universal das figuras públicas. Nesse processo, muitas vezes, questões como racismo e machismo não são consideradas. Como pontua a autora, isso leva a um enviesamento limitante da compreensão do fenômeno, já que, como discriminações estruturais, as opressões também incidem no processo de constituição das celebridades (Lima, 2021a).

Para Lima (2021a), pensar as celebridades, a partir de uma abordagem interseccional, nos permite refletir sobre como o atravessamento das opressões em determinados sujeitos conformam uma dinâmica de acesso (inclusão ou exclusão) ao *status* célebre, em detrimento a outras pessoas que não experienciam uma identidade subalternizada. A fala da pesquisadora se alicerça no entendimento da constituição da dinâmica entre celebridades, valores e sociedade e dá a ver a visada pragmatista do fenômeno em que as ações das pessoas famosas se dão em um determinado contexto, sempre em diálogo com os valores sociais de referência do tempo em que esse processo é conformado.

Partindo desse ponto, será que, na mesma medida em que uma celebridade ora reforça, ora transforma o quadro de valores de um contexto social, o próprio contexto social também não atua como uma força reflexiva, ora favorecendo, ora desfavorecendo, em maior ou menor intensidade, a ascensão de alguns indivíduos à

fama? É aqui que acreditamos se encaixar a noção de interseccionalidade para a análise das celebridades. (Lima, 2021a, p. 27-28).

Na mesma trilha, Moraes (2011, p. 55) vai refletir como marcadores da diferença, como raça, peso, gênero e origem social, vão ajudar ou dificultar o acesso à fama e a manutenção do *status* célebre constituindo, assim, uma “hierarquia de celebridades”. Sobre o papel da relação entre padrão corporal e gênero nesse processo, a autora aponta um paradoxo:

[...] mulheres célebres protagonizam o papel dual de receberem mais espaço da indústria de famosos, ao mesmo tempo em que também são mais constrangidas a conformarem seus corpos à racionalidade do meio. Há nesse sentido também uma adequação de gênero a papéis e tipos específicos, o que indica um espaço mais restrito para essas agentes. (Moraes, 2011, p. 55).

Moraes (2011) dá relevo, nesse ponto, a dinâmicas específicas que se fazem presentes quando falamos sobre celebridades-mulheres. Aqui, fica tangível o modo como, da mesma maneira que a gordofobia, os processos de celebrização também se constituem como uma questão de gênero. Nessa dinâmica, alcançar o *status* da fama e manter-se nesse lugar de visibilidade é algo mais difícil para as mulheres (Moraes, 2016).

Em movimento semelhante, Rocha e Lana (2020) propõem o entendimento das desigualdades de gênero no campo das celebridades a partir do conceito de “celebridade feminina”. Por meio de uma reconstrução histórica, os autores refletem sobre a construção da imagem pública de celebridades mulheres na mídia brasileira do século XX<sup>69</sup>. No estudo, os autores desvelam, também, traços do contemporâneo no que se refere ao alcance e à manutenção do *status* célebre e às implicações de ser uma celebridade feminina.

A visibilidade de seus comportamentos permitiu que as coletividades avaliassem a moral e as normas em curso, contribuindo para a compreensão do contexto social no qual viveram. Mulheres de prazer público, as celebridades estudadas indicaram contradições e ambiguidades do espaço público moderno – relativamente esquecidas como objeto de reflexão, mas centrais para o capitalismo, a publicidade e a mídia. A problemática da história cultural dos nossos estudos de caso permitiu perceber mais permanências do que rupturas na estrutura da construção das celebridades e do comportamento feminino personificado em suas trajetórias. (Rocha; Lana, 2020, p. 19).

Por meio do trabalho, os autores concluíram que o comportamento feminino foi pautado pela mídia recorrendo a discussões sobre “sexo, maternidade, casamento, vida doméstica, consumo e trabalho” (Rocha; Lana, 2020, p. 13). No que se refere à moralidade, identificaram um eixo de erotismo, já que as celebridades estudadas foram mulheres que

---

<sup>69</sup> As celebridades estudadas foram Sarah Bernhardt, Pagu, Luz del Fuego e Brigitte Bardot.

manifestaram a sua liberdade sexual e eram consideradas, em alguma medida, como desejáveis.

Nesse ponto, compreendemos que as celebridades estudadas por Rocha e Lana (2020), no contexto do século XX, também continham uma dimensão de resistência. Isso porque ocupavam um lugar de incômodo, questionando e desestabilizando valores e costumes da época. É nesse cenário que os autores acionam a ideia de “sucesso de escândalo”: “[...] momentos que despertam perplexidade e/ou indignação diante de atos e situações que contrariam expectativas morais [...]” (Rocha; Lana, 2020, p. 4). Ao mesmo tempo, essas celebridades sofreram com um controle de diversas instâncias da sociedade diante das suas ações que contrastavam com as expectativas sociais atreladas às mulheres da época.

A vigilância ideológica e o controle sobre o corpo feminino se configuram ainda hoje como representativas do que é ser uma celebridade mulher e se reflete no próprio jornalismo de celebridades. É comum que figuras públicas, principalmente mulheres, tenham a sua visibilidade na mídia atreladas à tematização do seu corpo, hábitos alimentares e exercícios físicos. Nesse cenário midiático, um jornalismo de celebridades gordofóbico exalta características físicas típicas de pessoas magras, enaltece processos de emagrecimento e inscreve o ganho de peso em um lugar de falta de cuidado e motivo de chacota (Think Olga, 2017, p. 21).

Como punição, as celebridades são, muitas vezes, apresentadas como pessoas enfraquecidas e desleixadas, sem controle sobre o próprio corpo (Moraes, 2016). Por mais que seja possível identificar um avanço nos dias atuais no que se refere à representatividade de grupos minorizados e à diversidade corporal, ser atravessado por opressões faz com que o *status* da celebridade-mulher sofra “constantes fissuras”, como no caso da mulher gorda: “Se gordas, mulheres célebres precisam manter-se ‘em seus lugares’ (comédias, por exemplo, no caso de atrizes) ou procurar rapidamente ‘superar’ o peso considerado acima do permitido” (Moraes, 2016, p. 14).

Quando falamos sobre mulheres negras, por exemplo, há ainda uma outra camada que influencia na maneira como se pode ou não alcançar o *status* célebre e na própria vivência enquanto figura pública que ainda continua em vigor na contemporaneidade, a cor da pele. Essa característica vai determinar fatores como a visibilidade e os cachês recebidos por cada figura pública (Moraes, 2011). Nesse recorte, explica Moraes (2016), muitas vezes, a mulher negra célebre acaba sendo inserida nesse universo de maneira estereotipada ou relacionada a uma condição de inferioridade a ser superada, como a pobreza.

Esses marcadores se mostram tão fulcrais na conformação do *celebrity system* que o próprio entendimento do que é uma celebridade é perpassado por características hegemônicas que fomentam processos de opressão, como a magreza, a juventude e a riqueza (Moraes, 2016). Assim, ao construir uma visada interseccional das celebridades, é preciso estarmos atentos a questões como as que são apontadas por Moraes (2011):

c) perceber como demarcadores sociais também encontram prolongamento dentro desse sistema específico, onde encontramos desnivelamento de gêneros, classes e raça, entre outros, o que nos dá a chance de analisar relações de poder dentro do sistema do entretenimento, assim como questões como a violência simbólica; finalmente d) observar como os célebres expressam interesses e afetos de grupos menos empoderados. (Moraes, 2011, p. 55).

Pensar as celebridades sob uma perspectiva interseccional é uma oportunidade de localizar as reflexões em um contexto de violência contra grupos minorizados. Por esse ângulo, olhar para as ações dessas figuras públicas oferece indícios dos lugares sociais que grupos subalternizados ocupam na sociedade e as frentes de luta em contraposição a esse contexto opressor. Nessa dinâmica, é possível apreender a conformação de uma tríade no modo de atuação das celebridades, caracterizada pela dimensão da resistência, da neutralidade e do conservadorismo.

### 3.3 CELEBRIDADES-RESISTÊNCIA, NEUTRAS E CONSERVADORAS NO CONTEXTO POLÍTICO BRASILEIRO

Após essa demarcação pragmatista e interseccional, é preciso compreender a maneira como as *celebridades-resistência* se localizam também no campo político. Quando pensamos nessa relação, é possível aventarmos que essas figuras públicas identificam-se com princípios progressistas e, no contexto brasileiro, aproximam-se dos ideais da esquerda. Nesse contexto, as *celebridades-resistência* dão a ver valores emancipatórios, como respeito, igualdade e justiça social, e estão inseridas nos processos democráticos, sendo necessário:

[...] avançar na investigação sobre os papéis que elas desempenham na democracia e como as dinâmicas políticas podem ser reconfiguradas por meio das ações desses sujeitos célebres no enfrentamento aos valores conservadores e reacionários, em contextos amplos ou singulares [...]. (Simões; Carneiro, 2022, p. 80).

Ao colocar em evidência esse aspecto das *celebridades-resistência*, é importante abordarmos a noção de “política de celebridades” (Wheeler, 2013). Essa concepção é utilizada para caracterizar o cenário político contemporâneo em que a atuação de figuras públicas pode intervir no engajamento político nas sociedades democráticas (Wheeler, 2018).

As discussões de Wheeler (2013, 2018) sobre a política de celebridades são devedoras das reflexões de Street (2004) e ambos os autores se distanciam de perspectivas apriorísticas que denotam a ela um caráter estritamente danoso à democracia representativa. Os pesquisadores reivindicam, assim, uma visada abrangente sobre a participação política e o papel desempenhado pelas celebridades nos processos democráticos (Wheeler, 2013).

O paradigma tradicional precisa ser avaliado criticamente, pois simplifica demais a passividade em termos de ativismo de celebridades e engajamento público. Em particular, observou-se que as celebridades politicamente conscientes trouxeram novas formas de engajamento que indicam uma transformação dialética da alta política com uma abordagem mais populista da cidadania cultural. (Wheeler, 2013, p. 29)<sup>70</sup>.

Street (2004) elucida que esse não é um fenômeno novo, mas que vem ganhando novos contornos com as mudanças culturais e midiáticas da atualidade, já que a política das celebridades se configura como um produto das transmutações da comunicação política contemporânea. Nesse cenário, é preciso adotar uma perspectiva crítica, reconhecendo a presença do político-celebridade como um fator constituinte dos processos democráticos contemporâneos. Ao mesmo tempo, é necessário refletir de maneira ponderada sobre as ações desses atores sociais para que seja possível reconhecer os casos em que, de fato, há legitimidade nessa atuação.

Quando os políticos convencionais adotam o disfarce da celebridade, quando se apresentam como astros do *rock*, eles apelam para imagens e identidades que não têm lugar na política democrática representativa, ou estão estabelecendo as próprias conexões (entre representados e representantes) sobre as quais a “representação” depende? Da mesma forma, quando as celebridades afirmam falar pelo povo, quando criticam a decisão de ir à guerra, sua voz tem alguma legitimidade democrática? (Street, 2004, p. 436)<sup>71</sup>.

Street (2004) propõe a compreensão desse cenário a partir de duas dimensões da celebridade política: o político que se apropria de componentes do *status* de celebridade e, por outro lado, a figura pública que faz uso do lugar social e da visibilidade que detém para se manifestar na cena pública em prol de determinadas pautas políticas. Deste modo, o autor dá a

---

<sup>70</sup> Do original: “The traditional paradigm needs to be critically evaluated as it oversimplifies passivity in terms of celebrity activism and public engagement. In particular, it has been noted that politically conscious celebrities have brought about new forms of engagement which indicate a dialectical transformation of high-politics with a more populist approach to cultural citizenship”.

<sup>71</sup> Do original: “When conventional politicians adopt the guise of the celebrity, when they pose as rock stars, do they appeal to images and identities that have no place in representative democratic politics, or are they establishing the very connections (between represented and representative) upon which ‘representation’ depends? Equally, when celebrities claim to speak for the people, when they criticise the decision to go to war, does their voice have any democratic legitimacy?”.

ver “[...] tanto uma celebração dos políticos quanto um processo de politização das celebridades no contexto contemporâneo” (Paixão-Rocha; Simões, 2021, p. 210).

Em particular, Street pergunta se as celebridades podem revigorar a política com uma forma agregada de agência política. Ele está preocupado com a conexão que as celebridades podem fazer com o público por meio de sua capacidade de estar “em contato” com o sentimento popular. Isso tem sido mediado pelo “*fandom*”, no qual uma “intimidade com outros distantes” pode ser entendida como a base da representação política. Street afirma que tal relação representacional é estabelecida pela “capacidade afetiva” das celebridades e pelas performances culturais dos políticos modernos. (Wheeler, 2018, p. 18)<sup>72</sup>.

Nesta pesquisa, estamos especialmente interessados no segundo tipo de político-celebridade, que utilizam o seu *status* célebre para falar sobre certas causas e interesses pessoais na intenção de influir no resultado político (Street, 2004). Como compreende o autor, diferentes variáveis atuam para a conformação de uma figura pública como celebridade política, tais como a relação com os públicos e, notadamente, o contexto social e político em que as suas ações se inscrevem.

Também contribui para essa configuração, lembra Wheeler (2018), a crise de confiança na classe política, entre outros fatores. Nesse contexto, celebridades politizadas usam o seu status e visibilidade para apoiar determinados candidatos, configurando, assim, uma via de mão-dupla: “[...] em que a persona de uma estrela politizada pode adicionar credibilidade a uma campanha enquanto demonstra adesão a um partido, política ou causa política”<sup>73</sup> (Wheeler, 2018, p. 9).

A celebridade pode se configurar como uma representante de seus públicos, oferecendo “voz política”<sup>74</sup> (Street, 2004, p. 449) a eles e às suas demandas. Ou seja, ainda que a figura pública não tenha como objetivo final ocupar um cargo público, ela pode se constituir como um representante da sociedade civil e usar a sua visibilidade para fazer reivindicações aos políticos (Kamradt, 2019). O autor ainda destaca a capacidade que esses atores sociais têm de aproximar sujeitos a debates de interesse público.

Outro questão apontada por Wheeler (2018), no contexto do ativismo de celebridades, são as novas dinâmicas do processo democrático configuradas a partir da emergência das

---

<sup>72</sup> Do original: “In particular, Street asks whether celebrities can reinvigorate politics with an aggregated form of political agency. He is concerned about the connection celebrities can make with the public through their ability to be “in touch” with popular sentiment. This has been mediated through “fandom” in which an “intimacy with distant others” can be understood as the basis of political representation. Street contends that such a representational relationship is established by the “affective capacity” of the celebrities and modern politicians’ cultural performances”.

<sup>73</sup> Do original: “[...] in which a politicized star’s persona may add credence to a campaign while demonstrating adherence to a party, policy, or political cause”.

<sup>74</sup> Do original: “political voice”.

redes sociais digitais. Surgem novas formas alternativas de participação e agenciamentos – entre eles, a política de celebridades – que atuam como “forças centrífugas”<sup>75</sup> (Wheeler, 2018, p. 18) no engajamento público nesse momento social em que o entendimento sobre o que é cidadania e participação também se transfigura.

Mais recentemente, os resultados dessas formas de atuação política desafiaram as normas vigentes de comunicação política e estão sendo contestados em termos de seu valor democrático. Finalmente, deve ser lembrado que a política de celebridades está operando no contexto de uma variável nova e imprevisível – a mídia social – que está se tornando o principal recurso de informação em que os valores democráticos são contestados. (Wheeler, 2018, p. 19)<sup>76</sup>.

No contexto brasileiro, França e Leurquin (2022) localizam o influenciador digital Felipe Neto nesse lugar social em que celebridades atuam na defesa de determinadas políticas públicas, apoiam certos candidatos e podem se candidatar a cargos públicos, deslocando o seu “capital de celebridade” para a esfera política (Kamradt, 2019, p. 11). Apesar de não fazer esse último movimento, já que não atua oficialmente na política, Neto pode ser apreendido, a partir das suas ações, como uma celebridade política.

Sobre esse posicionamento do influenciador, França e Leurquin (2022) identificam uma mudança na transição dos governos do Partido dos Trabalhadores para o de Jair Bolsonaro. Nesse momento, Neto passou a se posicionar, de fato, como uma celebridade política ao construir seus posicionamentos de forma mais fundamentada, atuando na defesa de causas (França; Leurquin, 2022).

O influenciador digital ganha uma postura mais sólida de “líder de opinião”, que se preocupa com opiniões embasadas, mostra-se capaz de fazer autocrítica no ajustamento de sua trajetória, e destaca a importância do posicionamento político na atual situação brasileira. Se, em 2016, distribuía críticas a uns e outros indistintamente, agitando o tema da corrupção como um resumo dos males do Brasil, em 2020, assume a bandeira da luta contra o fascismo da extrema-direita, contra a homofobia e a favor dos direitos sociais (discussão que, no entanto, não aprofunda). (França; Leurquin, 2022, p. 37).

Com base na apreensão desse movimento individual do influenciador digital, as autoras ampliam essa tendência e a localizam como significativa de um movimento mais amplo entre as figuras públicas de referência brasileiras, processo inscrito no cenário socio-político do país a partir do contexto “Fora Bolsonaro”. Ao nosso ver, a pandemia de Covid-19 também desempenhou um papel importante nessa dinâmica de tomada, ou não, de

<sup>75</sup> Do original: “centrifugal forces”.

<sup>76</sup> Do original: “Most recently, the outcomes drawn from these forms of political performance have challenged the prevailing norms of political communications and are being contested in terms of their democratic worth. Finally, it should be remembered that celebrity politics is operating within the context of a new and unpredictable variable—the social media—which is becoming the key information resource wherein democratic values are contested.”.

posicionamento das celebridades, conforme problematizado por Simões e Carneiro (2022) no trabalho em que analisaram as ações da celebridade Preta Gil no contexto pandêmico brasileiro, tendo como marco temporal a morte do humorista e amigo pessoal da cantora, Paulo Gustavo.

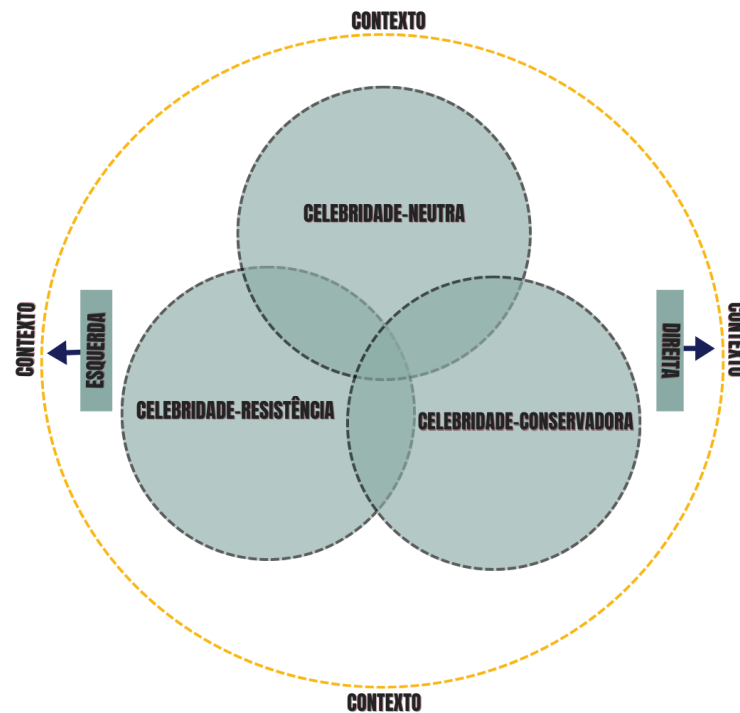
Abidin e Karhawi (2021) fazem uma leitura semelhante ao abordar as ações de influenciadores digitais. Para as autoras, assim como a proliferação do vírus afetou pessoas diferentes de maneiras diversas ao redor do mundo, essas figuras públicas também atuaram de maneiras distintas nesse contexto. Elas lembram, por exemplo, produtores de conteúdo, especialmente da área de moda de luxo, que demonstraram estar “intocados” pela pandemia. “Portanto, a produção de seu conteúdo permanece. Elas continuam participando de desfiles e eventos virtuais de luxo, continuam consumindo itens de moda exclusivos e nada parou porque, para as audiências e para esses criadores de conteúdo, os negócios seguem normalmente” (Abidin; Karhawi, 2021, p. 295). Por outro lado, ressaltam:

Para outros influenciadores, os que não estão na mídia tradicional e fazem parte de outras classes sociais, foi necessário exercitar mais o discernimento e usar novas táticas na produção de conteúdo. Isso porque se eles demonstrassem certo grau de irresponsabilidade mantendo suas saídas em feriados, deixando de usar máscaras ou se concentrando apenas no melhor ângulo da refeição do dia, correriam o risco de se afastar de seus seguidores, muitos dos quais estavam enfrentando dificuldades financeiras, emocionais e físicas com a pandemia. Portanto, aqui, independentemente desses influenciadores digitais terem sido afetados pessoalmente pela pandemia, eles precisavam ser mais sensíveis às condições de seus públicos e, portanto, elaborar mensagens mais apropriadas. (Abidin; Karhawi, 2021, p. 294-295).

É nesse contexto que o conceito de *celebridade-resistência* nos permite pensar, também, em outros modos de atuação que emergem no contexto político, caracterizado, também, pela ação de *celebridades-conservadoras* e *celebridades-neutras*, conforme engendramos nesta pesquisa e apresentamos na Figura 17, abaixo.



**Figura 17** – Modo de atuação das celebridades



Fonte: Elaborada pela autora.

Na história recente do Brasil, no contexto do bolsonarismo, celebridades, que aqui denominamos como conservadoras, atuaram de maneira assertiva como representantes dos ideais da extrema-direita brasileira, personificados na figura do ex-presidente Jair Bolsonaro, posicionando-se e convocando públicos contra a “ameaça comunista”. Representantes de segmentos da igreja evangélica, em especial o neopentecostalismo, desempenharam um importante papel na defesa dos valores da família tradicional e na crítica às pautas de grupos minorizados socialmente, como as pessoas LGBTQIAPN+.

O discurso religioso foi um fator central no resultado das eleições presidenciais de 2018 (Barros Jr., 2022) e também durante o processo eleitoral presidencial de 2022. Isso porque Bolsonaro se caracteriza como um político populista que faz uso de uma linguagem religiosa, notadamente cristã e de valores conservadores, para construir a sua base de apoio junto aos eleitores e atuar no ambiente político nacional (Bissiati, 2022).

Nesse escopo de *celebridades-conservadoras* também atuaram figuras conhecidas do grande público, como a atriz Regina Duarte e o ator Mário Frias, ambos com passagem pela Secretaria Especial da Cultura no Governo Bolsonaro. No campo da música, cantores sertanejos como Gustavo Lima, Zé Neto & Cristiano, Zezé di Camargo, da dupla com Luciano, Eduardo Costa, Sérgio Reis e Bruno, da dupla com Bruno & Marrone.

Como narram França e Vieira (2021), a relação de compatibilidade entre artistas da música sertaneja e o bolsonarismo já se mostrava sólida desde as eleições para presidência da república em 2018, ancorada em um discurso conservador. Como observam os autores, tal posicionamento se deu em uma relação de reflexividade com as temáticas das músicas produzidas pelos cantores sertanejos à época. Diante da ameaça à masculinidade hegemônica, pelo empoderamento feminino, a família e o amor bem-sucedido, mas, também, a disciplina, as armas e a figura de Bolsonaro, emergem como sustentáculos desse modelo cisheteronormativo.

No esporte, atletas como o jogador de futebol Neymar, Maurício Souza e Wallace, ambos do vôlei, e nomes da *Fórmula 1*, como Nelson Piquet e Emerson Fittipaldi declararam seu apoio à Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais (Quais..., 2022). Essa tendência já havia sido identificada por França, Medeiros e Almeida (2020), no contexto das eleições de 2018, com a adesão quase integral de cantores sertanejos e esportistas à candidatura de Jair. Isso se deu em contraposição a outras categorias, como cantores da *MPB*, *pop*, *rap*, *funk* e artistas ligados à Rede Globo que manifestaram apoio à Fernando Haddad, à época candidato do PT à presidência.

Algumas figuras públicas adotaram um posicionamento de uma aparente isenção, ao buscar não se posicionar frente ao impasse político e ao futuro do país – e da sua democracia – adotando, assim, uma posição a qual denominamos aqui como *celebridade-neutra*. Como exemplo dessa postura, é possível citar a fala da cantora Claudia Leitte, durante o programa *Altas Horas*, da Rede Globo<sup>77</sup>, objeto de estudo de Prado e Tavares (2022) no artigo *Claudia Leitte e a indiferença na pandemia: jornalismo e celebridades na ambiência de um ciberacotecimento*<sup>78</sup>.

<sup>77</sup> “Em 22 de maio de 2021, a cantora brasileira Claudia Leitte participou, junto com a atriz Deborah Secco e a apresentadora de TV Ana Maria Braga, do programa *Altas Horas*, da Rede Globo, apresentado por Serginho Groisman. Na ocasião, o apresentador questionou a cantora: “*Claudinha, qual é a sua indignação?*”. Em resposta, ela disse: “*A minha indignação? Eu tenho um coração pacificador, Serginho. Eu me indigno, sou capaz de virar tudo pelo avesso, de chutar as barracas, mas todo mundo tem um lugar onde pode brilhar uma luz para desfazer o que está acontecendo. E se essa luz se acende, obviamente, não vai ter escuridão*”. Na sequência, o apresentador pede à atriz Deborah Secco, também convidada (participando de forma remota), que comente sobre a questão. Prontamente, a atriz afirma, em tom incisivo, sua perspectiva, contrastando com a posição de Claudia Leitte e destacando uma certa passibilidade diante dos casos: “*A gente não pode continuar sendo ‘é isso mesmo...’*”. Neste momento, a atriz é interrompida por Ana Maria Braga, que cita a falta de vacinas para a população brasileira. Em seguida, Deborah Secco fala ainda: “*É impressionante! São os meninos que desapareceram e ninguém sabe onde estão; é o psicopata que mata gays no Sul e a gente mal fala sobre isso. É tudo, tudo muito normalizado. É tanta coisa ruim acontecendo e a gente vai ‘seguinto’, sabe? Eu fico realmente indignada*” (Prado; Tavares, 2022, p. 163).

<sup>78</sup> Os autores realizam a análise considerando que a visibilidade das celebridades está vinculada a três aspectos distintos e complementares: “(1) a reafirmação da autenticidade (da personalidade) da exposição; (2) a dificuldade em se manter oculto (ou invisível) àquilo que não se pretende expor; e (3) a alimentação dos canais de contato, a fim de preservar um lugar no campo do visível” (Prado; Tavares, 2022, p. 175).

Como contextualizam os pesquisadores, o Brasil vivenciava uma realidade marcada pela negligência do Governo Federal na gestão da pandemia, com atraso na compra de vacinas, escândalos no processo de compra dos imunizantes, aumento do desemprego, entre outras questões públicas graves. Frente a essa realidade, a cantora baiana optou por se colocar em um lugar de aparente isenção.

Diante da crise sanitária e política vivida no Brasil, a tentativa de Claudia Leitte de se furta a manifestar uma posição mais evidenciada revela-se uma certa pretensão de “distanciamento” ou “neutralidade”. Ao dizer que tem um “coração pacificador”, a artista procura, justificando-se por características que lhe seriam pessoais, enevoar a tensão do quadro social e esvaziá-lo politicamente: ou seja, ela sugere que a posição individual “pacificadora”, caso manifesta coletivamente, seria capaz de dissolver os problemas sociais que poderiam engendrar indignações. Essa estratégia lhe escapa ao controle, pois acaba por conduzir a um engajamento incisivo dos públicos que demandam, intensamente, uma fala explicativa e mais crítica sobre os temas sociais: em face dessa convocação, a artista é instada pelo público a rever sua estratégia comunicativa. (Prado; Tavares, 2022, p. 177).

É preciso ter em perspectiva que se colocar no lugar de isenção, como uma *celebridade-neutra*, também é um posicionamento. Tomando a concepção do silêncio na análise do discurso francesa, é preciso estarmos atentos ao fato de que quando olhamos para as ações das celebridades, ou a ausência destas, inscritas no contexto social, o silêncio também diz.

Ao discutir o silêncio – o não dito – no âmbito do processo de produção de sentidos, Orlandi (2012) faz menção ao silêncio fundador e ao silenciamento, ou política do silêncio. Este último pode ser entendido segundo duas noções: o silêncio local e o silêncio constitutivo. O local diz respeito ao que não pode ser dito no contexto de uma determinada produção de sentidos, o que o aproxima de uma ideia de censura. Já o silêncio constitutivo faz referência ao que não está sendo dito, uma vez que, para dizer algo, é preciso deixar de falar de outro modo – a escolha de uma palavra ou expressão pressupõe o não uso de outra. (Carneiro, 2020, p. 232).

Nesse sentido, a dimensão do silêncio constitutivo é um importante indício para refletirmos sobre as figuras públicas de referência. O não-dito, os assuntos não tematizados e as polêmicas que elas se furta em se posicionar são constituintes dos valores associados a elas, da sua imagem pública e do seu posicionamento. Podemos também nos perguntar a quem está resguardado o direito de não se posicionar – imune, imparcial, alheio e “limpo” – diante de situações sociopolíticas, tais como a pandemia. Qual o perfil das celebridades que não se posicionaram nesse contexto se distanciando, assim, de qualquer impacto que a tomada de posição poderia reverberar na sua imagem pública e na monetização junto aos públicos?

Ainda sobre essa dinâmica de posicionamento, *resistência*, *conservadora* ou *neutra*, faz-se pertinente elucidarmos que, ao denominar como *celebridade-resistência*, estamos caracterizando um modo de atuação que não é pontual, mas diz de um posicionamento

assumido e construído pela celebridade ao longo da sua trajetória: ele é parte constituinte de quem ela é, como ela é percebida pelos públicos e da sua imagem pública.

No entanto, em alguns momentos, diante de determinados acontecimentos e em contextos específicos, as *celebridades-resistência* também podem optar por não se manifestar, se aproximando, assim, do padrão de uma *celebridade-neutra*, ou até mesmo apresentar uma posição conservadora diante de uma determinada pauta. Tal compreensão evidencia o entendimento de uma imagem pública complexa, dinâmica, não unívoca e mutável, em consonância com Lima e Simões (2017). Ao mesmo tempo, não invisibiliza a importância do papel desempenhado por essas *celebridades-resistência* no corpo social.

É também com base nessa prerrogativa pragmatista-interseccional que as *celebridades-resistência* contém uma dimensão acontecimental, conforme enunciaram Simões e Carneiro (2022), se configurando, assim, como uma *celebridade-acontecimento* (Simões, 2014a). Essas figuras públicas instauram uma intermitência no corpo social originando novas possibilidades e permitindo que as suas ações sejam chave de leitura para o contexto em que estamos inscritos: quais valores nos representam e conformam as relações sociais (Simões, 2014a). Ao lado do poder hermenêutico e intrinsecamente relacionado a ele, está o poder de afetação das figuras públicas, gerando processos de projeção, identificação e contraidentificação junto aos seus públicos.

Nessa interlocução entre as celebridades e seus públicos, projeções, identificações e contraidentificações se realizam, o que significa que somos afetados diferentemente pelas pessoas célebres. Um sujeito pode projetar seus sonhos de riqueza na experiência dos famosos (projeção); ou reconhecer uma situação vivida por uma celebridade como semelhante à sua (identificação); ou, ainda, marcar o afastamento de sua vida em relação à conduta de um ídolo, ao denunciar seus fracassos e deslizes (contraidentificação). (Simões, 2014b, p. 215).

Na atualidade, esse processo possui uma dimensão estratégica em que a imagem da celebridade também pode ser pensada para se vincular a determinadas ideias e grupos. Nas redes sociais digitais, por exemplo, cada ação pode ser estrategicamente planejada com base em informações estatísticas – fornecidas, também, pelas próprias plataformas<sup>79</sup> – que direcionam a atuação dessas sujeitas (Medeiros, 2016).

Por isso, ao pensarmos a dimensão da resistência, é preciso estarmos atentos à linha tênue que separa as ações empreendidas pelas celebridades como potencialmente “de

<sup>79</sup> Importante lembrar que o funcionamento das plataformas de comunicação digitais é reflexo de interesses políticos, econômicos e ideológicos dos proprietários das plataformas. Inscritos em uma lógica mercadológica e capitalista, eles têm como objetivo final o lucro e, como explicam Primo, Matos e Monteiro (2021), esse arranjo se reflete na produção e circulação de conteúdos em cada rede. Nesse sentido, as plataformas, “[...] são atores-rede fortemente entrelaçados nas dinâmicas políticas, nas engrenagens econômicas e nas atividades cotidianas da contemporaneidade” (D’Andréa, 2020, p. 56).

resistência” e, ao mesmo tempo, como práticas mercadológicas com vistas ao lucro e à promoção da imagem pública. É essa relacionalidade e complexidade que nos move em direção ao nosso objeto de pesquisa: as celebridades gordas.

Após refletir sobre como compreendemos as celebridades, suas ações e o lugar social que ocupam na contemporaneidade, partimos, agora, para a composição metodológica deste estudo que guiará a nossa análise do objeto.

## 4 PROPOSTA METODOLÓGICA

Com base na trajetória construída até aqui, alicerçamos as nossas discussões em uma compreensão da gordofobia a partir dos seus eixos estruturantes e propomos uma perspectiva pragmática e interseccional das celebridades, com ênfase na dimensão da resistência.

Diante desse solo teórico-conceitual, realizamos a seguinte pergunta: *como Preta Gil e Thais Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e outras opressões e podem, a partir das suas ações, fomentar a resignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados?*

Dessa forma, o objetivo geral do nosso trabalho é investigar como Preta Gil e Thais Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e a outras opressões podendo, a partir das suas ações, fomentar a resignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados. Os nossos objetivos específicos são derivados dessa questão principal e buscam abarcar e problematizar as discussões que constituem o escopo da pesquisa:

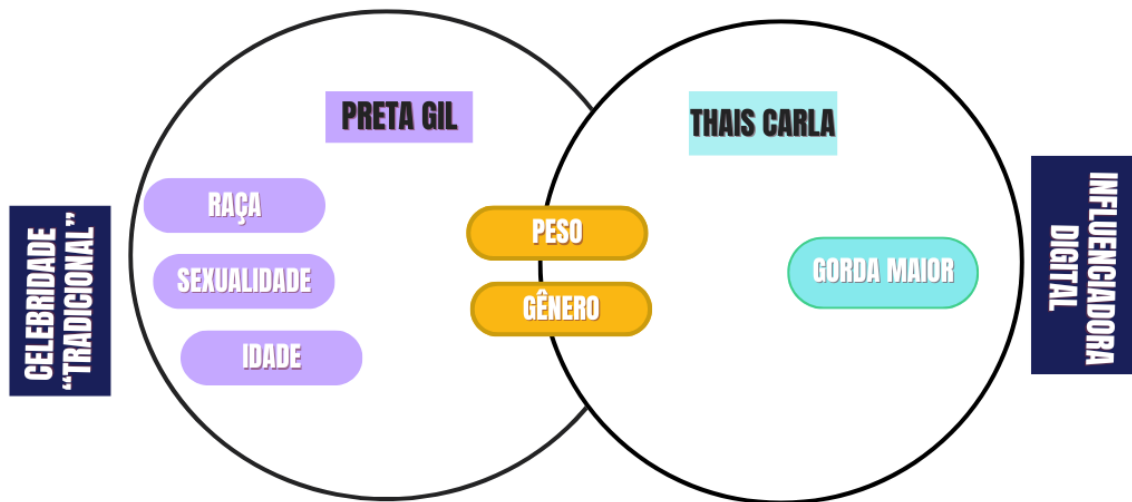
- Construir uma compreensão sobre a constituição da gordofobia na contemporaneidade e a respeito do papel das celebridades no processo de visibilização do preconceito;
- Apreender os eixos estruturantes da gordofobia, reconhecíveis no posicionamento das celebridades e na manifestação dos públicos, e as estratégias utilizadas por Preta Gil e Thais Carla no enfrentamento à gordofobia;
- Refletir sobre os eixos de subordinação e seus atravessamentos, desvelando o modo como as celebridades lutam contra determinadas opressões e a maneira como os públicos se manifestam diante dessa ação;
- Analisar como as celebridades acionam estratégias para (re)construir as representações sobre grupos minorizados e como os públicos se manifestam diante dessa ação;
- Compreender como as celebridades exercem o papel de *celebridade-resistência*, assumindo uma posição de enfrentamento a valores hegemônicos;
- Delimitar a maneira como as celebridades estudadas podem se configurar como indícios do corpo social: o que elas dizem sobre nós?.

### 4.1 MINIBIOGRAFIA DAS CELEBRIDADES

Considerando o escopo deste estudo, partimos do fenômeno “celebridades” para, então, definir o recorte das figuras públicas que serão analisadas. Em consonância com o problema de pesquisa e os objetivos da investigação, elas devem ter as seguintes

características em comum: serem celebridades, mulheres, brasileiras, gordas, e com uma postura de enfrentamento à gordofobia. Com base nesses critérios, elegemos a celebridade Preta Gil e a influenciadora digital Thais Carla como as mulheres a serem investigadas. Na Figura 18 apresentamos as duas celebridades e os eixos opressores que as atravessam.

**Figura 18** – Opressões: as celebridades e os seus atravessamentos<sup>80</sup>



Fonte: Elaborada pela autora.

Em consonância com a perspectiva do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG), compreendemos que o conceito “celebridade” abarca vários tipos de figuras públicas, com histórias de origem, modos de atuação e relacionamento com os públicos distintos. O nosso principal interesse não se concentra na categorização e na construção de uma linha divisora entre celebridades “tradicionais” e influenciadores digitais<sup>81</sup>.

Olhamos para as ações dessas figuras públicas a partir de uma visada pragmatista, refletindo sobre como seus posicionamentos dão a ver valores: o que essas pessoas famosas dizem de seus tempos. No entanto, ainda que os influenciadores digitais também estejam sob o “guarda-chuva” “celebridade”, considerando a maneira como Preta Gil e Thais Carla se inserem e atuam na cena pública, localizamos Preta mais próxima do entendimento de uma “celebridade tradicional”. Isso porque, apesar de ter uma forte presença digital, a sua história

<sup>80</sup> Importante ressaltar que destacamos, nesta imagem, os eixos de opressão que atravessam as mulheres investigadas. As ações de Preta e Thais, como *celebridades-resistência*, não se limitam a essas opressões, já que elas podem se vincular a outros grupos minorizados.

<sup>81</sup> Autores como Camargo, Estevanim e Silveira (2017), Karhawi (2017; 2021), Abidin (2019), Abidin e Karhawi (2021), Silva e Trindade (2022) e Medeiros *et al.* (2022) propõem reflexões sobre os distanciamentos e aproximações entre influenciadores digitais e celebridades “tradicionais”.

de origem não está ligada às redes sociais digitais. Ao contrário de Thais Carla, que teve a sua carreira iniciada na internet e, por isso, está inscrita em um polo associado aos influenciadores digitais.

#### 4.1.1 Preta Gil

Preta Gil, 49 anos, é uma mulher gorda menor, negra, bissexual, cantora, atriz, apresentadora e empresária brasileira. Ela é uma das fundadoras da *Mynd*, agência voltada para o agenciamento de celebridades e páginas de entretenimento<sup>82</sup>. A celebridade nasceu na cidade do Rio de Janeiro, é filha do cantor Gilberto Gil e da empresária Sandra Gadelha. A artista é irmã de Maria e Pedro (já falecido), e meia-irmã de Nara e Marília, do primeiro casamento de Gil com Belina de Aguiar, e de Bem, Bela e José, frutos da união de Gilberto Gil com Flora Gil.

Preta é mãe do músico Francisco Gil, fruto do casamento com o ator Otávio Müller, e afilhada da cantora Gal Costa. A artista foi avó aos 41 anos, com o nascimento de Sol de Maria, filha de Francisco e da modelo e atriz Laura Fernandez. Preta, que tem participações em novelas, filmes e programas de TV, se assumiu como cantora com quase 29 anos, depois de trabalhar no mercado publicitário. A artista tinha medo de ingressar na carreira e foi persuadida por amigos para seguir o seu sonho (Preta Gil, 2024)<sup>83</sup>.

O primeiro álbum, denominado *Prêt-à Porter*, foi lançado em 2003 e gerou críticas por Preta posar nua para a capa e o encarte do CD. No mesmo ano, ela divulgou a música *Sinais de Fogo*. Em 2004, passou a apresentar um programa de auditório na Band, o *Caixa-Preta*. No álbum *Sou como sou*, de 2012, a cantora, em música homônima, critica os padrões sociais, entre eles, o da beleza, e faz uma ode à diversidade. A discografia da cantora ainda conta com *Preta* (2005), *Noite Preta ao Vivo* (2010), *Bloco da Preta* (2014) e *Todas as Cores* (2017) (Preta Gil, 2024).

Em 2011, Preta foi eleita a rainha da *XV Parada Gay de São Paulo* (Mora, 2011) e, em 2019, lançou a música *Só o Amor*, em parceria com a *drag queen* Glória Groove (Pacilio, 2019). No mesmo ano, colocou em evidência a sua faceta teatral no monólogo autobiográfico e musical *Mais Preta Que Nunca* (Souza, 2019). Desde 2010, a artista também lidera o *Bloco da Preta* que arrasta foliões durante o carnaval (Preta Gil..., 2023b).

---

<sup>82</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/entenda-a-influencia-da-agencia-mynd-e-a-relacao-com-a-choquei/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>83</sup> Disponível em: <http://pretagil.com.br/biografia/>. Acesso em: 4 abr. 2024.



Em janeiro de 2023, Preta recebeu o diagnóstico de um câncer colorretal e, após um período de quimioterapia e radioterapia, realizou, em agosto do mesmo ano, uma cirurgia para retirada do tumor, que foi bem-sucedida (Preta Gil..., 2023a). No período do tratamento, Preta se separou do marido, Rodrigo Godoy, após oito anos de casamento, diante da traição do ex-companheiro com a sua *ex-stylist*. Em 2023, fez uma apresentação no programa *Criança Esperança*, da Rede Globo, em homenagem à sua madrinha, Gal Costa, cantando *Força Estranha*.

Preta Gil tem 309.930 ouvintes mensais<sup>84</sup> na plataforma de *streaming* de música *Spotify* e 244 mil inscritos<sup>85</sup> em seu canal no *Youtube*. No *Instagram*, ela possui, atualmente, 11,5 milhões de seguidores<sup>86</sup>. Nas publicações do seu perfil, além da vida profissional, expõe o seu cotidiano com a família e amigos. Ademais, tematiza questões relacionadas a diferentes opressões, como o racismo e a homofobia, e também aborda a diversidade corporal, dando relevo à gordofobia.

Em muitos casos, a cantora se baseia em datas representativas, como o Dia da Consciência Negra, ou acontecimentos para trazer à tona preconceitos. Preta é adepta de legendas mais longas, com tons mais sérios, e alterna entre fotos produzidas e naturais (defendendo a vida “sem filtros<sup>87</sup>”). A cantora deixa evidente o seu posicionamento político progressista e se manifesta também em contextos específicos, como a pandemia da Covid-19 e as eleições presidenciais no Brasil, em 2022.

#### 4.1.2 Thais Carla

Thais Carla, 32 anos, é uma mulher gorda maior, branca, criadora de conteúdo digital, dançarina, ativista gorda e, mais recentemente, cantora. Ela nasceu em Nova Iguaçu, cidade da Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro, é casada com o fotógrafo Israel Reis e mãe de duas crianças, Maria e Eva. Em sua pele, Thais anuncia, em uma tatuagem, como se coloca diante do mundo: “*corpo TODO, corpo GORDO, corpo LIVRE*”.

A inserção de Thais na cena pública remonta à sua participação no quadro *Se Vira nos 30*, do extinto programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo, em 2009. Anos mais tarde, ela passou a integrar o elenco do programa *Legendários*, apresentado por Marcos Mion entre

<sup>84</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1i2xi8v7H0aXgMNZcOaYzB>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@pretagiloficial>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/pretagil/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>87</sup> Filtro é um recurso de inteligência artificial, em redes sociais digitais, que altera imagens. Ele é muito utilizado para modificar ou apagar marcas corporais, como estrias, celulites, olheiras, entre outras.

2010 e 2017 na Record TV. Como “gordinha esquema”<sup>88</sup>, a bailarina apresentou diversos números de dança na atração ao longo de quatro anos (Sá, 2017)<sup>89</sup>. Thais ainda teve uma passagem pelo *reality Além do Peso*, da mesma emissora, no ano de 2015.

De 2017 a 2019, ganhou visibilidade midiática ao fazer parte do elenco de bailarinos da cantora Anitta em sua turnê de shows. Nessa fase, teve uma apresentação marcante, ao compor um corpo de baile formado exclusivamente por mulheres gordas, na edição do *Criança Esperança*, da Rede Globo, no ano de 2016<sup>90</sup>. No início de 2024, a influenciadora assumiu a faceta de cantora e se lançou no mercado da música (Churchill, 2024).

Atualmente, a criadora de conteúdo digital possui 971 mil inscritos<sup>91</sup> em seu canal no *Youtube*, mais de 12,2 milhões de seguidores<sup>92</sup> na plataforma *Tik Tok*, e 10.366 ouvintes mensais no *Spotify*<sup>93</sup>. Thais ainda possui 3,4 milhões seguidores<sup>94</sup> no *Instagram*. Em pesquisas exploratórias, realizadas anteriormente em seu perfil, observamos que a influenciadora traz temas como gordofobia, maternidade e relacionamentos. Além disso, as publicações abordam o seu dia a dia: família, atividade física, alimentação, viagens e publicidades.

Thais atua no *Instagram* principalmente com textos curtos e vídeos e, em muitos deles, é possível observar a dança e a exposição corporal, por vezes, acionando também a estratégia do humor. Para o lançamento como cantora, ela apagou todos os seus *posts* e, em 5 de janeiro de 2024, fez a sua primeira publicação lançando a música *Não pode opinar*, seu primeiro *single*, marcado por uma crítica veemente à gordofobia.

## 4.2 CORPUS

O escritor mineiro João Guimarães Rosa, no conto *João Porém, o criador de perus*, do livro *Tutaméia: terceiras estórias*, define o viver como um “rasgar-se e remendar-se”. O processo do fazer-pesquisa não é diferente. Inicialmente, a proposta do nosso trabalho era que o *corpus* fosse totalmente extraído da plataforma de comunicação digital *Instagram*. A escolha se dava por diferentes fatores, entre eles, a “característica imagética” da plataforma

<sup>88</sup> "Gordinha esquema" era o apelido dela, dado no programa, e também o nome do quadro na atração. Disponível em: <https://record.r7.com/legendarios/videos/thais-carla-a-gordinha-esquema-danca-beyonce-no-palco-do-legendarios-09012024/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>89</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/bailarina-plus-size-de-anitta-thais-carla-pesa-140-kg-ja-posou-nua-com-marido-sou-plena-21440624.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>90</sup> Vídeo da apresentação disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5136890/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkDbKaH6CWE32PRzmGx6wbQ>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>92</sup> Disponível em: [https://www.tiktok.com/@thaiscarlaa\\_?lang=pt-BR](https://www.tiktok.com/@thaiscarlaa_?lang=pt-BR). Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>93</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/4fdL9YqRBgUrRfjxygfc8w>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>94</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/thaiscarla/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

(Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 18), já que ela se qualifica como um espaço em que o papel desempenhado pela imagem é fundamental. Além disso, em consonância com a nossa pesquisa, também é importante a centralidade que o *Instagram* ocupa na construção da imagem pública das celebridades na atualidade.

Após o exame de qualificação, acessamos os perfis das celebridades investigadas para que fosse possível construir a composição final do *corpus* e extrair os dados da plataforma para análise. No entanto, ao consultar o *Instagram* da influenciadora digital Thais Carla, fomos surpreendidos por um perfil vazio: ela havia apagado todos os seus *posts* e a sua foto tinha sido substituída por uma imagem da cor preta. Dias depois, em 5 de janeiro de 2024, a criadora de conteúdo fez um *post* anunciando a sua entrada no mercado musical com o lançamento da música *Não pode opinar*.

Essa possibilidade de mudança na plataforma já era algo que considerávamos, uma vez que a efemeridade é uma das características intrínsecas desses ambientes midiáticos, caracterizados por uma reiterada transfiguração. “Não é raro uma plataforma se modificar significativamente ao longo de uma pesquisa, deixando a sensação – injusta, mas compreensível – de que a análise está desatualizada antes mesmo de ser finalizada” (D’Andréa, 2020, p. 53). No nosso caso, a modificação de quadro não foi consequência da atualização do algoritmo da plataforma, mas da ação de uma das celebridades que investigamos. Considerando a nova realidade, foi preciso criar estratégias adaptando a proposta metodológica inicial para que os objetivos da pesquisa continuassem a ser plenamente alcançados.

Para isso, realizamos, em um primeiro momento, pesquisas exploratórias em diversos ambientes com a presença de Preta Gil e Thais Carla, como redes sociais digitais, revistas digitais, arquivos de programas de televisão, programas de *podcast*, plataformas de música, entre outros. Partindo desse material diverso, definimos, então, um recorte acontecimental para o nosso *corpus*, algo que já vem sendo adotado no âmbito das investigações do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) da UFMG (Leurquin, 2023; Lana, 2012; Simões, 2012).

Buscamos, na trajetória célebre de cada uma das figuras públicas estudadas, eventos importantes que dizem sobre a construção da sua imagem pública, configurando-se como “marco” nesse percurso. Em alguns casos, tais acontecimentos promovem, também, o que pode ser entendido como uma ruptura, com a emergência de um horizonte de novas possibilidades. Com base nessa proposta, selecionamos três acontecimentos importantes que nos permitem analisar os posicionamentos dessas celebridades.

No caso de Preta, dois acontecimentos referem-se a datas comemorativas da sua carreira, 10 e 20 anos, respectivamente, e o terceiro evento selecionado foi o diagnóstico de câncer da cantora, em 2023. Sobre Thais, selecionamos, a partir de lentes acontecimentais, a vitória em um processo por gordofobia contra um humorista, a sua participação no corpo de baile da cantora Anitta e o seu recente lançamento na carreira musical.

Para delimitar a empiria a ser analisada, privilegiamos aqueles casos em que – estando associados a um determinado acontecimento – a temática da gordofobia ocupa um lugar de destaque. Para os acontecimentos mais recentes (o adoecimento de Preta e o projeto de Thais na música), selecionamos dois materiais para privilegiarmos a manifestação das celebridades no tempo presente. Abaixo, nos Quadros 1 e 2 apresentamos a empiria<sup>95</sup> relacionada a cada acontecimento e as unidades de análise que são consideradas para a investigação em cada caso.

Quadro 1 – Delineamento do *corpus*: Preta Gil

Preta Gil			
Acontecimento	Empiria	Unidades de análise	Link para acesso
<b>10 anos da carreira musical de Preta Gil</b>	<b>Clipe no Youtube</b> “Sou como sou” ( <i>Youtube</i> , 2012) e <b>comentários</b> - <i>3min15seg</i>	Vídeo, comentários dos usuários e as respostas das celebridades (se houver).	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k">https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k</a>
<b>Diagnóstico de câncer de Preta Gil</b>	<b>Entrevista para programa de televisão</b> “Fantástico” Preta Gil fala sobre o processo de tratamento do câncer (2023) - <i>10min09seg</i>	Vídeo e legenda.	<a href="https://globoplay.globo.com/v/11441651/">https://globoplay.globo.com/v/11441651/</a>
<b>20 anos da carreira musical de Preta Gil</b>	<b>Entrevista on-line</b> “Preta Gil: “Se tem alguma coisa da qual me arrependo é de ter mutilado meu corpo com cirurgias, de ter o escondido por vergonha” ( <i>Revista Vogue Brasil</i> , 2022)	Texto e imagem/foto.	<a href="https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html">https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html</a>
<b>Diagnóstico de câncer</b>	<b>Post do Instagram</b>	Imagem/foto/vídeo,	<a href="https://www.instagram.com">https://www.instagram.com</a>

<sup>95</sup> É importante ressaltar que, ao longo do desenvolvimento da análise, acionamos diferentes materiais complementares, em diálogo com a empiria previamente selecionada. Assim, a partir das temáticas que emergem do *corpus* central, trazemos à tona elementos adicionais, como matérias on-line e publicações de redes sociais digitais, o que nos permite contextualizar e complexificar a análise do objeto.

<b>de Preta Gil</b>	“Comentários sobre emagrecimento” ( <i>Instagram</i> , 13 de junho de 2023) e <b>comentários</b>	legenda comentários dos usuários e as respostas das celebridades (se houver).	om/p/CtcpUDkNqyE/
---------------------	--	---	-------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

**Quadro 2** – Delineamento do *corpus*: Thais Carla

<b>Thais Carla</b>			
<b>Acontecimento</b>	<b>Empiria</b>	<b>Unidades de análise</b>	<b>Link para acesso</b>
<b>Lançamento da carreira musical de Thais Carla</b>	<b>Clipe no Youtube</b> “Não pode opinar” ( <i>Youtube</i> , 2023) e <b>comentários</b> - 3min02seg	Vídeo, comentários dos usuários e as respostas das celebridades (se houver).	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI">https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI</a>
<b>Vitória de Thais Carla no processo por gordofobia</b>	<b>Entrevista para programa de televisão</b> “Encontro com Fátima Bernardes” Thais Carla ganhou processo por gordofobia contra humorista (2021) - 13min04seg	Vídeo e legenda.	<a href="https://globoplay.globo.com/v/9930191/">https://globoplay.globo.com/v/9930191/</a>
<b>Participação de Thais Carla no corpo de baile da cantora Anitta</b>	<b>Entrevista on-line</b> “Um papo com Thais Carla: “Para mim, a palavra plus size é sobre roupa. Eu sou gorda!”” (Revista <i>Vogue Brasil</i> , 2019)	Texto e imagem/foto.	<a href="https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml">https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml</a>
<b>Lançamento da carreira musical de Thais Carla</b>	<b>Post do Instagram</b> “Lançamento do single <i>Não pode opinar</i> ” ( <i>Instagram</i> , 5 de janeiro de 2023) e <b>comentários</b>	Imagem/foto/vídeo, legenda comentários dos usuários e as respostas das celebridades (se houver).	<a href="https://www.instagram.com/p/C1vBjaFJFTL/">https://www.instagram.com/p/C1vBjaFJFTL/</a>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível observar, propomos um arranjo diverso do material a ser analisado que nos permita apreender os diferentes sentidos que compõem a face pública das figuras analisadas. Assim, apesar de reconhecer as diferenças da empiria, não é nossa intenção abarcar de maneira aprofundada as especificidades de cada materialidade comunicacional, como as características e as linguagens do meio analisado (on-line, televisão, etc.).

Objetivamos, assim, olhar para os sentidos que são produzidos acerca da gordofobia e outras opressões nesses lugares midiáticos a partir dos posicionamentos das mulheres investigadas.

No caso da empiria localizada no *Instagram* e no *Youtube*<sup>96</sup>, analisamos, também, a dimensão dos públicos/usuários<sup>97</sup>. Para isso, analisamos os primeiros 50 comentários originais de cada *post*/clipe, totalizando, assim, 200 registros originais. Além disso, examinamos, também, os comentários do tipo “resposta”, referentes aos comentários originais selecionados, compondo um material com o total de 4.067 respostas analisadas<sup>98</sup>.

Isso porque, no contexto deste trabalho, é importante apreender a maneira como os sujeitos se posicionam com relação à gordofobia e às outras opressões, e de que forma ocorrem as interações e as disputas. No caso de comentários com o mesmo perfil, para selecionar aqueles que são analisados em profundidade, primeiramente, categorizamos cada registro e filtramos por categoria para, então, extrair aqueles que são representativos da dinâmica interativa.

Com relação à coleta de dados, o *Instagram* é uma plataforma que possui a *Application Programming Interface* (API) menos aberta e acessível, o que dificulta o levantamento do material por meio do uso de ferramentas digitais.

Não por acaso, a crescente restrição de acesso a dados via APIs públicas acontece paralelamente às ofertas de acessos privilegiados a parceiros comerciais. Desde 2018, esse é o caso do Instagram, que justifica as restrições com o argumento de preservar a “privacidade e segurança” de seus usuários. (D’Andréa, 2020, p. 37).

Por meio do programa *Python*, pacote *Instaloader*, extraímos os *posts*, com legenda, imagem e vídeo, e coletamos informações sobre número de *likes* e comentários, além da data de publicação. Também colhemos dados por perfil, como número de *posts*, de seguidores, de seguidos e a biografia. No que se refere ao *YouTube*, os dados, como visualizações, número de curtidas e comentários, são extraídos através de API oficial da plataforma, a partir da linguagem *Python*, também utilizada para tratamento das informações.

No *Instagram*, os comentários são coletados manualmente, com o tratamento das informações em planilhas do *excel*. Para extração dos registros, consideramos a disposição na qual a plataforma apresenta os registros, ou seja, a ordem de aparecimento. Pelas regras da

---

<sup>96</sup> Data da coleta das informações: Preta Gil - *Youtube*: 28/01/2024; Preta Gil - *Instagram*: 11/09/2023; Thais Carla - *Youtube*: 28/01/2024; Thais Carla - *Instagram*: 28/01/2024.

<sup>97</sup> Sobre os comentários, é preciso pontuar uma diferença na questão da temporalidade. No *Youtube*, é possível identificar mensagens de diferentes anos, enquanto, no *Instagram*, os registros concentram-se em um mesmo período, posterior às publicações de cada celebridade. Essa lógica está associada aos modos de uso e características de cada plataforma.

<sup>98</sup> Preta Gil - *Youtube*: 98 respostas; Preta Gil - *Instagram*: 69 respostas; Thais Carla - *Youtube*: 2.481 respostas; Thais Carla - *Instagram*: 1419 respostas.

própria rede social digital, essa disposição é, em grande parte, por engajamento: mais curtidos e/ou respondidos.

No *Youtube*<sup>99</sup>, a coleta dos comentários é feita através da API, a ferramenta oficial da plataforma. Com ela, extraímos todos os registros dos vídeos por ordem cronológica, com informações sobre data, número de curtidas e número de respostas. Para tentar reproduzir a mesma ordem da coleta feita no *Instagram*, as mensagens são reordenadas de acordo com as curtidas, partindo dos mais curtidos para os menos curtidos. Ao fim, assim como no *Instagram*, realizamos o tratamento dos dados extraídos por meio de planilhas do *excel*<sup>100</sup>.

#### 4.3 ABORDAGENS PRAGMATISTA E INTERSECCIONAL COMO DISPOSITIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Antes de apresentarmos nosso arranjo metodológico, a *Metodologia Holofote*, é importante demarcarmos a perspectiva teórico-metodológica que guia as nossas ações, de solo pragmatista (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020a; Simões, 2009; 2013) e interseccional (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a; 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021).

Conforme abordado no segundo capítulo desta tese, ao adotarmos uma perspectiva pragmatista, precisamos estar atentos à maneira como as ações das celebridades estão inscritas em um contexto social específico e o que isso pode nos dizer sobre nossos valores. Prado (2020) denomina tal visada como uma “análise contextual”, caracterizada por uma leitura que se dá com base em uma tríade: contexto, sujeitos e práticas. Esse tipo de abordagem é importante porque “A análise contextual tem a riqueza de observar os fenômenos e as práticas sociais como inscritas em relações espaciais e temporais específicas: nos permite perceber o atravessamento do social nas conformações das práticas e das trajetórias dos sujeitos” (Prado, 2020, p. 217).

No que se refere à abordagem interseccional, objeto de reflexão do primeiro capítulo, apesar de distintas, as trajetórias de Preta Gil (celebridade “tradicional”) e Thais Carla (influenciadora digital) apresentam um traço relevante em comum: ambas se vinculam a

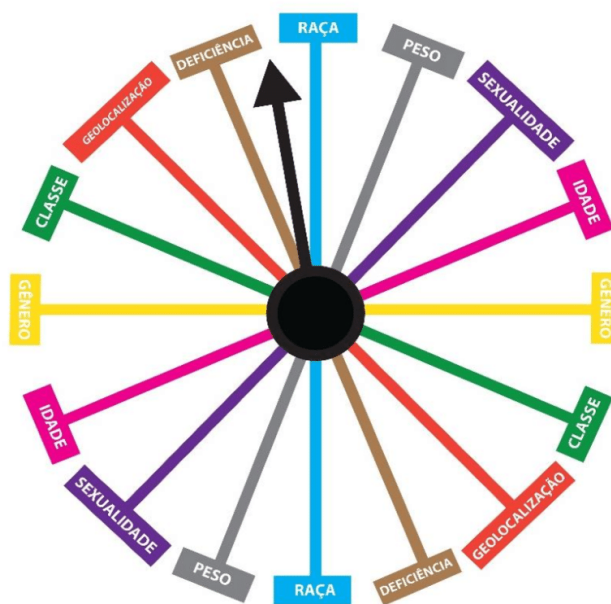
<sup>99</sup> No caso da coleta dos comentários no *Youtube*, foi possível extrair somente até 100 respostas de cada comentário original, pois, acima disso, a API começa a limitar o resultado. No videoclipe de Thais Carla, apenas 4 comentários ultrapassam as 100 respostas. No vídeo de Preta Gil, nenhum teve mais de 100 respostas, ou seja, todas as respostas referentes aos primeiros 50 comentários foram coletadas com sucesso.

<sup>100</sup> Todo o trabalho de extração de dados das plataformas de comunicação digitais, *Instagram* e *Youtube*, foi feito pelo mestrando em Ciência Política da UFMG e analista de informação, Júlio Saulo Silva.

grupos socialmente minorizados que vivenciam processos de opressão na sociedade. No entanto, esses eixos de subordinação se configuram de maneira particular em cada caso e, por isso, a escolha não foi determinada somente pelo que Preta e Thais compartilham, mas, também, pelos fatores que podem revelar assimetrias no interior do próprio grupo mulheres gordas.

Reconhecendo a importância dessas questões para a pesquisa, a perspectiva interseccional permeia a metodologia em todas as suas etapas, operando como um dispositivo teórico-metodológico. Para isso, lançamos mão da roleta interseccional (Figura 19), ferramenta metodológica para análises em Comunicação<sup>101</sup> (Carrera, 2021b) que possibilita a identificação das marcas das diferentes “avenidas de opressão” (Akotirene, 2021) que se manifestam nas interações, nos espaços comunicacionais e nas representações discursivas.

Figura 19 – Roleta interseccional



Fonte: Carrera, 2021b, p. 11.

Ao olhar para o nosso objeto, identificamos de que modo essas oito hastes interseccionais – raça, peso, sexualidade, idade, gênero, classe, geolocalização e deficiência – se fazem presentes nos posicionamentos das celebridades e nas manifestações dos públicos. Além disso, nos atentamos, também, ao modo como elas se cruzam, ou seja, quais hastes da roleta são iluminadas ao mesmo tempo. “Nesse sentido, entende-se que a pesquisa em

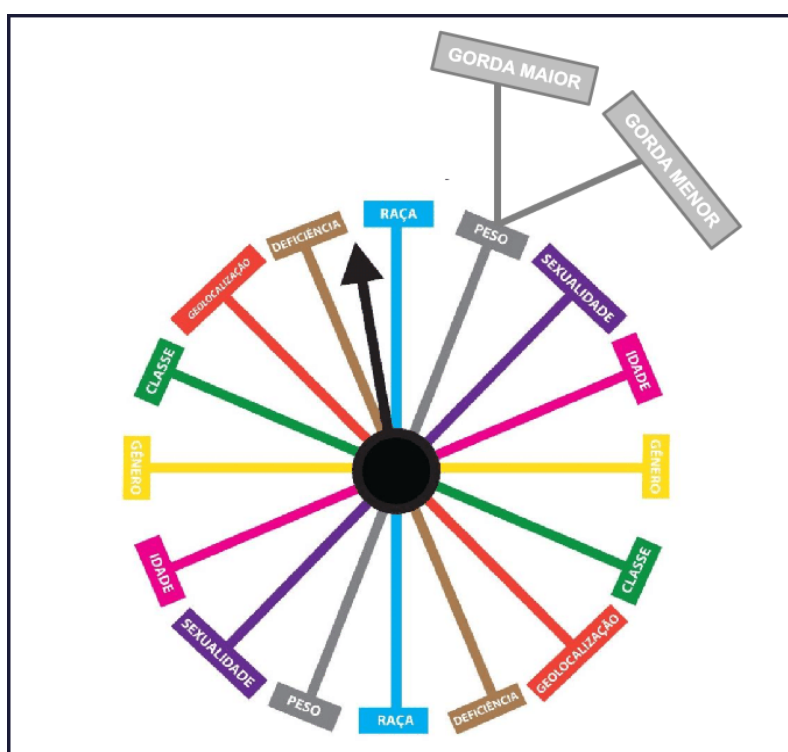
<sup>101</sup> Não acionamos aqui, para fim de proposta metodológica do trabalho, a segunda etapa da metodologia interseccional de pesquisa proposta por Carrera (2021b), caracterizada a partir de três domínios: a) Formação interseccional-discursiva; b) *Ethos* interseccional; e c) Negociações interseccionais.



Comunicação precisa considerar não somente cada um destes eixos separadamente, como os cruzamentos e combinações que são essenciais para a composição identitária diversificada dos sujeitos” (Carrera, 2021b, p. 11).

No caso das mulheres gordas, como discutimos no primeiro capítulo da tese, há uma distinção no interior do próprio grupo, dinâmica que determina privilégios, acessos e a forma como cada uma vai vivenciar o preconceito, o que acaba hierarquizando essas corporalidades (Jimenez-Jimenez *et al.*, 2022). Em consonância com essa perspectiva, que conforma gordofobias diferentes para corporalidades diferentes, propomos uma atualização da roleta interseccional (Figura 20), demarcando as dimensões gorda maior e gorda menor.

**Figura 20** – Roleta Interseccional: recorte peso



Fonte: Elaborada pela autora com base em Carrera (2021b).

Mais do que apenas identificar as diferenças, delimitamos quais são as opressões frente às quais as celebridades assumem uma posição de enfrentamento e como os públicos se manifestam diante do posicionamento de resistência. Ao destacar essas variáveis, a intenção é revelar o modo como os valores aos quais essas celebridades se aproximam, se distanciam ou se contrapõem, articulam-se com as suas “diferenças”, mesmo que no interior do próprio grupo, o que também configura a sua imagem pública se fazendo presente na relação com os públicos.

#### 4.4 METODOLOGIA HOLOFOTE: UMA PROPOSTA HOLÍSTICA PARA A ANÁLISE DE FENÔMENOS COMUNICACIONAIS

Neste trabalho, em consonância com as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS) do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), construímos a nossa metodologia a partir da pergunta-problema intencionando uma “apropriação criativa”. “Diante das aproximações e movimentos metodológicos, pode-se notar que os objetos comunicacionais, complexos e multidimensionais, pedem arranjos metodológicos originais” (Mustafé; Coêlho, 2022, p. 172).

Nesse sentido, extraímos as nossas categorias de análise com base nas discussões desenvolvidas na fundamentação teórica com a finalidade de apresentar uma extensão prática da reflexão por meio de aspectos tangíveis do objeto. A intenção é acionar “esquemas já conhecidos” em um arranjo original e que atenda aos objetivos do trabalho.

Conhecer significa voltar-se para a realidade e “deixar falar” o nosso objeto; mas conhecer significa também apreender o mundo através de esquemas já conhecidos, identificar no novo a permanência de algo já existente ou reconhecível. O predomínio de uma ou outra dessas tendências tem efeitos negativos, portanto, é através de seu equilíbrio que se pode alcançar o conhecimento ao mesmo tempo atento ao novo e enriquecido pelas experiências cognitivas anteriores. (França; Simões, 2016, p. 21).

Com base nisso, concebemos a *Metodologia Holofote*. Por meio dela, a pesquisadora e o pesquisador podem definir, a partir dos seus objetivos de pesquisa, qual(is) holofote(s) irão acionar para analisar o seu objeto: cada um lança luz sobre um aspecto, um ângulo sobre o que está sendo estudado. A fonte de cada holofote – a fiação por onde perpassa a energia que irá possibilitar a clarificação de uma determinada faceta – vem, necessariamente, das teorias, conceitos e discussões que tangenciam o estudo.

Ao ligar um holofote, ele ilumina um determinado prisma e, ao acionar vários ao mesmo tempo, é possível construir uma visão holística sobre o fenômeno ao cruzar os achados de cada foco. Nessa dinâmica, os holofotes assumem um arranjo inter-relacional e indissociável em que a apreensão do objeto se torna potencialmente multifacetada e, ao mesmo tempo, coesa.

É relevante assentir, porém, que apesar de a *Metodologia Holofote* se forjar com base em uma intenção complexa e relacional dos estudos comunicacionais, toda pesquisa tem certos limites. Ao fazer determinado recorte da temática a ser investigada, a partir do

delineamento da pergunta-problema, a pessoa pesquisadora renuncia, em alguma medida, uma ou mais facetas do objeto.

Nesse viés, é preciso reconhecer que, ao lançar luz sobre determinada questão, o holofote suprime outros planos, deixando, assim, uma parte opaca. Ao nosso ver, isso não se constitui como algo desabonador, mas um indício da presença de lacunas que poderão ser contempladas em futuras pesquisas: o que está por trás daquilo que o holofote não ilumina pode ser o prenúncio de novos olhares possíveis.

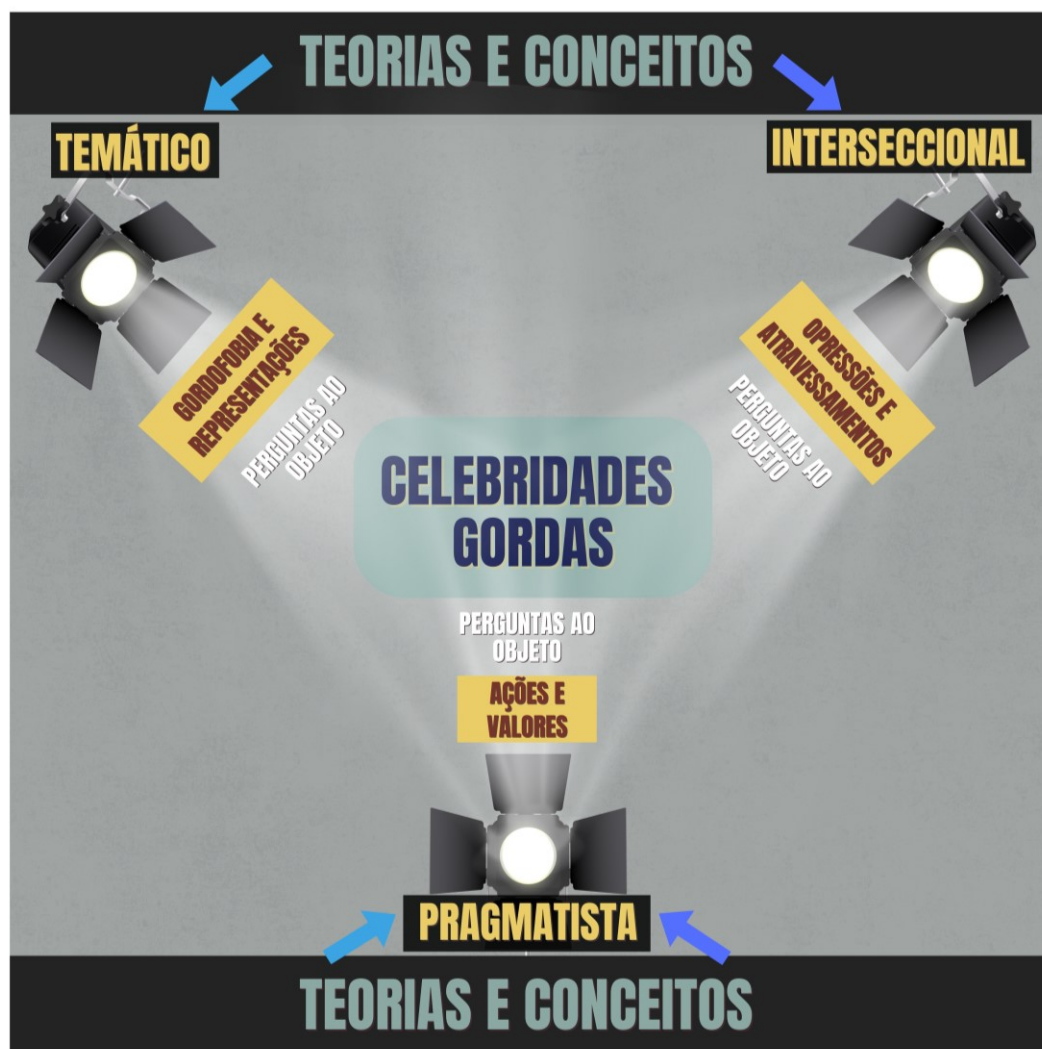
Tal visada vai ao encontro da importância de as nossas investigações serem forjadas com base em uma angulação comunicacional, em consonância com a perspectiva de autores como Braga (2011; 2018) e França e Simões (2016). Assim, é necessário que a comunicação torne-se a protagonista nos estudos desenvolvidos e que as perguntas-problema sejam elaboradas para que a dimensão comunicativa dos fenômenos se revele. Ou seja, o objeto de conhecimento do nosso campo deve ser sempre a própria comunicação: “[...] uma concepção, uma forma de ver, perceber e enquadrar uma ação qualquer enfocando e resgatando sua dimensão comunicacional” (França; Simões, 2016, p. 28).

Com base nessa compreensão, a *Metodologia Holofote* se pretende constituir como um caminho possível para as pesquisas em comunicação por meio das quais lançamos um olhar complexo a partir de um arranjo original construído por meio das teorias, conceitos e discussões concernentes à temática da investigação. Cabe a cada pesquisadora e pesquisador, com base nos holofotes que são coerentes com a sua proposta, fazer as suas escolhas e construir uma composição singular de análise do fenômeno comunicacional.

#### 4.5 METODOLOGIA HOLOFOTE: ANÁLISE DE CELEBRIDADES GORDAS

É comum dizermos que “as celebridades sempre estão sob os holofotes da mídia” ou que “tal celebridade está fora dos holofotes há muito tempo”, mas quais holofotes dão a ver as facetas do fenômeno celebridades gordas brasileiras? Em nosso estudo, propomos os holofotes *temático*, *interseccional* e *pragmatista*, conforme Figura 21 e discussões que desenvolveremos a seguir.

Figura 21 – Metodologia Holofote e celebridades gordas



Fonte: Elaborada pela autora.

A proposta da *Metodologia Holofote* é resultado de uma apropriação e mesclagem de diferentes discussões e concepções, sendo elas: gordofobia e representações (Jimenez-Jimenez, 2020; Arruda, 2021a; Lima, 2021b; Hall, 2016); interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021); e a perspectiva pragmatista (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020a; Simões, 2009; 2013).

Para cada holofote, definimos qual questão queremos iluminar e as perguntas norteadoras são feitas ao objeto para que possamos apreender o que buscamos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Sendo assim, a grade analítica está organizada com base nesses eixos tentando identificar como as questões tensionadas em cada um deles se manifestam nos diferentes materiais de análise, conforme Quadro 3, abaixo.

Quadro 3 – Perguntas ao objeto

Holofote e questão a ser iluminada	Perguntas ao objeto
<p align="center"><b>Holofote temático</b> <b>Gordofobia e representações</b></p>	<p>Quais eixos estruturantes da gordofobia são identificáveis nos posicionamentos das celebridades e na manifestação dos sujeitos?</p> <p>Como Preta Gil e Thais Carla lutam contra a gordofobia?</p> <p>Como as celebridades buscam (re)construir as representações sobre as mulheres gordas?</p>
<p align="center"><b>Holofote interseccional</b> <b>Opressões e atravessamentos</b></p>	<p>Quais eixos de opressão, além do peso, se cruzam e atravessam a constituição das celebridades e se fazem presentes, também, na manifestação dos públicos?</p> <p>Como as celebridades lutam contra determinadas opressões?</p> <p>Como as celebridades buscam (re)construir as representações sobre outros grupos minorizados?</p>
<p align="center"><b>Holofote pragmatista</b> <b>Ações e valores</b></p>	<p>Como as celebridades exercem o papel de <i>celebridade-resistência</i>, assumindo uma posição de enfrentamento a valores hegemônicos?</p> <p>Como as celebridades enquadram as situações vivenciadas e como esses quadros se tocam e se chocam com aqueles construídos pelos públicos, desvelando valores sociais e disputas?</p> <p>O que essas celebridades podem dizer sobre a nossa sociedade?</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base na grade construída, partimos para a análise do objeto com o objetivo de investigar como Preta Gil e Thaís Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e a outras opressões, podendo, a partir das suas ações, fomentar a ressignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados.

## 5 SOB OS HOLOFOTES, PRETA GIL

O primeiro holofote aceso é o *temático*. Lançamos luz sobre a gordofobia e as representações sobre as mulheres gordas, matéria central do nosso trabalho. Logo após, acionamos o holofote *interseccional* com o objetivo de refletir sobre outras opressões, além da gordofobia, que também atravessam Preta Gil e conformam intersecções entre eixos de subordinação.

Em um terceiro momento, partindo do que foi alumbrado pelos dois primeiros holofotes, chegamos ao holofote *pragmatista*, o nosso *holofote-síntese*. A partir de um olhar contextualizado, revisitamos os posicionamentos da celebridade sobre a gordofobia e as outras opressões trazidas à tona ao longo da investigação. O objetivo é compreender, por meio de uma análise mais extensiva, o que essas ações representam para nós enquanto sociedade, desvelando valores e disputas. Buscamos, assim, refletir de maneira aprofundada como Preta se constitui como uma *celebridade-resistência* considerando, para isso, os valores associados à sua imagem pública e aqueles frente aos quais ela assume uma posição de enfrentamento.

### 5.1 HOLOFOTE TEMÁTICO: A LUZ QUE INCIDE SOBRE A GORDOFOBIA

No holofote *temático*, damos ênfase aos seis eixos estruturantes do preconceito, tal qual concebemos nesta pesquisa: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. Compreendemos que os eixos estruturantes da gordofobia se configuram por meio de uma interrelação indissociável.

Em consonância com essa perspectiva, ao longo da análise, essas dimensões podem se tocar, sempre permeadas pela linguagem e pelas representações. Esse eixo exerce uma função “guarda-chuva”, o que quer dizer que ele permeia, atravessa e engloba todas as outras dimensões que fundamentam e mantêm o preconceito. Tal dinâmica dá a ver como o aspecto simbólico se faz presente em todas as esferas, destacando o protagonismo da comunicação na configuração da gordofobia enquanto uma opressão na contemporaneidade.

Considerando a celebridade Preta Gil, discutimos a maneira como ela fomenta um processo de (des)construção dos estereótipos sobre as mulheres gordas a partir da produção do que denominamos como *imagens ressignificadoras* (eixo *linguagem e representações*). Em um segundo momento, analisamos como ela se coloca em posição de enfrentamento ao

padrão de beleza questionando a ideia de uma corporalidade única e do corpo da mulher como padrão público (eixo *pressão estética*), dando a ver uma ideia de beleza diversa.

No terceiro tópico, debatemos como o corpo gordo está associado a uma condição de provisoriedade e o modo como a estratégia de ocupar espaços excludentes, como a moda, pode possibilitar novos acessos (eixo *acesso e acessibilidade*). Por fim, buscamos compreender como a *culpabilização*, a *patologização* e a *animalização* se configuram como manifestações odiosas contrastadas pelo resgate da dignidade e da humanidade de Preta Gil (eixos *culpabilização*, *patologização* e *animalização*).

Importante ressaltar que o fato de darmos ênfase, neste holofote, à haste peso da roleta interseccional (Carrera, 2021b), para fins didáticos e de organização textual, não objetiva abordar a gordofobia de maneira isolada, desconsiderando os atravessamentos com outras opressões. Nesse sentido, trazemos, a seguir, os achados em que a gordofobia está em primeiro plano, como protagonista, mas sem descuidar dos entrecruzamentos que emergem a partir da empiria.

### **5.1.1 Sensualidade, luxo e ousadia: *imagens ressignificadoras* e a (des)construção de estereótipos**

As opressões, ainda que diversas em suas formas de sujeição e violência, possuem uma característica em comum: os processos de estereotipagem (Hall, 2016). Essa prática limita, solidifica e naturaliza os sentidos sobre determinados grupos sociais e atribui a esses estereótipos um status de perenidade, dificultando qualquer tentativa de reorganização. Como nos lembra Hall (2016), esse processo está inscrito em uma lógica de poder em que os sujeitos subalternizados têm a sua existência abalizada a partir de processos estigmatizadores, construídos por meio de uma binariedade que vai determinar as diferenças entre o que é normal e anormal, aceitável e inaceitável, *nós* e *eles*. Por esse viés, o enfrentamento às opressões passa, necessariamente, por um processo de ressignificação das representações hegemônicas dos grupos socialmente minorizados.

Quando nos referimos às mulheres gordas, contra quais estereótipos estamos lutando? As representações sobre esse grupo são associadas fortemente à doença, ao sedentarismo, à feiúra, à solidão, à rejeição, como àquela que não é digna de ser amada ou desejada, à inabilidade em lidar com as próprias emoções, à infelicidade diante do próprio corpo, à falta de amor-próprio, à repugnância, ao nojo, ao desleixo e ao fracasso, entre outros lugares-

comuns. O que se configura como representativo desses sentidos, é o seu teor negativo, depreciativo e preconceituoso.

A matéria<sup>102</sup> da *Vogue Brasil*<sup>103</sup> digital, um dos materiais da nossa empiria, faz parte de uma edição da revista de 2020, dedicada ao corpo livre. O título do texto, assinado por Daniela Falcão, já anuncia a sua tônica: “Preta Gil: ‘Se tem alguma coisa da qual me arrependo é de ter mutilado meu corpo com cirurgias, de ter o escondido por vergonha’”.

A publicação em que Preta Gil é destaque, contou, também, com a presença da cantora pernambucana Duda Beat e da modelo Rita Carrera, ambas mulheres que, em alguma medida, fogem ao padrão de beleza contemporâneo. O projeto foi liderado pela editora convidada para a edição, Juliana Ferraz, também mulher gorda e defensora do corpo livre. No trecho abaixo, Falcão apresenta Preta Gil aos leitores: “Ela praticou sororidade dividindo palco e trio com outras cantoras, lutou pelo direito de ter o corpo que queria (e de poder mostrar esse corpo como bem entendesse), expôs suas angústias, olheiras e tristezas para quem quisesse ver porque para ela tudo era natural” (Falcão, 2020, n.p).

Ao lutar pelo direito de ostentar o seu corpo gordo e mostrá-lo como desejasse, Preta abre espaço, também, para uma ressignificação das representações sobre sujeitas que se identificam com a sua corporalidade e posicionamentos, como mulheres gordas e negras. Nesse sentido, por meio de suas ações, a artista fomenta, em diálogo com a sociedade, novos “regimes de visualidade” (Sibilia, 2014b, p. 39) possíveis para grupos que, reiteradamente, têm tido a sua existência plena negada. “Parece um sonho ver as cantoras Preta Gil e Duda Beat e a modelo Rita Carreira como estrelas de capa desta edição de *Vogue Brasil*. Garotas reais, positivas, talentosas, lindas, sem medo e vergonha de ser o que são – exatamente como se deve ser” (Ferraz, 2020, n.p).

Ocupar espaços midiáticos, estampando a capa de uma revista, por exemplo, é algo potencialmente transformador para mulheres gordas. Isso porque o enfrentamento à gordofobia passa, necessariamente, pelo trabalho de desconstruir para reconstruir. É preciso vislumbrar novas existências possíveis que nos permitam romper ou, pelo menos, nos distanciar dos estereótipos vinculados à pessoa gorda. Assim, “A luta antigordofobia é uma luta por direitos básicos, que invariavelmente passa por como nos comunicamos e nos

<sup>102</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 9 mar. 2024. Ao longo da análise, trazemos à tona outros materiais, em diálogo com as principais discussões que o *corpus* aciona.

<sup>103</sup> A *Vogue* foi criada em 1892, por Harry McVickar e Arthur Baldwin Turnure, em Nova York, e é uma das principais referências mundiais sobre moda. No Brasil, a primeira edição da revista foi publicada em maio de 1975, assumindo um lugar de vanguarda ao trazer novos contornos aos conceitos de moda (Guidini; Rosolino, 2013).



referimos em relação às pessoas gordas e seus corpos” (Arruda, 2021b, n.p).

Se Preta busca desconstruir estereótipos, quais novos sentidos ajuda a construir? As fotos feitas para a matéria da *Vogue Brasil*, pelo fotógrafo Fernando Tomas, nos dão alguns indícios. A editora convidada, Juliana Ferraz, faz uma apresentação da produção definindo-a como um estilo *pin-up* moderno. Ela destaca que os registros foram feitos sem retoques ou truques, em consonância com o mote da edição, uma ode ao corpo livre. No entanto, é preciso ponderarmos, que, apesar de o ensaio se propor como uma reverência à diversidade corporal, sem edições nas fotografias, as imagens são resultado de um trabalho profissional, com luzes e ângulos pensados, *styling* e maquiagem.

Na foto de capa (Figura 22), Preta aparece de corpo inteiro e suas pernas – e coxas grossas, evidenciando a textura irregular da pele – estão à mostra; ela veste uma roupa da marca de luxo *Christian Dior*. Ela encara a câmera em uma posição destemida e sem sorrir. Suas mãos estão apoiadas sobre uma coluna que remete àquelas dos templos gregos e, ao mesmo tempo, às utilizadas para exibir obras em galerias de arte.

Na maquiagem, ela usa um batom vermelho, que indica poder e sensualidade. Em seus cabelos, em parte tingidos de vermelho, foi feito um penteado retrô, com ondas e semipreso, característico do estilo *pin-up*, o *rockabilly*. Preta usa um acessório na cabeça que remete ao estilo marinheiro, uma das vertentes do estilo *pin-up* contemporâneo, o *sailor/navy*, caracterizados por listras, âncoras e laços (Rocha; Gruber; Floriano, 2014). A artista está na ponta dos pés e o seu corpo, inclinado para a frente, deixa em evidência as suas curvas (Figura 22).

**Figura 22** – Preta Gil na capa da *Vogue Brasil*



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2020)<sup>104</sup>.

Por essa construção, a cantora se aproxima das imagens de mulheres voluptuosas do renascimento italiano e dos sentidos positivos atribuídos à Vênus de Willendorf, da pré-história, como o bonito e o desejável. Ela é uma mulher gorda negra e esses atravessamentos estão naquilo que se vê, mas, também, no letreiro que anuncia o seu primeiro nome, apenas ele. Ela é Preta e está no lugar de ser admirada, contemplada, ela é a própria obra de arte.

No estilo *pin-up*, muitas vezes, as mulheres vestem roupas que revelam as suas formas e até mesmo permitem uma exposição do corpo. As vestimentas possuem um estilo retrô, em consonância com o movimento que celebra a feminilidade, a elegância e a sensualidade. Nesse viés, é potente que tenhamos imagens de *pin-ups* gordas, como Preta<sup>105</sup>, uma vez que estar associada a esses sentidos vai de encontro às representações hegemônicas sobre essas mulheres, frequentemente mostradas como masculinizadas, desmazeladas e feticizadas.

<sup>104</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2020/11/corpo-positivo-preta-gil-duda-beat-e-rita-carreira-estrelam-vogue-de-novembro.html>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>105</sup> A *pin-up*ização de celebridades mulheres foi um processo identificado e estudado na pesquisa “Performances do feminino: a pin-upização de celebridades” (Costa, 2014).

**Figura 23** – Preta Gil na *Vogue Brasil* – *close*



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2020)<sup>106</sup>.

A segunda foto do ensaio (Figura 23) é aquela em que o rosto de Preta está mais próximo da câmera, em primeiro plano, conformando um *close* em que a imagem foi propositalmente distorcida, como algo “embaçado”. A artista olha para a lente de forma direta. É como se a intenção fosse tirar o foco da sua corporalidade gorda e negra, que a compõe como sujeita, mas não a define completamente. Ela está cara a cara com quem a observa, sendo ela mesma e diante de tudo aquilo que se coloca em posição de enfrentamento. A boca entreaberta e o batom vermelho, em evidência, indicam, mais uma vez, uma atmosfera sensual. Assim como na foto de capa, Preta usa um chapéu que remete ao estilo marinheiro. Como tal, ela se coloca como alguém que, com força e confiança, desbrava oceanos, enfrenta “monstros” e, dotada de seu pioneirismo, descobre novos lugares possíveis.

---

<sup>106</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

**Figura 24** – Preta Gil na *Vogue Brasil* – sensualidade, luxo e ousadia



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2020)<sup>107</sup>.

No último retrato (Figura 24) o seu pé está sobre um pilar derrubado, o que pode ser lido como a representação de uma Preta forte e potente que derruba preconceitos, como a gordofobia e o racismo; ela está acima deles. A fotografia se configura como uma imagem-síntese de todos os sentidos apreendidos nas fotos anteriores, com a forte presença do estilo *pin-up*, com o registro marinheiro, e da sensualidade.

Como é possível apreender, Preta se distancia dos estereótipos sobre a mulher gorda e negra que ora a colocam em um lugar de quem não é digna de ser amada ou desejada; ora a inscrevem em uma dinâmica de objetificação: sendo um corpo que serve ao fetiche alheio e que com quem não se deve oficializar a relação. Esse cenário culmina, muitas vezes, com um processo de solidão no campo do afeto.

Em outra matéria para a *Vogue Brasil*<sup>108</sup>, em que Preta também foi capa, a artista conta como a vivência da solidão foi experienciada por ela desde a infância. Esse preterimento reverberou também na vida adulta, gerando uma sensação de inadequação e insegurança, e levando-a a desenvolver uma compulsão por compras.

<sup>107</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

<sup>108</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/preta-gil-estrela-capa-digital-da-vogue-brasil-e-divide-licoos-dos-20-anos-de-carreira.html>. Acesso em: 11 mar. 2024.

“Em determinado momento, aquilo começou a me incomodar, mas, para conseguir me destacar na escola e entre meus amigos artistas, criei o personagem da Preta popular, engraçada, desbocada, que usava roupas descoladas...”, diz. “Mas quando me apaixonava por um menino branco (na escola não havia meninos pretos) ou a professora não me escolhia para ser a noiva da festa junina, ficava nítido pra mim que eu não era o padrão”. (Lima, 2022b, n.p).

A imagem de Preta enrolada em uma toalha da marca *Louis Vitton* ainda traz outras camadas de sentido: uma ideia de riqueza, elegância e luxo associada a uma atmosfera de ousadia. A cantora coloca suas mãos abaixo do seu queixo e levanta parte da toalha para mostrar as suas pernas, é uma mulher gorda e negra expondo o seu corpo e o inscrevendo em um lugar de beleza. Ao mesmo tempo, com a toalha, a cantora também constrói um sentido de intimidade, pois é um elemento que, normalmente, usamos na privacidade de nossas casas, quando estamos à vontade.

Essa ideia de luxo atrelada à ousadia, também está presente no clipe da música *Sou como sou*<sup>109</sup>, outro material de nossa empiria. A canção, lançada em álbum homônimo de 2012, foi composta por Alexandre Ferraz Fonseca de Goes e o clipe tem direção da própria cantora, Fernando Torquatto, Fabiana Winits e Pablo Uranga.

O videoclipe inicia com Preta chegando em um carro de luxo (Figura 25). As imagens, em preto e branco, focalizam no pé da artista, ela calça um *scarpin* preto de salto alto, que indica poder e sensualidade. Depois, a cantora aparece séria e de óculos escuros, acompanhada de uma equipe e com malas da marca *Louis Vuitton* (mais uma vez). A construção imagética denota um ar de poder e riqueza e também reforça o valor da fama, com alusão a imagens recorrentes do universo das celebridades, como a abaixo:

**Figura 25** – Frame do clipe *Sou como sou* – fama e luxo



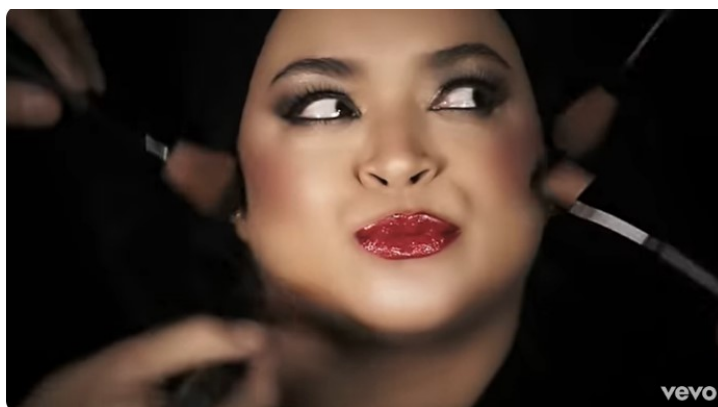
Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>110</sup>.

<sup>109</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 mar. 2024.

<sup>110</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

Preta entra no prédio e encontra algumas pessoas, entre elas, o maquiador, fotógrafo e consultor de estilo Fernando Torquatto, famoso por suas produções fotográficas com celebridades. Preta e Torquatto demonstram intimidade e cumprimentam-se com um selinho, exibindo a ousadia. As imagens constroem uma ideia de bastidores, com cabideiros e espelho característicos de camarins. Após essa introdução, a ambientação do clipe muda, com uma cena da cantora com fundo preto sendo maquiada por várias mãos. Ela ocupa o lugar de uma estrela e mobiliza várias pessoas para produzir a sua maquiagem sofisticada, ela é poderosa e se rende à luxúria, como demonstra a Figura 26, abaixo.

**Figura 26** – Frame do clipe *Sou como sou* – luxúria



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>111</sup>.

Depois disso, Preta aparece com outro figurino, sozinha, cantando a música em ângulos de câmera que se alternam entre mais próximos ou mais distantes. A maquiagem, os brincos e os detalhes na roupa, brilhantes e com plumas, também fazem referência ao luxo. É possível notar um tom de deboche, uma espécie de provocação, na forma como ela performa e até mesmo no modo como interpreta a música, outra faceta ousada da artista. No trecho em que afirma: “Tem que ser *beautiful*” em uma entonação mais aguda, que se diferencia do restante da música, o tom irônico fica evidente, também reforçado pelas mãos na cintura (Figura 27).

<sup>111</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

**Figura 27** – *Frame do clipe Sou como sou – ironia*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>112</sup>.

Em outra cena do clipe (Figura 28), o fundo da tela mostra a *Times Square*, lugar que aciona sentidos de luxo, dinheiro e sucesso. A área comercial, caracterizada pelo cruzamento de avenidas, fica localizada na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Lá, grandes letreiros luminosos divulgam marcas e celebridades. Estar na *Times Square* é um sinal de poder e reconhecimento. Aqui, é preciso chamar a atenção, também, para quem figura ao lado da artista: dois homens brancos e que correspondem ao padrão de beleza masculino contemporâneo.

**Figura 28** – *Frame do clipe Sou como sou – Times Square*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>113</sup>.

Recentemente, celebridades brasileiras, como Jojo Todynho e Bruna Marquezine, comemoraram as suas aparições nos telões estadunidenses. A primeira por uma campanha publicitária da marca Veja<sup>114</sup> e a segunda por sua participação no filme *Besouro Azul*<sup>115</sup>. No

<sup>112</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>113</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>114</sup> Disponível em: <https://caras.uol.com.br/viagem/jojo-todynho-dispara-sobre-estampar-telao-em-nova-york-ninguem-acreditava.phtml>. Acesso e: 12 fev. 2024.

momento em que Preta se coloca nesse lugar, ainda que ficcionalmente, ela vai de encontro a diferentes estereótipos sobre as pessoas gordas, como aquele que associa a magreza ao sucesso e a gordura ao fracasso. Esses novos sentidos dizem de uma mulher gorda que pode ser famosa, rica e bem-sucedida. É uma preta e gorda no poder.

Em parte dos comentários do clipe, as pessoas reconhecem e validam esses sentidos que Preta busca vincular à sua figura por meio da construção de *imagens ressignificadoras*. Nos registros representativos da dinâmica interativa (Quadro 4), emergem valores como a riqueza e a fama (comentários 23 e 41.4). Além disso, Preta também é vista como uma mulher linda e motivo de orgulho pelo seu talento, ou seja, ela é digna do seu sucesso.

**Quadro 4** – (Des)construção de estereótipos

Número <sup>116</sup>	Data	Conteúdo do comentário <sup>117</sup>
23	28/07/2015	Enquanto muitos critica ela, ela fica cada dia <b>mais rica, feliz, famosa e linda!</b> Parem de ser hipócritas, bando de gente que só sabe criticar, fazer melhor ninguém quer, temos é que ter orgulho dela, pois canta muito <sup>118</sup>
41.4	28/07/2015	enquanto muitos julga ela está lá ganhando <b>dinheiro e tendo fama</b> ela é sim <b>uma grande artista</b> oque falar . o mundo a bilhões de pessoas mil criticao e o resto ?! sem mas .....

Fonte: Elaborado pela autora.

As representações positivas que Preta ajuda a construir, como as elencadas ao longo desse tópico, também vão de encontro ao padrão de beleza contemporâneo. Em consonância com o que foi observado aqui, em 2019 a cantora lançou a música *Excesso de gostosura*. Por meio da canção e do clipe, ela busca construir uma ideia de beleza mais diversa, destacando a importância da autoestima. Ao mesmo tempo, desloca a pessoa gorda do lugar de feia e mal-amada para aquela que pode ser sensual e desejada: “*Porque eu sou quente, uma loucura; Excesso de gostosura; Sexy, uma loucura; Excesso de gostosura*”.

<sup>115</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/07/14/interna\\_cultura,1520151/bruna-marquezzine-e-homenageada-na-times-square-e-ganha-cartaz-no-brasil.shtml#:~:text=Na%20%C3%BAltima%20quarta%2Dfeira%20](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/07/14/interna_cultura,1520151/bruna-marquezzine-e-homenageada-na-times-square-e-ganha-cartaz-no-brasil.shtml#:~:text=Na%20%C3%BAltima%20quarta%2Dfeira%20). Acesso em: 12 fev. 2024.

<sup>116</sup> O número apresentado no quadro representa a ordem em que o comentário aparece na plataforma. Em caso de acionamento de comentários do tipo “resposta”, a numeração corresponderá à ordem em que o comentário “original” aparece, seguida da indicação da posição em que o comentário-resposta está entre as respostas do comentário original. Por exemplo, se a resposta é a quarta referente ao comentário original 12, o seu número será 12.4.

<sup>117</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* - música *Sou como sou*.

<sup>118</sup> A transcrição dos comentários, presente neste trabalho, é uma reprodução fiel dos registros contidos no *Instagram* e no *Youtube* e, por isso, os textos podem conter erros de português e/ou digitação.



“A música não fala sobre mim somente, apesar da letra ter muito sentido na minha boca. Eu queria falar de aceitação e autoestima, de gostarmos de quem somos sem conviver com o medo de não ser aceito por não caber em um padrão. O excesso de gostosura é sair da ‘dieta’, do medo do julgamento alheio, é amar a si próprio para amar o outro, sem neuras, sem máscaras, sem medo de ser feliz”, diz Preta [...]. (Preta Gil..., 2019, n.p)<sup>119</sup>.

São sentidos não comumente associados às pessoas gordas, que demonstram o potencial ressignificador que as ações da cantora detêm. Ver uma mulher, gorda, preta, LGBTQIAPN+ e com quase 50 anos em um lugar de poder, ostentando riqueza e fama, e acionando sentidos de sensualidade, luxo e ousadia, é algo que se distancia fortemente das representações hegemônicas que temos desses grupos. Ao construir tais imagens de si, Preta desestabiliza significados sociais sólidos forjados nos processos de estereotipagem. Ela ajuda a fomentar novas visualidades, em contraponto àquelas tradicionalmente relacionadas a esses sujeitos e, por vezes, muito violentas, com estereótipos que patologizam, culpabilizam e animalizam as pessoas gordas.

Ademais, pelos lugares que se inscrevem, representam uma abertura de espaços ainda restritos a corporalidades normativas, como a moda, construindo novas possibilidades de acesso às pessoas gordas. Contudo, sabemos que essas ações estão inseridas em um contexto de disputa de sentidos. Nela, valores hegemônicos e processos de estereotipagem insistem em se fazer presentes – lembremos que eles ainda são a referência – algo que será possível constatar ao longo da presente análise.

### 5.1.2 Corpo único, corpo público: o enfrentamento ao padrão de beleza

A *pressão estética* é o mecanismo por meio do qual o padrão de beleza hegemônico, baseado na magreza, na branquitude, na juventude e em uma aparência saudável, se impõe. Diante desse cenário, qualquer pessoa que se distancie dessas características sofrerá com as consequências desse imperativo social que se sustenta na ideia de um corpo único de referência, uma única existência possível. Por conseguinte, a *pressão estética* delinea – e limita – o entendimento do que é belo, invisibilizando e excluindo todas as outras corporalidades que fujam a essa normatividade, como o corpo gordo.

Como discutimos, a gordofobia tem uma dimensão estética, já que as pessoas gordas estão distantes do ideal de beleza. Ao mesmo tempo, a *pressão estética* se constitui também de maneira autônoma, uma vez que não atinge somente pessoas gordas. No caso de Preta,

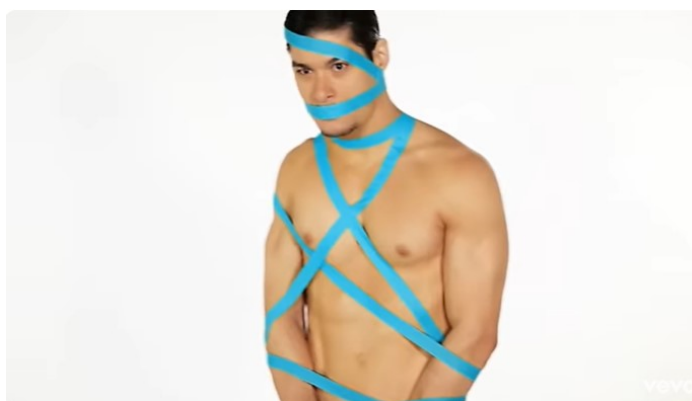
<sup>119</sup> Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Musica/noticia/2019/01/preta-gil-lanca-novo-clipe-excesso-de-gostosura-com-refrao-eu-sou-hot-hot-hot.html>. Acesso em: 9 mar. 2024.

enquanto mulher negra e com quase 50 de idade (atualmente, ela tem 49 anos), o distanciamento do padrão de beleza se dá não somente pelo fato de ela ser uma mulher gorda, mas, também, por ela não ostentar os valores da branquitude e da juventude.

O questionamento à imposição de um ideal de beleza excludente, que fomenta um corpo único e público, é uma marca do posicionamento de Preta Gil, conforme já identificamos em estudos anteriores (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022).

Ainda, no clipe *Sou como sou*, objeto de nossa análise, um homem aparece envolto em fitas coloridas que mudam de cor (Figura 29). O modelo, branco, jovem, magro, com o corpo malhado, demonstra desconforto por estar naquela situação.

**Figura 29** – Frame do clipe *Sou como sou* – fita métrica



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>120</sup>.

Nessa cena, Preta faz referência à fita métrica, comumente utilizada para aferir e determinar as medidas ideais de uma pessoa. A imagem do clipe constrói um sentido de limitação e controle, fixando o corpo ideal que se deve ostentar: um corpo único possível. Importante observar, também, que as fitas imobilizam as mãos do modelo e vedam a sua boca, em uma possível alusão à necessidade de controle diante da comida, mas, também, sobre aquilo que é dito.

Como defendemos, o ideal de beleza vai muito além de uma norma que determina o que é considerado belo. No caso das mulheres, ele também diz de comportamentos considerados adequados e expectativas sociais que vão determinar o que a sociedade cis-hétero-patriarcal espera dessas sujeitas: o que você pode e deve ser. Nesse viés, é uma jornada de duplo sofrimento, pois existe a busca por um padrão único e inalcançável e, ao mesmo

<sup>120</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

tempo, a obrigação de performar uma feminilidade agradável e subalterna aos olhos dos homens.

Para ser feminina, é preciso ser magra. O que nos leva a inferir que, quanto mais gorda, mais distante uma mulher está de performar uma feminilidade desejável, ou seja, você será vista como “menos mulher”. Nesse contexto, explicam Arruda e Silva (2022), qualquer tipo de “excesso” precisa ser controlado, seja relacionado ao comportamento da mulher ou à sua forma física. “Esse ideal hegemônico de feminilidade requer que sejam escondidos e/ou eliminados, dos corpos das mulheres, quaisquer resquícios de gordura e de pelos, de qualquer tipo de insubordinação” (Arruda; Silva, 2022, p. 233).

Em busca desse padrão irreal, que institui, também, feminilidades normativas, mulheres se submetem aos mais diversos procedimentos estéticos e cirúrgicos. Em alusão a esse contexto, os “(poucos) arrependimentos” declarados por Preta Gil na entrevista para a *Vogue Brasil* passam por uma vivência que é compartilhada: esconder partes do corpo e/ou realizar intervenções, muitas vezes, invasivas, é algo que faz parte da experiência do que é ser uma mulher na contemporaneidade.

Em vista disso, são as mulheres as que mais se submetem a procedimentos estéticos, cirurgias plásticas e que despendem dinheiro, em maior quantidade, com produtos da indústria da beleza. Além disso, investem tempo e energia em dietas restritivas e rotinas de exercícios exaustivas, em busca de um corpo que as aproxime, pelo menos em alguma medida, do ideal de beleza. Em casos mais violentos, assim como aconteceu com Preta, essas sujeitas acabam mutilando o seu corpo.

Elas colocam a sua vida em risco, ferindo-se e dilacerando-se ao ignorar a materialidade da sua corporalidade, como se a carne fosse uma matéria moldável, submetendo-se a um jogo aterrador e infundável de remontagem e edição de si mesmas para corresponder a uma expectativa social forjada no âmbito de uma sociedade machista. Mudar, então, passa a ser a regra e não mais a exceção. “A questão tradicional, aceitar ou não o corpo recebido, parece ter se transformado em – como mudar o corpo e até que ponto? Convidadas a esculpir seu próprio corpo, como se este tivesse a plasticidade da argila, segundo os ideais fornecidos [...]” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 113).

Mas por que as mulheres se submetem a tudo isso? Como discutimos no primeiro capítulo desta tese, a beleza é um valor que influencia nos juízos que fazemos sobre as pessoas (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005). Àquelas consideradas belas, explica Berth (2020, p. 132), os sujeitos atribuem um “maior valor humano”. “Isso acontece principalmente quando consideramos que nas culturas ocidentais o belo/bonito é sinônimo de superioridade,

ou seja, ultrapassa o campo da estética, uma vez que o senso comum aponta que tudo que é bonito só pode ser bom” (Berth, 2020, p. 121).

A troca interativa, observada nos comentários do *Youtube* (Quadro 5), nos permite refletir sobre essa dinâmica. Uma das pessoas faz um alerta: “*Se colocasse uma gostosona bombada aí ce nao ia falar isso*” (85.1). Ou seja, ele mostra como as críticas direcionadas à Preta se embasam, também, em critérios estéticos. No entanto, parte dos sujeitos saem em defesa da cantora apoiando-se em uma visão elitista e preconceituosa sobre o *funk*<sup>121</sup>. Nesse sentido, a artista é boa porque se distancia das “*defecações do funk*” e “*faz música com letra de verdade*” (85.1). Pelo teor das manifestações, as críticas à artista não se justificam, porque há pessoas muito piores que ela, “*q cantam bosta nenhuma*”, e que também fazem sucesso (80.1).

Quadro 5 – O valor da beleza

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>122</sup>
85.1	26/04/2015	@nome_usuario <sup>123</sup> Se colocasse uma gostosona bombada aí ce nao ia falar isso, ao menos admita q ela é mil vezes melhor q as <b>defecações do funk</b> e respeite o fato dela ser uma cantora <b>q faz música com letra de verdade</b> .
80.1	16/06/2015	@nome_usuario <b>Cê vem criticar a voz dela num país como o Brasil é piada neh</b> , onde quem faz sucesso é anitta e mc biel q cantam bosta nenhuma
81.1	16/06/2015	@nome_usuario <b>mas pelo menos a Anitta tem uma boa aparência pois ela usa o corpo para conquistar</b> e a pretaaaa gil usa o que nao tem nada pra dar a ela um talento pois é <b>feia gorda canta porra nenhuma</b> o que essa mulherzinha tem a <b>única coisa é que existe idiotas que acham que ela canta bem e é linda ai se diz que cada um tem seu gosto existe muita gente de péssimo gosto.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

No último comentário (81.1, acima), a pessoa se interpõe aos que argumentam a favor de Preta e contra o *funk*. No entanto, para isso, dá a ver o modo como a beleza, ao mesmo tempo que é um valor, é também um demérito para quem não a apresenta. Isso porque ela também está associada a sentidos de sucesso e competência, especialmente no que se refere às mulheres.

<sup>121</sup> Alves (2021) demonstra como essa visão sobre o ritmo, que desempenha um importante papel como “agente de letramento” (Alves, 2021, p. 5), além de se configurar com uma possibilidade de ascensão social, tem suas raízes nas opressões de raça e classe. Nessa conjuntura, a cultura elevada se restringe ao que é produzido pelas classes mais altas que também vão determinar o que é bom ou ruim musicalmente. Ao *funk*, é delegado o lugar de estilo musical sem teor artístico e vulgar. “Por estar em uma posição não hegemônica, o funk tem dificuldade de ser visto e legitimado como cultura e seus produtores também são marginalizados, possuindo mais dificuldades no circuito artístico brasileiro” (Alves, 2021, p. 6).

<sup>122</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>123</sup> Para garantir o sigilo, substituímos as menções diretas a usuários nos comentários pela expressão “@nome\_usuario” nos registros.

Assim, a biopolítica do consumo que promoveu o corpo magro também promoveu a beleza como um caminho para o sucesso da mulher. A mulher que se mantém bela, e com o corpo desejado para o capitalismo tende a ser mais bem-sucedida e dominar todas as esferas da vida em sociedade, já que em uma economia neoliberal agora todas as esferas sociais são perpassadas por lógicas do mercado. (Aires, 2019, p. 122-123).

Por esse viés, o fato da cantora Anitta ostentar um corpo que corresponde ao padrão, por exemplo, dá a ela um certo tipo de reconhecimento e, conseqüentemente, vantagens na vida social, quer ela queira, quer não. Preta, em contraste, é uma mulher *“feia gorda canta porra nenhuma”* (81.1) e, por essa perspectiva, não deveria ocupar o lugar de uma mulher famosa. Uma mulher gorda não pode ser talentosa, ter sucesso e muito menos ser admirada, pois ela não é bonita: *“a única coisa é que existe idiotas que acham que ela canta bem e é linda ai se diz que cada um tem seu gosto existe muita gente de péssimo gosto”* (81.1).

Se um dos pilares da beleza contemporânea é a magreza, o emagrecimento é sempre visto como algo positivo, digno de elogio, independentemente das circunstâncias em que se deu. No vídeo do *post* do *Instagram*, do dia 13 de junho de 2023<sup>124</sup> (Figura 30), um dos nossos materiais de análise, Preta responde a comentários elogiosos que vinha recebendo sobre o seu processo de emagrecimento durante o tratamento contra o câncer no intestino. Na legenda, a cantora já anuncia o tom da gravação: *“Existem perguntas e comentários que não devem ser feitos, principalmente quando se envolve o corpo de alguém. Nossos corpos merecem respeito!!! #pretasendopreta”*<sup>125</sup>. Nas imagens do vídeo, a artista opta por aparecer com pouca produção, com uma maquiagem leve, usando óculos de grau e uma roupa básica de tons neutros e não é possível identificar ferramentas de pós-edição, como filtros e *Photoshop*.

**Figura 30** – Frame *Instagram* – vídeo do *post* de 13 de junho de 2023



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil no *Instagram* @pretagil<sup>126</sup>

<sup>124</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtcpUDkNqyE/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

<sup>125</sup> As descrições das manifestações orais contidas nos vídeos, as legendas de postagens e os comentários dos usuários das redes sociais digitais serão inseridos sempre em itálico.

<sup>126</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtcpUDkNqyE/>. Acesso em: 4 set. 2023.

Ao nosso ver, a imagem construída no vídeo, é também coerente com o discurso que ela traz, constituindo um texto verbo-visual coeso que vai de encontro ao padrão de beleza. Em uma plataforma de “característica imagética” (Primo; Matos; Monteiro, 2021, p. 18), como o *Instagram*, é significativo não corresponder a modelos de aparência considerados recomendáveis e admiráveis. É também se colocar em um lugar de vulnerabilidade, aberta às críticas e, até mesmo, à ação dos *haters*. Isso porque, muitas vezes, a naturalidade é lida nesse ambiente como falta de cuidado e desleixo pelos usuários. O vídeo também tem um ar despojado, como algo feito de modo espontâneo, o que denota uma conversa íntima e direta com os seus seguidores.

Além disso, há na gravação uma estratégia de posicionamento que pode ser lida como uma tentativa de amenização da centralidade de Preta, enquanto pessoa famosa. Apesar das reflexões serem trazidas a partir da vivência dela, a configuração do vídeo parece nos levar a uma primordialidade do tema: ele é o protagonista, não a cantora. Nesse sentido, a artista emprega a sua visibilidade e o seu poder de afetação junto aos públicos a serviço de uma pauta feminista e antigordofóbica.

Preta inicia o vídeo dizendo que “*Uma das perguntas que mais tem aqui na caixinha de pergunta é quantos quilos eu emagreci*”, o que coloca em evidência a vigilância ideológica sobre o corpo da mulher, um dos fatores por meio do qual a *pressão estética* se fundamenta e se mantém em nossa sociedade. Diante de inúmeras perguntas que poderiam ser feitas naquele contexto da doença, ou para além dele, as pessoas optam por se manifestar e têm curiosidade pelo processo de emagrecimento da artista. Isso reforça a centralidade que a aparência corporal magra assume nos dias atuais. Quando as pessoas dizem à Preta “*Nossa, você está linda! Você emagreceu*”, elas estão reforçando essa ideia de que o único corpo bonito que pode abrigar uma pessoa feliz e realizada, é o magro.

Nesse cenário, nem um acometimento grave, como um câncer, é suficiente para impedir que as pessoas tenham críticas, elogios e opinem sobre as mudanças corporais de uma pessoa. É como se o corpo da mulher e, de modo ainda mais veemente, o da mulher gorda, fosse algo público, sempre passível de ser analisado e julgado por qualquer sujeito, independentemente do nível de intimidade estabelecido na troca social.

Diante da manifestação de Preta, um padrão de comentários dá relevo ao modo como ela é reconhecida como uma figura pública que faz posicionamentos pertinentes sobre temáticas importantes para a sociedade. O autor do comentário 390 (Quadro 6) destaca o modo como, com sensatez, a artista traz verdades à tona.

Quadro 6 – Corpo público – manifestação

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>127</sup>
228 (v) <sup>128</sup>	14/06/2023	Seu depoimento aqui é muito <b>necessário</b> . <b>Você sempre atenta e certa</b> , mesmo em momentos difíceis sua existência <b>está a serviço</b> 🙌👩🏾☑️ só amor e boas vibrações de saúde pra você, minha linda 🌟
355	14/06/2023	Disse tudo, Pretinha! Você é linda de todo jeito e eu to na torcida pra você ficar boa logo! <b>(É muito maravilhosa mesmo, né? A pessoa tá fazendo um tratamento super barra pesada e ainda consegue vir aqui no Instagram mandar a real com uma super elegância! Te amo!)</b>
390	14/06/2023	Sensata demais! <b>Obrigada por dar voz a essa verdade</b> . Deus abençoe sua recuperação 🙌☑️

Fonte: Elaborado pela autora.

Os usuários inscrevem Preta Gil no lugar de uma pessoa que se manifesta de forma ponderada e, ao mesmo tempo, assertiva. As pessoas destacam que, mesmo vivenciando um momento difícil, a cantora se dispõe e se expõe para trazer provocações de interesse social (355). Como afirma a atriz Fabiana Karla (@fabianakarlareal), também uma mulher gorda, Preta está sempre atenta e a serviço (228).

A prática de comentar sobre o corpo alheio se constitui como uma prática cultural e faz-se presente no círculo de amigos, nos relacionamentos, no mercado de trabalho e em todas as outras esferas da vida em sociedade. Há uma vertente de manifestação no *post* do *Instagram* que ratifica essa perspectiva. Nela, os usuários inscrevem o que é abordado por Preta no vídeo em um contexto mais amplo, como parte de um problema da nossa sociedade, como evidencia o Quadro 7.

Quadro 7 – Corpo público – prática sociocultural

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>129</sup>
294 (v)	14/06/2023	As pessoas estão realmente perdendo qualquer limite de educação, de senso e de noção dos <b>reais valores da vida</b> 🙌😞 Mais amor por favor ❤️
351 (v)	13/06/2023	<b>Respeito!</b> Apenas parem

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>127</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

<sup>128</sup> Quando o perfil for verificado pelo *Instagram*, haverá um símbolo “(v)” logo abaixo do número do comentário identificando o tipo do usuário autor. “Entendendo a verificação no *Instagram*”: Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/understanding-verification-on-instagram>. Acesso em: 12 set. 2023.

<sup>129</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

Tal posicionamento dá ênfase ao modo como a ação de fazer comentários sobre o corpo de uma mulher está profundamente inscrito em nossas práticas socioculturais. Diante desse cenário, os usuários demonstram desaprovação ao afirmar que é preciso rever os nossos valores (294) e exigir respeito (351), já que agir dessa maneira não deve ser mais tolerável.

Em outro padrão de manifestação, os usuários destacam a mulher como principal vítima da *pressão estética*, já que essa opressão incide de maneira mais recorrente e cruel sobre elas, se constituindo como uma questão de gênero (comentário 409, no Quadro 8).

**Quadro 8** – Corpo público – questão de gênero

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>130</sup>
409	13/06/2023	Necessária demais essa reflexão @pretagil a falta de bom senso das pessoas em analisar corpos alheios, principalmente de <b>mulheres</b> , é algo sem noção

Fonte: Elaborado pela autora.

As pessoas vinculam essa autorização para falar sobre o corpo feminino ao machismo estrutural, o que explica por que os homens não são as principais vítimas dessa patrulha do corpo. “Isso porque uma vez que em um modelo colonial, hetero-normativo e patriarcal de sociedade – como é a brasileira – a vigilância ideológica em relação ao comportamento da mulher, inclusive ao controle sobre seu corpo como forma até de punição, torna-se naturalizada” (Arruda, 2021a, p. 31 e 32).

Como mulher, receber comentários sobre o seu corpo não é algo novo para Preta Gil. Em sua participação no *podcast Quem Pode, Pod*<sup>131</sup>, apresentado por Fernanda Paes Leme e Giovanna Ewbank, em 2023, a cantora contou uma situação constrangedora que vivenciou depois da gravação do programa *Qual É a Música?*, do SBT, em 2005.

*Tenho uma história que nunca contei. Fui no programa do Silvio Santos<sup>132</sup> e aí eu fui no camarim dele, toda feliz, achei que ele ia me dar um programa no SBT... Aí ele virou para mim e falou assim: “quero te dar uma dica maravilhosa”. Aí pegou um papel, uma caneta [e falou:] “esse aqui é um médico endocrinologista maravilhoso, que eu estou indo, que olha, emagreci, você vai ficar ótima”. E me deu um papelzinho.*

<sup>130</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

<sup>131</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kxiakF2fo5k>. Acesso em: 27 mar. 2024.

<sup>132</sup> Anos depois, em 2018, a cantora foi vítima da gordofobia de Silvio Santos mais uma vez. Durante participação no *Jogo das Três Pistas*, o apresentador disse à artista: “Você está mais gorda do que da última vez que esteve aqui [no SBT], mas o seu rosto continua bonito”. Diante da situação, Gil ficou visivelmente constrangida, e a fala de Santos foi retirada da edição do programa que foi ao ar.

Disponível em:

<https://www.fashionbubbles.com/noticias/famosos/pret-gil-silvio-santos/#:~:text=Nessa%20semana%2C%20foi%20ao%20ar,de%20embara%C3%A7osa%20envolvendo%20Silvio%20Santos>. Acesso em: 27 mar. 2024.



Em desaprovação a esse tipo de atitude, figuras públicas e marcas também saem em defesa de Preta Gil no *Instagram*. Na primeira publicação (98, no Quadro 9), a atriz Cléo Pires (@cleo) se manifesta também com base em um processo de identificação como figura pública que, apesar de nunca ter sido gorda, tem sua trajetória marcada por uma constante vigilância sobre as suas mudanças corporais, sejam elas referentes a procedimentos estéticos ou por ter engordado. Isso reforça que esse recorte estético atinge todos as sujeitas, até mesmo uma mulher como Cléo Pires que, em muitos aspectos, corresponde ao padrão de beleza hegemônico.

**Quadro 9** – Corpo público – celebridade e marca

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>133</sup>
98 (v)	15/06/2023	👋 super necessária! O peso de uma <b>mulher</b> não deve ser elogio e nem comentário!
295 (v)	16/06/2023	Preta, desejamos força e saúde nesse momento delicado. Conte conosco para espalhar por aí a mensagem de que o corpo e a aparência de uma <b>mulher</b> não devem ser tratados como pauta. ❤️

Fonte: Elaborado pela autora.

O autor do segundo comentário é uma marca de beleza, a *Dove* (@dovebrasil), reconhecida por ações fundamentadas na ideia de diversidade corporal e questionamento aos padrões de beleza. Nessa linha, em 2023, a marca contratou seis personalidades brasileiras, entre elas, a atriz Paolla Oliveira e a jornalista e apresentadora Astrid Fontenelle, para que não usassem filtros ou edições nas suas fotos publicadas na internet. “A ação quer alertar o público sobre a pressão estética que reforça padrões de beleza irreais nas redes sociais [...]” (Dove..., 2023, n.p) e fez parte da campanha *O Custo de Beleza*, iniciada em maio do mesmo ano.

Ainda na trilha das mensagens que demonstram apoio à fala da artista no *Instagram*, há aquelas em que é possível observar uma identificação que se dá pelo compartilhamento de uma mesma história. Nesse tipo de registro, os usuários trazem depoimentos da sua vida pessoal para demonstrar que já vivenciaram a mesma coisa – ou uma experiência bem próxima – e, por isso, são capazes de saber o que ela está sentindo. As pessoas relatam histórias de vigilância sobre o corpo e elogios ao processo de emagrecimento no tratamento

<sup>133</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

contra o câncer, assim como a artista. Mas, também, em outras situações de vulnerabilidade, como depressão, ansiedade e até mesmo a experiência traumática de um acidente de carro.

Nas manifestações, eles fazem um exercício de empatia (Martino, 2019). Apesar de não ser possível se colocar exatamente no mesmo lugar de Preta, o compartilhamento de vivências próximas permite que os usuários saiam do seu lugar, enquanto sujeitos, para ir ao encontro de quem é, de como pensa e do que sente Preta Gil, neste momento, representante da alteridade. No comentário abaixo (296 no Quadro 10), a usuária evidencia o que há de comum entre ela e Preta: o tratamento contra o câncer, a sensibilidade e vulnerabilidade, o sofrimento com os efeitos colaterais, a fé e a esperança: “*Vamos vencer esta luta e seremos curada em nome de Jesus Cristo*”, diz.

**Quadro 10** – Corpo público – empatia

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>134</sup>
296	13/06/2023	Principalmente nós que estamos em tratamento do <b>câncer</b> já ficamos sensíveis por perder peso massa muscular por conta da quimioterapia 😞😞 aí tem pessoas sem noção msm achando que perder peso é lindo e maravilhoso, estamos sofrendo com os efeitos colaterais 😞😞 se toquem 😊😊 força 🙌 @pretagil <b>vamos vencer esta luta e seremos curada em nome de Jesus Cristo</b> 🙏🙏❤️🙌🙌

Fonte: Elaborado pela autora.

A vigilância e os comentários sobre os processos de transformação do corpo podem vir da família ou de amigos próximos, mas até mesmo de conhecidos (230), acompanhados do entendimento da magreza a qualquer custo já que “pelo menos para emagrecer a doença serviu”. Nesse tipo de registro, de teor declaratório e pessoal, a magreza como valor aparece como uma constância, sendo aceitável julgar como benéfico qualquer coisa que faça a pessoa perder peso, até mesmo uma depressão (230), conforme apresenta o Quadro 11:

**Quadro 11** – Corpo público – depressão

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>135</sup>
230	13/06/2023	Uma vez <b>duas mulheres (da igreja da minha mãe)</b> me pararam na rua para dizer que eu estava muito linda e queria a receita. Eu prontamente respondi “ <b>DEPRESSÃO!</b> ”. Elas sabiam que eu não estava bem e que enfrentava uma batalha. Achei tão constrangedor e indiscreto da parte delas, que também me senti no direito de ser bem curta e grossa.

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>134</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

<sup>135</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

Por essa perspectiva, ainda que o sujeito esteja passando por um tratamento contra o câncer, principalmente se for mulher, deve aproveitar a “oportunidade” e fazer por merecer para manter o corpo magro após a cura da doença. Ou seja, a *saúde*, reconhecida como parte do valor-beleza da nossa sociedade contemporânea, não é aquela relacionada principalmente à qualidade de vida e um bem-estar físico e mental. Muitas vezes, importa mais ostentar características físicas que denotam saúde, como a magreza. O que é valorizado, nesse espectro, é uma aparência saudável (Lima, 2021b), não importam as circunstâncias.

Importante ressaltar, porém, que o patrulhamento do corpo feminino tem a sua origem e manutenção vinculada ao patriarcado, apesar disso, não é um comportamento restrito aos homens. Uma vez que o machismo se constitui de maneira estrutural, mulheres também acabam reproduzindo ações com base no entendimento de uma corporeidade acessível a todos. Nesse contexto, nem todos aprovam os posicionamentos de Preta.

O comentário 269 (Quadro 12) é um dos registros que se contrapõe à manifestação da cantora sobre os elogios ao seu emagrecimento durante o tratamento contra o câncer. Ao dizer que “*Qdo não quer palpito não posta*”, a usuária dá a entender que, a partir do momento em que uma celebridade se expõe em uma rede social digital, ela deve estar preparada e aceitar qualquer tipo de comentário, já que a publicação foi uma escolha sua e configura um ônus do *status* célebre.

**Quadro 12** – Corpo público – crítica (comentário original 269)

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>136</sup>
269	15/06/2023	<b>Qdo não quer palpito não posta</b>
269.274	09/07/2023	@autor_comentário_original_269 mais acredito que ela <b>nao postou nada pedindo ou falando sobre se emagreceu ou não</b> .. Essa e a questão querem saber pq emagreceu quantos quilos perdeu.. <b>Todos sabem q está passando por um momento dificil normal está assim .. 🙄</b>
269.275	12/07/2023	@autor_comentário_original_269 <b>quanta indelicadeza precisamos ter sensatez nos comentários bem feito a resposta dela foi na lata.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do comentário 269, outras pessoas se manifestaram, em contraste à autora do comentário original, configurando, assim, uma disputa de sentidos entre os próprios usuários. Nos dois exemplos acima, as pessoas aprovam o posicionamento de Preta e destacam o

<sup>136</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

momento delicado que ela está vivenciando. Ademais, emergem algumas provocações diante do comentário 269, como “*guarda seu ódio com você*” (269.271) e “*ela pediu??? As pessoas são total sem-noção e isso tb vale pra vc*” (269.273).

O mesmo debate entre os usuários acontece a partir do comentário original 83 (Quadro 13) que inscreve as falas sobre o processo de emagrecimento de Preta durante o tratamento contra o câncer em um lugar de enaltecimento, forma de incentivar a autoestima da artista.

**Quadro 13 – Pressão estética** (comentário original 83)

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>137</sup>
83	18/06/2023	<b>Eu entendi os comentários como uma forma de incentivar sua autoestima, uma pena mesmo vc ter ficado chateada.</b>
83.86	23/06/2023	@autor_comentário_original_83 gata vamos lá, vc consegue entender.. <b>NÃO SE FALA SOBRE PESO DAS PESSOAS, ISSO NÃO É DA SUA CONTA, PODE NÃO SER OFENSIVO PRA VC, PROS OUTROS NÃO, LOGO NÃO SER FALA SOBRE PESO DAS PESSOAS DOENTES OU NÃO</b>
83.95 (v)	10/08/2023	@autor_comentário_resposta_85 Não se fala sobre peso ou sobrepeso de alguém. Quem sofre com isso sabe que está acima ou não do peso. Aliás isso é coisa de gente desocupada que acha que só é bonita quem é magra. As vezes as pessoas <b>julgam pelo prazer de julgar e nem se quer sabem pq a pessoa engordou ou não. Acho super preconceituoso quem acha que só é belo quem é magro.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em resposta a esse posicionamento, os usuários reforçam a importância de não se falar sobre o peso de alguém em nenhuma circunstância, já que não se sabe o contexto em que se deu aquela mudança corporal. Na resposta 83.95, a pessoa ainda dá destaque e critica a associação da beleza à magreza, já que, em nossa sociedade, a forma corporal magra aciona sentidos como beleza, riqueza e sucesso.

Esses posicionamentos estão em consonância com a parte final da fala de Preta no vídeo em que a cantora reforça que não devemos fazer comentários sobre o corpo de outra pessoa sem sermos solicitados, isso em nenhuma situação: “*Então, isso é delicado. Já não é legal ficar falando sobre isso, né, a pessoa não doente, mas com a pessoa doente ainda é mais desagradável. Então, senso, né? Por favor*”. A artista faz referência, aqui, a uma prática comum em diferentes espaços: o *body shaming*, ação com vistas a policiar e ridicularizar a aparência de uma pessoa de forma naturalizada (Gurgel, 2018).

<sup>137</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

Diante de suas ações, Preta inverte a lógica da *culpabilização*. Se o padrão de beleza é uma estratégia do patriarcado para manter as mulheres em um lugar de subserviência, as pessoas que se distanciam desse ideal não devem ser responsabilizadas por não alcançar algo que é pensado para ser irrealizável: os questionamentos devem ser direcionados àqueles que sustentam as lógicas de poder. Esses processos se configuram em um solo valorativo fundamentado no culto ao corpo como valor (Simões, 2014a), em que as pessoas se sentem no direito de opinar, dar dicas e “conselhos”, sempre com a justificativa de que é com uma boa intenção ou por causa da preocupação com a saúde, dando ênfase à *patologização*.

A mídia reproduz e, ao mesmo tempo, ajuda a construir e manter a hegemonia do padrão de beleza contemporâneo, baseado na magreza, na branquitude e na juventude. Ziller, Barretos e Xavier (2023) destacam esse caráter pedagógico, já anunciado por Louro (2008) no âmbito do gênero. Importante reforçar que a mídia vai construir não somente ideais de beleza, mas padrões de comportamento que as mulheres devem adotar para atender às expectativas sociais no contexto de uma sociedade cis-hétero-patriarcal.

Faça a conta de em quantos filmes e séries está presente a cena em que uma mulher jovem, branca, magra e sem deficiência apresentam um anel de noivado às amigas, que seguram sua mão e gritam um agudo “aaaaahhhhhhh”. A sibilante aprovação se relaciona à caracterização da personagem como aquela não apenas escolhida para o casamento por um homem, mas também por um homem bem-sucedido o suficiente para pagar por um anel com um grande diamante. Nessa concepção, a mulher ganha legitimidade por esse par de características – é boa o suficiente para conquistar um homem, e não um qualquer, mas um que tem um alto poder aquisitivo. (Ziller; Barretos; Xavier, 2023, p. 12-13).

Assim, a mídia limita e desautoriza existências e, ao mesmo tempo, é produtora e reprodutora, em diálogo com a sociedade, de determinados valores e formas de viver. Ela privilegia corporalidades normativas e pretere quem se distancia do ideal de beleza contemporâneo, construindo processos de invisibilização e estereotipagem de grupos socialmente minorizados, como as pessoas gordas.

### **5.1.3 Estar, nunca ser: a ocupação de espaços excludentes frente à provisoriedade do corpo gordo**

A vigilância sobre o corpo da mulher gorda e o entendimento de um corpo único possível que também é público, atuam para a conformação de uma corporalidade específica que conceituamos, nesta tese, como *corpo provisório*. Como uma existência efêmera, esse corpo não tem o direito de existir, a menos que por um período determinado e devido a uma

circunstância justificável, como uma gravidez ou uma doença, por exemplo. O corpo gordo é, assim, tolerável tão somente como uma fase. Enquanto a mudança não acontece, o estigma da gordura deve ser o máximo disfarçado e escondido, já que é motivo de vergonha.

Essa visão sobre o corpo gordo sempre como um “estar” e nunca como um “ser”, está presente, também, nos comentários no *Youtube* e no *Instagram*. Por esse viés, se o corpo gordo é provisório, o pior cenário é permitir que ele volte a ficar gordo. O comentário 103 (Quadro 14), é representativo dessa dinâmica em que não se questiona o motivo do emagrecimento, pois o importante é não engordar novamente.

**Quadro 14** – Corpo provisório – depoimento

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>138</sup>
103	13/06/2023	Em 2014 tive um <b>cancêr</b> na tireóide. Operei, passei por tratamento, emagreci e teve gente da minha <b>família</b> falando que <b>pelo menos para eu emagrecer a doença serviu e que era pra ver se eu conseguia manter o peso</b> . Nossa, quanto esse comentário me entristeceu na época. Na vdd, ele me fere até hj.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de visão, relatado pela usuária em tom depoimental, ignora totalmente que o nosso corpo, desde o nosso nascimento, está em constante transformação. Mudanças corporais, por razões diversas, são naturais e fazem parte da vida, especialmente das mulheres que, se cis ou trans, ostentam, em suas corporalidades, “testemunhos corporais contínuos e intensos de sua existência” (Arruda, 2019, p. 18). O que se coloca como preocupante é como a magreza é vista como algo bom, que deve permanecer ao longo do tempo; enquanto estar gordo é sempre repreendido como um problema que deve ser resolvido o quanto antes.

É importante pontuarmos que nem sempre foi assim. Os significados sociais sobre a gordura se transmutaram ao longo do tempo. Esse entendimento do corpo gordo como algo ruim e, por isso, apenas provisório, é um reflexo contemporâneo dos ideais da modernidade. Em um contexto capitalista, com a produção e distribuição de alimentos estabilizadas, a pessoa gorda passa a ser vista como alguém que se distancia de um corpo superior, civilizado e produtivo (Aires, 2019). Decerto que, em períodos como a Idade Média ou o Brasil rural do século XX, o esforço era para engordar e manter-se assim, já que ser uma pessoa gorda era sinônimo de poderio econômico e saúde.

Na mensagem abaixo (215 no Quadro 15), com base no entendimento do corpo de Preta como algo público, aspecto discutido no tópico anterior, a pessoa opina sobre o que ela

<sup>138</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

deve fazer. A solução é, então, emagrecer, para ajustar essa constituição física inadequada. Ser gorda é inclusive colocado como algo que prejudica a própria qualidade de Preta enquanto cantora, já que a pessoa sugestiona: “*QUEM SABE MAS MAGRA CONSEGUES MELHORAR MAS A VOZ*”.

**Quadro 15 – Corpo provisório**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>139</sup>
215	28/11/2014	<b>PRA COMEÇAR ACHO QUE ELA PRECISA EMAGRECER ,PEDI O PAPAÍ DINDIM PRA FINANCIAR UM ESPAR.....TA LONGE DE SER CANTORA ....QUEM SABE MAS MAGRA CONSEGUES MELHORAR MAS A VOZ.....NAO TEM SUIING ,NAO TEM ESTILO .....VIVEMOS EM UM PAIS DEMOCRATICO E TEMOS O DIREITO DE FALAR O QUE PENSAMOS ...PRONTO FALEI DESABAFEL...UFÁ TO ALIVIADA ----- ----- SNIF ----- DOI DEMAIS OUVIR ISSO -----</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao afirmar “*PEDI O PAPAÍ DINDIM PRA FINANCIAR UM ESPAR*”, é possível depreender que, aqui, a ideia de transitoriedade da corporalidade da artista está associada a um outro recorte, o de classe. Ao longo do tempo, foram as classes dominantes que determinaram o que deveria ser considerado belo em cada contexto histórico. Assim como na década de 1960, em que a magreza era associada às pessoas ricas e modernas (Sant’anna, 2014), na contemporaneidade, o corpo magro está vinculado aos sentidos da beleza mas, também, à riqueza e à elegância. Nesses termos, você ter dinheiro e continuar gordo é inconcebível: é só ir para um *spa* que você emagrece.

Na busca pela adequação de um corpo transitório por meio do emagrecimento, as dietas estão entre as principais estratégias utilizadas pelas mulheres. Uma das intervenções de Preta pode nos ajudar a pensar sobre esse assunto. Durante a entrevista ao *Fantástico*<sup>140</sup> (2023), um dos materiais da nossa empiria, a cantora faz um apelo convocando as pessoas a atentarem para a importância da prevenção do câncer e afirma que é possível mudar o seu estilo de vida, “como a gente se nutre”.

*E é isso que a gente tem que falar para todos, as pessoas que estão escutando, é que prevenção é quase uma cura. A gente pode mudar o rumo da nossa vida, a gente pode mudar a maneira como a gente se nutre. Não estou falando de corpo, de forma, não estou falando sobre magreza, estou falando sobre nutrir o corpo da gente.*

<sup>139</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>140</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11441651/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

No cenário atual, em que a cultura das dietas exerce forte influência, especialmente sobre as mulheres, a fala de Preta “*Não estou falando de corpo, de forma, não estou falando sobre magreza, estou falando sobre nutrir o corpo da gente*” vai de encontro a esse ideário. Estar nutrido é entregar ao seu corpo aquilo que ele precisa para ficar saudável, independentemente da sua aparência, forma ou peso corporal. Como explica a artista, essa ideia de saúde não está relacionada a um tipo específico de corpo ou à magreza, mas, sim, a um estilo de vida e uma alimentação saudável.

A manifestação da cantora tem importância na medida em que, como lembra Foxcroft (2013), as pessoas célebres tiveram, e continuam a ter, um papel importante na perpetuação da cultura da dieta que lucra com o reiterado fracasso das pessoas e, em particular, das mulheres, e altera a relação com o nosso corpo, tornando-a menos saudável e custosa, já que incentiva julgamentos excessivamente críticos de autodepreciativos. “Quanto mais difícil de entender e de seguir é uma dieta, maior a probabilidade de que o seu praticante desista – e tente outra coisa” (Foxcroft, 2013, p. 22).

No processo de emagrecimento, muitas vezes, a alimentação é utilizada somente para se alcançar fins estéticos e a saúde pode ficar em segundo plano para que a pessoa atinja o corpo tido como ideal, com a adoção de uma alimentação restrita e, por vezes, prejudicial à saúde. Em alguns casos, ela pode estar vinculada, inclusive, a hábitos de vida não saudáveis ou a doenças, como anorexia e bulimia, algo completamente ignorado pelos discursos gordofóbicos inscritos em um ideário da cultura da dieta.

Mas como assumir uma posição de enfrentamento nesse contexto em que o corpo gordo é visto como provisório e inúmeras estratégias nocivas, como a cultura das dietas, corroboram com essa visão? Mulheres gordas deixam de viajar, tirar fotos, ter momentos de lazer, usar roupas que mostram mais o corpo, se relacionar intimamente, ir à praia e tantas outras coisas por serem gordas. Em muitos casos, condicionam o desfrute da sua vida ao momento em que estarão magras: “quando eu for magra, eu vou...”.

Quando falamos especificamente sobre mulheres gordas, isso se mostra ainda mais preocupante, pois, além das questões acima citadas, elas ainda lidam com uma dimensão estrutural, a falta de *acesso e acessibilidade*. Como viajar se eu não caibo na cadeira do avião? Como ir à praia se eu não vejo um biquíni ou maiô para o meu tamanho? Como casar se não encontro um vestido que seja do meu agrado?

Preta foi uma noiva gorda em seu casamento com o ex-marido Rodrigo Godoy, em 2015. Se observarmos, o próprio nome da música *Sou como sou*, além de demarcar a autenticidade da artista, pode ser lido como uma resposta a essa visão do corpo gordo como



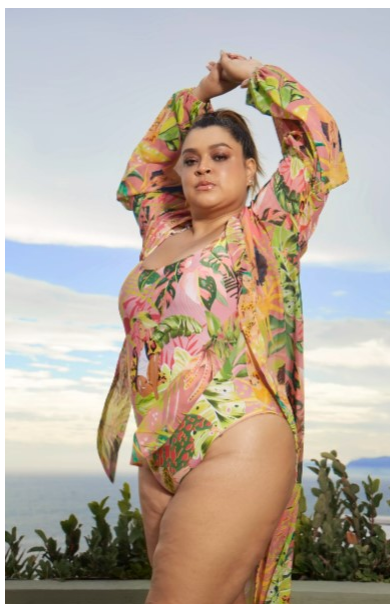
provisório. Ela não deixa de viver experiências por ser uma mulher gorda e abre caminhos para que as outras mulheres se sintam representadas e tenham acessos a espaços reiteradamente negados, como a moda, por exemplo.

A indústria de vestuário sempre se constituiu como um lugar excludente para corporalidades não-normativas. Na atualidade, ainda que haja uma demanda expressiva por roupas de tamanhos maiores, o preconceito e os estereótipos sobre a pessoa gorda são um dos principais fatores que atravancam o desenvolvimento da moda *plus size*. Isso reverbera na maneira como as peças são desenvolvidas, na forma como o discurso publicitário é construído e, conseqüentemente, no consumo das roupas (Aires, 2019).

Algumas ações de Preta auxiliam na modificação desse cenário. Em referência à edição especial da revista *Vogue Brasil*, da qual faz parte, juntamente com a cantora Duda Beat e a modelo Rita Carrera, a artista se coloca como alguém que abriu caminhos ao questionar os padrões de beleza e a gordofobia, tornando alguns espaços opressores, como o da moda, um pouco mais diversos. Tal dinâmica dá a ver, também, o seu pioneirismo. “Rompi muitas barreiras, quebrei paradigmas, abri espaços. Não foi fácil, mas olho para trás e tenho certeza de que valeu. Talvez, se não tivesse posado nua em 2003, Duda Beat e Rita Carreira não poderiam ser tão livres. Talvez essas capas de *Vogue* sequer existissem.” (Falcão, 2020, n.p).

Ademais, em 2021, ela lançou uma coleção de *beachwear*, chamada *Bota o Corpo no Sol*, em sua segunda colaboração com a estilista Lidiane Feline (Figura 31). O nome da coleção é um convite a todas aquelas que, por muitas vezes, deixaram de aproveitar o sol, o mar e a natureza, em geral, por não querer expor o seu corpo gordo, por sua inadequação provisória.

**Figura 31** – Preta Gil posa com peça da coleção *Bota o Corpo no Sol*



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2021)<sup>141</sup>.

Na divulgação, a artista aciona o seu atravessamento identitário, como mulher gorda, e relaciona a sua ação comercial a uma pauta, a luta antigordofobia. Preta chama a atenção para a falta de acesso à moda: o seu objetivo é acolher mulheres gordas.

"É uma das piores coisas que acontecem, com nós pessoas gordas. As mulheres gordas não são acolhidas pelas marcas. Nós nos sentimos desrespeitadas e não abraçadas quando entramos em uma loja, em um site, não conseguimos comprar uma roupa ou biquíni. Então a palavra para essa collab é abraço, acolhimento", explica . (Furtado, 2021, n.p).

Em outra ação, a atuação de Preta no mercado da moda também fica em evidência. Em 2021, em *collab* com a marca C&A, a artista lançou uma coleção de roupa de praia chamada *Além dos Mares*, que contou também com a atriz Grazi Massafera e as cantoras Ludmilla e Manu Gavassi. No caso de Preta, as peças foram desenvolvidas trazendo a sua relação com Salvador, com diferentes referências à infância da cantora e à sua vida. No desenvolvimento das peças, o fato da artista ser uma mulher gorda também foi levado em consideração, mas, de acordo com a cantora, a coleção ultrapassa Preta como indivíduo, ela é sobre todas as mulheres gordas.

Para a empresária, era essencial que o caimento das peças – com tamanhos que vão até o GG4 – funcionasse para o maior número possível de mulheres. "Penso sempre em contemplar outras mulheres, maiores ou menores do que eu. A coleção não é só sobre mim. Hoje eu penso muito nisso de que só eu não basto, quero que outras

<sup>141</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/02/preta-gil-fala-sobre-ser-representatividade-e-libertador-nao-so-para-elas-como-para-mim-tambem.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

venham comigo, quero incluir", destaca Preta Gil. "Quando eu ouço mulheres me dizendo que botaram um biquíni por minha causa, me marcam em fotos na praia, isso é libertador, porque sinto que compensa cada crítica com gordofobia, com racismo, com machismo que eu recebo." (Preta Gil..., 2021, n.p)<sup>142</sup>.

A artista revela um investimento na diversidade da numeração (visando incluir um espectro maior de mulheres gordas) mas, também, no caimento das peças. Isso demonstra uma preocupação com a qualidade do produto, já que é comum que pessoas gordas se deparem com roupas mal produzidas e acabadas e/ou somente com um estilo "senhoril". À primeira vista, o direito do acesso à moda pode ser lido como algo não tão relevante ou superficial. Mas é preciso ponderarmos que, além dos reflexos nas questões relacionadas à autoestima, estar bem-vestida vai determinar, também, os espaços que uma pessoa gorda ocupa. Para ir a uma entrevista de emprego, por exemplo, é preciso estar bem-vestida, de acordo com o que o *dress-code* do ambiente profissional recomenda.

Conforme discutimos no primeiro capítulo desta tese, ancorados em Aires (2019), a inclusão promovida pela moda *plus size* é inegável, o que vai reverberar na dignidade, na autoestima e no espaço que as pessoas gordas ocupam, especialmente as mulheres. A autora nos alerta, porém, que a inclusão também pode ser vista como uma estratégia de mercado com base em uma segmentação, o que, em um contexto capitalista, expande a produção e o consumo. Nesse viés, o sujeito gordo passa a ter acesso à moda, como "possibilidade de reivindicação e certo lugar de fala no tecido social" (Aires, 2019, p. 215-216), mas, concomitantemente, se vê inscrito nas lógicas de consumo capitalistas, impondo, também, um estilo de vida neoliberal.

A concepção da *gorda palatável*, uma gorda menor, mais curvilínea e que não expõe suas marcas corporais, construída nesta pesquisa, pode nos ajudar a pensar sobre os limites da representatividade que é fomentada por Preta. Em uma das fotos feitas para o ensaio da *Vogue Brasil*, em preto e branco (Figura 32), Preta está em pé, em plano médio longo, usando um vestido com mangas bufantes que mostra o formato do seu corpo curvilíneo e seus seios fartos, mas não mostra texturas e marcas corporais, como estrias e celulite. Ela tem o queixo levantado, em um movimento que denota uma postura elegante, empoderada e confiante.

---

<sup>142</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/12/preta-gil-empoderar-outras-mulheres-compensa-cada-critica-com-gordofobia-racismo-e-machismo-que-recebo.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

**Figura 32** – Preta Gil na *Vogue Brasil* – a *gorda palatável*



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2020)<sup>143</sup>.

Essa “padronização do não padrão” (Pilger, 2021) foi identificada por Aires (2019) como uma das maneiras utilizadas para produzir o corpo feminino na moda *plus size*. É possível depreendermos que a estratégia foi replicada pela revista *Vogue Brasil*, já que outra modelo da edição, Rita Carrera, também pode ser lida como uma *gorda palatável*.

A alteridade da mulher gorda é ressignificada como diferença. Isso é verificável, por exemplo, na padronização das medidas pelo menor tamanho, com a escolha de modelos *plus size* só um pouco mais gordas que aquelas que protagonizam os anúncios da moda convencional, e na manutenção de modelos que seguem os padrões dominantes (caucasianas, cabelos lisos e altas). Quanto à numeração das peças, também verificamos que são produzidas em dimensão menor (*vanity sizing*). (Aires, 2019, p. 218).

Ao se assemelhar a uma *gorda palatável*, Preta representa somente parte das mulheres gordas que ostentam uma corporalidade que, ainda que inscrita em um lugar de sujeição, é aceitável. Isso porque elas estão mais próximas de um ideal de magreza, diferentemente de mulheres gordas maiores, com deficiência ou aquelas que fogem à norma da feminilidade hétero-patriarcal.

Com base nesses achados, é importante ter sempre em perspectiva que as celebridades estão inseridas em um contexto capitalista e possuem, por isso, o seu viés mercadológico. Assim, esse movimento de garantia de acessos e empoderamento, protagonizado por Preta no

<sup>143</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

campo da moda, tem limitações e não está descolado de estratégias comerciais. Por esse viés, podemos localizar as ações de Preta, ainda que dotadas de uma dimensão de resistência, também correlatas a uma lógica de feminismo liberal<sup>144</sup>.

Ainda sobre essa dinâmica, a concepção do corpo gordo como provisório – e o seu lugar na moda – tem uma relação direta com os processos de *culpabilização*. Nesse contexto, emerge o entendimento de que as pessoas gordas, únicas responsáveis por sua condição, têm que emagrecer para caber nas roupas, e não o contrário. Assim, não compete ao mercado adotar estratégias de diversidade e inclusão para acolher diferentes corporalidades, você é que tem que se ajustar para caber no mundo.

Outros eixos estruturantes também atuam para a conformação desse cenário. Por ser visto como doente; por estar distante do que é considerado humano; por não se vincular ao que é belo; o corpo gordo deve ser apenas uma versão momentânea a ser adequada tão logo seja possível ao campo do normal e aceitável. Ademais, um corpo provisório, entendido como uma etapa a caminho da sua “melhor versão”, encontra nas representações estereótipos que reforçam o quanto é ruim ser gordo.

Por isso, apesar de ser possível questionar quais estereótipos Preta ajuda a desconstruir, sendo uma *gorda palatável*, a ocupação de espaços, físicos e simbólicos, como a moda, é importante para possibilitar que essa corporalidade tenha o direito de existir tal como é, no presente. A cantora inscreve, assim, a sua corporalidade em um lugar de permanência, nas fotos, nas revistas de moda, nos anúncios publicitários e, assim, no imaginário social.

#### **5.1.4 “Contra o ódio”: o resgate da humanidade diante do discurso que culpabiliza, patologiza e animaliza**

O discurso de ódio não é algo novo, mas, se as plataformas de comunicação digitais não criaram esse tipo de manifestação, indubitavelmente, a amplificaram (Medeiros, 2023). Como nos lembra Medeiros (2023), as próprias redes sociais digitais, com suas lógicas algorítmicas obscuras, podem estimular a disseminação do ódio na internet. A dinâmica acaba “autorizando” esse tipo de manifestação que não tem a sua origem no indivíduo, mas é

---

<sup>144</sup> Como concebem Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), o feminismo liberal é sustentado por valores como o elitismo e o individualismo, negligenciando questões de classe e raça e se distanciando, assim, de um feminismo de viés interseccional. Essa visão limitada de igualdade, forjada nas lógicas de mercado capitalista, faz com que somente mulheres já privilegiadas, em aspectos sociais, culturais e econômicos, sejam beneficiadas. “Embora condene a ‘discriminação’ e defenda a ‘liberdade de escolha’, o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é igualdade, mas meritocracia” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 27).

resultado das relações socioculturais, e forjada com base em uma “historicidade acumulativa” (Medeiros, 2023, p. 46), o que dá a ver o seu caráter relacional.

Tais constatações vão ao encontro da perspectiva de Emcke (2020) ao afirmar que o ódio é resultado de uma construção social, com base ideológica, e sua emergência não se dá de forma repentina ou naturalizada. Ao negar esse caráter cultural e coletivo do ódio e atribuir a ele uma dimensão espontânea ou individual, as pessoas “[...] contribuem involuntariamente para que ele continue sendo alimentado” (Emcke, 2020, p. 18).

Muitas vezes, esse discurso de ódio é dissimulado como uma opinião, tendo a sua manifestação garantida, em tese, pelo princípio maior da liberdade de expressão. No trecho do comentário 215, presente no *Youtube*, a pessoa afirma: “*VIVEMOS EM UM PAIS DEMOCRATICO E TEMOS O DIREITO DE FALAR O QUE PENSAMOS*”. Ou seja, ela parte do princípio que tem o direito de falar o que pensa, independentemente se o seu posicionamento se configura como uma violência contra outra pessoa.

Além da ideia distorcida de liberdade de expressão, contribui para esse cenário a sensação de anonimato da internet. Como explica Medeiros (2023, p. 55, grifo do autor), “Isso se deve a uma sensação de que a *internet* permite a publicação de qualquer conteúdo, como se o ódio fosse liberdade de expressão e, conseqüentemente, autorizado, inclusive em nível legal.” Partindo do princípio de que podem dizer o que quiserem, as pessoas não se constroem em serem abertamente gordofóbicas nesses espaços.

No caso dos registros analisados no *Youtube*, é um tipo de crítica que vai além de uma manifestação a respeito do talento (ou não) de Preta como cantora, ou sobre a qualidade do clipe que ela produziu. É possível apreender um viés de personalidade, direcionado à sujeita Preta Gil e com o objetivo de depreciar o seu corpo gordo. As pessoas inscrevem aquilo que é dito no campo da verdade ou da crítica, respaldadas pelo direito de liberdade de expressão.

No comentário abaixo (22.9 no Quadro 16), a pessoa debocha daqueles que saem em defesa de Preta diante dos ataques, ou seja, não se tem um entendimento de que aquelas manifestações se configuram como um discurso de ódio que ofende, desrespeita e fere, pois é um tipo de violência simbólica.

**Quadro 16** – Gordofobia – discurso de ódio

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>145</sup>
22.9	24/02/2015	Não pode ler críticas porque vai machucar os sentimentos dela. Que dó, cara!

Fonte: Elaborado pela autora.

O comentário 114 (Quadro 17) assume um posicionamento gordofóbico e fundamenta o seu argumento em um dos eixos estruturantes da gordofobia, a *culpabilização*. “Só tá cantando isso porque não consegue ‘parar a boca’ e emagrecer”; “Se quiser se entupir de comida e ficar balofa, se assuma!”. Essas falas são representativas de uma visão hegemônica de que as pessoas gordas têm essa característica apenas porque não detêm força de vontade e disciplina para mudar a sua condição. Por essa perspectiva, tudo é uma questão apenas de “fechar a boca”.

**Quadro 17** – Gordofobia – *culpabilização*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>146</sup>
114	27/07/2016	<b>Só tá cantando isso porque não consegue "parar a boca" e emagrecer. Se "é como é" por quê que se esconde atrás de tanta maquiagem? E por quê só tem homem sarado no clipe? Cadê a aceitação aos gordinhos? Ou só vale pra mulher ser baranga?</b> Discurso mais batido que não convence ninguém. kkkkk <b>Se quiser se entupir de comida e ficar balofa, se assuma!</b> E da próxima, siga a sua própria mensagem e não perpetue a idolatração aos corpos sarados no seu clipe, <b>coloca uns gordos pra representar. kkkk</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de fala ignora questões sociais, culturais, genéticas, comportamentais e psicológicas e coloca o peso como uma questão individual que pode ser administrada, em sua totalidade, pela pessoa gorda. Se Preta é responsável por ser gorda e não fez nada para mudar, ela é uma pessoa de valor questionável, a quem o direcionamento de discursos de ódio é naturalizado e os impactos dessas manifestações minimizados.

Especialmente quando falamos sobre doença, a *culpabilização* emerge atrelada a um outro eixo estruturante da gordofobia, a *patologização*. Na entrevista ao programa *Fantástico*<sup>147</sup> (Figura 33), Preta conta à jornalista Maju Coutinho como foi responsabilizada

<sup>145</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>146</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>147</sup> Vale ressaltar que a matéria em questão consegue cumprir a função de conscientização sobre o câncer de intestino, falando sobre sintomas, tratamento e prevenção, sem contribuir para o reforço ao ideário patologizador ou para a *culpabilização* de Preta por estar doente, algo que vai na contramão do que é hegemônico na mídia.

por ter o câncer, como se a doença fosse um resultado direto apenas do seu estilo de vida e do seu corpo gordo.

**Figura 33** – Frame da entrevista de Preta ao programa *Fantástico*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no site da *Globoplay* (2023)<sup>148</sup>.

Em contraposição a afirmações apriorísticas, os próprios especialistas que aparecem na entrevista do semanário da Rede Globo, ponderam que o câncer é uma doença multifatorial. Isso inclui a genética e um estilo de vida ocidental, com uma alimentação rica em gordura, alimentos ultraprocessados e baixo nível de atividade física ou sedentarismo. Sobre o assunto, Preta não se isenta da sua parcela de encargo e explica que modificou a rotina, reconhecendo que os seus “*hábitos alimentares não eram os mais saudáveis*”.

Esse reconhecimento em nada justifica as manifestações odiosas que foram direcionadas à cantora no período da doença. Preta revela à Maju que leu atrocidades: “*Mas é óbvio que ela ia ter câncer, gorda, nunca se cuidou.*” Essa responsabilização se fundamenta no principal argumento patologizador, o de que qualquer pessoa gorda, a *priori*, é doente. A vivência da artista traz à tona o modo como as pessoas gordas, mesmo em circunstâncias vulneráveis e de dor, são julgadas e condenadas pelo seu corpo, ainda que não se tenha nenhuma informação sobre o estilo de vida do sujeito.

Muitas pessoas amparam ofensas, comentários e atitudes gordofóbicas com base na premissa de que as suas afirmações se dão em razão de um aparente zelo pela saúde da pessoa gorda. Se, de fato, a preocupação é com o bem-estar físico e mental, como parabenizar um processo de emagrecimento que é decorrente de uma doença grave? No vídeo divulgado no *Instagram* da cantora, do *post* de 13 de junho de 2023, Preta faz um apelo: “*Então, assim, não é elogio, não façam esse tipo de pergunta, ou esse tipo de comentário achando que vocês*

<sup>148</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11441651/>. Acesso em: 10 mar. 2024.



*estão me elogiando porque isso não é um elogio. Eu não emagreci porque eu quis, eu emagreci porque estou doente.”*

Nesse viés, a celebridade também desconstrói, a partir da sua fala, a ideia da *magreza* como sinal inquestionável de saúde, não importando o contexto do emagrecimento, uma das bases dos processos patologizantes das corporalidades gordas. “*Enquanto eu fazia quimioterapia, eu ficava muito enjoada e isso não me permitia me alimentar da forma correta. Isso fez eu perder peso. Mas isso não é saudável, eu não quis. Eu perdi muita massa muscular e isso é o que eu estou correndo atrás agora de ganhar.”*

Essa visão, trazida à tona pela cantora, também se fez presente entre aqueles usuários do *Instagram* alinhados ao entendimento de Preta sobre o que é saúde, compreendendo que ser sadio vai muito além de estar dentro dos parâmetros do Índice de Massa Corporal (IMC). Os usuários denunciam a visão deturpada e restrita de saúde e doença, colocando *magreza* e *saúde* como sinônimos, bem como o binômio *gordura* e *doença* como imanescentes (341 no Quadro 18, a seguir).

**Quadro 18 – Patologização – apoio**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>149</sup>
341 (v)	13/06/2023	Isso só <b>mostra o quanto deturpada è a noção de saúde e doença</b> das pessoas quando o assunto é peso
406 (v)	13/06/2023	Sinto muito, Preta. Que sociedade tosca, viu! Temos que parar de tratar o emagrecimento como <b>sinônimo de vitória e o engordar como de derrota. Todos os tipos de corpos podem ter pessoas doentes, assim como podem ter pessoas que esbanjam saúde..</b> O corpo de alguém só diz respeito àquela pessoa - só ela sabe as dores e as delícias de ser o que se é. E, de uma vez por todas, temos que <b>parar de julgar os outros pela aparência.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

No segundo registro (406), o comentário é da jornalista, ativista antigordofobia e influenciadora Naiana Ribeiro, uma mulher gorda maior. Em sua fala, ela destaca o quanto a *magreza* é um valor que está colocado como um desejo, algo a ser alcançado e que traz vantagens à quem ostenta um corpo magro. As pessoas anseiam por serem magras e, muitas vezes, fazem disso um propósito de vida.

Ainda no que se refere à *patologização*, foi possível identificar uma disputa de sentidos entre aqueles que compartilham da mesma visão de Preta (83.96) e os que

<sup>149</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

fundamentam a sua perspectiva em um entendimento mais restrito de saúde (83.85), de acordo com o Quadro 19, abaixo.

**Quadro 19 – Patologização – crítica**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>150</sup>
83.85	22/06/2023	@autor_comentário_original_83 , e que <b>depois da cura mantenha o peso</b> q na verdade ela tem q ter !! <b>pra mais tarde não sofrer com outro tipo de doença por causa do sobre peso !!</b> Resumindo : <b>obesidade não é saudável.</b>
83.96 (v)	10/08/2023	@autor_comentário_resposta_85 ah e detalhe <b>conheço muitos obesos mais saudáveis do que gente magra.</b> <b>Obesidade não significa não ser saudável.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

O comentário 83.96 (acima) traz uma vivência pessoal (“*conheço muitos obesos mais saudáveis do que gente magra*”) para se opor ao entendimento da magreza como sinônimo de saúde. Já no comentário 83.85, o usuário constrói uma relação direta entre “*sobre peso*” e a certeza de uma doença futura. O que autoriza a sua fala é o discurso biomédico que sustenta a falácia da preocupação com a saúde das pessoas gordas, principal argumento que perpetua posicionamentos gordofóbicos na atualidade. Na prática, porém, esse argumento, muitas vezes, se configura como uma manifestação odiosa.

É no discurso médico e de saúde que a discriminação contra pessoas gordas encontra seus mais sólidos alicerces. Discurso de verdade absoluta que se vende como ciência, no discurso biomédico muitas práticas abusivas contra pessoas gordas são justificadas como se fossem preocupação com a saúde. (Lima, 2021b, p. 119).

Entendemos que acionar a temática do zelo pela saúde da pessoa gorda é apenas uma estratégia para legitimar esse tipo de fala que, além de gordofóbica, é invasiva e constrangedora. As pessoas gordas, enquanto corporalidades dissidentes, sabem que o que incomoda é o seu corpo gordo que, apenas por sua leitura, aciona sentidos de feiura, nojo e doença, entre outras características estereotipantes.

Os discursos de ódio culpabilizam, patologizam e também animalizam as pessoas gordas. Quando olhamos para os comentários do *Youtube*<sup>151</sup>, é neste último eixo que as manifestações assumem o tom mais agressivo e violento entre todas as outras materialidades. Preta é chamada de “porca” (comentário 68.2, 57.1 no Quadro 20) e, como uma figura

<sup>150</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Preta Gil.

<sup>151</sup> Tal dinâmica não foi observada no *Instagram* da cantora, o que pode ser parcialmente explicado pelo fato de que, nesta plataforma, Preta não permite que pessoas que não a seguem possam registrar comentários nas publicações.

desumanizada, seus hábitos de higiene são questionados de maneira cruel: “*tem de tomar bastante banho e cuidar das curvas de gorduras pra nao feder passar bastante pomada de assadura*” (95.1 no Quadro 20).

**Quadro 20** – Gordofobia – *animalização*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>152</sup>
68.2	16/03/2016	verdade essa <b>porca</b> pra nao falar noutro nome mas é o que ela é.
95.1	24/04/2015	samba sem sair do lugar e sem mexer pois essa gordura dela toda deve de mexer por conta própria. essa mulherzinha sem roupa deve de ser tao ridícula aff <b>tem de tomar bastante banho e cuidar das curvas de gorduras pra nao feder passar bastante pomada de assadura</b>
57.1	27/07/2016	muito bem falando. ha nao se esqueça ela fala de <b>preto</b> vê -la kkkkkk e ela ate quer processar por causa de preconceito mas ela mesmo coloca o preconceito no caralho do clip dela kkkkkk.so tem ela de <b>gorda</b> ... a música diz tem de ser branco kkkkk <b>essa porca é uma porca mesmo mulherzinha do meu ódio.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

No último comentário (57.1), a pessoa coloca Preta como uma figura hipócrita e oportunista. Por essa perspectiva, ela é contra a gordofobia, contudo, a única pessoa gorda no clipe é ela mesma; ela é contra o racismo, mas no vídeo só há modelos brancos. Tudo isso na tentativa de justificar um ódio direcionado à artista apenas por ela ser quem é: “*essa porca é uma porca mesmo mulherzinha do meu ódio*”.

No quadro da disputa de sentidos, outras pessoas intervêm para denunciar o quão grave são as falas, como as destacadas acima. Elas exigem respeito e buscam resgatar a dimensão humana de Preta, algo que é atacado nos processos de *animalização*. Essas pessoas também destacam que é possível ser crítico ao trabalho da cantora sem que, para isso, tenha que se proferir discursos de ódio ultrajantes (22.11, 22.8 no Quadro 21).

**Quadro 21** – Gordofobia – respeito

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>153</sup>
22.11	24/02/2015	Cara, to defendendo não, Preta Gil não é meu estilo. Fiquei foi impressionado com o desrespeito com uma pessoa,tenho vontade de vomitar quando te vejo, se isso não é desrespeito, mds, o que é então? <b>Eu não curto o trabalho dele, você também não, não somos obrigados a gostar, mas somos obrigados a respeitar.</b>
22.8	24/02/2015	Qui ridículo seu cometário amigo, independente de você gostar ou não de um(a) artista, <b>antes de tudo tem que respeita-lo</b> , sabendo que antes de ser artista é um

<sup>152</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>153</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

	<p><b>ser humano</b> como você e que não merece ler um texto com uma crítica tão destrutiva como o seu. <b>Lembre-se o direito de uma pessoa vai até onde começa o da outra, isso vale pra opinião também, sua opinião é bem vinda até o momento que começa a desrespeitar outra pessoa.</b> Leia novamente o seu texto mas dessa vez com empatia, depois reflita. Um abraço</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Especificamente no segundo comentário (22.8, acima), o usuário, ao seu modo, traz uma diferenciação entre liberdade de expressão e discurso de ódio: “*Lembre-se o direito de uma pessoa vai até onde começa o da outra, isso vale pra opinião também, sua opinião é bem vinda até o momento que começa a desrespeitar outra pessoa.*” A fala vai de encontro à banalização do direito à liberdade de expressão, igualando-a ao discurso de ódio, problemática sobre a qual refletimos no início deste tópico.

O ódio não é algo novo para Preta. Isso pode ser explicado, pelo menos em parte, pelo fato dele sempre ter sido direcionado, ao longo da história, a grupos “historicamente odiados” (Medeiros, 2023, p. 52). Lembremos que ela é uma mulher, gorda, negra, bissexual<sup>154</sup> e com quase 50 anos. Nessa dinâmica, ela se constitui como a instância da alteridade, o outro a quem o ódio é endereçado.

O ódio se dirige para cima ou para baixo, em todo caso sempre em uma visão projetada verticalmente contra “os lá de cima” ou “os lá de baixo”; é sempre a categoria do “outro” que oprime ou ameaça o “próprio”. O “outro” é fabulado como um poder supostamente perigoso ou como algo supostamente inferior; e assim os maus-tratos e o desejo de erradicação subsequente do outro não são reivindicados apenas como medidas *desculpáveis*, mas *necessárias*. O outro é aquele a quem alguém pode denunciar ou desprezar, ferir ou matar impunemente. (Emcke, 2020, p. 14-15).

À época do lançamento do seu primeiro disco, *Prêt-à-Porter*, em 2003, a artista teve que lidar com as críticas e os ataques em diversas frentes por causa das imagens em que aparecia nua, algo que foi destacado pela jornalista da *Vogue Brasil*, Daniela Falcão.

Vanguardista até nisso, ela foi cancelada antes de o cancelamento existir. O Orkut estava começando, ninguém fazia ideia onde aquilo ia dar, mas Preta descobriu que, logo depois de suas fotos nuas e entrevista sincera, havia sido criado um grupo “Eu Odeio Preta Gil”. Logicamente essa repercussão lhe causou sofrimento. (Falcão, 2020, n.p).

Em 2016, a celebridade denunciou os ataques que vinha sofrendo na rede social *Facebook*. Ela contou que as pessoas utilizaram imagens falsas para dificultar a identificação e inscreveu as mensagens de ódio, direcionadas a ela, em um contexto mais amplo, como uma

<sup>154</sup> Em outra oportunidade, Preta também já se declarou pansexual. Disponível em: <https://bit.ly/3DPkJxz>. Acesso em: 21 mar. 2024.

“epidemia de desamor e ódio” característica da sociedade atual.

[...] Ontem fui atacada com diversas mensagens de ódio em minha página no Facebook; uns atacaram minha cor, meu trabalho, meu corpo, outros tentando fazer piadas de péssimo gosto apenas para tentar me denegrir ou magoar, eles assinaram todos os posts com uma # agiram em bando, são organizados e cruéis. SAIBAM esse tipo de ataque só me fortalece, eu conheço o meu VALOR !!! (Rouvenat, 2016, n.p)<sup>155</sup>.

Mais recentemente, em 2024, Preta falou sobre a sua relação com os *haters* em entrevista ao programa da *TV Cultura, Roda Viva*<sup>156</sup>. No encontro, ela foi questionada sobre qual ponto mais a atinge nesse tipo de manifestação odiosa: sua sexualidade, questionamentos a respeito do seu talento ou comentários sobre o seu corpo.

A cantora reconheceu que já se magoou, especialmente com falas depreciativas sobre o seu corpo, ou seja, discursos de ódio gordofóbicos. Na oportunidade, ela caracterizou esse tipo de manifestação, mais uma vez, como um sintoma social, questionando como a sociedade tem se organizado em “bolhas”: “*onde essa pessoa não evoluiu? Onde ela parou no tempo? Qual é o lugar que ela não entendeu? Essas pessoas estão vivendo onde? Estão lendo o que? Elas estão se informando do que? Com quem elas estão convivendo?*”.

A cantora afirmou que passou por um processo de autoaceitação e autoamor que, hoje em dia, a ajuda a lidar com esse tipo de comentário, o que é libertador. Frente a essas manifestações odiosas, ela se concentra no amor que as pessoas expressam, como revelou em entrevista ao *Fantástico* em 2023: “*Eu me apego a todo o amor que eu recebo. E a troca. ‘Preta, eu também tive um câncer, tive o mesmo câncer que você, já tô há tanto tempo curada’*”.

Pela nossa leitura, Preta se coloca diante do discurso de ódio acionando uma linguagem de amor, ao reconhecer o seu valor como sujeita, resultado de um processo de empoderamento. Parte do público abona isso e, por meio das suas manifestações, promovem um resgate da dimensão humana da cantora, reivindicando a sua dignidade e confrontando os processos culpabilizadores, patologizadores e, principalmente, animalizadores.

O processo de *culpabilização e patologização* também nos permite refletir sobre os acessos à saúde que são negados às pessoas gordas. Esse processo leva, em alguns casos, ao afastamento do cuidado à saúde, à negligência, com tratamentos inadequados, e, em situações mais graves, à morte. Isso porque, quando realiza essa busca, a pessoa encontra um atendimento sem humanidade, punitivo e que a restringe ao seu corpo, mesmo que o paciente

<sup>155</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/preta-gil-diz-ter-sido-atacada-com-mensagens-de-odio-em-rede-social.html>. Acesso em: 9 mar. 2024.

<sup>156</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e0ZP1Hg0XD8>. Acesso em: 9 mar. 2024.

procure ajuda por motivos sem nenhuma relação com o peso. Tal dinâmica leva a um processo de revitimização: você é gordo porque não se cuida e não se cuida porque é gordo.

É importante observar que as disputas de sentido aqui observadas também assinalam um questionamento às representações hegemônicas sobre a pessoa gorda. Por meio desse processo, questionamos a ideia de que a pessoa gorda é, necessariamente, uma comedora compulsiva, sedentária e descuidada com a sua saúde. Ao passo que reivindicar o respeito a Preta Gil também a distancia de estereótipos bestializadores e depreciativos que associam as pessoas gordas a porcos, baleias, hipopótamos, entre outros animais, evidenciando a repugnância e o nojo direcionados às corporalidades gordas. Assim, as ações de Preta e as reverberações junto aos seus públicos possibilitam que os estereótipos sejam crivados por uma fresta, o que pode desestabilizar sua perenidade.

## 5.2 HOLOFOTE INTERSECCIONAL: LUZES QUE DÃO A VER OPRESSÕES E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS

No *holofote interseccional*, nos interessa lançar luz sobre outras opressões, além da gordofobia, que emergem a partir da leitura da imagem pública de Preta Gil. A partir dos posicionamentos da cantora e da manifestação dos públicos, buscamos refletir sobre as avenidas de opressão (Akotirene, 2021; Carrera, 2021a) que são tensionadas e a maneira como se entrecruzam. Assim, não propomos, aqui, uma leitura dos eixos de subordinação isolados em si mesmos ou descolados da haste peso, mas buscamos dar relevo às ações em que determinadas opressões estejam em primeiro plano sem descuidar das intersecções.

Preta é uma mulher, negra, gorda menor, bissexual, com quase 50 anos. No *corpus* de nossa pesquisa, ela ilumina as hastes peso – tratada de maneira aprofundada no *holofote temático* – gênero e raça, cruzando as cores cinza, amarelo e azul da roleta interseccional apresentada na Proposta Metodológica. Em alguma medida, também traz as questões de idade (rosa), deficiência (marrom) e sexualidade (roxo), cores que aparecem em tons mais suaves, com menos preponderância.

Importante ressaltar que essa configuração está em diálogo com a empiria delineada para este estudo, ou seja, em um arranjo diferente de materiais, outras hastes poderiam se constituir como protagonistas a partir da figura de Preta. Isso porque “[...] o estudo de conteúdos específicos pode fazer outras hastes se iluminarem e se tornarem relevantes para o entendimento das construções de sentido que ali se estabelecem” (Carrera, 2021a, p. 9).

Na análise, estamos atentos à maneira como Preta se vincula a grupos socialmente minorizados e coloca-se em posição de enfrentamento a diferentes preconceitos. No eixo gênero, damos ênfase a duas estratégias adotadas por ela para confrontar valores hegemônicos, fundados em uma base societária machista e patriarcal: a inversão dos papéis de gênero e a nudez. Nas discussões sobre raça, demonstramos como a celebridade utiliza a valorização da sua ancestralidade negra e a valorização de uma fé plural em posicionamentos que visam a enfrentar o racismo, enquanto preconceito estrutural forjado em um contexto em que a branquitude se constitui como um valor (Pinho, 2021).

Em consonância com o lugar a partir do qual olhamos o objeto, o comunicacional, a dimensão simbólica é acionada ao longo da análise para nos ajudar a refletir sobre o modo como as ações de Preta podem contribuir para a ressignificação das representações sobre grupos socialmente minorizados.

### 5.2.1 *Female gaze*: a inversão dos papéis de gênero no enfrentamento ao machismo

Se, considerando uma perspectiva relacional e pragmatista, uma figura pública é indício de quem somos como sociedade, a forma como as celebridades femininas são retratadas na/pela mídia não difere das expectativas sociais relacionadas às mulheres no nosso tempo. Nesse sentido, o fato de Preta ser uma mulher também influencia na maneira como se dá o acesso e a manutenção do seu *status* célebre, bem como no modo como ela vivencia a fama (Moraes, 2016; Rocha; Lana, 2020).

Ou seja, esse processo se constitui de maneira diferente entre homens e mulheres, vide, por exemplo, o jornalismo de celebridades. No caso da celebridade aqui analisada, a sua aparência sempre foi pautada em chamadas como: “*Preta Gil está oito quilos mais magra*”<sup>157</sup> e “*Preta Gil surge mais magra e revela receio de postar foto: “Fiquei preocupada*”<sup>158</sup>. Esse tipo de abordagem, sustentada por uma vigilância ideológica e pela concepção de um corpo feminino público, conforme refletimos no *holofote temático*, é uma prática comum no jornalismo de celebridades. Tal cenário nos possibilita inferir que também os processos de celebração são atravessados pelo gênero.

Mas como confrontar essa estrutura patriarcal que determina papéis e expectativas sociais, inscrevendo a mulher em um lugar de subalternidade? Na dimensão simbólica, o

---

<sup>157</sup> Disponível em: [https://www.purepeople.com.br/midia/preta-gil-esta-oito-quilos-mais-magra\\_m2458167](https://www.purepeople.com.br/midia/preta-gil-esta-oito-quilos-mais-magra_m2458167). Acesso em: 25 mar. 2024.

<sup>158</sup> Disponível em: <https://observatoriodosfamosos.uol.com.br/noticias/preta-gil-surge-mais-magra-e-revela-receio-de-postar-foto-fiquei-preocupada>. Acesso em: 25 mar. 2024.

acionamento de *imagens ressignificadoras* pode questionar o que está posto como norma, as representações hegemônicas. No clipe da música *Sou como sou*, Preta constrói uma estratégia de inversão dos papéis de gênero para questionar os comportamentos atribuídos às mulheres. Na produção, é a artista que define o “homem ideal”, e, conseqüentemente, os atributos e comportamentos que ele deve ostentar. Para isso, a artista produz uma linguagem verbo-visual com forte teor irônico.

*Tem que ser branco*  
*Tem que ser alto*  
*Tem que ser magro*  
*Tem que ter saldo no banco*  
 (Goes, 2012).

Pensando sob o viés de gênero, no videoclipe a cantora assume o lugar de produtora da sua própria narrativa, ela não é somente um produto, a ser contemplada e julgada pelo olhar masculino. Essa dinâmica nos parece se constituir como uma alternativa às representações hegemônicas, em que o olhar masculino, o *male gaze*<sup>159</sup> (Mulvey, 1983), é aquele que subjug a mulher para o seu deleite.

O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicionalmente exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir um impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de “para ser olhada”. (Mulvey, 1983, p. 444).

Por esse viés, os papéis que as mulheres ocupam, os corpos que ostentam e as ações que desenvolvem na trama fílmica são construções que reproduzem o patriarcado por meio do acionamento de simbolismos (Bijotti, 2022), o que reforça os estereótipos de gênero. O mais importante, porém, é termos em perspectiva que essas narrativas não somente reiteram, mas, também, atuam como forças simbólicas que fazem com que as estruturas permaneçam inalteradas.

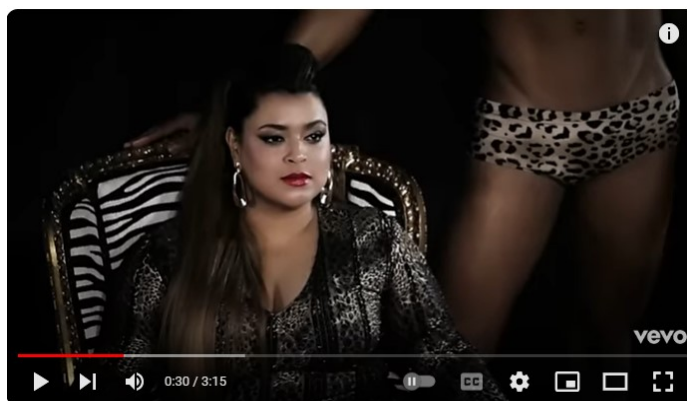
Preta faz o caminho inverso. No clipe *Sou como sou*, as imagens começam a nos revelar quem é, ou, melhor dizendo, quem são esses homens que correspondem ao descrito na letra da música. Após um plano geral, em que vemos uma figura masculina negra em pé, ao lado da artista, ele passa a ser mostrado de forma fracionada. Primeiramente, vemos partes do seu corpo, como virilha e abdômen (Figura 34) e, somente depois, o rosto do modelo é evidenciado, performando um lugar de sensualidade.

---

<sup>159</sup> Como teórica feminista e estudiosa de cinema, Laura Mulvey constrói essa reflexão a partir do cinema clássico hollywoodiano.



**Figura 34** – Frame do clipe *Sou como sou* – fragmentação



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>160</sup>.

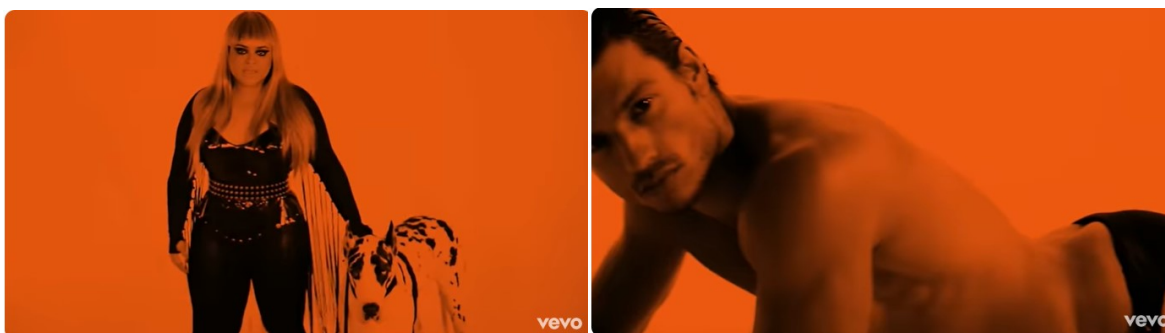
Sobre a cena, lembremos que, como concebe Hall (2016), esse processo de fragmentação, separando a parte do todo e objetificando o sujeito, é reflexo de um processo de fetichização daquele que é representado. Sabemos que, historicamente, esse lugar de sujeição sempre foi atribuído às mulheres. No clipe de Preta, é o homem que é coisificado, em contraponto com a posição de poder da artista: ele é definido a partir dela, e não o contrário, e atende aos seus desejos.

Nesse sentido, é possível fazer uma leitura localizando o clipe próximo de uma concepção do *female gaze*, em contraposição ao *male gaze*, trazendo um olhar feminino na confecção da narrativa. Preta constrói um lugar de revanche, colocando o homem no mesmo lugar subalternizante que as normas societárias inscrevem as sujeitas. É importante ponderar que leituras mais recentes da noção de *male gaze*, aqui acionada, apontam para a problemática binária, homem x mulher, que ela institui, ignorando outras formas de diferença, como a raça e a sexualidade (Dirse, 2013). Do mesmo modo, o clipe de Preta, ainda que reivindique um olhar feminino, o *female gaze*, não ultrapassa os estereótipos binários de gênero e constrói a sua narrativa com base em uma inversão direta de papéis socialmente construídos.

Na mesma trilha, em outra cena, agora com novo figurino e uma peruca loira (Figura 35), Preta continua acionando sentidos de poder. Ela aparece ao lado de um cachorro de grande porte, indicando uma ideia de autoridade, como aquela que exerce domínio e controle. Enquanto isso, os modelos que aparecem ao longo do vídeo são mostrados com pouca roupa e em poses sensuais. Uma das imagens, em que o homem aparece de bruços (abaixo), nos faz lembrar ensaios feitos com modelos mulheres e que, muitas vezes, acabam por objetificar as sujeitas.

<sup>160</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

**Figura 35** – Frames do clipe *Sou como sou* – objetificação masculina



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>161</sup>.

Ao longo do clipe, as imagens continuam sendo utilizadas na construção de um *female gaze* notadamente marcado por uma ideia de revanche. Surgem dois modelos, ambos brancos, magros, malhados, altos e jovens, e um deles está sem camisa, ostentando o seu corpo definido. Na cena seguinte, os modelos encenam uma briga (Figura 36). Mais uma vez, compreendemos que Preta utiliza a estratégia de inversão dos papéis de gênero para criticar a sociedade patriarcal.

**Figura 36** – Frame do clipe *Sou como sou* – encenação da briga



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>162</sup>.

A artista coloca dois homens disputando a sua atenção e é ela quem tem o poder de escolha. A ação se dá em um contexto em que a rivalidade feminina, estimulada, também, por meio da imposição do padrão de beleza (Berth, 2020), é um dos meios de dominação e perpetuação da opressão de gênero mais eficaz, um dos desafios dos feminismos. Apesar dessa realidade ainda subalternizante, em uma entrevista para a *Vogue Brasil*<sup>163</sup>, Preta reconhece o florescimento de uma união entre as mulheres: “*Vivemos num mundo em que o*

<sup>161</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>162</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>163</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/preta-gil-estrela-capa-digital-da-vogue-brasil-e-divide-licos-dos-20-anos-de-carreira.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

*machismo foi um projeto muito bem arquitetado e executado pelo patriarcado para que a gente nos odiasse e odiasse umas às outras. Mas hoje somos muitas e estamos unidas.*” (Lima, 2022b, n.p).

Essa estratégia de inversão dos papéis de gênero, porém, não é reconhecida por todos. Quando olhamos para os comentários referentes ao clipe *Sou como sou*<sup>164</sup>, é possível apreender, como dinâmica representativa da interação, que parte dos sujeitos entende o vídeo como uma incongruência. Por esse viés, a letra da música e o videoclipe se chocam (comentário 158 no Quadro 22), o que conforma uma linguagem desarmônica e que é vista pelas pessoas como algo contraditório.

**Quadro 22** – Inversão dos papéis de gênero – contradição

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>165</sup>
158	02/04/2015	é impressão minha ou este clipe é meio <b>contraditório</b> a letra da musica * ____ *
2	28/08/2016	Ela tá fazendo críticas aos preconceituosos! Acho que deveríamos parar de olhar para as imagens e escutar o que está sendo dito! Pra mim isso ficou bastante claro

Fonte: Elaborado pela autora.

Até mesmo as pessoas que reconhecem uma função louvável sobre a mensagem que a artista busca passar com a música, demonstram um certo incômodo a partir do tensionamento entre o que se escuta e o que se vê (comentário 2, acima). A ideia de um enfrentamento ao preconceito estaria, então, presente de forma explícita na letra da música; o mesmo não ocorre com o videoclipe. Para, então, compreendê-la, “[...] *deveríamos parar de olhar para as imagens e escutar o que está sendo dito!*”.

Com base nessa aparente desconexão, as pessoas questionam se o clipe alcança um de seus propósitos, que é ser uma crítica aos ideais de beleza. Como contestar esse padrão, que é forjado e mantido pela mídia, se os personagens são homens que, em quase todos os aspectos, correspondem ao que entendemos como belo? Reivindica-se, assim, uma maior representatividade e diversidade corporal, com “*homens mais ‘normais’*”(5) no Quadro 23.

<sup>164</sup> Data da coleta das informações: 28 de janeiro de 2024; data da postagem do clipe: 17 de agosto de 2012; número de curtidas: 9,8 mil; número de comentários: 1.814; número de visualizações: 1,032.876.

<sup>165</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

**Quadro 23** – Inversão dos papéis de gênero – crítica ao propósito

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>166</sup>
5	03/06/2014	O engraçado e que so tem homem bonito e malhado no video, <b>acho que se a intencao da musica e dizer que nao ta nem ai com o Estereótipo de beleza difundido pela midia ela deveria ter colocado homens mais "normais" no video , nao?</b>
16	09/05/2014	"Não preciso ser galã de televisão" Aí ela coloca um monte de boy magya pra sensualizar.

Fonte: Fonte: Elaborado pela autora.

Ao mesmo tempo em que as pessoas ressaltam essa incoerência, a própria fala, por vezes, dá a ver a presença da inversão dos papéis tradicionais de gênero no clipe. No comentário 16 (acima), aponta-se a possível contradição em ser contra o ideal de beleza e incluir vários modelos, “*boy magya*”, performando no vídeo. No entanto, ao afirmar que eles são colocados para sensualizar, ela acaba apontando uma troca de posições, por meio da sua representação oposta. Isso porque o lugar do *sexy*, daquele que sensualiza para atender o desejo do outro, hegemonicamente sempre foi reservado às mulheres.

Uma pessoa, autora do comentário 106 (Quadro 24), ainda aponta uma contradição entre o que Preta fala e faz. Se ela “é como é”, se aceita e se ama como tal, por que usa meios para modificar a sua imagem e voz, como maquiagem, *photoshop* e *Auto-tune*<sup>167</sup>? Aqui, as pessoas reconhecem uma contradição entre os valores que a artista defende e estão associados à sua imagem pública e aquilo que ela faz, suas ações. Tal dinâmica é lida como uma dissimulação por parte de Preta, uma hipocrisia (57.3).

**Quadro 24** – Inversão dos papéis de gênero – hipocrisia

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>168</sup>
106	02/08/2014	<b>"sou como sou" mas usa maquiagem, photoshop e auto tune, ué.</b>
57.3	27/07/2016	@nome_usuario Ninguém está falando disso aqui. Estamos falando de ela criticar a cultura ao corpo perfeito; e colocar modelos de corpos perfeitos no seu clipe. <b>Ou seja, pregar uma coisa e fazer outra. O nome disso é hipocrisia.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na dinâmica interativa, outras pessoas, porém, parecem estar mais próximas da compreensão da qual compartilhamos nesta pesquisa. Elas vêem o clipe como uma crítica ao

<sup>166</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>167</sup> Programa digital utilizado para corrigir a performance vocal.

<sup>168</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

padrão de beleza, ao machismo e a outras opressões que, para isso, utiliza a inversão dos papéis de gênero: “*Amiga isso se chama ironia. Colocou um homem que tem que ter todas as imposições da sociedade. Entendeu?*” (5.1). A própria Preta Gil, em entrevista à *Caras*, definiu o clipe como um manifesto contra os preconceitos, uma tentativa de desconstruir estereótipos diversos:

“Eu luto contra o preconceito, sou uma mulher que levanto a bandeira. Eu achei interessante por que a música aborda esse tema de uma maneira muito criativa, afirmando que a sociedade tenta impor que para ter a felicidade precisa ser branco, magro, ter o carro do ano, ser alto, tem que ser hétero, ter saldo no banco e bem dotado, mas quem disse isso? Tem muita gente aí que tem "negócio desse tamanho" e é feliz, sabe fazer direito!”. (Preta Gil..., 2012, n.p).

Chama a atenção que parte dos sujeitos que compartilham dessa visão, reconhecendo o tom irônico do clipe, se manifestam no *Youtube* por meio de uma postura elitista, assumindo um lugar de superioridade por compreender o subtexto. As pessoas, inclusive, adotam uma linguagem ofensiva, chamando as outras de burras (107.9) ou em tom de sarcasmo como em “*QUERIDA*”, “*volta por colégio e entenda mais sobre interpretação*” (107.6) e “*precisam voltar a estudar sobre figuras de linguagem*” (104), como apresentamos no Quadro 25.

**Quadro 25** – Inversão dos papéis de gênero – elitismo

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>169</sup>
107.9	26/07/2016	<b>Tem pessoas que são burras.</b> Entender críticas implícitas <b>precisa de cultura aguçada.</b> Agora, nessa música, <b>é óbvia, a mensagem.</b> Mas também, o que esperar de @nome_usuario quanto ao protesto social imposto na canção?
104	09/08/2016	Na minha interpretação a canção <b>faz ironia ao colocar as "determinações" que a pessoa deve ter para encaixar no padrão, geralmente imposto pela sociedade.</b> Tem comentários em que afirmam que ela está sendo preconceituosa, penso que <b>precisam voltar a estudar sobre figuras de linguagem.</b> Se não gostam do ritmo, ou da interpretação da cantora, tudo bem. Mas antes de ser uma canção, a música é um texto. <b>Sendo nítido a ironia.</b>
107.6	26/07/2016	<b>QUERIDA,</b> isso é uma musica para combater as coisas que a sociedade impõe, <b>acho que você não entendeu a letra,</b> antes de criticar <b>volta pro colégio e entenda mais sobre interpretação...</b> Beijos <b>querida</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

O que se constata como comum, entre as manifestações que adotam esse tom presunçoso, é que a pessoa destaca a obviedade da mensagem e se coloca como detentora do conhecimento, em um lugar de superioridade. Enquanto os outros são apenas ignorantes que não conseguem compreender o verdadeiro significado do clipe. Ou seja, estão distantes de

<sup>169</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

uma “*cultura aguçada*” (107.9), já que não têm capacidade intelectual para ir além da literalidade e apreender a estratégia de inversão dos papéis de gênero.

Em contraste a esse posicionamento, outras pessoas assumem um lugar mais didático nas interações. A pessoa autora do comentário 146 (Quadro 26) adota uma postura ponderada para ressaltar a relevância da mensagem que Preta traz no clipe, revelando o modo como o ideal de beleza é resultado de uma construção social e, por isso, deve ser questionado.

**Quadro 26** – Inversão dos papéis de gênero – abordagem didática

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>170</sup>
146	27/10/2012	Gente nessa musica Preta Gil, passou uma mensagem importantissima, de que criamos um padrão pre-estabelecido e que isso não existe, que devemos nos aceitar como somos! [...] achei o clipe incrível.. e preta é SHOW!
233	02/12/2021	Nossa esse música, lembro que ouvi muito jovem, <b>nunca tinha ouvido falar das discussões sobre representatividade , sobre padrões, não se falava nisso</b> . Mas eu sabia de tudo que ela tava falando, porque era minha vida. <b>Preta, muito a frente</b> . Hoje no meio de tanta gente tocando nesse assunto sem muita propriedade, só pra surfar na onda, falando mais do ouvindo, ensinando sem aprender, <b>parece uma música boba, redundante, mas pra época é uma música revolucionária até</b> . Tinha que ser preta... ✨ Obg Preta.

Fonte: Elaborado pela autora.

A autora do comentário 233 (acima) traz, em sua manifestação, a potência do pioneirismo de Preta, como uma mulher à frente do seu tempo. A partir de um relato pessoal, ela associa esse vanguardismo, já identificado como um valor vinculado à artista, especialmente às discussões sobre representatividade e padrões de beleza. Importante lembrar que, quando da divulgação do clipe, em 2012, essas pautas não tinham a visibilidade que têm hoje.

Nos dias atuais, a gordofobia é, muitas vezes, vista como um preconceito menor. Afinal, até mesmo no âmbito da luta dos feminismos, ainda há um longo caminho a percorrer, uma vez que é inscrita, em muitos contextos, como menos importante, uma “pauta secundária” (Rangel, 2017). Portanto, apesar de ainda haver um grande caminho a ser percorrido, e pretendemos, por meio desta pesquisa, fomentar essas discussões, a música de Preta era, há 12 anos, algo disruptivo: “*parece uma música boba, redundante, mas pra época é uma música revolucionária até*” (233).

<sup>170</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

Ao nosso ver, a inversão dos papéis de gênero, aqui identificada, ainda que forjada em uma lógica homem x mulher, como expusemos, possibilita a emergência de um olhar feminino (*female gaze*). Esse processo se dá em um contexto em que as narrativas hegemônicas são aquelas construídas por homens e que inscrevem as mulheres em um lugar de subjugação, para servir ao seu bel-prazer.

Por meio da ironia, Preta opta por um *female gaze* de revanche, fazendo uma troca direta e literal de papéis. Ela coloca homens em situações opressoras vivenciadas pelas mulheres, como a cobrança por corresponder ao padrão de beleza e a necessidade de atender às expectativas sociais, o que dá a ver a intersecção entre o gênero e o peso como eixos de opressão, quando a vigilância ao corpo da mulher faz parte de estratégias de controle, que colocam a “feminilidade” relacionada a um corpo magro, pequeno, frágil e contido. Este corpo feminino deve servir ao olhar masculino. Dessa forma, uma mulher gorda, livre e dominadora – como a representada por Preta, estaria, portanto, subvertendo esses padrões.

Além disso, destaca questões como a rivalidade feminina e a construção do papel da mulher como um produto a ser contemplado, por meio da objetificação e da fetichização. Nesse processo, a celebridade lança mão de uma estratégia que, ainda que arriscada – vide a reação de parte do público, cumpre a função de desafiar as lógicas machistas ao questionar as representações hegemônicas das mulheres. Importante ressaltar, ainda, que essa desconstrução dos papéis de gênero não é algo novo na música. Artistas transgressoras femininas, como Madonna, já acionavam essa forma de questionar o padrão comportamental atribuído às mulheres nos anos 1990. O que parece se constituir como disruptivo, no caso de Preta, é que a subversão é proposta por uma mulher gorda, negra e bissexual.

### **5.2.2 “O que é obsceno na nudez”? Ou quais corpos estão autorizados à nudez na sociedade patriarcal?**

Quais os sentidos associados à nudez feminina? Em nossa sociedade, o corpo nu da mulher é passível de um julgamento em que o que é moral ou imoral é determinado com base em um olhar machista. Por esse viés, é possível pensarmos a nudez a partir de um lugar de objetificação sexual, inscrita em uma lógica fetichista. Essa dinâmica pode ser observada, por exemplo, no clipe *Sou como sou*.

Com base na estratégia de inversão dos papéis de gênero, discutida no tópico anterior, Preta Gil, ao longo do vídeo, explora a exposição corporal dos modelos que, *seminus*, protagonizam performances em que aparecem de sunga e sem camisa. Com o clipe se

encaminhando para o final, a artista aparece no centro da tela, sob o olhar do fotógrafo Fernando Torquatto, entre seis homens nus em diferentes posições (Figura 37, abaixo).

**Figura 37** – Frame do clipe *Sou como sou* – ato final



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>171</sup>.

Os personagens compõem uma cena cuidadosamente construída e que reforça um ato disruptivo que coloca o homem padrão em um lugar de objeto “puramente decorativo”. A obscenidade da nudez, fortemente vinculada ao corpo da mulher, é, nesta cena, inscrita no corpo masculino: é ele que é fetichizado.

Sob outro prisma, a nudez também pode ser problematizada a partir da sua dimensão política, especialmente para corporalidades dissidentes. Neste tópico, queremos pensar como Preta Gil aciona a exposição corporal como uma estratégia para questionar quais corpos estão autorizados a estar nus em nossa sociedade patriarcal.

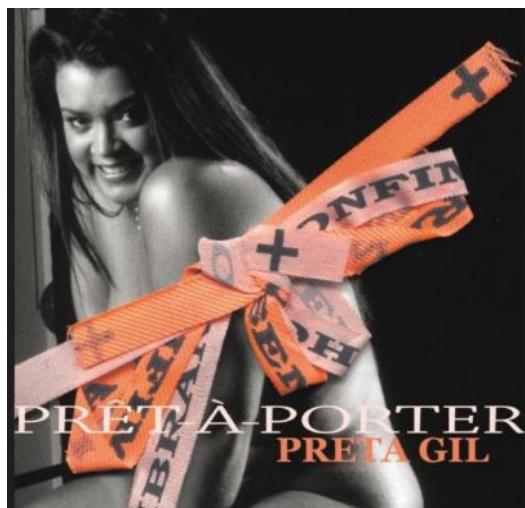
Em diferentes momentos da sua trajetória, a cantora Preta Gil, apoderando-se do seu próprio corpo, aciona a nudez. Na imagem da capa do seu álbum de estreia (Figura 38), em 2003, ela está nua, coberta apenas por fitas do Nosso Senhor do Bonfim, sentada em uma pose descontraída, sorrindo ao olhar para a câmera. Sem vergonha ou timidez, mostra o seu corpo, ao nosso ver, como uma tentativa de naturalizar a nudez, distanciando-a de algo imoral, aos olhos da sociedade, e inscrevendo-a em um lugar de liberdade.

---

<sup>171</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.



**Figura 38** – Capa do CD *Prêt-à-Porter* (2003)



Fonte: Reprodução do Instagram @pretagil no site da *Vogue Brasil*<sup>172</sup>.

Na matéria para a *Vogue Brasil*, a jornalista Daniela Falcão conta a sua reação ao ver a artista despida no CD: “Lembro que achei um pouco ‘desnecessário’ Preta ter aparecido nua na capa do disco *Prêt-à-Porter*, em 2003. Era a mesma opinião de seu pai, a quem ela chamou de careta na ocasião. Não sei se Gil acha que foi careta. Eu fui” (Falcão, 2020, n.p).

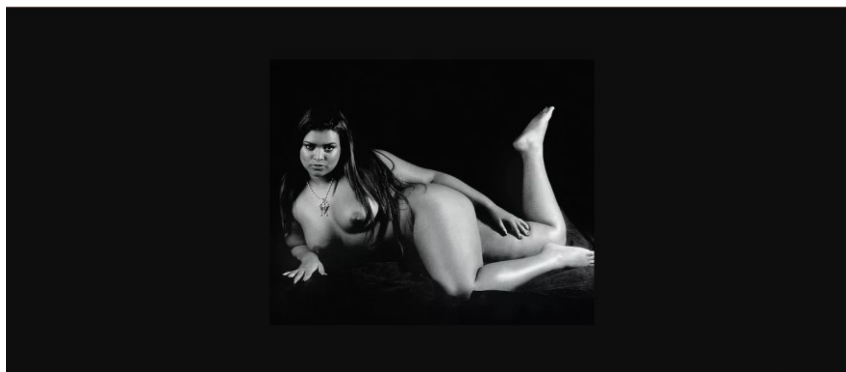
O sentimento de incômodo, relatado por Falcão, é representativo sobre o que a imagem gerou na sociedade brasileira na época da sua divulgação, há mais de 20 anos. É relevante destacar que o desconforto não atingiu somente a ala mais conservadora do país, mas, como conta a própria jornalista, foi capaz de desagradar até o pai de Preta, Gilberto Gil: um homem à frente do seu tempo, um dos grandes nomes da Tropicália<sup>173</sup> e, na época do lançamento do álbum, ministro da Cultura do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Além da capa, o encarte do CD também foi produzido com fotos em que Preta aparece nua. Em uma delas (Figura 39), em preto e branco, a celebridade aparece em um nu mais explícito, com os seus seios à mostra e em uma pose que indica sensualidade. Nesta segunda imagem, o jogo de “esconde-mostra”, presente também na capa do disco, se desloca da região dos seios para a virilha.

<sup>172</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/07/preta-gil-relembra-capa-de-album-polemica-e-iconica-me-renderam-um-batalhao-de-criticas-preconceituosas.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

<sup>173</sup> Movimento cultural brasileiro da década de 1960, marcado por um forte teor disruptivo, o que culminou com diferentes experimentações na música, seu elemento central, mas também em outras expressões artísticas, como o cinema, a literatura e o teatro.

**Figura 39** – Foto do encarte do CD *Prêt-à-Porter* (2003)



Fonte: Reprodução do *Instagram @pretagil* no site da *Vogue Brasil*<sup>174</sup>.

O que era ocultado pelas fitas do Nosso Senhor do Bonfim é revelado e, ao mostrar seus seios, a imagem de Preta ganha novos contornos. Isso porque, apesar de não ser um órgão sexual, o seio feminino é culturalmente sexualizado em nossa sociedade machista, o que explica o modo como ele é associado ao erótico e, por isso, censurado. Sibilía (2014b), em uma abordagem genealógica da nudez feminina, a partir de fotos de amamentação, observa a permanência de visões moralistas que nos parecem ultrapassadas e que inscrevem os seios femininos em um lugar de vergonha (Sibilía, 2014b).

Pela nossa leitura, essa configuração visual dá a ver o modo como a capa e o encarte do CD foram pensados de maneira estratégica. O nome do álbum faz referência à expressão francesa *prêt-à-porter*, em livre tradução, “pronto para ser usado” ou “pronto para vestir”<sup>175</sup>. Ou seja, Preta também se coloca como um produto, embalada pelo encarte e pronta para ser usada. Cria-se uma relação de expectativa, é como se a artista se revelasse ao olhar de outrem, por inteiro, somente em um segundo momento, após o “presente” ser aberto. Isso porque a foto que contém a nudez quase total (Figura 39) não é a primeira imagem que se tem dela no encarte, o que poderia ter gerado ainda mais retaliações ao disco e às imagens nele contidas.

Na matéria da *Vogue Brasil*<sup>176</sup>, assinada por Lima (2020b), a artista faz uma análise sobre o que significou a divulgação das suas fotos em seu primeiro álbum. Ela conta como o fato de aparecer nua foi algo que chocou a sociedade da época e foi tratada, pela imprensa, de uma maneira sensacionalista. Como a celebridade ressalta, as discussões se concentraram

<sup>174</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/07/preta-gil-relembra-capa-de-album-polemica-e-iconica-me-renderam-um-batalhao-de-criticas-preconceituosas.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

<sup>175</sup> Em contraposição à alta-costura, a expressão faz referência às roupas confeccionadas com base em moldes e tamanhos padronizados e que podem ser utilizadas logo após a sua produção (O que..., 2022). Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/o-que-e-pret-porter-e-qual-e-diferenca-da-alta-costura.html>. Acesso em: 17 jun. 2024.

<sup>176</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/preta-gil-estrela-capa-digital-da-vogue-brasil-e-divide-licos-dos-20-anos-de-carreira.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

apenas no fato de ela estar sem roupa, colocando, em segundo plano, a intenção artística e militante do produto. O que era natural para ela, foi visto como algo afrontoso e imoral, uma exposição desnecessária.

Ao afirmar, na mesma entrevista, que “O Brasil daquele momento não estava preparado para uma mulher preta, gorda, que se assumia bissexual e falava abertamente sobre isso” (Lima, 2020b, n.p), Preta, além de destacar as opressões interseccionais pelas quais é atravessada – gênero, raça, peso e sexualidade – demonstra o modo como a imagem pública de uma celebridade e suas ações possuem uma dimensão contextual e relacional: ela se dá em um determinado momento histórico e é construída na relação com os sujeitos. Nesse sentido, ao que parece, houve um descompasso entre a configuração societária da época e o que Preta apresentava: ousado demais para aquela conjuntura sociocultural.

Mas aquelas imagens cobraram um preço. Em 2021, em uma entrevista para o canal *GNT*<sup>177</sup>, a artista assiste a um depoimento, que deu em 2005, em que conta que fez uma lipoaspiração na vagina. Ao se ver anos depois, Preta explica que a cirurgia foi uma das consequências das críticas às imagens do seu primeiro álbum, que diziam que ela não podia estar nua, que aquilo era feio, que ela era gorda, em um sentido pejorativo. A celebridade também começou a fazer um tratamento para emagrecer, e a magreza e a voz fina, perceptíveis na entrevista antiga, eram resultado da droga anfetamina<sup>178</sup>.

Essa temporalidade também é acionada pela autora da matéria da *Vogue Brasil*, Daniela Falcão, que inscreve as reações no contexto em que a foto foi divulgada para destacar o pioneirismo de Preta Gil. Por esse raciocínio, a cantora teve uma atitude vanguardista e, mais do que isso, corajosa, ao aparecer nua em uma realidade muito diferente da que vivemos hoje, “onde qualquer mulher, independentemente do corpo que tem, pode expô-lo como quiser” (Falcão, 2020, n.p).

Mas será que enquanto escrevemos esta tese as mulheres podem mostrar o seu corpo como querem? Como as fotos de Preta seriam recebidas se divulgadas hoje? Certamente, não temos uma resposta simples para essas questões, mas é preciso ponderar que, apesar de determinados avanços, a nudez ainda tem a capacidade de chocar, inquietar e gerar uma desestabilização sobre o que está posto. Ou seja, em diálogo com o arranjo sócio-histórico-simbólico, ela pode se configurar a partir de uma dimensão acontecimental (Quéré, 2005; 2012).

---

<sup>177</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C41KCKeuddU/?igsh=Mm03djgybDkyb3hx>. Acesso em: 25 mar. 2024.

<sup>178</sup> Usada inicialmente para manter soldados despertos na Segunda Guerra Mundial. Atualmente, é também utilizada para perda de peso, o que pode gerar efeitos colaterais graves (Fujita Jr., 2021).

Como explica Sibilía (2014a), apesar de uma “trivialização” da exposição corporal total no espaço público, em que as celebridades, mas, também, as pessoas comuns tiveram um papel fundamental, “[...] a visão de corpos femininos nus continua tendo certa potencialidade para ‘escandalizar’ os espectadores contemporâneos, mesmo nesta era saturada de imagens corporais e com uma crescente permissividade nas práticas sexuais” (Sibilía, 2014a, p. 7).

As reverberações que ocorreram, a partir da divulgação das fotos de Preta despida em seu primeiro álbum, são evidências sobre como a nudez, que ainda escandaliza, pode ser utilizada como uma ferramenta política<sup>179</sup> que questiona, também, quais corpos estão autorizados a estar nus. Aqui, vem à tona um atravessamento inexorável quando falamos sobre a nudez, que entrecruza diferentes eixos de subordinação na conformação de corporalidades dissidentes (gênero, peso, raça, deficiência, idade e sexualidade).

Podemos pensar essas questões a partir de uma outra imagem, do mesmo ano de lançamento do álbum *Prêt-à Porter*, 2003, em que a artista também aparece nua na revista *Trip*. Na foto (Figura 40), ela está em uma pose relaxada, deitada em uma cama, o que indica uma ideia de naturalidade e intimidade. A sua face mostra uma mulher compenetrada, que presta atenção ao que escuta em seu fone de ouvido “retrô”.

**Figura 40** – Print do site da revista *Trip* (2003)



Fonte: Revista *Trip* (2003)<sup>180</sup>.

Visto que as leituras morais sobre a nudez se configuram de maneiras distintas a depender do corpo que se coloca conspícuo, os sentidos associados à imagem não se restringem à aclimação pensada a partir da produção de figurino, maquiagem e do próprio

<sup>179</sup> Sibilía (2014a) discute como a nudez feminina vem sendo utilizada por diferentes ativismos como ferramenta política. A autora cita as ações de celebridades ao redor do mundo, entre elas, a cantora Madonna, que expuseram o seu corpo em prol de pautas sociais. Além disso, dá destaque a movimentos que utilizam a nudez como estratégia para dar visibilidade a suas diferentes causas.

<sup>180</sup> Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/preta-gil-entrevista-paginas-negras>. Acesso em: 8 fev. 2024.

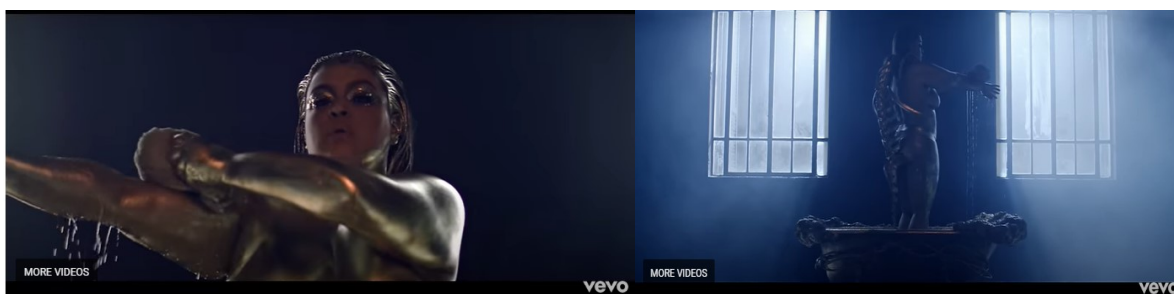
olhar do fotógrafo, em consonância com a tônica do texto. A corporalidade de Gil, como mulher, gorda, negra, bissexual, carrega, em si, estereótipos que, somados à exposição corporal, conformam a maneira como a nudez é entendida e julgada.

Apesar de ser uma pessoa célebre e, por isso, ocupar um lugar de privilégio, Preta está em um lugar desviante, a sua corporalidade é dissidente. Diante daquilo que é e representa, a artista se inscreve na dimensão das silhuetas “poluídas”, que lutam pelo direito de existir, em contraste com as “silhuetas polidas” forjadas nas normas midiáticas (Sibilia, 2014a, p. 16). Nesse ponto, é possível depreender que o choque gerado pelas imagens da artista nua, em seu primeiro disco e em outros momentos da carreira, está diretamente relacionado ao fato de que a obscenidade da nudez está na diferença: na gordura, nas rugas, nas marcas corporais e em qualquer outra característica que desafie a normatividade.

Essas reações sugerem que, talvez, o desejo contemporâneo de realismo nas imagens de corpos nus tenha seus limites, redefinindo o que hoje se entende por "obsceno". Já não seria tanto a exibição das partes íntimas do corpo feminino e nem a ousadia erótica o que perturba o olhar do espectador contemporâneo e, portanto, deveria ficar "fora da cena", mas certos critérios estéticos relativos aos contornos e às superfícies em exibição. (Sibilia, 2014a, p. 13).

As ações de Preta visam a questionar o que, de fato, é obsceno na nudez. No clipe da música *Vá se benzer*<sup>181</sup>, divulgado no ano de 2017, uma parceria da artista com sua madrinha, Gal Costa, Preta, mais uma vez, aciona a nudez. Por meio de *imagens ressignificadoras*, a celebridade ajuda a construir sentidos que remontam à mulher poderosa, sensual e que lida com naturalidade com a exposição do seu corpo. No vídeo (Figura 41), ela aparece se banhando com um líquido que remete ao ouro; a cada movimento, demonstra estar se fortalecendo ao reafirmar “*Eu, sou eu, diz ai quem é você*”.

**Figura 41** – Frames do clipe *Vá se benzer*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>182</sup>.

<sup>181</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihvcLS68be8>. Acesso em: 14 mar. 2024.

<sup>182</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihvcLS68be8>. Acesso em: 14 mar. 2024.

Como mulher, a cantora confronta o moralismo machista; enquanto uma mulher gorda, negra e bissexual, ela também questiona a leitura moral de características físicas que atribui às corporalidades dissidentes o lugar de repugnantes e não desejáveis. Por isso, não são autorizadas à nudez. Em contraste com esses valores morais, ações como a de Preta, explica Sibilía (2014a, p. 11), instauram novos regimes de visualidade ao questionar os “limites do mostrável”.

Ainda sobre a nudez, ao olhar o perfil da cantora no *Instagram*, é possível constatar que, nesse ambiente, ela privilegia uma exposição corporal mais contida, sem mostrar os mamilos, por exemplo. A artista posa para fotos de biquíni e mostra suas marcas corporais, como estrias, celulites e dobras, expondo a sua corporalidade desviante. Ela também traz produções mais artísticas acionando a seminudez, com composições de luz e sombras, fazendo um jogo entre aquilo que se mostra e se esconde, conforme evidenciamos na montagem de imagens dispostas na Figura 42, a seguir.

**Figura 42** – Exposição corporal – *Instagram*

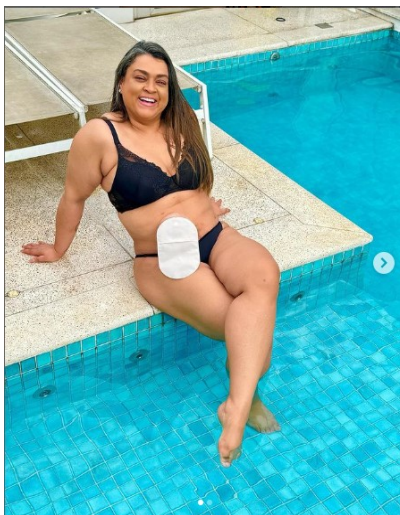


Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagens do *Instagram* @pretagil.

Esse posicionamento se dá em diálogo, também, com o espaço em que ela se expõe, já que as plataformas de comunicação digital adotam políticas de restrição para imagens. Mais do que isso, em consonância com o entendimento da dimensão obscena da nudez vinculada aos corpos dissidentes, as redes sociais digitais adotam critérios diferentes a depender de quem se expõe. A partir de uma hierarquização que autoriza ou não a exposição do corpo feminino, essas plataformas, por meio de denúncias e banimentos, fomentam um “apagamento midiático” (Arruda; Silva, 2022, p. 236) de determinadas existências.

Recentemente, em decorrência do seu tratamento contra o câncer, Preta também fez uso da exposição corporal e utilizou o seu perfil no *Instagram* para falar sobre a bolsa de ileostomia, utilizada para permitir a eliminação de dejetos intestinais, recurso do qual ela fez uso por três meses e meio. Atravessada pelo eixo da deficiência, mesmo que temporariamente, a celebridade fez uso da sua vivência no “mundo dos ostomizados” para conscientizar as pessoas, como na publicação do dia 30 de novembro de 2023 (Figura 43).

**Figura 43** – *Print do post* do dia 30 de novembro de 2023



Fonte: *Instagram @pretagil*<sup>183</sup>.

Na foto da publicação, a cantora aparece com uma bolsa de ileostomia sentada à beira da piscina com as pernas cruzadas e sorrindo, em uma posição relaxada. Na legenda do *post*, ela afirma: “*entrei em contato com muita gente que já passou ou estava passando pelo mesmo que eu, e percebi o quão estigmatizado era esse assunto, quanto preconceito, quanta desinformação existe*”. Pela nossa leitura, a imagem compõe um texto verbo-visual coeso com o texto do *post* já que a bolsa não está colocada como um fator limitante ou central na vida de

<sup>183</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C0Rlr-yrD3Y/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C0Rlr-yrD3Y/?img_index=1). Acesso em: 21 fev. 2024.

Preta. Ela está ali, é necessária, mas a cantora continua aproveitando a sua vida e não tem vergonha de mostrar o seu corpo. No texto da publicação, a artista também demarca o seu lugar de autenticidade e vulnerabilidade, associados à sua imagem pública: “*Eu sou uma mulher que nunca escondi quem eu sou, nem mesmo minhas dores*”. Nesse caso, a exposição corporal também está a serviço de uma (des)construção de estereótipos sobre pessoas com deficiência.

A vivência de Preta, durante o tratamento contra o câncer, também dá a ver um outro atravessamento, entre gênero e idade. O relacionamento da cantora com o ex-marido, Rodrigo Godoy, sempre esteve sob os holofotes da mídia. Pelo fato de ela ser uma mulher rica e mais velha que o marido, o casamento sempre foi colocado em um lugar de dúvida. Essa visão mostra como a sociedade tende a normalizar o relacionamento de homens com mulheres mais novas. No entanto, quando o contrário acontece, esse vínculo é sempre visto como uma conveniência, sustentado para que se tenha uma vantagem, como evidencia o comentário 246 no Quadro 27:

**Quadro 27 – Crítica – marido**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>184</sup>
246	06/12/2017	Por 'ironia' ela casou com um homem assim. Menos rico, pq ele deu o golpe do baú nela

Fonte: Elaborado pela autora.

No registro acima (246), a pessoa relaciona as características do homem, anunciadas no clipe da música *Sou como sou*, ao ex-marido da cantora. Por essa visão, Preta não é vista como digna de ser amada apenas por ser quem é. Para justificar o relacionamento, os sujeitos encontram diferentes explicações, como a vantagem financeira, “*ele deu o golpe do baú nela*” (246).

Ou seja, o casamento não é mantido pelo amor, mas pelo interesse. Importante ressaltar que o que se vê sobre o casamento de Preta não é um fato isolado. No contexto brasileiro, é possível citarmos, por exemplo, a apresentadora Fátima Bernardes e a cantora Ivete Sangalo que vivenciam realidades próximas de Gil por serem mais velhas que seus companheiros, Túlio Gadêlha e Daniel Cady, respectivamente. No caso das celebridades mulheres, o que se coloca como vantajoso – e motivação para a relação – é a fama e o dinheiro que elas possuem.

<sup>184</sup> Transcrição de comentário do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.



Tal dinâmica demonstra como o etarismo se constitui como um eixo de subordinação associado ao gênero. É o atravessamento dessas opressões que limita a existência das mulheres que não são mais jovens e que sofrem com os julgamentos e os estereótipos a elas atribuídos. Nesse cenário, o machismo mantém mecanismos de sujeição às mulheres, determinando o que é aceitável para um e para outro, também nos relacionamentos, o que faz parte dos papéis sociais naturalizados como “coisa de homem” ou “coisa de mulher”, como o lugar do cuidado, por exemplo, destinado ao campo do “feminino”.

O divórcio de Preta Gil também pode nos ajudar a pensar sobre isso. Como uma celebridade autêntica, ela concedeu diferentes entrevistas em que deu detalhes sobre o processo de separação, enquanto vivenciava um tratamento contra o câncer: abandonada e traída em um momento de extrema vulnerabilidade. Ela explicou que decidiu se separar ainda estando na UTI e, em entrevista ao programa da Rede Globo, *Mais Você*, apresentado por Ana Maria Braga, contou que se questionou se aquele momento, tão frágil, era a hora certa para o divórcio.

Ainda na entrevista, ela confessou que foi um processo muito doloroso, pois, além de amar o seu ex-companheiro, projetava nele uma expectativa de cuidado<sup>185</sup>. Esse amparo acabou vindo da família e dos amigos. A cantora precisou entender que, naquele momento, ela, que sempre ocupou o lugar de cuidar, precisava ser cuidada, como revelou ao *Fantástico*.

Infelizmente eu faço parte dessa estatística, sim, porque de fato o relacionamento acabou. Por mais que não estivesse bom até então, e por mais que eu tenha decidido separar... A decisão foi minha, mas já estava acabando. O casamento não superou um tratamento oncológico. Não é tão pragmático. A gente fica tentando justificar. Existem nuances em uma separação tão sofrida como foi a minha. Mas eu faço parte, sim. A gente não conseguiu passar por isso. (Deodoro, 2023, n.p).

A artista ainda inscreve o que viveu em um contexto mais amplo, ela não é a primeira mulher a ser deixada pelo marido em um processo de adoecimento. Essa dinâmica não é algo incomum porque, em uma sociedade machista, o cuidado é algo imputado ao gênero feminino (Biroli, 2018; Guimarães; Hirata, 2020). Uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Mastologia<sup>186</sup> demonstrou que 70% das mulheres em tratamento oncológico são abandonadas por seus companheiros (Pazero, 2023). Outro estudo, desenvolvido pelas universidades de

<sup>185</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/preta-gil-fala-sobre-separacao-uma-das-dores-mais-profundas-que-ja-senti-na-vida.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

<sup>186</sup> Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/preta-gil-divorcio-durante-luta-contracancer-foi-instinto-de-sobrevivencia/#:~:text=Segundo%20uma%20estat%C3%ADstica%20do%20Conselho,de%20fato%20o%20relacionamento%20acabou](https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/preta-gil-divorcio-durante-luta-contracancer-foi-instinto-de-sobrevivencia/#:~:text=Segundo%20uma%20estat%C3%ADstica%20do%20Conselho,de%20fato%20o%20relacionamento%20acabou.). Acesso em 23 jun. 2023.

Stanford e Utah, e pelo Centro de Pesquisa Seattle Cancer Care Alliance<sup>187</sup>, comprova que as mulheres têm seis vezes mais chances de serem deixadas pelos maridos após o diagnóstico de uma doença grave (Mulher..., 2023).

Com os achados deste tópico, é possível afirmar que Preta utiliza o estratagema da nudez para questionar o que está posto e, por meio de *imagens ressignificadoras*, promover uma (re)construção sobre representações hegemônicas. Ao se expor, ela naturaliza a nudez de corporalidades dissidentes, conformadas por diferentes atravessamentos, e questiona visões moralistas do patriarcado, que desautorizam a nudez para essas pessoas. Ao inserir o seu corpo no campo do que pode ser considerado belo, admirável e desejável, Preta questiona: o que é obsceno na nudez? Para além da nudez, as discussões também nos mostraram que a cantora usa a informação para desconstruir tabus relacionados à deficiência e enfrenta o etarismo com a liberdade de ser quem é e fazer o que quiser, apesar dos julgamentos.

### 5.2.3 Reverência às referências: o valor da ancestralidade negra frente ao racismo

Na matéria da *Vogue Brasil*, ao apresentar Preta Gil, a jornalista Daniela Falcão (2020) destaca o nome completo da cantora: “Preta Maria Gadelha Gil Moreira de Godoy (ufa!)<sup>188</sup>”. Pela nossa leitura, acreditamos que esse nome – extenso – também traz indícios que nos permitem refletir sobre a conformação da imagem pública da artista, especialmente quando lançamos luz sobre a haste raça da roleta interseccional (Carrera, 2021b).

Em primeiro lugar, o próprio nome da celebridade carrega, em si, sentidos sobre o seu pertencimento racial. Isso porque, não é incomum que vejamos pessoas chamadas Clara, Bianca, Chiara e, até mesmo, Branca, mas não é habitual conhecermos uma Preta. Esse foi, justamente, o argumento utilizado por Gilberto Gil, pai da artista, quando questionado por sua escolha no momento do registro no cartório. “Na minha casa, Preta se tornou nome próprio. Quando fui fazer o registro da Preta Gil. Eu falei para a moça registrar Preta. Ela perguntou: 'Preta?' Eu disse: 'Sim. Se for Branca, Bianca, Clara, pode? Acho que a senhora já registrou muitas'. Aí ela colocou”. (Gilberto Gil..., 2021, n.p). Com o objetivo de resolver o impasse, o segundo nome “Maria”, de origem católica e muito comum no Brasil, foi incluído<sup>189</sup>. O que queremos pontuar como particular, a partir desse evento, é que, no caso de Preta, o nome se

<sup>187</sup>Disponível em:

<https://www.ibahia.com/saude/mulher-tem-6-vezes-mais-chance-de-ser-abandonada-apos-doenca-grave-291265>. Acesso em 27 jun. 2023.

<sup>188</sup> À época da entrevista, em 2020, a cantora ainda era casada com o *personal trainer* Rodrigo Godoy. Conforme já apontamos, o relacionamento terminou em 2023, após oito anos de matrimônio.

<sup>189</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8213349/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

configura, também, como um ato de afirmação da sua ancestralidade. A partir dessa ação, Gilberto Gil inscreve a identidade racial negra como motivo de orgulho, a ser carregada com honra pela sua filha que acabara de nascer, exaltando, assim, as suas origens. Em uma entrevista ao programa *Altas Horas*, da Rede Globo, a própria Preta reconhece o papel que o prenome tem em sua trajetória.

*E eu amo meu nome. E esse vídeo que você mostrou aqui no começo é o vídeo que abre a minha peça contando justamente essa história do registro do nome que pautou muito a minha vida. Assim, né? Essa história do por que que pode ter Clara, por que pode ter Branca, por que pode ter Bianca, mas não pode ter Preta. E ele já, já, de cara já estabeleceu. É isso. Ela é preta e não tem quem tire. E aí eu fui construindo muito da minha personalidade em cima do meu nome. E a gente tem que ser respeitado justamente pela nossa diferença, né? A gente tem algumas coisas em comum, mas eu acho que o grande barato da vida é a gente ser diferente um do outro. E eu já entendi isso desde cara. Desde pequena que eu era diferente e que isso era muito legal<sup>190</sup>. (Altas Horas, 2020).*

Mas o que significa ser Preta? Ao longo da sua carreira, a cantora sofreu com diversos ataques racistas, como o episódio ocorrido na plataforma de comunicação digital *Facebook*, em 2016. “Contei para a delegada como eu fiquei ciente dos ataques ontem (25) à noite, quando entrei na página do meu Facebook e vi uma série de ofensas a minha pessoa, com xingamentos e ataques racistas me chamando de macaca e falando que eu tinha que voltar para a senzala” (Rodrigues, 2016, n.p)<sup>191</sup>.

Nesse aspecto, Carneiro e Simões (2021) evocam outro acontecimento relevante. Em 2011, no extinto programa da *Band*, *Custe o Que Custar* (CQC), a artista direcionou uma pergunta a Jair Bolsonaro, então deputado federal, eleito pelo Rio de Janeiro: “*Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?*”. O político respondeu com racismo: “*Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu*”. A cantora acionou a justiça, e Bolsonaro foi condenado a pagar 150 mil reais por danos morais ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos (FDDD), do Ministério da Justiça<sup>192</sup>.

Se a trajetória de Preta é marcada por casos de racismo, também é caracterizada pela luta contra o preconceito e pela igualdade racial, em diferentes frentes, acionando estratégias diversas.

<sup>190</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8213349/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>191</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/preta-gil-chega-em-delegacia-para-depor-apos-ataques-racistas.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

<sup>192</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-preta-gil-e-falas-ao-cqc/>. Acesso em: 21 mar. 2024.

Recentemente, em 2019, lançou o seu primeiro monólogo autobiográfico e musical, “Mais Preta Que Nunca”, anunciado por meio da seguinte mensagem: “[...] mais conectada à minha ancestralidade, mais consciente de quem sou, em paz com meu passado e pronta para novos desafios!!!”. Em seu perfil no Instagram, denuncia casos de racismo e assassinato, engaja-se em campanhas em defesa dos direitos dos negros, convoca os seguidores para a luta antirracista, homenageia artistas negros, rememora datas importantes para a militância e enaltece o talento e a beleza negra. (Carneiro; Simões, 2021, p. 47-48).

Preta também abre espaço para outras mulheres negras, construindo, a partir das suas ações, uma ideia de irmandade e, assim, fomentando processos de empoderamento que incidem sobre uma coletividade (Berth, 2020). Ao “levantar” essas mulheres, ela está, em alguma medida, abrindo frestas na estrutura social, a partir da compreensão do seu lugar de privilégio, do papel que exerce na sociedade e do impacto das suas ações, algo que é destacado na matéria para a *Vogue Brasil*.

Ela abre seu palco e seu trio para amigos e para quase desconhecidos, como aconteceu no Carnaval de 2019 com a cantora Lexa. Preta fazia sua estreia puxando trio na folia paulistana, um momento muito esperado, quando soube que Lexa havia sofrido o golpe de um produtor e perdera seu próprio carro de som. Mesmo sem conhecer a newcomer direito, cedeu espaço e deixou a garota brilhar. “Gosto de ser ponte. Acho que é meu papel dar voz e espaço aos outros também, sou meio RP de alma. E sempre entendi meu lugar de privilégio. Não teria como fazer diferente.”. (Falcão, 2020, n.p).

Como recomenda Carrera (2021a), ao adotarmos uma abordagem interseccional, é preciso estarmos atentos, também, às dinâmicas que instituem lugares de privilégio em um contexto de preconceitos estruturais e institucionalizados. Assim, Preta Gil, mesmo sendo negra, ocupa um lugar de privilégio social devido ao seu *status* célebre, por ser filha de Gilberto Gil, mas, também, por ter nascido em uma família rica, o que evidencia o recorte de classe. Assim, a artista tem uma salvaguarda dentro do grupo “mulheres negras”, mas não deixa de sofrer racismo, ela apenas possui mais “ferramentas” disponíveis para combater esta e outras opressões.

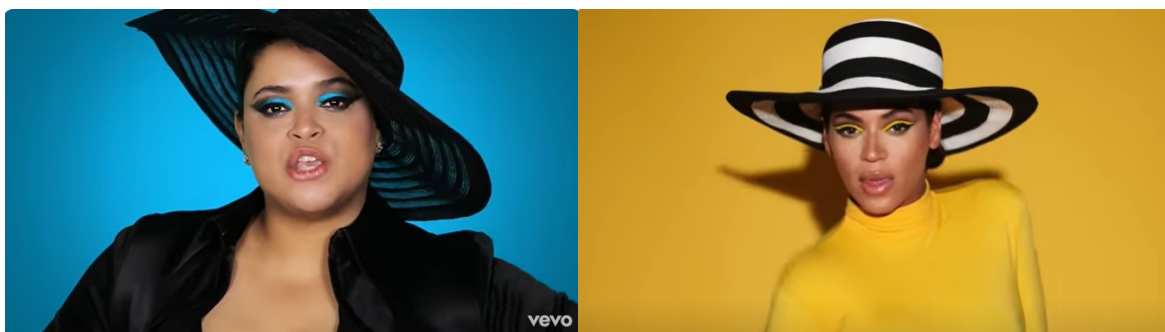
Na trilha dessas ações potencialmente empoderadoras, a artista também faz um movimento de reconhecer e honrar, por meio da sua arte, aquelas que vieram antes dela para exaltar suas raízes africanas. Ao falar sobre o papel da música no seu processo de cura contra o câncer, em entrevista concedida à jornalista Maju, no *Fantástico*, ela diz que está em um processo de revisitar as suas referências e pensar sobre o que deseja cantar daqui para frente, o que tem sido importante.

Após hesitar, revela que compôs uma música para gravar com a cantora Alcione, também mulher negra. “*Preto e marrom, preto e marrom, o amor é o nosso tom. Preto e marrom, preto e marrom, o amor é o nosso tom*” (Fantástico, 2023). Aqui, Preta faz

reverência a uma mulher que abriu muitos caminhos para que fosse possível avançar nas discussões sobre a representatividade negra. Entre o preto e o marrom, Preta e Alcione se encontram enquanto mulheres, cantoras, negras: o encontro de gerações.

Essa não é a primeira vez que Preta enaltece referências femininas negras da música. No clipe *Sou como sou*, de 2012, a alusão à cantora estadunidense Beyoncé fica evidente (Figura 44). Preta aparece com um chapéu e uma maquiagem colorida nos olhos, e as cores da maquiagem e do fundo da tela se alternam de forma síncrona. A mesma dinâmica imagética é observada no clipe da música *Countdown*, de Beyoncé, que, por outro lado, ao trazer a voz narrativa de uma pessoa apaixonada, não possui aproximações com a mensagem trazida na música de Preta.

**Figura 44** – Clipes *Sou como sou* e *Countdown*



Fonte: Capturas de tela de vídeos disponíveis no perfil de Preta Gil e Beyoncé no *Youtube*<sup>193</sup>.

Gil faz referência a uma cantora negra, mundialmente famosa e reconhecida, símbolo da luta antirracista e do empoderamento feminino. Ao mesmo tempo, também consegue, em alguma medida, dar visibilidade à sua produção artística a partir dessa correlação. A estratégia não passou despercebida pelos públicos, como é possível observar nos comentários no Quadro 28, abaixo, presentes no *Youtube*:

<sup>193</sup> Clipe de Preta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.  
Clipe de Beyoncé disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2XY3AvVgDns>. Acesso em: 9 fev. 2024.

Quadro 28 – Referência – Beyoncé

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>194</sup>
177	12/09/2014	Fora a idéia de <b>copiar</b> o clipe da Beyoncé na parte de chapéu e sombra colorida, a letra até que é boa.
106	14/11/2013	Esse clipe foi inspirado no clipe de Beyoncé - Countdown a letra da musica é boa, <b>mas como sempre Brasil copiando as coisas dos EUA.</b>
142	23/08/2012	Isso que é <b>inspiração</b> na Beyoncé eimm mulheer!!, 'Countdown'!

Fonte: Elaborado pela autora.

As pessoas notam semelhanças entre os clipes de Preta e Beyoncé. O primeiro comentário (177) vê a produção da artista como um plágio, algo antiético e que denota falta de capacidade criativa própria. Nessa mesma linha, o autor do comentário 106 até entende a referência como uma inspiração, mas, logo em seguida, faz uma crítica. Ele inscreve o ocorrido em um cenário mais amplo: por esse viés, copiar ideias dos Estados Unidos não é algo novo quando falamos de Brasil.

Em contrapartida, no comentário 142, a pessoa parece definir o feito como resultado de uma inspiração, o que pode ser lido, também, como uma homenagem. A própria Preta reconhece a referência à Beyoncé e afirma que não foi algo planejado. De acordo com ela, a partir da ideia do fotógrafo e diretor Fernando Torquatto, ela falou “Gente, isso é super Beyoncé” e pediu um chapéu para fazer a performance. “É óbvio que me inspirei nela totalmente. Todo mundo sabe que ela é minha diva. E qual o problema? A própria Beyoncé sempre é acusada de ter copiado alguém. Aí ela mostra o que usou de referência e explica que foi uma inspiração” (Zeca, 2012, n.p)<sup>195</sup>.

Ainda na trilha do entendimento de Preta como uma pessoa sem talento próprio, em comentários como o 130 (Quadro 29, abaixo), o posicionamento político de Preta, abertamente de esquerda, é utilizado para criticar o seu trabalho<sup>196</sup>. A artista é chamada de “comunista caviar”, e a pessoa tenta descredibilizá-la ao dizer que ela defende a igualdade racial, mas, em seus clipes, só aparecem pessoas brancas e ela usa o cabelo pintado de loiro e liso.

<sup>194</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>195</sup> Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/preta-gil-assume-ter-copiado-beyonce-em-novo-clipe/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

<sup>196</sup> Sobre essa posição, além da vinculação familiar da artista, sendo o pai ex-ministro da Cultura do governo Lula, é possível citarmos, por exemplo, as suas ações durante a pandemia pela Covid-19, em que ela criticou a demora no fornecimento das vacinas e as *fake news* negacionistas. Além disso, nas últimas eleições presidenciais no Brasil, em 2022, ela também se manifestou abertamente a favor do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) em seu perfil no Instagram: “Sem medo de ser feliz !!!!! #lula13 ❤️”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CkWHCKRLP1S/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

**Quadro 29** – Deslegitimação – racismo

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>197</sup>
130	16/03/2016	Preta gil = comunista caviar do país. Quer dar uma de quem quer igualdade e valorização racial mas nos cliques só se vê branco e ela com o cabelo pintado de loiro e alisado. kk

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de questionamento é muitas vezes direcionado às pessoas negras como se elas estivessem negando a sua ancestralidade ao fazer cirurgias plásticas no nariz, pintar ou alisar o cabelo. A cantora Ludmilla, por exemplo, é alvo constante de críticas por ter feito uma rinoplastia e utilizar perucas, conhecidas como laces. A própria artista já revelou que recorreu à intervenção cirúrgica após ofensas racistas que recebeu<sup>198</sup> (Comecei..., 2021).

As ações de Preta são vistas por alguns usuários, nesse contexto, como um oportunismo. Por esse viés, ela promoveria um esvaziamento de pauta, se “aproveitando” do racismo, para se autopromover e ganhar visibilidade. O clipe *Sou como sou* seria um dos exemplos dessa apropriação indevida, como mostra o comentário 4.6 no Quadro 30:

**Quadro 30** – *Celebridade-resistência* – oportunismo

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>199</sup>
4.6	03/06/2014	@nome_usuario concordo plenamente, nada contra ela, <b>mas acho que ela se aproveita de qualquer situacao e aproveita dessa de racismo</b> e etc ...

Fonte: Elaborado pela autora.

Em outros registros, como o 62.2 (Quadro 31), algumas pessoas buscam desassociar as críticas que a cantora recebe de um contexto racista. Por esse entendimento, as mensagens negativas consideram critérios estritamente técnicos, não sendo uma questão a ser considerada o fato de ela ser uma mulher negra. Aqui, o eixo raça é completamente apagado como opressão. Esta também é uma estratégia que permite que o racismo continue operando, já que, ao negá-lo, não há um problema a ser combatido. Tudo está bem, mas para quem?

<sup>197</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>198</sup> Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/10/comecei-fazer-cirurgia-plastica-para-ser-aceita-diz-ludmilla-sobre-racismo.html>. Acesso em: 1 mar. 2024.

<sup>199</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

**Quadro 31 – Deslegitimação – racismo**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>200</sup>
62.2	21/01/2015	Veja quantos negros talentosos fazem sucesso dentro e fora do Brasil . Ser negro ou branco não significa nada somos todos iguais . Apenas existem pessoas com talento e outras sem .

Fonte: Elaborado pela autora.

No registro 62.2 (acima), a pessoa defende o entendimento de que “*somos todos iguais*”, ignorando completamente o caráter estrutural e institucional do racismo. Ela busca demonstrar que a sua crítica considera tão somente a (in)competência de Preta, ou seja, trata-se, apenas, da análise da ausência ou não de talento. Nota-se, aqui, o acionamento de uma ideia de meritocracia: se há tantos negros que fazem sucesso no Brasil e no exterior, o fato de Preta ser tão rechaçada é somente reflexo da sua falta de aptidão para a carreira artística.

Em antítese, comentários como os 107.4 e 62.1 (Quadro 32, abaixo), cumprem a função de ir contra essa estratégia de deslegitimação que coloca o racismo e outras opressões como vitimismo, ou o vinculam ao termo “mimimi”.

**Quadro 32 – Legitimação – racismo**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>201</sup>
107.4	26/07/2016	Ah sim! Claro! Então opreconceito e racismo não existe! o mundo fica inventando EXEMPLOS pra discutir a toa!
62.1	21/01/2015	@nome_usuario sim, o problema esta no peso e na cor dela, afinal estamos no brasil.

Fonte: Elaborado pela autora.

No registro 107.4 (acima), a pessoa faz uso da ironia para argumentar que o preconceito faz parte do cotidiano, são exemplos diários que nos mostram que o racismo é uma realidade. Já a pessoa autora do comentário 62.1 descortina o modo como as críticas feitas à Gil, sobre o talento da cantora, na prática também dizem de uma sociedade racista e gordofóbica.

O comentário 234 (Quadro 33, abaixo) também demonstra como Preta Gil é atravessada por diferentes opressões concomitantemente, sofrendo, ao mesmo tempo, ataques racistas e gordofóbicos. Ela atenta para o fato de esse tipo de postura ser algo inaceitável no

<sup>200</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>201</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.



período histórico em que estamos vivendo e, por isso, desumano (destaque para as “pessoas” entre aspas).

**Quadro 33** – Defesa – gordofobia e racismo

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>202</sup>
234	28/10/2016	Que ridículo as "pessoas" chamando ela de gorda, algumas até mesmo sendo racistas. Acorda gente estamos no séc 21.

Fonte: Elaborado pela autora.

Preta também reverencia a sua família, outra grande referência: ela aparece como um valor fundamental<sup>203</sup>. O sobrenome Gil demarca a sua ancestralidade e traz implicações ao seu status célebre. Ela é filha do cantor Gilberto Gil e mãe de Francisco Gil. O seu filho faz parte de um trio musical de MPB, os *Gilsons*, formado por ele, José Gil e João Gil, respectivamente, filho e neto de Gilberto Gil. Ainda que em um outro campo de atuação, outra familiar da celebridade também é uma figura reconhecida, a nutricionista e apresentadora Bela Gil, defensora da cozinha natural. Considerando esse histórico familiar, podemos depreender, em uma primeira leitura, que Preta Gil é uma celebridade *conferida* (Rojek, 2008)<sup>204</sup>. Por esse viés, seu status célebre relaciona-se com os laços familiares, a sua linhagem. No entanto, é importante ressaltar que ter nascido na família Gil é uma importante variável, mas não a única. Assim, associar a artista a uma celebridade conferida é uma forma de refletir sobre a história de origem e o modo como ela se alçou ao status da fama, mas não limita a complexidade sobre quem é, afinal, Preta Gil.

Ela também tem talento para a arte, sua principal atividade é a música, mas também já trabalhou, em diferentes momentos da carreira, como apresentadora. Suas ações, assim, são dignas de reconhecimento, tal qual uma celebridade adquirida (Rojek, 2008). Sua trajetória também foi construída na e pela mídia, tradicional e digital, o que demonstra como ela também ostenta características associadas a uma celebridade *atribuída*. Ou seja, a constituição de Preta, enquanto pessoa famosa, é resultado da mistura das três tipologias enunciadas por

<sup>202</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>203</sup> Importante pontuar que, além da importância dos laços sanguíneos, Preta concebe, também, a ideia de uma família estendida, materializada pela presença e pelo amor que recebe dos amigos e dos fãs. A matéria do *Fantástico* mostra manifestações de amigos da artista, como os cantores Ivete Sangalo, Tiago Abravanel e Ludmilla, declarando o seu amor e desejando uma plena recuperação no tratamento contra o câncer.

<sup>204</sup> Os outros dois tipos propostos por Rojek (2008) são a celebridade *adquirida* e a celebridade *atribuída*. No primeiro caso, a pessoa célebre alcançou esse status por meio de feitos reconhecíveis, ostentando talentos ou habilidades, como os esportistas, por exemplo. A celebridade *atribuída*, por sua vez, está muito ligada à visibilidade midiática que detém sem, necessariamente, estar vinculada a grandes façanhas ou conquistas, como é o caso de alguns influenciadores digitais.

Rojek (2008). Isso demonstra como a imagem pública é multifacetada e abarca, em si mesma, diversos sentidos sobre uma figura pública (Lima; Simões, 2017).

Apesar desse arranjo amalgamado, quando falamos sobre Preta, é preciso questionar: o que significa ser uma Gil no Brasil? Ao nosso ver, pertencer a essa família influenciou, e ainda interfere, nos acessos, visibilidade e parcerias que a artista construiu ao longo da carreira. Ou seja, em muitos aspectos, foi algo benéfico a ela. Por outro lado, pertencer à família Gil sempre trouxe, também, uma grande exposição, pois, desde o seu nascimento, Preta teve acontecimentos da sua vida amplamente noticiados.

É possível citar, por exemplo, a cobertura ao vivo que o *Programa do Gugu*, da *Record*, fez do seu casamento com Rodrigo Godoy, em 2015. Durante a entrevista para o *Fantástico*, a jornalista Maju chama a atenção para essa constante exibição midiática: “*Você já nasceu debaixo dos holofotes, né? O nascimento foi noticiado. O casamento foi noticiado. E agora a notícia da doença sendo noticiada. Eu conversando com você*” (Fantástico, 2023).

Em resposta, a artista alega lidar com essa exposição de forma genuína: “*Sinto uma naturalidade nisso. Eu não preciso me esconder. Tudo que acontecer comigo externamente, as pessoas vão ver. Mesmo que doa. Muitas vezes dói. Mas é o caminho [...]*”. Essa fala traz à tona uma das faces da imagem pública de Preta: ela é uma pessoa em quem a autenticidade se constitui de maneira indissociável com a vulnerabilidade, mesmo diante da exposição e dos julgamentos.

Além da falta de privacidade e das críticas, ao longo da carreira, a artista foi, muitas vezes, questionada sobre como é ser filha de Gilberto Gil<sup>205</sup> e, em diferentes momentos, cobrada por ser filha de quem é. Quando olhamos para os comentários presentes no *Youtube*, essa referência à ascendência se faz presente para deslegitimar o talento de Preta.

No comentário 40 (Quadro 34, abaixo), a pessoa utiliza palavras duras para defender o argumento de que a celebridade não tem vocação para o canto e só é reconhecida por ser filha de quem é. “*Talento definitivamente não é hereditário*”. Por esse olhar, ela não possui nenhum atributo que justifique o lugar que ocupa na cena pública: “*vai procurar outra coisa pra fazer que você não canta nada, não tem presença e não encanta*”. Ou seja, se não fosse a sua linhagem, Preta estaria em um lugar de anonimato e insignificância.

---

<sup>205</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6923530/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Quadro 34 – Crítica – hereditariedade

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>206</sup>
40	24/02/2015	É Preta... Você é a prova viva de que <b>talento definitivamente não é hereditário, se não fosse filha de quem é você seria apenas mais uma...</b> Chovem em concursos de calouros pessoas infinitamente melhores do que você... <b>Mas o destino quis que você nascesse no berço em que nasceu que infelicidade, vai procurar outra coisa pra fazer que você não canta nada,</b> não tem presença e não encanta, tenho vontade de vomitar quando te vejo como jurado em shows de talentos... sua função lá é avaliar qualificações que você não tem acho isso meio controverso... Mas... fazer o que né kkkk
53.1	13/05/2015	@nome_usuario APOIADA,IMAGINA SE ELA PASSAVE PELO CALOURO ANTIGO DO SILVIO SANTOS ..RSRSR..ARACY DE ALMEIDA ARRASAVA COM ELA RRSRSR

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas pessoas não reconhecem que Preta ostenta um valor em si mesma e utilizam o exemplo do show de calouros para fundamentar o argumento de que ela é uma mulher sem vocação artística. Uma vez que esse tipo de programa preza pelo dom e pela técnica, adotando, nesse sentido, critérios imparciais, uma participação da cantora seria um fracasso (53.1). Por esse viés, a artista deve todo o seu sucesso à sua ascendência familiar. Possivelmente em uma intenção de questionar esse tipo de visão, a própria Preta já fez um movimento de tentar se distanciar dos laços familiares para demarcar a sua singularidade e capacidade próprias, para além do que o berço dos Gil representa, algo que foi ressignificado com o passar do tempo.

No início de sua carreira, nos anos 2000, ela buscava agarrar o mundo pelas mãos e não perder nenhuma oportunidade de mostrar seu talento e afastar de uma vez as críticas de que o sucesso era fruto de credenciais familiares. Corta para 2022, e o que vemos é uma artista longeva, empresária bem-sucedida e mulher centrada, dona de opiniões fortes sobre si e sobre questões urgentes no mundo. Uma Preta mais calma e... mais família. (Lima, 2022b, n.p).

Esse movimento de reconciliação e valorização da sua origem familiar é algo reconhecível quando analisamos os posicionamentos de Preta ao longo da sua trajetória. Para Preta, a família é o lugar de refúgio, conforto, segurança e força. Em diferentes momentos, ela faz questão de reforçar a sua importância, o que ela representa e o papel fundamental que tem em sua vida<sup>207</sup>.

<sup>206</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Sou como sou*.

<sup>207</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/Famosos/noticia/preta-gil-fala-sobre-familia-e-se-declara-ao-pai-gilberto-gil-a-sabedoria-dele-nao-tem-preco.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2024.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6923530/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/preta-gil-fala-sobre-turne-com-a-familia-e-expectativa-para-o-viajando-com-os-gil/>. Acesso em 27 mar. 2024.

Na entrevista ao *Fantástico*, Maju lembra que os sintomas do câncer apareceram quando a artista fazia a turnê *Nós e a gente*, em 2022, em celebração aos 80 anos do seu pai. A cantora explica como foi o processo: “*A família toda reunida, do patriarca à bisneta. Então, o meu pai e a minha neta, todo mundo junto. Aquilo também tem uma força emocional muito grande. Inclusive, passei mal em dois shows. Não consegui fazer um show em Berlim, um show na Inglaterra*”. As imagens da família, que ilustram a reportagem do *Fantástico*, estão em consonância com essa construção e remontam a sentidos como união, afeto e amor pela música.

Mas sobre qual família estamos falando? A sua configuração não se encaixa nos moldes da família tradicional brasileira, forjada, em grande medida, em ideais conservadores. A celebridade aqui analisada foi, nesse sentido, criada em um ambiente mais acolhedor, livre e diverso.

Nasceu em berço “esplêndido”: filha de Gil, sobrinha de Caetano<sup>208</sup>, afilhada de Gal Costa e foi criança atenta a tudo aquilo que estava à sua volta. Cresceu em meio a muitas cores, sabores e estímulos daquilo que poderíamos chamar de “geleia geral” da cultura musical das últimas três décadas. (Preta Gil, 2024)<sup>209</sup>.

Preta, que se declara bissexual, foi casada quatro vezes e, como o jornalismo de celebridades sensacionalista gosta de anunciar, tem uma “lista extensa de ex-namorados famosos”<sup>210</sup>. Sua irmã, Bela Gil, viveu um relacionamento aberto com seu ex-marido, João Paulo Demasi<sup>211</sup>. Gilberto Gil é pai de oito filhos e se casou três vezes<sup>212</sup>, estando, até os dias atuais, com Flora Giordano. Recentemente, a neta de Gilberto Gil, Flor Gil Demasi, se declarou lésbica<sup>213</sup>. Esses exemplos demonstram que a família Gil ocupa um lugar de referência quando falamos sobre amor de família, mas, também, sobre respeito e diversidade.

---

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DrXIMm2rbw4>. Acesso em: 27 mar. 2024.

<sup>208</sup> Preta Gil é apresentada como “sobrinha” de Caetano, pois o cantor foi casado com Dedé Gadelha, irmã de Sandra Gadelha, mãe de Preta.

<sup>209</sup> Disponível em: <http://pretagil.com.br/biografia/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

<sup>210</sup> Disponível em: <https://istoe.com.br/preta-gil-ja-foi-casada-quatro-vezes-e-tem-lista-extensa-de-ex-namorados-famosos-veja->

[quem/#:~:text=A1%C3%A9m%20de%20Rodrigo%20Godoy%2C%20Preta,extensa%20de%20ex%2Dnamorado%20famosos](https://istoe.com.br/preta-gil-ja-foi-casada-quatro-vezes-e-tem-lista-extensa-de-ex-namorados-famosos-veja-quem/#:~:text=A1%C3%A9m%20de%20Rodrigo%20Godoy%2C%20Preta,extensa%20de%20ex%2Dnamorado%20famosos). Acesso em: 2 abr. 2024.

<sup>211</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/bela-gil-revela-motivo-do-fim-do-casamento-de-19-anos-nprec/#:~:text=Bela%20Gil%20e%20Jo%20Paulo,com%20o%20combinado%20entre%20eles>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>212</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/gilberto-gil-chega-aos-80-anos-com-toda-familia-reunida-na-europa-saiba-quem-e-quem-no-cla-de-artistas.ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>213</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=flor+gil+demasi+se+declara+l%C3%A9sbica&oq=flor+gil+demasi+se+declara+l%C3%A9sbica&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDY5NTBqMG00qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=flor+gil+demasi+se+declara+l%C3%A9sbica&oq=flor+gil+demasi+se+declara+l%C3%A9sbica&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDY5NTBqMG00qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 22 mar. 2023.

Na música *Sou como sou*, Preta também dá a ver o atravessamento da sexualidade em sua constituição como figura pública: ela é uma mulher, preta, gorda e bissexual. Ao afirmar, nesta canção, que *Tem que ser hétero*, a cantora questiona a heteronormatividade<sup>214</sup> como um valor social hegemônico no contexto de uma sociedade cisheteronormativa. As parcerias musicais da artista também dizem desse lugar, com músicas com cantores LGBTQIAPN+, como Pablo Vittar, Glória Groove e Tiago Pantaleão. Nesse ponto, é preciso destacar que, ainda que atravessada pela sexualidade, Preta ocupa um lugar de privilégio quando falamos sobre identidade de gênero, isso porque ela é uma pessoa cis, que se identifica com o gênero que foi designada em seu nascimento.

Mas por que afirmar *Tem que ser hétero* se fazia pertinente quando da divulgação do clipe da artista, em 2012, e até hoje a heteronormatividade se constitui como a sexualidade de referência e, em muitas esferas, ainda, a única possível e socialmente aceita? Mendonça (2018) responde a essa questão nos lembrando que, por mais que algumas pautas LGBTQIAPN+ tenham avançado na esfera jurídica-institucional, os papéis sociais ainda continuam a ser determinados por normas antigas que fomentam a existência e a prática de determinados valores e costumes.

O clã Gil também diz de uma importante representatividade preta. São pessoas negras ocupando a cena pública e sendo reconhecidas, no Brasil e no mundo, pelo seu talento e ativismo, entre outras virtudes. A relevância da família é tão grande que eles têm o seu próprio *reality*. O programa *Em casa com os Gil* mostra a preparação para a turnê *Nós e a gente*. A família ficou recolhida em Araras, no Rio de Janeiro, por um mês, para definir as canções e iniciar os ensaios da série de shows em comemoração aos 80 anos de Gilberto Gil. Preta comentou sobre a importância da série como uma representatividade negra positiva.

Acho que a gente passa uma verdade do que é sermos pessoas negras, mestiças, as questões do que cada um de sua geração passou em relação a alguns preconceitos, em relação a algumas opressões, uns diferentes, então a gente tem a diversidade dentro da nossa família também, somos múltiplos, né? Muita gente pode se identificar, sim, com a nossa história, com a nossa verdade. (Carlos, 2022, n.p).

O *reality* foi definido como algo que enaltece a família e a arte e, diferentemente de muitas produções desse tipo, evoca valores como tolerância e diversidade (Carlos, 2022,

---

<sup>214</sup> “De uma maneira geral, a heteronormatividade pode ser definida como a concepção ou ponto de vista que toma as condutas heterossexuais como as únicas responsáveis pela conformação da vida social e como a expressão natural e normal da sexualidade. Ou seja, são normais as interações sociais, afetivas e sexuais que estão em conformidade com as condutas heterossexuais. A heterossexualidade estabelece os limites, os horizontes da normalidade, cria normas e define o que é normal. Porém, não estamos diante de algo estático, que fixa normas imutáveis. As operações da heteronormatividade são operações do poder, regularmente atualizadas, que dão ou negam acesso aos governos de si e do outro” (Mendonça, 2018, p. 16).

n.p)<sup>215</sup>. Ou seja, a existência da família Gil vai de encontro às representações hegemônicas que temos das famílias negras, que, apesar de alguns avanços, ainda são, notadamente, vinculadas a sentidos negativos, como pobreza e violência. No entanto, essa representatividade não se configura de maneira descolada de estratégias comerciais e de *marketing*, como o próprio *reality*.

Pela nossa leitura, a família Gil, majoritariamente negra, aciona sentidos sobre beleza e ancestralidade, o que contribui para a valorização da estética negra. Nesse ponto, é possível localizar um atravessamento entre as avenidas de opressão da raça e do peso, com ênfase na *pressão estética*<sup>216</sup>. Como discutimos, a branquitude é um dos valores que sustenta o padrão de beleza contemporâneo. Considerando o lugar de visibilidade que detém e, em consonância com aquilo que representa, a família Gil possibilita que essa associação direta da beleza à branquitude seja questionada. A Figura 45, abaixo, faz parte da divulgação da turnê internacional, em família, *Nós e a gente*.

**Figura 45 – Família Gil**



Fonte: Medias Itatiaia<sup>217</sup>.

<sup>215</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/22/interna\\_cultura,1374943/em-casa-com-os-gil-e-reality-sem-barraco-que-exalta-a-familia-e-a-arte.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/22/interna_cultura,1374943/em-casa-com-os-gil-e-reality-sem-barraco-que-exalta-a-familia-e-a-arte.shtml) Acesso em: 21 mar. 2024.

<sup>216</sup> No *holofote temático*, discutimos o modo como as ações de Preta, uma mulher gorda negra, contribuem para a (des)construção de estereótipos e o questionamento de um ideal de beleza forjado na magreza, na branquitude, na juventude e em uma aparência saudável. Aqui, colocaremos a raça em primeiro plano compreendendo, mais uma vez, que a estética tem um caráter político para grupos minorizados.

<sup>217</sup> Disponível em:

<https://medias.itatiaia.com.br/dims4/default/f7c3be1/2147483647/strip/true/crop/1199x675+1+0/resize/1000x563!/format/webp/quality/90/?url=https%3A%2F%2Fk2-prod-radio-itatiaia.s3.us-east-1.amazonaws.com%2Fbrightspot%2F43%2F22%2F1ac0194285c9cfb31c944b2883d5%2Fgilberto-gil-e-a-familia-fazem-a-turne-nos-a-gente-abe23561-f43a-43bd-b76d-598eb0a93042-large.jpg>. Acesso em: 21 mar. 2024.

Na fotografia, Preta está mais ao centro, ao lado de seu pai, Gilberto Gil, que ocupa o lugar de patriarca da família. A imagem nos permite apreender sentidos relacionados à realeza; não uma realeza qualquer, mas aquela que faz referência aos reis e rainhas africanos. É possível observar elementos que remetem à identidade negra, como o tecido colorido e o turbante, ademais, os membros da família têm diferentes tons de pele e texturas de cabelo, o que nos faz lembrar dos versos da música *Beleza pura*, de Caetano Veloso, grande amigo de Gilberto Gil: “Não me amarra dinheiro não! Mas formosura; Dinheiro não! A pele escura”.

Como aponta Berth (2020), a estética se configura como uma ferramenta de empoderamento na medida em que a valorização das características fenotípicas da raça negra vai de encontro a um sistema de dominação opressor que distorce, deprecia e ridiculariza esses traços, uma das estratégias da branquitude que mantém os processos de dominação. Ao construir sentidos de beleza e elegância, recorrendo à sua ancestralidade, a família Gil e, de modo específico, Preta, contribuem para uma ressignificação, já que “[...] à medida que as pessoas negras se veem de maneira positiva nos espaços mais diversos, é que reconhecem e assimilam a possibilidade da própria imagem como positiva” (Berth, 2020, p. 124).

Também em outros espaços, Preta reforça a sua identidade – e beleza – negra. A imagem abaixo, do perfil no *Instagram* da cantora, é uma das fotografias que compõem o ensaio feito para a revista *Marie Claire*. A artista utiliza um tecido na cabeça, de cor dourada com estampa preta, que remete aos turbantes de origem africana. O fundo da imagem, em tons pretos e marrons, parecem conformar uma extensão da pele da celebridade, que usa uma maquiagem na mesma paleta (Figura 46). Preta, mais uma vez, revisita, reconhece e ostenta a sua ancestralidade com orgulho. Nesse tipo de processo, explica Berth (2020), emerge um processo de resgate, entre o que se foi, se é e se pode ser, e um fortalecimento da autoestima, estendida para além da beleza estética.

**Figura 46** – Imagem do *post* do *Instagram* de 5 de junho de 2023



Fonte: Captura de tela de imagem do perfil do Instagram @pretagil<sup>218</sup>.

É preciso pontuar que a artista é uma mulher negra de pele mais clara e cabelos lisos. No interior de cada grupo minorizado, existem dessemelhanças que vão influenciar na maneira como o sujeito vivencia o preconceito. No caso da pessoa negra, quanto mais escura a pele e quanto mais traços fenotípicos da raça ela possui, maior e mais cruel será o racismo em todas as formas por meio das quais ele se faz presente: a pobreza, a falta de acesso à educação, as desigualdades no mercado de trabalho, o preterimento na vida afetiva, o encarceramento, a violência policial, a morte precoce, entre outros.

Embora sempre tenha se identificado como negra, Preta sabia que tinha passabilidade em todos os meios: primeiro por ser uma mulher mestiça e de cabelos lisos. Depois, por ser filha de Gilberto Gil. “Fui criada em ambientes brancos. As únicas pessoas pretas que eu convivia eram meu pai, meus irmãos e meus primos”. (Lima, 2022a, n.p)<sup>219</sup>.

Por outro lado, como nos lembra Berth (2020), outras questões exercem influência quando refletimos sobre os processos estéticos relacionados à mulher negra. “Há também a aceitação dos sinais fenotípicos do rosto e do corpo, além da cor da pele. O rosto da mulher negra, que traz as informações reais das origens africanas, também é alvo constante de escárnio e depreciação” (Berth, 2020, p. 117), como nariz e boca, por exemplo.

Também em sua produção artística, Preta Gil faz um resgate da ancestralidade, valorizando a estética negra. No clipe *Cheia de Desejo*, de 2018, a cantora utiliza um figurino com tecidos africanos e, em uma das produções, ostenta um turbante. O clipe tem uma ambientação de festa, em que as pessoas dançam com alegria e interagem umas com as outras.

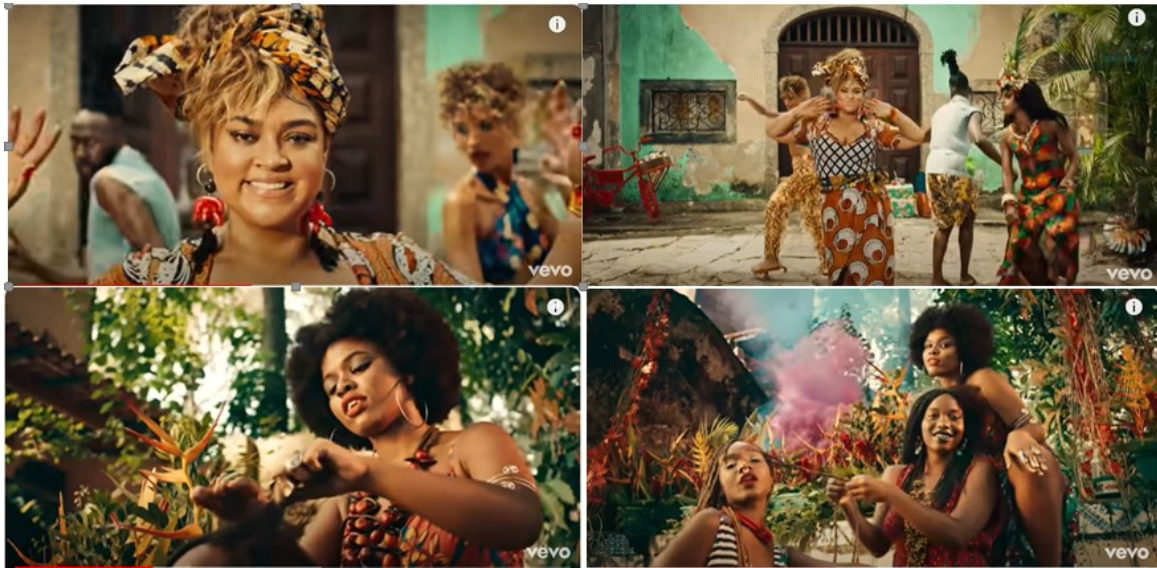
<sup>218</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CtH530sRmJ6/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CtH530sRmJ6/?img_index=1). Acesso em: 4 set. 2023.

<sup>219</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2022/09/aos-quase-50-anos-pretas-gil-diz-nao-encaretei-ao-contrario-tenho-mesma-paixao-pela-vida.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.



Nesses recortes, a dança africana e a beleza negra são exaltadas (Figura 47).

**Figura 47** – Frames do clipe *Cheia de Desejo*



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no Youtube<sup>220</sup>.

No mesmo clipe, Preta reforça a exaltação dos cabelos crespos como componente de orgulho racial (Berth, 2020)<sup>221</sup>. Nas cenas, as atrizes aparecem celebrando os seus cabelos, que são diversos: *black power*, com tranças ou colorido. O próprio processo de trançar o cabelo é mostrado (Figura 47) e as cenas remetem a uma ideia de união e comunidade, contrária à ideia de rivalidade feminina, com mulheres negras em um espaço seguro e cuidando umas das outras, reconquistando sentidos positivos sobre a autoestima e beleza negras.

Em um desses momentos, produtos da marca de beleza brasileira *Salon Line* aparecem no clipe (Figura 48), sendo usados em um cabelo crespo. A marca, especializada em cosméticos capilares, é reconhecida por oferecer produtos para cabelos crespos e cacheados. No anúncio do clipe *Cheia de Desejo* no seu perfil do *Facebook*, Preta ressalta que a produção era uma parceria com a empresa<sup>222</sup>.

<sup>220</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=jyE1OfGsZaQ> Acesso em: 21 mar. 2024.

<sup>221</sup> Na pesquisa “Esse boom é nosso?: discursos sobre transição capilar na publicidade de cosméticos”, Carvalho (2019) aborda o viés político e identitário do processo de transição capilar para as mulheres negras e sua relação com a publicidade de marcas de beleza.

<sup>222</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2166781570015417>. Acesso em: 25 mar. 2024.

**Figura 48** – Frame do clipe *Cheia de Desejo* – marca *Salon Line*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>223</sup>.

A *Salon Line* constrói o seu discurso publicitário com base nas ideias de inclusão, representatividade e empoderamento feminino e, para isso, também utiliza a estratégia de contratação de embaixadoras, como Preta Gil, que dialogam com a proposta da empresa. “Vemos na Preta uma personificação da nossa marca: ela é inclusiva, acessível, compreensiva, gente como a gente. Todas essas características são usadas também pelas consumidoras *Salon Line* quando elas descrevem a nossa marca” (*Salon...*, 2019).<sup>224</sup> Essa dinâmica dá a ver, mais uma vez, o caráter mercadológico da artista, que não está alheia às dinâmicas comerciais e utiliza o status célebre que detém também para ações publicitárias.

Em um momento da entrevista para o *Fantástico*, a artista demonstra como o tratamento contra o câncer a colocou, mais uma vez, em um lugar frágil e delicado. “*Essa semana eu comecei meu tratamento, fiz quimioterapia durante três dias. Eu fiquei realmente... mais baqueada no segundo ciclo de quimioterapia. Ele já tá caindo alguns bastantes fios, mas não tufos. Ele tá perdendo volume, mas eu não tô preocupada com isso*”. A fala de Preta diz também sobre a centralidade que o cabelo ocupa na autoestima das mulheres, especialmente mulheres negras.

Seguindo nesta trilha de valorização da ancestralidade e da beleza negra, em uma das cenas do clipe *Sou como sou*, Preta Gil aparece sentada em uma poltrona, olha para a câmera e tem as pernas à mostra (Figura 49). Ao seu lado, existe um homem negro. As imagens constroem sentidos de poder, as estampas dos móveis e acessórios nos permitem apreender uma referência às raízes africanas.

<sup>223</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=jyE1OfGsZaQ>. Acesso em: 21 mar. 2024.

<sup>224</sup> Disponível em: [https://propmark.com.br/salon-line-empoderamento-feminino-faz-parte-de-nossa-cultura/#:~:text=A%20empresa%20come%C3%A7ou%20em%201995,e%20foi%20dando%20muito%20certo](https://propmark.com.br/salon-line-empoderamento-feminino-faz-parte-de-nossa-cultura/#:~:text=A%20empresa%20come%C3%A7ou%20em%201995,e%20foi%20dando%20muito%20certo.). Acesso em: 25 mar. 2024.

**Figura 49** – Frame do clipe *Sou como sou* – realeza



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>225</sup>.

Como discutimos, o clipe foi produzido com base na estratégia de inversão dos papéis de gênero. As imagens que seguem, porém, acabam por adicionar outras camadas de sentido que reforçam estereótipos ligados a homens negros. O mesmo homem negro que vemos no início do clipe, reaparece. Dessa vez, no entanto, ele está ajoelhado e segurando um abanador gigante (Figura 50). Preta está com as pernas cruzadas e continua a ocupar o seu lugar de poder, algo que se perpetua ao longo de todo o vídeo.

**Figura 50** – Frame do clipe *Sou como sou* – o servo



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>226</sup>.

Aqui, é ela, uma mulher preta gorda, que domina a relação e dá ordens, pedindo, em outro momento, ao homem para abaná-la. Historicamente, a sociedade patriarcal sempre atribuiu à mulher um lugar de subserviência, como aquela que deve devotar-se ao homem.

<sup>225</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

<sup>226</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 9 fev. 2024.

O corpo da mulher, considerado um corpo para procriação, cuidado, fragilidade e beleza, sempre sob e para o controle masculino (do pai, marido, médico e assim por diante), é constituído como um bem que deve sempre melhorar sua aparência e fragilidade para ser possuído. (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 122).

Por outro lado, ao nosso ver, a escolha por colocar um homem negro representando um servo e que está em um lugar de submissão, dominado por uma mulher, nos remete a estereótipos sobre as pessoas negras que não contribuem para a ressignificação dessas representações, algo fundamental na luta antirracista.

Nesse sentido, Preta acaba por reproduzir, nesse clipe, uma imagem subalterna de um homem preto. Apesar de reconhecermos uma intencionalidade legítima da cantora, ancorada no reforço à sua ancestralidade, as imagens nos permitem problematizar o lugar que esse homem ocupa na construção imagética, em um lugar de vassalagem.

Em uma entrevista de 2022, concedida também à revista *Vogue Brasil*, Preta relatou um episódio que destaca a maneira como ela se coloca como alguém que está em busca do aprimoramento do seu letramento racial.

Preta conta que um dos momentos mais importantes do seu entendimento como ativista se deu há cerca de sete anos, durante uma palestra, em Salvador, em que ela, depois de ter usado dois termos racistas em sua fala – mulata e denegrir –, foi sumariamente vaiada. “Imagina, eu estava no berço da negritude, com mulheres negras letradas e não entendi por que aquelas expressões que ouvia desde criança não cabiam mais. Na época, eu não tinha letramento racial e mostrei minha ignorância, fui totalmente vulnerável”, recorda. A partir dali, com a ajuda de Taís Araujo, da ativista e influenciadora Tia Má e outras mulheres pretas, começou a participar de um grupo onde tinha discussões sobre o assunto. “Falei, ouvi, li vários livros, discordamos, tivemos embates, mas acolhemos nossas diferenças como mulheres negras.” (Lima, 2022a, n.p).

Como alguém que está em um processo de constante aprendizado, acreditamos que o clipe *Sou como sou* reflete uma Preta Gil de 2012. Falta, à concepção do vídeo, uma ponderação sobre as questões raciais, especialmente àquelas relacionadas aos homens negros, que só emerge por meio de uma leitura racializada.

No clipe de *Cheia de Desejo* (Figura 51, a seguir), por exemplo, já é possível identificar representações de homens negros muito mais alinhadas a uma ideia de desconstrução de estereótipos por meio de *imagens ressignificadoras*. Eles aparecem felizes, dançando, como parceiros de Preta e tendo a sua beleza exaltada. Tal mudança de posicionamento é indício sobre o modo como a celebridade, ao longo da sua trajetória, vem se transmutando em diálogo com o contexto social em que está inserida.

**Figura 51** – Clipe *Cheia de Desejo* – homem negro



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>227</sup>.

Frente ao racismo, Preta recorre à sua ancestralidade para construir novos sentidos possíveis, trazendo a sua identidade racial com orgulho: em seu nome, ao reverenciar sua família e aquelas e aqueles que vieram antes dela, e ao utilizar o potencial político da estética para resgatar a beleza ancestral negra.

#### **5.2.4 Filha de Oxum, devota de Nossa Senhora Aparecida: a constituição de uma fé plural como estratégia antirracista**

As ações de Preta Gil evidenciam a experiência de uma fé plural, acionando tradições cristãs e de religiões de matriz africana, entre outras. Na entrevista para a *Vogue Brasil*, ao falar sobre seu vanguardismo, a artista relaciona esse modo de ser também ao seu signo, Leão, e à Oxum, orixá cultuada no candomblé e na umbanda: “Sou leonina, filha de Oxum, nasci mesmo para me expor e abrir caminhos” (Falcão, 2020, n.p). Ao mesmo tempo em que se anuncia como “filha de Oxum”, a cantora é devota de Nossa Senhora Aparecida e, em meio ao tratamento contra o câncer no intestino, em junho de 2023, esteve no santuário da padroeira do Brasil, em Aparecida, São Paulo (Figura 52).

<sup>227</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=jyE1OfGsZaQ>. Acesso em: 21 mar. 2024.

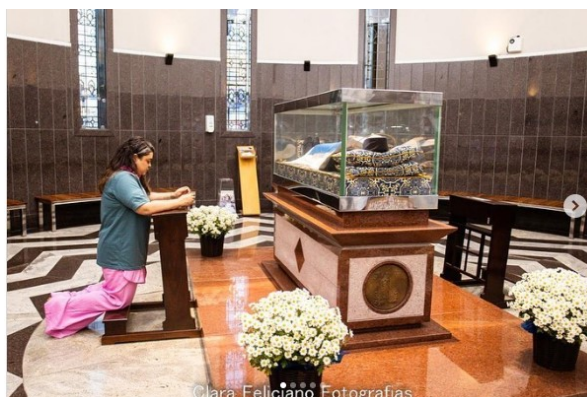
**Figura 52** – Preta Gil na basílica de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Captura de tela de imagem do perfil do Instagram @pretagil<sup>228</sup>.

No registro da visita, feito em seu perfil no *Instagram*, a cantora agradece pelos livramentos recebidos ao longo dos últimos meses e conta que foi à Basílica para agradecer, mas, também, para rezar pela saúde dos seus familiares e amigos. A fé, inclusive, exerceu um papel central em seu processo de tratamento contra o câncer.

**Figura 53** – Preta Gil no Santuário Santa Dulce



Fonte: Captura de tela de imagem do perfil do Instagram @pretagil<sup>229</sup>.

A imagem (Figura 53) é um registro da cantora no Santuário Santa Dulce, em junho de 2023, onde ela foi pedir pela sua cura. “*Minha Santinha amada, ontem foi muito especial estar no seu @santuariosantadulce para agradecer meu coração aflito que tantas vezes a Senhora consolou!!! A minha fé e meu amor pela Senhora me fortalecem a cada dia!!!*”

<sup>228</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CtUi0SJvFCq/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CtUi0SJvFCq/?img_index=1). Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>229</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CuFALdfrOPf/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CuFALdfrOPf/?img_index=1). Acesso em: 22 mar. 2024.

*Obrigada por me amparar e cuidar, te amo!!! [...] A cura já é minha, eu creio!!!*". A cantora acredita no papel que essa fé teve no tratamento da doença.

“É um momento de muita gratidão. A minha fé, com certeza, me curou. Eu tenho certeza absoluta disso. A fé, o amor das pessoas, a fé que recebi de manifestações de pessoas com religiões diferentes. E isso é algo que a gente busca, essa união, independente de que religião a gente tenha”, desabafou. (Perdigão, 2024, n.p).<sup>230</sup>

Essa fé plural também aparece em um trecho da entrevista de Preta ao *Fantástico*. Em um dos vídeos, exibido durante a matéria, a artista mostra a sua medalhinha de olho grego e a sua conta de Oxum. Esses símbolos heterogêneos corroboram para o modo como a celebridade concebe a sua religiosidade, de maneira diversa e contra os preconceitos. É nesse ponto que a relevância dos posicionamentos de Preta Gil, com “*Deus e os orixás*”<sup>231</sup>, se coloca manifesta.

As falas da artista se tornam ainda mais importantes em um país, como o Brasil, com altos índices de intolerância religiosa<sup>232</sup>, notadamente contra as religiões de matriz africana, um dos “tentáculos” do racismo (Nogueira, 2020). São casos de assassinatos de líderes, ataques a terreiros e outras tantas violências direcionadas a quem não professa a fé dos colonizadores<sup>233</sup>. “Templos são invadidos e profanados. Em outros casos, há agressões verbais, destruição de imagens sacras e até ataques incendiários ou tentativas de homicídio” (Nogueira, 2020, p. 21).

O altar que Preta Gil tem em sua casa é como um vislumbre desse futuro possível em que há respeito a diferentes crenças (Figura 54). A cantora apresentou esse espaço no oitavo episódio da série documental *Lar: Vida Interior*, em 2021, definindo-o como o “*cantinho da minha espiritualidade, da minha ancestralidade*”. Em sua “*festa da fé*”, como nomeia o programa, podemos ver imagens de Nossa Senhora Aparecida, de Santa Dulce e de diferentes orixás, entre elas, Oxum, a quem a artista chama de mãe, além da representação de Buda.

<sup>230</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/celebridades/preta-gil-celebra-missa-para-comemorar-sua-cura-a-fe-me-curou>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>231</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYonk88gcwj/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>232</sup> “A expressão ‘intolerância religiosa’ tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas” (Nogueira, 2020, p. 36).

<sup>233</sup> O II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, divulgado em 2023, aponta aumento dos casos de intolerância religiosa no país, sendo as religiões de matriz africana as mais atingidas (Santos; Dias; Santos, 2023). Esse cenário revela a importância de ações como a criação do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, instituído pela Lei nº 11.635/2007, depois da morte da Iyalorixá baiana, Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda (Relatório..., 2023).

Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/relatorio-aponta-aumento-da-intolerancia-religiosa-no-brasil/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

Figura 54 – Altar de Preta Gil



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Preta Gil no Youtube<sup>234</sup>.

Entre as figuras que vemos no altar de Preta, está Gilberto Gil. A cantora explica que a sua imagem, inscrita em um lugar de fé, não é em vão. Para ela, o pai é um orixá vivo que a lembra de onde ela veio e, ao mesmo tempo, é “a grande janela” da sua vida, trazendo pluralidade e a inspirando com a sua capacidade de observação. Para a artista, o altar, representação da sua fé, é reflexo de quem ela é, da sua essência: “plural”, “das misturas” e “da diversidade”.

Ainda com base na concepção de uma religiosidade ancorada no respeito às diferentes crenças, na música *Sou como sou* Preta questiona o domínio da igreja católica. Entre várias coisas que se tem que ser, “*Tem que ser católico*”. Nesse sentido, a pergunta que se faz na letra da música é: por que não ser candomblecista, umbandista ou evangélico? Essa visão é compreendida pela pessoa autora do comentário 107.7 (Quadro 35) que explica que Preta ironiza os rótulos que a sociedade impõe, também quando falamos sobre religião. Nesse campo, o catolicismo, advindo da colonização no Brasil, é o padrão a ser seguido e aqueles que fogem a essa norma, são estigmatizados.

<sup>234</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OFawO8Qftz0>. Acesso em: 22 mar. 2024.



Quadro 35 – Religião

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>235</sup>
107.7	26/07/2026	É feito ironia aos padrões, já que <b>se vc afirmar ser católico, ninguém olha torto. Agora diga que é de umbanda por exemplo, vão rotular como macumbeiro. Se fala que é evangélico, vc já é retardado pq acreditam que dá todo seu dinheiro para a igreja.</b> Em toda a canção a interprete ironiza esses rótulos que a sociedade impõem para aceitar uma pessoa em seus padrões.
184	26/07/2016	Tem que ser católico? olha só... acabamos de identificar um "pre-conceito" aqui. <b>Tem o que contra a Igreja Católica filha?</b> Ela é a única que permite a entrada de TODOS; quem quiser e quando quiser..isso mesmo! e ainda não obriga ninguém a ir. <b>Você mesmo é quem está criando Tabus e divisões com essa música "separando" o que "parece" ser o melhor NA SUA visão.</b> Quem é a preconceituosa aqui mesmo? O preconceito nem sempre está no mundo, mas em você mesmo quando você se importa e da ouvidos ao que as pessoas falam! <b>Mas a moda é essa... Se sente ofendida e vai ofender os outros!</b> Se liga!

Fonte: Elaborado pela autora.

Em contrapartida a essa visão, no registro 184, acima, a pessoa não apreende a proposta do clipe em fazer uma crítica às hegemonias, aquilo que se coloca como predominância em um determinado campo social. No caso da religião, por exemplo, no Brasil, apesar do avanço das igrejas evangélicas, os católicos ainda são maioria, 51% da população brasileira, em contraposição a 26% de evangélicos (Balloussier, 2022)<sup>236</sup>.

A autora da mensagem questiona: “*Tem o que contra a Igreja Católica filha?*”. Para ela, Gil está fomentando o preconceito contra os católicos. “*Você mesmo é quem está criando Tabus e divisões com essa música ‘separando’ o que ‘parece’ ser o melhor NA SUA visão*”. Um outro trecho da mensagem 184 também chama a atenção: “*Mas a moda é essa... Se sente ofendida e vai ofender os outros!*”. Aqui, a autora parece acionar a ideia de falta de legitimidade daqueles que são oprimidos na nossa sociedade. Esse posicionamento dialoga com o entendimento de que as lutas dos grupos minorizados são “mimimi”, ou apenas “identitarismos”.

Em outra produção artística, a música-manifesto *Vá se benzer*, Preta Gil faz uma ode às diferenças: “*Sou Shalom e você Saravá? Sou isso e você aquilo? O que importa? Que diferença a diferença fará em um mundo finito de infinitos mortais?*”. Em consonância com a mensagem da música *Sou como sou*, a artista questiona: “*Seu Deus é melhor que o meu? E*

<sup>235</sup> Transcrição de comentários do Youtube – clipe *Sou como sou*.

<sup>236</sup> Disponível em:

*quem não tem um pra chamar de seu? Merece respirar o mesmo ar?”*. Mais uma vez, a mensagem de Preta reforça a importância do respeito e clama por uma existência religiosa plural e pacífica, em que não haverá certo ou errado, a que te leva para o céu ou para o inferno, “*de Deus ou de Satanás*”: apenas experiências diversas da fé que podem, inclusive, se sustentar pela coexistência de diferentes religiões.

É preciso andar com fé, e a fé que Preta professa é diversa. No final da entrevista ao *Fantástico*, a jornalista Maju relembra: “*Você falou no seu pai, então, andar com fé eu vou?*”, em referência à canção *Andar com fé*, de Gilberto Gil. Com a força da fé, Preta nos convida a esperar e a esperar sempre o melhor da vida.

*Não costuma falhar o papel dela nessa jornada. É fundamental, é o meu eixo. É a fé. Eu tenho tanto valor à vida e à fé que me move. Então, eu quero cada dia honrar ainda mais essa oportunidade de estar viva e de estar me curando de uma doença que é grave, mas que ela não vai me derrubar, não vai me levar. Eu não vou morrer disso, eu tenho certeza. Vou viver muito e a gente ainda vai celebrar muito. (Fantástico, 2023).*

Pelo que trouxemos até aqui, é possível depreender que, se a intolerância religiosa, quando direcionada às religiões de matriz africanas, se configura como racismo religioso (Nogueira, 2020), a concepção de uma fé plural pode ser vista como um estrategema antirracista. Ao falar abertamente sobre sua fé, que acolhe as diferenças, Preta Gil contribui para a ressignificação de sentidos hegemônicos sobre as religiões de matriz africana, historicamente associadas ao que é ruim, errado, demonizado, profano e, por isso, não sacro e divino<sup>237</sup>. Conseqüentemente, a artista também desconstrói estereótipos sobre as pessoas que professam essa fé, muitas delas, negras.

### 5.3 HOLOFOTE PRAGMATISTA: A CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA QUE LANÇA LUZ SOBRE QUEM SOMOS

O olhar pragmatista, assim como o interseccional, orienta todo o nosso estudo e, por meio dele, nos atentamos ao trinômio celebridades, valores e sociedade. Em consonância com essa perspectiva, ao falar sobre gordofobia, machismo e racismo, entre outros preconceitos, concomitantemente refletimos sobre valores que dizem sobre a sociedade contemporânea.

---

<sup>237</sup> No Brasil, a emergência e a manutenção da intolerância religiosa tem uma relação indissociável com o período colonial (Nogueira, 2020). Conforme Romão (2018), em um contexto de dominação física e simbólica, os povos escravizados desenvolveram uma estratégia rebuscada de sobrevivência, o sincretismo religioso. Esse processo se deu com base em um exercício de tradução e adaptação entre as divindades africanas e os santos católicos (Romão, 2018).

No *holofote pragmatista*, o nosso *holofote-síntese*, damos ênfase a essa dimensão dos valores e da resistência que emergem a partir de Preta Gil. Após iluminarmos as opressões e seus atravessamentos, fazemos, agora, um movimento de revisitação dos achados. O objetivo é delinear como ela exerce o papel de *celebridade-resistência*. Nesse processo, buscamos apreender os valores e as disputas evidenciados, o que nos permite inferir quem somos e quem queremos ser como sociedade.

Ao propor o conceito de *celebridade-resistência*, demarcamos, também, o posicionamento político dessas figuras públicas, uma vez que elas “identificam-se com valores progressistas e emancipatórios: igualdade, respeito e justiça social” (Carneiro; Simões, 2022, p. 79). Esses princípios são, notadamente, alinhados com os ideais da esquerda, em contraposição àqueles evidenciados por *celebridades-conservadoras*. Tal dinâmica sinaliza que as *celebridades-resistência* estão inseridas nos processos democráticos em um contexto de “política de celebridades”, em que as figuras públicas podem influenciar o engajamento político (Wheeler, 2013; 2018).

Em nosso *corpus*, apesar da vinculação política à esquerda de Preta Gil, que é reconhecida pelos públicos, o seu caráter político fica mais evidente a partir de sua vinculação a grupos socialmente minorizados e da luta contra diferentes preconceitos. Nesse contexto, a sua produção artística contém um caráter pedagógico, voltado para o respeito à diversidade. Preta é a porta-voz de vários grupos sociais e utiliza a sua arte como um manifesto – uma de suas formas de resistir. O refrão da música *Sou como sou* é um índice desse caráter de enfrentamento.

*Olho pela janela e não é o que vejo, não  
Seria muito mau se fosse essa a situação  
Chega de preconceito e viva a união  
De toda raça, toda cor, sexo e religião  
Quer saber? Sou como sou  
Não quero me encaixar em nenhum padrão  
Pode crer, sou como sou  
Não preciso ser galã de televisão  
Quer saber? Sou como sou  
Não quero me encaixar em nenhum padrão  
Pode crer, sou como sou  
Não preciso ser galã de televisão  
(Goes, 2012).*

Os achados resultantes dos *holofotes temático e interseccional* nos permitem concluir que, frente a cada opressão, a cantora elabora estratégias que visam a questionar o que está posto, com o objetivo de desestabilizar determinados valores hegemônicos. Nesse processo, identificamos a emergência do que denominamos, aqui, como *valores-resistência*.

O primeiro *valor-resistência* emerge a partir de uma postura antigordofóbica da cantora: a diversidade corporal. Diante da gordofobia, Preta busca construir existências possíveis além das representações estereotipadas sobre as pessoas gordas, contestando, assim, o regime gordofóbico de representação. Se, na contemporaneidade, a beleza é um valor, a cantora propõe uma expansão do conceito do que é belo, defendendo uma beleza plural, que não se restringe a valores como a magreza, a branquitude e a juventude. Para isso, interpela a ideia de uma corporalidade única e do corpo da mulher como algo público.

A artista ocupa espaços excludentes, como o da moda, e possibilita que as corporeidades gordas não sejam vistas apenas como uma existência circunstancial a ser ajustada, um *corpo provisório*. Diante do ódio direcionado às pessoas gordas, que culpabiliza e animaliza, com respaldo na *patologização*, Gil destaca o seu valor e, juntamente com parte do público, promove uma construção da sua dignidade humana.

Entre os diferentes enquadramentos que se conformaram na dinâmica interativa relacionada à gordofobia, o primeiro, relacionado aos comentários sobre o corpo da cantora, dá a ver uma disputa de enquadres. De um lado, estão as pessoas que se identificam com Preta e inscrevem esse tipo de atitude em um lugar de indiscrição, sustentada pela gordofobia. Do outro, os sujeitos que, ainda presos à ideia da magreza como sinônimo da beleza, insistem em elogiar os processos de emagrecimento. Por esse viés, independentemente do contexto em que ele se deu, emagrecer é algo bom e que gera um reconhecimento.

Outra dinâmica que dá relevo a essa disputa de enquadres é o modo como parte das pessoas definem a doença de Preta Gil, e, conseqüentemente, o que é ser saudável. Em alinhamento com a celebridade, parte dos sujeitos compreendem, a partir de um entendimento amplo de saúde, que ser magro não é sinônimo de saúde. Nesse sentido, Preta não deve ser responsabilizada por estar com câncer. Em contrapartida, outras pessoas reproduzem o discurso de saúde restrito a uma corporalidade única, atribuindo a todo corpo gordo o lugar da doença a partir de discursos patologizadores.

Contra o machismo, Preta é uma mulher que defende a igualdade de gênero, outro *valor-resistência* evidenciado em seus posicionamentos. Nesse espectro, ela opta por engendrar duas estratégias que, como vimos, geraram controvérsia junto aos públicos. Na inversão dos papéis de gênero, ela produz um *female gaze* de revanche. Como produtora e protagonista da própria narrativa, ela opta por questionar as estruturas sociais subvertendo os papéis e as expectativas sociais atribuídas a homens e mulheres na sociedade patriarcal. Aqui, foi possível observar que a situação foi enquadrada de duas maneiras pelos públicos: ora como ironia, ora como incoerência.

Em diferentes momentos da sua carreira, Preta também aciona a nudez para questionar a moralidade forjada no contexto das desigualdades de gênero. Para isso, expõe o seu corpo de forma natural, distanciando-se da ideia de obscenidade, normalmente vinculada às corporalidades dissidentes, e o inserindo em um lugar de beleza. Apesar disso, como discutimos, a exposição corporal de Preta, respaldada em uma ideia de naturalidade e liberdade, também foi enquadrada como algo imoral e ultrajante.

Frente ao racismo, Preta luta pela igualdade racial, *valor-resistência* evidenciado em diferentes momentos da sua trajetória célebre. Diante deste preconceito estrutural e institucionalizado, sustentado pela branquitude como valor (Pinho, 2021), ela constrói diferentes formas de resistência. Em nosso *corpus*, duas delas emergem como representativas das ações da artista: a valorização da ancestralidade negra e o respeito às diferentes crenças.

Na primeira, a cantora valoriza as suas raízes, ostentando com orgulho o seu nome e reverenciando artistas negras que abriram caminhos na arte e na luta. Ela também valoriza a estética negra, celebrando sua beleza ancestral. Apesar disso, parte dos sujeitos inscrevem essas ações em um quadro de oportunismo e esvaziamento de pauta. Já a segunda estratégia se coloca como um enfrentamento ao racismo religioso e busca naturalizar a existência de uma fé plural, em que diferentes religiões coexistem de forma harmoniosa. As ações de Preta revelam sentidos de pertencimento, em busca da reconstrução de uma história que, devido ao racismo, foi apagada violentamente. Ironicamente, essa reivindicação também é vista como uma ameaça a outras religiões que ocupam, no Brasil, um lugar de protagonismo, como a católica.

Os *valores-resistência* também se constituem em diálogo com outros valores. Ao lutar pela diversidade corporal e pela igualdade de gênero e de raça, Preta também aciona sentidos de empoderamento. Ao refletir sobre esse processo, Berth (2020) nos alerta que o empoderamento não se refere a uma expressão das “liberdades individuais”, mas se constitui como um conjunto de estratégias contra diferentes opressões.

Essa visão superficial, que se descola da proposta pelas feministas do Sul Global, levou a desentendimentos, ou melhor, ao entendimento de que empoderamento feminino é a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras. Explico: é julgar que se empoderar é transcender individualmente certas barreiras, mas seguir reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar no empoderamento como conjuntos de estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas. (Berth, 2020, p. 51).

Em consonância com isso, a autora nos convida a pensar o empoderamento por meio de duas dimensões indissociáveis: a individual e a coletiva. Essas duas instâncias se

retroalimentam conformando um processo potencialmente empoderador que se dá de forma gradativa, constituindo um círculo virtuoso em que indivíduos empoderados formam uma coletividade também empoderada e vice-versa.

Ao nosso ver, o papel de Preta, nesse processo coletivo, passa pelas suas falas, mas, também, por ações práticas. É possível citar a maneira como ela abre espaço para outros artistas, dividindo capas de revista, programas de TV e palcos de música. No caso das mulheres, essas atitudes podem promover a união em um espaço em que, muitas vezes, a rivalidade feminina fala mais alto.

Importante lembrar, porém, que, ainda que as ações de Preta estejam inscritas em um campo de resistência, elas não se dão de forma dissociada da lógica mercadológica da qual as celebridades fazem parte. Tal configuração explica o modo como a cantora pode ser entendida como parte de um feminismo liberal, na busca por visibilidade e reconhecimento. Por esse viés, ao tentar responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, o que se vê não são ações de uma celebridade que exerce a sua responsabilidade social, mas estratégias que possuem, como objetivo, o lucro.

Preta também ocupa um lugar de pioneirismo, uma de suas marcas. Ela sempre esteve na vanguarda, à frente do seu tempo, como porta-voz de diferentes pautas, como a luta contra a gordofobia, o machismo, o racismo e a LGBTfobia, e, mais recentemente, falando, também, sobre etarismo e capacitismo.

Vários acontecimentos da trajetória pública de Gil evidenciam o seu pioneirismo e o modo como ele questiona normas sociais: Por que não ficar nua? Por que não se casar com um homem mais jovem? Por que não valorizar a beleza negra? Por que não falar abertamente sobre sua sexualidade? Por que não assumir os cabelos brancos? Por que não falar sobre sua deficiência (ainda que provisória)? Por meio desses posicionamentos, a artista tensiona diferentes hastes da roleta interseccional (Carrera, 2021b), como gênero, raça, sexualidade, idade e deficiência. Preta Gil é uma mulher que tem uma vivência interseccional e, ao mesmo tempo, dá a ver os atravessamentos das opressões em seus posicionamentos na cena pública. A construção da sua imagem pública é interseccional.

A ousadia de Preta muitas vezes foi julgada e condenada. Como uma vanguardista, ela questiona normas socialmente compartilhadas e naturalizadas. Nesse sentido, suas ações podem evidenciar aparente “descompasso” com a sociedade em que se inscrevem. Por isso, também foram vistas como provocativas, imorais ou socialmente inadequadas.

No âmbito da gordofobia, podemos afirmar que, no Brasil, Preta Gil tem muita relevância, sendo uma das responsáveis pela visibilização da pauta. Se hoje temos

influenciadoras, como Thais Carla, é porque, muito antes, a cantora teve coragem para falar sobre um assunto polêmico e descredibilizado. Ainda hoje, diante de uma situação de gordofobia, há aquelas pessoas que vão colocá-la em um lugar de vitimismo e não como opressão, o que revela, também, quadros distintos nas situações interativas sobre o preconceito.

Nesse viés, é possível falarmos em um antes e um depois na luta antigordofobia a partir de Preta Gil. Dotada de seu poder hermenêutico<sup>238</sup>, a artista fez com que se abrisse um horizonte de discussões sobre a diversidade corporal e, assim, possibilitou a construção de novos quadros de sentido sobre o tema. Preta ostenta, assim, uma dimensão acontecimental e, a partir da sua luta em defesa de diferentes pautas, desestabiliza o que estava posto e pode gerar uma ruptura, configurando-se, assim, como uma *celebridade-acontecimento* (Simões, 2012).

Essa dimensão vanguardista de Preta também relaciona-se com a autenticidade, valor também associado à sua imagem. Mas sobre qual autenticidade estamos falando?<sup>239</sup> No campo das celebridades, a autenticidade aparece como uma imposição, uma exigência para todos (Vaz; Santos; Sanchotene, 2020). Nesse contexto, ser uma celebridade autêntica pressupõe, em linhas gerais, ser uma figura pública transparente que se mostra aos públicos tal qual é: sem filtros.

Geralmente, as práticas que dão a ver uma imagem coerente, sincera e legítima (ser a pessoa verdadeira, e não uma construção midiática falsa) ajudam a transmitir o valor de uma figura autêntica. Mas a forma como as pessoas se vinculam a produtos e marcas, ou a quantidade de informações íntimas que as pessoas revelam em suas redes também podem indicar um sentido de autenticidade que é percebido pela opinião pública. (Medeiros, 2020, p. 58).

Preta reconhece a autenticidade como algo vinculado à sinceridade que leva a audiência a admirá-la<sup>240</sup>. Ao se mostrar autêntica, a artista possibilita que a relação com as

<sup>238</sup> A *celebridade-acontecimento* também detém um poder de afetação junto aos seus públicos. Essa capacidade vai determinar a maneira como ela é reconhecida na cena pública, em diálogo com os valores sociais, afetando os sujeitos e, no caso das *celebridades-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022), convocando-os para a luta contra as opressões.

<sup>239</sup> Autores como Vaz (2018) e Medeiros (2020) explicam que a noção de autenticidade foi definida por Charles Taylor. Na origem do termo, é por meio da autenticidade que o oprimido pode oferecer resistência aos estereótipos que são atribuídos nos processos de dominação e, assim, obter o reconhecimento (Vaz, 2018). Porém, essa noção de autenticidade moderna, sofreu transmutações ao longo do tempo. Na contemporaneidade, ela se desloca de uma autenticidade que se caracteriza por uma busca genuína pelo o que se deseja, uma expressão do sujeito, para aquela que diz de uma afirmação diante do olhar do outro. “Dito de outro modo, a autenticidade moderna era inquietação com o que verdadeiramente se deseja; a autenticidade contemporânea se dá como afirmação do que se deseja e do que se é diante do preconceito alheio” (Vaz; Santos; Sanchotene, 2020, p. 135).

<sup>240</sup> Na entrevista para *Vogue Brasil*, Gil afirma: “Às vezes sei que assusto mesmo. Mas, quanto mais sincera eu for, mais a minha audiência me admira.” Disponível em:

peessoas seja mais íntima e, em tese, menos intermediada. O que se constitui como singular, no caso de Preta, é que esse valor está colocado com relação a um outro, a vulnerabilidade.

A artista se coloca como alguém que é genuína e, por isso, não esconde os seus momentos de fragilidade. Ela é aquela que não se esconde e não tem vergonha em se mostrar como é. Ela nos lembra, a todo momento que, apesar de ser uma pessoa famosa, também é humana, como todas nós. Essa autenticidade e vulnerabilidade não se restringe à exposição da sua vida pessoal, mas é também utilizada para dar visibilidade a pautas de grupos minorizados e questões sociais importantes, sublinhando, por meio dessas ações, o seu papel de *celebridade-resistência*.

Ou seja, no caso da artista, a sua dimensão de resistência passa pela necessidade de não encobrir a sua vulnerabilidade, mesmo em um momento de doença, como no tratamento contra o câncer. Ciente de sua responsabilidade social e da sua capacidade de convocar os seus públicos, a cantora também tem utilizado a sua visibilidade para conscientizar as pessoas sobre o câncer do intestino, sintomas, formas de prevenção e tratamento<sup>241</sup>.

Entre aqueles valores evidenciados nos *holofotes temático e interseccional*, também está a família. Ela está colocada como uma das bases da imagem pública de Preta, não somente pela cantora ser filha de Gilberto Gil, mas, também, pela maneira como ela evidencia a importância desse núcleo. Como apontamos, falamos de uma família dispar em diversos aspectos. Em primeiro lugar, vários de seus membros ostentam o status célebre, atuando em diferentes frentes, mas tendo a música como elemento central.

Os Gil também vão de encontro ao ideal da família tradicional brasileira, aquela muito presente em comercial de margarina, baseada nos papéis sociais exercidos pelo homem e pela mulher que são tementes a Deus, criam seus filhos e vivem felizes para sempre. Contra o conservadorismo, o clã acolhe as diferentes sexualidades e arranjos de relacionamentos. O divórcio, por exemplo, é uma temática que perpassa a trajetória de diferentes membros e é tratado com naturalidade. Ao mesmo tempo, a família exerce um importante papel quando falamos sobre representatividade negra trazendo à tona *imagens ressignificadoras* que acionam sentidos de amor, respeito, arte, talento e beleza.

A fama e o luxo são valores que o próprio senso comum frequentemente atribui às pessoas célebres. Parte das figuras públicas, por sua vez, atua para ratificar essa compreensão,

---

<https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.

<sup>241</sup> Durante a entrevista ao *Fantástico*, em 2023, Preta Gil comunicou o seu desejo de fundar um instituto, o *Carna Cura*, cuja intenção é criar uma plataforma de saúde, com a contribuição de médicos, para divulgar informações sobre saúde física e mental.



ostentando carros de luxo, casas monumentais, viagens ao redor do mundo e tantas outras coisas inimagináveis para a maioria das pessoas. Atualmente, essa divulgação é feita, principalmente, nas redes sociais digitais, e as conquistas são mostradas com orgulho pelas celebridades. A fama e o luxo evidenciam que a vida da celebridade e dos seus públicos é muito diferente. Por isso, ela é desejada pelos sujeitos ordinários que projetam os seus desejos na experiência dos famosos (Simões, 2014a).

Em nossa análise, também identificamos esse valor associado à Preta Gil, principalmente em suas produções artísticas. Em muitos casos, a cantora não abre mão de uma produção completa, com cabelo, maquiagem e figurino. Ela também reforça a atmosfera da fama, com os holofotes voltados para ela, em carros, roupas e acessórios de luxo. Nas redes sociais digitais, ela também mostra a sua casa e os registros das viagens que realiza. Aqui, vem à tona um privilégio de Preta, iluminado pela haste classe. Ela é uma mulher rica e, ainda que atravessada por diferentes opressões, goza de benefícios que decorrem desse lugar.

O que queremos destacar, porém, é que vincular à sua figura os valores da fama e do luxo é algo que se configura de maneira diferente para uma corporalidade atravessada por diferentes opressões, como é o caso de Gil. Assim, ela não é apenas mais uma celebridade que ostenta sucesso e riqueza, é uma mulher, gorda, negra, bissexual que assim o faz. Em um país em que as dimensões estruturais do preconceito determinam os acessos, as oportunidades, e, em última instância, a própria vida que cada sujeito leva, Preta se dá ao direito de ser alguém que aciona esses sentidos de poder.

Acionando a sua dimensão de resistência, Preta Gil nos faz refletir sobre os valores que compartilhamos e aqueles que devemos enfrentar: quem somos nós como sociedade e para onde queremos ir? Preta se coloca em posição de enfrentamento frente a valores hegemônicos, confrontando estruturas de poder. Acionando a sua autenticidade e, quando preciso, demonstrando-se vulnerável, convoca os seus públicos para aderir às lutas que encampa. As opressões que a atravessam conformam, também, as suas frentes de luta. Em ações pioneiras, ela é voz de uma sociedade inscrita em um campo progressista, em que os preconceitos não são mais tolerados como parte constitutiva da vida em sociedade.

A artista reconhece o seu papel na sociedade, enquanto uma *celebridade-resistência*, porta-voz de diferentes pautas, representante de grupos minorizados e, devido ao seu poder de afetação, uma das forças de transformação da realidade social. “*A vida, mais uma vez, me mostrou que minha existência é sobre representatividade, que sim, meu corpo, minha luta,*

*minhas vitórias inspiram e podem colaborar pra uma transformação coletiva.*”<sup>242</sup>

Os *valores-resistência* da diversidade corporal, da igualdade de gênero e da igualdade de raça evidenciam importantes pautas sobre as quais é preciso assumir uma posição de enfrentamento. Frente às estruturas opressoras, não cabe a imparcialidade, só assim será possível avançar em direção a uma sociedade mais justa e igualitária, em que todas as existências sejam respeitadas, como resultado de um empoderamento coletivo.

O que vemos em comum, dos *valores-resistência* que emergem a partir de Preta Gil, é o atravessamento da dimensão simbólica. São lutas que, necessariamente, passam por um enfrentamento das representações que temos sobre grupos minorizados. Se os estereótipos são representações que limitam, fixam e tendem a ser perenes (Hall, 2016), é preciso atuar para que, ainda que eles não sejam eliminados, tornem-se, ao menos, passíveis de questionamentos e críticas.

Nesse processo em que, ao mesmo tempo, é preciso desconstruir para reconstruir, nos parece que a construção de *imagens ressignificadoras* é um caminho possível na luta contra as opressões. A imagem de Preta aciona sentidos de sensualidade, luxo, ousadia e beleza. Ela é uma mulher gorda, negra, bissexual e com quase 50 anos, famosa e rica, que se reconhece como uma mulher poderosa. Se olharmos para a maneira como a mídia constrói e reproduz sentidos sobre os grupos dos quais Preta faz parte, é possível perceber que o que ela representa desafia as representações predominantes. A partir dessas reflexões, é possível depreender que as ações de Gil se constituem como uma fresta neste contexto midiático hegemônico.

Tal posicionamento dá a ver outra dimensão das *celebridades-resistência*, uma vez que elas podem fomentar processos de ressignificação das representações sobre grupos minorizados. Em diálogo com a temporalidade em que está inscrita, revelando a dimensão contextual das *celebridades-resistência*, a artista desnaturaliza as representações hegemônicas. Ao fazer isso, traz à tona os vieses sociais, políticos e ideológicos que atravessam a sua conformação, configurando sentidos dominantes.

Ao acionarmos os holofotes *temático*, *interseccional* e *pragmatista* lançamos luz sobre as ações de Preta Gil e refletimos sobre quadros valorativos do nosso tempo: quem somos enquanto coletividade. No próximo capítulo, faremos o mesmo movimento diante de outra figura pública brasileira, a influenciadora digital Thais Carla.

---

<sup>242</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C0Rlr-yrD3Y/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C0Rlr-yrD3Y/?img_index=1). Acesso em: 5 abr. 2024.

## 6 SOB OS HOLOFOTES, THAIS CARLA

Após a análise das ações de Preta Gil, voltamos o nosso olhar, neste momento, para a influenciadora Thais Carla. No *holofote temático*, iluminamos as questões relacionadas à gordofobia, matéria central do nosso estudo. Após, acionamos o *holofote interseccional* para pensar sobre outras opressões e seus atravessamentos a partir de Carla, também em diálogo com o peso. Por fim, tomamos como base os achados nos dois primeiros holofotes para, no *holofote pragmatista*, dar ênfase aos valores que emergem a partir da imagem pública da influenciadora. O objetivo é delinear como Thais Carla se constitui como uma *celebridade-resistência* ao se vincular a grupos socialmente minorizados e ao adotar um posicionamento de enfrentamento a preconceitos na contemporaneidade.

### 6.1 HOLOFOTE TEMÁTICO: A LUZ QUE INCIDE SOBRE A GORDOFOBIA

No *holofote temático*, em que damos ênfase à haste peso da roleta interseccional (Carrera, 2021b), olhamos para os posicionamentos de Thais Carla que tensionam, em primeiro plano, a gordofobia. Partindo desses achados, articulamos as reflexões com base em nossa concepção do preconceito, fundamentada em seus eixos estruturantes: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*.

Primeiramente, refletimos sobre como Thais reivindica a identidade social gorda e o modo como as *imagens ressignificadoras* que produz podem confrontar os estereótipos sobre as mulheres gordas (eixo *linguagem e representações*). Em um segundo momento, investigamos como as ações da influenciadora, uma mulher gorda maior – um corpo intolerável – confrontam o ideal de beleza feminino, fomentando a elaboração de uma concepção mais plural do belo (eixo *pressão estética*).

No terceiro tópico, trazemos à tona o entendimento do *corpo provisório* e discutimos como a problematização da dimensão basilar do acesso e a ocupação de espaços, como a dança, podem configurar novos lugares possíveis para as pessoas gordas (eixo *acesso e acessibilidade*). Em nosso quarto movimento, discorreremos sobre como o humor gordofóbico achincalha até mesmo a morte e, de outro lado, observamos o modo como Thais também aciona a ironia para debochar dos gordofóbicos (eixos *patologização* e *culpabilização*). Ao final, olhamos para a face mais cruel da gordofobia, o ódio, para refletir sobre os processos de

desumanização e a maneira como Carla lança mão da judicialização frente a essas manifestações odiosas (eixo *animalização*).

### 6.1.1 “*Plus size é sobre roupa, eu sou gorda!*”: a reivindicação da identidade gorda e a construção de *imagens ressignificadoras*

Como discutimos ao longo desta tese, a palavra “gorda” assume, na contemporaneidade, o lugar de um adjetivo que se refere a um atributo não desejável. A partir de Arruda (2021b), entendemos que, diante desses sentidos associados ao termo, como um xingamento, convencionou-se o uso de eufemismos para se referir às pessoas gordas. Expressões como “gordinha”, “fofa”, “forte” e “cheinha” passaram a ser usadas, especialmente em referência às mulheres, como uma estratégia para não se usar “gorda”, vista como um insulto.

Tal visão é evidenciada na entrevista de Thais Carla à apresentadora e jornalista Fátima Bernardes no programa *Encontro com Fátima Bernardes* (2021), da Rede Globo (Figura 55). A influenciadora chama a atenção para o modo como ser gordo é visto como um desvalor e utilizado como uma afronta, com o objetivo de diminuir ou atacar alguém. “*Mas ser gordo é só um sinônimo da sua forma física. Não quer dizer que você é menos por isso*”, ela alerta.

**Figura 55** – Frame do vídeo da entrevista de Thais Carla – *Encontro com Fátima Bernardes*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no site da *Globoplay*<sup>243</sup>.

Essa dinâmica dá a ver o modo como a linguagem não é um campo neutro, mas sim, um espaço de disputas. Ela é resultado de uma construção social, localizada espaço-temporalmente e que em nada se aproxima de um espelho do mundo “real” (Hall, 2016). Por

<sup>243</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9930191/>. Acesso em: 14 maio 2024.

isso, ser gordo em nossa sociedade não é somente ostentar uma determinada característica física, mas carregar, em sua corporalidade, diferentes estereótipos.

Na matéria para a *Vogue Brasil*, de 2019, o título demonstra como Thais Carla entende a importância da linguagem e das representações quando falamos sobre grupos minorizados: “Um papo com Thais Carla: ‘Para mim, a palavra plus size é sobre roupa. Eu sou gorda!’” (Belleze, 2019). Ao reivindicar o seu lugar como mulher gorda, a bailarina vai de encontro a um movimento que se apropria de uma terminologia da moda, *plus size*, para denominar sujeitos gordos. Essa expressão é comumente atribuída a um tipo de corpo específico, a *gorda palatável*, que não representa a diversidade dessas corporalidades. Nesse processo, apesar do termo em inglês se referir a um tamanho de roupa, uma categoria da moda, Aires (2019) identifica uma identidade *plus size* forjada em uma sociedade capitalista sob a lógica do consumo.

A mulher gorda é inserida no circuito de consumo magro, precisando também ser saudável e leve (embora gorda): ela malha, se alimenta corretamente e incorpora práticas cosméticas e estéticas para ficar bela e desse modo atingir a felicidade, que se vincula ao consumo na contemporaneidade. Desse modo, a mulher *plus size* é um produto de noções pós-modernas de construção da identidade: seu corpo é promovido pelo mercado em decorrência de suas lógicas de produção. Nesta perspectiva, as consumidoras de moda *plus size* têm existência somente dentro do mercado neoliberal. (Aires, 2019, p. 179).

Ao demarcar a sua identidade gorda – e não *plus size* –, Carla evidencia aquilo que a atravessa e conforma a sua subjetividade, deslocando-a do que é normativo para estar à margem na sociedade, em um lugar de sujeição (Carrera, 2021a). Por esse viés, Thais se vincula a um grupo socialmente minorizado, o das pessoas gordas. Ou seja, a partir do momento em que ela reivindica a sua identidade gorda, ela passa a fazer parte, também, de uma coletividade. Em outros espaços midiáticos, como o *Instagram*, a bailarina visibiliza essa dinâmica ao usar termos como “população gorda<sup>244</sup>” e “pessoas gordas<sup>245</sup>”. Na mesma linha, ela se associa e aparece publicamente ao lado de outras mulheres gordas, como mostram matérias da revista *Vogue Brasil*, conforme Figura 56.

<sup>244</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C6zR4CWpHIC/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C6zR4CWpHIC/?img_index=1). Acesso em: 14 jun. 2024.

<sup>245</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6zdR9Bpbne/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

**Figura 56** – Thais Carla e mulheres gordas



Fonte: Capturas de tela de matérias da Revista *Vogue Brasil* digital (2019)<sup>246</sup>.

Essa vinculação identitária também se faz presente em contextos específicos, como a “maior tragédia climática da história” do estado do Rio Grande do Sul (RS), com alagamentos e desabamentos, ocorrida em 2024 (A Cronologia..., 2024, n.p). Diante da falta de vestimenta para pessoas gordas, que, em alguns casos, tiveram que se cobrir com lençóis, diversas celebridades se engajaram na campanha para doação e produção de roupas *plus size*. Thais Carla foi uma delas<sup>247</sup>.

É importante pontuar que, nesse contexto, a influenciadora também se alinhou a uma marca de moda *plus size*, da qual ela já é parceira: “*Eu me uni com a @modaliss.oficial também, para ajudar as pessoas que ficaram desabrigadas no Rio Grande do Sul. Várias pessoas gordas estão se cobrindo com lençol, por não ter o que vestir, por isso fizemos uma campanha para ajuda-los*”.<sup>248</sup> Ou seja, apesar de se engajar em uma pauta social, ela não deixa de acionar um viés mercadológico, característica intrínseca das celebridades, uma vez que estão inseridas em um contexto capitalista.

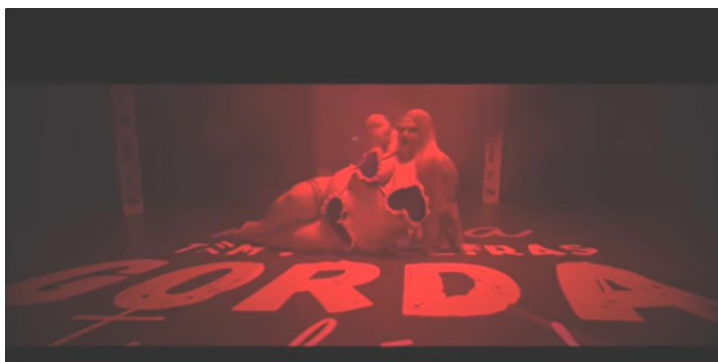
Esse movimento de reafirmação da identidade gorda também pode ser identificado no clipe da música *Não pode opinar*, de 2024. Na primeira imagem do vídeo, Thais, que veste um biquíni com formato de coração, está sentada em cima de um tecido em que a palavra “gorda” aparece em letras maiúsculas (Figura 57). Ao ostentar a palavra “gorda”, ela visa a fomentar uma reorganização de sentidos, inscrevendo-a em um lugar de orgulho, algo oposto às representações hegemônicas.

<sup>246</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/gente/noticia/2019/01/que-trio-thais-carla-aproveita-piscina-com-amigas.html>. Acesso em: 15 maio 2024. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/rizia-cerqueira-e-thais-carla-aproveitam-dia-ensolarado-na-beira-da-piscina.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

<sup>247</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6zdR9Bpbne/>. Acesso em: 14 maio 2024.

<sup>248</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6zdR9Bpbne/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

**Figura 57** – Frame do clipe *Não pode opinar* – ato inicial



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>249</sup>.

Em outra imagem do videoclipe (Figura 58), Thais busca promover mais um deslocamento, igualando as corporalidades magras e gordas. Ao afirmar que “*magra tem 5 letras; gorda também*”, a influenciadora questiona os diferentes sentidos atribuídos à magreza e à gordura em nossa sociedade. Desse modo, ela busca naturalizar a existência gorda, inscrevendo-a em um lugar de característica física, assim como ser magro, alto ou baixo, entre outras. Ademais, a imagem também pode ser lida como um questionamento sobre a forma como a magreza é vista como digna de elogio – independentemente do que a motivou – enquanto a gordura é sempre condenável, em qualquer contexto.

**Figura 58** – Frame do clipe *Não pode opinar* – 5 letras



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>250</sup>.

O mesmo movimento de tentativa de ressignificação pode ser observado no uso da expressão “*a maior do Brasil*”. Thais Carla inicia a sua música *Não pode opinar*<sup>251</sup> anunciando a parceria com o DJ e produtor Leco, artista do *funk*: “*DJ Leco JPA e a maior do*

<sup>249</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>250</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>251</sup> Composta por Alexander da Conceição Dimas e Israel Macêdo dos Reis, este último marido da influenciadora.

*Brasil*". Ao se autointitular como a "maior do Brasil", a bailarina joga com os significados da palavra "maior". Nessa dinâmica, ela coloca o seu tamanho em evidência, mas, ao mesmo tempo, vincula a sua figura a um sentido de relevância. Carla se distancia do significado de maior relacionado ao peso como algo negativo, e traz à tona outros sentidos da palavra, como algo superior. A fala se dá em consonância com a coreografia da música (Figura 59) em que ela faz um gesto com os braços que remete à fortaleza e poder, enquanto as bailarinas performam a coreografia.

**Figura 59** – Frame do clipe *Não pode opinar – a maior do Brasil*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>252</sup>.

Ao olharmos para os comentários presentes no *Youtube* e no *Instagram*, os sujeitos acionam o sentido literal da palavra, nos lembrando que, quanto maior o tamanho, mais cruel a gordofobia. Em resposta ao trocadilho feito com a expressão "a maior do Brasil", eles acionam esse significado pretendido pela bailarina, como aquilo que é pleno ou que se destaca em alguma atividade, para, então, zombar do tamanho da cantora, como demonstram os comentários abaixo. No último registro, o autor ainda adiciona mais uma camada de sentido, ao digitar, em letras maiúsculas, a palavra "MAIOR", mais uma referência ao tamanho do corpo de Thais (Quadro 36).

<sup>252</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.



Quadro 36 – *Linguagem e representações* – a maior do Brasil

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>253</sup>
5.6	10/01/2024	Ela é umas das <b>maiores pessoas</b> de todo brasil 😊
15	07/01/2024	<b>A maior do Brasil</b> ocupou todo o espaço da minha internet, obrigado YouTube por permitir um vídeo tão grande assim
34	05/01/2024	Mal lançou e já é a <b>MAIOR (IG)</b> <sup>254</sup>

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa reivindicação do seu lugar como mulher gorda, reconhecendo tudo o que isso implica, passa, também, pelo entendimento de Thais sobre a importância da representatividade. Nesta pesquisa, em consonância com Souza (2021a), compreendemos a representatividade como um processo que se constitui a partir de uma dimensão política e que se faz por meio da ocupação de espaços de poder, entre eles, o midiático.

Apresentamos a representatividade como uma busca não só por liberdade (a noção de não mais ter apenas representações que tendem a reduzir um grupo a determinadas características), mas também por justiça social – representações com camadas, complexas e plurais, trazem novos sentidos sobre esses grupos que são circulados e constituídos em práticas comunicativas. (Souza, 2021a, p. 155-156).

A maneira como um determinado grupo é representado importa mais do que somente a presença/ausência daquela coletividade em um determinado ambiente. Nesse processo, é preciso “se ver” através de outras pessoas para compreender que é possível estar presente em certos lugares, como a mídia. Por isso, a importância da representatividade está colocada desde a infância, já que ela influencia na maneira como meninas gordas, como Thais Carla, irão construir a sua autoestima e projetar seus sonhos (Figura 60).

<sup>253</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>254</sup> Devido ao número extenso de comentários extraídos no *Youtube* e no *Instagram* de Thais Carla, quando a discussão for observada nas duas plataformas, em alguns casos traremos à tona os registros conjuntamente, em um mesmo quadro. Para diferenciação, os comentários com origem no *Instagram*, serão identificados pelo sinal “(IG)”.

**Figura 60** – Thais Carla na infância

Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2019)<sup>255</sup>.

De acordo com o que conta Belleze (2019), assim como outras garotas da sua geração, a influenciadora Thais Carla, de 32 anos, não teve a oportunidade de ver mulheres como ela na mídia e que pudessem ser uma inspiração. Por isso, ela se demonstra honrada em desempenhar esse papel na atualidade. “Eu me sinto muito feliz de poder ajudar muitas mulheres. Eu queria muito ter tido isso quando eu era criança, de repente ouvir ou ver alguém com sucesso do meu tamanho, do meu jeito, e eu nunca vi” (Belleze, 2019, n.p).

Ainda que saibamos que há muito a avançar sobre essa questão, para uma criança dos anos 1990 e 2000, era ainda mais difícil. Existiam poucas mulheres gordas na mídia e, quando apareciam, em muitos casos, representavam um papel caricato e/ou jocoso. As produções estadunidenses tiveram um papel importante nessa construção, com filmes e séries que reforçavam os estereótipos sobre a pessoa gorda, como no longa *O amor é cego* (2001) e na série *Friends* (1994-2004), com a personagem Mônica, em *flashbacks* de sua juventude como uma mulher gorda que, anos depois, emagrece. Em ambos os casos, as produções fazem uso do *fat suit* para que atrizes magras pareçam gordas.

Como defendemos nesta tese, com base em Hall (2016), essas representações são utilizadas em nossas leituras sobre o mundo e, conseqüentemente, a respeito de grupos socialmente minorizados. Os comentários presentes nas plataformas de comunicação digitais analisadas nos dão indícios sobre o papel da mídia na construção e na reprodução da estereotipagem. Os sujeitos se referem a Thais Carla de maneira ofensiva, citando personagens de filmes, desenhos e séries, como no exemplo abaixo (Quadro 37):

<sup>255</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

**Quadro 37 – Linguagem e representações – personagens gordas**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>256</sup>
20.1	06/01/2024	No final do clip, parece <b>rasputia</b> voltando pro México no filme do Norbit kk

Fonte: Elaborado pela autora.

Na primeira mensagem, 20.1, a pessoa faz menção ao filme *Norbit – Uma Comédia de Peso*, lançado em 2007 e protagonizado por Eddie Murphy, que atua em dois papéis, como Norbit e Rasputia. Rasputia é uma pessoa gorda maior e é retratada como uma mulher desprezível, controladora, grosseira e que odeia mulheres magras. Para interpretar a vilã do filme, Murphy utilizou o *fat suit* que, conforme problematizamos no primeiro capítulo deste trabalho, também reforça estereótipos negativos sobre as pessoas gordas. Ao dizer que Thais se parece com a personagem, o comentador faz referência à aparência de Rasputia, mas, também, aciona toda uma gama de sentidos de teor negativo associados a ela.

Ainda lançando um olhar sobre as representações midiáticas, uma fala recorrente, identificada no *Youtube* e no *Instagram*, vislumbra como único futuro possível para Carla “estourar” de tão gorda. Alguns comentários, observados no *Youtube*, fazem trocadilhos com o primeiro nome da influenciadora, como em “*Thaís plodindo kkk*” (1.198) e “*Thais tourando*” (1.519). Acionando a ironia, eles utilizam a dubiedade das palavras, que também podem significar o sucesso de um artista e/ou música, para atacar a bailarina, como é possível observar nos registros abaixo (Quadro 38).

**Quadro 38 – Linguagem e representações – Dona Redonda**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>257</sup>
1	08/01/2024	Essa aí com certeza <b>vai estourar</b> , já a música eu não sei
6.69	07/01/2024	@nome_usuario sem dúvidas vai ser a maior cantora de todas vai <b>explodir</b> no mundo da música
9	06/01/2024	Sempre achei que ela ia <b>estourar</b> um dia 🎵 🎵 🎵 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

O uso frequente dos verbos “estourar” e “explodir” nos faz lembrar uma outra personagem, também estereotipada e caricata, mas, dessa vez, no contexto brasileiro: a *Dona*

<sup>256</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>257</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

*Redonda*, da telenovela da Rede Globo, *Saramandaia*<sup>258</sup>. O papel foi interpretado, na primeira versão da novela (década de 1970), por Wilza Carla e, no *remake*, em 2013, por Vera Holtz. Nas duas ocasiões, uma coisa não mudou: *Dona Redonda* é representada como uma mulher gorda maior que come compulsivamente até realmente explodir (Figura 61).

**Figura 61** – *Dona Redonda* prestes a explodir (1970 e 2013)



Fonte: Capturas de tela de imagens disponíveis na Revista *Cláudia* digital (esq.) e *Globoplay* (dir.)<sup>259</sup>.

A questão da forma física é tão central que é ela que define o nome da personagem: *Redonda*. Sempre com um prato de comida nas mãos, precisa “desengordar” para não estourar. Em uma passagem, come toda a comida de uma festa e passa mal; em outra cena, quebra a balança da farmácia. Em diferentes momentos, ela é ridicularizada pelas pessoas da cidade e passa por situações constrangedoras, sendo motivo de chacota. Ao final da história, recebe a punição por seu descontrole, a morte. Ela literalmente explode na frente de todos tendo partes do seu corpo espalhadas pela cidade. A cena nos permite refletir sobre a espetacularização do corpo gordo, colocando-o, também, em um lugar desumanizado. *Dona Redonda* é a personificação do que é considerado bizarro na narrativa de realismo fantástico de *Saramandaia*, mas, também, em nossa sociedade.

A figura de *Dona Redonda* também é representativa de um dos estereótipos mais comuns relacionados à pessoa gorda, a de comedora compulsiva (Arruda, 2021a)<sup>260</sup>. A

<sup>258</sup> Análise publicada na página do *Instagram Corpo Gordo e Mídia*, administrada pela autora. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CPa\\_0iHA\\_KS/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CPa_0iHA_KS/?img_index=1). Acesso em: 6 maio 2024.

<sup>259</sup> Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/saramandaia-dona-redonda-explode>. Acesso em: 6 jun. 2024; Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2834988/>. Acesso em: 6 jun. 2024.

<sup>260</sup> Sabemos que *Dona Redonda* é uma personagem fictícia inscrita em um contexto específico: uma novela que não tinha compromisso com o “real”, já que trazia uma história com personagens dotados de características fantasiosas, um “realismo fantástico”. Mas é importante refletirmos sobre o modo como esse tipo de representação midiática também constrói o modo como nos vemos e vemos as pessoas, moldando a forma como os sentidos sobre as mulheres gordas se constituem.

construção de diferentes personagens atua para a conformação dessa representação limitante, como Sherman Klump, o professor aloprado, do filme homônimo de Eddie Murphy; o comilão Bruce Bogtrotter, que devora um bolo de chocolate no filme *Matilda*; e, mais recentemente, em 2023, o chefe de polícia do filme *Wonka*, que passa por cima dos seus valores morais e da ética profissional para conseguir mais chocolate.

Essa visão também está presente na manifestação dos públicos em ambas as plataformas para as quais lançamos o nosso olhar. Nos comentários do Quadro 39, abaixo, os sujeitos atribuem a Thais Carla uma alimentação de má qualidade, com o consumo de produtos industrializados (1.558). Recorrentemente, eles reforçam a ideia da pessoa gorda como aquela que não tem controle sobre a sua alimentação (4.101; 10.51). Em tom de deboche, lançam mão de diferentes estratégias para demonstrar o modo como a influenciadora come várias vezes ao longo do dia e em porções incomuns, diferentemente da rotina alimentar de uma pessoa “normal”.

**Quadro 39** – *Linguagem e representações* – comedora compulsiva

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>261</sup>
1.558	08/01/2024	dieta com frutas legumes <b>não doritos gorduras e netflix</b> sim kk
4.101	11/01/2024	@nome_usuario <b>tenho dó da Floresta amazônia se a Thais Carla virar vegana</b> ksksksks
10.51	06/01/2024	<b>Ela jantou cedo, jantou tarde, jantou na merenda, jantou dormindo, ela janta demais 😊😊😊😊😊😊 (IG)</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao lado do estereótipo de comedora compulsiva, está o de pessoa sedentária, imagem também presente nas duas plataformas analisadas. Mesmo que Thais demonstre no clipe *Não pode opinar* e em diversas ações públicas, que é uma pessoa ativa, os comentários fazem uma leitura moral da sua corporalidade que leva à ideia da inatividade. Como consequência disso, ela é vista como alguém que tem a sua mobilidade reduzida “[...] *ela deita e n consegue levantar*” (2.4) (Quadro 40).

<sup>261</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

Quadro 40 – Linguagem e representações – sedentária

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>262</sup>
2.4	06/01/2024	Sim, Thais discorda disso, <b>ela deita e n consegue levantar</b>
33.2	05/01/2024	@nome_usuario no bbb tem provas de resistência e de corrida, não ia dar certo. <b>Por isso eles não costumam chamar pessoas como ela ou idosos (IG)</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo registro (33.2, acima) tem como contexto a suposição de que a ação de apagar todas as publicações do *Instagram*, feita por Thais em janeiro de 2024, teria relação com a sua participação no *reality Big Brother Brasil (BBB)*, da Rede Globo. Em um exercício de projeção, o usuário afirma que a bailarina não teria condições de participar do programa, já que não seria capaz de executar as chamadas “provas de resistência”, que exigem esforço físico.

Essa visão também está ancorada em uma ideia restrita da prática do exercício físico, que o distancia da busca pela saúde e pela qualidade de vida para restringi-lo a um único objetivo: o processo de emagrecimento. Atualmente, a influenciadora Ellen Valias, @atleta\_de\_peso, mulher gorda e negra, utiliza o seu *Instagram*, com 170 mil seguidores<sup>263</sup>, para desconstruir a ideia da atividade física vinculada somente à estética e à punição. Por meio do seu trabalho, a estudante de Educação Física luta pela acessibilidade da pessoa gorda no esporte e mostra que o corpo gordo é capaz.

Se alguém come compulsivamente e é sedentária, as consequências de suas ações a tornarão uma pessoa doente, outra representação fixa e limitante sobre a pessoa gorda e que dá a ver, também, o eixo estruturante da *patologização*, que trataremos mais à frente. Os registros nas redes sociais digitais demonstram o modo como os estereótipos midiáticos não se fazem presentes somente na esfera ficcional, mas, também, em *realities*, como o programa *Quilos mortais*.

Desde 2012, a atração do canal estadunidense *TLC*, com doze temporadas, mostra a história de pessoas gordas maiores que decidem passar pelo processo de emagrecimento, o que inclui a realização de uma cirurgia para perda de peso. O programa, que em maio de 2024 ganhou a sua versão brasileira (Bastos, 2024)<sup>264</sup>, explora a vida, a intimidade e o sofrimento de pessoas gordas que, devido ao seu peso, têm a mobilidade, a independência, a higiene, os

<sup>262</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>263</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/atleta\\_de\\_peso/](https://www.instagram.com/atleta_de_peso/). Acesso em: 6 maio 2024.

<sup>264</sup> Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/quilos-mortais-brasileiro-estreia-nesta-quinta-feira-9-saiba-como-assistir/#:~:text=%E2%80%9CQuilos%20Mortais%E2%80%9D%20estreou%20nos%20Estados,de%20130%20pacientes%20no%20total>. Acesso em: 15 jun. 2024.

relacionamentos e a saúde prejudicados. Em seus episódios, é comum a divulgação de cenas de exposição corporal e compulsão alimentar, como mostra a Figura 62, abaixo.

**Figura 62** – Imagem de divulgação do programa *Quilos Mortais*



Fonte: Site *Uai* (2024)<sup>265</sup>.

Nos comentários (Quadro 41), os sujeitos sugerem, de maneira irônica, que Thais participe da atração. Por essa perspectiva, a sua corporalidade, doente, demanda uma intervenção radical e midiaticizada, como a realizada no programa. Ainda que o próprio clipe demonstre que Thais é uma pessoa ativa e independente, o fato de ela ser uma gorda maior a limita a um lugar de uma pessoa que perdeu o controle sobre a sua própria vida.

**Quadro 41** – *Linguagem e representações* – programa *Quilos mortais*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>266</sup>
37	16/01/2024	Esse hit EXPLODIU de tão famoso que ficou, meus parabéns thais, em breve espero que essa música possa repercutir muito, para você ser reconhecida na gringa e participe do programa " <b>KILOS MORTAIS</b> ".
37.2	16/01/2024	Meu Deus nessa situação vou ter que botar ela num caminhão eu já assisti <b>quilos mortais</b> ela tá precisando

Fonte: Elaborado pela autora.

Ser uma comedora compulsiva, ser sedentária e ser doente é somente uma parte de todos os sentidos limitantes que são associados às pessoas gordas. Uma fala de Thais, no *Encontro com Fátima Bernardes*, sintetiza como os estereótipos operam na construção de uma visão negativa e generalista sobre as pessoas gordas.

<sup>265</sup> Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/entretenimento/series-e-tv/realities/2023/04/13/not-realities,321648/quilos-mortais-ganhara-versao-brasileira.shtml>. Acesso em: 6 maio 2024.

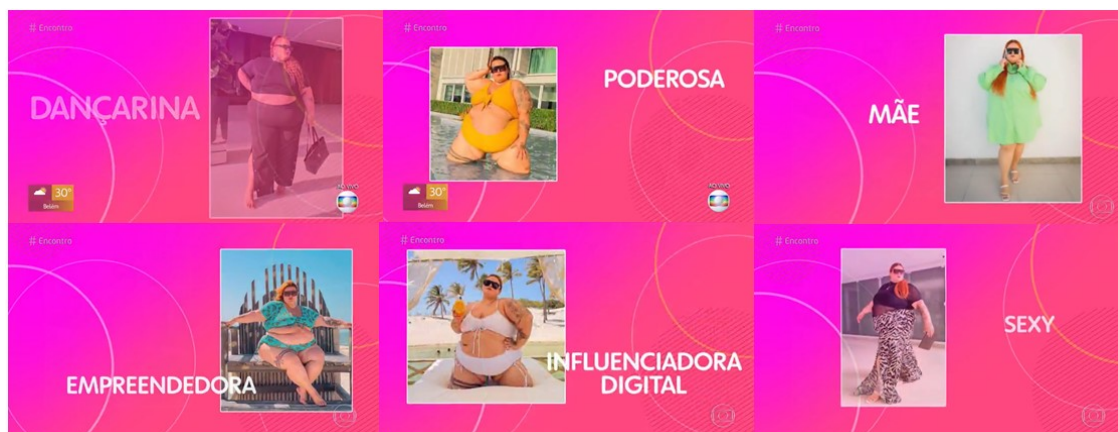
<sup>266</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

*Então, as pessoas julgam as pessoas gordas já de primeira. A gente tem isso muito ruim aqui no mundo, em geral. As pessoas julgam a gente antes de a gente nem falar que sabe fazer alguma coisa. É gordo, é inútil [...] não sabe trabalhar, vai morrer brevemente. É um pacote que as pessoas fazem da gente.* (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).

Diante desses estereótipos nocivos, a apresentação da influenciadora, feita na atração global, pode ser lida como uma confrontação a essas representações limitantes, fomentando, nesse sentido, o que denominamos como *imagens ressignificadoras*. Nestas imagens (Figura 63), Thais é mostrada como uma figura pública que tem diferentes facetas.

A fala de Bernardes reforça essa intenção: “*Mas a gente começa o programa de hoje com uma convidada maravilhosa que, assim como muitas de nós, não se define por um adjetivo só. E a gente preparou um clipe para mostrar a potência que ela é.*” No âmbito profissional, Thais Carla é dançarina, fashionista, empreendedora e influenciadora digital; na vida pessoal, é mãe e esposa; quando falamos sobre gordofobia, ela é uma referência na militância. Todos esses papéis são desempenhados por uma mulher que é poderosa e *sexy*.

**Figura 63** – Frames *Encontro com Fátima Bernardes* com Thais Carla



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no site da *Globoplay*<sup>267</sup>.

Os adjetivos, apesar de múltiplos, não se constituem como algo conflitante e demonstram o quanto a existência das pessoas gordas não se difere dos outros sujeitos: elas são diversas e ocupam diferentes lugares sociais. Thais é uma mulher gorda, mas a sua existência não se resume a isso. Por meio dessa ação, o programa fomenta uma complexificação, desconstruindo a ideia do peso como mote único ou principal da figura pública para alguém que é “[...] *tudo isso e muito mais*”, como afirmou Bernardes na ocasião.

<sup>267</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9930191/>. Acesso em: 2 maio 2024.



É importante pontuarmos que, entre as qualidades apresentadas no programa *Encontro*, muitas se referem a papéis que, devido aos estereótipos, não são entendidos como atribuíveis às mulheres gordas. Se ela é gorda, como pode ser bailarina? Se ela é gorda, como pode trabalhar com moda? Se ela é gorda, como pode ser bem-sucedida profissionalmente? Se ela é gorda, como pode ser esposa? Se ela é gorda, como pode ter saúde para gerar duas filhas?

Uma fala da influenciadora dá a ver o modo como os estereótipos operam como uma leitura moral sobre sua corporalidade, que é feita somente a partir da aparência, como destaca Thais a Fátima Bernardes. “*Eu acho que as pessoas têm que entender que, infelizmente, meu corpo chega primeiro, né? As pessoas têm que entender que eu sou além disso, sabe?*” (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021).

Em uma publicação no *Instagram*, a influenciadora parte dessa leitura limitante para confrontá-la ao participar da *trend* “Eu sou...”. Por meio dessa ação, ela ironiza as imagens estereotipadas que compartilhamos socialmente sobre as pessoas gordas. Entre elas, a ideia do gordo como alguém recluso e antissocial, que não é digno de ser amado e que tem vergonha do seu corpo e, por isso, não o expõe.

*Eu sou uma mulher gorda e é claro que as pessoas acham que eu não devo sair de casa, mas eu estou em Maldivas. Eu sou uma mulher gorda e é óbvio que as pessoas acham que eu não posso ser amada. Ah, mas eu te amo [fala do marido]. Eu sou uma mulher gorda e é claro que as pessoas acham que eu não posso usar um biquíni. Eu sou uma mulher gorda e é óbvio, onde eu passo eu chamo a atenção<sup>268</sup>.*

No clipe da música *Não pode opinar*, também é possível reconhecer outras *imagens ressignificadoras* que buscam desestabilizar sentidos limitantes atribuídos às mulheres gordas. Em uma delas (Figura 64), a influenciadora faz um movimento com as mãos que nos remete a um enquadramento do seu rosto.

<sup>268</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C40h4aBrI4i/>. Acesso em: 17 maio 2024.

**Figura 64** – Frame do clipe *Não pode opinar* – enquadramento do rosto

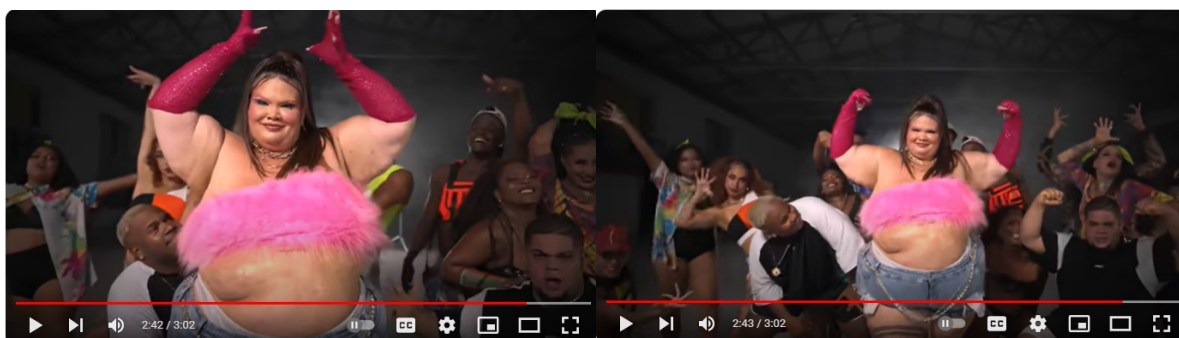


Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>269</sup>.

Ao fazer a ação de “emoldurar” a sua face, a influenciadora desafia uma convenção: se a sociedade não a vê como uma mulher bonita e digna de ser admirada, ela mesma a inscreve nesse lugar de contemplação. O gesto se configura, assim, como uma contraposição às representações hegemônicas que inscrevem a pessoa gorda em um lugar de feiúra.

Em outro momento do clipe, um gesto remete à ideia de realeza e poder, sentidos que também vão de encontro ao que denominamos, nesta tese, como um regime gordofóbico de representação, com base em Hall (2016). Thais está em primeiro plano, no centro, e, ao fundo, é possível percebermos bailarinos que a circundam. Eles estão em uma parte mais escura da imagem, o que confere a ela, com figurino rosa, um lugar de destaque (Figura 65).

**Figura 65** – Frame do clipe *Não pode opinar* – rainha e poderosa



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>270</sup>.

No primeiro registro, Thais coloca as suas mãos em cima da cabeça, em um movimento que nos faz lembrar a colocação de uma coroa. Ao longo do vídeo, vemos que esse mesmo ato também é feito no momento da música em que se diz “*ponha na sua cabeça*”. Ao se autocoroar, a bailarina reforça a maneira como se vê e quer ser vista: uma mulher

<sup>269</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>270</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

poderosa que pode ser admirada e respeitada por ser quem é. Esse também é um gesto de ousadia, uma vez que ela não espera uma validação da sociedade que a coloque nesse lugar, ela própria se autointitula uma rainha.

Em outra cena, com a mesma ambientação, Thais eleva os braços, fazendo o gesto de força com os punhos fechados. Na imagem, dois bailarinos estão em primeiro plano, um deles observa a ação e outro reproduz o mesmo gesto. Como uma mulher poderosa, ela é digna de ser admirada e torna-se referência. As pessoas dão importância para o que ela faz e ela emerge como uma figura que inspira, o que dá a ver, também, o seu poder de influência.

Além dessa associação a uma força simbólica, que nos remete ao empoderamento, o movimento, que deixa em evidência o bíceps, é comumente utilizado para demonstrar, também, força física e desenvolvimento muscular. Por esse viés, é possível depreender que a bailarina confronta a ideia da pessoa gorda como alguém sedentária, que possui um corpo fraco e incapaz (inclusive de dançar). Em consonância com isso, a sua postura não remete a um lugar de submissão, mas, apesar das opressões, Thais é uma mulher que encara o preconceito e convida outras pessoas a também se empoderar.

Assim como Preta Gil, as imagens construídas por Thais Carla também inscrevem a mulher gorda em um lugar de sensualidade. Nas fotos divulgadas na entrevista à *Vogue Brasil*, ela aparece de biquíni ao ar livre e em meio à natureza. Na primeira imagem, ela está de costas e veste uma peça preta com uma saia de tule que, com sua transparência, deixa o corpo à mostra. A bailarina leva o dedo polegar à boca e tem a mão sobre a sua cabeça, em um gesto que indica sensualidade (Figura 66).

**Figura 66** – Sensualidade – Thais Carla



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital (2019)<sup>271</sup>.

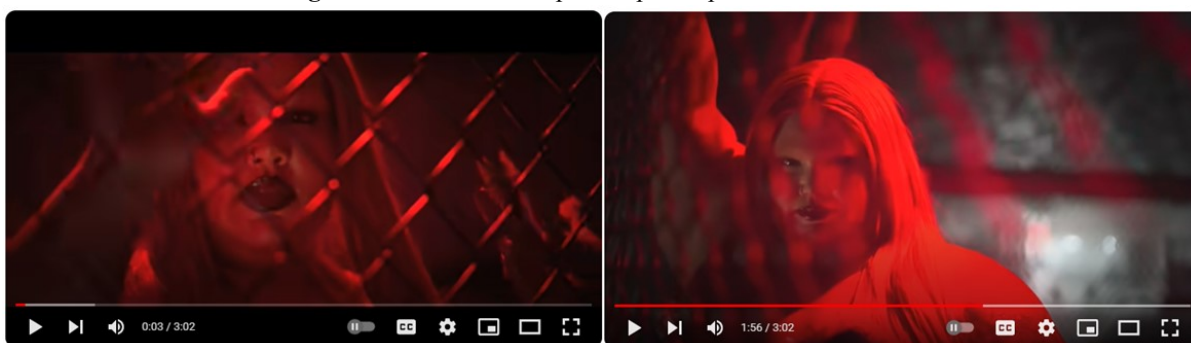
<sup>271</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Na segunda foto, a influenciadora veste um biquíni vermelho e apoia um de seus pés em um lugar mais alto, dando destaque para suas pernas e glúteos. Ela segura uma mangueira azul que jorra água sobre o seu corpo. Não é possível identificar se ela utiliza a parte superior do traje, o que traz mais uma camada na construção da luxúria. Aqui, a ideia da sensualidade se coloca de forma ainda mais explícita, sendo possível identificar sentidos de provocação e, em alguma medida, erotização.

Em ambas as fotos, o corpo gordo maior é mostrado sem censura ou edições. Thais não esconde as suas marcas corporais, como celulite, manchas na pele e tatuagens. Ela se mostra à vontade e feliz consigo mesma e coloca o seu corpo no sol. As imagens demonstram que não é preciso ser magro para aproveitar a vida, como a ideia do *corpo provisório* busca delimitar.

Também no clipe da música *Não pode opinar*, Thais performa nesse lugar sensual. Em uma das cenas (Figura 67), ela aparece atrás de uma grade de metal, iluminada por uma luz vermelha. A bailarina utiliza uma peruca loira, além de uma maquiagem luxuosa e marcante, com o uso de um batom escuro. Em suas poses e gestos, incorpora a personagem de uma mulher sensual e que encara a câmera de maneira destemida e provocativa: ela ocupa o lugar da mulher que provoca e que pode ser desejada.

**Figura 67** – Frame do clipe *Não pode opinar* – sensualidade



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>272</sup>.

Ao reivindicar a sua identidade como mulher gorda, Thais pleiteia, também, o seu direito de existir tal qual é. Além disso, indica que a sua vivência é compartilhada por outros sujeitos que, como pessoas gordas, se constituem como um grupo socialmente minorizado. Pela leitura moral a que o corpo gordo é submetido, ele é associado a estereótipos, como o de comedor compulsivo, sedentário, doente, recluso e que não é digno de ser amado e desejado.

<sup>272</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Diante dessas representações limitantes, forjadas na/pela mídia, Carla busca construir uma imagem complexa sobre si mesma, demonstrando o modo como a sua existência não se limita a ser uma mulher gorda, o que inclui performar o lugar de sensualidade. Ao construir *imagens ressignificadoras*, Thais demonstra que é possível uma existência além da estereotipagem, que reduz, essencializa e, ao mesmo tempo, naturaliza imagens para manter uma lógica de poder (Hall, 2016).

### 6.1.2 O corpo intolerável em público: uma gorda maior enfrenta o padrão de beleza

A música *Não pode opinar*, primeiro *single* de Thais Carla, tem uma mensagem simples e direta de confrontação ao entendimento do corpo da mulher como algo público. Nesse recorte, é possível identificar uma consonância nos posicionamentos das duas celebridades que analisamos, já que, como apresentamos, Preta Gil também critica o julgamento alheio do corpo feminino.

*Se não é seu corpo, você não tem que opinar*  
*Se não é seu corpo, você não tem que opinar*  
*Se não é seu corpo, não se esqueça*  
*Ponha na sua cabeça*  
*Não é seu corpo, você não tem que opinar*  
 (Dimas; Reis, 2024).

As imagens do clipe de *Não pode opinar* compõem uma linguagem verbo-visual coerente com a letra da música. Em parte da coreografia, feita por Carla e seus bailarinos, eles levam o dedo indicador à boca, em um sinal de silêncio (Figura 68). A mensagem, em tom de deboche, reforça o que é dito na canção: diante do corpo de alguém, não se deve tecer críticas. É, então, uma contraposição direta ao *body shaming* que, conforme discutimos, caracteriza-se como a prática de ridicularizar o corpo de alguém, algo que acontece em diferentes espaços sociais, da família ao mercado de trabalho.

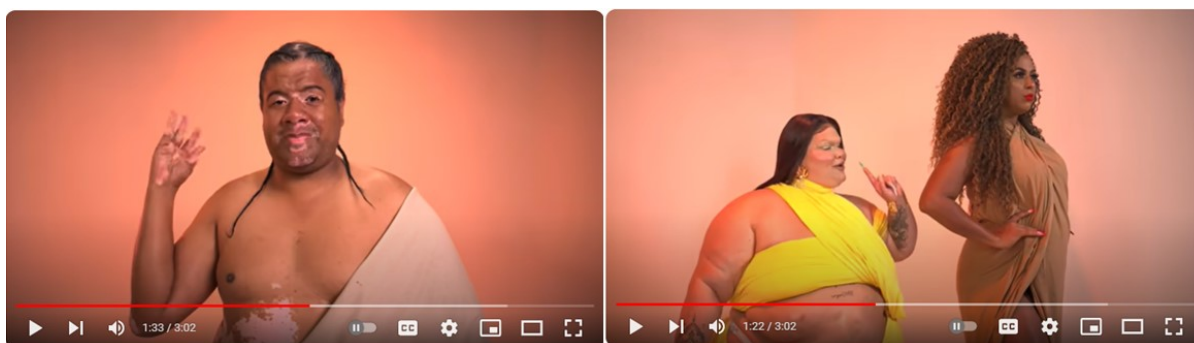
**Figura 68** – Frame do clipe *Não pode opinar* – silêncio



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>273</sup>.

Em outras imagens do videoclipe, gestos diferentes, mas com a mesma intenção, são feitos. Com as mãos, um homem negro e com vitiligo mostra o descontentamento com alguém que “fala muito”. A imagem reforça a percepção de que quem opina sobre o corpo do outro ultrapassa limites e precisa compreender que esse não é um assunto sobre o qual se deve opinar. Em outra cena, Thais aparece ao lado de uma mulher negra e assume uma posição didática para reforçar a mensagem central da música. Em referência ao corpo da modelo, ela faz um movimento com o dedo indicador de “não”, corroborando com a mensagem da canção (Figura 69).

**Figura 69** – Frame do clipe *Não pode opinar* – postura didática



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>274</sup>.

A gesticulação, apreendida no clipe, pode ser lida, ademais, como uma resposta a todos os comentários sobre o corpo de Thais que são proferidos em diferentes espaços midiáticos. Eles estão presentes, de forma acentuada, no *Youtube* e no *Instagram* da bailarina,

<sup>273</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>274</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

materiais de nossa análise. Os posicionamentos dão a ver o modo como a ideia de um corpo público se configura a partir de três camadas.

Em um primeiro nível, o ato de falar sobre o corpo de alguém é uma prática majoritariamente direcionada às mulheres. Em segundo lugar, essa prática é ainda mais naturalizada e autorizada quando falamos sobre mulheres gordas, como é possível observar nesse comentário do *Youtube*: “*É ela não que quer opina então não engorda Thais gordona*” (5.85). O adjetivo “gordona”, presente no comentário, evidencia a terceira camada da concepção do corpo feminino como público. Ele nos faz lembrar que, se a *pressão estética* é cruel com as mulheres e as pessoas gordas, ela é ainda mais com as gordas maiores, como Carla.

Isso ocorre porque, diferentemente de Preta Gil, Thais Carla não é lida socialmente como uma *gorda palatável*. Ela é uma gorda maior, não-curvilínea, tem a barriga grande, celulites e estrias à mostra, apesar de ser uma mulher branca. Ou seja, ela não corresponde a uma corporalidade que, mesmo inscrita em um lugar de dissidência, é parcialmente aceita. A bailarina pode ser lida, então, como um corpo intolerável em nossa sociedade, caracterizada pela imposição de um padrão de beleza único e excludente.

No registro 8.26 (Quadro 42), a comentadora intervém para se autopromover e afirma ser uma modelo “*curvy*”, do inglês, curvilíneo. Ou seja, ainda que ela seja uma mulher fora do padrão, ela performa, em muitos sentidos, o valor da magreza. Como estratégia na dinâmica interativa, a autora apresenta qualidades que demonstram como ela é diferente de Thais Carla: “*não incentivo ninguém a se matar aos poucos, mostro roupas bonitas, como se vestir bem, faço dancinha e mostro lugares lindos no stores*”. Pela fala, ela nos oferece indícios sobre como as mulheres gordas maiores são vistas: doentes, sedentárias e alheias à moda. De acordo com a visão da autora, a bailarina ainda usa sua influência para propagar hábitos de vida não saudáveis, que levam à morte.

**Quadro 42 – Gorda palatável**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>275</sup>
8.26	08/01/2024	@nome_usuario Vey, se a galera que tivesse aqui, me seguisse, eu seria melhor conteúdo em relação a ela. Sou modelo curvy, não incentivo ninguém a se matar aos poucos, mostro roupas bonitas, como se vestir bem, faço dancinha e mostro lugares lindos no stores. 😊😊😊 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>275</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

Nas manifestações, há uma disputa entre aqueles que, em consonância com o clipe, defendem que não se deve opinar sobre o corpo de outra pessoa e os que fundamentam as suas ações no entendimento do corpo da mulher como algo público. Um argumento que sustenta o *body shaming* é aquele ancorado na ideia distorcida de liberdade de expressão, o que leva, muitas vezes, a um discurso de ódio.

Por esse viés, falar sobre o corpo do outro estaria assegurado em um regime democrático. O primeiro comentário (10.36 no Quadro 43) é representativo dessa visão e dá ênfase ao fato de que, independentemente do que Thais diga ou faça, as pessoas continuarão dando opinião sobre o seu corpo: “*OPINIÃO É DIREITO*”.

**Quadro 43** – Pressão estética – corpo público (*Instagram*)

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>276</sup>
10.36	05/01/2024	@nome_usuario ela.pode juntar todos os advogados do Brasil mas essa luta ela não vencerá. <b>OPINIÃO É DIREITO</b> DE QUALQUER UM DAR, SE ELA NAO QUER QUE NINGUÉM FALE NADA, VOLTE PARA O ANONIMATO
4.29	05/01/2024	@nome_usuario <b>Liberdade de expressão sobre como uma pessoa escolhe viver, não é liberdade de expressão.</b> É intromissão. #FicaADica
15.240	07/01/2024	@nome_usuario ... Passa 30seg de olho e me diz se 90% dos comentários não são tirando sarro do corpo dela .... <b>Infelizmente é sobre o corpo sim. Sou gorda</b> e no geral as pessoas tem esse mal hábito de achar q pode tdo

Fonte: Elaborado pela autora.

Em contrapartida, outras manifestações, como o comentário 4.29, acima, inscrevem a corporalidade em um âmbito privado, desconstruindo a ideia de que, nesse contexto, a liberdade de expressão assegura o direito dos sujeitos em se manifestarem sobre o assunto. O segundo registro (15.240), também acima, se interpõe ao entendimento do corpo da mulher como público a partir de um relato pessoal, decorrente de um processo de identificação.

A usuária chama a atenção para o fato de a maioria dos comentários no *Instagram* ter como assunto a aparência de Thais. A partir da sua vivência, defende que qualquer outra justificativa para a ação não é verossímil, já que o incômodo é gerado somente pela corporalidade da influenciadora, distante do ideal de beleza contemporâneo. Nessa perspectiva, ainda que acionem diferentes justificativas, as pessoas se veem autorizadas a opinar sobre o corpo gordo porque é uma corporalidade vista como errada, a ser ajustada: “*Sou gorda e no geral as pessoas tem esse mal hábito de achar q pode tdo*”.

<sup>276</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.



Nas duas plataformas, *Youtube* e *Instagram*, um acontecimento aparece com reincidência como uma forma de justificar os comentários sobre o corpo de Thais. As pessoas relembram um vídeo<sup>277</sup>, de 2020, em que a bailarina chama a modelo brasileira Gisele Bündchen de “*tripa*” e a compara a uma folha de papel: “*É um papelzinho... Você não sabe se quando ela vira é lado ou frente*”, sob risos. O ocorrido nos lembra que, quando falamos sobre a *pressão estética*, ninguém está imune, nem mesmo uma modelo internacionalmente conhecida e referência de beleza mundial, como Bündchen.

Ao olhar para os registros, eles dão a ver o entendimento de que, a partir do momento que Thais fala sobre o corpo de outra mulher, deve aceitar que as pessoas façam a mesma coisa, sem se indignar (10.29 no Quadro 44). A fala da influenciadora não se configura somente como algo que, por esse ponto de vista, autoriza o *body shaming*, mas também o transveste de uma suposta vingança ou justiça devida à Bündchen.

**Quadro 44** – *Pressão estética* – caso Gisele Bündchen

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>278</sup>
10.29	05/01/2024	Como se ela não reclamasse de tudo que carro não cabe ela , sofá tbm não, o assento do avião tbm não, <b>ela pode falar de tudo até falar do corpo dos outras mas o dela não pode (IG)</b>
1.360	08/01/2024	@nome_usuario garota vc n sabe nem da metade do que essa futura famosa já falou

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa perspectiva, Carla padece pelo que fez e, por isso, não é uma pessoa defensável. Como destaca o autor do comentário 1.360, acima, ela paga, no presente, por uma fala do passado. A escolha do termo “*futura famosa*” chama a atenção para o modo como o status de celebridade pode ser hierarquizado. Sob tal ponto de vista, Thais não é uma pessoa famosa “de verdade”, como Preta Gil, por exemplo. Ela se inscreve no ramo do que alguns denominam como “sub-celebridades”, status também atribuído a alguns influenciadores digitais.

De acordo com a abordagem do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG), ainda que seja possível observar diferentes formas de ser uma figura pública, tal qual enunciado por Rojek (2008), não existe uma hierarquia entre elas, mas diferentes modos de atuação. Nesse processo, a história de origem, o regime de visibilidade, os

<sup>277</sup> Disponível em: <https://twitter.com/winter47964/status/1743702941419061703?s=20>. Acesso em: 7 maio 2024.

<sup>278</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

posicionamentos e a relação com os públicos, entre outros fatores, conformam a imagem pública de uma celebridade.

As pessoas que acionam a fala de Thais, direcionada à Gisele, como justificativa para os comentários sobre o seu corpo, a acusam de ser uma pessoa incoerente, já que faz o que critica. Como cantar “*Se não é seu corpo, você não tem que opinar*” e fazer justamente o contrário? (15.229). Nessa visão, isso descredibiliza, também, o seu trabalho como ativista gorda, “*militante hipócrita*” (26.14), pois não há uma correspondência entre os seus posicionamentos e suas ações. Pela nossa leitura, as pessoas veem o ocorrido como um exemplo de *diversity washing*, conforme apresentamos no Quadro 45.

**Quadro 45** – *Pressão estética* – caso Gisele Bündchen – incoerência

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>279</sup>
15.229	07/01/2024	@nome_usuario exatamente , <b>já vi várias vezes ela chamando mulher magra de tripa seca e horrores</b> . Mais aí quando sobre ela o povo não pode falar nada (IG)
26.14	26/01/2024	@nome_usuario então thais carla <b>pode chamar a gisele de tripa seca</b> e a gente não pode opinar sobre o corpo dela? Kkkkkkkk tinha que ser <b>militante hipócrita</b>
21.18	19/01/2024	@nome_usuario <b>Isso a quanto tempo mesmo?</b> Ah tá, uns 10 anos já, burra, as pessoas tem o direito de evoluir...

Fonte: Elaborado pela autora.

Derivado do termo *greenwashing*, o conceito *diversity washing*, lavagem de diversidade, em livre tradução, é originalmente pensado a partir da realidade das organizações. Ele é usado para caracterizar a prática de se apropriar de um ideário de diversidade, como uma estratégia de *marketing*, mas sem que isso reflita em ações efetivas: “[...] o *diversity washing* é uma crítica à ideia de que a diversidade é apenas uma questão de aparência e não deve ser tratada como um direito fundamental” (Freire, 2023, p. 19).

Ao trazê-lo para o estudo de celebridades, é possível afirmar que aquele posicionamento específico de Thais, sobre Gisele Bündchen, se mostrou incoerente com aquilo que ela prega, considerando as pautas que encampa e a própria música *Não pode opinar*. Por isso o incômodo gerado entre as pessoas que acompanham a sua carreira. Sobre o ocorrido, Thais fez uma publicação<sup>280</sup> reconhecendo a fala infeliz e pedindo desculpas para a modelo.

<sup>279</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>280</sup> Disponível em: <https://www.tiktok.com/@marcellagarbim/video/7215396435188043013?lang=pt-BR>. Acesso em: 7 maio 2024.

Um comentário do *Youtube* (21.18 no Quadro 45), porém, chama a atenção para o modo como as celebridades estão em constante diálogo com o contexto em que se inserem e respondem às ações dos públicos. A pessoa autora afirma que a influenciadora “*tem o direito de evoluir*”, ou seja, não necessariamente aquela fala corresponde ao que ela pensa atualmente. Tal dinâmica mostra como a imagem pública possui uma dimensão contextual e relacional: ela se dá em um determinado momento histórico e é construída na relação com os sujeitos e, além disso, “[...] não é unívoca, é multifacetada, composta por diferentes representações e sentidos” (Lima; Simões, 2017, p. 15).

Ainda que a maior parte das pessoas aprove a prática do *body shaming*, outros comentários se contrapõem à ideia do corpo da mulher como algo público, se alinhando à mensagem contida em *Não pode opinar*. Para defender essa perspectiva, as pessoas utilizam diferentes estratégias, entre elas, a citação ou apropriação da letra da música, como no comentário 1.609 no Quadro 46:

**Quadro 46** – *Pressão estética* – corpo público (*Youtube*)

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>281</sup>
1.609	08/01/2024	<b>Como a música ja fala se nao e seu corpo vc nao tem que opinar</b> , entao segue sua vida e deixa ela em paz. Passar bem 😊😭
22.19	24/01/2024	Ela ta certa o corpo é dela ela faz pq ela quer, <b>se algo acontecer vai ser com ela</b> n com vcs seus linguarudos

Fonte: Elaborado pela autora.

No último registro (22.19, acima), a pessoa autora se manifesta diante dos inúmeros cenários trágicos, projetados no *Youtube*, sobre o futuro de Thais. Ela reforça que, da mesma maneira que a influenciadora tem a prerrogativa de fazer o que quiser com seu próprio corpo, as consequências de seus atos também serão experimentadas somente por ela. Ou seja, não há argumento plausível que justifique a maneira como os sujeitos se sentem autorizados a comentar sobre o corpo dela.

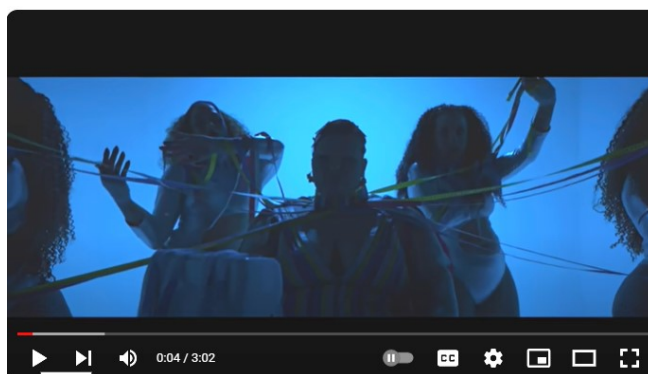
O entendimento do corpo da mulher como algo público é um dos braços da *pressão estética*. Comentar sobre o corpo feminino é algo naturalizado porque o padrão de beleza, inscrito no âmbito de uma sociedade patriarcal, visa a controlar essas corporalidades, determinando como elas devem ser e o que podem ou não fazer. Aqui, é possível vislumbrarmos uma menção à maneira como a *pressão estética* opera na contemporaneidade,

<sup>281</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

como uma questão de gênero. Ainda que seja possível observar alguns avanços na luta pelo direito das mulheres, as “imagens de beleza feminina” se tornam, a cada dia, mais desumanas (Wolf, 2018).

Em suas ações, Thais também questiona esse ideal de beleza restritivo. Em uma das cenas iniciais (Figura 70) do clipe *Não pode opinar*, é possível identificarmos a silhueta da bailarina no centro da tela, com quatro mulheres ao seu redor. Na imagem, com fundo azul, vemos, pela primeira vez, a fita métrica, elemento imagético central na produção. A imagem passa uma ideia de controle e dominação: a bailarina está aprisionada pelo pescoço e sendo controlada por outras pessoas, quase como uma marionete.

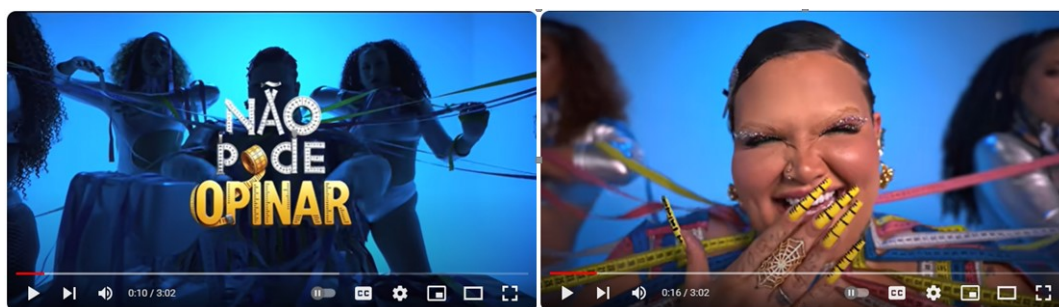
**Figura 70** – Frame do clipe *Não pode opinar* – silhueta



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>282</sup>.

A fita métrica aparece em outros momentos do vídeo, como na própria logo do clipe e nas unhas da artista (Figura 71). A escolha desse elemento para uma música que critica o padrão de beleza é significativa, pois ela é um instrumento de medição utilizado em diversas áreas, entre elas, a moda. Neste campo, determina as medidas ideais de uma mulher e circunscreve todos os outros corpos a um não-lugar.

**Figura 71** – Frame do clipe *Não pode opinar* – fita métrica

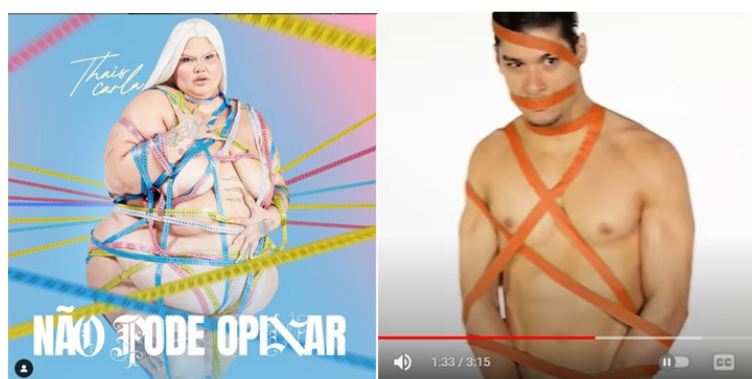


Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>283</sup>.

<sup>282</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

A mesma alusão à fita métrica é feita no material de divulgação do clipe, no início de 2024. Presente em diferentes momentos e de diversas formas, esse elemento nos permite apontar um diálogo entre as produções audiovisuais de Preta Gil e Thais Carla, seja pela referência notável à fita métrica ou pela exposição corporal (Figura 72). Não obstante, diferentemente de Preta, Thais faz uma crítica mais direta, com uma metáfora inscrita em um corpo feminino, sendo o seu corpo gordo maior controlado pelas medidas impostas pela *pressão estética*. A busca por esse padrão inalcançável adoce e limita, revelando desigualdades de gênero e aprisionamentos contemporâneos.

**Figura 72** – Relação Preta e Thais – fita métrica



Fonte: Capturas de tela de imagem do perfil no *Instagram* @thaiscarla e do clipe *Sou como sou* do perfil de Preta Gil no *Youtube*<sup>284</sup>.

Em consonância com essa crítica ao padrão de beleza, feita pela influenciadora por meio da metáfora à fita métrica no clipe de *Não pode opinar*, registros do *Instagram* e do *Youtube* demonstram como os sujeitos compartilham da ideia da *pressão estética* como uma opressão, que se inscreve em um contexto maior, sendo prática sociocultural. Em entrevista à *Vogue Brasil*, Thais demonstra como essa ideia do corpo único, forjada pelo padrão de beleza, se dá na prática: “Bom, a dificuldade da mulher gorda é existir [Risos]. Eu falo rindo sobre isso, porque o mundo é padronizado, ele não foi feito para pessoas de corpos diferentes, ele foi feito para um corpo só” (Belleze, 2019, n.p).

Nas manifestações (Quadro 47), as pessoas compreendem a música e o clipe de Thais como uma contraposição ao padrão de beleza sustentado pelos valores da magreza, da branquitude e da juventude: “Da mulher dos cabelos loiros, olhos azuis e corpo perfeito...” (21.1); ou da “*barbie*” (1.182). Esse ideal está distante da maioria das mulheres, o que gera

<sup>283</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>284</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1vBjaFJFTL/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i12aTXUYY0k>. Acesso em: 13 maio 2024.

processos de identificação (34.25) e um alerta sobre as consequências dessa conformação social: “*todo mundo tem que ser PADRÃO, se não for é jugado até a pessoa tirar a própria vida. Mais amor e menos julgamento!!!!*”.

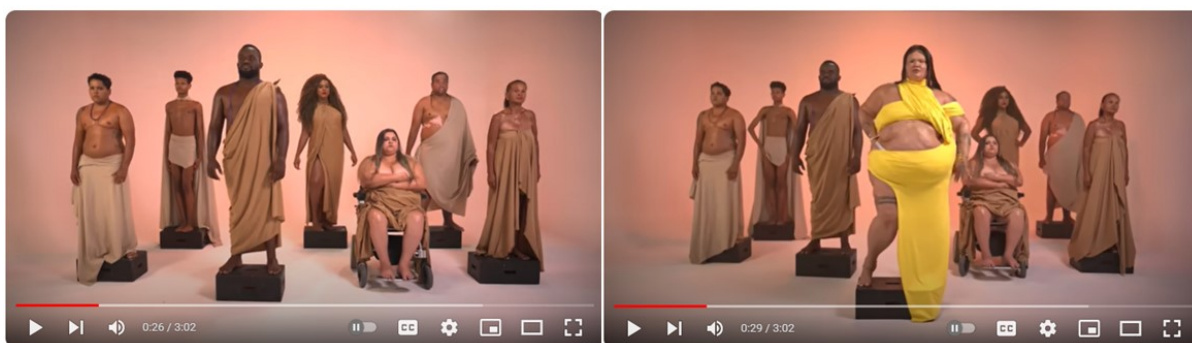
**Quadro 47 – Pressão estética – crítica ao padrão de beleza**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>285</sup>
21.1	19/01/2024	Thais Carla eu gostei muito da letra da sua música... <b>Ela luta contra o PRECONCEITO</b> que as pessoas tem sobre o corpo dos outros..As pessoas hoje acham que <b>nós temos que seguir o padrão deles..Da mulher dos cabelos loiros,olhos azuis e corpo perfeito....Sua música me serviu de apoio para que eu não ligue para opinião dos outros..</b> 😊❤️sou muito sua fã,se vc puder me fixa??❤️❤️❤️❤️
1.182	08/01/2024	@nome_usuario é pq todo mundo tem que ser uma espécie de <b>barbie para seguir um padrão aleatório....</b>
34.25	05/01/2024	Comentário desnecessário em, choquei é você ? A verdade é que vivemos em um mundo onde <b>todo mundo tem que ser PADRÃO</b> , se não for é jugado até a pessoa tirar a própria vida.Mais amor e menos julgamento!!!! (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

Para além de um questionamento ao padrão que está posto, há, também, um movimento de construção de uma beleza mais diversa, que acolhe a pluralidade de corpos. No clipe *Não pode opinar*, a diversidade das pessoas que compõem o elenco assinala essa intencionalidade. São pessoas negras, com deficiência, gordas, com vitiligo, trans e idosas. Diferentes belezas que confrontam um ideal nada plural (Figura 73).

**Figura 73 – Frame do clipe *Não pode opinar* – deusas e deuses do Olimpo**



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>286</sup>.

<sup>285</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>286</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Nas imagens, a influenciadora e o elenco ocupam o lugar de sujeitos a serem admirados e, mais do que isso, referências do belo. O figurino e as poses remetem à elegância e aos sentidos comumente associados à beleza, como a bondade, o superior e o divino (Jimenez-Jimenez, 2020). Assim, é possível notar uma preocupação em representar belezas diversas, que não se restringem à ostentação de valores como magreza, juventude e branquitude.

Em consonância com a letra da música, a magreza é o principal valor questionado. O próprio protagonismo de Thais, uma gorda maior, se coloca como uma defrontação da vinculação da gordura à feiúra. Em uma das cenas (Figura 74), ela ostenta esse desejo de liberdade, deixando à mostra parte da sua tatuagem “*corpo TODO, corpo GORDO, corpo LIVRE*”.

**Figura 74** – Frame do clipe *Não pode opinar* – tatuagem de Thais



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>287</sup>.

Alguns comentários presentes no *Youtube* (Quadro 48), assinalam para esse processo de ampliação da noção do belo ao exaltar a beleza de Thais, “*ela é linda poderosa e tudo de bom!*” (11.61). Além disso, refutam a necessidade de mudança para atender a esse padrão, confrontando, também, a ideia da corporalidade gorda como algo *provisório* (21.7).

**Quadro 48** – *Pressão estética* – exaltação beleza Thais

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>288</sup>
11.61	08/01/2024	@nome_usuario eu comcordo plenamente , <b>ela é linda poderosa e tudo de bom ! O que tem de beleza tem de bondade!</b>
21.7	19/01/2024	Ela faz o lue ela quiser <b>acho ela linda do jeito que ela</b> é o clipe mavelhoso eu tenho nojo das pessoas que fala mal dela sua sou fan ❤️😊

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>287</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>288</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

Por outro lado, outros sujeitos vão ratificar a ideia da gordura diretamente associada à feiúra (11.13). De acordo com essa visão, Thais é um modelo sobre o que não se deve ser. A sua imagem, repugnável, funciona, portanto, como um “incentivo”. Ao olhar para essa contrarreferência, as pessoas se sentem motivadas a adotar um estilo de vida saudável, com a prática de atividade física e uma alimentação vista como adequada (39; 39.7), conforme Quadro 49, abaixo.

**Quadro 49 – Pressão estética – “incentivo”**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>289</sup>
11.13	08/01/2024	@nome_usuario se essa é uma das mulheres mais lindas imagina uma das mais feias???? 😂😂😂😂😂😂 Que horror credo
39	06/01/2024	Grave mais músicas <b> você está ajudando as pessoas a ficarem motivadas a ir para academia e ficar nas dieta</b>
39.7	06/01/2024	@nome_usuario queria comer um pedaço de bolo, que está na geladeira, <b>passou a vontade quando eu vi esse vídeo</b> , mais vídeos dela pufavor

Fonte: Elaborado pela autora.

O estímulo é, portanto, malhar e fazer dieta para não ter um corpo como o de Thais. As afirmações reforçam a busca e a centralidade do padrão de beleza na sociedade contemporânea, em que as pessoas despendem tempo e dinheiro na busca por um corpo inalcançável. Tal dinâmica revela o modo como o culto ao corpo tem se conformado como um dos valores fundantes na sociedade contemporânea, como reflexo do individualismo (Simões, 2014b). Além disso, o modo como a construção da beleza também diz de um recorte de classe, já que, para atender aos padrões, é necessário ter dinheiro para arcar com produtos, procedimentos e serviços (Flor, 2009).

Esses posicionamentos são representativos da vinculação direta entre gordura e feiúra, como sinônimos, como destaca a própria bailarina, em entrevista ao programa *Encontro com Fátima Bernardes* (2021). Ainda sobre o assunto, ela traz um relato pessoal que demonstra o modo como ser gordo é visto como um demérito por si só, “*Você já é gorda*”, opostamente ao que ocorre com quem ostenta a magreza.

Eu lembro quando era mais nova, tipo adolescente, tinha o cabelo rosa e as meninas falavam assim: ‘Você já é gorda e ainda com cabelo rosa, ninguém vai querer você’, e eu respondia: ‘Mas, gente, eu estou querendo alguma coisa diferente, não quero ser padrãozinha, não estou querendo me encaixar’. Aquele comentário me fez um pouquinho mal, porque veio de uma pessoa que eu gostava muito, a minha prima.

<sup>289</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.



Não me fez muito bem, e aí eu pintei o cabelo de volta. Acho que essa foi a única coisa que eu fiz de extremo. (Belleze, 2019, n.p).

Assim, a opção pelo cabelo rosa – outra estética fora do padrão – resultaria em uma soma de inadequação. O discurso da influenciadora está alinhado com um valor de diversidade corporal, que vai de encontro à ideia de um corpo único de referência, também presente na sua participação no programa *Encontro com Fátima Bernardes*: “*A gente tem que entender que existem milhares de corpos, né?*”. Aqui, é importante pontuar que Thais não é uma mulher magra, mas, por outro lado, é branca e jovem. Ou seja, ela detém os eixos da raça e da idade em um lugar de privilégio, o que pode gerar alguma “vantagem” social para ela, apesar de ostentar um corpo gordo maior.

O subtítulo da matéria da *Vogue Brasil* anuncia: “Dançarina de Anitta conversou com a *Vogue Brasil* sobre seu trabalho constante para empoderar cada vez mais mulheres e espalhar sua mensagem *body positive*” (Belleze, 2019, n.p). Aqui, é possível observarmos que o empoderamento feminino é colocado como um valor associado à Thais. Ao mesmo tempo, a influenciadora é identificada como alguém que faz parte do movimento *body positive*, aqui no Brasil conhecido como *corpo livre*.

Entretanto, ativistas gordas já têm nos alertado sobre a limitação desse tipo de discurso, uma vez que, em uma estrutura em que o corpo gordo é excluído e rejeitado, o movimento de se aceitar não é suficiente para que a pessoa não sofra gordofobia. Ou seja, há insuficiências no ideário *body positive* que precisam ser tensionadas para que a gordofobia não seja invisibilizada. Além disso, é preciso lembrar a relação entre o movimento e o capitalismo, vinculada à meritocracia e ao consumo.

Ligando ainda os pontos da relação que o capital, o patriarcado e a mídia têm nessa história toda, para “amar a mim mesma”, eu precisaria consumir x e y produtos que vão me “empoderar”. Nisso tem a roupa que “valoriza”, o creme capilar que “revela”, o procedimento estético que “suaviza” e por aí vai. Usado por corporações para vender produtos. (Arruda, 2022a, n.p).

Inscrevendo as mensagens de Thais nas redes sociais digitais como empoderamento, amor-próprio e autoaceitação, notadamente ideais do *corpo livre*, na mesma entrevista à *Vogue Brasil*, Belleze questiona a bailarina se a sua relação positiva consigo mesma foi algo natural ou gradativo.

Sempre foi uma coisa bem natural, sempre em processos, mas nada muito doloroso. Nada que eu virasse e falasse: ‘nossa, eu me odeio’, ‘nossa, como eu sou ridícula’. Sempre me pus muito para cima! Aos 14, 15 anos, eu bati o pé e falei: é isso mesmo, sou deliciosa, sou maravilhosa, e bora lutar. Bora mostrar que todo mundo pode ser tudo o que quiser. (Belleze, 2019, n.p).

Essa autoestima elevada é alvo de crítica entre os comentadores do clipe *Não pode opinar*, no *Youtube*. Os registros (Quadro 50) indicam um estranhamento: como uma mulher gorda pode se achar bonita? Como a sua autoestima pode existir e resistir à *pressão estética*? (27). Em suas falas, as pessoas buscam construir a ideia de uma autoestima distorcida, que não condiz com a realidade, como no comentário 34.18 (“*se acha mais gostoz@ que a anitta*”). Por esse viés, se você é gorda, não corresponde ao padrão de beleza e, por isso, não pode/deve ter uma avaliação positiva sobre si mesma.

**Quadro 50 – Pressão estética – autoestima**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>290</sup>
27	10/01/2024	Cara é incrível a resistência dessa grandiosa mulher ( <b>tanto dos joelhos como da autoestima</b> )
34.18	22/01/2024	O corpo dela e do tamanho da galáxia <b>e olha que ela se acha mais gostoz@ que a anitta</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como discutimos até aqui, em uma sociedade machista e patriarcal, o corpo da mulher é visto como algo público. Quando falamos sobre uma gorda maior, essa corporalidade intolerável que em nada se aproxima de uma *gorda palatável*, o ato de tecer críticas sobre a aparência se torna ainda mais autorizado, naturalizado e cruel. Essa dinâmica mostra como a hierarquização das corporalidades se dá também entre as mulheres gordas: quanto mais gorda você for, mais distante do padrão de beleza você estará. Diante desse cenário, Thais naturaliza a sua corporalidade *gorda não-palatável* e a inscreve em um lugar de beleza, diferentemente do que se constitui como hegemônico em nossa sociedade.

### **6.1.3 Outros espaços, mesmas dinâmicas: a falta de acesso na sua dimensão basilar e na dança**

A gordofobia impõe diferentes limitações às pessoas gordas que têm as suas existências circunscritas aos espaços, físicos e simbólicos, que podem ou não ocupar. Essa experiência está relacionada a uma narrativa que busca definir o corpo gordo como uma prisão, sendo a libertação propiciada pelo processo de emagrecimento. Com o novo corpo, as pessoas gordas podem, enfim, viver a sua vida plenamente. Nessa perspectiva, não há nenhum

<sup>290</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

exercício crítico que questione o porquê de a responsabilidade caber ao indivíduo e não à sociedade que deveria garantir o acesso e a acessibilidade para todas as pessoas, um direito de todos.

Tal concepção se alinha à ideia do *corpo provisório*, por meio da qual a corporalidade gorda é vista como algo a ser ajustado, sendo apenas um estado que deve ser corrigido o mais rápido possível. Na entrevista ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*, Thais Carla dá exemplos que demonstram como a falta de acesso vai desde não caber em uma cadeira até não conseguir um emprego no mercado de trabalho.

*Eu digo que meu trabalho, ele vai além de blogueiragem. É um trabalho social, eu mexo com o que está lá, doendo dentro da alma. A pessoa gorda, ela não tem uma roupa, ela não tem uma cadeira, ela não tem um lugar no médico para sentar, para tirar uma chapa, ela não tem emprego. (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).*

Os espaços físicos são uma lembrança diária às pessoas gordas dessa provisoriedade. Banheiros, corredores e portas; cadeiras, catracas e macas: esses elementos dão a ver a dimensão mais basililar do acesso, aquela que impede a presença física em determinados lugares. Quanto maior o seu tamanho, menores as possibilidades de se fazer presente em uma sociedade que, tendo a gordofobia como um preconceito estrutural, não é pensada e projetada para pessoas gordas.

Nas manifestações da influenciadora que tensionam o acesso e a acessibilidade, observamos um posicionamento que lança luz sobre uma dimensão mais substancial desse eixo estruturante. Em suas falas, ela chama a atenção para as dificuldades impostas por questões arquitetônicas e pelos meios de transporte. Pela nossa leitura, essa preocupação diz, também, sobre as origens de Carla que, antes de alçar à fama, como uma pessoa da Baixada Fluminense, vivenciou as limitações práticas da gordofobia para quem é pobre.

No programa *Encontro*, a influenciadora demonstra que mesmo nos espaços mais privilegiados, o direito ao acesso da pessoa gorda não é garantido. Ela conta que, por 11 anos, teve uma academia de dança. Quando uma de suas alunas foi se apresentar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, não havia lugar em que ela pudesse se sentar e ela teve que se acomodar em uma escada.

Ao analisar as manifestações no *Youtube* e no *Instagram*, o que emerge como representativo do posicionamento dos sujeitos é uma descredibilização das questões relacionadas a esse viés mais primordial do acesso. Na dinâmica interativa, os comentaristas utilizam diferentes estratégias, entre elas, a apropriação da música *Não pode opinar* (28; 32) para ridicularizar a luta pelo acesso. Eles debocham de situações cotidianas vivenciadas por

peessoas gordas, como acessar a determinados espaços (28), viajar de avião (32) ou dirigir (19.10), de acordo com o que apresentamos no Quadro 51.

**Quadro 51 – Acesso e acessibilidade – dimensão basilar**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>291</sup>
28	05/01/2024	<b>Se não tem espaço, você não pode entrar...</b> 🎵🎵🎵 (IG)
32	06/01/2024	<b>Se não é seu avião, não peça poltrona maior.</b> Se não é seu moto taxi, não peça pra moto aguentar. Se não é seu buffet, não pergunte porque contratou para 100 e só você comeu. (IG)
19.10	15/01/2024	@nome_usuario eu <b>consigo dirigir um carro</b> sem ter que esforçar pra entrar, <b>não preciso passar de lado por uma port a estreita</b> e outras coisas mais que seguidores e dinheiro nenhum paga kkk

Fonte: Elaborado pela autora.

O último registro (19.10, acima) traz, ainda, mais uma camada de sentido. A pessoa autora se vangloria do seu privilégio, não demonstrando, em nenhum momento, preocupação com aqueles que não têm os mesmos acessos. Em comum entre as mensagens, está a responsabilização de Thais pelas situações que experencia, o que dá a ver a intersecção com o eixo da *culpabilização*. Se ela não frequenta determinados espaços e não consegue desenvolver alguma atividade, é por sua própria culpa.

Ainda sobre essa dimensão mais fundamental do acesso e da acessibilidade, registros presentes nas duas plataformas analisadas fazem menção a um caso envolvendo Thais Carla e o transporte aéreo. Em um vídeo, de 2019, a influenciadora reclama da acessibilidade do avião, que não tinha assentos, cintos e banheiros para corpos maiores, gerando desconforto e constrangimento à influenciadora. No relato, ela ainda pede que pessoas gordas não se calem diante dessas situações para que haja mudanças efetivas a partir de ações das companhias aéreas.

"Quando a pessoa da frente reclina a poltrona, fica um espaço de um dedo entre a minha barriga e a bandeja de onde a gente come", diz a dançarina. "Eu tenho que mostrar a realidade de uma pessoa gorda em um avião. Esse vídeo não é para você sentir mais medo de pegar um avião, é para expor, eles que têm que ter vergonha. Do jeito que fazem os transportes, não têm um pingo de sensibilidade com nada. É bem chato. O banheiro não dá nem para entrar direito. Tenho que esperar o voo terminar para ir ao banheiro. Espero que eu incentive vocês a pegar avião, se vocês não forem nos lugares e reclamar, falar, nada vai mudar [...] As empresas têm que

<sup>291</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

entender que não existe só um tipo de corpo. Tem os anões<sup>292</sup>, os cadeirantes, eu que sou gorda, os altos", analisou. (Thais..., 2019b, n.p).

Os registros no *Youtube* e no *Instagram* fazem menção ao vídeo (Quadro 52). As pessoas deboçam da situação vivenciada por Carla (4.88). Mais uma vez, a falta de acesso não é entendida como um direito negado e a pauta é invalidada, inscrevendo a denúncia em um lugar comumente associado à gordofobia, o vitimismo. Por esse viés, a bailarina não deve reclamar, e as pessoas não precisam se compadecer pelo ocorrido com ela: “*pelo menos o cara e obeso mais não fica reclamando da poltrona do avião e fazer campanha de bosta e que n da em prr nenhuma akakakak*” (4.32).

**Quadro 52** – Acesso e acessibilidade – caso avião

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>293</sup>
4.88	26/01/2024	@nome_usuario a tem que vim pra o Brasil pra mim processar <b>mais ela não cabe na poltrona do avião (IG)</b>
4.32	11/01/2024	@nome_usuario pelo menos o cara e obeso <b>mais não fica reclamando da poltrona do avião</b> e fazer campanha de bosta e que n da em prr nenhuma akakakak

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da dimensão basilar do acesso, as ações de Thais Carla nos permitem refletir sobre um outro espaço em que, hegemonicamente, a corporalidade gorda não se faz presente: a dança. Silva e Magalhães (2021, p. 53) demonstram o modo como a dança se configura como um espaço excludente e que não acolhe corporalidades dissidentes, como as pessoas gordas. De acordo com os autores, no campo das artes cênicas, como o teatro e a dança, ainda são privilegiados os corpos que correspondem ao padrão de beleza: “encaixotados, retílineos e brancos.”

Em um trecho da entrevista à *Vogue Brasil*, Thais dá a ver essa configuração “eu já escutei que eu não ganharia nem um real com a dança” (Belleze, 2019, n.p). Como narra a matéria, com o apoio da família, outro valor associado à influenciadora, Carla encontrou na dança a sua forma de expressão, autoafirmação e, ao mesmo tempo, uma maneira de oferecer às novas gerações a possibilidade de se ver e, a partir disso, de sonhar. Isso ratifica que a sua presença também tem um caráter político relacionado a um grupo socialmente minorizado.

<sup>292</sup> Apesar da boa intenção na fala da influenciadora, é preciso chamarmos a atenção para o uso inadequado do termo “anões”, o que acaba reforçando estereótipos sobre as pessoas com nanismo.

<sup>293</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

Em última instância, mostra às pessoas gordas que elas também podem habitar esse ambiente, exprimindo, através de movimentos, quem se é. “Quando eu decidi dançar, éramos eu e a minha família me apoiando, porque eu não tinha ninguém para me representar. E eu fico muito feliz de poder ajudar muitas pessoas – é uma responsabilidade grande, né! Mas eu estou tentando fazer minha parte na sociedade” (Belleze, 2019, n.p).

A trajetória célebre de Carla, desde a sua origem, está vinculada à dança, como conta ela própria, em entrevista à *Vogue Brasil*. Em sua fala, a bailarina faz menção a três acontecimentos importantes da sua vida pública relacionados à dança. O primeiro deles é a participação no quadro *Se Vira nos 30*, no extinto programa da Rede Globo, *Domingão do Faustão*, em 2009. Na apresentação, Thais traz uma dança moderna, com movimentos vigorosos e abertura de pernas, o *espacate*, como também conhecido na ginástica artística e no balé.

**Figura 75** – Frame do vídeo da apresentação no *Domingão do Faustão*



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no site Gshow<sup>294</sup>.

Ela é aplaudida de pé pelo público que engrossa o coro de “já ganhou” e recebe o convite de Faustão para demonstrar um pouco mais do seu talento, dançando *Single Ladies*, de Beyoncé. Ao final, porém, o apresentador, um homem gordo à época, comenta sobre a dança da “gloriosa Thais Carla dos Santos” – gordofobicamente: “*Quebrando os preconceitos, quebrando o palco e tudo aqui*”. Na entrevista à *Vogue Brasil*, Thais também lembra sua participação no programa *Legendários*, apresentado por Marcos Mion, na Record TV, como protagonista no quadro “gordinha esquema”.

A presença de Carla no corpo de baile da cantora Anitta ocupa centralidade na matéria da *Vogue Brasil* e em sua história. A influenciadora reconhece que, além de uma conquista pessoal, já que a sua inserção naquele espaço a fez ganhar uma maior visibilidade, a ocupação

<sup>294</sup> Disponível em: <https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/bailarina-plus-size-de-anitta-ja-venceu-o-se-vira-nos-30-relembre.ghtml>. Acesso em: 11 maio 2024.

desse lugar simbólico também exerce um importante papel na representatividade de corpos diversos.

A gente tem que mostrar mesmo a representatividade de todas as formas. Ela me botar no balé e eu fazer parte disso, não sei nem explicar a sensação de estar realizada profissionalmente, porque eu já escutei que eu não ganharia nem um real com a dança, e hoje eu sou bailarina de uma das maiores cantoras do Brasil. Então, estou muito feliz com isso!. (Belleze, 2019, n.p).

Uma apresentação marcante dessa fase foi a participação de Anitta no *Criança Esperança* (Figura 76), ação da Rede Globo em parceria com a Unesco. A cantora levou um corpo de baile inteiramente formado por mulheres gordas. Thais ocupou um lugar de destaque, performando ao lado direito da cantora.

**Figura 76** – Frame do vídeo da apresentação no *Criança Esperança* (2016)



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no canal da TV Globo no *Youtube*<sup>295</sup>.

Como conta Belleze (2019), da *Vogue Brasil*, o convite para compor o corpo de baile de Anitta surgiu da bailarina e coreógrafa da cantora, Arielle Macedo. Após a realização de testes, Carla ingressou no balé e viu na oportunidade uma “possibilidade de levantar a sua bandeira”. “A gente tem que mostrar mesmo a representatividade de todas as formas. Ela me botar no balé e eu fazer parte disso, não sei nem explicar a sensação de estar realizada profissionalmente”, afirmou Thais Carla (Belleze, 2019, n.p).

Thais expressa um sentimento de gratidão à cantora e dá a ver um movimento de mulheres que, em uma situação de privilégio, “puxam” outras mulheres. Importante ressaltar, porém, que, em um contexto capitalista, tais ações são planejadas levando-se em consideração as reverberações e os impactos financeiros, o que destaca o caráter mercadológico de toda celebridade, aproximando suas ações da ideia de um feminismo liberal. “Em vez de buscar abolir a hierarquia social, visa a ‘diversificá-la’, ‘empoderando’ mulheres ‘talentosas’ para ascender ao topo” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 27).

<sup>295</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=lrUFDphI\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=lrUFDphI_w). Acesso em: 15 maio 2024.

O protagonismo da dança na trajetória pública de Thais também está presente no clipe da música *Não pode opinar*, em que ela e o seu corpo de baile performam em diferentes momentos (Figura 77). Com o clipe se encaminhando para o final, há um tempo específico da produção dedicado a isso, com a bailarina em primeiro plano. Ela demonstra estar feliz e à vontade na execução da coreografia, fazendo algo que gosta e que tem competência para realizar.

**Figura 77** – Frame do clipe *Não pode opinar* – dança



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>296</sup>.

Pela nossa leitura, a ação visa a destacar a centralidade dessa arte na vida de Carla. Por esse viés, ainda que ela tenha iniciado, recentemente, a sua carreira como cantora, sempre será uma bailarina. Thais, então, reafirma o seu lugar, quer as pessoas gostem, quer não. Ao nosso ver, o clipe se configura como uma resposta aos julgamentos que ela recebeu ao longo da vida por ser uma mulher gorda e dançar, como revelou ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*.

*Cara, minha vida inteira foi puro julgamento, até quando eu tinha o maior sonho, em ser bailarina, né? E eu era muito julgada, as pessoas não percebiam que basta você querer para ser, não é mesmo? Você tem que lutar para você fazer o que você quer. E quando, aqui na casa [Rede Globo], eu ganhei o Se vira nos 30 [quadro do Domingão do Faustão], depois mudou a minha vida. Acho que foi em 2009 isso, e aí foi uma atrás da outra, eu fiz muitos programas de televisão, já participei de programa com o Marcos Mion e aí fui para a Anitta. (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).*

O posicionamento da influenciadora demonstra, também, que a meritocracia fundamenta a sua fala e se configura como um valor associado à sua imagem pública. Ao afirmar que “*basta você querer para ser*”, Carla negligencia todas as variáveis que atuam para que, em nosso mundo contemporâneo, alguém alcance o sucesso. Nesse processo, diferentes opressões atuam de maneira particular em cada caso, constituindo atravessamentos que vão

<sup>296</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.



determinar se um sujeito está mais à margem da sociedade ou em um lugar de privilégio. A cada entrecruzamento, o caminho rumo ao êxito se torna mais difícil, com mais obstáculos a serem enfrentados e superados. Nesse processo, o esforço individual, de maneira isolada, não é capaz de superar as estruturas de poder e sujeição, complexidades que, com um olhar interseccional, é possível captar.

Nesse ponto, conjectura-se uma contradição. Se Thais reproduz o discurso meritocrático, como pode tensionar, em seus posicionamentos, um empoderamento? Quando perguntada, na entrevista à *Vogue Brasil*, sobre quais os seus planos para 2019, essa temática aparece como elemento central em sua fala. A influenciadora se coloca como alguém que não faz muito planejamento sobre a sua vida profissional, mas espera que possa se engajar em projetos com foco na diversidade corporal e no autoamor, pautas características do *body positive*, priorizando a sua atuação nas redes sociais digitais.

Eu não sou muito de planejar as coisas, porque as coisas acontecem e eu vou seguindo. Mas em 2019 eu planejo empoderar cada vez mais mulheres, ter novos projetos em que as pessoas entendem que temos milhares de biotipos e corpos. E eu quero espalhar o amor sobre tudo, sobre si mesmos e o próximo. Eu espero investir mais cada dia mais no Instagram e vídeos falando sobre o meu cotidiano. Quero um 2019 com muito mais empoderamento e amor!. (Belleze, 2019, n.p).

Ao nosso ver, essa configuração indica um certo esvaziamento do conceito de empoderamento e da sua dimensão coletiva, como nos alerta Berth (2020). Ao mesmo tempo, demonstra o modo como os pronunciamentos da influenciadora se inscrevem, também, no que entendemos como um feminismo liberal, forjado nos ideais do individualismo, e que se insere em um contexto capitalista.

Seu caso de amor com o avanço individual permeia igualmente o mundo das celebridades das mídias sociais, que também confunde feminismo com ascensão de mulheres enquanto indivíduos. Nesse mundo, o “feminismo” corre o risco de se tornar uma *hashtag* do momento e um veículo de autopromoção, menos aplicado a libertar a maioria do que a promover a minoria. (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 28).

Quando olhamos para os comentários, feitos no *Youtube* e no *Instagram*, a dança não emerge como temática central nas manifestações. Diferentemente da nossa hipótese, não se configura como representativo dos posicionamentos uma crítica que se debruce sobre a performance de Thais. Por outro lado, nos comentários referentes ao videoclipe da música *Não pode opinar*, constatamos uma menção recorrente a uma parte específica do corpo da influenciadora: o joelho (Quadro 53).

As pessoas utilizam diferentes metáforas para destacar, de maneira pejorativa, a “resistência” do joelho da bailarina, em mensagens que acionam, ironicamente, a positividade

e a fé: “*Que tenha a Força desses joelhos para enfrentar a vida!!*” (8) e “*Que minha fé seja resistente igual o joelho dessa mulher*” (18).

**Quadro 53** – Acesso e acessibilidade – joelho

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>297</sup>
8	07/01/2024	Desejo a cada um que leu este comentário Que tenha a Força desses <b>joelhos</b> para enfrentar a vida!! AMEM ! 🙏
18	10/01/2024	Que minha fé seja resistente igual o <b>joelho</b> dessa mulher, amém ❤️😊
27.9	10/01/2024	Seu comentário foi realmente ridículo, falando que se surpreende com a resistência do <b>joelho</b> dela @nome_usuario

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que sejam repreendidos, como ocorre no comentário 27.9, acima, esses registros demonstram a maneira como o corpo gordo não é visto como hábil para a dança, pois a sua estrutura corporal estaria despreparada para tal atividade. Nesse contexto é que a presença de Thais emerge como significativa quando falamos da ocupação desse espaço simbólico.

Se as pessoas não se manifestam sobre a performance de dança de Carla, a sua qualidade musical, incluindo a canção e o desempenho vocal, é algo recorrentemente tematizado nas plataformas para as quais lançamos nosso olhar. De maneira irônica, as pessoas usam expressões com duplo sentido para, metaforicamente, dizer que Thais está ocupando todo o cenário musical, evidenciando a gordofobia. O jogo linguageiro reforça a ideia de um corpo grande demais para qualquer lugar (11), ou seja, sem *acesso e acessibilidade*. Também em tom de deboche, eles criticam a qualidade da música (16) e a capacidade vocal de Carla (1), como mostramos no Quadro 54:

**Quadro 54** – Acesso e acessibilidade – espaço

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>298</sup>
11	08/01/2024	Ta <b>CRESCENDO</b> a cada dia no mundo da música, se ela entrar de <b>CORPO</b> e alma no mundo do funk <b>não sobra espaço</b> pra mais ninguém!!!
16	06/01/2024	Musica boa pra ouvir no volume zero 😊
1	07/01/2024	Se não é cantora você não tem que cantar 😊 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>297</sup> Transcrição de comentários do Youtube – clipe *Não pode opinar*.

<sup>298</sup> Transcrição de comentários do Youtube e do perfil no Instagram de Thais Carla.

Outras pessoas identificam que a melodia da música não é original (Quadro 55). Diante dessa constatação, acusam a influenciadora de plágio ou de uma apropriação de má qualidade. No primeiro caso, atribuem a estrutura da música a um coro religioso, também presente em uma canção infantil (16.9; 16.27). Nessa visão, desconsideram que esse tipo de apropriação não é algo incomum, desde que autorizado. Para aqueles que veem a produção como uma paródia, a crítica se ancora na falta de qualidade: “*além de paródia é uma péssima paródia, estragou a verdadeira música kkkkk*” (22.82).

**Quadro 55** – Crítica à música – ironia – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>299</sup>
16.9	05/01/2024	@nome_usuario essa música vai é processo, plágio de música religiosa. (IG)
16.27	05/01/2024	@a.neura_carvalho Patata e Patati tem uma música com essa melodia. ' se você está contente bata palma..' (IG)
22.82	07/01/2024	@nome_usuario Aaaah sim. Porque isso que ela fez nem música é KKK além de paródia é uma péssima paródia, estragou a verdadeira música kkkkk agora entendi o que quis dizer, realmente ela não deveria ter metido a opinião dela na música verdadeira. 😞 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

De modo semelhante ao que encontramos na análise dos materiais sobre Preta Gil, parte das críticas vêm acompanhadas de um tom gordofóbico, enquanto outras demonstram uma aparente isenção que intenciona um olhar objetivo e técnico sobre a produção artística. Na mensagem abaixo (12 no Quadro 56), a pessoa autora critica a letra da música e, em um deboche, a denomina como o “*hit mais pesado do planeta*”. Já o segundo comentador (16.7) demarca que a sua opinião independe da corporalidade de Thais “*O problema é ter que ouvir música sem qualidade*”.

**Quadro 56** – Crítica à música – qualidade musical

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>300</sup>
12	06/01/2024	A musica tem 6 frases, grande poeta brasileira, fez o o <b>hit mais pesado do planeta</b> com 6 frases apenas
16.7	06/01/2024	Música horrível. Ela não canta bem. nada haver com gordofobia. Eu não tô nem aí se está magra ou gorda. O problema é ter que ouvir música sem qualidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>299</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

<sup>300</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

Ainda que em minoria, algumas pessoas saem em defesa da música e da intérprete. No primeiro registro (49 no Quadro 57), o autor evidencia a importância da mensagem, o que deveria ser adotado como um “*mantra*” por todas as pessoas. Outro registro (14) demarca um apoio direto à bailarina “*Arrasouuuu*❤️👏”, e sua autora é uma pessoa célebre do mesmo estilo adotado por Thais na música, a funkeira Tati Quebra Barraco. Tati é uma mulher que abriu portas para mulheres pretas e fora do padrão no *funk*, tematizando, em suas músicas, o empoderamento, o amor-próprio e a sexualidade feminina (Ferreira, 2021)<sup>301</sup>.

**Quadro 57** – Defesa – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>302</sup>
49	05/01/2024	Um mantra que todos deveriam aprender!
14 (v)	05/01/2024	Arrasouuuu❤️👏

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como o faz Preta Gil, a moda também é um lugar de exclusão tensionado por Thais Carla. Durante a entrevista à *Vogue Brasil*, o seu depoimento deixa em evidência o modo como esse é um espaço que, reiteradamente, nega acessos às pessoas gordas. A falta de acesso à moda diz de uma dupla exclusão, pois as pessoas gordas não acham roupas do seu tamanho e, em última instância, deixam de estar fisicamente em determinados espaços, sociais e profissionais, pela falta de vestimenta adequada. Além disso, sabemos que a moda é um espaço de afirmação de identidades, o que também é negado às pessoas gordas. Nessa vivência, um processo que pode ser corriqueiro ou, até mesmo, prazeroso, como comprar roupa, se torna algo ruim e constrangedor.

“Eu acho horrível encontrar roupa. Não consigo ter algo de última hora e sair para comprar uma roupa - não existe loja para mim. Não tem. Lojas com numeração 60 são algo muito raro, dá para contar na palma da mão. É uma em cada estado, eu acho. Tem essa moda plus size aí, que o pessoal fala, mas eu não me encaixo nela, porque eu uso 60, não visto 50! Então, é muito difícil. Não existe moda para gordo ainda”, afirmou. (Belleze, 2019, n.p).

Como vimos, as pessoas gordas, muitas vezes, não encontram roupas do seu tamanho. Conforme explica Thais no depoimento acima, é possível recorrer a lojas especializadas o que, muitas vezes, demanda um deslocamento para quem está longe dos grandes centros e,

<sup>301</sup> Disponível em: <https://kondzilla.com/tbt-do-funk-relembra-as-mulheres-que-fizeram-historia-na-furacao-2000/>. Acesso em: 14 maio 2024.

<sup>302</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

quase sempre, um investimento maior, já que as roupas *plus size* tendem a ser mais caras. No entanto, como alerta a influenciadora, comprar nesse tipo de loja nem sempre é uma opção para uma gorda maior, uma vez que esses estabelecimentos, ainda que sustentados por um discurso de inclusão, também possuem uma limitação na numeração que oferecem.

Diante disso, há alguns caminhos possíveis, como a compra on-line. Esse tipo de comércio oferece mais opções, mas não possibilita que o comprador experimente a roupa, veja o caimento, toque o tecido e outras ações que podem determinar a compra. Essa dinâmica foi exposta por Thais no programa *Encontro com Fátima Bernardes* (2021): “*É, imagina, Fátima, você ir no shopping e não conseguir achar uma roupa, porque realmente, gente, não existe, tá? Geralmente, eu mando fazer ou tem lojas on-line, porque as pessoas gordas, elas vão no shopping e não acham nada.*”

Outra questão é o tipo de roupa a que se tem acesso. As pessoas gordas se queixam que, quando encontram roupas do seu tamanho, elas são muito senhoris ou não estão alinhadas com a moda em voga. Com essas opções restritas, não é possível ter o poder de escolha sobre aquilo que combina com o seu estilo, restando a opção de fazer peças sob medida.

*Parece que a pessoa gorda é invisível, entendeu? Até um biquíni, cara, é difícil de achar. Aí a gente fala, eu quero um biquíni estiloso. Gente, a maioria dos biquínis que vocês veem eu usando [sic], todos eu mando fazer, porque eu quero uma coisa estilosa e é isso que a gente não encontra, sabe? Não encontra. Então, eu acho que as pessoas têm que abrir a mente e entender que existem vários tipos de pessoas, ter a compreensão; e pessoas magras respeitarem os corpos das pessoas gordas e, assim, sucessivamente, sabe?.* (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).

Além de encomendar roupas sob medida, em alguns casos, a bailarina faz as suas próprias roupas, como revela na entrevista à *Vogue Brasil*. Em uma das cenas do clipe *Não pode opinar*, vemos Carla sentada diante de uma mesa em que há uma máquina de costura, com várias outras fitas que se assemelham àquelas utilizadas em seu figurino<sup>303</sup> principal para o clipe. Pela nossa leitura, a imagem faz menção ao fato da influenciadora, uma gorda maior que não encontra roupas do seu tamanho, fazer as suas próprias roupas (Figura 78).

---

<sup>303</sup> *Styling*: Thais Carla e Israel Reis; Assistente de Figurino: Maxwell Pereira; Costureira: Iris Atelier.

**Figura 78** – Frame do clipe *Não pode opinar* – mesa de costura



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>304</sup>.

Ao mesmo tempo em que essa dinâmica dá a ver a capacidade criativa de Carla, demonstra a realidade enfrentada por mulheres gordas que veem a sua expressão pela moda ser limitada pela numeração que vestem: quanto maior, menores as opções e maior a chance de encontrar peças com as quais você não se identifica, dinâmica popularmente conhecida como “comprei o que serviu”.

No *Instagram*, é possível observar que o figurino também se transforma em motivo de chacota contra Thais. Em comentários representativos da dinâmica interativa, como os apresentados no Quadro 58, abaixo, as pessoas questionam, ironicamente, sobre a quantidade de fita necessária para a construção do figurino (37; 48). No último registro (10.53), o autor pergunta: “*onde ela compra roupa estou precisando de lona pra piscina*”. Desumanizando Thais, mais uma vez, e desconsiderando que encontrar roupas do seu tamanho é um problema estrutural real para pessoas gordas, o comentador associa o corpo da influenciadora ao tamanho de uma piscina.

**Quadro 58** – Figurino – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>305</sup>
37	05/01/2024	Quantos rolos de trena ???
48	05/01/2024	Onde ela achou toda essa fita métrica para colocar corpo inteiro ??
10.53	06/01/2024	@nome_usuario tem que perguntar na onde ela compra roupa estou precisando de lona pra piscina

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>304</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>305</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

Ainda sobre os tensionamentos sobre a moda, Thais elabora uma outra estratégia para questionar a falta de acesso nessa esfera, como um lugar não inclusivo para mulheres gordas. Ela se inspira em produções de outras celebridades, mulheres-padrão, para então, desenvolver o mesmo *look* adaptado para o seu corpo gordo maior, como foi o caso do biquíni de coração da produtora de conteúdo digital Gkay (Figura 79).

**Figura 79** – Thais Carla recria o biquíni de Gkay



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital<sup>306</sup>.

A partir dessa ação, ainda é possível refletir sobre o porquê de algumas roupas serem consideradas inadequadas, vulgares e bregas, quando em corpos gordos, mas naturalizadas, ou vistas como estilosas, em pessoas magras. Como defendemos, isso passa pela constituição da gordofobia como um preconceito estrutural e, como reflexo desse processo, a moda não é pensada para corporalidades que fogem à norma.

A ideia da provisoriidade do corpo gordo sustenta a manutenção da falta de *acesso e acessibilidade* para pessoas gordas. Isso porque, em uma sociedade gordofóbica, essa corporalidade, pela sua inadequação imanente, é vista como algo que precisa ser escondida, em uma tentativa de amenizar a gordura, símbolo de estigma (Goffman, 1988). Por esse viés, ela deve circunscrever a sua existência à esfera privada e, em nenhuma circunstância, estar sob os holofotes. Seja na dimensão mais basilar do acesso ou em espaços simbólicos, como a dança e a moda, ostentar uma corporalidade gorda e inscrevê-la nesses espaços de poder é

<sup>306</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2023/03/thais-carla-recria-biquini-de-coracao-de-gkay.ghtml>. Acesso em: 11 maio 2024.

necessário e revolucionário. A partir das suas ações, Thais confronta essas limitações e fomenta novos lugares possíveis para mulheres gordas.

#### **6.1.4 Uma vida sem valor: *patologização, culpabilização* e o deboche da morte**

Patologia, além de ser um ramo da medicina, é, também, sinônimo de doença. Em nossa sociedade, a gordura aciona sentidos de enfermidade e, por consequência, a pessoa gorda, independentemente do contexto, é compulsoriamente entendida como doente. Considerando esse contexto é que entendemos a *patologização* como um eixo estruturante da gordofobia.

A leitura patologizante das corporalidades gordas é lembrada por Thais em sua entrevista à *Vogue Brasil*: “[...] o corpo gordo é visto como doente, horroroso, grotesco...” (Belleze, 2019, n.p). Essa visão é sustentada pela classificação da “obesidade” como uma doença que, conforme discutimos no primeiro capítulo, a partir de Jimenez-Jimenez (2020), foi e é atravessada por interesses comerciais de diferentes setores da economia mundial.

Por meio do discurso biomédico, constrói-se a ideia de um corpo único possível e, em contrapartida, o entendimento de que a corporalidade que não corresponde a essa normatividade deve ser apagada.

Isso mostra como os discursos de saúde pública antiobesidade veiculados nas últimas décadas influenciam não somente na promoção de um estilo de vida saudável, como também induzem à estigmatização dos indivíduos de corpos gordos, desde que à sua gordura é conferido o status de doença, e esta deve ser eliminada. Isso sugere a exclusão destes indivíduos dos circuitos dominantes, com uma única condição para serem reintegrados: que emagreçam. (Aires, 2019, p. 21).

Ao olhar para a manifestação das sujeitas presentes em nossos materiais, o que chama a atenção é que o acionamento da “obesidade” é utilizado para trazer credibilidade ao que é dito. Ao fazer isso, as pessoas destacam o modo como a “obesidade” é prejudicial à saúde. Ademais, agregam informação científica à sua opinião, criando, assim, uma ideia de fidedignidade e credibilidade ao discurso, que é calcado na narrativa do campo da saúde, um local de poder legitimado em nossa sociedade.

Nessa dinâmica, os comentaristas destacam a palavra doença (1.641; 20.8) e incluem informações relacionadas à “obesidade”: “*mata milhares de pessoas por ano*” (1.641). No último registro (22.14), a pessoa acusa Thais de espalhar desinformação ao afirmar que um corpo como o dela é saudável (Quadro 59). Aqui, se faz presente a ideia de que somente um corpo pode ser saudável e aceitável, o que não inclui as corporalidades gordas.



Quadro 59 – Patologização – “obesidade”

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>307</sup>
1.641	08/01/2024	@nome_usuario pregar que uma <b>doença que mata milhares de pessoas por ano</b> é ser quem você é a vai toma no cu tipo aí só não pode falar dela pq olha o que ela fala dos outros segundo ela mesma:ai ela é uma tripa seca tu vira ela de um lado não vê nada aí quando fala dela tá errado?
20.8	06/01/2024	@nome_usuario pessoas como a <b>Thais carla precisa procurar ajuda, isso e uma DOENÇA cara</b> , mais claramente tentar ajudar um ser humano que não tem salvação, é algo complicado. Seu argumento é anulado a partir do momento que ela posta isso no YouTube, que tem comentário justamente pra tratar sobre opiniões.
22.14	24/01/2024	@nome_usuario Isso não é simplesmente a escolha dela, não é assim que as coisas funcionam, <b>ela espalha desinformação falando que um corpo como o dela é saudável oque obviamente não é verdade.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em contrapartida, encontramos comentários que compartilham de uma visão mais ampla de saúde e que não fazem uma ligação direta entre ser gordo e ser doente. O registro abaixo (Quadro 60), escrito em espanhol, chama a atenção para questões que vão além do peso e influenciam na construção de um corpo saudável. Entre elas, hábitos de vida relacionados à atividade física e à alimentação nutritiva.

Na mesma linha, a pessoa autora do comentário abaixo (42.4) desconstrói a ideia de magreza como sinônimo de saúde e gordura como sinônimo de doença: “*Assim como muitos magros comem pura merda e não engordam, o corpo não tem nada a ver com saúde.*” Esse também é o argumento da última mensagem (41.20) que chama a atenção para a necessidade do cuidado com a saúde não ser só cobrado de pessoas gordas, já que magros também podem ter problemas sérios de saúde. Em resumo: magreza não é sinônimo de saúde.

Quadro 60 – Patologização – “obesidade” – contraposição

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>308</sup>
42.4	06/01/2024	@nome_usuario hay gente que es flaquísima y se muere con 15/24/30 años por un acv, o un paro cardíaco y no tiene nada que ver con el cuerpo, simplemente todo viene de la alimentación y ejercicio que haga, puede que alguien haga 2hrs de ejercicios, se alimente a verduras y frutas pero simplemente su cuerpo es "gordo" porque puede que tenga otro tipo de problema. así como muchas personas flacas comen puras mierdas y no engordan, el cuerpo no tiene nada que ver con la salud. <sup>309</sup>

<sup>307</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Non pode opinar*.

<sup>308</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

<sup>309</sup> Em livre tradução: “@nome\_usuario tem gente que é magra e morre aos 15/24/30 anos de acidente vascular cerebral, ou parada cardíaca e isso não tem nada a ver com o corpo, simplesmente tudo vem da dieta e dos exercícios que fazem, talvez alguém faça 2 horas de exercícios, você come verduras e frutas mas seu corpo está

41.20	05/01/2024	@nome_usuario hoje em dia não é só gordo q tem q cuidar do coração.
-------	------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como na análise empreendida por Aquino e Carneiro (2021), identificamos, também, o acionamento da “romantização da obesidade” ou “apologia à obesidade” como eixo central na manifestação dos usuários. Sobre essa temática, Balbino (2021b, n.p) nos provoca com as seguintes questões: “Etimologicamente, romantizar significa idealizar algo e então desejá-lo. Quantas pessoas você conhece que desejam ser gordas?”; “De que maneira a vida das pessoas gordas é melhor do que a das pessoas magras quando estas são, o tempo todo, desumanizadas e demonizadas?”.

No *Youtube*, diversos comentários, como os registros abaixo (Quadro 61), utilizam a palavra romantizar, e suas variações, para caracterizar as ações de Thais, incluindo o clipe da música *Não pode opinar*. Neles, as pessoas criticam o fato de a influenciadora, supostamente inscrever em um lugar de idealização algo que é condenável, uma doença. Até mesmo aqueles que reprovam as manifestações que agridem a influenciadora (26.12) entendem que o que ela faz é romantizar a obesidade: “e tbm eu sei que ela romantiza, mais mesmo e a vida dela”.

**Quadro 61 – Patologização – romantização da “obesidade” – Youtube**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>310</sup>
5.91	10/01/2024	@nome_usuario <b>Romantiza doença</b> , mete processo em quem fala mal do corpo dela e fala mal do corpo dos outros.
36.10	07/01/2024	@nome_usuario não se trata de humilhação, e sim de uma pessoa que já foi cansada de falar pra pedir ajuda, <b>eo povo tenta romantizar isso</b> , simplesmente patético.
26.12	26/01/2024	@nome_usuario Pq ele chamou ela de gorda, eu sei, eu sei q ela e gorda mais n precisa ficar falando né, e tbm como eu falei ninguém e sentimento de ninguém ent vc n saber como ela ficou dps que gravou essa música e postou no YouTube e dps vem o mundo todo falando mal dela só por causa que ela e gorda, e tbm <b>eu sei que ela romantiza</b> , mais mesmo e a vida dela.

Fonte: Elaborado pela autora.

No *Instagram*, as acusações de “romantização da obesidade” também se fazem presentes (Quadro 62). Ainda que não acionem, diretamente, as expressões “romantização da obesidade” ou “apologia à obesidade”, as pessoas acusam Carla de glamourizar uma doença

---

simplesmente “gordo” porque você pode ter outro tipo de problema. Assim como muitos magros comem pura merda e não engordam, o corpo não tem nada a ver com saúde.”

<sup>310</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

(28.82) e, de maneira irresponsável, “*lacrar*” (gíria que aciona sentidos como “arrasar” ou ter sucesso em algo) com essa ação (15.209). Por esse olhar, ela estaria lucrando ao ostentar uma corporalidade gorda maior, o que Aquino e Carneiro (2021) denominam como “monetização da obesidade”.

**Quadro 62 – Patologização – romantização da “obesidade” – Instagram**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>311</sup>
28.82	06/01/2024	Caraio, ela não pode ir no médico, porque o médico não vai poder opinar. Essa é a <b>glamourização</b> da doença.
15.209	06/01/2024	@nome_usuario e sem falar que nesse disfarces de <b>lacrção</b> fica romantizando doença.
35.1	05/01/2024	@nome_usuario concordo amigo 🙌🙌🙌🙌 muito ruim mesmo kkkkkkkkkk <b>ela poderia pegar a quantidade de seguidores que tem e incentivar as pessoa a se cuidarem sabia</b> , uma pena as atitudes dela , ela brinca muito com isso sabia , eu só lamento por ela coitada um dia ela vai entender tudo , bem eu espero ☐

Fonte: Elaborado pela autora.

O último registro (35.1, acima) ainda tensiona o poder de influência de Carla. Pela perspectiva do autor, ela presta um desserviço, pois “*poderia pegar a quantidade de seguidores que tem e incentivar as pessoa a se cuidarem*”. Dessa forma, a bailarina faz um mal uso do seu poder de afetação, desperdiçando-o e incentivando um estilo de vida não saudável junto a seus públicos.

Ainda sobre os processos patologizadores, na entrevista ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*, Thais Carla chama a atenção para o modo como o discurso de preocupação com a saúde é utilizado como uma estratégia que visa a autorizar o discurso gordofóbico. Os registros no *Instagram* são exemplos de como essa dinâmica ocorre configurando “a saúde como discurso justificador da discriminação” (Araújo *et al.*, 2018, p. 13) como uma estratégia fulcral na manifestação dos sujeitos. As pessoas acreditam estar autorizadas a alertar a bailarina sobre a necessidade de cuidar da sua saúde. O comentário 42 (Quadro 63, abaixo) contém os principais elementos característicos desse tipo de discurso.

**Quadro 63 – Patologização – preocupação com a saúde – Instagram**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>312</sup>
42	05/01/2024	Cuantos años tienes? No es por el cuerpo, es por salud. Cuando te de un infarto o

<sup>311</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

<sup>312</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

		un derrame o etcétera, después no vas a cantar esta canción. La vida es corta y si tu sigues así, va a ser más corta. No lo digo con maldad, lo digo por tu bien! Ya murieron muchas influencers como tu, y eran jóvenes. Los humanos con obesidad mórbida no llegan a viejos 😊 <sup>313</sup>
42.2	05/01/2024	@nome_usuario gringo, eu sei que tu tá falando isso com as <b>melhores intenções</b> mais cuidado com o processo

Fonte: Elaborado pela autora.

No registro, escrito em espanhol, a pessoa adota um tom ponderado e inicia o texto demarcando que a sua preocupação é estritamente com a saúde (não se trata de algo relacionado ao seu corpo). Depois, projeta um futuro catastrófico e indubitável, com o acometimento por uma doença grave que levará à morte. Ao fim, reforça as suas “boas intenções”: *“Não estou dizendo isso com maldade, estou dizendo isso para o seu próprio bem! Muitos influenciadores como você já morreram e eram jovens. Humanos com obesidade mórbida não vivem até a velhice 😊”*. Em resposta à mensagem, o autor do registro 42.2, acima, ratifica o que foi dito no comentário anterior, reconhecendo as “*melhores intenções*” em ajudar Thais e incentivá-la a cuidar da sua saúde.

Ao fazermos uma pesquisa exploratória no *Instagram* de Thais, é possível depreendemos que as ações materializadas na plataforma vão de encontro à ideia de uma pessoa que não cuida da própria saúde. Na publicação abaixo (Figura 80), por exemplo, ela compartilha uma foto de sua caminhada matutina. Em outros *posts*, incentiva a prática da atividade física valorizando os benefícios para a saúde (*MALHAR POR SAÚDE É MAIS GOSTOSO*☑️<sup>314</sup>), e divulga a sua rotina de exercícios (“*O dia que eu caminhei 3,2 km depois de ter feito exercício na academia!* 🏃👉”<sup>315</sup>) demonstrando que nem toda prática tem como objetivo o emagrecimento.

<sup>313</sup> Em tradução livre: “Quantos anos você tem? Não é pelo corpo, é pela saúde. Quando você tiver um ataque cardíaco ou derrame ou etc., você não vai cantar essa música depois. A vida é curta e se continuar assim, será mais curta. Não estou dizendo isso com maldade, estou dizendo isso para o seu próprio bem! Muitos influenciadores como você já morreram e eram jovens. Humanos com obesidade mórbida não vivem até a velhice 😊”.

<sup>314</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2H5X8NAfq/>. Acesso em: 10 maio 2024.

<sup>315</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C2-T42\\_rKUZ/](https://www.instagram.com/p/C2-T42_rKUZ/). Acesso em: 10 maio 2024.

**Figura 80** – Imagem do *post* de Thais Carla sobre caminhada



Fonte: Captura de tela de imagem do perfil no *Instagram* @thaiscarla<sup>316</sup>.

Apesar desse posicionamento, a figura de Thais é associada à morte. Os comentários dispostos no Quadro 64, trazem, em seus textos, a iminência da finitude da vida como temática recorrente nos registros que tensionam o eixo estruturante da *patologização*. Esse assunto também é trazido à tona por Thais em entrevista à Bernardes. Nas palavras da influenciadora, o gordo é sempre visto como alguém que vai “morrer brevemente”. A sua fala, que dá a ver mais uma ideia preconcebida sobre as pessoas gordas, é ratificada pelas mensagens que encontramos no *Youtube* e no *Instagram*.

Nas manifestações, não somente a morte é dada como iminente, “*certo tipo de gordura tbem mata.*” (21.2), como estima-se o tempo – curto – que Thais ainda tem de vida, em um tom de deboche, como demonstram os registros 4.216 e 1.515, abaixo (Quadro 64). No último comentário (45), a pessoa se apropria da letra da música *Não pode opinar*, uma estratégia recorrente entre os comentaristas das duas plataformas, para, metaforicamente, demonstrar que a influenciadora tem pouco tempo de vida. Isso porque ela ignora os discursos de saúde, sendo negligente com a sua própria vida. Aqui, é possível observar o “caráter desvalorizador” da ironia (Charaudeau; Maingueneau, 2008), sendo utilizada com a intenção de diminuir alguém.

**Quadro 64** – *Patologização* – iminência de morte

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>317</sup>
21.2	26/01/2024	@nome_usuario certo tipo de gordura tbem mata. Exótica (IG)

<sup>316</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6bFzu3ORXv/>. Acesso em: 10 maio 2024.

<sup>317</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

4.216	11/01/2024	@nome_usuario Thais <b>nem vai tar viva pra ver a gente chorar, em 2025</b> e provavelmente morre de infarto
1.515	08/01/2024	@nome_usuario agente pode ser um palito kkkkk <b>pelo menos agente não vai morrer em 3 anos</b> kakakaakakkakaak
45	17/01/2024	Nutricionista: <b>you tem apenas 2 semanas de vida</b> thais Thais carla: se não é seu corpo você não pode opinar 🎵🎵

Fonte: Elaborado pela autora.

Outros comentários também acionam a letra da música e brincam com a iminência de morte da influenciadora, como os registros do Quadro 65. Uma análise exploratória no *Youtube* demonstra que as pessoas atribuem, com recorrência, duas doenças à Thais que, em um cenário trágico, serão as causas da sua morte: o infarto e o acidente vascular cerebral (AVC), com destaque para o primeiro.

**Quadro 65 – Patologização – apropriação da música**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>318</sup>
22.3	24/01/2024	se é meu corpo vou deixar ele BOMBAR, se é meu corpo deixa coração pifar;
22.1	24/01/2024	Coagulo subir pra cabeça, meu amigo não se esqueça, não é seu corpo deixa a artéria estourar; papapa
22	24/01/2024	"Se não é seu corpo deixa a artéria estourar, se não é seu corpo deixa o coração parar"

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como na análise dos materiais relacionados à Preta Gil, quando olhamos para os registros sobre Thais Carla, a *patologização* aparece diretamente relacionada a outro eixo estruturante da gordofobia, a *culpabilização* (Quadro 66). Assim, a doença e a morte são vistas como consequências das ações da bailarina que, por escolha própria, negligencia a sua saúde: “*se ela quer morrer deixa ela*” (22.8). Como responsável pela situação em que se encontra, tudo depende unicamente de uma mudança de atitude individual: Thais deveria parar de comer “*igual uma louca*” (22.15) e emagrecer (7.3). Os autores ignoram todas as variáveis que atuam para uma pessoa ser gorda e reiteram a *culpabilização* da bailarina, reforçando a ideia de que é só “fechar a boca”.

<sup>318</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

Quadro 66 – Culpabilização

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>319</sup>
22.8	24/01/2024	@nome_usuario é mesmo <b>se ela quer morrer deixa ela</b>
22.15	24/01/2024	Ne man concordo tudo bem m ser gorda <b>só que tu VAI CONTINUAR COMENDO IGUAL UMA LOUCA ASSIM EXPLODE PLMDS NE</b>
7.3	08/01/2024	@nome_usuario 🎵 se não te cabe não se esqueça, perda peso e emagreça. Se não te cabe você não tem que opinar 🎵😂 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

A maneira como os sujeitos desprezam a vida de Thais e brincam com a possibilidade da sua morte nos faz lembrar as discussões de Butler (2015; 2019) sobre quais vidas são dignas de luto. “Para Butler, a vida ganha valor na medida em que seu fim é interpretado como algo a ser evitado. Ou seja, uma vida só é matável, se é primeiro assumido que sua morte não seria lamentável” (Santos, 2021, p. 10). Os registros demonstram o modo como a morte da influenciadora não só é algo a ser conjurado, como é aguardado de maneira sádica.

Pela nossa leitura, na contemporaneidade, as pessoas gordas não estão entre aquelas a quem damos o devido valor por sua vida e, quando mortas, a quem devemos chorar e lamentar. Isso passa, uma vez mais, pelos processos de *culpabilização* já que, em determinados casos, normaliza-se a ideia de uma morte evitável, que ocorreu unicamente por negligência da própria pessoa.

Por essa ótica, não há o que se lamentar sobre um acontecimento que foi consequência das escolhas de alguém. Emerge, a partir daí, uma valoração que hierarquiza determinadas corporalidades, inscrevendo as dissidentes entre aquelas que não são consideradas “valiosas” e, por isso, não enlutáveis.

Infere-se daí, então, que certos tipos de corpo parecerão mais precariamente que outros, dependendo de que versões do corpo, ou da morfologia em geral, apoiam ou endossam a ideia da vida humana digna de proteção, amparo, subsistência e luto. Esses enquadramentos normativos estabelecem de antemão que tipo de vida será digna de ser vivida, que vida será digna de ser preservada e que vida será digna de ser lamentada. (Butler, 2015, p. 85).

Um caso trágico, ocorrido em 2023, pode nos ajudar a pensar sobre isso. O jovem Vitor Augusto Marcos, de 25 anos, era negro e pesava 190 quilos. Ele sofreu três paradas cardíacas depois de passar por três unidades de saúde porque não havia uma maca que suportasse o seu peso. A indiferença e o desrespeito não sanaram com a morte, e a vida de Vitor não foi considerada digna nem mesmo em seu momento de despedida.

<sup>319</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

Não bastou a negligência daqueles que chegam inclusive a declarar “guerra contra a obesidade”, no segundo país que mais faz cirurgias bariátricas no mundo. A mãe de Vitor, Andreia, teve que enfrentar outro absurdo: no caixão de seu filho, foi usado lixo para acomodar o corpo a ser velado e enterrado. (Arruda, 2023, n.p).

Diante da violência e da repercussão do caso, a Câmara de São Paulo aprovou, em segunda votação, um projeto de lei (PL) que obriga unidades de saúde da cidade a oferecerem equipamentos adaptados ao atendimento de “pessoas com obesidade mórbida” (Câmara..., 2023, n.p).

Ainda que, no caso de Thais, a morte não seja um fato, mas, um futuro determinado, registros, como os contidos no Quadro 67, destacam como as pessoas abordam o tema da morte quando se trata de pessoas gordas, especialmente, quando falamos de gordas maiores. Os comentadores fazem deboche sobre o tamanho do caixão de Thais, vista como uma pessoa que não é “normal” (45.10). Por isso, somente um “buraco negro super massivo” (45.12) seria capaz de comportar a sua corporalidade.

**Quadro 67 – Patologização – caixão**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>320</sup>
45.10	17/01/2024	Cachão de uma pessoa normal ⇨ <b>caixão da Thais Carla</b> □
45.12	17/01/2024	@nome_usuario Errado, o <b>caixão dela é um buraco negro super massivo</b> .

Fonte: Elaborado pela autora.

No acionamento de um humor “politicamente incorreto” (Quadro 68), que brinca até com a morte, o sofrimento e a humilhação do outro, nesse caso, a pessoa gorda – é alçado a um lugar de entretenimento (35). Thais é vista, então, como esse objeto do humor e, em consonância com essa visão, seus perfis são espaços para pretensos comediantes (21).

**Quadro 68 – Aprovação – gordofobia recreativa – Youtube**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>321</sup>
35	16/01/2024	Eu não preciso assistir os shows do Léo Lins para morrer de rir. <b>Basta entrar no canal da Thais Carla que o entretenimento é garantido</b> kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
21	19/01/2024	parabéns thais carla pelo entretenimento só nos comentários <b>juntou mais comediantes</b> que qualquer comedy center nesse Brasil kkkkkkkkkk
36.4	07/01/2024	@nome_usuario quando é a <b>Thais Carla recebe passe livre de humilhação pelo</b>

<sup>320</sup> Transcrição de comentários do Youtube – clipe *Não pode opinar*.

<sup>321</sup> Transcrição de comentários do Youtube – clipe *Não pode opinar*.



		<b>Brasil inteiro 😊</b>
--	--	-------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao trazermos essa concepção, em diálogo com toda trajetória pública da bailarina, é possível afirmarmos que sua imagem é também vinculada a esse humor gordofóbico. Nessa dinâmica, naturaliza-se a prática de depreciá-la para fazer rir: “*Thais Carla recebe passe livre de humilhação pelo Brasil inteiro 😊*” (36.4, acima).

Como um tipo de entretenimento, esse humor é digno de ser acompanhado. Assim como as pessoas vão ao cinema e utilizam as plataformas de *streaming* em busca de distração, os sujeitos transformam os perfis de Thais Carla em locais de diversão: “*trago pipocas 😊*” (3.1). Eles ainda reforçam que muitas pessoas acompanham a influenciadora somente para observar (3) ou comentar (“*zuar*”, 8.12). Ou seja, o motivo que leva esses sujeitos a estarem ali não é a admiração que devotam à Thais, mas o deleite em ver a sua humilhação (Quadro 69).

**Quadro 69** – Aprovação – gordofobia recreativa – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>322</sup>
3.1	05/01/2024	@nome_usuario trago pipocas 😊
3	05/01/2024	Aluga -se cadeiras para quem só veio olhar os comentários□□□□
8.12	07/01/2024	Arrisco dizer que <b>entre os seguidores tem muita gente que segue só pra zuar mesmo.....</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Outra dinâmica que emerge como representativa desse tipo de prática é que ela não ocorre a partir de uma ignorância sobre o tema, em uma apropriação simplória que reflete um desconhecimento. Pelo contrário, as pessoas sabem que o que estão fazendo é errado e, mais do que isso, uma violência. Apesar de reconhecerem que a gordofobia é algo impróprio, eles escolhem não se importar. Os comentadores deixam essa visão em evidência (Quadro 70) zombando de uma suposta culpa, condenável até por Deus (1.195; 28.52), mas que eles não carregam: “*PESSOAL NÃO COMENTEM COISAS PRECONCEITUOSA NÃO CONSIGO CURTIR TUDO...*” (5.17).

<sup>322</sup> Transcrição de comentários do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

**Quadro 70 – Patologização – gordofobia como algo “impróprio”**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>323</sup>
1.195	08/01/2024	Mds, eu ri disso, <b>que errado</b> 😂😂😂
5.17	10/01/2024	PESSOAL NÃO COMENTEM COISAS PRECONCEITUOSA NÃO CONSIGO CURTIR TUDO...
28.52	05/01/2024	@nome_usuario meu Deus eu rir mas pedir perdão 🙏 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

Outras pessoas, porém, ainda que em minoria, reconhecem a gordofobia como uma opressão e reprovam as ações que a transformam em piada (Quadro 71). Para elas, isso não tem graça (4.207; 1.110). A segunda mensagem (1.110, abaixo) é um depoimento gerado a partir de uma identificação e que dá a ver, também, um processo de empatia (Martino, 2019). A pessoa externa a sua tristeza em ver tantas pessoas se divertindo com a humilhação de Thais, seja fazendo piadas ou rindo das chacotas. Por ter uma mãe gorda, a autora faz o exercício de se colocar no lugar da influenciadora e lembra que esse tipo de comentário afeta a saúde mental e autoestima das pessoas, podendo levar até mesmo à depressão e, em alguns casos, à morte.

**Quadro 71 – Desaprovação – gordofobia recreativa**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>324</sup>
4.207	11/01/2024	@nome_usuario sim claro serei punido sim disso se tá certo mais vocês aí que ficam <b>fazendo piadinha</b> sobre uma pessoa <b>só porque ela é Gorda</b> ela faiz oque ela quiser ela é humana ao contrário de vocês que só querem vê ela sofre <b>só por causa da aparência</b> enfim não vou perder meu tempo mais se quiser me xingar me xingue que sua família seja feliz muito anos de vida pra você tchau.
1.110	08/01/2024	Uma tristeza <b>ver tantas pessoas dar risada</b> em um tipo de comentário desnecessário desse. <b>Fazer alguém se sentir mal, fazer piada, dar risada.</b> Gente, <b>minha mãe sempre se sentiu bem e é parecida com a Tais</b> , sempre me fez sentir bem, assim como fez com todos em sua volta. <b>Fico imaginando ela sendo motivo de piada pelas ruas, só por ser quem ela é</b> , o quanto iria machuca-la e a mim também, por vê-la triste. Parem de ser tão ruins com as pessoas. <b>Isso pode gerar depressão</b> , pois muitas tentas ser felizes, mesmo com tantos comentários desnecessário como esse. Mas cansa! Qualquer um pode passar por isso, os julgamentos. Não sejamos essas pessoas ruim, que tanto julgam e destroem vidas !

Fonte: Elaborado pela autora.

Em consonância com esses comentários, no programa *Encontro com Fátima Bernardes* (2021), uma telespectadora envia uma mensagem, lida pela apresentadora, em

<sup>323</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil de Thais Carla no *Instagram*.

<sup>324</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

solidariedade a Thais, destacando o modo como esse humor gordofóbico é algo condenável: “*Olha o que a Cláudia diz: é muito triste que, em pleno século XXI, nós ainda tenhamos que nos deparar com essa falta de respeito. Tudo o que machuca e que causa constrangimento não tem graça.*”

Frente a esse humor sem graça, Thais escolhe jogar com as mesmas armas dos gordofóbicos. Ela debocha daqueles que a patologizam, culpabilizam e brincam com a iminência da sua morte. Na letra da música *Não pode opinar*, essa postura aparece de forma evidente. Diante do incômodo do olhar do outro, ela responde com sarcasmo, desconsiderando a opinião alheia e fazendo aquilo que quer.

*O-o-o-olha minha, olha minha, olha minha  
Olha minha, olha minha cara de preocupada  
Olha minha cara de preocupada  
Enquanto tu se incomoda, eu sigo jogando a raba  
Olha minha, olha minha cara de preocupada  
Olha minha cara de preocupada  
Enquanto tu se incomoda, eu sigo jogando a raba*  
(Dimas; Reis, 2024).

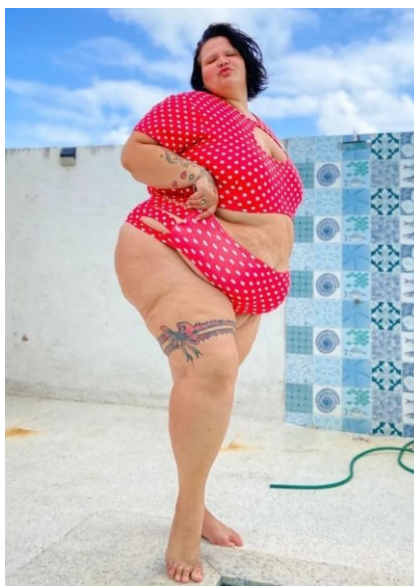
A ironia<sup>325</sup>, recurso comumente utilizado por humoristas, é, então, apropriada por quem é motivo da piada. Diante de sua ridicularização, Thais Carla responde a quem a ofende, provocando-o com uma ação contrariamente àquela esperada, mas que não deixa de entregar o sentido do que se quer, de fato, dizer (Charaudeau; Maingueneau, 2008).

Outra matéria da *Vogue Brasil* dá a ver esse posicionamento. Diante de um xingamento feito por um *hater*, “*Fecha a boca, desgraça ruim*”, a bailarina publicou uma foto, de biquíni, em que aparece mandando um beijo, em resposta à crítica (Figura 81): “*O que eu fiz pra essa pessoa? Nada. Eu estou de boca fechada, será que ela está vendo outra foto?*” (Thais..., 2023b, n.p).

---

<sup>325</sup> “A reflexão sobre a **ironia** acompanha a *filosofia* desde suas origens e a *retórica* a descreve tradicionalmente como um tropo\* que consiste em dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário compreender. Na ironia, há um efeito de *não assumir* a enunciação por parte do locutor e de *discordância* em relação à fala esperada em tal tipo de situação. É, pois, um fenômeno essencialmente *contextual*, cujos componentes *interacionais* e *paraverbais* são fortes; isso explica o interesse que suscita entre os adeptos das correntes pragmáticas\*” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 291, grifo dos autores).

**Figura 81** – Thais ironiza mensagem de internauta



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital<sup>326</sup>.

Ao lançarmos nosso olhar sobre Thais Carla, o humor gordofóbico se configura como algo indissociavelmente associado à sua figura. Aqui, ele perpassa todos os eixos estruturantes da gordofobia e, nessa dinâmica, é usado como estratégia em diferentes contextos. Ao associá-lo aos eixos estruturantes da *patologização* e da *culpabilização*, pretendemos chamar a atenção para o grau de violência contida nessas manifestações. Além de inscrever a influenciadora no lugar de alguém que provoca o riso – ela e o seu corpo são o motivo de piada – esse processo evidencia o modo como certas corporalidades não são vistas como vidas a serem valorizadas. Ao zombar da morte, sem pudor, eles menosprezam a vida não só de Thais, mas de todas as pessoas gordas.

### **6.1.5 O que não é humano não é digno de respeito: *animalização* e discurso de ódio**

É mais fácil odiar e ser cruel com alguém que não é considerado humano. A *animalização*, um dos eixos estruturantes da gordofobia, inscreve o corpo gordo em um lugar de uma existência anormal, sem dimensão humana, como evidencia Thais em entrevista à Fátima Bernardes: “*O que aconteceu comigo serve para as pessoas não se calarem, para elas falarem, porque elas não são um monstro. Elas não são anormais, elas são simplesmente seres humanos e simplesmente são gordas*” (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).

<sup>326</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2023/09/thais-carla-rebate-internauta-que-a-mandou-fechar-a-boca-o-que-eu-fiz-para-essa-pessoa.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2024.

Acreditamos que esse deslocamento a um lugar não humano promove uma dessensibilização que faz com que indivíduos gordos se tornem, atualmente, alvo de manifestações odiosas. Sobre esse tipo de discurso, Medeiros (2023), a partir de uma leitura butleriana, lembra que, factualmente, ele é direcionado a “grupos historicamente odiados”, como mulheres, negros e pessoas LGBTQIAPN+, entre outros. Tal configuração dá a ver uma hierarquização das corporalidades que visa a delimitar quem faz jus à dignidade e à proteção. “A performatividade dos discursos de ódio, repetida exaustivamente, tenta manter os lugares de abjeção, processo violento que atinge certos corpos em detrimento de outros” (Medeiros, 2023, p. 44).

Ainda que a gordofobia seja um preconceito emergente, como define Akotirene (2021), na contemporaneidade, as pessoas gordas têm se constituído como um grupo ao qual o ódio é reiteradamente dirigido, especialmente nas plataformas de comunicação digitais. Na matéria da *Vogue Brasil*, o ódio é colocado como algo intrinsecamente vinculado à figura pública Thais Carla.

A somatória de uma carreira de sucesso, tanto como dançarina, quanto influencer, uma família linda (ela é casada com Israel Reis e tem uma filha, Maria) e o amor próprio blindado ganham uma subtração na soma final: comentários maldosos, casos de gordofobia na internet e, ainda por cima, um mercado de moda muito restrito. “A dificuldade da mulher gorda é existir”, definiu Thais. (Belleze, 2019, n.p).

O ódio pode se manifestar de diferentes formas, entre elas, a *animalização*. Nesse processo, a *animalização* se configura como uma estratégia do ódio direcionada às corporalidades gordas. Assim como na análise feita sobre Preta Gil, as pessoas utilizam esse recurso para atacar Thais Carla.

Ela é chamada de “*elefante*” (22.4) e suas variações – “*Elefôa*” (1.73) e “*MAMUTE*” (4.265) – “*hipopótamo*” (32.5) e “*baleia*” (10.37) (Quadro 72). Importante observar que, para falar sobre a bailarina, os sujeitos escolhem associá-la a animais que, além de possuírem uma grande quantidade de gordura, são muito grandes. Essa dinâmica nos parece ser um indício sobre como existem gordofobias diferentes para corpos diferentes e o modo como ela opera no caso das pessoas gordas maiores.

**Quadro 72 – Animalização – bichos**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>327</sup>
22.4	05/01/2024	@nome_usuario achei q era outra, achei q era um <b>elefante</b> incomoda muita gente dois elefantes incomoda muito mais, três elefantes incomoda muita gente e assim

<sup>327</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

		vai □□□□ (IG)
1.73	08/01/2024	Deve ser um @besso(A) pra ta falando que é inveja . quem vai ter inveja de uma <b>Elefôa</b> kkkkkk
4.265	11/01/2024	@nome_usuario KKKKKKKKKKKKKKK DEIXEM , DEIXEN O <b>MAMUTE</b> EM PAZ
32.5	15/01/2024	Esse <b>hipopótamo</b> □?
10.37	12/01/2024	@nome_usuario Eu já ia responder pq achei q tu tava defendendo a <b>baleia</b> azul mas concordo. Cara quem q coloca a coitada da vó pra escutar essa merda

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao fazer uma busca no *Google* com as expressões “montagem thais carla hipopótamo” e “montagem thais carla baleia”, é possível observar que o processo de *animalização* também possui um caráter imagético e não se restringe às plataformas para as quais lançamos o nosso olhar neste trabalho. A Figura 82, abaixo, mostra a maneira como a bailarina é desumanizada também com o acionamento do humor.

Figura 82 – *Animalização* – internet



Fonte: Capturas de tela de imagens disponíveis no site iFunny<sup>328</sup>.

Nesta pesquisa, denominamos o eixo da *animalização* fazendo referência à prática de associar pessoas gordas a animais, como baleia e porco, por exemplo. A análise do nosso *corpus*, porém, mostra uma face mais ampla sobre como esse eixo opera. Thais não é unicamente bestializada, mas vinculada a coisas e objetos, o que reitera o seu lugar de não-humana.

<sup>328</sup> Imagem da esquerda: Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/eu-so-pesquisei-thais-carla-cantando-thais-carla-cantan-x-bJistvJDB>. Acesso em: 26 jun. 2024. Imagem da direita: Disponível em: <https://br.ifunny.co/video/o-maior-animal-do-mundo-thais-carla-tiktok-guuh-souza762-8eQ7wqUfA>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Por esse viés, ela não é digna de respeito e sofre um processo de desumanização que se revela como uma das faces mais cruéis da gordofobia. Nos registros abaixo (Quadro 73), a influenciadora tem parte do seu corpo associada a um sofá (1.634), é vista como uma coisa gigante (17.8), é equiparada a um “*saco de banha*” (1.169), é chamada de “*caminhão pipa*” (1.173), e comparada a um pedaço de carne na frase “*com a thays carla do lado de vocês, se virarem canibal tem comida até na quinta gerações de vocês kkk*” (4.17).

**Quadro 73 – Animalização – objetificação**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>329</sup>
1.634	08/01/2024	a bunda dela parece um <b>sofá</b> kkkkkkkkkk
17.8	14/01/2024	Na vdd e só a música que e um LIXO e tenho megalafobia medo de <b>coisas gigantes</b>
1.169	08/01/2024	Kkkkkkkkkk Vai estourar igual um <b>saco de banha no chão</b>
1.173	08/01/2024	@nome_usuario ter enveja de um <b>caminhão pipa</b> é foda nmrl
4.17	11/01/2024	@nome_usuario é, com a thays carla do lado de vocês, se virarem canibal <b>tem comida até na quinta gerações de vocês kkk</b> .

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma associação desumanizante que se configura como representativa das manifestações, no *Youtube* e no *Instagram*, é dizer que ela não é um ser humano, mas um planeta (25.10) (Quadro 74). Por essa ótica, o seu tamanho é tão grande que não há nada no mundo comparável a Carla. Com deboche, um dos comentadores faz uma analogia com uma das cenas do clipe, em que as bailarinas dançam ao redor da influenciadora: “[...] *as mina dançando e ao mesmo tempo rodando ao redor da Thaís parecia realmente que estavam acompanhando a órbita kkkkkkkk*” (34.16). Seguindo a mesma linha, as autoras dos registros 19 e 30 atribuem a filmagem do clipe no *Youtube* ou o registro da foto no *Instagram* à estação espacial internacional e a um satélite, respectivamente.

**Quadro 74 – Animalização – planeta**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>330</sup>
25.10	12/01/2024	@nome_usuario verdade! <b>Não é corpo humano, é planeta.</b>
34.16	22/01/2024	Papo reto, eu juro que eu não queria comentar. Mas as mina dançando e <b>ao mesmo tempo rodando ao redor da Thaís parecia realmente que estavam</b>

<sup>329</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>330</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

		<b>acompanhando a órbita kkkkkkkk.</b>
19	15/01/2024	Que bacana, primeiro clipe musical filmado da <b>estação espacial internacional</b>
30	05/01/2024	Parabens ao <b>satélite</b> que tirou essa foto (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

Se Thais não é humana, ela não carrega, em si, as características que se espera de uma pessoa e, por isso, também pode ser uma ameaça (Quadro 75). Ela é vista como um perigo para aqueles que a cercam, inclusive a sua equipe (9.27), e é capaz até mesmo de “*quebrar o chão*” (1.486) ou esmagar uma pessoa (10.67). No nível mais extremo de um discurso de ódio animalizador que aciona o humor, a influenciadora tem a capacidade de dizimar a humanidade, tendo os mesmo efeitos de uma bomba atômica (31.12).

**Quadro 75 – Animalização – ameaça**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>331</sup>
9.27	18/01/2024	Meu amigo <b>os outros tava se esquivando</b> pra a Thais Carla não cai em cima deles
1.486	08/01/2024	Tenho quase certeza que de tanto ela pular <b>ela já fez terremoto no mundo todo, além de quebrar o chão</b>
10.67	11/01/2024	@nome_usuario ou então ela te esmaga (IG)
31.12	05/01/2024	NÃO!!! PELAMOR DE DEUS, IRMÃO, 🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻SE ELA EXPLODIR A BOMBA ATÔMICA ACABA COM A HUMANIDADE 🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻🧑🏻 (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse tipo de fala se ancora em dois alicerces, o entendimento da gordofobia como vitimismo e, por isso, um preconceito sem legitimidade, e a noção de um falso anonimato no contexto das redes sociais digitais. No primeiro caso, parte-se do princípio que ninguém sofre por ser gordo. No comentário abaixo no Quadro 76 (11.24), representativo desse posicionamento, a pessoa reconhece o impacto de preconceitos, como o racismo e a lgbtobia, na vida dos sujeitos. No entanto, realiza uma hierarquização das opressões ao afirmar que as pessoas gordas não vivenciam uma experiência de opressão, e, em última instância, não são odiadas. Se a gordofobia não se constitui como preconceito, ela é inscrita, então, em um lugar de vitimismo e, diante da sua denúncia, vista como “mimimi” (19.11, abaixo).

<sup>331</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.



**Quadro 76 – Animalização – vitimismo**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>332</sup>
11.24	08/01/2024	@nome_usuario <b>Mas ela nem sofre por ser gorda</b> , sofre por ser essa pessoa chata. <b>Ninguém sofre preconceito por ser gordo</b> , as pessoas sofrem por serem negro, gay, trans etc... esses perdem empregos, sofrem. Piadinha não é preconceito, preconceito é quando a pessoa te odeia por quem vc é, <b>e eu nunca vi ninguém odiar gordos.</b>
19.11	15/01/2024	@nome_usuario. Esses números vai mudar algo na minha vida ou na vida do cara? Kkkkkkkkkk, plmds, é sério que tu vai defender essa <b>vitimista</b> do krlh? Kkkkkkkkkk

Fonte: Elaborado pela autora.

As falas vão de encontro ao que preconiza uma leitura interseccional das opressões que, apesar de reconhecer as idiossincrasias de cada eixo de subordinação, entende que não existe uma opressão mais ou menos importante, que causa maior ou menor sofrimento: não há hierarquia de opressões (Lorde, 2019; Carrera, 2021a).

Outras pessoas, porém, reconhecem a gordofobia (Quadro 77). No primeiro comentário (15.26), a pessoa repreende, com veemência, as manifestações odiosas gordofóbicas, colocando, em evidência, sua inadequação. Por essa ótica, não são apenas críticas, mas falas preconceituosas. Nos registros seguintes, os comentaristas delineiam, a partir da sua visão, o perfil de quem faz esse tipo de declaração: “*arrogantes e gordofóbicas, mais no final são tudo bando de criança frustrada*” (1.553), e “*o povo precisa de alguém para depositar suas frustrações e o veneno*” (8.42).

**Quadro 77 – Animalização – reconhecimento da gordofobia**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>333</sup>
15.26	07/01/2024	@nome_usuario não @nome_usuario, por causa de pessoas como vc que a Thais Carla precisa fazer essa música para jogar na cara de vcs, que <b>vcs não podem ficar criticando e cometendo preconceito pq ela é gorda e se ama do jeito que é.</b>
1.553	08/01/2024	@nome_usuario Pós é, eu n entendo como as pessoas podem ser tão, arrogantes e <b>gordofóbicas</b> , mais no final são tudo bando de criança frustrada.
8.42	23/01/2024	@nome_usuario Também acho, <b>o povo precisa de alguém para depositar suas frustrações e o veneno</b> , então faz isso com qualquer coisa (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>332</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>333</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

Como destaca D’Andréa (2020), essa dinâmica tem relação com a opacidade dessas plataformas no que se refere à sua dinâmica de funcionamento e lógica algorítmica. Assim, a estrutura das redes sociais digitais, somada aos interesses econômicos e ideológicos de seus proprietários, pode favorecer a disseminação do ódio na internet.

Um dos reflexos dessa dinâmica é a sensação de anonimato dos usuários, algo que se fez presente nos registros contidos no *Youtube* e no *Instagram* (Quadro 78). Em ambos os casos, os comentaristas se mostram despreocupados, certos de que, independentemente do que disserem, não serão penalizados. Eles, inclusive, vinculam essa sensação de impunidade e autoconfiança a um um “*jeito de ser*” de um odiador: “*desde quando haters tem preocupação?*” (42.5).

**Quadro 78 – Animalização – impunidade**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>334</sup>
42.5	22/01/2024	@nome_usuario <b>desde quando haters tem preocupação?</b>
1.546	08/01/2024	@nome_usuario Me processa, pode me processar <b>eu não tô com um pingão de medo</b> 😞
12.70	07/01/2024	@nome_usuario Pode comentar. <b>Vocês acham mesmo que ela vai processar o Brasil inteiro?</b> (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

As pessoas brincam com a possibilidade de serem processadas pelo que dizem a Thais fazendo referência, também, à imagem da influenciadora como alguém que aciona a justiça contra aqueles que a agridem virtualmente, algo compartilhado por muitos (4.12; 43) (Quadro 79). O autor do último comentário se isenta de qualquer responsabilidade se ancorando no fato de a gordofobia não ser tipificada como crime no Brasil: “*isso não tá escrito na legislação brasileira, se não acredita em mim não custa nada dá uma pesquisada*” (11.41).

**Quadro 79 – Judicialização – deboche**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>335</sup>
4.12	05/01/2024	<b>Calada me deito, sem processo me levanto</b> (IG)
43	05/01/2024	olha eu vou dizer uma coisa, <b>liguei pra OAB aqui eles disseram q calado eu venço</b> (IG)
11.41	08/01/2024	@nome_usuario não é não kkkkkk, <b>isso não tá escrito na legislação brasileira,se</b>

<sup>334</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>335</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

		não acredita em mim não custa nada dá uma pesquisada
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Não obstante, no país, um ato gordofóbico pode ser enquadrado como injúria e danos morais e, cada vez mais, a gordofobia tem se tornado, também, uma pauta jurídica. Outras pessoas demonstram reconhecer esse cenário em que a pessoa que comete gordofobia pode responder judicialmente (Quadro 80): “*Cuidado q processo vem querido!*” (1.90). O autor do registro 4.5 chama a atenção para uma possível consequência da judicialização: o ressarcimento financeiro. Ele acredita que, em alguns casos, somente esse tipo de penalidade pode gerar algum efeito positivo no combate ao preconceito.

**Quadro 80** – Judicialização – apoio

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>336</sup>
1.90	08/01/2024	<b>Cuidado q processo</b> vem querido ! Comentário bem maldoso , sem noção e idiota o seu !!
4.5	05/01/2024	@nome_usuario <b>quem sabe doendo o bolso aprendem a respeitar</b> . 🎵🎵🎵🎵 (IG)
15.277	10/01/2024	@nome_usuario ainda bem que o <b>Eliezer</b> abriu uma porta importantíssima não é pq é famosa que as pessoas podem falar o que quiser, tem mais é que processar mesmo. (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

A última mensagem (15.277, acima) lembra o caso de Lua Di Felice, filha dos ex-participantes do programa *Big Brother Brasil* e influenciadores digitais, Viih Tube e Eliezer. Antes mesmo de completar um ano, a bebê virou alvo de ataques gordofóbicos nas redes sociais digitais. Diante da ação dos *haters*, o pai de Lua contratou uma equipe para acompanhar os comentários e tomou a atitude de processar mais de 200 perfis (Eliezer..., 2024).

Pela leitura da trajetória pública de Thais Carla, é possível depreender que é por meio da judicialização que ela se coloca diante desse ódio que é direcionado à sua figura e, ao mesmo tempo, a todas as pessoas gordas. Um trecho da entrevista à *Vogue Brasil* destaca o modo como ela se posiciona. “Mas você acha que isso é o suficiente para derrubá-la? Não mesmo, já que ela busca ignorar as críticas online, denunciar os casos de preconceito para que as pessoas sintam-se constrangidas em disseminar o ódio e faz suas próprias roupas” (Belleze, 2019, n.p).

<sup>336</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

De acordo com a influenciadora, ela tenta não dar importância às críticas mas, em determinados casos, denuncia os agressores para que esse tipo de ação não seja normalizado em nossa sociedade e outras pessoas se sintam motivadas a fazer o mesmo, como destaca essa matéria da *Billboard Brasil*.

Em novembro de 2023, Thais revelou que, silenciosamente, move diversos processos contra comentaristas que se dirigem a ela com ataques gordofóbicos. A bailarina contou que prefere não falar sobre esse assunto na internet e age diretamente com a Justiça. Disse ainda que possui assessoria jurídica e pediu aos seguidores que se encontrarem algum tipo de conteúdo discriminatório ou uso de imagem impróprio, entrem em contato com ela ou com os advogados. (Polêmica..., 2024, n.p).

Esse é, também, um dos aspectos particulares da gordofobia. Por ser frequentemente descredibilizada, amparada pretensamente em um discurso de poder como o do campo da saúde, e considerada um vitimismo, as atitudes gordofóbicas são, muitas vezes, naturalizadas e aceitas nos espaços sociais. Nessa dinâmica, o preconceito se constitui como uma opressão que, muitas vezes, é autorizada. Não se repreende, não se denuncia e não se vê a vítima como vítima. Nesse contexto, a atitude de Thais, em denunciar os agressores<sup>337</sup>, é representativa de uma mudança de entendimento sobre o preconceito, que passa a ser visto como algo condenável, digno de punição e, por isso, inaceitável em nossa sociedade.

Ao longo da sua carreira, a influenciadora já processou figuras públicas, como o deputado federal pelo Partido Liberal (PL), Nikolas Ferreira, um dos líderes da extrema-direita no Brasil (Influenciadora..., 2023). Em nosso *corpus*, não identificamos uma vinculação política explícita da bailarina, apesar de, em outro momento, ela já ter declarado o seu voto no Partido dos Trabalhadores (PT)<sup>338</sup>. No entanto, os comentários abaixo dão a ver o modo como pautas de grupos socialmente minorizados são vistas como algo que é negligenciado pela direita (4.48). Ao passo que, figuras públicas que assumem um posicionamento de enfrentamento às opressões, como Thais Carla, são definidas como esquerdistas (5.102), conforme evidenciamos no Quadro 81.

<sup>337</sup> Paradoxalmente a essa postura, Thais Carla afirma na entrevista à *Vogue Brasil* que não costuma processar as pessoas que cometem gordofobia contra ela, apenas denuncia no âmbito da própria plataforma de comunicação digital: “Muita gente gosta de pegar minha foto para sacanear. Quando acontece alguma coisa assim, a única coisa que eu faço é denunciar, porque para mim o resto tanto faz, não vou ficar fazendo escarcéu ou caso sobre isso. Só quando eu vejo que é demais, aí sim. A maioria das pessoas que fizeram gordofobia com a minha foto, já me bloquearam e eu não consigo ver. Tenho que entrar em outra conta na rede social para mostrar a pessoa... elas gostam de sacanear, mas quando vê que um monte de gente vai lá denunciar e me ajuda, elas ficam com medo. A única coisa que eu faço mesmo é essa situação. Não sou de processar ninguém, é só mais uma opinião, é só mais uma pessoa querendo, mais uma vez, me sacanear” (Belleze, 2019, n.p).

<sup>338</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y03qC-IVk3g>. Acesso em: 1 jun. 2024.

**Quadro 81 – Política**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>339</sup>
4.48	11/01/2024	@nome_usuario pq só <b>bolsonaristas e direitistas não ligam para gordofobia.</b>
5.102	10/01/2024	@nome_usuario é hipócrita, censura as pessoas, arrogante, narcisista, egocêntrica, <b>romantiza uma doença e é esquerdistas.</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Thais Carla já acionou a justiça contra profissionais da saúde, como no caso da nutricionista Evelyn Van der Broocke Mello Pompeu que publicou uma imagem sem autorização (Ribeiro, 2021b). Ela também já moveu uma ação contra o humorista e apresentador Danilo Gentili (Thais..., 2022). Ainda no campo da comédia, Carla processou Léo Lins, que usou um vídeo, sem a autorização da influenciadora, para fazer piadas gordofóbicas. O caso se tornou simbólico, pois foi a primeira condenação, no Brasil, em que a gordofobia foi tratada de maneira explícita, em 2021.

A bailarina Thais Carla venceu o processo judicial que moveu contra o humorista Leonardo Lins após sofrer gordofobia. Para ativistas da área, a sentença é um marco, pois foi a primeira vez que um juiz deferiu diretamente a condenação por violação de gordofobia em primeiro plano. Deste modo, é possível denunciar estes atos por se tratarem de uma discriminação. No caso de Thais Carla, ela ganhou indenização por danos morais. (Souza, 2021b, n.p).

A relevância desse processo também pode ser demonstrada por sua referência recorrente nos comentários presentes no clipe da música *Não pode opinar*. Nossa leitura permite depreender que a maior parte das pessoas aprova o que o humorista fez, manifestando a sua aprovação por meio da mesma estratégia do comediante, o deboche (Quadro 82).

**Quadro 82 – Animalização – Referência a Léo Lins**

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>340</sup>
4.31	11/01/2024	@nome_usuario foda se o Bolsonaro, foda se o Lula , aq na presidência e <b>Léo Lins</b> e pra vice presidente Danilo Gentili prr
1.288	08/01/2024	O cara é melhor que o <b>Léo Lins</b>
30.1	10/01/2024	olha minha cara de preocupada <b>Leo Lins</b> processado pela 8 vez*

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>339</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>340</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

Carla reconhece a crueldade dos comentários que recebe, ancorados em uma ideia de anonimato, e proferidos com base em um ódio que é direcionado a uma corporalidade específica e alimentado pelos processos de desumanização aos quais as pessoas gordas são submetidas<sup>341</sup>

Comentários na internet são cruéis e eu já imaginava que seria assim, porque se as pessoas são infelizes na vida real e te falam na cara, imagina na web, onde ninguém pode te ver! Sempre tive comentários ruins nas minhas fotos, e isso é fato. Uso redes sociais desde a época do Orkut [Risos] então, eu estou ligada no jeito cruel das pessoas. Lembro que quando eu mandava solicitação, os caras falavam: ‘Não vou te aceitar, não, gorda desse jeito’ Umas coisas nada a ver! Agora, algum comentário que me marcou... eu não gosto que se refiram à minha filha, como: ‘Tão gorda desse jeito, daqui a pouco vai morrer e não vai nem ver a sua filha crescer’. Me incomoda um pouquinho, mas não deixo de ser quem eu sou. (Belleze, 2019, n. p).

A *animalização* direcionada a Thais nos mostra que a maneira como somos vistas reflete na forma como somos tratadas. A partir do momento em que a influenciadora é despida de sua dimensão humana, ela também deixa de ser vista como uma pessoa digna de respeito, dignidade e afeto. Neste lugar de vulnerabilidade, ela se torna alvo de um discurso de ódio cruel diante do qual ela busca justiça, acionando os meios legais para penalização dos *haters*. Por meio dessa ação, a bailarina demonstra que sabe jogar o jogo das lógicas algorítmicas, uma vez que, geralmente, não oferece visibilidade aos seus agressores, o que poderia gerar um engajamento. Ela luta por seus direitos no plano jurídico desnaturalizando a prática de manifestar o ódio publicamente. Tal posicionamento pode gerar, inclusive, uma movimentação desse campo no Brasil com um olhar mais sensível para a gordofobia e, em última instância, para a necessidade da sua criminalização.

## 6.2 HOLOFOTE INTERSECCIONAL: LUZES QUE DÃO A VER OPRESSÕES E OS SEUS ATRAVESSAMENTOS

Neste holofote, objetivamos refletir sobre outras opressões, além da gordofobia, que atravessam a imagem pública de Thais Carla. A influenciadora é uma mulher, gorda maior, branca, sem deficiência, heterossexual, cis, sudestina, jovem e que, após alcançar o status da fama, ostenta a riqueza. Por esse viés, é possível depreender que, em muitos recortes, ela não ocupa um lugar de sujeição, mas sim, de privilégio.

---

<sup>341</sup> Na entrevista à *Vogue Brasil*, de 2019, a influenciadora afirma que os ataques que ela recebe diariamente nas redes nunca se materializaram para além delas. “Não, nenhuma vez rolou um ataque que deixou de ser virtual. Graças a Deus!” (Belleze, 2019, n. p).

No *corpus* que compõe a nossa pesquisa, Carla ilumina as hastes peso – tratada de maneira aprofundada no holofote anterior – e gênero, cruzando as cores cinza e amarelo da roleta interseccional (Carrera, 2021b). No âmbito do gênero, uma questão que vem à tona refere-se ao modo como determinados lugares sociais são negados a Thais, por ela ser uma mulher gorda maior. São eles: o de mãe, fazendo emergir a concepção de uma maternidade perigosa, e o de esposa, dando a ver a concepção da pessoa gorda como alguém que não é digna de ser amada. Frente a essa dinâmica, Carla mostra que é possível questionar as limitações impostas pela gordofobia ao exercer os papéis de mãe e esposa.

Ainda no que se refere ao gênero, assim como Preta Gil, Thais Carla aciona a nudez como maneira de inscrever o seu corpo gordo maior em um lugar político, questionando valores morais que determinam qual nudez é tolerada em nossa sociedade machista e patriarcal. No entanto, a maneira como ela usa a exposição corporal também nos permite refletir sobre os limites entre esse potencial libertador e processos de objetificação da mulher, inscrevendo-a em um lugar de fetiche.

Além desses eixos que conformam a subjetividade de Thais, como uma *celebridade-resistência*, ela também se vincula a outros grupos socialmente minorizados a partir das ações que empreende na cena pública (Simões; Carneiro, 2022). Ou seja, o seu comprometimento com determinadas pautas passa por posicionamentos que confrontam preconceitos dos quais ela não é vítima, se posicionando para além da tematização da gordofobia e do machismo. Contra o racismo, a bailarina assume a postura de um pessoa branca antirracista, evidenciando a importância da representatividade e da autoestima para as pessoas negras, em busca de uma sociedade mais igualitária também para o seu marido e as suas filhas.

Por último, ainda que, atualmente, Carla ocupe um lugar favorecido em termos de classe, pensamos o modo como a sua história de origem, como uma pessoa pobre, reverbera em suas ações. Pela nossa leitura, a sua proveniência social é tensionada por meio de uma fala baseada na ideia da meritocracia, refletida em uma ostentação de suas conquistas. Ademais, Thais Carla promove um deslocamento de sentidos, inscrevendo a corporalidade gorda em um lugar de luxo e riqueza.

### **6.2.1 Nem mãe, nem esposa: os papéis sociais negados a uma gorda maior**

Assim como Preta Gil, Thais também é mãe. No entanto, diferentemente de Preta, no caso da influenciadora a maternidade emerge como uma temática relevante em alguns de nossos materiais. O assunto é uma das pautas da entrevista à *Vogue Brasil*, feita em 2019.

Belleze pergunta para Carla: “Pretende ter mais filhos?”, e ela responde: “Pretendo ter mais filhos, sim, só que agora não, porque a vida está muito corrida. Mas quero dar um irmãozinho para a Maria!”. O questionamento demonstra a maneira como os processos de celebração e a vivência da fama se diferem entre homens e mulheres (Moraes, 2016; Rocha; Lana, 2020), reflexo de uma sociedade patriarcal. Será que se essa entrevista fosse feita com um influenciador, ele seria questionado se planeja ser pai novamente?

No caso das mulheres, a cobrança não tem fim. Primeiramente, questiona-se a respeito do desejo de ter filhos, e depois, caso a mulher decida ser mãe, sobre dar irmãos a ele, como ocorreu na entrevista à *Vogue Brasil*. Tal dinâmica nos permite refletir acerca da ideia de uma maternidade compulsória<sup>342</sup>, o que dá a ver o gênero como um eixo de opressão. Autoras como Biroli (2018) e Costa e Soares (2022) inscrevem essa discussão relacionando-a com o controle de corpos femininos e a criminalização do aborto, comprometendo a autonomia e, em alguns casos, colocando em risco a vida da mulher (Biroli, 2018).

[...] a maternidade, atualmente, ainda é um tema considerado sagrado e naturalizado como algo essencial às mulheres, tendo influências ligadas diretamente com a religiosidade, com o Estado e com a cultura patriarcal. Desta forma, induz-se que a maternidade é algo intrínseco à mulher, que todas possuem um instinto materno inato e que, conseqüentemente, facilita o cuidado e o amor das mulheres para com seus filhos, ao contrário dos homens, como provedores da família, os quais não têm obrigação e “talento” na criação. Portanto, a maternidade ainda é considerada compulsória, o que faz com que mulheres sem filhos sejam questionadas sobre as suas escolhas e, muito, além disso, torna o aborto uma prática cruel e sujeita a criminalização. (Costa; Soares, 2022, p. 370).

Como compulsória, a maternidade é colocada como uma imposição, único destino possível e, no caso da escolha por não maternar, a mulher é vista como “incompleta” e condenada pela sociedade. Os julgamentos também ocorrem diante da decisão de aguardar um período de vida mais tranquilo, como afirma Thais à *Vogue Brasil*, ou priorizar a carreira. No caso dos homens, essas decisões são naturalizadas e autorizadas. As desigualdades também se fazem presentes no processo de criação dos filhos, gerando uma sobrecarga às mulheres.

Desse modo, dada a forma como é definida a responsabilidade pela criação das crianças, a maternidade é um fator que reduz a autonomia relativa, individual e coletiva, das mulheres. As tensões entre maternidade e mercado de trabalho remunerado, ou entre maternidade e atuação política, não são vivenciadas da mesma maneira pelos homens que são pais, justamente porque deles se espera menos ou muito pouco no cotidiano da criação dos filhos, ainda que a divisão convencional implique a atribuição a eles do papel de provedor. (Biroli, 2018, p. 107).

---

<sup>342</sup> Os limites da nossa pesquisa, referentes ao seu escopo e ao seu tamanho, não nos permite aprofundar em todas as questões tensionadas a partir da vivência da maternidade na contemporaneidade. Para esse aprofundamento, recomendamos a leitura de diferentes autoras que vão pensar criticamente o tema, tais como Badinter (1985); O’Reilly (2007); Corrêa (2011); Mendonça (2014) e hooks (2020).



No caso de Thais, ainda que ela, como mulher, experiencie a imposição da sociedade em exercer o papel de mãe, é possível apreender um deslocamento: de uma maternidade compulsória para uma maternidade perigosa, dando a ver o atravessamento entre gênero e peso. Por essa perspectiva, o corpo da influenciadora, visto como gordo e doente, não seria capaz de gerar e parir uma criança, oferecendo um risco a ela e as suas filhas<sup>343</sup>. Em entrevista à *Vogue Brasil*, a influenciadora revela que, entre as diferentes coisas que ouviu que não poderia ser na vida, estão, justamente, ser mãe e esposa.

Tem aquele velho ditado: ninguém me sustenta, então para mim tanto faz! Criticar é muito fácil. Ser é outra coisa! Eu não me importo - eu nunca me importei. Acho que se eu tivesse me importado com cada opinião que eu já escutei na minha vida, eu não ia ser a Thais de hoje: não seria bailarina, eu não ia me casar, eu não ia ter filho... então, a opinião das pessoas para mim não presta para nada. O que importa para mim é o que eu penso, e o que eu sei. (Belleze, 2019, n.p).

Como contextualiza Pilger (2021), se antes a “corpulência” feminina era vista como indicador de fertilidade, na atualidade, a saúde é associada à magreza e, por isso, somente um corpo magro é capaz de “[...] conceber, manter e, posteriormente, ter energia suficiente para cuidar de uma criança” (Pilger, 2021, p. 96). Qualquer corporalidade que não corresponda a esse ideal, é vista como uma maternidade perigosa.

Essa visão, associada à bailarina, acompanha, também, o julgamento responsabilizador que as pessoas fazem sobre a criação das suas filhas. Na mesma matéria, Thais Carla compartilha o tipo de comentário que recebe: “Tão gorda desse jeito, daqui a pouco vai morrer e não vai nem ver a sua filha crescer”. Ela conta que, de todas as manifestações odiosas que são direcionadas a ela, a que mais a atinge são as que envolvem sua filha<sup>344</sup>, dando a ver, mais uma vez, o valor da família. Nessa mesma linha, no comentário 41.22 (Quadro 83) presente no *Instagram*, Thais é acusada de ser uma pessoa irresponsável e uma mãe que não pensa em sua prole.

<sup>343</sup> A influenciadora revelou que sofreu gordofobia médica na sala de parto. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/gordofobia-thais-carla-ja-vivenciou-o-preconceito-na-sala-de-parto>. Acesso em: 30 mai. 2024.

<sup>344</sup> À época da entrevista, em 2019, Thais ainda não era mãe de Eva, que nasceu em 2020.

Quadro 83 – Maternidade perigosa

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>345</sup>
41.22	05/01/2024	@nome_usuario lógico que é todos né criatura, pé de um animal em casa alimentação a gente tem que cuidar, Mas você acha que ela é exemplo eu não digo nem da vida dela mas quando <b>ela tem duas filhas é devia pensar nas filhas dela</b> que dinheiro graças a Deus ela já tem (IG).

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesse argumento, se a bailarina realmente se preocupasse com as filhas, já teria tomado uma atitude para emagrecer e, assim, acompanhar o crescimento delas. Por esse viés, não adianta ter dinheiro se a pessoa não tem saúde para exercer o seu papel de mãe. Aqui, a iminência da morte, ainda que não esteja presente de forma direta, se coloca como uma consequência da irresponsabilidade da bailarina que, por isso, não pode ser vista como um exemplo a ser seguido. Por essa ótica, o futuro de Thais reserva a ela o lugar de uma mãe ausente, já que está fadada à morte. Ao nosso ver, o fato de ela ser uma mulher gorda maior incide diretamente na concepção dessa maternidade perigosa, já que, quanto maior o seu tamanho, maior a associação com doença e morte.

Ser mãe não é o único papel negado à influenciadora, ela também não é vista como uma esposa que pode ser amada pelo marido, Israel Reis, apenas por ser quem é. A bailarina recebe constantes indagações sobre a sua união, o que demonstra um significativo interesse das pessoas sobre a vida amorosa e sexual do casal (Aquino; Carneiro, 2021). Na entrevista para a *Vogue Brasil*, ela é questionada sobre o modo como as pessoas enxergam o seu relacionamento como algo inapropriado e falso, sustentado por outros interesses.

Eu acho que as pessoas se incomodam com o meu casamento porque acham que a gordura é um estado de feiura, por conta da sociedade patriarcal, machista, onde acham que a gorda é sinônimo de mulher que não se cuida, não se ama. Onde o bonito é ser seca e magrinha, e é isso que impõe. Então, as pessoas se incomodam muito por ele estar comigo, um cara negro, um cara bonito, afinal, meu marido é um cara lindo, aos meus olhos, e acham que é interesse. Mas é como eu disse: eu não me importo! Fala o que quiser, meu amor, vou seguir minha vida e muito feliz. Agora, o meu relacionamento com o meu corpo, elas se incomodam, porque eu sou uma pessoa que é nítido olhar para mim e ver que eu estou bem, que eu não estou infeliz. Então, a felicidade alheia incomoda! E eu estou bem feliz, muito bem resolvida com o meu corpinho. (Belleze, 2019, n.p).

O depoimento demonstra o modo como a mulher gorda é vista como alguém que não é digna de ser amada. Em sua fala, a influenciadora explica que esse tipo de entendimento se dá com base na associação direta entre gordura e feiura. Além de estereótipos que reforçam a ideia da pessoa gorda como alguém que não se ama, que tem uma relação de rejeição com o

<sup>345</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

próprio corpo e é infeliz. Nesse contexto, ela não é percebida como alguém que pode ser amada e respeitada em um relacionamento amoroso.

As experiências ao longo da vida de uma mulher gorda vão reforçar esse lugar de preterimento, como destaca um trecho da entrevista à *Vogue Brasil*: “Lembro que quando eu mandava solicitação, os caras falavam: ‘Não vou te aceitar, não, gorda desse jeito’”. Por esse viés, um homem como Israel, magro e que, em muitos aspectos, corresponde ao padrão de beleza, não pode estar ao lado de Carla por amor. É importante lembrar que essa mesma visão foi observada na análise sobre Preta Gil, no contexto do relacionamento com o seu ex-marido, Rodrigo Godoy. Em ambos os casos, há a crença de que um benefício financeiro sustenta a existência da relação: “acham que é interesse” (Belleze, 2019, n.p).

Essa mesma questão é abordada por Fátima Bernardes durante entrevista de Thais ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*. A apresentadora lembra como a felicidade da bailarina no casamento e a formação da sua família causam estranhamento, pois isso não é algo imaginado para uma mulher gorda. Bernardes também lembra que as pessoas colocavam um prazo de validade no relacionamento de Carla, reafirmando, assim, a descrença na genuinidade da união. Isso se dá, também, porque a trajetória esperada para uma mulher gorda é que ela seja desprezada nos relacionamentos amorosos e vivencie a solidão, algo que se agrava ainda mais quando falamos sobre gordas maiores.

No *Instagram*, essa visão também se faz presente entre os usuários. Diante de uma manifestação de afeto do marido de Carla no perfil, “*Te amo*” (39), as pessoas respondem ao comentário com acusações de que ele está com a influenciadora pelo dinheiro e pela fama (39.17). Em outro registro, gordofóbico e racista, a pessoa afirma que é melhor suportar o “*peso de tonelada*” de Thais do que ocupar-se com um emprego (39.13) (Quadro 84).

**Quadro 84** – Marido – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>346</sup>
39 (v)	05/01/2024	Te amo
39.17	05/01/2024	@reisdeisrael Você só está com ela por dinheiro e fama, né? Só não afirma isso por medo de ser cancelado.
39.13	05/01/2024	O peso de tonelada dela é melhor que o peso de um trabalhinho, miga

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>346</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

Aqui, é preciso destacarmos que o julgamento do relacionamento da bailarina se dá, também, com base na visão da pessoa negra como alguém que não gosta de trabalhar. Ela é baseada em “uma suposta propensão à preguiça, à ignorância e à incompetência dos negros” (Silva, 2021, p. 152), o que nos lembra o arquétipo do malandro<sup>347</sup>, enunciado por Rodrigues (2001). Ao nos apropriarmos dessas reflexões, é possível afirmar que as pessoas atribuem a Reis um lugar de “parasita”, que utiliza da sua esperteza para ter uma boa vida explorando a sua esposa e sem trabalhar. Em outras mensagens (Quadro 85), como o comentário 39.7, abaixo, as pessoas colocam o amor de Israel por Thais em dúvida a partir de uma acusação de negligência e irresponsabilidade. Nessa perspectiva, ela é uma mulher doente e que precisa de ajuda. Se o marido realmente a amasse, deveria intervir e auxiliá-la em um processo de emagrecimento, para evitar o pior. Já no segundo comentário (39.3), a pessoa se contrapõe ao entendimento de que o marido de Carla está com ela somente por interesse. Ela chama a atenção para o fato de eles estarem juntos mesmo antes da fama e da riqueza da influenciadora, o que comprovaria que a união é verdadeira e sustentada pelo amor.

**Quadro 85** – Marido – disputa – *Instagram*

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>348</sup>
39.7	05/01/2024	@reisdeisrael se você realmente amasse cuidaria, ela precisa de ajuda urgente. Não há órgãos que aguenta ser esmagado e pressionado desse jeito. 😞
39.3	05/01/2024	@nome_usuario pra estar casado ha tantos anos desde quando nao tinham nada e muito amor mesmo...diferente de uns amores por ai q so fingem amar e so machucam e destroem a vida das pessoas !

Fonte: Elaborado pela autora.

Frente às acusações que recebe sobre a veracidade do seu relacionamento, Thais faz questão de aparecer publicamente ao lado do marido. Em uma pesquisa exploratória no *Instagram*, é possível observar que ela compartilha com seus seguidores as conquistas do casal<sup>349</sup>, viagens<sup>350</sup> e momentos de romance e intimidade<sup>351</sup>. Uma das imagens que acompanha a entrevista para a *Vogue Brasil* (Figura 83) é representativa desse tipo de posicionamento. Thais aparece, juntamente com Israel, em uma embarcação.

<sup>347</sup> O malandro “reúne características de quatro orixás do candomblé: a ambivalência e o abuso de confiança de Exu, a instabilidade e o erotismo de Xangô, a violência e a sinceridade de Ogum, a mutabilidade e a esperteza de Oxóssi” (Rodrigues, 2001, p. 43).

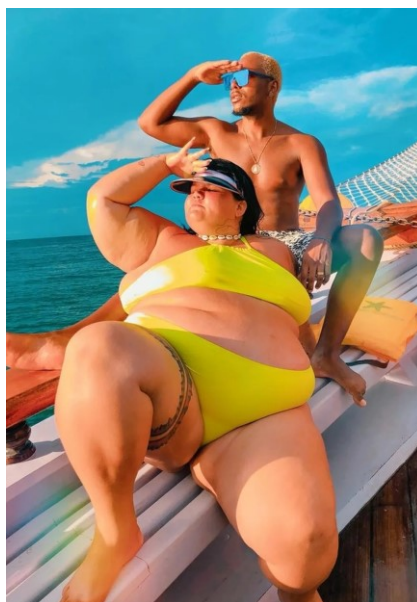
<sup>348</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>349</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cy030IxLgM4/>. Acesso em 25 maio 2024.

<sup>350</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C4\\_ iylANyCY/](https://www.instagram.com/p/C4_ iylANyCY/). Acesso em: 25 maio 2024.

<sup>351</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C45YMocJ3hg/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C45YMocJ3hg/?img_index=1). Acesso em: 25 maio 2024.

**Figura 83** – Thais Carla e o marido Israel



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital.<sup>352</sup>

Ao fundo, é possível observar o céu e o mar em diferentes tons de azul em um dia ensolarado. Ambos levam as mãos acima dos olhos, em um gesto que indica a intenção de avistar algo. A imagem aciona sentidos de sintonia e poder, na busca pelos mesmos objetivos. Ou seja, reforça a ideia de uma união forjada em uma parceria que é sustentada pelo amor.

As reflexões trazidas neste tópico demonstram como os atravessamentos entre gênero e peso dão a ver idiossincrasias na experiência do que é ser uma mulher em nossa sociedade. No âmbito dos feminismos, há uma reivindicação pela possibilidade de uma escolha em ser mãe ou se casar. Quando falamos sobre maternidade, por exemplo, a crítica recai sobre a ideia de uma maternidade compulsória, que reduz a existência da mulher a esse papel social e condena aquelas que optam por não maternar.

No caso das mulheres gordas, muitas vezes, o que se demanda é o direito de ser mãe e estar em um relacionamento amoroso, já que a gordofobia, sustentada pelos estereótipos, nega a essas mulheres tais papéis sociais. O que nos permite concluir que a experiência vivenciada por mulheres gordas, especialmente mulheres gordas maiores, como mães e esposas, se diferencia daquela vivenciada por sujeitas magras. Assim como ocorre, também, com mulheres negras, com deficiência, LGBTQIAPN+, e tantas outras pertencentes a grupos socialmente minorizados em nossa sociedade.

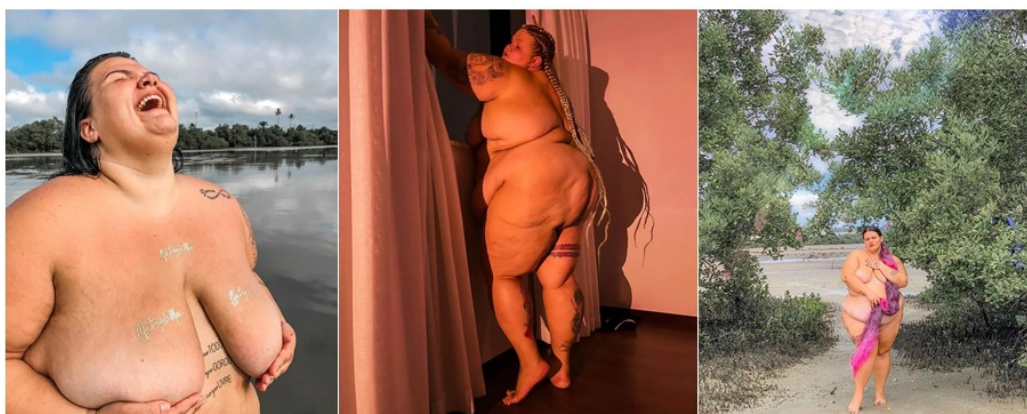
---

<sup>352</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2024.

## 6.2.2 A exposição do corpo: o tensionamento entre a liberdade feminina e a objetificação sexual

Como já discutimos, a partir de Sibilia (2014a), a nudez feminina pode conter um viés político, como algo que questiona a norma e dá visibilidade a diferentes pautas. Por meio dela, é possível desafiar valores morais forjados no âmbito de uma sociedade machista. A nudez e a exposição corporal são acionadas com recorrência por Thais Carla, como constataram Aquino e Carneiro (2021), em pesquisa anterior, e é possível observar na Figura 84 que ganhou destaque no site da *Vogue Brasil* digital.

**Figura 84** – Nudez de Thais Carla



Fonte: Revista *Vogue Brasil* digital<sup>353</sup>.

Pela nossa leitura, as imagens acima indicam um sentido de empoderamento e sensualidade. Carla se apropria do seu corpo e busca naturalizar a nudez, distanciando-a de algo obscuro ou imoral. A influenciadora se mostra à vontade com seu corpo desviante e tem liberdade para o expor como desejar. “Nesse contexto, o corpo gordo nu insere outra camada no processo interativo: a resistência. O ato político rompe com a ideia de que só um tipo de corpo é autorizado a se expor e ressignifica estereótipos” (Aquino; Carneiro, 2021, p. 13).

Aqui, é importante pontuar uma especificidade desse corpo gordo que se coloca exposto. Como discutimos, na contemporaneidade, o entendimento do que é obscuro na nudez passa por critérios estéticos (Sibilia, 2014a). Dessa maneira, quanto mais distante da

<sup>353</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2019/07/thais-carla-posa-topless-e-fala-de-empoderamento.html>. Acesso em: 27 maio 2024;

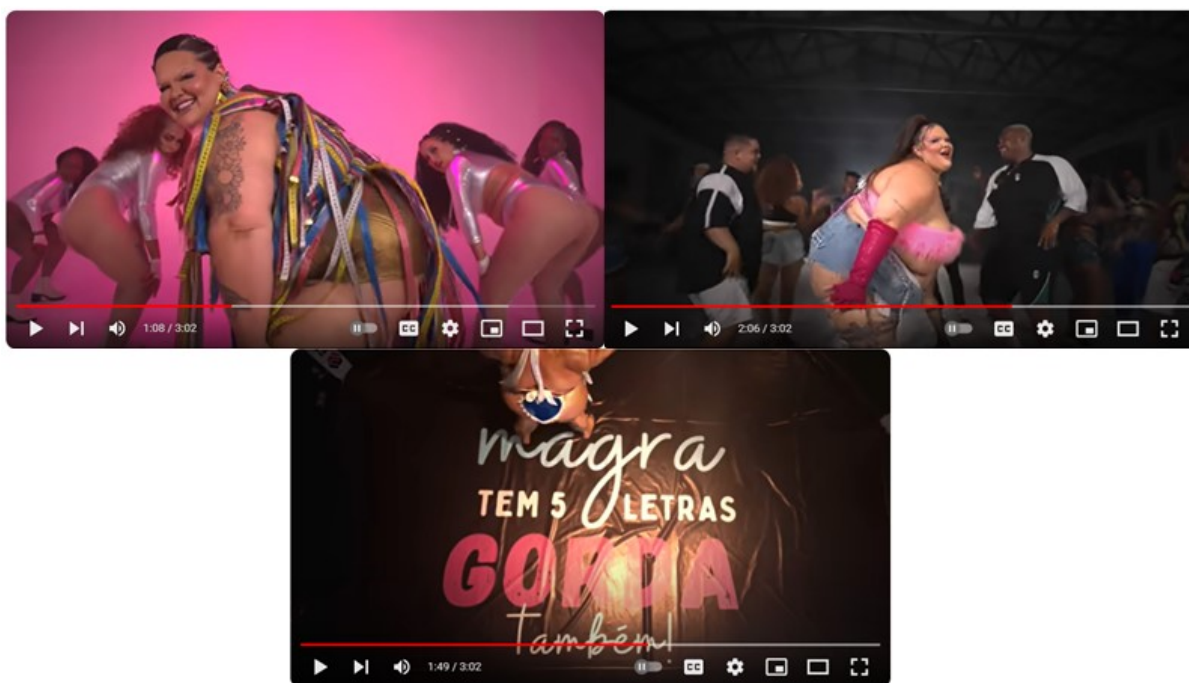
Disponível em: <https://vogue.globo.com/fashion-weeks/spfw/noticia/2021/12/thais-carla-posa-nua-e-faz-questionamento-sugestivo-veja.html>. Acesso em: 27 maio 2024;

Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/01/thais-carla-posa-nua-para-celebrar-1-milhao-de-seguidores-no-instagram.html>. Acesso em: 27 maio 2024.

normatividade, maior a chance da exposição corporal ser vista como indecorosa, de chocar. Nesse viés, a nudez da corporalidade gorda maior de Thais instaura sentidos diferentes da nudez de Preta Gil, por exemplo, já que esta é uma gorda menor, uma *gorda palatável*.

No clipe *Não pode opinar*, Thais também aciona a exposição corporal. Na divulgação da sua música de estreia na carreira como cantora, ela anuncia: “Acabou o suspense!!! 🎵🎵 É hora de jogar a raba com o meu primeiro single. NÃO PODE OPINAR! 🎵🔥 #nãoopodeopinar #thaiscarla”<sup>354</sup>. A música, um *funk*, nos lembra como o gênero está associado à trajetória da influenciadora. Ela fez parte do corpo de baile da cantora Anitta e escolheu, para se lançar na carreira artística, uma canção do mesmo estilo. Na letra, “Enquanto tu se incomoda, eu sigo jogando a raba”, ela também demarca esse lugar acionando uma expressão comum nas músicas de *funk*<sup>355</sup>, “raba”, em referência à bunda (Figura 85).

**Figura 85** – Frame do clipe *Não pode opinar* – sigo jogando a raba



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>356</sup>.

No vídeo, não há cenas de nudez explícita. As bailarinas aparecem vestidas com uma espécie de maiô e Thais alterna os figurinos, vestindo uma roupa que remete à fita métrica,

<sup>354</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1vBjaFJFTL/>. Acesso em: 30 maio 2024.

<sup>355</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NaBMEcOUo98>. Acesso em: 25 maio 2024; Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-NEYgNY8IXo>. Acesso: 25 maio 2024; Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F2sjDAuohN0>. Acesso em: 25 maio 2024.

<sup>356</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

um biquíni e um *look* com *cropped* rosa e *short jeans*, como mostram as imagens acima. Elas demonstram estar à vontade ao performar a coreografia e, por esse ângulo, é possível pensar nesse tipo de exposição corporal e dança a partir de um viés libertador. São mulheres que, como donas de seus próprios corpos, têm a liberdade para vestir as roupas que quiserem e dançar da forma que desejarem, sem julgamentos ou retaliações machistas.

No entanto, à medida que o clipe avança, é possível refletir sobre como essa exposição corporal também pode acionar sentidos ligados a um lugar de objetificação sexual, inserida em uma lógica fetichista. Assim, é possível questionarmos: trata-se de uma ação com viés libertário ou algo que reforça os processos de objetificação dos corpos femininos? Loureiro (2014) define a objetificação sexual como uma das facetas do patriarcado, por meio da qual as mulheres são definidas como corporalidades que servem ao prazer sexual dos homens.

Como reforça a autora, a mídia exerce um papel importante na conformação dessas representações sexualizadas e esse processo “[...] ocorre a todo momento que uma mulher é valorizada exclusivamente pelo seu apelo sexual, rebaixada a um status de objeto de consumo e/ou sofre uma imposição inapropriada de sexualidade (Apa, 2007)” (Loureiro, 2014, p. 103). Nessa perspectiva, um primeiro elemento que chama a atenção, por exemplo, é a discrepância, entre homens e mulheres, no que se refere ao figurino no clipe. Ainda que os primeiros façam a mesma coreografia, as roupas são diferentes e colocam o corpo feminino em evidência (Figura 86).

**Figura 86** – Frame do clipe *Não pode opinar* – mulheres x homens



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>357</sup>.

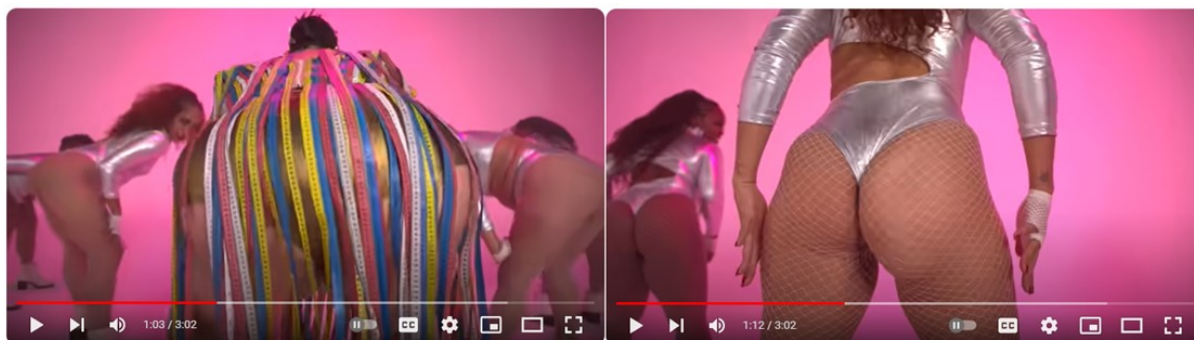
Em outras cenas do videoclipe, o que mostra o tratamento diferenciado da exposição corporal são os ângulos e os movimentos das filmadoras. Thais Carla e as bailarinas aparecem rebolando diante das câmeras e mostram os seus corpos em ângulos muito aproximados, algo

<sup>357</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.



recorrente no universo *funkeiro*, o que não acontece com os bailarinos. Esses recortes nos lembram os olhares masculinos invasivos e desrespeitosos aos quais as mulheres são submetidas diariamente. As cenas abaixo (Figura 87) são representativas dessa construção imagética, o que dá a ver o modo como a exposição do corpo feminino, quando cooptada pelo machismo, conforma imagens objetificadoras.

**Figura 87** – Frame do clipe *Não pode opinar* – objetificação



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>358</sup>.

É importante observar, também, a maneira como a construção das imagens retira o caráter humano das mulheres que são representadas. Elas deixam de ser uma pessoa e passam a ser apenas parte de um corpo, “a raba”, o que dá a ver um processo de fetichização que aciona a fragmentação do sujeito (Hall, 2016). Loureiro (2014, p. 16), a partir de um olhar da psicologia, corrobora com essa visão e também inscreve esse partimento como uma das estratégias de objetificação sexual feminina, por meio da “exploração de partes do corpo ligadas à sexualidade, como se a exibição de um corpo ou partes dele fosse a representação de uma pessoa.”

Uma leitura possível para essa construção imagética também pode ser feita a partir da ideia de *male gaze* (Mulvey, 1983), em que o olhar masculino objetifica a mulher para que ela, ao ser exibida, atenda às suas fantasias, o que leva à reprodução de narrativas machistas. Por esse olhar, não é irrelevante que o clipe tenha sido dirigido por dois homens, Israel Reis, marido da bailarina, e Icaro Gama. Essa instância da produção, que determina quem detém o controle sobre a narrativa, nos dá indícios a respeito da construção de sentidos sobre a mulher e o seu corpo.

Esse tensionamento, constituído por meio da linha, por vezes tênue, que separa os processos potencialmente libertários daqueles objetificantes, também está colocado, ainda que

<sup>358</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

de forma tímida, nos comentários dos sujeitos nas plataformas que analisamos (Quadro 86). Para o autor do primeiro registro (5.82), Thais Carla não se dá ao respeito, ou seja, ele identifica uma vulgaridade na maneira como ela se apresenta no videoclipe.

**Quadro 86** – Gênero – objetificação

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>359</sup>
5.82	10/01/2024	@nome_usuario <b>nem ela se respeita</b> , olha bem como ela se representa no próprio clipe dela kkkkk
35.17	05/01/2024	@nome_usuario para ser bem resolvida não precisa usar máscara e fantasia se expondo ... não sou magra mais a questão é não é o corpo é o que tenta mostra e não é o que tenta mostra de bem resolvida não tem nada ... ser bem resolvida é outro nível não é no corpo !!! (IG)

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda mensagem, 35.17, acima, segue a mesma linha e questiona a estratégia de exposição corporal utilizada na produção. Por essa visão, isso é algo desnecessário, pois “*não precisa usar máscara e fantasia se expondo*” para ser “*bem resolvida*”. Ou seja, a pessoa não identifica um viés libertário ou empoderador na exposição corporal para as mulheres e, de modo particular, para mulheres gordas.

Em uma interação específica, o tensionamento do papel da exposição corporal de uma mulher gorda está colocado de maneira polarizada. Na primeira mensagem (4.49, no Quadro 87), a pessoa chama a atenção para a hipocrisia contida nas acusações de vulgaridade direcionadas à bailarina. Já outro usuário (4.50), apresenta atitudes que, ao seu ver, são condenáveis para mostrar que é diferente dela. O seu olhar para as ações de Thais a inscrevem em um lugar de obscenidade (Quadro 87).

**Quadro 87** – Gênero – liberdade

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>360</sup>
4.49	06/01/2024	Cara, e tu te respeita ????? <b>De vulgar tu nao pode chamar ela , se nao tas sendo bem hipócritas</b> ,falar em saude tbm nao podes com aquele cigarro eletronico na mao ☐☐e sabe la oq tu come oq tu faz mais da tua vida q pode te prejudicar ... Então para de graça
4.50	06/01/2024	@nome_usuario Kakakakakaka graça? Graça tá vc lacrando por um comentário tão simples! Hahahahah procura ali um vídeo meu cagando ou impondo regras sem sentido, ou mija do no meio da rua, ou <b>pelada dizendo q vou pro notei transar</b> , procura!!! Se tu apoia <b>essas palhaçadas</b> , no mínimo tu faz igual! E

<sup>359</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

<sup>360</sup> Transcrição de comentários do perfil no *Instagram* de Thais Carla.

		detalhe, oq tu pensou ali de mim, CAGUEI! Até pq n vivo da net, não vivo de engajamento, muito menos procuro relevância alheia
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A fala do usuário remete a publicações de Thais Carla, em seu *Instagram*, em que ela expõe momentos de intimidade com o seu marido. Em alguns *posts*, é possível identificar uma conotação sexual e erótica, como nos exemplos abaixo (Figura 88). No primeiro vídeo, ela e Israel aparecem nus e, durante o banho, enquanto ele lava os cabelos da esposa, o casal troca carícias e beijos. Na segunda gravação, também no banheiro, eles dançam enquanto a frase “*Enquanto vocês criticam a gente faz amor todos os dias*” aparece à frente no vídeo.

**Figura 88** – Momentos de intimidade com o marido



Fonte: Capturas de tela de vídeos disponíveis no perfil do *Instagram* @thaiscarla<sup>361</sup>.

A mulher gorda é, muitas vezes, vítima de um processo de assexualização, vista como alguém que não é desejável. Como discutimos a partir de Arruda (2021a), além do lugar da beleza e da sensualidade, a sexualidade também é negada a essas sujeitas, como reflexo da gordofobia. Por esse viés, as ações de Thais Carla podem contribuir para desconstruir tabus relacionados à sexualidade de mulheres gordas, dando visibilidade a esse lugar de erotismo do corpo gordo. Paradoxalmente, é preciso não perder de vista a maneira como essas imagens podem corroborar para a fetichização, na qual estão colocados, ao mesmo tempo, a repulsa e o desejo. Nesse processo, as mulheres gordas são vistas como pessoas que não são dignas de

<sup>361</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6WphdNLvMI/>. Acesso em: 27 maio 2024; Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyyiQKzLQOy/>. Acesso em: 27 maio 2024.

serem amadas, servindo somente ao sexo.

A nudez e a exposição corporal feminina podem ser problematizadas a partir de duas facetas. De um lado, está o seu caráter político e libertador, especialmente para corporalidades dissidentes, como o corpo gordo maior de Carla. Nesse viés, o atravessamento entre peso e gênero é evidenciado quando uma mulher gorda aciona a nudez para confrontar visões moralistas, forjadas no âmbito do machismo, a partir da construção de *imagens ressignificadoras*. Por outro lado, a nudez e a exposição corporal também podem ser utilizadas para fomentar processos de objetificação da mulher. Nesse sentido, em alguns momentos, o clipe *Não pode opinar* acaba promovendo essa coisificação por meio de uma fragmentação. Esse processo não diz de uma liberdade feminina, mas reforça os estereótipos associados aos papéis das mulheres na sociedade patriarcal, como objetos sexuais que ocupam um lugar de fetiche.

### **6.2.3 Mãe de duas meninas negras, casada com um homem negro: qual o papel de uma mulher branca na luta antirracista?**

A família é um valor notável associado a Thais Carla<sup>362</sup> e, ao longo de nossa análise, emerge em diferentes momentos. A bailarina exalta a sua família de origem e também aquela que construiu ao lado do seu marido, o empreendedor e empresário da influenciadora<sup>363</sup>, Israel Reis, e suas filhas, Maria e Eva. Carla é uma mulher branca e, quando falamos sobre raça, ocupa um lugar de privilégio. Ela não é atravessada por esse eixo de subordinação e, conseqüentemente, não sofre as conseqüências do racismo.

No entanto, a sua configuração familiar nos permite refletir sobre como a bailarina, como pessoa branca, posiciona-se frente ao racismo sendo mãe de duas meninas negras e casada com um homem negro (Figura 89). Na entrevista à Fátima Bernardes, em 2021, ela demonstra como a sua família, interracial, gera um incômodo. “*Meu marido é um cara negro, temos filhas negras, e é sobre isso, sabe? A sociedade tem que entender que basta você se encontrar e ser feliz, sabe? Eu mostro isso, que é real, pode ser real.*” Ou seja, acionando a sua autenticidade, Carla reivindica o respeito e a valorização da sua família como uma

<sup>362</sup> Esse valor da família não está descolado das estratégias comerciais de Thais. Em seu *Instagram*, por exemplo, é possível identificarmos ações de publicidade com a presença do marido e das filhas. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C633SJ1Lf\\_j/](https://www.instagram.com/reel/C633SJ1Lf_j/). Acesso em: 25 maio 2024; Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6KSG5ypXnM/>. Acesso em: 25 maio 2024; Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C25-KtAtCVc/>. Acesso em: 25 maio 2024.

<sup>363</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reisdeisrael/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

referência de coisas boas, inscrevendo-a, assim, em um lugar de representatividade, algo que também foi destacado, na época, pela outra convidada do programa, a atriz Taís Araújo.

**Figura 89** – Thais Carla e a sua família



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no *Instagram* @thaiscarla<sup>364</sup>.

Na vida da bailarina, a família foi algo determinante na construção da autoestima, como é evidenciado em sua entrevista para a *Vogue Brasil*. “O sucesso atual veio de um apoio incondicional de dentro de casa e uma autoconfiança incrível, mas, se dependesse de pessoas alheias ao seu círculo familiar, a história poderia ser bem diferente” (Belleze, 2019, n.p). Essa temática também é abordada por Thais Carla em uma publicação, de 2019, em que ela faz uma reflexão sobre autoestima, tensionando o seu lugar como mulher branca. A influenciadora conta que era um desejo da filha, Maria, fazer as tranças junto com ela (Figura 90), no entanto, explica: “[...] acabava não fazendo porque tenho consciência de que, enquanto branca e privilegiada, nunca vou saber, na pele, o real significado disso para além da estética” (Thais..., 2019a).

<sup>364</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C4TaU8\\_JEre/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C4TaU8_JEre/?img_index=1). Acesso em: 24 maio 2024.

**Figura 90** – Thais Carla e filha Maria com os cabelos trançados



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no site Universa Uol<sup>365</sup>.

Por meio da sua fala, a bailarina nos dá indícios sobre o seu reconhecimento da “[...] branquitude como lugar de manutenção de privilégios materiais, subjetivos e simbólicos na sociedade e base de sustentação do racismo” (Carreira, 2018, p. 128). O posicionamento também está alinhado com o entendimento da autoestima como um processo de resgate para as pessoas negras, algo que não se limita à aparência (Berth, 2020): “Para elas, essa é uma forma de bater de frente com o racismo. É sobre representação, representatividade e ancestralidade.”

Conforme já discutimos, a partir de Berth (2020), o cabelo é um elemento relevante quando falamos sobre a construção da autoestima das pessoas negras, sendo a exaltação do cabelo crespo um importante elemento de orgulho racial. Diante desse significado, as pessoas se apropriam desse componente para fazer ataques racistas. Em 2023, Thais Carla denunciou o racismo sofrido por sua filha mais nova, Eva, após postar um vídeo com a criança. A influenciadora explicou que esse não é um caso isolado e que sempre recebe mensagens preconceituosas sobre a aparência e/ou cabelo das filhas.

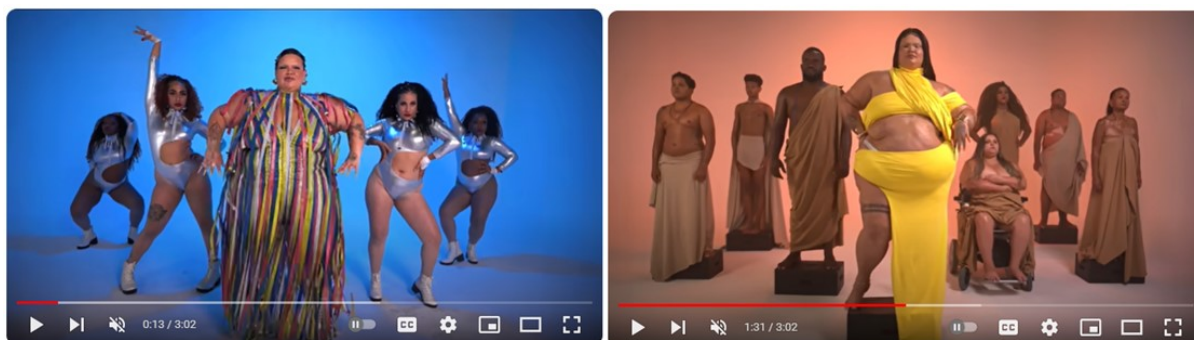
“Minhas filhas sofrem racismo. Quando posto qualquer coisa delas tem alguém falando do cabelo delas, tem alguém falando da aparência delas”, desabafou. “É sempre isso, pelo amor de Deus, gente se ponham no lugar de vocês. O cabelo dela é assim, é a coroa dela, é o black dela, e é assim”, disparou. (Thais..., 2023a, n.p).

A preocupação com a representatividade e a construção da autoestima da pessoa negra, evidenciada nos posicionamentos de Thais, também se fazem presentes no clipe da música *Não pode opinar*. No vídeo, é possível observar uma expressiva representatividade negra, tanto no corpo de baile, quanto no restante do elenco (Figura 91). Sobre essa configuração, o fato de Israel Reis, marido da influenciadora, ser um dos diretores da

<sup>365</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/30/thais-carla-e-filha-fazem-trancas-nos-cabelos-e-sobre-representatividade.htm>. Acesso em: 25 maio 2024.

produção não deve ser desconsiderado. Afinal, o seu olhar também está refletido na construção verbo-visual do videoclipe.

**Figura 91** – Frame do clipe *Não pode opinar* – representatividade negra



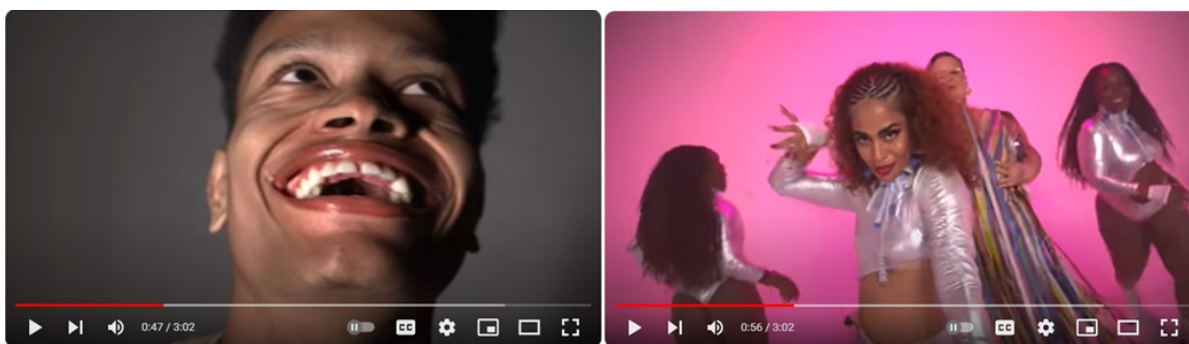
Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>366</sup>.

Ao olhar para a representatividade, precisamos estar atentos não somente à presença ou à dimensão numérica de determinado grupo minorizado, mas, também, à maneira como ele é representado. Por esse viés, como discute Souza (2021a), é necessário ter um olhar crítico sobre a forma como a complexidade e a pluralidade são trabalhadas. Ao construir sentidos que fogem à superficialidade, reforça-se o caráter político da representatividade, ressignificando sentidos hegemônicos sobre grupos minorizados (Souza, 2021a).

Em *Não pode opinar*, as pessoas negras aparecem felizes e confiantes, acionando sentidos de empoderamento e, apesar do protagonismo de Thais, observamos uma participação significativa do elenco negro. Eles não são somente objetos que compõem a cena e, em muitos momentos, seus rostos são enquadrados em primeiro plano, tomando toda a tela e reforçando, assim, sua preeminência. O protagonismo negro também se dá pela dança. O corpo de baile tem, ao longo do clipe, momentos exclusivamente destinados a mostrar a sua performance, como é possível observar na Figura 92, abaixo.

<sup>366</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

**Figura 92** – Frame do clipe *Não pode opinar* – protagonismo negro



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>367</sup>.

Em outra cena, uma mulher negra faz um gesto que remete à ação de colocar uma coroa em si mesma, semelhante ao que Thais faz em outro momento do clipe (Figura 93). No caso da mulher negra, esse gesto, além de indicar poder e realeza, traz à tona mais uma camada de sentido. Ele carrega, em si, um movimento de retomada da ancestralidade, nos lembrando que as pessoas negras são descendentes de reis e rainhas da África, e não somente um povo escravizado, como os estereótipos tantas vezes tendem a essencializar e fixar (Hall, 2016).

**Figura 93** – Frame do clipe *Não pode opinar* – a coroa da mulher negra



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>368</sup>.

Nossa leitura aponta, também, para uma contribuição na compreensão de uma beleza negra que também é diversa, o que corrobora para uma complexificação ao destacar a pluralidade desse grupo minorizado. O vídeo mostra homens e mulheres, com diferentes tipos de pele – clara, escura, com vitiligo, e texturas de cabelo, ocupando o lugar de pessoas a serem admiradas (Figura 94). A cena construída no clipe nos remete à ideia de obras de arte a

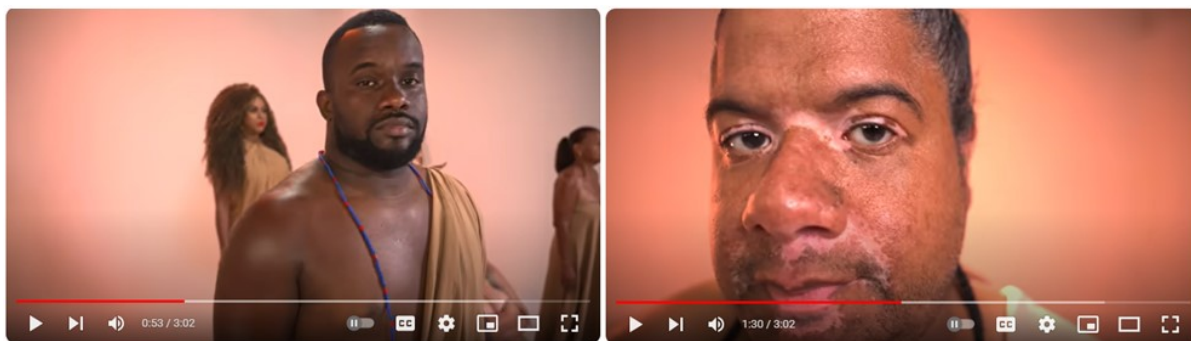
<sup>367</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>368</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.



serem contempladas como o belo. No entanto, diferentemente do que aconteceu com Saartjie Baartman, a Vênus Hotentote, os seus corpos não estão expostos como algo exótico ou fetichizado. As pessoas têm uma postura ativa e não ocupam um lugar de sujeição conformado pelos processos de estereotipagem (Hall, 2016).

**Figura 94** – Frame do clipe *Não pode opinar* – beleza negra diversa



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>369</sup>.

Para Carreira (2018), o papel do sujeito branco na luta antirracista passa, entre outras questões, pelo entendimento de que não se deve desqualificar o lugar de protagonismo daqueles que sofrem com o racismo. Ao mesmo tempo, é preciso ir de encontro a um lugar omissivo, sustentado pela compreensão de que se você não é negro, o racismo não é um problema diante do qual você precisa se mobilizar.

[...] não se pode cair no lugar confortável, passivo e acomodado, protegido dos conflitos, de que somente os sujeitos negros e indígenas tem o que dizer sobre como enfrentar o racismo. É fundamental construir espaços de negociação e de confiança política, com base em princípios acordados conjuntamente, para que possamos aprender a construir estratégias políticas *junto* com os sujeitos negros e indígenas. (Carreira, 2018, p. 135).

As ações de Thais dão indícios de uma postura comprometida com a luta antirracista, não se isentando da necessidade de reflexão e problematização do tema, notadamente no que se refere às discussões sobre representatividade e autoestima. Não é nossa intenção desconsiderar os limites da sua atuação ou reduzir a complexidade da luta antirracista. Mas, sim, tecer apontamentos sobre como ela, enquanto uma mulher branca, mãe de duas filhas negras e casada com um homem negro, posiciona-se na cena pública frente ao racismo.

Ao nosso ver, ao mesmo tempo em que a família interracial de Thais aciona um lugar de representatividade e diversidade, é possível refletirmos sobre como o fato de Thais ser uma mulher branca e Israel um homem negro dá a ver a complexidade da conformação das

<sup>369</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

intersecções. Se pensarmos sob um viés de gênero, a influenciadora está em um lugar de sujeição, enquanto o seu marido é privilegiado por uma estrutura machista e patriarcal. Ao passo que, se partimos do recorte de raça, Thais desfruta de todas as vantagens que são sustentadas pela branquitude. Nessa dinâmica, os lugares de subalternidade e de privilégio podem se alternar, a depender da situação vivenciada e das avenidas de opressão (Akotirene, 2021) que se entrecruzam.

#### 6.2.4 “Eu construí meu império”: o valor da meritocracia e a ostentação

Thais Carla nasceu em Nova Iguaçu, cidade da Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Como destaca a própria influenciadora, a sua origem é simples: “Lembrando que eu nunca fui rica, eu vim da m\*rda, saí do fundo da casa da minha mãe, eu não tinha nada, não tinha carro nem dinheiro na conta” (Falcão, 2023, n.p). Atualmente, porém, a bailarina é uma pessoa que ocupa um lugar de privilégio, como destaca uma matéria da *Revista Glamour*: “Thais Carla mostra nova casa em condomínio de luxo: ‘Gorda bem patricinha’” (Thais..., 2021, n.p). Neste tópico, olhamos para o eixo da classe em termos de origem, pensando sobre como essa proveniência se faz presente nas ações da influenciadora na atualidade.

As pessoas reconhecem Thais Carla como uma mulher rica. Nos registros presentes no clipe da música *Não pode opinar*, elas acionam um dos capitais das redes sociais digitais, o número de seguidores, para ratificar essa percepção (11.46; 13.15). A bailarina é vista como alguém que monetiza a sua influência e ganha dinheiro com o engajamento nas plataformas de comunicação digitais, independentemente do seu contexto, seja positivo ou negativo (5.99). Os comentários dão a ver, ainda, que os sujeitos que se manifestam a favor da influenciadora atribuem às pessoas que a criticam um lugar de inveja: “*ela é reconhecida no Brasil todo e quem é vc!?*” (13.15); “*você só porque tem inveja da pessoa, ela é Rica e vocês são os pobres*” (5.99), como evidencia o Quadro 88, abaixo.

Quadro 88 – Riqueza

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>370</sup>
11.46	08/01/2024	Tem mais seguidores que muitas lindinhas e magrinhas aí. 😏😏
13.15	15/01/2024	Ela tem 3,3 milhões de seguidores no Instagram, ela vai bater 100 mil seguidores no YouTube, ela é reconhecida no Brasil todo e quem é vc!? Invés

<sup>370</sup> Transcrição de comentários do Youtube – clipe *Não pode opinar*.

		de vc estar cuidando da sua vida, vem comentar lixo igual vc, se num seu não tem que opinar!
5.99	10/01/2024	Na verdade você só porque tem inveja da pessoa, ela é <b>Rica</b> e vocês são os pobres que <b>quanto mais falam dela ela ganha dinheiro</b> e vocês não ganham nada só fama de vocês querem que ela como já escutaram no ela não está nem aí

Fonte: Elaborado pela autora.

Como uma mulher rica, assim como Preta Gil, Thais ostenta itens de marcas de luxo, como *Gucci*<sup>371</sup>, *Balenciaga*<sup>372</sup> e *Versace*<sup>373</sup>, indicando, assim, um “fascínio pelo consumo” (França; Dornelas, 2014, p. 4). O seu poder aquisitivo também é colocado em evidência por meio dos lugares que ela frequenta. A influenciadora se hospeda em *resorts* luxuosos<sup>374</sup>, foi pedida em casamento em Paris e viaja para lugares paradisíacos, como as Ilhas Maldivas (Figura 95).

**Figura 95** – Foto da publicação sobre viagem para Maldivas



Fonte: Captura de tela de imagem disponível no *Instagram* @thaiscarla<sup>375</sup>.

Como alguém que “venceu na vida”, Carla constrói e compartilha com seus públicos uma narrativa que evidencia a sua ascensão social. Ao olhar para esses posicionamentos, é possível apreender que eles são sustentados por uma ideia de meritocracia, que pode ser entendida como uma estratégia de legitimação que justifica a distância social entre as classes como algo “inato ou merecido” (Souza, 2019, p. 156). No entanto, como explica o autor, ela

<sup>371</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3leIVZJwpI/>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>372</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C51kbDdpKDA/>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>373</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C51kbDdpKDA/>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>374</sup> Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2022/08/thais-carla-curte-bahia-em-resort-luxuoso.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>375</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C45YMocJ3hg/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=dff134a0-f917-46cd-a272-0dae733ec5e5&img\\_index=3](https://www.instagram.com/p/C45YMocJ3hg/?utm_source=ig_embed&ig_rid=dff134a0-f917-46cd-a272-0dae733ec5e5&img_index=3). Acesso em: 22 maio 2024.

não pode ser vista como uma explicação válida para a riqueza e o sucesso em um contexto de classes sociais e “herança escravocrata” (Souza, 2019, p. 95) como o do Brasil. Isso porque as desigualdades sociais no país não permitem que as pessoas tenham as mesmas condições, já que a sociedade está organizada com base em diferentes opressões constituídas estruturalmente. Ocupar o lugar de privilégio ou sujeição vai determinar as oportunidades que cada sujeito terá ao longo da sua vida.

Na entrevista à *Vogue Brasil*, quando questionada sobre as lições que aprendera com a cantora Anitta, Thais Carla evidencia esse valor, que aparece como algo associado à sua imagem quando olhamos para o *corpus* da nossa pesquisa. “Eu acho que a lição que eu aprendi com a Anitta é: não dependa de ninguém para correr atrás do seu trabalho. Corra mesmo, seja o seu chefe. ‘Vambora’, luta que você consegue” (Belleze, 2019, n.p).

Nesta fala, está colocada a ideia de alguém que, dotado de sua própria capacidade e força de vontade, consegue alcançar o que deseja e merece. Por essa perspectiva, não é preciso contar com o apoio de ninguém, já que o esforço pessoal trará os resultados esperados: “não dependa de ninguém para correr atrás do seu trabalho”. Ao fazer uma relação direta entre “luta”, em um sentido de empenho, e conquista, Thais ignora todas as opressões que, independentemente das ações do sujeito, conformam uma estrutura que, necessariamente, atravessará os seus objetivos.

Esse ordenamento é que conforma e sustenta as desigualdades. Assim, a posição que um sujeito ocupa na sociedade não deve ser entendida como resultado de um empenho próprio, dependente somente do seu esforço. “É preciso partir, portanto, literalmente do ‘berço’, ou seja, da socialização familiar primária, para que se compreendam as classes e sua formação e como elas irão definir todas as chances relativas de cada um de nós por recursos sociais escassos” (Souza, 2019, p. 94).

Em um momento da entrevista ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*, esse ideal meritocrático se faz presente de forma ainda mais pujante. A influenciadora chega a afirmar que construiu o seu “império” e evidencia os feitos como empreendedora e os números das suas redes sociais digitais, resultados da sua dedicação.

*Então, o que eu faço na rede social é muito social, é para mostrar para as pessoas que não importa como elas sejam, elas podem ser felizes do jeito que elas são. Onde eu construí o meu império, eu abri uma loja de sex shop, aonde [sic] eu agora apresento várias coisas na internet, TikTok, 6 milhões no TikTok, e minha família toda dança. Enfim, a gente está querendo quebrar esses padrões, né?. (Encontro Com Fátima Bernardes, 2021, n.p).*

É importante pontuarmos que, conforme depoimento da bailarina, o seu viés comercial, enquanto celebridade, não está descolado do que ela denomina como uma esfera “social” da sua atividade. O “império” é resultado de um trabalho que perpassa, também, ações que podem ser inscritas como potencialmente empoderadoras quando falamos sobre corporalidades gordas. Ao mesmo tempo, elas são pensadas para que Carla obtenha lucro e mantenha o seu status social.

Com o fruto do seu trabalho, Thais também consegue realizar sonhos de membros da sua família. Em seu *Instagram*, em abril de 2024, ela anunciou a compra de uma casa própria para sua mãe<sup>376</sup>: “Indo realizar um sonho”. A bailarina também constrói a imagem de alguém que, de origem humilde, se mostra disposta a ajudar outras pessoas, já que agora possui uma condição financeira favorável. Como exemplo, é possível citar ações solidárias realizadas em datas comemorativas, como Natal e Dia das Crianças<sup>377</sup>. Nas imagens, que mostram as pessoas recebendo as doações, Thais aparece distribuindo *kits* e presentes.

Ao nosso ver, esse tipo de ação aciona um lugar de caridade, com a influenciadora sendo a benfeitora que leva alegria aos mais necessitados. Em ambas as legendas do evento, essa natureza da ação é destacada: “*Foi tão bom ver o sorriso no rosto de cada criança... muito feliz e realizada em poder fazer o dia delas feliz!* □ // *FELIZ DIA DAS CRIANÇAS* 🎁🌟” e “*É tão bom ver o sorriso no rosto dos meus vizinhos. AMO VCS! FELIZ NATAL E ÓTIMO ANO NOVO* 🌟🎁🌲”.

A trajetória, da pobreza à riqueza, conforma Thais Carla como uma representante do ideal meritocrático: mesmo nascida em condições desfavoráveis, ela trabalhou duro e alcançou o que almejava. Com base nessa visão, a influenciadora se torna uma figura que pode inspirar outras pessoas a conquistarem os seus objetivos. Ela ostenta aquilo que conquistou, como um *jet ski* ou um carro de luxo<sup>378</sup>, e reforça a concepção de que tudo é possível, desde que você se esforce bastante (Figura 96).

<sup>376</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C5Pkf\\_ctsm/](https://www.instagram.com/p/C5Pkf_ctsm/). Acesso em: 24 maio 2024.

<sup>377</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/C1NpaF\\_paMh/](https://www.instagram.com/reel/C1NpaF_paMh/). Acesso em: 28 maio 2024; Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CyUCMqaPjiv/>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>378</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cy030IxLgM4/>. Acesso em: 22 maio 2024.

**Figura 96** – Frame de vídeo do *Instagram* – jet ski



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no *Instagram* @thaiscarla<sup>379</sup>.

O videoclipe *Não pode opinar* também aciona a ideia de ostentação em diferentes momentos. A produção faz a opção por trazer essa referência de uma forma literal, com a presença física do dinheiro representado por notas cenográficas. Nas imagens abaixo (Figura 97), a bailarina está em cima do letreiro “*magra tem 5 letras; gorda também*” e recebe uma “chuva” de dinheiro.

**Figura 97** – Frame do clipe *Não pode opinar* – ostentação



Fonte: Capturas de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>380</sup>.

As cenas indicam sentidos de poder e riqueza, reforçados pelo gestual da bailarina. Na segunda imagem, ela recebe, com as mãos, as notas que caem do alto: ela está feliz e sorri ao tomar para si aquela riqueza. É importante chamar a atenção para o fato de que não se trata de

<sup>379</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2IqrzypqdE/>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>380</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

qualquer riqueza, mas de um acúmulo de capital que permite que se brinque com o dinheiro, em um ato de exibicionismo. Quando falamos sobre ostentação, “Não basta ter, é preciso mostrar que tem, ou ao menos simular que tem [...]” (França; Dornelas, 2014, p. 4).

Essas construções imagéticas, que conformam um sentido de ostentação, nos remetem a um diálogo com o próprio gênero escolhido por Thais para entrar na cena musical, o *funk*, de modo específico, o *funk ostentação*. Disseminado nas periferias de Santos e São Paulo, esse estilo é caracterizado por músicas que enaltecem o consumo e a riqueza e suas produções audiovisuais comumente acionam elementos como roupas de grife, automóveis de luxo e joias, além de mulheres-padrão (França; Dornelas, 2014).

Ainda que Thais não tenha se apropriado dos mesmos símbolos, citados pelas autoras, no clipe e que a sua música não esteja inscrita no que é entendido como um *funk ostentação*, a ideia se faz presente na produção audiovisual. Na Figura 98, ela arremessa as notas em direção à tela, como se estivesse “jogando na cara” daqueles que a assistem que ela tem muito dinheiro, indicando sentidos de poder, riqueza e exibicionismo.

**Figura 98** – Frame do clipe *Não pode opinar* – jogando dinheiro



Fonte: Captura de tela de vídeo disponível no perfil de Thais Carla no *Youtube*<sup>381</sup>.

Mais uma vez, a bailarina aciona o deboche e mostra àqueles que a criticam que, enquanto eles investem tempo para depreciá-la, ela está feliz, rica, pode comprar (quase) tudo o que quiser e, inclusive, distribuir dinheiro. No *Instagram*, essa alegoria se torna realidade, como no exemplo do sorteio do dia das mulheres<sup>382</sup> em que Thais anuncia o prêmio de 3 mil reais para três “mulheres incríveis”. Para participar da dinâmica, as exigências eram: ser seguidora de Carla, repostar o *reels* e marcar três pessoas nos comentários da publicação. A ação, comum entre influenciadores, é uma estratégia com vistas a gerar engajamento,

<sup>381</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae7T0WDYQpI>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>382</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C4QXqtPrY\\_h/](https://www.instagram.com/p/C4QXqtPrY_h/). Acesso em: 22 maio 2024.

demonstrando, mais uma vez, a habilidade da bailarina em lidar com a lógica algorítmica da plataforma.

Mas qual a fonte da riqueza que Thais ostenta? Ao olharmos para a manifestação dos públicos, é possível constatar que as pessoas acusam a influenciadora do que Aquino e Carneiro (2021, p. 12) denominam como “monetização da gordura”. Por esse viés, a bailarina negligencia a sua saúde e “*é assim pra lucrar dinheiro, realmente patético*” (15.38 no Quadro 89).

**Quadro 89** – Monetização da gordura

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>383</sup>
15.38	07/01/2024	@nome_usuario isso daí não e gordura não, mano e doença mesmo, essa mulher devia procurar era ajuda, se amar do jeito que é nessas condições, e realmente deplorável. Nem fazendo piadas ela melhora, e literalmente por culpa de pessoas como você, que apoia isso que ela tá dessa forma. <b>Se bem que ela é assim pra lucrar dinheiro, realmente patético. Abraços ♥</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, as pessoas problematizam o modo como o ódio direcionado à bailarina também é monetizado por ela, com vistas ao lucro. É importante destacar que, na construção desse argumento, tanto aqueles que a apoiam, quanto os que a atacam, reconhecem que Thais gera engajamento a partir da ação dos *haters*. No primeiro registro, 15.158, no Quadro 90, a pessoa destaca que as ações são planejadas tendo em vista o engajamento dos odiadores. O resultado final da estratégia é “*ela enchendo o bolso de dinheiro. 😊*”.

**Quadro 90** – Monetização do ódio

Número	Data	Conteúdo do comentário <sup>384</sup>
15.158	06/01/2024	@nome_usuario vcs ainda não entenderam que <b>ela trabalha exatamente para os haters iguais a vc</b> . Q ficam aqui engajando eternamente destilando o que vcs tem de melhor dentro do coraçãozinho e <b>ela enchendo o bolso de dinheiro. 😊 (IG)</b>
15.3	05/01/2024	@nome_usuario <b>e só f3char os comentários obviamente ela sabe como aumentar engajamento já com a legenda não quero críticas..</b> Não falo nem pela foto pois cada um posta oque quer assim co o cada um comenta oque quer também (IG)
10.11	12/01/2024	A tais nao ta nem ai mano <b>ela ta ganhando dinheiro pra caramba com agente xingando</b> ela kkkkkkk@nome_usuario

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>383</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* – clipe *Não pode opinar*.

<sup>384</sup> Transcrição de comentários do *Youtube* e do perfil no *Instagram* de Thais Carla.



Na segunda mensagem (15.3), acima, o usuário chama a atenção para a possibilidade de “*fechar os comentários*” no *Instagram*. Na plataforma, é possível limitar as manifestações de três maneiras: autorizar apenas amigos e seguidores a comentar, bloquear o recurso para determinadas pessoas ou ocultar os comentários em uma publicação específica<sup>385</sup>. Um dos objetivos é, justamente, evitar manifestações ofensivas, como as que Thais Carla recebe diariamente. O argumento do comentador é, portanto, que os ataques sofridos são resultado de uma escolha já que, sem essa prática, o engajamento da influenciadora diminuiria.

No último registro (10.11), a pessoa se identifica como um *hater* que tem ciência sobre como as suas ações podem ser revertidas em benefício financeiro para Thais. Nesse ponto, podemos nos questionar: é possível usar o ódio a seu favor? Fato é que o engajamento oriundo desses ataques odiosos também gera visibilidade nas plataformas de comunicação digitais. Ao adotar esse posicionamento, a bailarina se apropria de uma lógica algorítmica em benefício próprio. Há que se questionar sobre as consequências dessa estratégia, uma vez que ela acaba fomentando o discurso de ódio gordofóbico. Ademais, é preciso avançar nas discussões sobre a regulação das redes sociais digitais, essencial para que a ação do *haters* seja repreendida e, mais do que isso, não seja benéfica em nenhum sentido.

Neste tópico, assim como no anterior, não partimos de um atravessamento que conforma a subjetividade de Thais Carla, inscrevendo-a em um lugar de sujeição. O nosso olhar se volta, então, para a classe em termos de origem e o modo como essa vinculação ainda reverbera nas ações da influenciadora nos dias atuais. A análise nos permite depreender que a bailarina aciona uma narrativa meritocrática, destacando o antes e o depois na sua trajetória, e acionando, também, a ostentação.

Ao pensarmos nos atravessamentos que se configuram a partir desse processo, emerge uma intersecção entre classe e peso. Isso porque o corpo é um marcador de classe social (Flor, 2009) e, hegemonicamente, a corporalidade gorda é associada às classes mais pobres (Jimenez-Jimenez, 2020). Por outro lado, como nos lembra Vigarello (2012), a maneira como esses eixos se entrecruzam podem determinar uma maior tolerância à gordura, quando ostentada por pessoas da classe dominante. Ao nosso ver, Thais Carla utiliza o seu lugar de privilégio para propor uma outra vinculação à corporalidade gorda, inscrevendo-a em um lugar de riqueza e luxo e que, por isso, pode e deve estar associada a sentidos de poder e ostentação.

---

<sup>385</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2022/07/como-limitar-comentarios-no-instagram.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2024.

### 6.3 HOLOFOTE PRAGMATISTA: A CELEBRIDADE-RESISTÊNCIA QUE LANÇA LUZ SOBRE QUEM SOMOS

Nesta pesquisa, conformamos um olhar pragmatista-interseccional para o nosso objeto. Em consonância com essa visada, ainda que, para fins didáticos, a análise esteja organizada em três holofotes, a interseccionalidade e o pragmatismo atravessam todos os eixos. No que se refere à abordagem pragmatista, estamos atentas, em particular, aos valores que emergem a partir das ações das celebridades e o que isso pode dizer sobre nossa sociedade. Neste *holofote-síntese*, retomamos as discussões já iluminadas para delinear, de maneira extensiva, quais valores Thais Carla dá a ver. Ademais, considerando os objetivos do estudo, refletimos acerca do alinhamento desses valores a um modo de atuação característico de uma *celebridade-resistência*.

Como já discutimos, uma *celebridade-resistência* é definida, também, por sua vinculação a valores progressistas e emancipatórios, notadamente vinculados à esquerda (Carneiro; Simões, 2022). Do mesmo modo que Preta Gil, a associação política de Carla pode ser apreendida, sobretudo, por meio dos seus posicionamentos a favor de grupos socialmente minorizados. Ademais, o seu “lado” na política é evidenciado a partir do que se coloca contra ela: figuras públicas, dos campos político e midiático, vinculadas à extrema-direita brasileira.

Diante de cada opressão, a influenciadora aciona estratégias que visam a confrontar valores hegemônicos, conformando, por meio de suas ações, *valores-resistência*, sendo o mais notável a diversidade corporal. Na luta contra a gordofobia, Thais reivindica uma identidade social gorda, o que indica, também, que a sua vivência é compartilhada por outros sujeitos. Ao mesmo tempo em que refuta eufemismos e naturaliza o uso da palavra “gorda”, ela mostra que essa característica física aciona uma leitura moral, sustentada por diferentes estereótipos. Diante deles, a bailarina aciona *imagens ressignificadoras* que contribuem para uma complexificação: ela é gorda, mas também é influenciadora, dançarina, cantora, empreendedora, mãe, esposa e tantos outros papéis sociais que exerce.

Carla desafia o padrão de beleza contemporâneo e, mais do que isso, questiona a “padronização do não padrão” (Pilger, 2021), que privilegia a aceitação de um determinado tipo, a *gorda palatável*. Por esse viés, ela inscreve o seu corpo “intolerável” e outras corporalidades dissidentes em um lugar de admiração, demonstrando que a beleza pode ser diversa – ainda que, nesse processo, seja vítima da crueldade dos comentários sobre sua aparência, sustentados por uma ideia de um corpo feminino público e único.

A partir da vivência das limitações impostas ao seu corpo gordo maior, Thais Carla denuncia a dimensão mais basilar do acesso e da acessibilidade, com ênfase para a arquitetura e o transporte. Além disso, mostra como espaços simbólicos, que privilegiam a magreza, como a dança, também podem se tornar lugares possíveis para corporalidades que fogem à norma. Diante do humor gordofóbico, que zomba até da sua morte, ela aciona a ironia para lembrar que, ainda que a sua vida não seja vista como valorizável, seguirá existindo. Frente às manifestações odiosas, a bailarina opta por uma estratégia formal: a judicialização. Por meio dela, a gordofobia, que ainda não é criminalizada, é, ao menos, desnaturalizada e desautorizada pelo viés legal.

Entre os diferentes enquadramentos que se conformaram na dinâmica interativa, alguns se mostraram similares ao que encontramos na análise de Preta Gil, como o corpo feminino público em um lugar de indiscrição *versus* uma prática social naturalizada. Do mesmo modo, o entendimento do que é saudável deu a ver dois quadros dissemelhantes. No primeiro, o corpo gordo é visto como sinônimo de doença; no segundo, a saúde é definida a partir de uma visão mais complexa, com a implicância de outros fatores, além do peso, nesse processo.

É possível pontuar, também, a maneira como a palavra “gorda” pode ser vista, de um lado, como uma identidade social, vinculada a uma característica física, e, de outro, como um demérito, algo a ser utilizado como uma ofensa. Ao denunciar a dimensão basilar do acesso, Thais Carla inscreve essas questões como um problema de ordem pública, em contrapartida aos enquadramentos que atribuem uma responsabilização às pessoas gordas pelos seus processos de exclusão na sociedade. O mesmo ocorre quando ela decide judicializar as manifestações odiosas gordofóbicas das quais é vítima. Enquanto, por uma perspectiva, elas são vistas como um problema privado, Carla transfere ao Estado a atribuição de penalizar os agressores. Por fim, ainda que, em muitos casos, a existência de Thais – ou a sua possível morte – sejam motivo de chacota, a análise dá a ver enquadres que inscrevem a pessoa gorda como uma vida que pode e deve ser valorizada.

As ações de Thais Carla também assinalam para um posicionamento alinhado à luta pela igualdade de gênero, outro *valor-resistência* evidenciado em seus posicionamentos. Quando falamos sobre maternidade, o gênero se conforma de maneira diretamente relacionada ao eixo peso: de uma maternidade compulsória a uma maternidade perigosa. Ainda que a bailarina, como mulher, sofra com as imposições do patriarcado, a leitura da sua corporalidade, gorda maior, a coloca como alguém incapaz, física e psicologicamente, de

desempenhar o papel de mãe. A luta da bailarina é por ter o seu desejo de ser mãe e esposa respeitado e validado.

Em diferentes momentos da sua trajetória, Thais Carla, assim como Preta Gil, faz uso da nudez e da exposição corporal questionando, a partir dessas ações, valores morais machistas. Nesse ponto, é preciso destacar que o corpo gordo que se coloca exposto, é um corpo feminino, gordo e grande, com marcas como celulites, estrias e manchas, por exemplo. O acionamento dessa nudez, então, possui um caráter ainda mais disruptivo, uma vez que ela está mais distante da norma e, conseqüentemente, mais próxima do que se entende como obsceno na nudez na contemporaneidade (Sibilia, 2014a; 2014b). Por outro lado, o olhar para a construção dessa exposição corporal também nos permite pensar sob uma ótica objetificadora, corroborando com uma ideia fetichizante ao promover processos de fragmentação das sujeitas. Ou seja, há dois enquadramentos possíveis para as ações de Thais Carla que acionam a exposição corporal: um de viés político e libertário, e outro que acaba reproduzindo um olhar machista para o corpo feminino.

A luta pela igualdade racial, *valor-resistência* também evidenciado em sua trajetória célebre, ocorre a partir de um lugar de aliada, sem omissão ou imparcialidade. Isso porque, como mulher branca, Thais usufrui de privilégios sustentados pela branquitude. Concomitantemente, como mãe de duas meninas negras e esposa de um homem negro, ela é convocada a lutar contra o racismo. Pela nossa leitura, Carla compreende o seu papel, como pessoa antirracista, e posiciona-se contra o preconceito destacando, principalmente, a importância da autoestima para as pessoas negras.

A análise nos permite apreender outros valores, além dos *valores-resistência* apresentados até aqui, como, por exemplo, a meritocracia (Souza, 2019). Ao tensionarmos a questão de classe, em termos de origem, os posicionamentos da bailarina são fundamentados em um ideal meritocrático. Como “prova” dessa trajetória de ascensão, ela ostenta as suas conquistas, contribuindo para uma narrativa que constrói uma relação direta entre empenho e resultado. Desconsidera-se, então, todos os atravessamentos que se interpõem aos esforços individuais em nossa sociedade, negligenciando as estruturas de poder e os processos de exclusão.

A partir dessas ações, é possível apreender sentidos de riqueza e luxo, com a ostentação de itens como: carro, *jet ski*, roupas e acessórios de marca e viagens, dinâmica parecida com o que encontramos a partir de Preta Gil. Desse lugar, Thais Carla pode gerar processos de projeção junto aos seus públicos (Simões, 2014a) que podem vislumbrar seus desejos, por vezes, inalcançáveis, na vida que ela compartilha. Aqui, é importante pontuar

qual corporalidade está associada a esses sentidos. A ostentação está relacionada a um ideal meritocrático, mas também diz da possibilidade de questionar a leitura social do corpo gordo que o vincula às classes sociais mais pobres.

Outro valor associado a Thais Carla é o empoderamento. As ações da bailarina são inscritas em um lugar de representatividade, especialmente para mulheres gordas: se ela, uma gorda maior, está ali, eu também posso estar. Em suas falas, a própria bailarina demonstra ter ciência sobre a importância do seu trabalho nesse quesito, ao ocupar diferentes lugares sociais que, por vezes, são negados às pessoas gordas e, ainda mais impeditivos para as gordas maiores. No entanto, ainda que haja um potencial empoderador, alguns posicionamentos indicam sentidos de individualismo, remetendo a um feminismo liberal, que se inscreve em um contexto capitalista.

É preciso ter um olhar crítico e nos questionarmos acerca de qual empoderamento estamos falando: aquele que, de fato, apresenta uma dimensão coletiva, confrontando as estruturas de poder, ou o empoderamento em seu sentido mais esvaziado, deslocado da sua dimensão política e que se limita a uma “[...] mera expressão das liberdades individuais” (Berth, 2020, p. 51). Assim, há dois enquadramentos possíveis para as ações de Thais Carla que tensionam as pautas de grupos minorizados, tal qual foi observado em Preta Gil, o que ratifica a dimensão mercadológica intrínseca às celebridades.

Outro valor associado à influenciadora é a família, que ocupa um papel central em sua vida, assim como foi possível observar na trajetória de Preta Gil. Thais Carla expressa uma gratidão à sua família de origem, que sempre a apoiou e a ajudou na construção de uma autoestima sólida. A família que ela construiu também ocupa um lugar de representatividade, trazendo à tona *imagens ressignificadoras* que acionam sentidos de diversidade, felicidade e união, ainda que a genuinidade do arranjo seja questionado. Na tentativa de responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”, é possível apontar dois enquadres possíveis distintos. No primeiro, a família da influenciadora é definida a partir do amor, da união e da genuinidade. Já no segundo, esse arranjo é visto como resultado de um interesse, sustentado pelos benefícios que a fama e a riqueza de Thais Carla proporcionam ao marido.

Nos posicionamentos da influenciadora, ainda é possível aprender uma preocupação em demonstrar que ela, sua família e seu ativismo, são uma construção real, o que evidencia o valor da autenticidade, como alguém que se mostra de maneira acessível e sem filtros ao seu público. A autenticidade também se faz presente quando ela mostra a parte menos “instagramável” da sua rotina, como o cuidado com as filhas, mostrando que a sua vida não é só o glamour que ostenta. Essa autenticidade, em Carla, não está associada à vulnerabilidade,

mas a uma ideia de força. Ela demonstra suportar os comentários sobre o seu corpo, o discurso de ódio gordofóbico, as especulações sobre a sua morte, os questionamentos sobre o seu relacionamento e tantas outras violências que, diariamente, são direcionadas a ela e a sua família.

Acionando a sua dimensão de resistência, Thais Carla nos permite pensar sobre os valores compartilhados socialmente e aqueles que devemos confrontar: quem somos nós como sociedade e para onde queremos ir? A sua corporalidade, gorda maior, é o que se coloca em primeiro plano e, como consequência, é possível apreender um protagonismo da luta antigordofobia em suas ações. Ao dar visibilidade a essa pauta, a influenciadora convida a um novo olhar para as pessoas gordas, compreendendo os impactos do preconceito em seu cotidiano. No entanto, nesse processo, as manifestações que inserem a gordofobia como um vitimismo, outro enquadre possível, demonstram que ainda há um longo caminho a se percorrer.

Como *celebridade-resistência*, Thais Carla se manifesta na cena pública, acionando o seu poder de afetação, frente a opressões das quais ela é vítima, mas, também, diante daquelas em que ela ocupa um lugar de privilégio. Os *valores-resistência* que ela encampa – diversidade corporal, igualdade de gênero e igualdade racial – são faróis que devem nos guiar enquanto sociedade. Suas ações apontam caminhos possíveis, se desejamos lutar contra as opressões que conformam as desigualdades e as diferentes violências e processos de exclusão.

As ações de uma *celebridade-resistência* passam por posicionamentos a favor de grupos socialmente minorizados, o que implica, também, um fomento a *imagens ressignificadoras*. Se há gordofobias diferentes para corporalidades diferentes, é a pessoa gorda maior a que mais sofre com as violências, crueldades e processos de estereotipagem. Por isso, quando tratamos de uma corporalidade como a de Thais, os deslocamentos são ainda mais significativos: ao complexificar os sentidos sobre a pessoa gorda, ela desestabiliza estereótipos e constrói novos lugares possíveis.

Após nossos holofotes iluminarem Preta Gil e Thais Carla, partimos, agora, à recuperação dos nossos achados. Neste momento, será possível traçar apontamentos sobre aproximações e distanciamentos no modo de atuação das duas figuras públicas como *celebridades-resistência* frente à gordofobia e a outras opressões. Para essa articulação reflexiva, acionamos, também, passagens da vida da autora, em diálogo com os resultados da pesquisa, evidenciando uma vivência comum compartilhada entre as mulheres gordas, ainda que as intersecções conformem gordofobias diferentes para corporalidades diferentes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico-metodológico construído até aqui foi guiado pela problemática “Como Preta Gil e Thais Carla assumem um posicionamento de resistência à gordofobia e a outras opressões e podem, a partir das suas ações, fomentar a ressignificação das representações hegemônicas sobre grupos minorizados?”. O alicerce conceitual foi desenvolvido com base em duas temáticas principais, gordofobia e *celebridades-resistência* (Carneiro; Simões, 2021; Simões; Carneiro, 2022).

Propomos o entendimento da gordofobia a partir de seis eixos estruturantes, inter-relacionados e indissociáveis: 1. *Patologização*; 2. *Acesso e acessibilidade*; 3. *Animalização*; 4. *Culpabilização*; 5. *Pressão estética* e 6. *Linguagem e representações*. O olhar para o preconceito se dá a partir de uma perspectiva interseccional, em que o peso se configura como um eixo de subordinação, podendo constituir-se em atravessamento com outras opressões.

Através do conceito de *celebridade-resistência*, pensamos sobre o modo como certas celebridades contemporâneas se associam a grupos socialmente minorizados, ao se posicionarem na cena pública contra diferentes discriminações. Essas figuras públicas, que possuem um modo de agir característico, identificam-se com valores progressistas e emancipatórios. Ademais, uma das suas principais formas de atuação está relacionada à construção de *imagens ressignificadoras* que confrontam processos de estereotipagem. Nessa dinâmica, elas também podem convocar os seus públicos para a luta, sendo uma das forças de transformação social.

O *corpus* do estudo foi definido a partir de um recorte acontecimental e foi composto por diferentes materiais (matérias on-line, programas de TV, clipes e comentários do *Youtube* e *posts* e comentários do *Instagram*). Com base nisso, concebemos a *Metodologia Holofote*, de solo pragmatista (Quéré, 2018; França, 2018; França; Simões, 2020a; Simões, 2009; 2013) e interseccional (Crenshaw, 2002; Carrera, 2021a, 2021b; Akotirene, 2021; Collins; Bilge, 2021). Nela, em consonância com pesquisas desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), da UFMG, a construção metodológica deriva das teorias, conceitos e discussões que tangenciam a pesquisa.

Por meio dessa construção metodológica, objetivamos elaborar uma visada holística e complexa do fenômeno e, para isso, lançamos luz para diferentes aspectos que o compõe. Em nosso estudo, no *holofote temático*, refletimos sobre a gordofobia; no *holofote interseccional*, abordamos outras opressões que emergem a partir da imagem pública de Preta Gil e Thais Carla; por fim, no *holofote pragmatista*, colocamos ênfase nos valores que essas celebridades

dão a ver e diante dos quais elas assumem uma posição de enfrentamento, acionando a sua dimensão de resistência.

No início deste trabalho, apresentamos o lugar de onde falamos, subjetiva e epistemologicamente, a partir de um olhar comunicacional, pragmatista e interseccional, para o objeto. A intenção foi demarcar, além de uma perspectiva teórico-metodológica, como a vivência da pesquisadora, enquanto mulher gorda, necessariamente atravessa o fazer-pesquisa. Nesse momento final, revisitamos algumas passagens, de diferentes épocas da vida da autora, em diálogo com os principais resultados do estudo. A intenção é demonstrar que as dinâmicas observadas nos materiais dizem de um contexto mais amplo: uma vivência compartilhada entre todas aquelas que fogem à corponormatividade e vivenciam a gordofobia em seu cotidiano.

**“Você não parece a Maria Joaquina, você é a Laura”.** Em 1995, por volta dos meus 6 anos, a novela mexicana *Carrossel* que, posteriormente, ganharia a sua versão brasileira, teve a segunda reprise veiculada no SBT. Desde aquela época, eu já era fã de telenovelas e essa me encantava, de forma particular, porque se passava também no ambiente escolar. Meu sonho era ser a Maria Joaquina, a protagonista e vilã linda, por quem o Cirilo era apaixonado. A despeito disso, por diversas vezes, fui associada à Laura, uma personagem “gordinha”, construída de forma estereotipada e caracterizada pela gula e pelo romantismo, como define Arruda (2021a). Para a formatura do “prézinho”, eu passei a sonhar com a “luva da Maria Joaquina”. Depois de muito procurar, minha mãe encontrou uma parecida e hoje entendo que ali, mesmo que inocentemente, quis mostrar que podia ser quem quisesse: por um dia, eu fui a Maria Joaquina.

Essa passagem demonstra como as representações midiáticas se constituem como referências sobre quem somos e quem podemos ser, o que não se restringe à infância. Quando refletimos sobre a gordofobia, esse papel central da dimensão simbólica na vida social é evidenciado pelo eixo estruturante *linguagem e representações*. Diante desse cenário, as celebridades têm um papel importante na construção de *imagens ressignificadoras*, que vão de encontro às representações hegemônicas sobre grupos minorizados, como as pessoas gordas.

Como foi possível apreender, por meio de nossa análise, Preta Gil aciona a sensualidade<sup>386</sup>, o luxo, a ousadia e a beleza. Ou seja, ela é uma mulher gorda, negra,

---

<sup>386</sup> Sobre a sensualidade, é preciso pontuarmos que ela apresenta duas facetas. De um lado, indica uma tentativa de apropriação de um lugar socialmente negado às mulheres gordas e, ao mesmo tempo, o acionamento do



bissexual e com quase 50 anos que constrói *imagens ressignificadoras* que indicam poder. Suas ações confrontam os estereótipos e inscrevem novos sentidos possíveis no campo das significações associadas a mulheres como ela. Thais Carla também dá-se a ver de maneira semelhante, por meio de uma tentativa de complexificação sobre o que é ser uma mulher gorda, identidade reivindicada por ela. Em contraposição à fixação dos processos de estereotipagem, desempenha diferentes papéis sociais que não possuem relação direta com o seu corpo.

Ainda sobre a temática das representações, é preciso pontuar uma diferença entre as duas celebridades analisadas. Quando falamos de uma gorda maior, como Carla, é possível depreender que, quando não há um processo de invisibilização, há a construção de uma representação associada à doença, à repugnância, ao sedentarismo e à incapacidade em lidar com as próprias emoções, entre tantas outros sentidos hegemonicamente consolidados. Frente a isso, é preciso nos questionar: quem são as gordas maiores celebridades, atrizes, cantoras, bailarinas, personagens? Ao olharmos para as ações da influenciadora, aquilo que pensamos sobre a pessoa gorda passa a ser questionado e os sentidos podem, então, se expandir e se complexificar. Ao ocupar diferentes lugares sociais, ela mostra que a principal limitação das pessoas gordas é a própria gordofobia.

**“Você tem um rosto tão bonito, por que não emagrece?”**. Na adolescência, uma das nossas principais buscas é por se encaixar em algum grupo. Como gorda, desde muito cedo, eu compreendi que precisava compensar a minha aparência, já que nunca era vista como bonita. Se eu não era considerada “gatinha”, precisava ser uma boa amiga, gente boa, inteligente. Ao longo dos anos, a busca pelo emagrecimento ocupou um lugar de protagonismo na minha vida e fiz diversas dietas que foram prejudiciais à minha saúde. Os olhares que eu recebia e a forma diferente como era tratada, quando estava mais magra, eram um lembrete constante sobre a minha inadequação. O esforço para alcançar o padrão de beleza era, também, uma busca por aceitação.

A passagem, relatada acima, é representativa de diferentes dinâmicas apreendidas durante a análise do eixo estruturante *pressão estética*. Entre elas, é possível citar o entendimento do corpo da mulher como algo público, o que autoriza e naturaliza a prática do *body shaming*. A aparência de Preta Gil e Thais Carla é vista, muitas vezes, como um terreno comum, passível de sugestões, críticas e ataques fundamentados no entendimento de um padrão de beleza restrito e excludente. As manifestações, presentes no *Youtube* e no

---

desejo pode distanciar o entendimento de que essas mulheres são dignas de serem amadas, reforçando os processos de fetichização.

*Instagram*, são representativas dessa dinâmica. Pela nossa leitura, essa vigilância ideológica tem raízes machistas, o que dá a ver o atravessamento com o eixo gênero, mas também está relacionada ao status célebre das dessas figuras públicas. Lidar com os julgamentos, por vezes, cruéis, é colocado como um ônus da fama, em contraposição aos inúmeros benefícios que ela traz.

Os elogios e os tratamentos diferenciados, frente a processos de emagrecimento, também demonstram o modo como as transformações corporais implicam “gratificações sociais” (Vilhena; Medeiros; Novaes, 2005, p. 126). Sobre essa prática, é possível lembrar, por exemplo, como o emagrecimento de Preta Gil, durante o tratamento contra o câncer, foi digno de elogio. Ou seja, independentemente da circunstância, emagrecer é sempre visto como algo positivo, o que reforça o valor da magreza como uma das bases do ideal de beleza contemporâneo.

Diante de um padrão de beleza único e inalcançável, que se coloca de maneira muito mais cruel às mulheres, Preta Gil e Thais Carla empreendem ações que visam a desconstruir esse ideal por meio da concepção de uma beleza diversa. Nessa elaboração, o belo não se restringe à branquitude, à juventude e à magreza, mas pode ser visto em diferentes corporalidades, dignas de admiração e contemplação. Esse processo se dá a partir da construção de sentidos que inscrevem os seus próprios corpos nesse lugar, como nas fotos de Preta Gil à *Vogue Brasil*. Mas, também, ao mostrar a beleza de outros corpos dissidentes, como é possível observar no clipe da música *Não pode opinar*.

Ainda sobre a construção dessa beleza plural, é importante ponderar uma diferenciação entre o significado das ações de cada celebridade estudada no tecido social. O belo, construído por Preta Gil, está mais associado a uma *gorda palatável*, gorda menor e mais curvilínea que, em muitos aspectos, remete a uma performance da magreza. Já Thais Carla, contribui para a confrontação do padrão corporal por meio do seu corpo gordo maior “intolerável”, ainda mais distante do ideal contemporâneo. Ou seja, ainda que ambas utilizem a estratégia do fomento à beleza diversa, cada uma evidencia uma beleza gorda possível diferente.

**“Você pretende perder quantos quilos até o casamento”?** A partir do momento que eu iniciei a procura pelo vestido de noiva, esta passou a ser uma pergunta recorrente. Ela não era feita em resposta a uma manifestação sobre o desejo de emagrecer até a cerimônia, mas diante da minha presença na loja, vista, muitas vezes, como um problema. A nossa sociedade não espera que uma noiva seja gorda e, por isso, na maioria das vezes, os estilistas e os comerciantes não pensam em vestidos para essas mulheres. O que ficava implícito era que,

para que eu tivesse opções, precisava emagrecer. Foi o que eu fiz. Emagreci para poder usar o vestido que eu queria. A restrição era tamanha que, na prova do vestido, dias antes do casamento, eu passei mal. Hoje em dia, ao olhar o álbum de fotos, apesar da alegria que a lembrança do momento traz, não me reconheço.

Quando falamos sobre o eixo estruturante da gordofobia *acesso e acessibilidade*, a dinâmica apreendida em nossa análise dialoga com a situação relatada acima. Nessa perspectiva, não é a sociedade que deve ter um olhar apurado e que acolha tamanhos diferentes, mas sim, as pessoas que devem se adequar à norma, emagrecendo. Quando falamos sobre sujeitos gordos, isso reforça o entendimento da corporalidade gorda como um *corpo provisório*. Diante da sua inadequação, ela não deve ser nada além de um momento, algo a ser ajustado o mais rápido possível, como foi possível observar nas manifestações presentes nas plataformas analisadas.

Preta Gil e Thais Carla reivindicam que esse corpo pode estar onde quiser. A moda, espaço historicamente excludente para corporalidades dissidentes, aparece como um núcleo importante de atuação para as duas figuras públicas. Elas lutam por uma construção mais plural, em que mulheres gordas sejam vistas nas passarelas, nos anúncios publicitários, nas revistas e nas redes sociais digitais também como ícones da moda. Como representativo dessa dinâmica, Preta Gil é capa da *Vogue Brasil* e Thais Carla é apresentada como *fashionista* no programa *Encontro com Fátima Bernardes*.

Nesse ponto, é preciso destacar que a importância da moda não se restringe a eventos específicos, como um casamento, mas está relacionada ao próprio reconhecimento do sujeito como um cidadão que, em um contexto capitalista, passa a ser validado a partir do momento que consome (Aires, 2019). Diante desse cenário, Carla denuncia a dificuldade para encontrar roupas do seu tamanho em ambas as entrevistas que compõem o nosso *corpus*. Como uma gorda maior, ela precisa recorrer às compras on-line, às confecções sob medida ou até mesmo produzir a sua própria roupa, já que as lojas *plus size* também têm uma limitação em sua numeração.

À vista disso, a presença de Thais, nesse lugar *fashion*, é ainda mais disruptiva, já que é comum que a diversidade, quando acionada, se restrinja a um corpo gordo menor. Além da moda, a influenciadora, que tem a sua história de vida e trajetória pública fortemente ligada à dança, também luta pela ocupação desse espaço. Assim, por meio de suas ações, as pessoas podem compreender que todo corpo pode dançar e que este também é um lugar possível para mulheres gordas.

Também quando falamos sobre as questões de *acesso e acessibilidade*, há gordofobias diferentes para corpos diferentes. A corporalidade gorda maior de Thais a faz vivenciar a face mais basilar desse eixo estruturante: quanto maior o seu corpo, menor a quantidade de espaços que você poderá frequentar. Nesse caso, estamos falando de cadeiras, macas, catracas de ônibus, banheiros e tantos outros que não são planejados para acolher tamanhos maiores. Infelizmente, esse direito e a importância da sua reivindicação não são reconhecidos por todos. Os registros no *Instagram* e no *Youtube* lembram, em tom de deboche, um vídeo, de 2019, em que a influenciadora reclama da falta de acessibilidade em um avião, que não tinha assentos, cintos e banheiros para o seu corpo gordo maior.

Importante ressaltar que, quando tratamos sobre as questões de acesso, também estamos questionando sobre a possibilidade de ocupação – ou não – de espaços simbólicos. Nesse processo, quanto mais atravessamentos identitários vinculados a opressões, menores as chances do sujeito estar em lugares de visibilidade e poder, como a política ou a mídia.

**“Você pensa em fazer bariátrica”?** Essa pergunta já foi feita a mim por médicos de diferentes especialidades, como clínica geral, ginecologia, dermatologia e gastroenterologia, entre outras. Em todos os casos, o profissional transforma a consulta, independentemente da minha queixa, em algo sobre o meu peso. No acompanhamento com um pneumologista, as questões relacionadas à asma foram reiteradamente colocadas em segundo plano. A principal preocupação era me convencer de que a cirurgia bariátrica seria a solução para todos os meus problemas. Por duas ou três vezes, tentei argumentar ao pontuar que eu não tinha nenhum problema de saúde que justificasse o procedimento e que adotava um estilo de vida saudável. Mas, infelizmente, a única solução foi buscar outro profissional que olhasse para mim além do meu corpo gordo. Há pessoas que não têm escolha, e a consequência acaba sendo o afastamento do cuidado à saúde.

Essa dinâmica dá a ver o processo de *patologização*, outro eixo estruturante da gordofobia, que associa a corporalidade gorda ao lugar da doença. A vinculação se dá a partir de uma leitura moral do corpo, fundamentada em estereótipos. Esse julgamento faz com que, independentemente do estilo de vida da pessoa, ela seja vista como sedentária, comedora compulsiva e doente, entre outros sentidos negativos fixados. As manifestações, presentes nos materiais que compõem o *corpus*, demonstram como a justificativa de uma pretensa preocupação com a saúde sustenta e autoriza esse tipo de comentário sobre as pessoas gordas.

Por meio da análise dos materiais relacionados às duas celebridades, foi possível perceber que a *patologização* está intrinsecamente vinculada a um outro eixo estruturante da gordofobia: a *culpabilização*. As pessoas atribuem a Preta Gil e Thais Carla a

responsabilidade por estarem naquela situação, reforçando o entendimento de que, para emagrecer, “é só fechar a boca”. Nessa perspectiva, a doença, a qual elas estão fadadas ou vivenciam, é consequência das suas próprias ações.

Durante a entrevista ao *Fantástico*, Preta revelou que teve que lidar com manifestações que afirmavam que o câncer era algo previsível, resultado de suas ações, pois ela era gorda e nunca havia cuidado da sua saúde. Essa leitura patologizadora e culpabilizadora se transveste, em alguns casos, em um discurso de ódio gordofóbico. Como estratégia frente a ele, há um processo de tentativa de resgate da dimensão humana das celebridades. Ao nosso ver, a intenção é chamar a atenção para a gravidade daquilo que é dito e lembrar as pessoas que essas figuras públicas são seres humanos.

Se a gordofobia se conforma de maneira diferente para corporalidades diferentes, o mesmo ocorre quando falamos sobre os processos de *patologização e culpabilização*. No caso de Carla, essas dinâmicas assumem uma face ainda mais cruel, com o entendimento da morte como um destino inevitável. As pessoas deboçam desse fim iminente, acionando um humor gordofóbico atroz, mostrando o quanto a existência de Thais é descartável, não sendo, então, uma vida enlutável (Butler, 2015; 2019). Frente a esse processo, a influenciadora também faz uso do humor, com deboche e ironia, mas para defender o direito de existir – e continuar vivendo plenamente – como é.

Ao abordar os processos de *patologização e culpabilização*, é preciso ponderar ainda que, além das diferenças entre gordos maiores e menores, outras intersecções podem conformar experiências ainda mais violentas. O caso do jovem Vitor Augusto Marcos, negro, gordo maior e periférico, que morreu por falta de atendimento médico, é um triste exemplo de uma *gordofobia-racista-elitista*.

**“Dayana, baleia, saquinho de areia!”**. Em muitos momentos da minha infância, na maioria das vezes, na escola, eu escutei essa frase musicada. Lembro que, geralmente, isso acontecia quando eu estava fazendo alguma atividade em que o meu corpo estava sob o olhar de outras pessoas, em um lugar vulnerável. Em uma brincadeira de queimada ou de pique-pega, em um jogo de futsal ou em uma apresentação de quadrilha junina, por exemplo. Ali, já era possível entender que, por algum motivo, eu era tratada de forma diferente e atacada só por ser quem eu era, “gordinha”. O xingamento tinha variáveis, como baleia assassina ou *free willy*, em referência ao filme homônimo, de 1993, e também havia outros apelidos coisificantes do mesmo tipo. Hoje vejo mulheres gordas tatuando baleias em seus corpos e compreendo o significado e a potência em ressignificar essas imagens.

A *animalização*, eixo estruturante da gordofobia, não é um processo que se restringe ao período da infância. A análise da manifestação dos sujeitos, presente no *Youtube* e no *Instagram*, evidencia como ela serve à função de distanciar pessoas gordas de uma figura humana. Gordos são porcos que causam nojo, repugnância e podem cheirar mal, como destacam comentários presentes no clipe da música *Sou como sou*, de Preta Gil.

É importante observar que, para atacar Thais Carla, as pessoas escolhem associá-la a animais que são muito grandes, como elefante e hipopótamo.<sup>387</sup> A sua imagem também é vinculada a coisas não-humanas, como um planeta, além de ser vista como uma ameaça àqueles que a circundam. Frente à crueldade dessas manifestações odiosas e, por vezes, animalizadoras, a influenciadora opta pela judicialização e demonstra a importância do tratamento das opressões em um âmbito legal, como forma de desnaturalizar a sua prática em nossa sociedade. Por esse viés, a luta pela criminalização da gordofobia no Brasil é uma importante pauta que deve se fazer presente no debate dos ativismos, do judiciário e da política, especialmente em seu âmbito legislativo.

Apesar de seu registro histórico, o ódio aparece em nossa pesquisa como um sintoma de quem somos agora. Ao olhar para a maneira como ele se faz presente nos posicionamentos dos sujeitos nos materiais que analisamos, é possível afirmar: existem ódios diferentes para corpos diferentes. Nessa dinâmica, quanto maior o tamanho, mais cruel será o ódio direcionado ao sujeito que, ao que parece, aumenta na proporção do peso, já que quanto mais gordo você for, maior o requinte de crueldade das manifestações.

Preta, uma gorda menor, recebe mais amor do que ódio. Ao olhar para ela, temos a sensação de que estamos avançando quando falamos sobre as pautas que envolvem grupos socialmente minorizados<sup>388</sup>. Quando voltamos nossa atenção para Thais, a impressão é que não só não estamos progredindo, como, a cada dia, a gordofobia se torna cada vez mais autorizada, naturalizada e cruel. Nesse processo, ela deixa de ser vista como alguém que é humana e merece acolhimento: é muito mais fácil odiar o diferente.

Diante desse cenário, quais os caminhos possíveis na luta antigordofobia? Acreditamos que as estratégias adotadas pelas celebridades, elencadas até aqui, se configuram

<sup>387</sup> Além da variável “tamanho”, outras opressões podem adicionar camadas de sentido em processos animalizadores. Nessa dinâmica, por exemplo, estereótipos gordofóbicos podem se interligar a estereótipos racistas, conformando uma *animalização* que aciona a selvageria. Nesse ponto, a trajetória de Saartjie Baartman mostra como esse processo pode se dar por meio da inscrição da corporalidade negra-gorda em um lugar exótico, não-humano.

<sup>388</sup> Outras questões se fazem presentes nesse processo, como o tratamento oncológico, o processo de separação e a vinculação à família Gil. Além disso, uma pesquisa exploratória demonstrou que, diferentemente de Thais Carla, Preta Gil restringe comentários que recebe em suas publicações no *Instagram*. Nesse caso, os registros são permitidos somente para os seguidores da cantora.

como importantes referências. Elas podem iluminar caminhos possíveis, constituindo-se como sinalizadoras de formas válidas de confrontação do preconceito. No entanto, ao nosso ver, outros dois aspectos também devem ser considerados. Em ambos os casos, é preciso enfrentar, também, o valor do capital.

Em primeiro lugar, é importante cuidar para que as demandas reais das pessoas gordas não sejam invisibilizadas pelo discurso de autoestima, autoamor e autocuidado, associados ao *body positive*. Falar sobre gordofobia sem considerar a sua dimensão estrutural e institucionalizada é revitimizar as pessoas gordas. Ativistas gordas, como Jéssica Balbino e Agnes Arruda, já têm nos alertado sobre a limitação desse tipo de discurso. Em uma sociedade em que o corpo gordo é excluído, condenado e rejeitado, aceitar-se não é suficiente para que não se sofra. A gordofobia está aí o tempo todo para nos lembrar da inadequação do nosso corpo e da necessidade de mudá-lo para cabermos no mundo, e não o contrário. Além disso, tal configuração dá a ver a relação entre o movimento corpo livre e o capitalismo, em um ideário vinculado ao consumo que se apropria da pauta para vender produtos que irão “empoderar” as mulheres (Arruda, 2022a).

Outra questão que nos parece importante é refletir sobre o papel que a classificação da “obesidade” como doença exerce na vida das pessoas gordas. Reconhecendo os limites desta pesquisa, que não se vincula à área da saúde, é preciso questionar sobre a quem serve essa tipificação. Pela nossa leitura, a vivência das pessoas gordas não aponta a construção da obesidade como algo benéfico, pelo menos para elas. Na prática, ela é acionada como forma de sustentar e justificar discursos gordofóbicos patologizadores e culpabilizadores, como foi possível observar em nossa análise, algo que se faz presente também na área da saúde.

Ao procurar ajuda, esses sujeitos vivenciam a falta de acessibilidade, a ausência de acolhimento, os julgamentos e, em alguns casos, a negligência médica. Além disso, há uma ausência de políticas públicas que, efetivamente, consigam auxiliar no cuidado à sua saúde, sem que o único objetivo-fim seja a perda de peso. Tal dinâmica acaba por afastar essas pessoas, o que reforça, uma vez mais, o estereótipo de descuidadas e doentes. Como nos lembra Jimenez-Jimenez (2020), é importante inscrever a formulação da obesidade em um contexto mais amplo, em que estão colocados interesses econômicos, de diferentes indústrias, que lucram com o discurso de “combate à obesidade”.

Nessa dinâmica, a mídia também exerce um papel importante. Ela é responsável, por exemplo, pela construção de narrativas que evidenciam os benefícios da cirurgia bariátrica, mas que negligenciam os riscos e as implicações do procedimento. Ademais, veicula propagandas, disfarçadas de jornalismo, que recomendam o uso de novas soluções mágicas

para a “obesidade”. Recentemente, o *Ozempic*, originalmente utilizado para tratamento da diabetes tipo 2, ganhou visibilidade e é hoje o medicamento “famosinho” entre as estrelas para um emagrecimento rápido sem que se questione a que custo.

Após essa imersão no *holofote temático*, em que tratamos a gordofobia em primeiro plano, apresentamos as discussões relacionadas às outras opressões que foram iluminadas a partir de Preta Gil e Thais Carla. Como delineamos, por meio da roleta interseccional (Carrera, 2021b), cada celebridade é atravessada por diferentes eixos de subordinação. Essa intersecção conforma as subjetividades de maneira particular, em associação com o eixo peso, o que também reverbera na maneira como elas se posicionam frente a diferentes opressões.

A relação gênero-peso se faz presente nos materiais relacionados às duas figuras públicas. Ambas acionam a nudez como ferramenta política, com o objetivo de questionar valores morais forjados no âmbito de uma sociedade patriarcal. Como vimos, a partir de Sibilia (2014a), o modo como a nudez é vista passa pelo questionamento sobre qual corpo está exposto. Ou seja, a obscenidade é balizada por critérios estéticos, já que, quanto mais distante do padrão, mais perturbador ao olhar do outro (Sibilia, 2014a). Com base nessa configuração social, a nudez de uma mulher choca, mas a exposição de uma mulher gorda choca ainda mais. A matéria da *Vogue Brasil* aborda como a capa do disco de estreia de Preta Gil, em 2003, gerou polêmica.

Se a nudez de uma *gorda palatável*, como Preta, causa incômodo, o que acontece quando uma gorda maior expõe seu corpo? Assim como a cantora, Thais Carla já acionou a nudez em diferentes momentos da sua trajetória pública, notadamente em publicações nas redes sociais digitais, algo que já foi objeto de estudo em outras publicações (Aquino; Carneiro, 2021). A sua exposição corporal instaura sentidos diferentes daqueles tensionados a partir de Preta Gil e se mostra ainda mais disruptiva ao questionar valores machistas e o padrão de beleza. Isso porque o seu corpo está ainda mais distante do que é considerado belo e, portanto, aceitável nu. As ações de Carla, no entanto, dão a ver o limite, por vezes, tênue, entre processos com viés libertário daqueles que acabam por objetificar o corpo feminino e reforçar uma lógica machista de representação, como verificamos no clipe da música *Não pode opinar*. Essa tensão é apreendida na manifestação dos sujeitos em ambas as plataformas analisadas.

Além da nudez, quando falamos sobre gênero, Preta Gil faz a escolha por uma outra estratégia, arrojada, ao propor uma inversão dos papéis sociais que desloca a construção da narrativa de um *male gaze* para um *female gaze* em seu clipe *Sou como sou*. Ela coloca homens em situações de subordinação que são vivenciadas pelas mulheres, inclusive aquelas



forjadas com base na ideia de um padrão de beleza restritivo, evidenciando as relações entre gênero e peso. A estratégia, porém, não encontra receptividade em parte do público, que se ocupa em discutir sobre o clipe, questionando a validade dos sentidos construídos na produção ao apontar uma aparente falta de coerência nas ações da cantora.

Ainda sobre o gênero, a análise de Thais Carla demonstra o modo como, mais uma vez, esse eixo pode se conformar em atravessamento com o peso. Como mulher, ela sofre com as imposições patriarcais relacionadas à maternidade, como a sua compulsoriedade e o papel atribuído à mulher na criação dos filhos. Concomitantemente, por ser uma mulher gorda, ela tem esse lugar social negado, conformando o que denominamos como uma maternidade perigosa, em consonância com o seu relato à *Vogue Brasil*. Nesse processo, as pessoas a acusam de irresponsabilidade já que o seu corpo, gordo maior, não seria capaz de gerar, parir e criar uma criança.

A maternidade não é o único papel negado à Thais. Assim como Preta Gil, o seu lugar de esposa também é questionado, e o relacionamento é colocado em xeque. Esse entendimento, apreendido também em nossos materiais, se dá com base na compreensão de que o relacionamento só existe devido a um interesse do cônjuge na riqueza da pessoa famosa. Importante pontuar que as diferenças entre um casal tendem a ser naturalizadas quando se trata de homens em lugares de poder e visibilidade.

Essa dinâmica se configura como um *machismo-gordofóbico*, pois o que também contribui para essa visão é que ambas são mulheres gordas, percebidas como pessoas que não são dignas de serem amadas apenas por serem quem são. Para que estejam em um relacionamento amoroso, é preciso que exista uma outra motivação que sustente o arranjo. Frente a essa dinâmica, Carla mostra que é possível questionar as limitações impostas pela gordofobia ao exercer os papéis de mãe e esposa.

O tensionamento do eixo de opressão raça se faz presente quando olhamos para as duas celebridades, mas de modo diferente. Para Preta, a raça está colocada como um atravessamento que a conforma como sujeita e se faz presente até mesmo na concepção do seu nome. A própria família Gil cumpre um importante papel na representatividade negra, acionando sentidos de beleza e realeza. Diante do racismo, a cantora luta pelo resgate da ancestralidade negra e fomenta, por meio de suas ações, uma compreensão de que todas as religiões são dignas de respeito, indo de encontro ao racismo religioso.

A partir da construção de imagens de si positivas, Preta Gil também confronta o padrão de beleza. Como discutimos, essa referência social é forjada a partir de três pilares: a branquitude, a magreza e a juventude. Quando falamos de mulheres/meninas negras gordas,

elas são atravessadas, ao mesmo tempo, por duas avenidas de opressão, raça e peso, além do gênero, e, por isso, estão ainda mais distantes desse ideal. A inscrição de corporalidades, como a de Preta, em um lugar de beleza, nos remete a um potencial político da estética ao promover um processo de resgate da beleza ancestral negra e, ao mesmo tempo, confrontar a magreza como valor.

No caso de Thais Carla, como mulher branca, casada com um homem negro e mãe de duas meninas negras, ela se coloca como uma aliada contra o racismo. Em seus posicionamentos, destaca a importância, principalmente, da autoestima para as pessoas negras. Ou seja, é possível afirmar que há uma tentativa dessas celebridades em descolonizar a beleza, distanciando-a das referências europeias, que conformam uma imagem em frente ao espelho “parcial e distorcida” (Quijano, 2005), distante de quem somos e que não diz sobre a nossa diversidade.

Ao voltarmos o nosso olhar para as ações dessas celebridades, foi possível apreender que cada uma delas elabora diferentes estratégias para se colocar em posição de enfrentamento frente à gordofobia, ao machismo e ao racismo. Os achados demonstram um alinhamento em determinadas estratégias, o que mostra algo que pode ser compreendido como índice de um contexto mais amplo. Por outro lado, algumas ações, ainda que diante de uma mesma opressão, dão a ver a maneira como a constituição dessas figuras como sujeitas, e sua inserção na cena pública, conformam estratégias diferentes.

Assim, é possível construir relações, evidenciar contrastes e revelar aproximações entre as celebridades também a partir dos valores que emergem a partir de cada uma delas. No *holofote pragmatista*, o nosso *holofote-síntese*, três *valores-resistência* indicam um certo modo de agir compartilhado: a diversidade corporal, a igualdade de gênero e a igualdade racial. Assim, ainda que, em alguns momentos, elas utilizem estratégias diferentes, as ações dessas figuras públicas dizem de uma vinculação a grupos socialmente minorizados, especialmente as pessoas gordas, as mulheres e as pessoas negras. Conseqüentemente, em seus posicionamentos Preta Gil e Thais Carla confrontam a gordofobia, o machismo e o racismo.

Outro valor em comum é o empoderamento feminino. As duas celebridades demonstram uma preocupação em construir uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres, em que a rivalidade feminina seja superada diante de ações forjadas com base em uma ideia de sororidade. No entanto, como refletimos, essas ações não estão descoladas de interesses comerciais, inscritas em um contexto capitalista, e, por isso, indicam, em alguns momentos, a vinculação a um feminismo liberal. Ambas também compartilham o valor da

autenticidade e buscam reforçar a imagem de alguém que se mostra sem filtros. Preta associa esse valor à vulnerabilidade e não esconde os momentos de fragilidade que vivencia. Diferentemente de Carla, que constrói a ideia de uma mulher forte, que não se abala com os percalços da vida e as duras críticas direcionadas a ela.

O valor da família também é muito importante para as duas figuras públicas aqui estudadas. A família de Gil tem relação direta com a sua própria constituição como celebridade. Além dessa vinculação, a cantora reforça a importância desse núcleo, que ocupa um lugar de referência e apoio, em diferentes momentos, como na entrevista ao *Fantástico*. No caso de Thais, esse valor aparece mais associado a um outro, o da maternidade. A sua família, assim como a de Preta Gil, também aciona um ideal de representatividade, já que o arranjo sinaliza para diferentes configurações possíveis que podem existir e merecem ser respeitadas.

Outros valores, porém, dão relevo às diferenças entre Preta Gil e Thais Carla. O pioneirismo da primeira, por exemplo, está relacionado à maneira como ela questiona as normas, assumindo uma posição vanguardista em diferentes frentes. Com relação à gordofobia, por exemplo, Preta foi uma das grandes responsáveis pela visibilização da pauta e abriu caminhos para que mulheres, como Thais Carla, hoje ocupem lugares de destaque na luta contra o preconceito.

As duas celebridades acionam a riqueza e o luxo, mas, quando falamos sobre Carla, esses valores ganham uma outra roupagem, associados à meritocracia e à ostentação. Enquanto ambas compartilham viagens, roupas e acessórios de grifes, entre outras coisas que remetem à riqueza, a influenciadora adiciona mais uma camada de sentido. As cenas do clipe da música *Não pode opinar*, em que ela interage com notas cenográficas, são representativas dessa dinâmica em que a ostentação se mostra mais explícita ou, pelo menos, mais literal.

Pela nossa leitura, essa configuração tem relação com a história de origem de cada figura pública. Quando falamos sobre classe, tanto Preta Gil quanto Thais Carla, ainda que sejam atravessadas por outras opressões, ocupam um lugar de privilégio. No entanto, Preta sempre foi uma mulher rica, já Thais enriqueceu depois da fama. Por isso, ela emerge como uma figura representativa de um ideal meritocrático, já que “venceu na vida” sem ser herdeira. Sobre essa dinâmica, ainda é preciso chamar a atenção sobre o tipo de corporalidade de que estamos falando. Hegemonicamente, mulheres, como as que estudamos aqui, não são vinculadas à riqueza e ao luxo. Assim, essas figuras públicas deslocam a sua corporalidade gorda, majoritariamente ligada às classes mais pobres (Jimenez-Jimenez, 2020), a um lugar de poder, dinâmica que ressalta as relações entre classe e peso.

Se valores como riqueza, luxo, ostentação e meritocracia emergem a partir de Preta Gil e Thais Carla, sobre qual resistência estamos falando? Como discutimos, as *celebridades-resistência* se vinculam a grupos minorizados e se posicionam frente a diferentes opressões. No entanto, outro caráter intrínseco a essas figuras é que a sua atuação se dá no âmbito de um contexto capitalista. Ou seja, o fato de identificarmos um potencial disruptivo não quer dizer que as suas ações não sejam planejadas em diálogo com objetivos comerciais. O seu modo de atuação é, assim, marcado por uma ambivalência. Nessa dinâmica, as *celebridades-resistência* jogam o jogo do capitalismo e fazem parte dessa estrutura. Precisamos ter um olhar crítico para esses atores sociais, estando atentos às estratégias de apropriação de pautas sociais relevantes apenas para benefício próprio.

Assim, as *celebridades-resistência* se constituem nesse entre-lugar e, ainda que haja uma estratégia comercial por trás das ações de Preta e Thais, seus posicionamentos nos permitem presumir que elas desejam abrir, também, a “caixa” das representações sobre grupos minorizados e desestabilizar o que está posto. Assim, elas buscam romper com expectativas sociais, construídas com base em estereótipos, por meio de *imagens ressignificadoras*. Ou seja, ao atuar como uma *celebridade-resistência*, é preciso confrontar as representações hegemônicas, já que essa dimensão simbólica é um fator fulcral na conformação das opressões.

Como discutimos no primeiro capítulo desta tese, é preciso *complexificar, naturalizar e diversificar* as representações de grupos socialmente minorizados. Para isso, é necessário criar narrativas em que a opressão não seja a temática principal na trajetória daquela figura pública ou personagem; ir de encontro ao representante único e demonstrar que essas pessoas são muitas e se encontram em diferentes contextos sociais; mostrar a diversidade corpo-identitária de cada sujeito que compõe esse grupo. Ao fomentar *imagens ressignificadoras* sobre as minorias pelas quais luta, as celebridades instauram a perspectiva de um futuro melhor. A cada ação, que gera identificação junto a sujeitos que, por muito tempo, foram invisibilizados, é possível vislumbrar uma existência possível.

O processo de investigação nos desafia de diferentes formas. Para a construção da pesquisa, é preciso estarmos abertos àquilo que se apresenta aos nossos olhos e a todos os outros sentidos: deixar o objeto falar. Ao longo desse processo, muitas vezes, passamos por momentos de questionamento, desconstrução e reconstrução, de hipóteses e perspectivas. O próprio fazer-pesquisa pode apresentar a necessidade de readequação do *corpus*, de um ajuste da pergunta-problema ou do acionamento de um conceito que antes não era pensado em diálogo com o trabalho.

Se toda pesquisa é um processo desafiador, é, também, um percurso que, ao seu fim, apresenta limitações, sejam elas relacionadas à escolha dos materiais, à amplitude do *corpus* ou à própria leitura que incide sobre o objeto. No entanto, elas podem ser vistas como perspectivas de futuro, prenúncio de possíveis abordagens em outros trabalhos. A partir do que desenvolvemos aqui, é possível vislumbrar diferentes caminhos, como o tensionamento do conceito de *celebridade-resistência* a partir de outras celebridades, gordas ou não, ou a aplicação da *Metodologia Holofote* na análise de fenômenos comunicacionais diversos.

Todas essas possibilidades nos lembram que a investigação é um caminho contínuo e, sempre que houver uma lacuna e um compromisso ético com o fazer-pesquisa, haverá motivos para que ela seja realizada. Pela nossa leitura, essas celebridades se conformam como índices sobre o quanto a nossa sociedade já avançou em torno do reconhecimento das pautas dos grupos socialmente minorizados. Ao mesmo tempo, evidenciam que há ainda um longo caminho a percorrer na construção de um mundo mais justo e igualitário, para todas as pessoas.

Nesse processo, a ciência e o conhecimento científico têm um papel fundamental. Ademais, é preciso enfrentar o avanço da extrema direita, a necessidade de regulação das plataformas de comunicação digitais e o ódio que insiste em inscrever as opressões em um lugar de vitimismo. Apesar desse cenário, finalizamos essa trajetória com a esperança de que, um dia, todas as pessoas possam ser corpos livres e felizes!

## REFERÊNCIAS

- ABIDIN, Crystal. Communicative Intimacies: influencers and perceived interconnectedness. **Journal of Gender, New Media, & Technology**, College Park, v. 8, nov. 2015. Disponível em: <http://adanewmedia.org/2015/11/issue8-abidin/>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- ABIDIN, Crystal. Minahs and minority celebrity: parody YouTube influencers and minority politics in Singapore. **Celebrity Studies**, v. 12, n. 4, p. 598-617, 2019.
- ABIDIN, Crystal; KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais, celebridades da internet e “blogueirinhas”: uma entrevista com Crystal Abidin. **Intercom, Revista Brasileira Ciência Comunicação**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 289-301, abr. 2021. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180958442021000100289&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180958442021000100289&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2023.
- ABUCHAIBE, Rafael. Índice de massa corporal: por que método para definir obesidade pode estar errado. **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61749492>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gordofobia. **ABL**, 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- A CRONOLOGIA da tragédia no Rio Grande do Sul. **Portal G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/12/a-cronologia-da-tragedia-no-rio-grande-do-sul.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2024.
- AIRES, Aliana Barbosa. **De gorda à plus size**: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo - entre Brasil e EUA. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2021.
- ALTAS HORAS. Preta Gil fala sobre origem do seu nome. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2020. 1 vídeo on-line (2min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8213349/>. Acesso em: 7 fev. 2024.
- ALVES, Inês da Silva. Microagressões no ambiente virtual: perspectivas sobre raça, funk e violência. In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Pernambuco: Unicap, 2021.
- AMA adopts new policy clarifying role of BMI as a measure in medicine. **American Medical Association (AMA)**, 2023. Disponível em: <https://www.ama-assn.org/press-center/press-releases/ama-adopts-new-policy-clarifying-role-bmi-measure-medicine>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- AQUINO, Talita Iasmin Soares; CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. Mulher, gorda e nua: contestação de valores morais e ressignificação de estereótipos no perfil do Instagram da

influenciadora Thaís Carla. In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Pernambuco: Unicap, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/dayana-cristina-barboza-carneiro.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ARRÚJO, Lidiane Silva *et al.* Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em Estudo**, v. 23, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34502/pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ARRUDA, Agnes de Sousa. Corpo positivo, mas nem tanto. **AzMina**, 2022a. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/copo-positivo-mas-nem-tanto/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

ARRUDA, Agnes. **O peso e a mídia**: as faces da gordofobia. São Paulo: Alameda, 2021a.

ARRUDA, Agnes de Sousa. **O peso e a mídia**: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. 2019. 116f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista (Unip), São Paulo, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/taianacan-items/191/26774/com\\_agnessouzaarruda.pdf](https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/taianacan-items/191/26774/com_agnessouzaarruda.pdf). Acesso em: 21 jun. 2024.

ARRUDA, Agnes de Sousa. Pequeno Dicionário Antigordofóbico. **AzMina**, 2021b. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/pequeno-dicionario-antigordofobico/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ARRUDA, Agnes de Sousa. Pequeno dicionário antigordofóbico: gorda não é palavrão! Votorantim, SP: Editora Provocare: 2022b.

ARRUDA, Agnes de Sousa. Pequeno Dicionário Antigordofóbico - parte 2. **AzMina**, 2022c. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/pequeno-dicionario-antigordofobico-2/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ARRUDA, Agnes de Sousa. Saúde é direito. Gordofobia é preconceito. **AzMina**, 2023. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/saude-e-direito-gordofobia-e-preconceito/>. Acesso em: 10 maio 2024.

ARRUDA, Agnes de Souza; SILVA, Marcelle Jacinto da. Corpas gordas importam: o Instagram como espaço de performance para mulheres gordas. **Logos**, 57, v. 28, n. 2, p. 225-240, 2022.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um Manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. **A Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. Essencial para o Brasil**. ABIHPEC, 2023. Disponível em: [https://abihpec.org.br/site2019/wp-content/uploads/2023/01/Panorama-do-Setor\\_Atualizado\\_28-04.pdf](https://abihpec.org.br/site2019/wp-content/uploads/2023/01/Panorama-do-Setor_Atualizado_28-04.pdf). Acesso em: 1 maio 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E DA SÍNDROME METABÓLICA; SOCIEDADE BRASILEIRA DE METABOLOGIA E ENDOCRINOLOGIA. **Obesidade e a gordofobia** – Percepções 2022. São Paulo: Abeso; SBEM, 2022. Disponível em: [https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2022/06/ebook\\_gordofobia-1.pdf](https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2022/06/ebook_gordofobia-1.pdf). Acesso em: 1 nov. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA. **Os últimos números da obesidade no Brasil**. Abeso, 2020. Disponível em: <https://abeso.org.br/os-ultimos-numeros-da-obesidade-no-brasil/>. Acesso em: 25 maio 2023.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALBINO, Jéssica. E se um estudo provar que obesidade não é doença? **Estado de Minas**, 2021a. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/jessica-balbino/2021/08/04/noticia-jessica-balbino,1292652/e-se-um-estudo-provar-que-obesidade-nao-e-doenca.shtml>. Acesso em: 23 maio 2023.

BALBINO, Jéssica. Que diabos você quer dizer com “romantização da obesidade”? **Putapeita**, 2021b. Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/romantizacao-da-obesidade-por-jessica-balbino>. Acesso em: 6 maio 2023.

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11 p. 89-117, maio/ago. 2013.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Datafolha: Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições. **Folha de S. Paulo**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vaio-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml#:~:text=Cren%C3%A7as%20no%20Brasil,adventistas%2C%20outra%20linha%20do%20cristianismo>. Acesso em: 1 mar. 2024.

BARRETOS, Dayane do Carmo; ALEIXO, Klelia Canabrava; SOARES, Vanessa de Sousa. Entre a ausência e o excesso: a atuação do estado sobre corpos dissidentes. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 229-246, 2020.

BARROS JR., Paulo Sérgio Ferreira. Deus acima de todos: Bolsonaro, evangélicos e o voto nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. **Último Andar**, v. 25, n. 39, 2022.

BASTOS, Nicolay. “Quilos Mortais” brasileiro estreia nesta quinta-feira (9); saiba como assistir. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/quilos-mortais-brasileiro-estrela-nesta-quinta-feira-9-saiba-como-assistir/#:~:text=%E2%80%9CQuilos%20Mortais%E2%80%9D%20estrela%20nos%20Estados,de%20130%20pacientes%20no%20total>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BELLEZE, Carolina. Um papo com Thais Carla: "Para mim, a palavra plus size é sobre roupa. Eu sou gorda!". **Vogue Brasil**, 2019. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2019/03/um-papo-com-thais-carla-para-mim-palavra-plus-size-e-sobre-roupa-eu-sou-gorda.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2024.



BERNARDES, Vinícius. Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/modelo-brasileira-e-impedida-de-embarcar-em-voos-por-ser-gorda-demais/>. Acesso em: 1 maio 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BIJOTTI, Catarina Silva. A sexualidade feminina e(m) “male gaze” no Cisne Negro, de Darren Aronofsky (2010). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 5, n. 17, 136–152, 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BISSIATI, Edson Lugatti Silva. Religião e política no Brasil: o populismo religioso de direita em Jair Bolsonaro. **Revista Neiba**, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, v. 11, 2022.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, v. XX, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.

BRAGA, José Luiz. O conhecimento comunicacional – entre a essência e o episódio. *In*: FRANÇA, V.R.V.; SIMÕES, P.G. (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 1786, de 28 de junho de 2022**. Inclui a discriminação ou preconceito em razão do peso corporal relacionado à obesidade nos crimes previstos na Lei 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Palácio do Congresso Nacional, Praça dos Três Poderes, 2022a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2330524#:~:text=Inclui%20a%20discrimina%C3%A7%C3%A3o%20ou%20preconceito,05%20de%20janeiro%20de%201989.&text=Altera%C3%A7%C3%A3o%2C%20Lei%20Ca%C3%B3%2C%20criminaliza%C3%A7%C3%A3o%2C,discrimina%C3%A7%C3%A3o%2C%20Peso%20corporal%2C%20Gordofobia>. Acesso em: 1º maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Mais de 70 milhões de pessoas no mundo possuem algum distúrbio alimentar. **Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/mas-de-70-milhoes-de-pessoas-no-mundo-possuem-algum-disturbio-alimentar#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o,bulimia%2C%20compuls%C3%A3o%20alimentar%20e%20outros>. Acesso em: 1º maio 2023.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida Precária**. O poder do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAIXETA, Izabella. Nova York aprova lei que criminaliza a gordofobia. **Estado de Minas**, 2023. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/05/15/noticia-diversidade,1493935/nova-york-aprova-lei-que-criminaliza-a-gordofobia.shtml>. Acesso em: 25 maio 2023.

CÂMARA aprova PL que obriga hospitais de SP a oferecerem equipamentos para pessoas com obesidade mórbida. **Portal G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/19/camara-aprova-pl-que-obriga-hospitais-de-sp-a-oferecerem-equipamentos-para-pessoas-com-obesidade-morbida.ghtml> Acesso em: 25 maio 2023.

CAMARGO, Isadora; ESTEVANIM, Mayanna; SILVEIRA, Stefanie C. da. Cultura participativa e convergente: o cenário que favorece o nascimento dos influenciadores digitais. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 17, p. 96-118, 2017.

CARLOS, Helvécio. "Em casa com os Gil" é reality sem barraco que exalta a família e a arte. **Estado de Minas**, 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/22/interna\\_cultura,1374943/em-casa-com-os-gil-e-reality-sem-barraco-que-exalta-a-familia-e-a-arte.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/06/22/interna_cultura,1374943/em-casa-com-os-gil-e-reality-sem-barraco-que-exalta-a-familia-e-a-arte.shtml) Acesso em: 21 mar. 2024.

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. A celebridade-acontecimento Marília Mendonça: o obituário da Folha e as reverberações entre influenciadoras gordas no Instagram. *In*: 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 31., 2022, Imperatriz-MA. **Anais [...]**. Maranhão: UFMA, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/papers/a-celebridade-acontecimento-marilia-mendonca--o-obituario-da-folha-e-as-reverberacoes-entre-influenciadoras-gordas-no-in>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. **Comunicação organizacional e discurso**: disputa de sentidos na *fanpage* da Samarco a partir da ruptura da barragem de Fundão em Mariana (MG). Ouro Preto: Editora UFOP, 2020.

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. Pesquisa gordofobia e mercado de trabalho no contexto brasileiro: resultados preliminares. 1º CONGRESSO PESQUISA GORDA: ATIVISMO, ESTUDO E ARTE, 1., 2022. **Anais [...]**. Rio de Janeiro (RJ): UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/511427-PESQUISA-GORDOFOBIA-E-MERCADO-DE-TRABALHO-NO-CONTEXTO-BRASILEIRO--RESULTADOS-PRELIMINARES>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza Carneiro; SIMÕES, Paula Guimarães. Em ação, uma celebridade-resistência: Preta Gil e os valores contemporâneos. **Rumores**, v. 15, n. 30, jul./dez. 2021.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. **Liinc Em Revista**, v. 17, n. 2, e5715, 2021a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5715>. Acesso em: 1 out. 2022. -

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 24, jan./dez. 2021b.

CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **Revista SUR**, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 127-137, 2018.

CARVALHO, Alexandra Bittencourt de; LELLES, Karina Correa; GOMES, Maria Carmen Aires. Uma análise discursiva sobre identidades de resistência de mulheres gordas em blogs: desconstruindo processos identitários da moda e da biomedicina. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, v. 14, n. 28, p. 136-148, set./dez. 2018.

CARVALHO, Mayra Bernardes Medeiros de. **Esse Boom é nosso?: discursos sobre a transição capilar na publicidade de cosméticos**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CASTRO, Danielle. Quer emagrecer? Joice Hasselmann perde 22kg e dá dicas. **Estado de Minas**, 2023. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/02/interna\\_politica,1488643/quer-emagrecer-joice-hasselmann-perde-22kg-e-da-dicas.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/05/02/interna_politica,1488643/quer-emagrecer-joice-hasselmann-perde-22kg-e-da-dicas.shtml). Acesso em: 16 jan. 2024.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. Etarismo e promoção do *ageless* na publicidade contemporânea. *In*: 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 31., 2022, Maranhão. **Anais [...]**. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2022.

CASTRO, Rodrigo. Joice Hasselmann adota Miss Piggy em campanha para a prefeitura de SP; veja vídeo. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/joice-hasselmann-adota-miss-piggy-em-campanha-para-prefeitura-de-sp-veja-video-24675135>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komesu (Coord.). São Paulo: Contexto, 2008.

CHURCHILL, Paola. Thais Carla se reinventa e investe na carreira de cantora com 1º single: “Foram os haters que me ajudaram a chegar até aqui”. **Marie Claire**, 2024. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/celebridades/noticia/2024/01/thais-carla-se-reinventa-e-investe-na-carreira-de-cantora-com-1o-single-foram-os-haters-que-me-ajudaram-a-chegar-ate-aqui.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2024.

COÊLHO, Tamires; CORRÊA, Laura Guimarães. Normas e valores. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PPGCom - UFMG, 2014.

COÊLHO, Tamires Ferreira; MACHADO, Nealla Valentim. Rainha da Favela: rupturas e continuidades das imagens de controle na estética funk de Ludmilla. **Revista Brasileira De Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 21, p. 158-187, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15541>. Acesso em: 29 jun. 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

"COMECEI a fazer cirurgia plástica pra ser aceita", diz Ludmilla sobre racismo. **Revista Quem**, 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/10/comecei-fazer-cirurgia-plastica-pra-ser-aceita-diz-ludmilla-sobre-racismo.html>. Acesso em: 1 mar. 2024.

CORRÊA, Laura Guimarães. **Mães cuidam, pais brincam**: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem. 2011. 254f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CORRÊA, Laura Guimarães *et al.* Entre o interacional e o interseccional: Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2018.

CORRÊA, Laura Guimarães; SILVEIRA, Fabrício José N. da. Representação. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ PPGCom - UFMG, 2014.

COSTA, Claudia Lima. O sujeito no feminismo: revisando os debates. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, p. 59-90, 2002.

COSTA, Fernanda Miranda Alves da. **Performances do feminino**: a pin-upização de celebridades brasileiras. 2014. 223f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2014.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; SOARES, Etyane Goulart. Biopolítica e controle dos corpos femininos: um debate sobre maternidade compulsória e aborto. **Revista Húmus**, v. 12, n. 35, 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/17717>. Acesso em: 6 jun. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, UFSC, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CYPRESTE, Judite. Blogueiro pagará R\$ 25 mil por associar Joice Hasselmann à Peppa Pig **Metrópoles**, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/blogueiro-pagara-r-25-mil-por-associar-joyce-hasselmann-a-peppa-pig>. Acesso em: 16 jan. 2024.

D'ANDRÉA, Carlos. Como pesquisar plataformas. *In*: D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

DANTAS, Lucas. Um corpo insustentável: a disputa dissidente pela permanência em sociedade. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/263/256>. Acesso em: 29 jun. 2024.

DEODORO, Paola. Preta Gil: 'Meu instinto de sobrevivência me fez querer me separar, mesmo estando com câncer'. **Marie Claire**, 2023. Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/06/preta-gil-meu-instinto-de-sobrevivencia-me-fez-querer-me-separar-mesmo-estando-com-cancer.ghtml>. Acesso em: 3 abr. 2024.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIMAS, Alexander da Conceição; REIS, Israel Macêdo. **Não pode opinar**. Thais Carla, 2024, Streaming.

DIRSE, Zoe. Gender in cinematography: female gaze (eye) behind the camera. **Journal of Research in Gender Studies**, v. 3, n. 1, p. 15-29, 2013.

DOVE contrata Paolla Oliveira para não usar filtros nas redes sociais. **Meio & Mensagem**, 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/dove-contrata-paolla-oliveira>. Acesso em: 19 jul. 2023.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ELIEZER revela que está processando mais de 200 perfis por ataques a filha Lua. **Portal Terra**, 2024. Disponível em: [https://www.terra.com.br/diversao/gente/eliezer-revela-que-esta-processando-mais-de-200-perfis-por-ataques-a-filha-lua,7b512b6c83065bf112d012faa848f0a605jhjpd.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/diversao/gente/eliezer-revela-que-esta-processando-mais-de-200-perfis-por-ataques-a-filha-lua,7b512b6c83065bf112d012faa848f0a605jhjpd.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 10 maio 2024.

EMCKE, Carolin. **Contra o ódio**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES. Thais Carla ganhou processo por gordofobia contra humorista. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2021. 1 vídeo on-line (13min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9930191/>. Acesso em: 14 maio 2024.

ESTEVIÃO-REZENDE, Alexandre; NASCIMENTO, Sarah Christina do; ALVES, Kerley dos Santos. “Você não tem o perfil dessa vaga”: padrões de beleza, gênero e relações de trabalho. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 27, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/11322>. Acesso em: 30 set. 2023.

FALCÃO, Daniela. Preta Gil: “Se tem alguma coisa da qual me arrependo é de ter mutilado meu corpo com cirurgias, de ter o escondido por vergonha”. **Vogue Brasil**, 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/11/preta-gil-se-tem-alguma-coisa-da-qual-me-arrependo-e-de-ter-mutilado-meu-corpo-com-cirurgias-de-ter-o-escondido-por-vergonha.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FALCÃO, Larissa. Thais Carla se pronuncia após ser acusada de pagar para ter marido. **Jornal Massa**, 2023. Disponível em: <https://jornalmassa.com.br/entretenimento/thais-carla-se-pronuncia-apos-ser-acusada-de-pagar-para-ter-marido-1228275>. Acesso em: 21 maio 2024.

FANTÁSTICO. Preta Gil fala sobre o processo de tratamento do câncer. [Entrevista à jornalista Maju Coutinho]. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2023. 1 vídeo on-line (10min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11441651/>. Acesso em: 9 mar. 2024.

FERNANDES, Fernanda. Gordofobia: o que é e como combater o preconceito contra pessoas gordas na escola. **MultiRio**, 2021. Disponível em:

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/17449-gordofobia-o-que-%C3%A9-e-como-combater-o-preconceito-contrapessoas-gordas-na-escola>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FERRAZ, Juliana. Corpo positivo: Preta Gil, Duda Beat e Rita Carreira estrelam a Vogue de novembro. **Vogue Brasil**, 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2020/11/corpo-positivo-preta-gil-duda-beat-e-rita-carreira-estrelam-vogue-de-novembro.html>. Acesso em: 9 fev. 2024.

FERREIRA, Gabriela. #TBT do Funk: Relembra as mulheres que fizeram história na Furacão 2000. **Kondzilla**, 2021. Disponível em: <https://kondzilla.com/tbt-do-funk-relembra-as-mulheres-que-fizeram-historia-na-furacao-2000/>. Acesso em: 14 maio 2024.

FERRISS, Suzanne. Fashioning femininity in the makeover flick. *In*: FERRISS, Suzanne; YOUNG, Mallory (Orgs.). **Chick Flicks: contemporary women at the movies**. Nova York, NY: Routledge, 2008.

FLOR, Gisele. Corpo, mídia e status social: reflexões sobre os padrões de beleza. **Revista Estudos de Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22317/21415>. Acesso em: 13 set. 2022.

FOXCROFT, Louise. **A tirania das dietas: dois mil anos de luta contra o peso**. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

FRANCO, Andressa; ROSA, Patrícia. Gordofobia, racismo e sistema de saúde: porque a história de Vitor Augusto não é um caso isolado. **Revista Afirmativa**, 2023. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/gordofobia-racismo-e-sistema-de-saude-porque-a-historia-de-vitor-augusto-nao-e-um-caso-isolado/>. Acesso em: 22 maio 2023.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das Teorias da Comunicação. **Matrizes**, USP, v. 8, p. 101-116, 2014.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios na análise comunicacional. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga; SIMÕES, Paula (org.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações mediações e práticas comunicativas. *In*: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. (Orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora PUC-Rio, 2004.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; CORRÊA, Laura Guimarães. Apresentação. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga; CORRÊA, Laura Guimarães (Orgs.). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; DORNELAS, R. No Bonde da Ostentação: O que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira?. **Revista Eco-Pós**, v. 17, n. 3, 2014.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; LEURQUIN, Chloé Catarina Fraga. Felipe Neto: uma celebridade política? **Rumores**, v. 16, n. 31, jan./jun. 2022.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; MEDEIROS, Fernanda Faria; ALMEIDA, Maria Lúcia. As celebridades nas eleições 2018: posicionamentos e ênfases discursivas. *In*: PRADO, Denise Figueiredo. B.; TAVARES, Frederico M. B.; TAVARES, Michele S. (Orgs.) **Mídia, tempo e interações sociais**: conceitos em circulação. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Celebidades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. **E-compós**, v. 23, p. 1-25, jan./dez. 2020a.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos. *In*: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Pa458\*la; PRADO, Denise (Orgs.). **Celebidades no Século XXI**: volume 2: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte, MG: PPGCOM, 2020b. –

FRANÇA, Vera Regina Veiga; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 15, n. 1, jan./abr. 2021.

FREIRE, Thiago Monteiro. Diversity Washing: corporatização da diversidade, capitalização da discriminação. 2023. 41f. Monografia (Graduação) – Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

FUJITA JR., Luiz. Uso de anfetaminas para emagrecer. **Drauzio Varella**, Portal Uol, 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/depoimento-de-ex-usuaria-de-anfetaminas-entrevista/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FURTADO, Thyago. Preta Gil fala sobre ser representatividade: "É libertador, não só para elas, como para mim também". **Vogue Brasil**, 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/02/preta-gil-fala-sobre-ser-representatividade-e-libertador-nao-so-para-elas-como-para-mim-tambem.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas; veja lista e ranking. **Portal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2023.

GILBERTO GIL lembra questionamento ao registrar Preta Gil. **Revista Quem**, 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/12/gilberto-gil-lembra-questionamento-ao-registrar-preta-gil.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GOES, Alexandre Ferraz Fonseca de. **Sou como sou**. Preta Gil. São Paulo: Universal Music, 2012. Streaming.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GORDOFOBIA Médica: Cuiabana descobre câncer avançado meses após médico dizer que era gordura. **Mídia Ninja**, 2022. Disponível em: <https://midianinja.org/gordofobia-medica-cuiabana-descobre-cancer-avancado-meses-apos-medico-dizer-que-era-gordura/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GUIDINI, Vinícius; ROSOLINO, Maria José. A revista Vogue brasileira como precursora de novos modelos e conceitos de moda e sua relação com a crítica de moda. **Anagrama**, São Paulo, v. 6, n. 4, 2013.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. Pensar o trabalho pela ótica do cuidado, pensar o cuidado pela ótica de suas trabalhadoras. In: GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. **O Gênero do Cuidado**: desigualdades, significações e identidades. São Paulo: Atêlie Editorial, 2020.

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar**: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário. 3 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Apicuri, 2016.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INFLUENCIADORA acusa companhia aérea de gordofobia; saiba o que diz a lei nesses casos. **Portal G1 - Fantástico**, 2022.

Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/12/04/influenciadora-acusa-companhia-aerea-de-gordofobia-saiba-o-que-diz-a-lei-nesses-casos.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2023.

INFLUENCIADORA Thais Carla pede indenização de R\$ 52 mil após post com ataque gordofóbico de Nikolas Ferreira. **Portal G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/02/06/influenciadora-thais-carla-pede-indenizacao-de-r-52-mil-apos-pots-com-ataque-gordofobico-de-nikolas-ferreira.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2020. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=9252612](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9252612). Acesso em: 30 jan. 2024.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa *et al.* Possibilidades em Pesquisa Gorda: estratégias de (re)existências na produção de saberes fora do eixo. **Revista Fermentario**, v. 16, p. 23-41, 2022.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; ARRUDA, Agnes de Sousa; SILVA, Marcelle Jacinto da. Feminismo Gordo: epistemologias, saúde e mídia. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 1, n. 28, p. 38-64, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/61954>. Acesso em: 20 jun. 2024.



JUSTI, Adriana. Mendigo gato de Curitiba arruma namorada e volta a ser modelo. **Portal G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/10/mendigo-gato-de-curitiba-arruma-namorada-e-volta-ser-modelo.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

JUSTIÇA de SP determina que Qatar Airways pague tratamento psicológico para vítima de gordofobia no Líbano. **Portal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/20/justica-de-sp-determina-que-qatar-airways-pague-tratamento-psicologico-para-vitima-de-gordofobia-no-libano.ghtml>. Acesso em: 1 maio 2023.

KAMRADT, João. Celebidades políticas e políticos celebridades uma análise teórica do fenômeno. **BIB**, São Paulo, n. 88, p. 1-22, 2019.

KARHAWI, Issaaf Santos. Crises geradas por influenciadores digitais: propostas para prevenção e gestão de crises. **Revista Organicom**, ano 18, n. 35, jan./abr. 2021.

KARHAWI, Issaaf Santos. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, São Paulo, v. 17, p. 46-61, 2017.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. Les métamorphoses du gras: histoire de l'obésité, de G. Vigarello (Resenha). **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 12, n. 28, p. 187-190, maio/ago. 2011.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. **Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós**: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2012.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira *et al.* Experiência. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ PPGCom - UFMG, 2014. p. 141-148.

LEURQUIN, Chloé Catarina Fraga. Assim nas telas como no executivo: a construção do comunicador-político Vitor Valim. 2023. 254f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

LEURQUIN, Chloé Catarina Fraga. Radar celebridades: Paulo Gustavo. **GRIS**, 2021. Disponível em: <https://grislab.com.br/celebridades/paulo-gustavo/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

LIMA, Bárbara Cristina. **Nós não vamos sucumbir**: o acontecimento noventa anos de Elza Soares. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2021a.

LIMA, Claudia. Aos quase 50 anos, Preta Gil diz: "Não encaretei, ao contrário, tenho a mesma paixão pela vida". **Vogue Brasil**, 2022a. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2022/09/aos-quase-50-anos-pret-a-gil-diz-nao-encaretei-ao-contrario-tenho-mesma-paixao-pela-vida.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

LIMA, Claudia. Preta Gil estrela capa digital da Vogue Brasil e divide lições dos 20 anos de carreira. **Vogue Brasil**, 2022b. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/preta-gil-estrela-capa-digital-da-vogue-brasil-e-divide-licoes-dos-20-anos-de-carreira.html>. Acesso em: 11 mar. 2024.

LIMA, Laura Antônio; SIMÕES, Paula Guimarães. A construção da imagem pública de Dilma Rousseff durante o impeachment: uma análise preliminar. *In: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 41., 2017, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, MG, 2017.

LIMA, Vanessa Figueiredo. **Gordofobia, gênero, classe, raça, sexualidade**: uma questão de saúde. *In: SAMYN, Henrique Marques; ARAO, Lina. Feminismos dissidentes: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Jandaíra, 2021b.

LIRA, Camila de. Gordura é doença? **AzMina**, 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/gordura-e-doenca/>. Acesso em: 4 set. 2023.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 234-237.

LOUREIRO, Carolina Piazzarollo. **Corpo, beleza e auto-objetificação feminina**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, (56), maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Comunicação e Empatia: explorações na trilha de Husserl e Stein. **Questões transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 7, n. 14, p.1-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19787>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **10 lições sobre Goffman**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MASTERS, Stephen Craig. **Everything a woman ought to be**: women and makeover movies. 2009. Thesis (PhD) – University of Sunderland, 2009.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Sim, você odeia!**: uma reflexão sobre os ódios contemporâneos que nós praticamos. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

MEDEIROS, Fernanda Faria. **Celebridades no Instagram: performance, monetização e relação com o público**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2020.

MEDEIROS, Fernanda Faria. Fama e engajamento no Instagram: as celebridades e a convocação de públicos. **Rumores**, v. 10, n. 19, jan./jun. 2016.

MEDEIROS, Fernanda Faria *et al.* Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores? **Rumores**, v. 16, n. 31, jan./jun. 2022.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de; KOVACS, Michelle Helena. Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 81, p. 305-324, 2017.

MENDONÇA, Carlos. M. C. Heteronormatividade: breves apontamentos sobre a força das leis, das normas e das regras nos processos de assujeitamento. *In*: GONÇALVES, Juliana Soares; TRINDADE, Vanessa Costa; MACHADO, Felipe Viero Kolinski. (Orgs.). **Dar-se a ver: textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da comunicação**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018.

MENDONÇA, Maria Collier. **A maternidade na publicidade**: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de; SENTA, Clarrisa Raquel Motter Dala. O envelhecer feminino no cinema brasileiro contemporâneo: outras narrativas, novos olhares. **Palavra Clave**, v. 15, n. 3, p. 571-593, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pacla/v15n3/v15n3a11.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FREITAS, Fernando Vieira de; OLIVEIRA, Wesley Matheus de. Reciprocidade discursiva, enquadramento e deliberação: a consulta pública sobre reforma política da ALMG. **Análise Social**, v. 211, n. xlix, 2014.

MENDONÇA, Ricardo F.; SIMÕES, Paula G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187-235, jun. 2012.

MIZAEL, Táhcita Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da ABPN**, v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORA, Marcelo. “Estou passando por um terror”, diz Preta Gil em evento em SP. **Portal G1**, 2011. Disponível em: [https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/03/estou-passando-por-um-terror-diz-preta-gil-em-evento-em-sp.html#:~:text=A%20cantora%20Preta%20Gil%2C%20escolhida,Bolsonaro%20\(PP%2DRJ](https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/03/estou-passando-por-um-terror-diz-preta-gil-em-evento-em-sp.html#:~:text=A%20cantora%20Preta%20Gil%2C%20escolhida,Bolsonaro%20(PP%2DRJ). Acesso em: 19 jun. 2024.

MORAES, Fabiana. **É tu nada, estrela**: revista Caras e o consumo da felicidade nos salões de beleza de periferia. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MORAES, Fabiana. “Não acredito que estou vendo isso”: raça, peso e origem social no status instável da mulher celebridade. *In*: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA

COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2707-1.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MULHER tem 6 vezes mais chance de ser abandonada após doença grave. **IBahia**, 2023. Disponível em: <https://www.ibahia.com/saude/mulher-tem-6-vezes-mais-chance-de-ser-abandonada-apos-doenca-grave-291265>. Acesso em 27 jun. 2023.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. *In*: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasilme, 1983. p. 437-453.

MUSTAFÉ, Isabella Szabor Machado; COELHO, Tamires Ferreira. Reflexões Metodológicas sobre a Potência do “Contrato Comunicativo Interseccional” para a Comunicação Pública. *In*: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Pernambuco: Unicap, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt3-co/isabella-szabor-machado-mustafe.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

NAHOUM, V. La belle femme ou le stade du miroir en histoire. **Communications**, v. 46, p. 22-32, 1987.

NASSIF, Tamara. Naomi Wolf é banida do Twitter por espalhar desinformação sobre vacinas. **Veja**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/naomi-wolf-e-banida-do-twitter-por-espalhar-desinformacao-sobre-vacinas>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NO BRASIL, 85% das pessoas obesas já sofreram gordofobia. **Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica**, 2022. Disponível em: <https://abeso.org.br/no-brasil-85-das-pessoas-obesas-ja-sofreram-gordofobia/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

OLIVEIRA, Natália de. Após 3 meses em clínica, 'mendigo gato' coleciona presentes de fãs. **Portal G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/02/apos-3-meses-em-clinica-mendigo-gato-coleciona-presentes-de-fas.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

O QUE é prêt-à-porter e qual é a diferença da alta-costura?. **Vogue Brasil**, 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/08/o-que-e-pret-porter-e-qual-e-diferenca-da-alta-costura.html>. Acesso em: 17 jun. 2024.

O'REILLY, Andrea (Org.). **Maternal Theory**: essential readings. Toronto: Demeter Press, 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Dia Mundial da Obesidade 2022: acelerar ação para acabar com a obesidade. **OPAH, OMS**, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/4-3-2022-dia-mundial-da-obesidade-2022-acelerar-acao-para-acabar-com->



revista Donna. 2021. 346f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232686>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PINHO, Patricia de Santana. A Casa Grande surta quando a Senzala aprende a ler: resistência antirracista e o desvendamento da branquitude injuriada no Brasil. **Confluente**, v. XIII, n. 1, p. 32-55, 2021.

POLÊMICA e vítima de ataques gordofóbicos, Thais Carla anuncia carreira musical. **Billboard Brasil**, 2024. Disponível em: <https://billboard.com.br/polemica-e-vitima-de-ataques-gordofobicos-thais-carla-anuncia-carreira-musical/>. Acesso em: 10 maio 2024.

PRADO, Denise Figueiredo Barros do. A construção do valor cultural e as celebridades: desafios metodológicos. PRADO, Denise; TAVARES, Frederico; TAVARES, Michele (Orgs.). **Mídia, tempo e interações sociais: conceitos em circulação**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

PRADO, Denise Figueiredo Barros do; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Claudia Leite e a indiferença na pandemia: jornalismo e celebridades na ambiência de um cibercontecimento. **Rumores**, v. 16, n. 31, jan./jun. 2022.

PRETA GIL. Biografia. **Preta Gil**, 2024. Disponível em: <http://pretagil.com.br/biografia/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PRETA GIL: "empoderar outras mulheres compensa cada crítica com gordofobia, racismo e machismo que recebo". **Vogue Brasil**, 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/12/preta-gil-empoderar-outras-mulheres-compensa-cada-critica-com-gordofobia-racismo-e-machismo-que-recebo.html>. Acesso em: 8 fev. 2024.

PRETA GIL: entenda a cirurgia que a cantora fará hoje para retirar câncer do intestino. **O Globo**, 2023a. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2023/08/16/preta-gil-entenda-a-cirurgia-que-cantora-fara-hoje-para-retirar-cancer-no-intestino.ghtml>. Acesso em: 19/06/2024.

PRETA GIL fala sobre seu 'hino' contra o preconceito. **Caras**, 2012. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/arquivo/preta-gil-fala-sobre-seu-hino-contra-o-preconceito-sou-como-sou.phtml>. Acesso em: 16 mar. 2024.-

PRETA GIL lança novo clipe, "Excesso de Gostosura": "Eu sou hot, hot, hot". **Revista Quem**, 2019. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Musica/noticia/2019/01/preta-gil-lanca-novo-clipe-excesso-de-gostosura-com-refrao-eu-sou-hot-hot-hot.html>. Acesso em: 9 mar. 2024.

PRETA GIL relembra trajetória do Bloco da Preta e promete 'Carnaval da Cura' para 2024. **Portal Terra**, 2023b. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/preta-gil-relembra-trajetoria-do-bloco-da-preta-e-promete-carnaval-da-cura-para-2024,f310054ce1f76d0fc4e8320c037fba37chg4cvvb.html>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, Maria Clara. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: EDUFBA, 2021.

QUAIS famosos apoiam Lula ou Bolsonaro? Confira lista com os principais nomes. **Estadão**, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/famosos-que-apoiam-bolsonaro-lula-eleicoes-2022/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. *In*: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. *In*: FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RAIZ, Amanda Cristina Martins; NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. Belas mulheres no século XXI: um padrão mantido, outro transformado. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras, Franca(SP), v. 5, n. 5, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/115>. Acesso em: 29 jun. 2024.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. A emergência do ativismo gordo no Brasil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11., 11, 2017. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017.

RELATÓRIO aponta aumento da intolerância religiosa no Brasil. **Poder 360**, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/relatorio-aponta-aumento-da-intolerancia-religiosa-no-brasil/>. Acesso em: 8 fev. 2024.

RIBEIRO, Leonardo. Disney não autoriza Joice Hasselmann a utilizar imagens dos Muppets em campanha. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/disney-nao-autoriza-joyce-hasselmann-utilizar-imagens-dos-muppets-em-campanha-24679102>. Acesso em: 16 jan. 2024.

RIBEIRO, Naiana. Ao contrário do que pensam, luta antigordofobia tem mais de 50 anos. **Portal iG**, 2021a. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/colunas/naiana-ribeiro/2021-09-10/diadalutaantigordofobia.html>. Acesso em 29 ago. 2023.

RIBEIRO, Naiana. Thais Carla vence processo contra nutricionista; indenização é de R\$ 5 mil. **Portal iG**, 2021b. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/comportamento/2021-03-18/thais-carla-vence-processo-contr-nutricionista--indenizacao-e-de-r--5-mil.html>. Acesso em: 10 maio 2024.

ROCHA, Andressa da; GRUBER, Valdirene; FLORIANO, Juliana. A moda das pin ups contemporâneas no estilo retrô. *In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE*, 2., 2014, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UDESC, 2014.

Disponível em:

<https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/view/123/82#:~:text=A%20moda%20Pin%20up%20contempor%C3%A2nea,%2C%20gestos%2C%20poses%20e%20comportamento>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ROCHA, Everardo; LANA, Lígia. Esquecidas: celebridade, consumo e relações de gênero no Brasil. *In: XXIX ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 29., 2020, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.

ROCHA, Pedro Henrique da Paixão; GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. Política de celebridades como representação política não eleitoral: uma investigação sobre Daniela Mercury e seus públicos. *In: 9ª EDIÇÃO DO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA*, 9., 2021, virtual. **Anais [...]**. Minas Gerais: UFMG, 2021.

RODRIGUES, Cristiane. Preta Gil presta depoimento após ser alvo de ataques racistas na internet. **Portal G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/preta-gil-chega-em-delegacia-para-depor-apos-ataques-racistas.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRIGUES, Rúbia Sibeles Nogueira; MIGUEL, Katarini. Notas sobre as expressões do ciberativismo de aceitação corporal como movimento social em rede da quarta onda feminista. *In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom*, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Pernambuco: Unicap, 2021.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 353–381, 2018.

ROUVENAT, Fernanda. Preta Gil denuncia 'mensagens de ódio' recebidas em rede social. **Portal G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/preta-gil-diz-ter-sido-atacada-com-mensagens-de-odio-em-rede-social.html>. Acesso em: 9 mar. 2024.

SÁ, Michael. Bailarina plus size de Anitta, Thais Carla pesa 140 kg e já posou nua com o marido: 'sou plena'. **Extra**, 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/bailarina-plus-size-de-anitta-thais-carla-pesa-140-kg-ja-posou-nua-com-marido-sou-plena-21440624.html>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SALGADO, Danielle. Padrões de beleza: pesquisa inédita sobre a indústria da beleza, saúde e bem-estar. **Opinion Box**, 2023. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/padroes-de-beleza/#:~:text=Beleza%2C%20Sa%C3%BAde%20e%20Bem%2Destar%3A%20sobre%20a%20pesquisa,do%20nosso%20Painel%20de%20Consumidores>. Acesso em: 2 dez. 2023.



SALON Line: “Empoderamento feminino faz parte de nossa cultura”. **PropMark**, 2019. Disponível em: <https://propmark.com.br/salon-line-empoderamento-feminino-faz-parte-de-nossa-cultura/#:~:text=A%20empresa%20come%C3%A7ou%20em%201995,e%20foi%20dando%20muito%20certo>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SANT’ANNA, Denise B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Caio Dayrell. A contribuição do pensamento Judith Butler para a Comunicação Política: Marielle Franco, uma vida enlutável?. *In*: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - Intercom, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Pernambuco: Unicap, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/caio-dayrell-santos.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SENA, Ercio; SERELLE, Marcio. A emergência de Galo, entregador antifascista: análise de uma entrevista midiática. **Rumores**, v. 16, n. 31, p. 42-59, 2022.

SIBILIA, Paula. A politização da nudez: Entre a eficácia reivindicativa e a obscenidade real. *In*: 23º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Pará. **Anais [...]** Pará: UFPA, 2014a. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2014/trabalhos/a-politizacao-da-nudez-entre-a-eficacia-reivindicativa-e-a-obscenidade-real?lang=pt-br>. Acesso em: 19 jun, 2024.

SIBILIA, Paula. O que é obsceno na nudez?. Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. Revista **Famecos**, v. 21, n. 1, p. 24-55, 2014b. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.1.14753>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SILVA, Leidiane Pereira da; MAGALHÃES, Ismael Nunes. Olhando para poéticas do corpo: gordofobia na dança. **Revista Cidade Nuvens**, v. 2, n. 4, 2021.

SILVA, Odlinari Ramon Nascimento da; TRINDADE, Ana Carolina dos Reis de Moraes. Pregadores na internet e pregadores de internet: uma transição decorrente da midiatização. *In*: XXXI ENCONTRO DA COMPÓS, 31., 2022, Maranhão. **Anais [...]**. Maranhão: UFMA/IMPERATRIZ, 2022.

SILVA, Pâmela Guimarães da. **De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência**. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. **LOGOS 31 - Comunicação e Filosofia**, ano 17, 2009.

SIMÕES, Paula Guimarães. Celebridade e contexto contemporâneo. **Galaxia**, n. 28, p. 45-57, 2014a.

SIMÕES, Paula Guimarães. Celebidades na sociedade midiaticizada: em busca de uma abordagem relacional. **Revista ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, 2013.

SIMÕES, Paula Guimarães. **O acontecimento Ronaldo**: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 283f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2012.

SIMÕES, Paula Guimarães. O poder de afetação das celebridades. *In*: FRANÇA, V.R.V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P.G. (Orgs.). **Celebidades no século XXI**: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014b.

SIMÕES; Paula Guimarães; CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza Carneiro. Preta Gil: as ações de uma celebridade-resistência no contexto pandêmico brasileiro. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 24, n. 2, p. 68-81, maio/ago. 2022.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Gene de. Preta Gil estreia “Mais Preta Que Nunca”. **Gazeta Brazilian News**, 2019. Disponível em: <https://www.gazetanews.com/preta-gil-estreia-mais-preta-que-nunca/index.html> Acesso em: 19 jun. 2024.

SOUZA, Olívia Luiz Pilar de. **Representatividade importa?**: Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a diferença. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Minas Gerais, 2021a. – colocar a se tiver citada na fundamentação

SOUZA, Vivian. Gordofobia: o que fazer após ser vítima. **Portal G1**, 2021b. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/07/gordofobia-o-que-fazer-apos-ser-vitima.ghtml>. Acesso em: 6 fev. 2023.

STREET, John. Celebrity Politicians: popular culture and political representation. **The British Journal of Politics and International Relations**, v. 6, p. 435-452, nov. 2004.

STRINGS, Sabrina. **Fearing the Black Body**: the racial origins of fat phobia. New York: University Press, 2019.

THAIS Carla denuncia comentários racistas sobre os cabelos da filha. **Revista Quem**, 2023a. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/noticias/noticia/2023/05/thais-carla-denuncia-racismo-contrafilha-por-causa-de-cabelo-e-o-black-dela-video.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2024.

THAIS Carla e filha fazem tranças no cabelo: “É sobre representatividade”. **Universa Uol**, 2019a. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/30/thais-carla-e-filha-fazem-trancas-nos-cabelos-e-sobre-representatividade.htm>. Acesso em: 25 maio 2024.

THAIS Carla ganha liminar na Justiça que obriga apresentador a apagar fotos da bailarina publicadas nas redes sociais. **Portal G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/03/24/thais-carla-ganha-liminar-na-justica-que-obriga-apresentador-a-apagar-fotos-da-artista-publicadas-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2024.

THAIS Carla mostra nova casa em condomínio de luxo: "Gorda bem patricinha". **Revista Glamour**, 2021. Disponível em: <https://glamour.globo.com/entretenimento/celebridades/noticia/2021/11/thais-carla-mostra-nova-casa.ghtml>. Acesso em: 22 maio 2024.

THAIS Carla rebate internauta que a mandou 'fechar a boca': "O que eu fiz pra essa pessoa?". **Vogue Brasil**, 2023b. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2023/09/thais-carla-rebate-internauta-que-a-mandou-fechar-a-boca-o-que-eu-fiz-pra-essa-pessoa.ghtml>. Acesso em: 10 maio 2024.

THAIS Carla reclama de tamanho de poltronas de avião. **R7**, 2019b. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/thais-carla-reclama-de-tamanho-de-poltronas-de-aviao-06102019/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

THINK OLGA. **Minimanual de jornalismo humanizado**. Parte IV: Estereótipos Nocivos. Think Olga, 2017. Disponível em: [https://issuu.com/thinkolga/docs/minimanual\\_4/1](https://issuu.com/thinkolga/docs/minimanual_4/1). Acesso em: 28 jun. 2023.

TORRES, Andreia Araujo Lima. Ponto de equilíbrio entre a Ciência da Nutrição e “Fat Studies”. **Demetra**, v. 11, supl.1, p. 1201-1212, 2016.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital**: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.

VAZ, Paulo; SANTOS, Amanda; SANCHOTENE, Nicole. Como importar uma guerra cultural: populismo conservador e a crítica ao multiculturalismo no Brasil. HELLER, Barbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da. (Orgs.). **Midiatização, (in)tolerância e reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 131-158.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 1, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006). Acesso em: 20 set. 2022.

WHEELER, Mark. Celebrity Politics and Cultural Studies within the United States and United Kingdom. **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. USA: Oxford University Press, 2018.

WHEELER, Mark. **Celebrity politics**: Image and identity in contemporary political communications. Cambridge, UK; Malden, USA: Polity Press, 2013.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

YU, Andrea. Está na hora de criminalizar a gordofobia? **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-61150705>. Acesso em: 25 maio 2023.

ZECA. Preta Gil assume ter copiado Beyoncé em novo clipe. **Glamurama**, 2012. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/preta-gil-assume-ter-copiado-beyonce-em-novo-clipe/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ZILLER, Joana; BARRETOS, Dayane; XAVIER, Kellen. O papel pedagógico da mídia no dispositivo da sexualidade. **Esferas**, ano 13, v. 2, n. 27, maio/ago. 2023.